Torpor.

Edição #0 / Maio 2020

Passos de voluptuosa dança na travagem brusca

Afonso de Melo Alberto Picco Alberto Pimenta Alex Cortez Alexandre Martins Ana Freitas Reis Ana Jacinto Nunes Ana Marques Ana Paula Inácio Ana Teresa Sanganha André Carrilho André Lico André Ruivo Andrea Ragusa António de Castro Caeiro António Gonçalves António Jorge Gonçalves António José Caló António Mega Ferreira Antonio Prete Bárbara Fonte Bruno Ferreira Bruno Portela Carlos Alberto Machado Carlos Barão Carlos Guerreiro Carlos Morais José Carlos Pimenta Carlos Querido Carolina Amaral Cioran Clara Caldeira Claudio Fernandes Cristina Sampaio Daniela Gomes David Soares death_by_pinscher Dorianne Laux Edgar Libório Edgar Massul Edgar Pêra Ernesto Rodrigues Fernando Fonseca Santos Fernando Martins Fernando Sobral Filipe Homem Fonseca Flávio Andrade Francisco Miguel Valada Francisco Resende Francisco Vidal Gianfranco Ferraro Gonçalo Duarte Graça Ezequiel Henrique Manuel Bento Fialho Inês Fonseca Santos Inês Maria Meneses Isabel Olivença Jas Jibóia Joana Bernardo João Azevedo João Fazenda João Freire João Lucas João M. Nogueira João Maio Pinto João Paulo Cotrim João Paulo Esteves da Silva João Queiroz João Rios João Romão João Silva Jorge dos Reis Jorge Nogueira Jorge Silva Jorge Sousa Braga José Anjos José Carlos Almeida José Gardeazabal José Luiz Tavares José M. Rodrigues José Ricardo Nunes José Teófilo Duarte José Vilhena José Xavier Ezequiel José Emílio-Nelson Júlio Moreira Louise Dupré Lourenço da Câmara Lomelino Luljeta Lleshanaku Luís Afonso Luís Bento Luís Brito Luís Carmelo Luís Gouveia Monteiro Luis Manuel Gaspar Luís Vilhena Luísa Ferreira Luiz Fagundes Duarte Mantraste Manuel Rodrigues Manuel San Payo Manuela Pimentel Márcia Balsas Mário Gomes Matilde Campilho Matilde Lisaluv Brás Miguel Bretiano Miguel Feraso Cabral Miguel Martins Mimi Tavares Mira Pardelha Mónia Camacho Nuno Miguel Guedes Nuno Viegas Paulo da Costa Domingos Paulo José Miranda Pedro Caldeira Rodrigues Pedro Dias de Almeida Pedro Cotrim Pedro Fradique Pedro Macedo Pedro Pousada Pedro Proença Pedro Saraiva Pierre Pratt Rainer Maria Rilke Raquel Serejo Martins Ricardo Gil Soeiro Ricardo Salomão Rita Ann Higgins Rita Taborda Duarte Rui B. Ramos Rui Cascais Rui Garrido Rui Olivença Rui Pereira Rui Rasquinho Rui Silvares Rui Vieira Rui Vitorino Santos W. S. Merwin Sal Nunkachov Sandra Filipe Sandra Martins Sara Anahory Sara Baliza Sérgio Godinho Simão Palmeirim Costa Susanne Kinsolving Tiago Albuquerque Tiago Galo Tiago Inuit Tiago Manuel Tomás Vasques Valério Romão Vasco Gato Vasco Rosa Viriato Teles Vítor Sousa Vitorino Nemésio

Pedaços dos dias em que o tempo parou (para nos deixar entrar)

A abrir

Quando as luzes se apagam, um escuro que não se faz nunca absoluto, já que brilharão sempre as linhas e os sinais para o pânico raro mas plausível, o estimado público acende a expectativa. Pode ter lido a folha de sala, a crítica, essa rara esmola, ouvido recomendação, achar-se até preparado. Mas gente em palco face a pessoas que assistem de corpo inteiro, conspirando os de cá com os de lá, farão nascer a cada dia um ser vivo. Esta primeira entrega chega à boca de cena armada em falsa partida, para apresentar desde logo o que adiante se desenvolverá. Bem vindos ao espectáculo da página irrequieta.

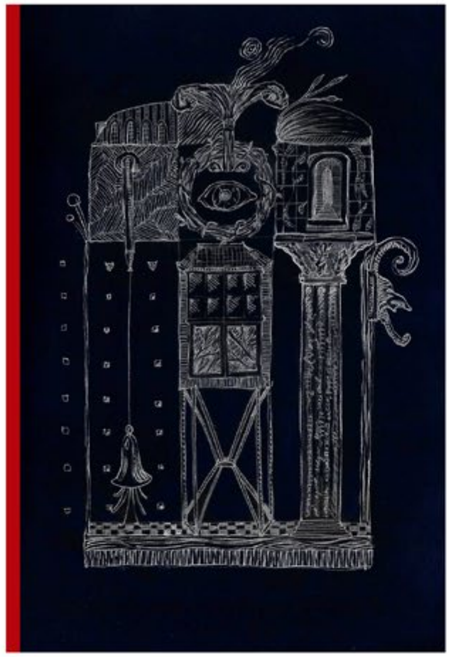
Bem vindos ao espectáculo da página irrequieta.

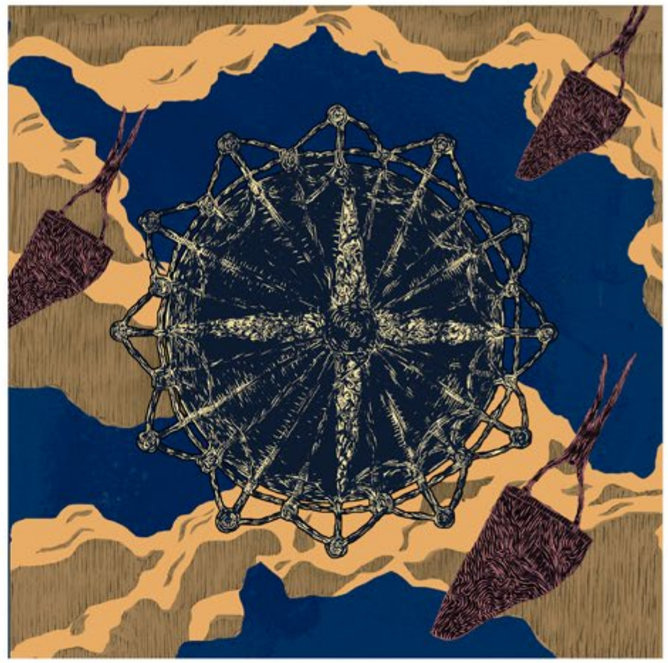
Quando suspeitávamos ter parado, afinal a dança da criação e do pensamento mantinha-se na habitual e ritmada sucessão de elevações e quedas. A poesia cedo detectou o movimento das placas tectónicas e desatou o diálogo, enquanto o desenho discorria com absoluta liberdade sobre a paisagem, sobre os corpos, em gestos de quotidiana mudança. Quem diz desenho, diz pintura e fotografia, desdobramentos da atenção. O texto não se fica pelas cercanias do eu de onde nasce, mas parte em direcção às planícies do acontecido, mergulhando raízes na reflexão, em busca infatigável de outros modos. Afinal, o horizonte.

A
B
C
D
E
F

Eis chegado o momento Desenho João Lucas 4
Finda [Litania em tempos de coronavírus] Poesia José Luiz Tavares 15
Poema épico-pandémico Poesia Rita Taborda Duarte 16
Réplica pandémica para uma calamidade mais verde Poesia Inês Fonseca Santos 17
Recantos Fotografia Pedro Saraiva 18
Entrar pelos dias adentro Ensaio António de Castro Caeiro 19
The Velvet Suburbia Desenho João Maio Pinto 20
A Rapariga que salta à corda Vídeo Sara e Ana Baliza MULTIMÉDIA
Dez Lexias Ensaio Luís Carmelo 28
Casas onde o Verão acaba cedo Pintura Pedro Saraiva 29
Desconfinar as ideias Ensaio Rui Pereira 36
Dor de cabeça Desenho Gonçalo Duarte 37
Caderno Desenho António Jorge Gonçalves 40
Diário da emergência pré-calamidade Prosa Henrique Manuel Bento Fialho 56
Da cronologia Desenho Rui Vitorino Santos 57
Emotional (& Physical) Rescue Música Pedro Fradique MULTIMÉDIA

Eis chegado o momento João Lucas



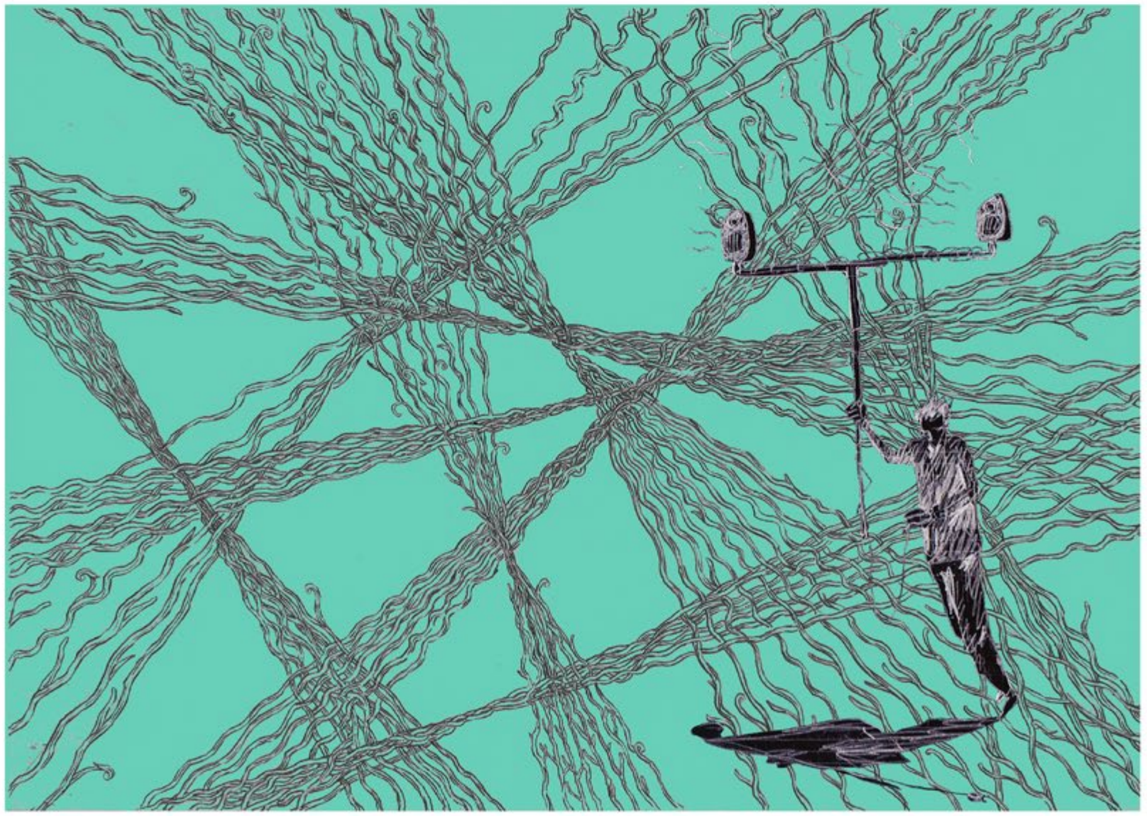


afectos

simbólicas
red
yellow
green

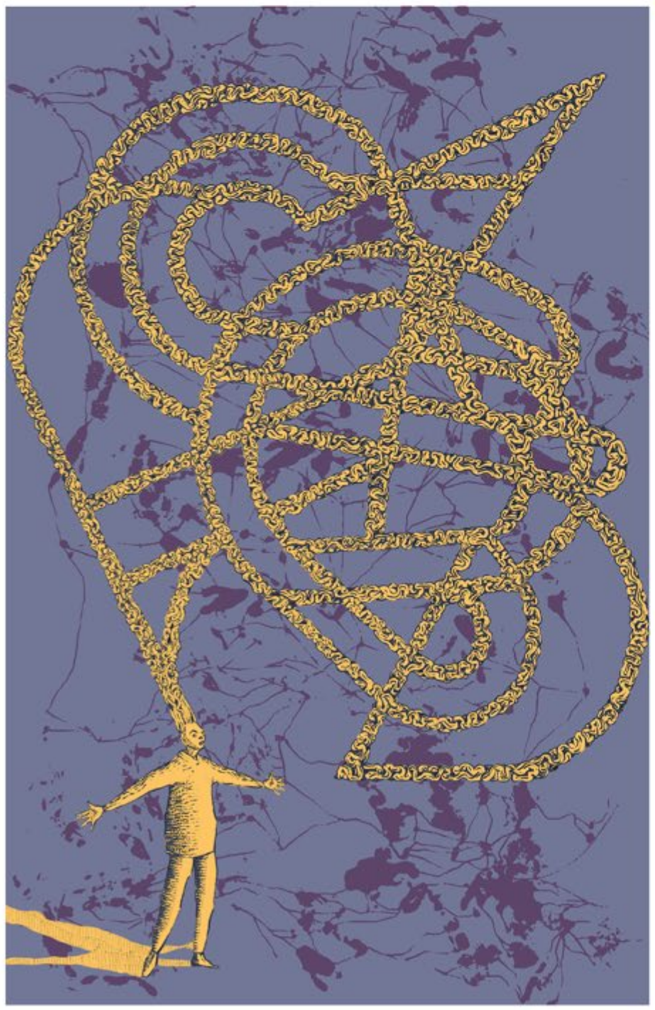
ordenação temporal das representações
Natureza Coreomusical
VERTIGEM
SERENIDADE

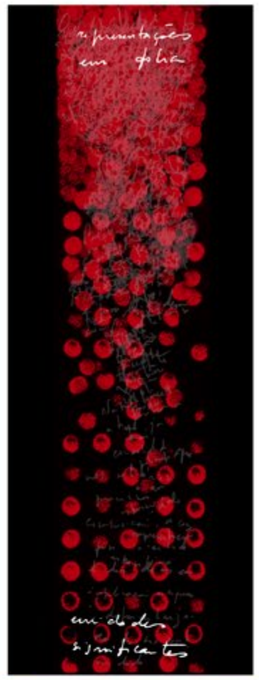
eixo da diatogia
eixo da experiência

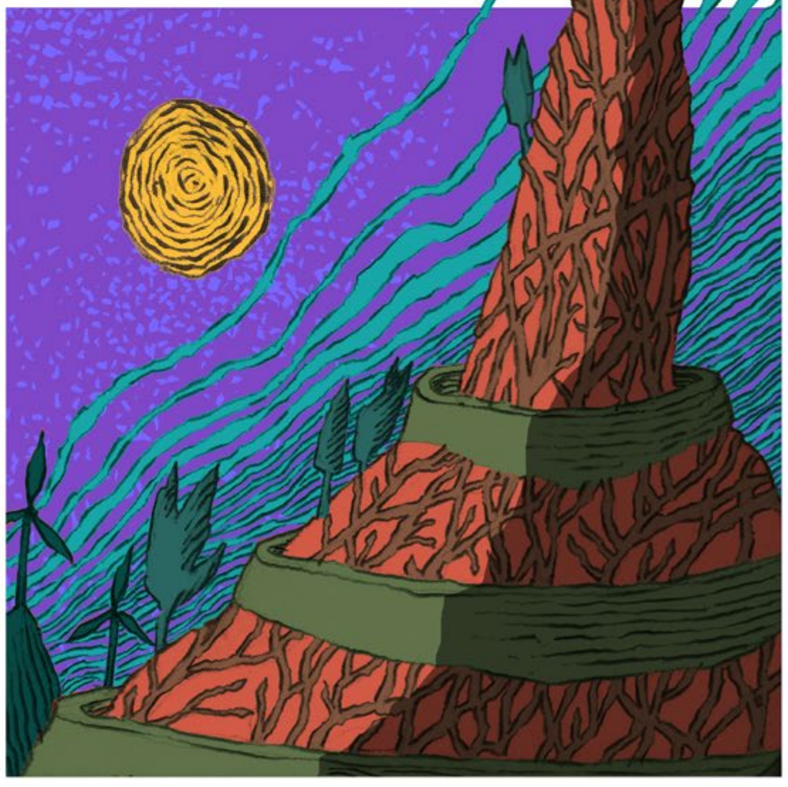


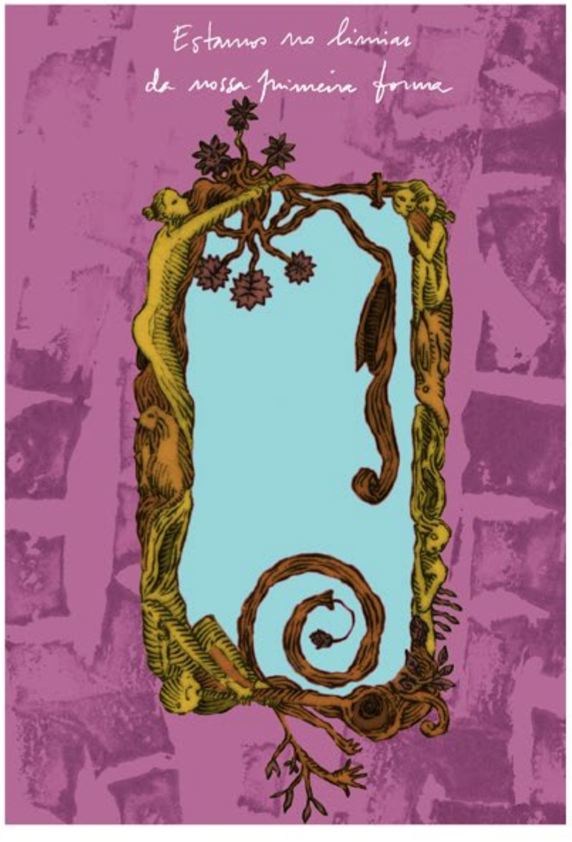
proto si
si nuclear
si autobiográfico

PÉ-DE-TUDO-QUANTO-É-COISA









Finda [Litania em tempos de coronavírus] José Luiz Tavares

A que não aguentamos esperar
vai-nos ensinar.
In *Música do Futuro*, Hans Magnus Enzensberger

Depois, sim, que agora
estamos vivos.
Depois — quando o espirro
expirar.
Depois — quando tiveres
pó na goela.
Não agora — que agora
estamos vivos,
mesmo se nos interditam
a livre ciência do abraço.

Antes, sim, com os braços
portentosos.
Antes – sim – de o torpor
(n)os desemparelhar, com uma vénia,
pois, sim senhor,
que nunca é cedo para o terror
de, em campo aberto,
se desp(ed)ir do disfarce da vida.

Depois, sim,
porque a catástrofe caminha,
os monstros se desfazem
em ternurenta ladainha,
dizendo à vida enclausurada
que não tarda a primavera,

mesmo se a morte subterrânea
viaja pelo éter, e nas florestas da alma
o som da peste mais do que simples
rima a atafulhar, sonolenta, os ouvidos
é um rude ininterrupto canto.

Antes não, que te falta
a trela e o apito,
e a cara é sem rugas,
e a morte concorda contigo,
e tudo é mão de amigo
mesmo se te espreita
o tempo inimigo.

Depois sim, que estar vivo
é cedo encarquilhar-se;
não, não agora, porque estás
no imperscrutável interior,
e desconheces o limite ulterior,
e não sabes pedir por favor
o socorro amplamente sufragado.

Agora sim,
que é antes de toda a dor,
e ainda no corpo tens tanta cor,
e sobe-te à boca
cento de sabores.

Mas ainda não ao grande sim,
porque maravilha-te estar aqui
(só mais um instantinho),
embora penses na mão da eternidade
ou como é doce o despenhamento.

Antes não
— porque há a verdade
que desconheces,
e porque verdadeiramente nada sabes
tudo desejas devotamente.

Não ainda — que os teus ossos
não sabem a alcatrão,
nem depois — que o esqueleto
é pertença do patrão.

Não depois,
mas agora sim,
porque tens fogo nas ventas,
mascas pó e polenta,
e o tempo inimigo te diz
que tudo se há de compor.

Poema épico-pandémico

Rita Taborda Duarte

Poema épico-pandémico

Um poeta tem de escrever sem se poupar aos versos
em tempos de martírio Um poeta tem de escrever
com quantas letras traz na boca
Um poeta se tomba escreve de bruços
na trincheira O poeta há-de mostrar
com quantos versos se faz uma cangalha.

O poeta retira a louça limpa da máquina de escrever,
arruma os talheres no percurso da rima
e volta a pôr no verso a louça suja
empilhada na pia Um poeta tem de escrever
o suficiente ao almoço para sobrar comida
para o jantar,

> isto se não tiver um terceto de filhos
> a devorar-lhe os sonetos ainda dentro dos sacos
> que o poeta carrega do supermercado
> com as patas da frente

Os poetas com versos únicos sobrevivem muito melhor à peste do dia-a-dia....

Um poeta tem de escrever Lisboa
remanchada num remanso às moscas
e aos velhos que ninguém atura
nas ruas descampadas Um poeta
tem de escrever o engarrafamento
no corredor da ponte entre a sala e a cozinha
tem de escrever a população sem dentes
envelhecida e o aumento demográfico do sofá.

O poeta aspira os pulmões aos livros que não lê
e inspira fundo os tempos de fadiga
sem dar à sola nem ao pedal ou à pata à asa
como os pombos e outros animais.

O poeta tem de bater com estrondo a porta da linguagem
trancá-la bem por dentro: Um poeta tem de escrever
a métrica centrifugada dos lençóis
encharcados nas ventas da poesia.

O poeta tem de escrever em tempo de pandemia,
deve resistir escrevendo porque um poeta
não se verga, não se cala e é inicial limpo e inteiro
como os dias que hão-de vir e pelo menos tão alto
como todos os outros galgando a barroca da letras.

Um poeta tem de escrever.

E só deve baixar os versos
para chafurdar a esfregona no tinteiro.

Réplica pandémica para uma calamidade mais verde

Inês Fonseca Santos

Onde vai o poeta
encontrar a ironia nas rasteiras do universo?

Um poeta devia; não tem de.

Caminhar seguro, por exemplo, que de formoso
o poeta não pode ser acusado. Faz comichão aos versos,
que ele sacode do dorso, o espanador em punho.

Como exigir-lhe que seja inicial, limpo e inteiro
se está ainda a decifrar o rascunho da besta?
Se tudo o que arranca da primeira pedra
onde se esboçaram traços e sentidos possui a forma tosca
de um prato esbotenado e mal lavado, os restos de comida feitos crosta?

Tem muitas feridas, o poeta; é por aí que lhe entram os vírus.

Por isso, o poeta respira cada vez menos, já nem sequer cospe
a palavra. Vai-se a ver e nem de máscara precisa.
Por ele, e para nossa salvação, ninguém será contaminado
de bom-senso e boas maneiras.
O poeta é o próprio rosto —
nu de tanto levar com lençóis lavados nas ventas.
Estica-os para poupar ferro,
para iludir rugas.

Se o estado é de emergência, o poeta decide
rodear-se de seres mais frágeis, mais verdes.
Enche-se de plantas até ao cúmulo da desinspiração:
são os versos que desistiu de escrever.
E assusta-se — muito, tanto — com a quantidade de água a despejar,
não é bom de cálculo, nem suave de mãos, e uma folha é uma folha,
como lhe assentará na proporção devida a palavra
água? De quanto precisa para virar poema?

Tem sede, o poeta. Sem tempo de a matar.
Aprende a adubar e podar, a enfiar o dedo na humidade do solo.
Porém, duvida sempre: demasiada água, quer dizer, palavra
destrói-lhe as raízes. E o poeta, sempre instável,
tomba de incertezas, treme de receio:
que farei eu com tanto verde?

Melhor seria sair de mansinho da folha, virar de página rumo à prosa,
arranjar um canto onde espiar o erro e o destino, contabilizar partículas de pó,
numa equação eterna onde se somam as que agora lhe escorrem
pelo tédio abaixo.
Limpá-las todos os dias é sintoma de loucura.

Está muito doente, o poeta; é por aí que se vê sozinho.

Até que lhe chega a descendência a casa:
multiplicam-se os copos de água, proporcionais às hipóteses de erro.
Um chuto na bola, quebra-se uma planta
e, se de um lado jorra água, do outro, pulsa sangue: o ponto certo
de cozinhar o bife, encomendado num talho sem nervos,
só distância. Quanto mais rijos os filhos, mais tenra a carne.

Filhos e folhas murcham à medida que não são feitos, regados.

A calamidade desprende-se da planície da casa. Persegue
a paranóia do poeta, cada vez mais pálido, cada vez mais montanha
na sua fuga para o telhado. Escalou com o fardo das dúvidas, das dívidas,
às costas; e dali avistou apenas vidros sujos
de poeira e chuva.
O poeta saca do pano: cai no abismo
de uma nova limpeza. Compreende que as pessoas,
como a louça e os vidros,
as palavras e o silêncio,
não são suas para moldar.

Quando isto acabar, o poeta será selva.
E eu: ou mato ou morro.

Recantos Pedro Saraiva

Entrar pelos dias adentro

António de Castro Caeiro

É já com os olhos postos no fim da situação de emergência que a vida vibra a sua tonalidade. Submergimos nas águas profundas da quarentena colectiva, para agora emergirmos à superfície, como se estivéssemos num gigantesco submarino, em direcção à orla marítima, para aportar onde pudermos. A quarentena obrigou-nos a uma metamorfose da vivência quotidiana. Teve um começo, uma duração e fim. E nós tivemos uma relação, comportamentos e atitudes relativamente ao começo da quarentena antes de ter propriamente começado, no interior do seu horizonte, antes e depois de ter oficialmente acabado. Não estamos sempre à espera de tudo o que acontece. É por isso que somos surpreendidos pelos acontecimentos. Ultrapassados por eles. Mas neste caso pudemos preparar-nos. Projectamos em antevisões cenários, antecipamos consequências, hora a hora, dia após dia. Há uma antevisão ou, pelo menos, uma tentativa de previsão dos acontecimentos que irão dar-se com a nossa entrada em quarentena. A "entrada" não é compreendida como a deslocação espacial de um exterior para um interior apenas. É temporal: vamos submergir durante uma temporada, por uma estadia, nas mais diversas estâncias que serão escolhidas para fazermos a quarentena. É nesta submersão que importa meditar. As reflexões que se seguem resultam das mais diversas possibilidades de relação, atitude e comportamento com a temporada que fizemos, cada um à sua maneira, de acordo com as circunstâncias, contingências, necessidades, a sós ou em conjunto, com amigos, estranhos ou familiares. As mais diversas relações que se estabelecem projectam as mais diversas atitudes de onde também são motivadas, plasmam-se nos mais diversos comportamentos antes, durante e depois da quarentena entrar, estar e deixar de estar em vigor. Esta é a primeira nota da meditação a sublinhar desde já. Submergimos, com a entrada em quarentena, numa dimensão temporal diferente daquela em que habitualmente temos vivido. À superfície procuraremos ter um quotidiano como o procuram ter as populações que vivem em zonas de guerra. Há uma vida para além dos bombardeamentos. Há uma vida que se quer fazer vingar, a despeito do medo. Uma vida que nasce contra o medo. Há também um "mergulho" nas águas profundas da vida. Para se perceber objectivamente a não coincidência entre as datas fixadas com hora marcada para entrar em – e sair de – quarentena basta a indicação óbvia para todos que espontaneamente os portugueses recolheram antes das disposições das autoridades e começaram a "quebrar" o estado de emergência antes de tempo. Do mesmo modo que se deu uma entrada espontânea em quarentena como uma medida profilática tomada colectivamente, também houve uma saída de quarentena não coincidente com as determinações das autoridades. Também do ponto de vista mental (psicológico, sociológico, afectivo, emocional, pessoal, profissional, individual e colectivo) , houve antecipação da quarentena como possibilidade remota, como possibilidade real, como possibilidade eminente, como possibilidade efectiva, como realidade. Olhamos para a temporada de quarentena em tentativas de antevisão, com os prognósticos possíveis, proactivamente, em prospecção da realidade por vir. Olhamos para a quarentena com a percepção da realidade que se constitua hora a hora, dia a dia. Olhamos retrospectivamente para a quarentena como o que foi vivido, os estragos que fez, os danos que causou, doentes e mortos, famílias apartadas ou famílias juntas, desemprego, reinvenção do quotidiano e de formas de vida, de ganhar a vida, de passar o tempo. Há um fim por decreto da quarentena. Não é o fim do mal que levou ao fecho do País. Mas é o fim de uma organização particular dos dias, absolutamente singular na nossa vida colectiva como povo, com um alcance geográfico imediato no continente e nas Ilhas e em toda a região do mundo onde houvesse um português, não por ser português mas por ser humano. Com o levantamento do estado de emergência e a sua passagem a estado de calamidade com hora e dia marcado, produz-se uma transformação na arregimentação da vida colectivamente determinada na comunidade. A quarentena passa a ser uma temporada que pode ser reintroduzida, mas a primeira já passou. É uma estadia em bloco na estância existencial onde tivermos passado estes dias das nossas vidas, a fazer o que fizemos. A semana seguinte terá uma agenda diferente da que temos tido até aqui. Há espaços públicos que vão sendo abertos, ainda que não todos ao mesmo tempo. As pessoas vão começar a sair de casa. Vamos ver as ruas com carros, os passeios com transeuntes, mais gente fora de casa do que a que temos visto. A semana que vem vai ser diferente desta semana. A parte final desta semana já foi diferente da semana anterior. Se compararmos as duas últimas semanas com as semanas imediatamente a seguir ao fecho, temos uma impressão de diferença total da atmosfera dos dias, da psicologia das pessoas, do estado emocional em que cada um de nós se encontrava. Já lá iremos. Estivemos durante, sensivelmente, dois meses de quarentena. Ainda nada tinha fechado e já se sentia o inevitável a aproximar-se. Era uma aproximação que se sentia colectivamente. Havia sem dúvida várias posições prós e contras, mas a certeza de que o País iria fechar, ainda que não se soubesse ao certo quando. Era uma questão de dias, primeiro. Depois, foi de horas. Havia no ar uma

Há uma vida que se quer fazer vingar, a despeito do medo. Uma vida que nasce contra o medo. Há também um "mergulho" nas águas profundas da vida.

The Velvet Suburbia

João Maio Pinto

sensação de estranheza. Estávamos a par do que se passava em Itália, mártir, e Espanha, não menos vítima. Sabíamos que o vírus podia entrar por qualquer fronteira trazido por um cidadão ou por um estrangeiro, por alguém que nos visitasse ou por quem quer que tivesse ido ao estrangeiro. Era uma questão de horas. Uma crónica de uma contaminação anunciada. De facto, a crónica de uma epidemia pandémica anunciada. Vários serviços vão fechando. As escolas e universidades fecham, crianças e jovens vão para casa, onde ficam. Os pais e adultos não ficarão muito tempo sem fazerem o mesmo. O País vai fechar.
Não se vê vivalma. Os restaurantes fecham. O comércio fecha. Só os supermercados se mantêm abertos.
A cidade parecia véspera de Natal à noite e o mês de Agosto que conheci há décadas. Não havia ninguém.
A cidade estava ainda mais despovoada. Não fora FB, Instagram, Twitter a fazer o barulho e mesmo alarido, a manifestar a existência das pessoas, e não saberíamos uns dos outros. Mas o contraste era evidente nesta estadia de quarentena. Havia a cidade despovoada que parecia uma cidade fantasma, sem vivalma, sem ninguém. Havia o que se adivinhava atrás das fachadas dos prédios, nos apartamentos cheios de pessoas, que vinham à janela e em cada prédio comunicavam entre si. Com os olhos agora postos no fim da situação de emergência compreendo a quarentena como uma estada, uma grande estada de dois meses que era quase a mesma duração quase das férias grandes do mundo entre anos lectivos na minha juventude.
Só que agora em vez de as passar em estâncias balneares, de ski ou termais, passamo-las no mesmo sítio onde estamos nesta altura do ano. A estadia foi também numa estância, uma estância localizada no seu sítio habitual, mas completamente diferente, metamorfoseada, totalmente transformada: na nossa casa, no nosso prédio, no nosso bairro, na nossa Junta de Freguesia da Cidade de Lisboa. É tudo o mesmo e, não obstante, tudo ficou diferente, alterado, transformado.

Os dias de quarentena na situação de emergência são como uma estadia passada numa estância. Esta estância não requer deslocação. É a nossa própria casa. A estadia não é de férias. Há várias estadias diferentes das das férias. Em hospitais e prisões. Nas estadias, pressupomos que os dias que lá passamos são diferentes dos dias vividos habitualmente. Não apenas porque os dias são passados em lugares diferentes daqueles em que os passamos, mas porque têm horários diferentes, são passados com agendas diferentes, forçando até o calendário. O que nos aconteceu com a covid19, com o novo coronavírus, foi uma estadia forçada numa estância conhecida, em que os dias vividos foram diferentes dos dias habitualmente vividos nas nossas vidas. Estão ainda a sê-lo, mas temos de perceber a metamorfose por que passaram as nossas vivências dos dias, como temos experiências diferentes dos dias antes, durante e depois do estado de emergência. Há diferentes percepções da realidade dos dias quando nos aproximamos temporalmente da quarentena, como assistimos nos media, como sentimos o pulso da realidade nas ruas através dos nossos concidadãos, no trabalho, nos locais públicos. Sentimos a realidade metamorfosear-se, os dias alteravam-se hora a hora, minuto a minuto. Estávamos continuamente à espera de saber o que iria acontecer, se as escolas e universidades fechavam ou não, se as salas de espectáculo, museus, ginásios fechavam ou não, se a cidade fechava ou não, se o País fechava ou não. Não fechar ou fechar não deixa alternativa. Percebe-se a lógica implacável vivida na indefinição. Depois, quando se decretou o estado de emergência, há vários momentos, etapas que resultam da reacção imediata ou menos imediata, primária e secundária ao facto consumado. As pessoas reagem individual e colectivamente de modos diferentes. No decurso do tempo, à medida que o tempo vai passando, e que o início da situação se distancia, há uma habituação à estranheza, cria-se um quotidiano. Sabe-se o que fazer. Há uma novidade a princípio. A novidade esbate-se. Sabe-se que os supermercados estão abertos, ainda que com horários diferentes e com filas de clientes à porta. Os talhos estão também abertos. Depois, convivemos com a estranheza. A estranheza passa a fazer parte da vida. Todo o gesto é um gesto feito com cuidado. E depois parece ser feito como se desde sempre não nos cumprimentássemos e fôssemos como os orientais no trato do corpo alheio. Fazemos vénias e não nos abraçamos, apertamos mãos ou beijamos na face. Fazemos do afecto cerimónia. Mas já cá voltamos, a esta estranheza de fazermos da estranheza um hábito e uma segunda natureza. Há assim, tal como em todas as estadias onde quer que as passemos, diversas etapas, diversos momentos, a partir do começo, mas que não podem ser vistas nunca só a partir do começo. Como acontece com todos os fenómenos temporais, também temos de tentar perceber a estadia na estância da quarentena a partir do núcleo duro, do olho do furacão em que se constitui. É um olho móvel. Tem um epicentro, a partir do qual se move. Desloca-se num movimento centrífugo para diante, fazendo estragos na periferia, deixando de ter efeito para lá da zona limítrofe do seu alcance. A estadia na estância da quarentena da situação de emergência provocada pela epidemia pandémica tem o olho do seu furacão em movimento no interior do tempo em que se forma. É esquivo e difícil de identificar. Identificamos o primeiro caso relatado no dia 17 de Novembro de 2019 em Wuhan, na China. Há uma relação de causa a efeito, mesmo que remota, entre este caso e o correspondente estado de emergência e quarentena na China e noutros Países até chegar a Portugal. É evidente que há um nexo causal. Este caso declarado pode pressupor muitos existentes não reportados, mesmo que na imediação temporal. Mas o fecho de Portugal resulta da aproximação geográfica, do que acontece em Itália e depois na vizinha Espanha. O inimigo está na fronteira e depois está às portas de Lisboa. Monta o cerco. A relação é de protecção e segurança. A relação não é causal. Não é com o passado remoto de 17 de Novembro de 2019 mas com a iminência futura e na verdade com a mera possibilidade tornada séria, portanto, possibilidade não preguiçosa porém eficaz, viva, do que pode e vai acontecer. Não é a lembrança do passado que nos faz montar a guarda, mas o receio, o medo, a preocupação, o cuidado com o futuro o que nos leva a montar essa mesma guarda. O epicentro da doença pode ter estado geograficamente na China e pode ter sido em Novembro do ano passado, depois foi Itália a 1 de Janeiro, mas com alarme a 20 de Fevereiro, e Espanha a 31 de Janeiro e 24 de Fevereiro, e depois princípio de Março. Agora, é Portugal a 2 de Março. Estes dias são datas que se relacionam umas com as outras sem dúvida e parecem ser a causa dos acontecimentos que datam da quarentena e do estado de emergência. Mas projectam em antecipação o que pode vir a acontecer, montam pragmaticamente a guarda ao que pode vir a acontecer e o que pode vir a acontecer é o pior de tudo, a morte de cidadãos, a morte dos nossos concidadãos, a morte dos nossos, a nossa própria morte. O epicentro, o olho do furacão, desloca-se da realidade geográfica em que estava localizado e do tempo em que se manifestou, ou melhor, das realidades espácio temporais em que se manifesta, para a possibilidade iminente a partir de onde pode atacar. A realidade da virologia é a da vida. Só o que é inorgânico tem o tempo estratificado em passado, presente e futuro. O passado é passado, o presente é presente e o futuro, futuro. Mas a vida não é assim.

E depois parece ser feito como se desde sempre não nos cumprimentássemos e fôssemos como os orientais no trato do corpo alheio.

O vírus está e existe onde está, e existe um ser humano que é portador dele. É por isso que o vírus só existe onde existe um ser humano. As geografias e os tempos do vírus, o epicentro da epidemia pandémica é o ser humano, um ser humano. É do ser humano que vem o perigo e é por isso que o olho do furacão é identificado e reconhecido pela complexa relação entre os seres humanos e pela discriminação dos contactos possíveis em que há contaminação e os contactos possíveis que neutralizam essa contaminação. É importante saber que o normal é que os seres humanos se dêem com outros seres humanos, convivam uns com outros, coexistam. Viverem afastados uns dos outros vai contra a natureza humana, é uma situação fora da regra. Assim, é importante a discriminação que leve a uma selecção positiva de comportamentos que não são de risco e comportamentos que são não apenas evitáveis mas interditos, proibidos. A quarentena é a estadia que tem como horizonte este tempo que se pretende constituir como um campo de forças blindado contra a contaminação. Os dias vão ser organizados em função do futuro que espera por este inimigo, tentando evitar, sem se distrair, o contacto com ele. Não se trata de evitar o contacto a todo o custo, o que sacrificaria a humanidade. Trata-se de compreender a natureza dos contactos com os outros, com os outros próximos com quem vivemos, a quem laços estreitos nos unem, para evitarmos o contacto mas não para evitarmos o afastamento definitivo se puder ser contornado. O perigo é diário. O perigo é contínuo. É por outro lado futuro, eminente. O epicentro tem geografias variáveis e o seu tempo é o futuro, a nossa atitude é a da vigilância na expectativa. Melhor: o epicentro é qualquer ser humano. Há tantos epicentros potenciais quantos os seres humanos que encontramos se não

forem adoptadas as medidas necessárias para nos protegermos. Protegermo-nos e protegermos os outros. A relação com os outros, o comportamento que funda e define a relação com os outros é o cuidado a ter com eles, o cuidado a ter connosco na relação com eles e o cuidado a ter com eles na relação connosco. O que importa perceber é que o "distanciamento social" é o distanciamento suficiente para que não estejamos vulneráveis aos miasmas dos outros nem os outros aos nossos. Tem de se respeitar o protocolo. O protocolo deve obedecer ao que se sabe cientificamente e o que se sabe cientificamente muda hora a hora, como é sabido. Por outro lado, a adopção de medidas para quando o contacto não pode ser evitado ou entramos dentro da zona de contágio, como luvas e máscaras, para além da higienização: lavar as mãos e não levar as mãos ao rosto indicam um conjunto de regras a porem-se em prática que cada um deve observar. Este conjunto de regras é como que o bilhete para a autoimunidade, para a protecção relativamente aos outros e para protegermos os outros de nós próprios. E as regras não podem ser afrouxadas. São poucas, mas têm consequências em todos os gestos do dia a dia.

Cada um de nós tem de criar uma bolha protectora para onde entra. Não é apenas imaginária. Tem consequências práticas. Por norma, criamos distância entre nós e qualquer pessoa, sobretudo aqueles com quem vivemos em casa. E ao princípio, sem saber se estávamos infectados, a cerimónia era muita ou nenhuma. Nenhuma se achávamos que não havia nada a fazer, por saber que dada a vida comum estaríamos infectados. Era muito o cuidado quando achávamos que podíamos proteger aqueles com quem não tínhamos convivido e eram os mais próximos de nós. A vida encarregava-se também de fazer as suas combinações mais improváveis. Trazia do estrangeiro quem lá vivia. Juntava na mesma casa estranhos. Afastava pessoas que supostamente deviam estar juntas. Era a vida a ser vida.

O afastamento tinha de ser a regra. Nada podia ser deixado ao acaso. Na antecipação do que estava para acontecer, ainda antes de ter sido decretado o estado de emergência, já as pessoas se precaviam. Algumas açambarcavam tudo o que podiam nos supermercados, como se estivessem a preparar-se para

a guerra ou para uma crise duradoura. Outros mantinham a calma. Mas todos estavam virados para um futuro a ser decidido nas horas que estavam para vir. Havia muita preocupação. Uma preocupação que era colectiva, sobretudo para quem trabalhava em serviços com muita frequência de público: escolas, universidades, espectáculos, comércio, transportes públicos, serviços públicos em geral.

As pessoas iriam para casa. Era como ir de férias. Era uma estada de férias, não numa estância de férias, mas em casa. Era parecido com uma estada num hospital ou quando na infância tínhamos varicela ou sarampo. Ficávamos em casa mesmo no meio do Verão. Não havia férias para ninguém. A estância balnear fechava e a nossa mãe tinha a estada na estância balnear anulada para ficar connosco em casa. Uma estada em casa por doença é diferente de uma estadia no hospital. Uma estada em casa por uma doença que não se tem ainda é muito diferente de uma estadia no hospital por causa de uma doença que se tem. Uma estadia em casa por uma doença de que não se padece mas de que pode padecer-se, não de um só membro de uma família mas de todas os habitantes, afectando todas as famílias portuguesas é do que estamos a falar.

Cada dia tem a sua tonalidade. Mas como cada frase musical tem a sua nota, também todos os momentos do dia têm as suas notas soltas ou já compostas uma com outra ou uma única em diferentes durações.

O que estava para vir era uma incógnita mas havia a expectativa de qualquer coisa que tinha em si a novidade. Nenhuma novidade é sem entusiasmo. Sim: havia o fecho da economia. Pessoas iam para o desemprego. Havia dramas tremendos que seriam vividos. Mas ainda não. Não nas primeiras horas de antecipação apesar de toda a preocupação. A novidade era a da preocupação mas era também o resultado de uma mobilização global e total para a guerra, uma espécie de partilha colectiva a que os portugueses não estão habituados, a humanidade, então, nem falar-se. Essa mobilização em torno da saúde contra a doença, com um inimigo comum a evitar, em prol da saúde, da salvação, da preservação de forma global, em concreto a ser experimentada hora a hora em todos os países, com notícias para quem as queria, penso que será inédito. Todos sem excepção estavam afectados. Todos se sentiram vulneráveis. Houve, há e haverá sempre negadores, os destruidores, os que atentam contra a humanidade. Contra eles há a ridicularização, mas deve haver a criminalização. Todos estavam num mesmo barco. Onde quer que houvesse, onde quer que haja um ser humano, há a possibilidade de uma hospedaria para o vírus e, por isso, a possibilidade do contágio.

E vamos todos para casa. E os dias começam a trabalhar-nos.

Entramos pelos dias adentro. O que mais me impressionava eram os sons da cidade. Não ouvia os elétricos passarem, não ouvia os carros descerem a minha rua, por isso, nem de tráfego podia falar, não ouvia os automóveis nem os comboios passar na ponte 25 de Abril. Nem troca de palavras entre pessoas se ouvia.

Via os boletins noticiosos, que deixei de ver porque me deixavam num estado ansioso. Estava frio em Março. Não se antecipava nada. Depois dos primeiros dias, sem saber bem como haveria de funcionar, descobrimos a aplicação ZOOM. Depois de resolvido o acesso, a transição de uma semana para a outra fez-se a correr sobre rodas.

Mas os dias não foram apenas o horário repetido de todos os dias até ao dia 3 de Maio. Eu repeti tudo isto até ao dia 3 de Maio, mas o que se passa no interior da vida de cada pessoa, nas vidas das pessoas com quem eu me dou e que são as minhas pessoas, é infinitamente mais complexo, infinitamente mais dramático, mais rico, irredutível. Vem com os dias.

Um dia reveste o corpo, transforma o corpo como se virtualmente estivéssemos a ser afectados por pensamentos que produzem fantasias de teor sexual ou sonhos sanguinários de vingança. A situação é imaginada em antecipação e projecta previsões, delineia configurações que se fazem sentir através de disposições vibrantes, fluídos atmosféricos e ambientes que alagam todo o nosso ser. Mas, para lá disso, há uma ligação entre cada dia e a sua própria musicalidade. Cada dia tem a sua tonalidade. Mas como cada frase musical tem a sua nota, também todos os momentos do dia têm as suas notas soltas ou já compostas uma com outra ou uma única em diferentes durações.

Um dia é como um pensamento. Um só dia tem muitos momentos. Um só pensamento tem muitos pensamentos incluídos em si, outros próximos de si, outros pensados consigo e que nada têm que ver consigo. Vamos nas horas como vamos nos dias e vamos nos pensamentos. Ou ao contrário. As horas entram por nós adentro, os dias entram por nós adentro, como os pensamentos entram por nós adentro.

Qual a estrutura de um dia de quarentena? Qual a estrutura dos dias na temporada da quarentena? Como é que essa temporada afectou o espaço em que habitualmente vivemos, transformado em estância existencial para viver a quarentena? Como foi o primeiro dia? Como foram os primeiros dias? Como foi o transcurso já no período, no meio da quarentena, passados já muitos dias depois de ter sido decretado o estado de emergência e como foi a aproximação do fim? Cada dia traz consigo a sua tonalidade própria.

A quarentena tem a sua tonalidade própria composta a partir dos múltiplos dias vividos pelos cidadãos de Lisboa, Portugal, habitantes do planeta terra. Houve tantos dias diferentes quantas as pessoas que habitam o mundo. Cada pessoa é um conjunto de relações possíveis com os dias de quarentena, com consequências concretas para a sua vida. Cada dia como cada pensamento tinha o seu tom: recolhimento obrigatório, portanto, não sair de casa. Tudo passou a ser feito em casa e a partir de casa. Deixou-se de se fazer o que se fazia fora de casa. Nada do que se fazia fora de casa e que não podia ser feito em casa a partir de casa podia ser feito. Cada dia tinha esta condição determinante. Quando se saía de casa, ia-se às compras ou fazer o pouco que era permitido fazer. Mas sair era uma excepção à regra. Portanto, o que podia ser um pensamento: um dia em casa sem poder sair à rua prolongado por muitos dias, alastrado a toda uma população, passou a ser a realidade. A determinação do decreto é um pensamento transformado em realidade. A vontade autónoma de ficar em quarentena é um pensamento que transforma os dias e isso quer dizer que transforma a forma e os conteúdos biográficos dos dias. Não poder sair implica não ir a locais onde se encontra quem encontramos nesses locais, ir aos sítios onde vamos para fazer o que lá fazemos. Os dias são vividos com o pensamento da interdição ou da proibição, mais com o que não se pode fazer do que com o que se pode fazer. São vividos também com o conjunto todo de regras e protocolos de higiene que temos de seguir e observamos de bom grado. Mas os dias repetem-se com disciplina ou indisciplina. Há quem se entretenha ou não consiga estar a sós consigo. Há quem goste de estar na companhia de outros. Há quem goste dos outros mas necessite de distância existencial. Seja como for, as relações sofrem distanciamento e aproximação que não se reflecte na correspondente distância afectiva. A suspensão das vidas de cada uma das pessoas tal como era vivida até à quarentena, momentânea ou definitivamente, em termos profissionais, familiares, desportivos, na saúde e na doença, na vida individual e colectiva, oferece uma dupla possibilidade.

A vida pára e fica à nossa frente para vermos o que tem sido, sem estarmos lá metidos nela a ser os seus funcionários, sem margem de manobra para perguntarmos o que estamos a fazer e sem podermos verdadeiramente equacionar a hipótese de sair com o comboio da vida em movimento. A vida descarrila.

A vida que levamos continua a seguir mas não à mesma velocidade, o que dá para olhar para ela enquanto a executamos ao mesmo tempo. É uma possibilidade ímpar. A vida em todas as suas possibilidades e dimensões, em todas as suas frentes, passado, presente e futuro, em todas as suas ligações, com o mundo, com os outros, com o si mesmo, numa palavra a vida no seu ser passa a poder ser vista quase parada e em movimento. A quarentena é um "atraso-de-vida", uma "perda-de-tempo", uma "adversidade", um "contratempo". A vida continuou e tem continuado e continuará de forma inexorável. Mas a nossa vida fica em suspenso nos seus projectos tal como estavam a ser postos em prática. Assim como os dias que custam a passar nos obrigam a pensar na vida, uma quarentena é uma colecção de dias, uma temporada, uma estadia, na estância existencial em que a vida se perfila deslocada, fora dos seus eixos habituais. Obriga-nos a pensar nela ao mesmo tempo que nos permite uma concentração no que fazemos e no que somos, num emprego do nosso potencial de uma forma absoluta.

A vida que levamos continua a seguir mas não à mesma velocidade, o que dá para olhar para ela enquanto a executamos ao mesmo tempo. É uma possibilidade ímpar.

O que vai acontecer agora? Há um quadro negro na antecipação, na antevisão económica e financeira. Está já aí a crise. Tantos desempregados. Quando os outros não estão bem, nós não podemos estar bem. Não é apenas mental. É de facto. A crise vai rebentar-nos na cara. A possibilidade da infecção com o novo coronavírus não desaparece por decreto. As pessoas vão regressar à rua. Haverá quem experimentou o dia pensamento, o dia pensante. Haverá quem viu a face oculta dos dias de todos os dias, quando está a trabalhar. Os dias da casa quando ninguém lá está para ver como a casa é, como vivem os velhos e as crianças e quem cuida deles. A vida das paredes que também têm vida ressuscitou nestes dias que cá temos estado. Despegaram-se cheiros das roupas dos antepassados que os puseram no nosso quarto de dormir ao pé de nós de uma forma tão presente que nos acordaram. As ruas regressaram de onde estiveram congeladas cronologicamente há 50 anos. O mesmo céu azul, as mesmas árvores. Às vezes era a rua dos anos 1990. Mas vinha sempre a rua de hoje, a casa de hoje, eu hoje, o hoje pensante, o pensamento que me reveste e se estende ao globo, eu universal global, tubular.

Nunca saí da quarentena e estive sempre exposto à epidemia pandémica ameaçadora de morte. Cada humano é portador da morte, da vida, do amor e do ódio, cada humano é portador da impossibilidade e da possibilidade. Cada humano é à escala universal. Cada humano é eminentemente à beira de deixar de ser, está nesta estada, no mundo como estância, vulnerável e exposto.

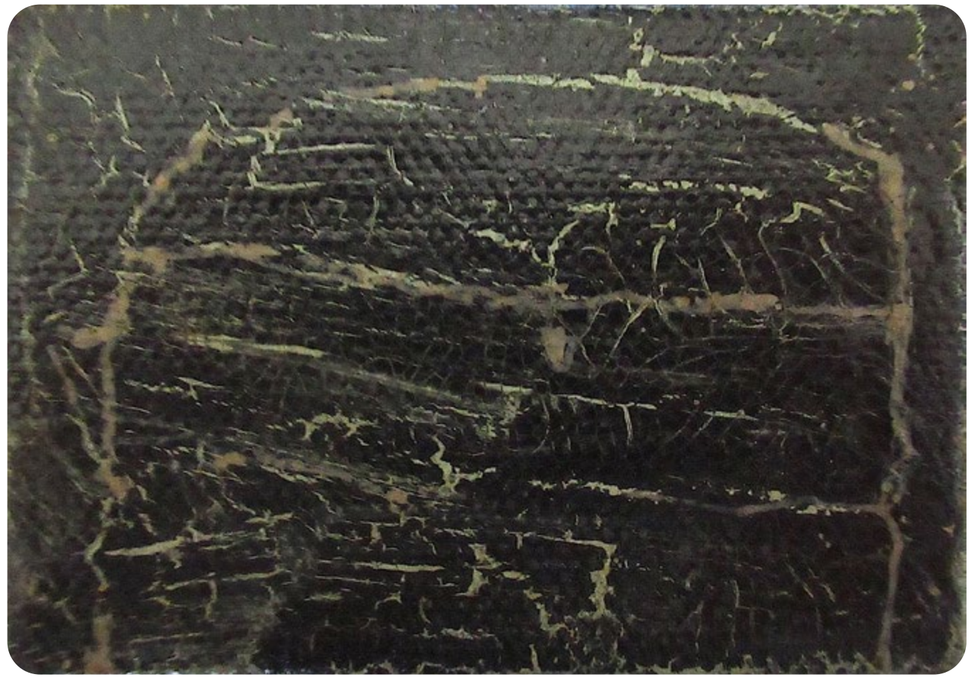
A quarentena pode ter sido um laboratório para o termos compreendido e pensar a possibilidade que nasce do confronto com a impossibilidade.

Lexia é uma fracção de sentido que se basta a si própria

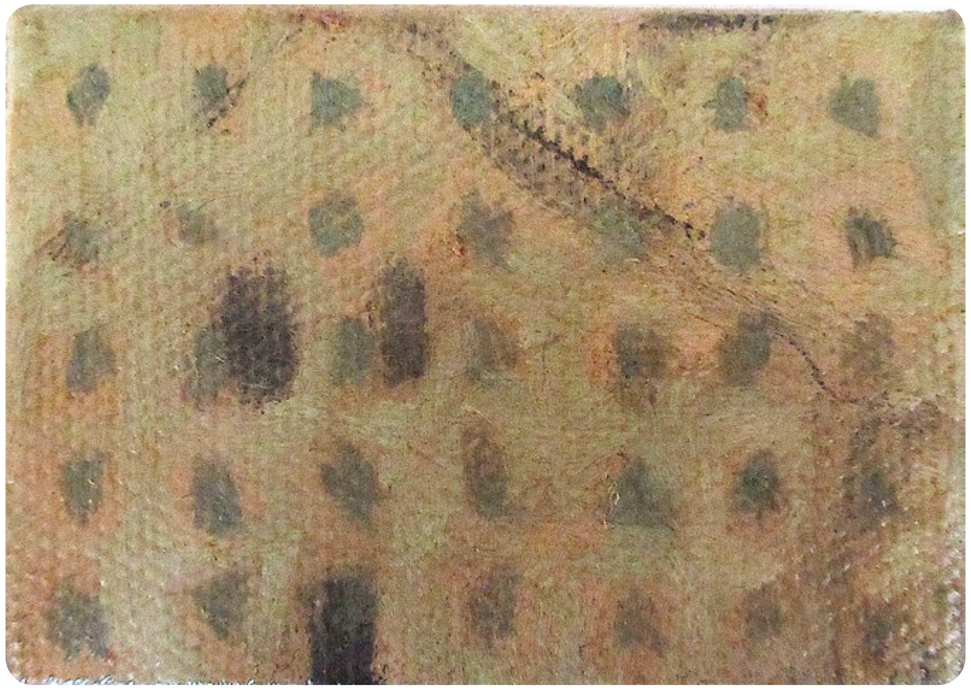
Dez Lexias Luís Carmelo

1 À revisitação quase sagrada do passado sucedeu um novo tipo de amnésia colectiva que transformou a memória baseada em narrativas estáveis numa espécie de *Lost Highway*. A metamorfose do saxofonista Fred Madison, no filme de Lynch, não é a mesma que delongadamente aparece em Orlando (Woolf), ou que, por absurdo, se enuncia através de Gregor Samsa (Kafka): nela o passado é uma remoção quase normal ao serviço de um 'agora aqui' vertiginoso e sem inquietação de dúvidas, perguntas e explicações. A ficção cyberpunk vai mais longe neste passo que devora o território: sobra nela a ilusão da ilusão que mobiliza como protagonista o pós-homem criador de memórias diversas e jamais vividas (Bethke, Brunner, Burroughs, Cadigan, etc.). A virtualização surge aqui como essa enorme fábrica que confunde o implante com os efeitos que produz: a imagem corre na consciência e está noutros lados, ao mesmo tempo, dissociada da relação potência-acto. O acto e os tempos confundem-se. A amnésia instala-se e revê-se como uma normalidade. Desaparece assim de cena, definitivamente, aquele pasmo que Sebald evidenciara em *Os Emigrantes*.

de *A Comunicação na Rede*, 2006



Casas onde o Verão acaba cedo Pedro Saraiva



2 A interrupção do coito é um método clássico de precaução que nunca impediu um vasto campo de possibilidades, mesmo as mais inesperadas. A expectativa de interromper o coito coincide com um horizonte fluido que tende a diluir-se no frémito do prazer, na tentação *ad aeternum* do acto e na entrega ao ilimitado. É por isso que a interrupção do coito sempre navegou, e há-de navegar, na incerteza do que, ao mesmo tempo, 'é' e 'não é'. A partir dele, ou da intenção de realizá-lo, tudo pode irremediavelmente acontecer. O que o sustém é o que o alimenta e o que o prefigura é o que o trai. O coito interrompido é, pois, uma partilha tácita que pode, a qualquer momento, tornar-se no pasmo mais maravilhado da volúpia: uma rendição deslumbrada. A interrupção da leitura tem, hoje em dia, na rede um destino semelhante à clássica interrupção do coito. As coisas ligam-se quase cutaneamente. Não tanto pelo facto de a instantaneidade da rede poder sugerir – e sugere certamente – formas de desejo e de encantamento protéticas, mas sobretudo porque a rede é, ela mesma, uma amálgama de interrupções permanentes, devido às remissões que conduzem, segundo a segundo, aos links mais diversificados. Orgasmo nunca mais.

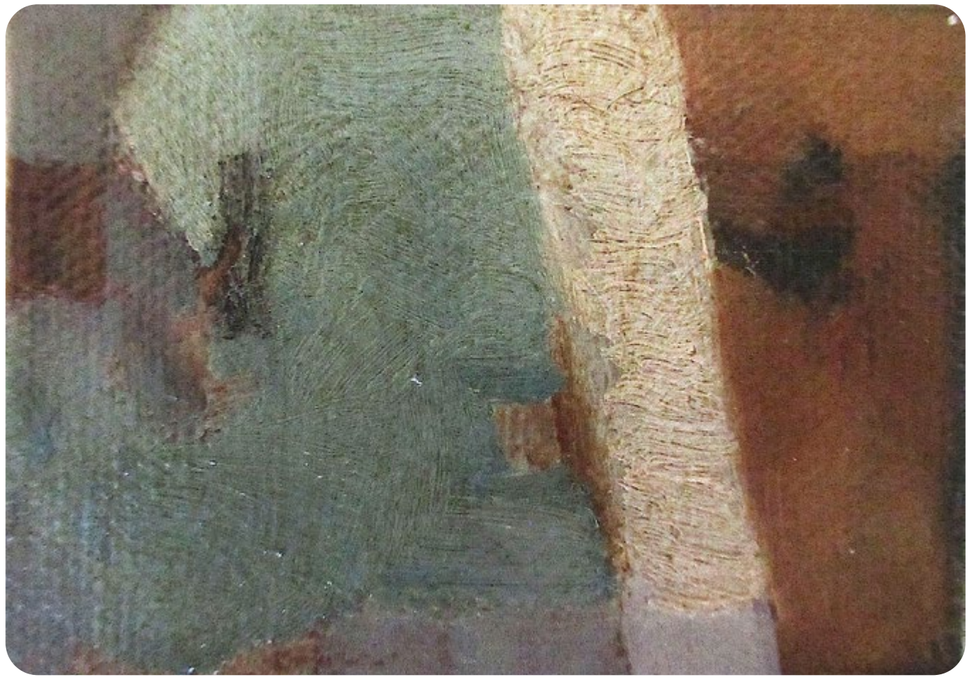
de *Expresso Online*, 2009

3 A crise passou a ser o modo de revelar aquilo que faz o presente ser o presente. Mas, ao mesmo tempo, enquanto inflexão não direccionada e não programática, a crise também passou a ser o horizonte que permite acompanhar os acontecimentos (as falhas) do mundo e o concomitante engendrar das redes (as dobras) onde tudo, ou quase tudo, se agencia. A crise como leitura, percepção e designação do mundo, mas também como formato interpretativo e significativo do mundo. Raramente um termo, concebido por *ratio facilis*, foi tão recorrentemente utilizado. Porventura porque as linguagens e os seus jogos não são capazes de acompanhar a celeridade do tempo que vivemos. A nossa cultura acaba por encarnar o paradoxo do 'melhor dos mundos' e da 'maior das ameaças' justamente por ter interiorizado a crise como a forma mais plausível de dizer o mundo. Este desconcerto que, na era apocalíptica, separava o presente do futuro acontece agora apenas na esfera do presente. Um espectáculo em que o palco e a plateia confluíram num único caudal.

de *Genealogias da Cultura*, 2013

4 A literatura é uma arte que nos fala em silêncio, que nos soletra e que demora: uma arte que se submete ao santuário da tradição moderna e uma arte que, por ter renascido há pouco mais de dois séculos, tal como ainda a entendemos hoje, se tenta revelar como subjectiva (e quase romântica), propondo-se substituir o sagrado da "Escritura"pelo sublime da escrita. A ideia renovadora de criação terá aqui a sua origem: uma ideia sempre mutável, uma ideia feita de ziguezagues e correntes, contraculturas, muitos esquematismos e cânones. Mas sempre acompanhada por uma intimação que a foi reinventando: o fio ou o limiar da intensidade.

de *A Luz da Intensidade*, 2012



5 A polifonia é o talento que diz todos os frutos da árvore, ao mesmo tempo. E os frutos, por mais luminosos que sejam, podem ser silhueta, esquina, música, céu, edifício, palavra, escultura ou até a simples palma da mão que se abre no meio de uma praça para crer que o futuro é uma nascente sem fim. Há raras fotografias que são polifónicas, mas essas, devido a um engenho de proporções, sabem imprimir os seus frutos como se fossem vozes que germinam a partir dos objectos mais irrealizáveis. Há uma desconhecida seiva que atravessa as topografias emudecidas de Álvarez Bravo. Talvez advenha da disposição, do ordenamento, ou do modo subtil como o vazio do alicerce se submete à simultaneidade profética. Futuro realizável através de corpos e causas irrealizáveis. Um paradoxo feliz que aparece espelhado naquele diálogo de quatro de homens, ante o espantoso e surpreendente vazio do espaço. Preenchê-lo é uma arte da mais pura polifonia.

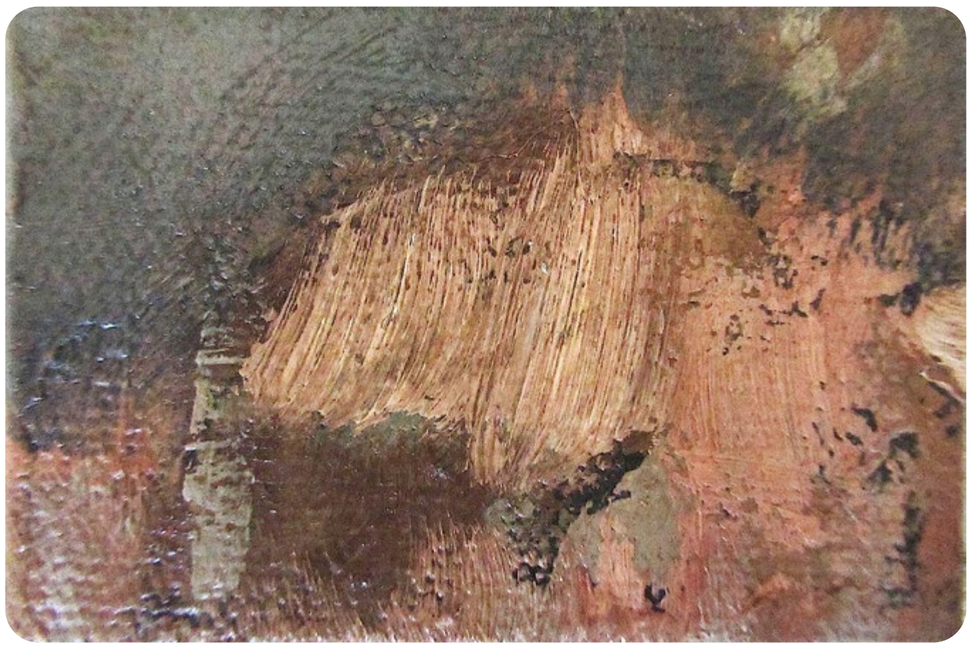
de *Ficcionalidades de Prata*, 2018

6 No túmulo de Tutankámon, o chicote e o gancho ilustravam a velocidade e a sua tracção, sublinhando o atributo do grande guia, do primeiro timoneiro. O papel da cavalaria nas grandes batalhas, a função dos navios nos impérios dos últimos seis séculos, o caminho de ferro como épica de Dziga Vertov no tempo da guerra dos brancos ou o início da incursão alemã na primeira grande guerra mundial; o despique em torno dos foguetões na parte final da grande guerra mundial, ou a própria da guerra das estrelas de Reagan que foi o primeiro degrau do curto processo que deu origem ao fim do muro de Berlim. Toda esta vertiginosa sucessão, que não deixa de ser uma revolução contínua no espaço--tempo, corresponde, tal como escreveu Virilio, à velocidade relativa. Mas outra é a velocidade absoluta. Hoje estamos quase a atingir esse patamar, pois as imagens digitais permitem que nos identifiquemos com aquilo que sempre foram os quatro atributos do divino, nomeadamente a ubiquidade, a instantaneidade, a omnividência e a omnipotência. Quatro muralhas que enformam o poder absoluto.

de intervenção no *Festival de Óbidos*, 2018

7 Uma página de um romance tem que se sentir fielmente dentro do seu aquário, com a temperatura ambiente e a luz apropriadas aos seres vivos que apresenta, preserva e põe em acção. Não há um lado de fora, só existe um lado de dentro. Há muito que se sabe que representar é um logro, sobretudo num mundo em que as identidades se esbatem e em que tudo é cada vez mais um simulacro (e não um reflexo 'real' seja do que for). O rasto é afinal o plano inclinado que empurra silenciosamente a escrita para o lado de dentro desse aquário com paredes de vidro que tão bem simula o infinito ou, se se preferir, um indefinido – mas tão aparente – espectro de possibilidades. Essa página (que são todas as páginas de todos os romances do mundo) sabe que foi treinada para criar alguns impactos, de acordo com o seu próprio DNA que lhe concede uma matéria e um modo específico para a poder moldar. Enfim, essa especificidade possibilita rotações de diversos tipos, mas não deixa de ser uma especificidade.

de projecto *Inaudito*, 2018



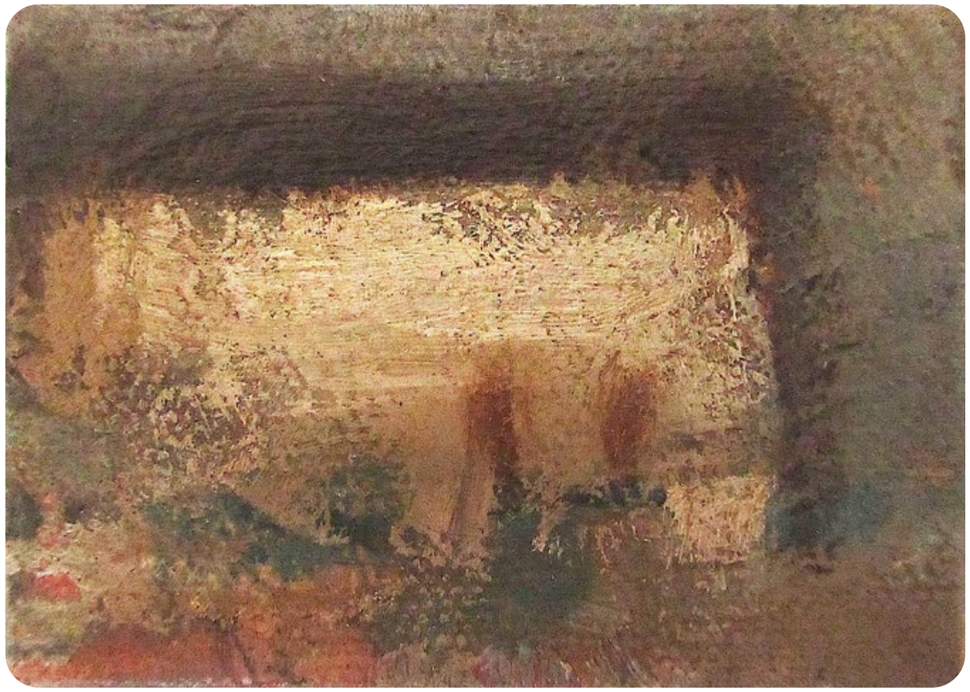
8 Um corpo nunca se imobiliza diante de um piano. O que o excede advém da poética, pois a voluntariedade dos dedos e a involuntariedade da restante expressão, estão em combate permanente. Veja-se o caso de Reinbert de Leeuw a interpretar Bach. Um corpo nunca se imobiliza diante da mesa do arquitecto, pois, desde o Tratado de Vitrúvio à sua releitura por Leonardo da Vinci e ao Modulor, teorizado por Le Corbusier, que ele sabe que as proporções do corpo humano já estão codificadas no seu ofício de edificação e de transmutação da paisagem. Um corpo também nunca se imobiliza, quando um escritor está com os dedos presos à caneta ou ao teclado, pois a poética é, justamente, o que advém da pulsão de todo o corpo (orgânico e inorgânico) sobre o aparelho da escrita. "Escrever é desabar", tal como escrevi no *Ofertório* (2018), pois o que está em queda é sempre a largura do "exprimível" abatendo-se sobre esse sulco apertado por onde as palavras terão que ser canalizadas. O acto de escrita vive num terrível vaivém entre o poder da imaginação que não tem qualquer topografia e a necessidade de rigidamente o comprimir nas regras (que se definem menos pelo que autorizam a dizer e mais pelo que forçam a dizer e a ser).
O acto de escrita vive, num verdadeiro *pas de deux*, entre 'Encandear' e 'Encadear'. Isto é: entre a perda momentânea de visão que é, ao mesmo tempo, a iluminação e a captação do indizível de quem escapa ao quotidiano e à rotina (era o que fazia o poeta holandês Remco Campert dizer "escrevo quando sinto que não pertenço") e acção de prender essa iluminação, modelando-a, policiando-a e organizando-a em cadeia, ou, se se preferir, em linha do texto. Estamos aqui entre a metáfora da candeia e do cadeado. Nem na cadeia, nem no cadeado, mas entre ambos.

de *A Corporalidade da Escrita* (intervenção na liraria Unicepe, Porto), 2018

9

A poesia vive do sentido e coloca-o, ao mesmo tempo, como o mais inalcançável dos dons. Tal como acontece com a armadura que não conhece o corpo que a dobra. Segue-o e tem-no na medida dos seus desígnios, mas isenta-o e tem-no, também, como absoluta ficção. A realidade (ou o dizer) da poesia confunde-se com o rumor (ou com a construção) da linguagem que dela jamais se apeia. O que por vezes se referencia, afasta-se. O que geralmente se inventa, aproxima-se ou funde-se (com a letra do poema) e quase deixa de se ver. A bissetriz resultará em transfiguração.

de *Uma Infinita Voz*, 2016



10

Dizer que se gosta de gatos, de omeletes mal passadas ou de filmes rocambolescos não é algo que aconteça à parte das nossas motivações pessoais. Gostar é concretizar um ânimo; congelá-lo, se for preciso. Na larga maioria dos casos, quando se gosta, a finalidade e o desejo sobrepõem-se ao prazer desinteressado. Se gosto de almoçar no restaurante Carrossel, é porque lá regressarei (nem que seja através da memória). Também é verdade que, ao gostar-se seja do que for, estamos sempre a aspirar a uma partilha. Espera-se sempre do outro lado que haja um acordo, algo em comum ou uma concórdia (ainda que apenas possível) por parte de alguém. Até o gosto pela natureza me parece francamente interessado, porque eu próprio sou a natureza que mais admiro, sejam os pinhais, o mar ou a noite que cai, na medida em que a trago comigo e, na minha intimidade, sou constituído em grande parte pelo que ela imaterialmente me concede. Gostar é um modo híbrido, mas não cognitivo, de exprimir e de enfunar o mundo, pois nele se comprimem afectos, disposições imediatas, tentações, mas também, necessariamente, alguma normatividade (dê por onde der, não existe recanto do universo em que o humano não seja falado através de regras e das linguagens que estão ao seu alcance). Dito isto, confesso que gosto muito de romances. Mas não de todos os romances. Com o tempo, a vontade de ler romances vai-se cingindo cada vez mais a um número muito restrito. Essa impiedosa geometria criada pelo gosto também pressiona - e de que maneira! - a minha própria oficina de escrita. E nem sei bem porquê. O gosto tem os seus mistérios e há que saber respeitá-los sem grandes inquirições.

de *Retrovisor* (crónicas no *Hoje Macau*), 2020

Desconfinar as ideias

Rui Pereira

Dor de cabeça

Gonçalo Duarte

a ideia de que todos temos uma obrigação determinante de diminuir a crueldade, de tornar os seres humanos iguais relativamente à sua possibilidade de sofrimento

Richard Rorty

Um par de meses volvidos sobre a chegada a Portugal da onda pandémica do SARS-Cov 2, a iminência para milhões de pessoas de uma catástrofe económica de proporções inauditas começa a pôr termo ao isolamento sanitário de uma grande parte da população. Das oscilações perceptíveis nas estratégias da comunicação governamental em diferentes países extraem-se, para lá da litania estatística relacionada com a epidemia, o relativo optimismo no tocante à contenção e limitação das mortes, como a profunda decepção face aos imperativos políticos que a situação ditava aos grandes decisores, ou seja, aqueles que têm na sua mão os instrumentos supra e transnacionais de política económica, financeira e monetária para responder humanamente ao desastre humanitário que não precisamos de adivinhar porque já o temos connosco.

Relacionadas com um par de reflexões de pensadores que prezo e que há muito me acompanham, duas grandes expectativas marcaram, no que pessoalmente me diz respeito, o advento deste episódio pandémico.

Em primeiro lugar, relacionar a sua irrupção com a eventualidade de saber se esta era ou não a catástrofe em que pensava José Bragança de Miranda, quando, em 1997, escrevia no seu *Política e Modernidade – Linguagem e Violência na Cultura Contemporânea* (p. 24), sobre os elementos do liberalismo que instituíram uma "ordem política da qual só sairemos por catástrofe". E, em segundo lugar, tendo de há muito renunciado no meu pensamento à grandiloquência gótico-romântica e, com frequência, demagógica da realização dos paraísos na Terra, se este seria um verdadeiro acontecimento ou não. Isto é, se esta seria a ocasião em que se efectivaria o conteúdo da reflexão rortyana com que epigrafo este texto (ver "Contingência, Ironia e Solidariedade", p. 120) , colocando-nos, por fim, a todos, em circunstâncias de igualdade relativamente à possibilidade do sofrimento, único verdadeiro acontecimento de que a meu ver podemos ainda ser acometidos, para além, claro, de uma hipotética extinção como espécie e planeta.

Muito rapidamente começou a ver-se que não era esta, ainda, a condição de possibilidade de nenhuma das duas concreções. Quer a metáfora de um "vírus democrático" que não escolhia quem infectava, quer a perspectiva de uma catástrofe cujo único mérito poderia vir a ser o de revolucionar as modalidades da existência humana na direcção de alguma decência, prontamente puderam excluir-se dos horizontes do plausível. Estarmos todos na mesma tempestade não significava que todos estávamos no mesmo barco. Assim como, nas técnicas de governamentalidade para lidar com a situação, se foi tornando claro que o objectivo fundamental era evitar a saturação dos serviços de saúde e limitar os danos da paralisação económica, relativamente à qual o que foi emergindo dos comunicados e controvérsias foram velhas palavras destinadas a lidar com novas situações.

Às palavras escritas por Mario Draghi, ex-presidente do Banco Central Europeu, no Financial Times de 25 de Março, segundo as quais estávamos perante "uma tragédia de proporções bíblicas", respondeu a Comissão Europeia com os livros de catequese de Milton Friedman. O presidente dos Estados Unidos aventou, aos seus, a hipótese de beberem lixívia. O do Brasil garantiu, contra toda a aparência racional, não ser coveiro. Todos estes, enfim, momentos de um longo etecetera de palavras cuja banalidade absurda esconde a profundidade do abismo em que já tínhamos mergulhado sem mesmo precisarmos da ajuda de vírus algum.

A tradução destes enunciados pela vulgata popular acompanhou a melopeia. Dos primeiros e aterrados apelos à mudança de vida a que teríamos de proceder mal nos apanhássemos de novo nas ruas, foram-se sucedendo os – com aqueles contraditórios – apelos para o regresso à normalidade. Nada fora, afinal, questionado. O mundo ia-se e vai-se preparando para o esquecimento. Presumivelmente, continuará igual a si mesmo, como predizia, contra a esperança espantada e espantosa de um Slavoj Zizek, o cepticismo de um filósofo de mais idade, como Alain Badiou (https://qg.media/2020/03/26/sur-la-situation-epidemique-par-alain-badiou/). O mundo prosseguirá, muito provavelmente, com pouco mais do que uns milhares de mortos a menos, sobretudo entre os mais velhos, os mais doentes e frágeis, e com uns milhões – muitos milhões – a mais de pobres ainda mais desesperadamente pobres e famélicos, sobretudo entre os que já pobres eram, sobretudo, entre os mais débeis, os mais esquecidos, os mais indefesos e invisíveis de todos.

Com estatuto de novidade, algo emerge, porém, nos noticiários. O empobrecimento de muitos dos que, sendo pobres sem o saberem, acreditaram nos arautos da riqueza como ideologia e teleologia para o humano, a golpes de desregulamentação e oportunidades fortuitas. Como constatavam os apóstolos do reaccionarismo que a si mesmo se dá a conhecer por neoliberalismo, a precarização da prestação do trabalho atingiu um tal expoente que mesmo os Estados mais empenhados em auxiliar as pessoas que perderam os seus rendimentos têm dificuldade em encontrá-las para fazer-lhes chegar os apoios (Financial Times, 3 de Abril). A pandemia põe assim em evidência, também sem grande novidade, talvez valha a

pena acrescentar, que é mais fácil arranjar recursos técnicos para localizar e rastrear um infectado do que registos oficiais de emprego para encontrar uma família de precários em desespero.

A fragilidade da ilusória e seduzida condição pequeno-burguesa (hoje eufemizada como debilidade da 'classe média') tropeça violentamente, nos momentos difíceis, na dramática realidade dos sonhos ideológicos votados eleitoralmente a preço de saldo. O velho estribilho da "nova pobreza" enxameia uma vez mais os noticiários produzidos por jornalistas, editores e realizadores provenientes dos estratos populacionais cuja aflição reportam com aflição. A sua sensibilidade é menor e mais distraída para com os pobres de sempre, aqueles que a indigência mental, também de sempre, condena à invisibilidade dos subúrbios das cidades e do mundo. A ONU adverte para a eventualidade de surtos incomensuráveis dessa pandemia nunca extinta a que se chama fome e malnutrição. A proporção da sua vitimologia é incomparavelmente superior à de qualquer vírus conhecido na Idade Moderna. Mas o mundo pós-moderno tem pouca disponibilidade para qualquer outra coisa que não o seu próprio umbigo.

A muito custo para conseguir fazer-se ouvir entre a logomaquia e o psitacismo que fazem do ruído do mundo um mudo mundo de ruídos inaudíveis, outro velho filósofo, Bruno Latour, vai convidando ao tipo de reflexões que poderíamos ter com algum interesse, no meio da pandemia biológica e da epidemia de imbecilidade que nos avassalam. Num texto de 30 de Março (https://aoc.media/opinion/2020/03/29/imaginer-les-gestes-barrieres-contre-le-retour-a-la-production-davant-crise/), Latour convidava a aproveitar "a suspensão forçada da maior parte das atividades para fazer um inventário daquelas que gostaríamos que não fossem retomadas e daquelas que, pelo contrário, gostaríamos que fossem ampliadas". Sob a forma de um pequeno inquérito, pretendia Latour que pensássemos profundamente em gestos de mudança capazes de reconfigurar ontologicamente a actualidade do humano. Com modéstia, pedia o seguinte:

Responda às seguintes perguntas, primeiro individualmente e depois coletivamente:

1ª pergunta: **Quais as atividades agora suspensas que gostaria que não fossem retomadas?**

2ª pergunta: **Descreva por que essa atividade lhe parece prejudicial / supérflua / perigosa / sem sentido e de que forma o seu desaparecimento / suspensão / substituição tornaria outras atividades preferidas por si mais fáceis / pertinentes.**
(Faça um parágrafo separado para cada uma das respostas listadas na pergunta 1)

3ª pergunta: **Que medidas sugere para facilitar a transição para outras atividades daqueles trabalhadores / empregados / agentes / empresários que não poderão continuar nas atividades cuja supressão sugere?**

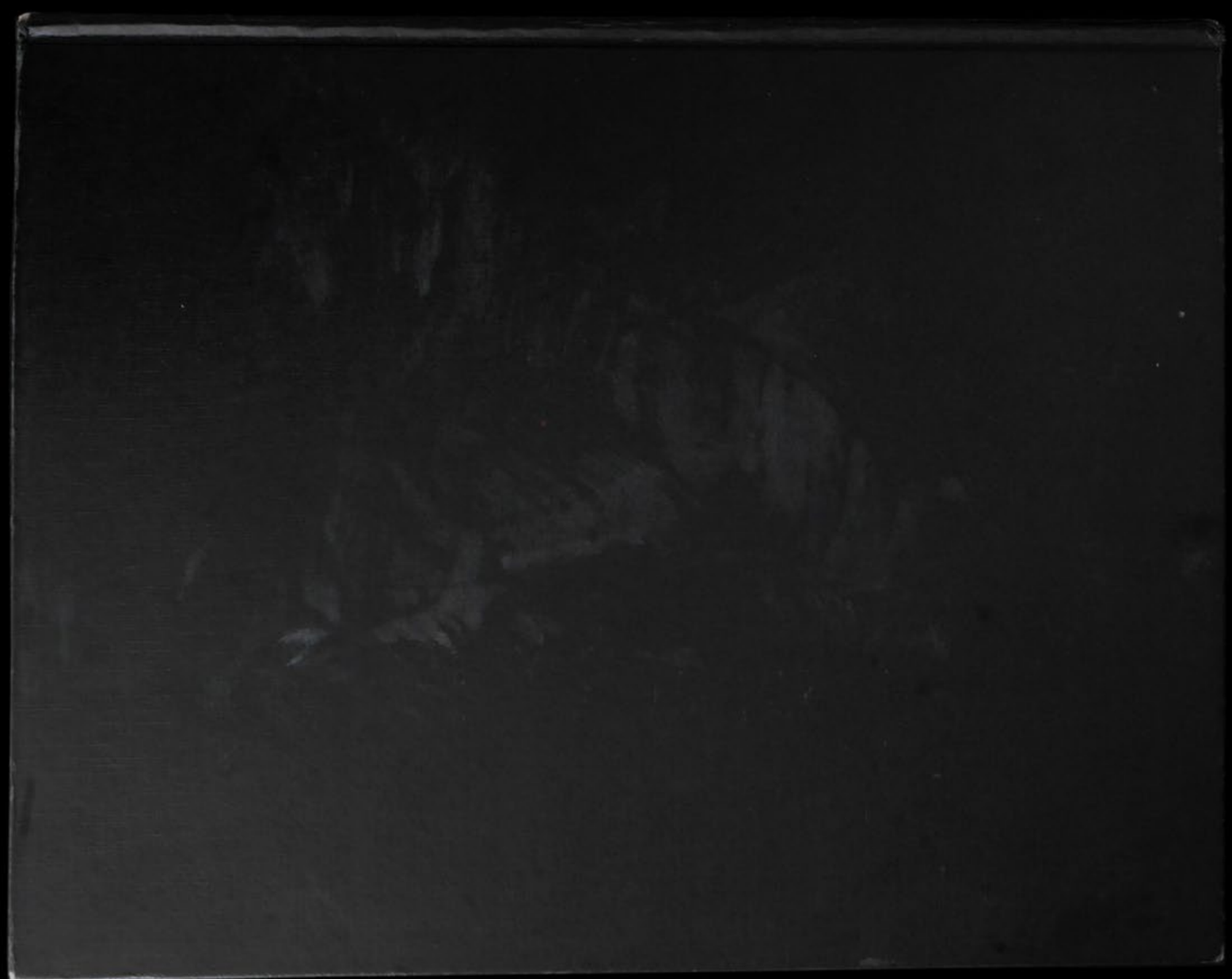
4ª pergunta: **Quais as atividades agora suspensas que gostaria que fossem ampliadas / retomadas ou mesmo criadas a partir do zero?**

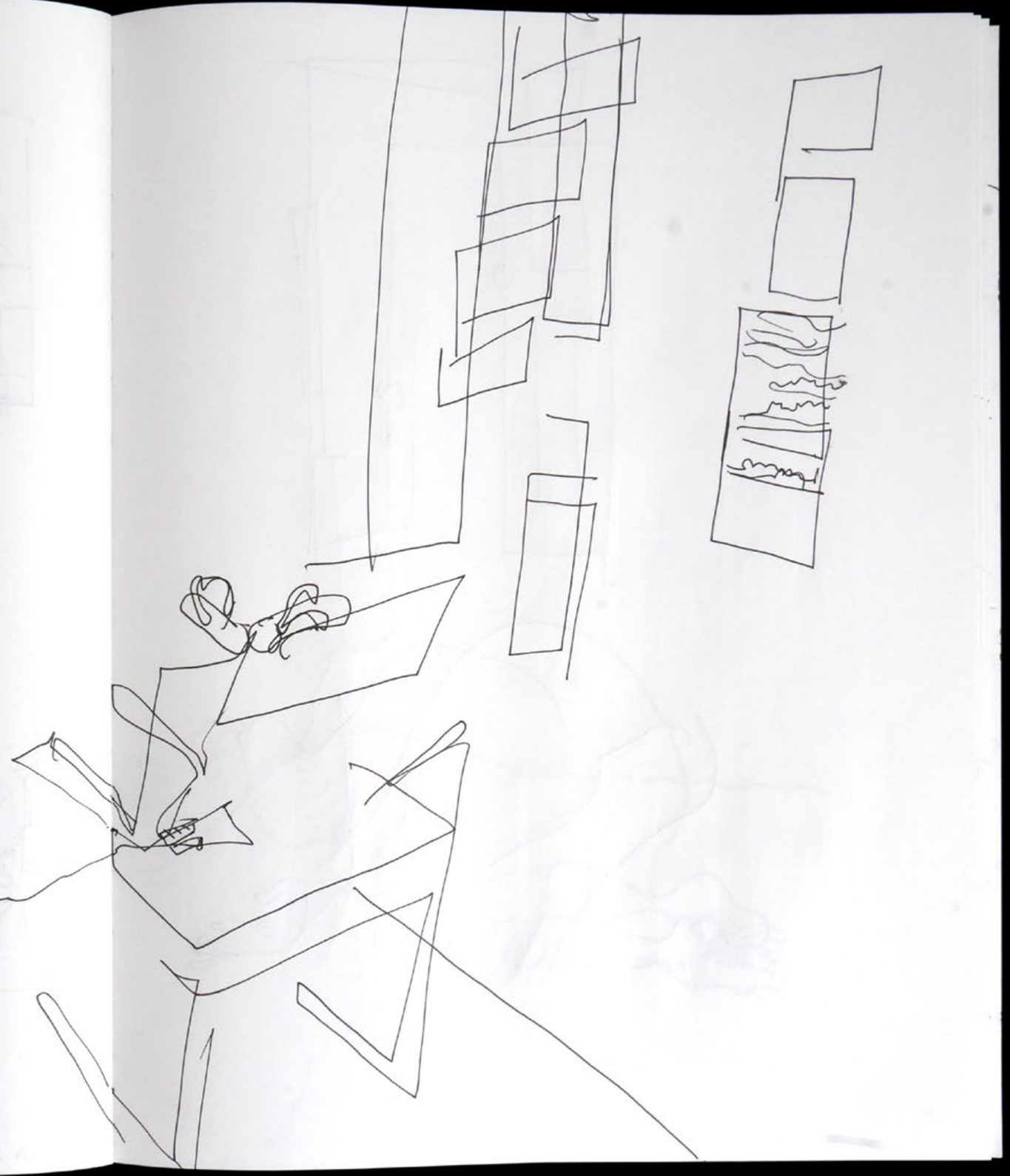
5ª pergunta: **Descreva por que essa atividade lhe parece positiva e como pode ela tornar outras atividades por si preferidas mais fáceis / harmoniosas / pertinentes e ajudar a combater aquelas que considerou como desfavoráveis.**
(Faça um parágrafo separado para cada uma das respostas listadas na pergunta 4)

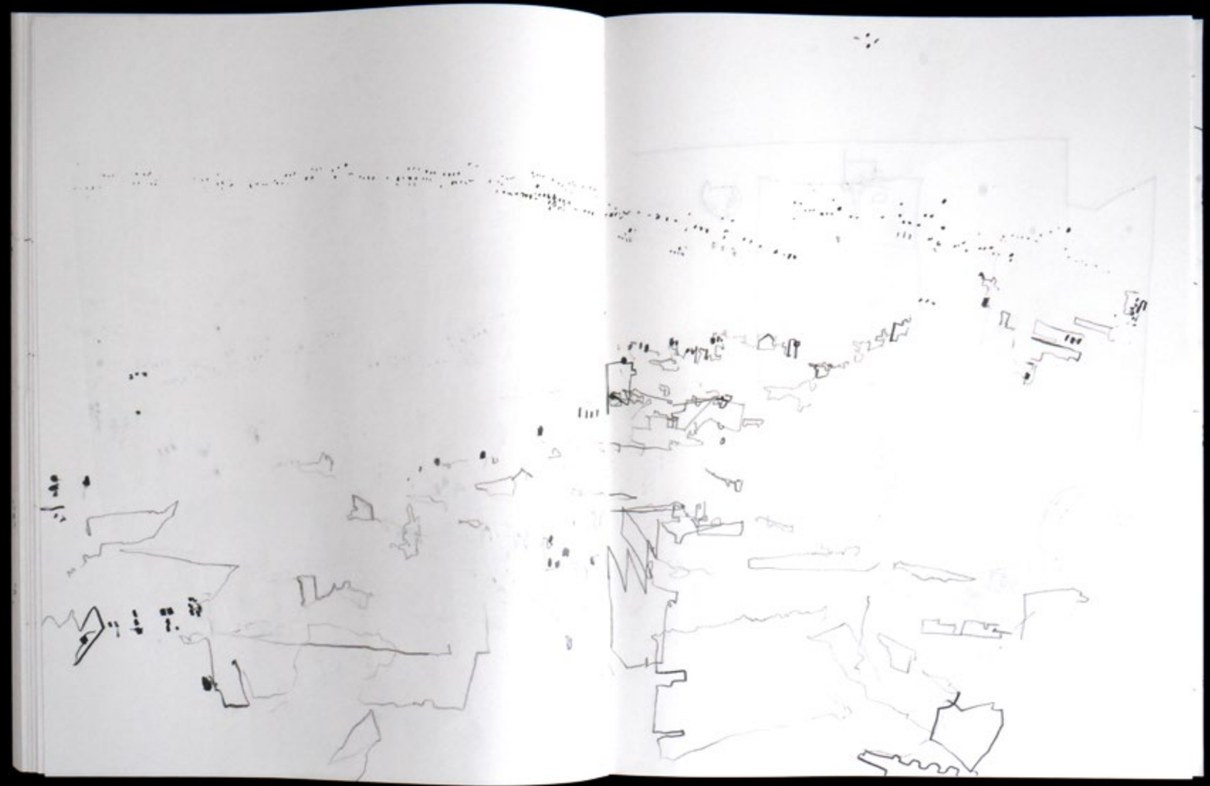
6ª pergunta: **Que medidas sugere para ajudar os trabalhadores / empregados / agentes / empresários a adquirir as capacidades / meios / receitas / instrumentos para retomar / desenvolver / criar estas atividades?**

Sem outras lembranças que poderiam porventura ser úteis em dias de eleições, creio que pensar nas respostas a estas e a outras perguntas como estas pode ser a chave para desconfinar as ideias, para um des-pensar do mundo, para um abandono, enfim, do anestesiado torpor com que nos preparamos para aguardar a tragédia que nos tirará da presente ordem política, igualando-nos, com sorte, na proximidade ao sofrimento.

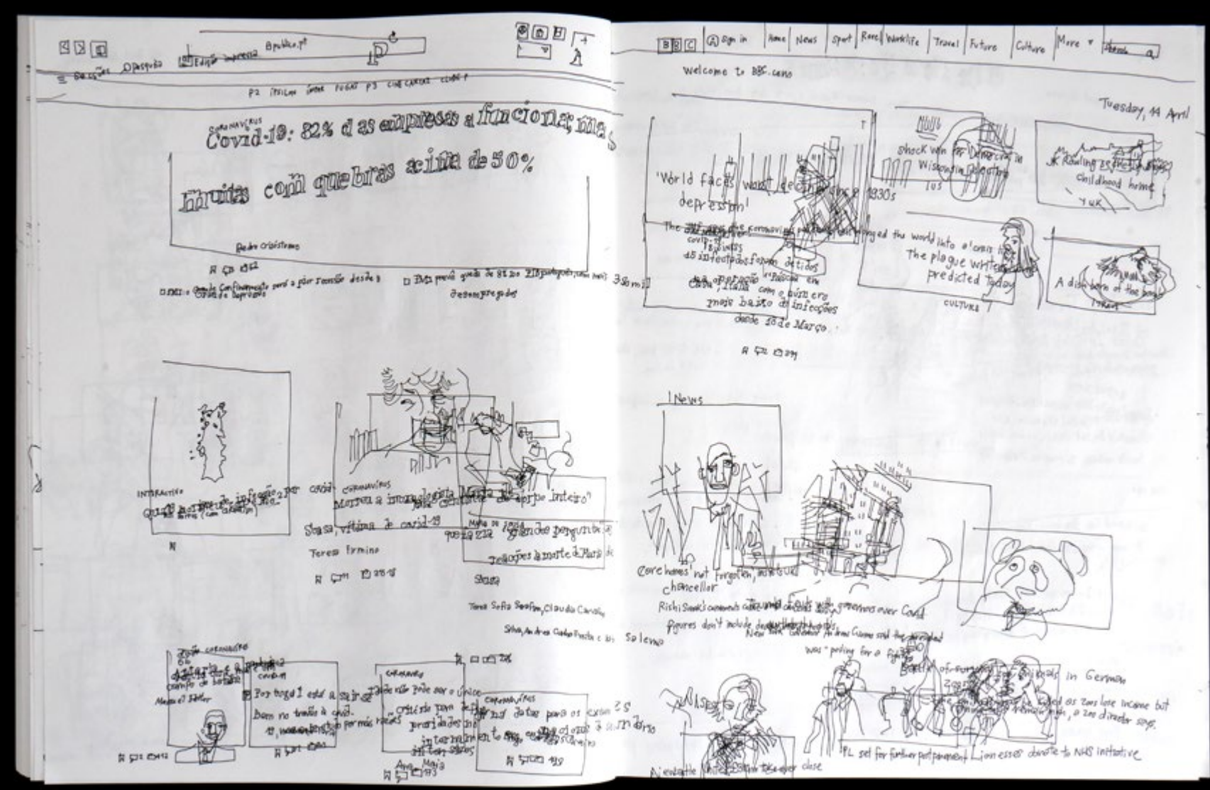
Caderno António Jorge Gonçalves

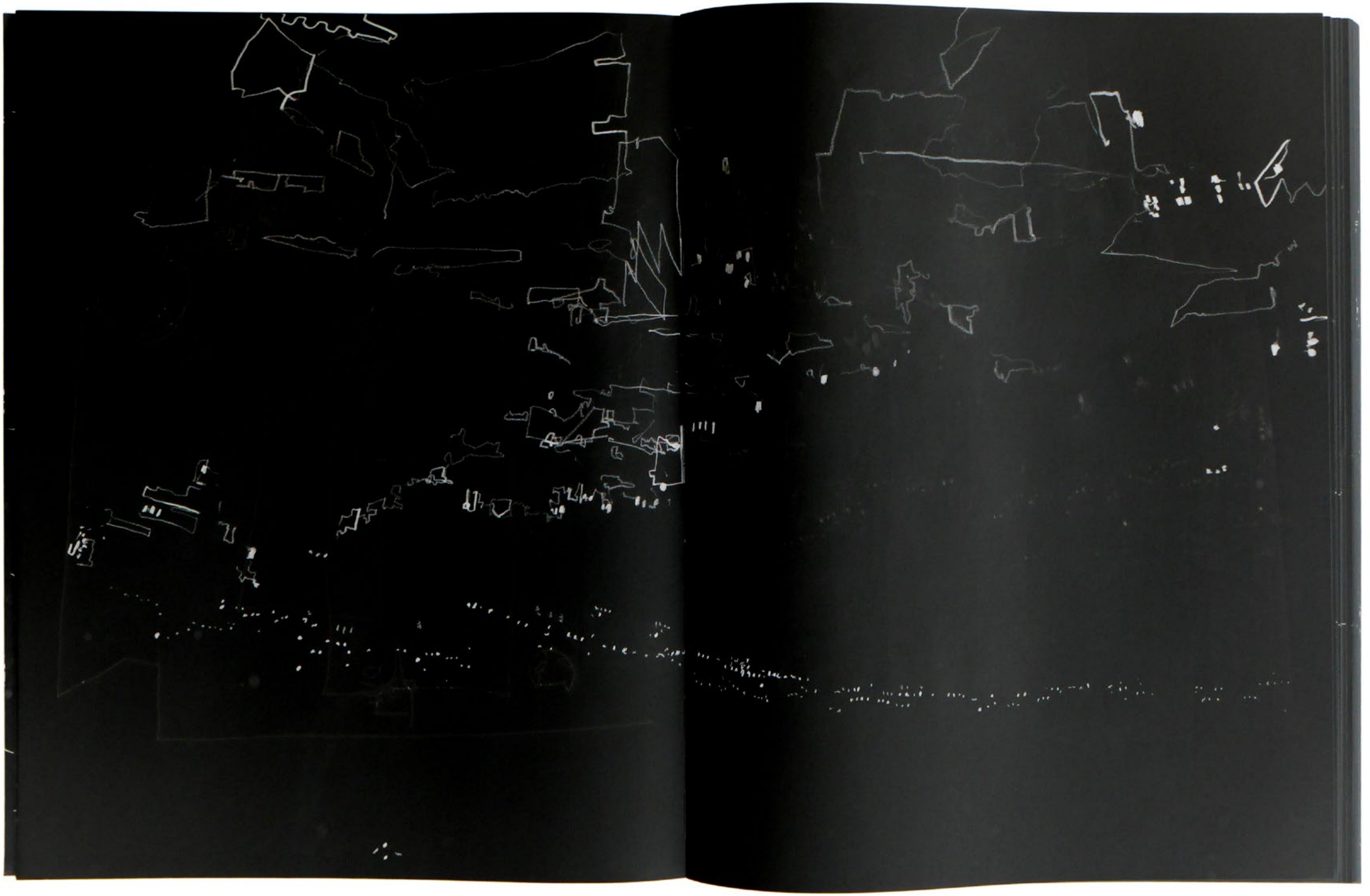


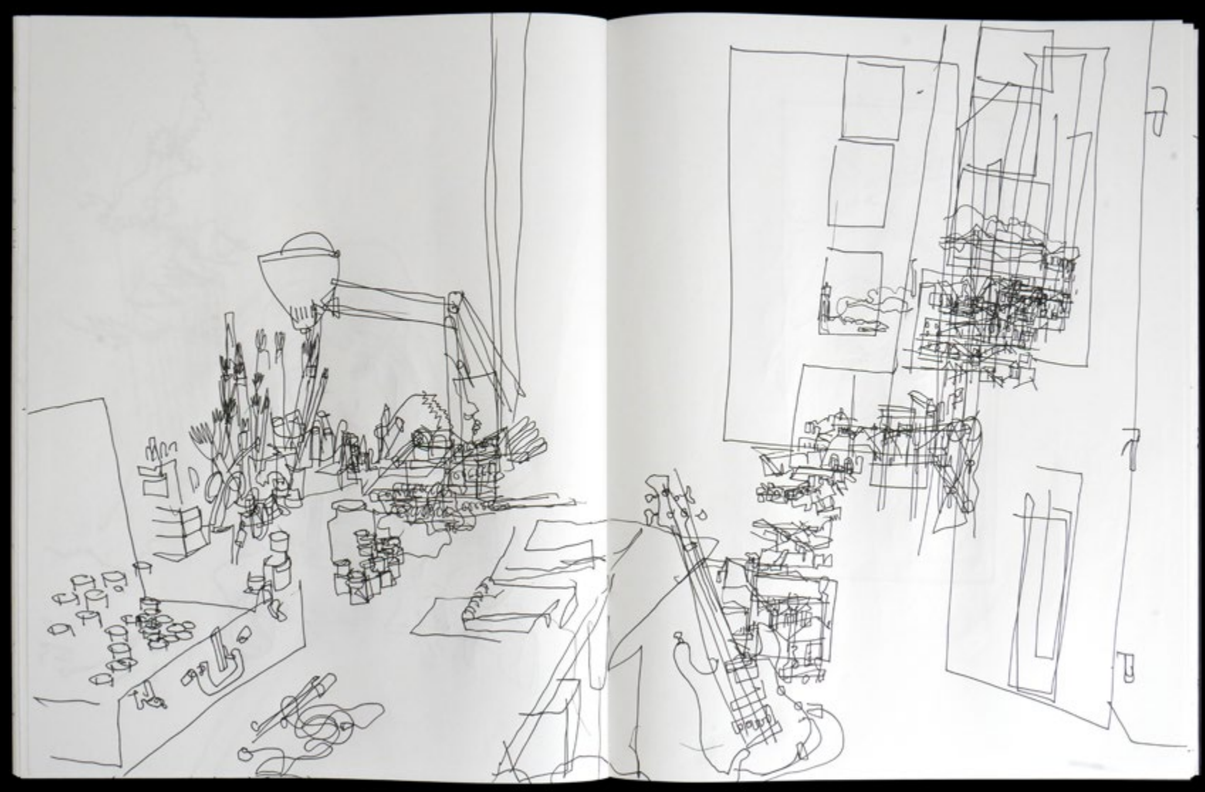


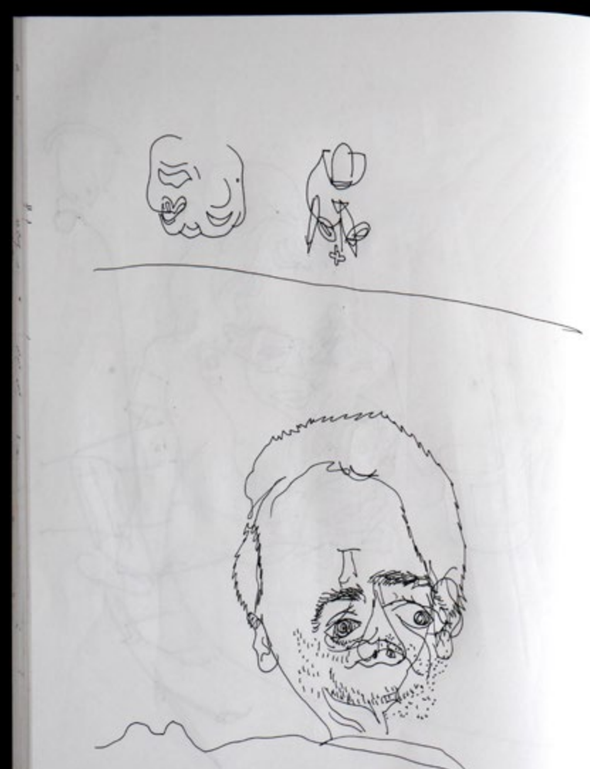


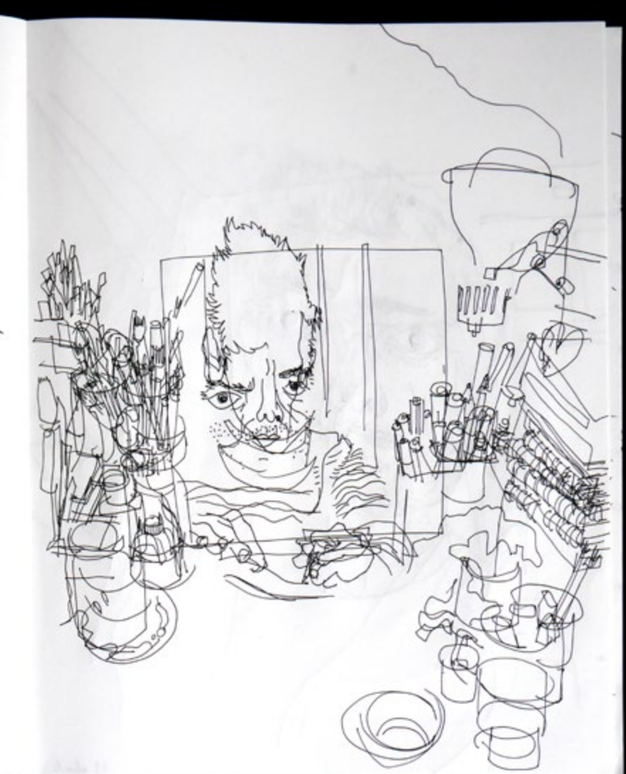
Speed Key View
Exit Full Screen
Leave Meeting

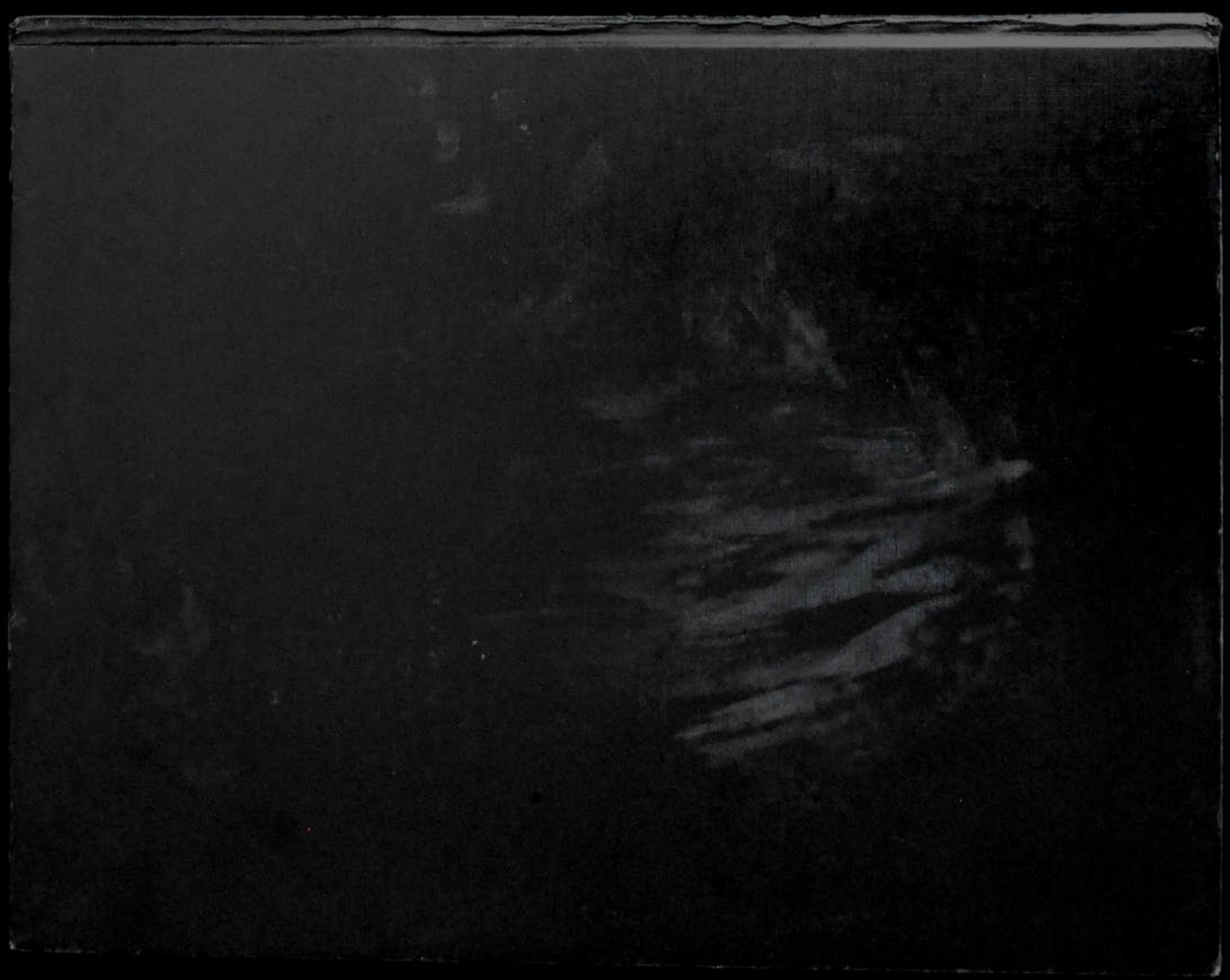

Covid-19: 82% das empresas a funcionar mas
muitas com quebras acima de 50%
Welcome to BBC.com
Tuesday, 14 April
News











Diário da Emergência Pré-Calamidade

Henrique Manuel Bento Fialho

terça-feira, 17 de março de 2020

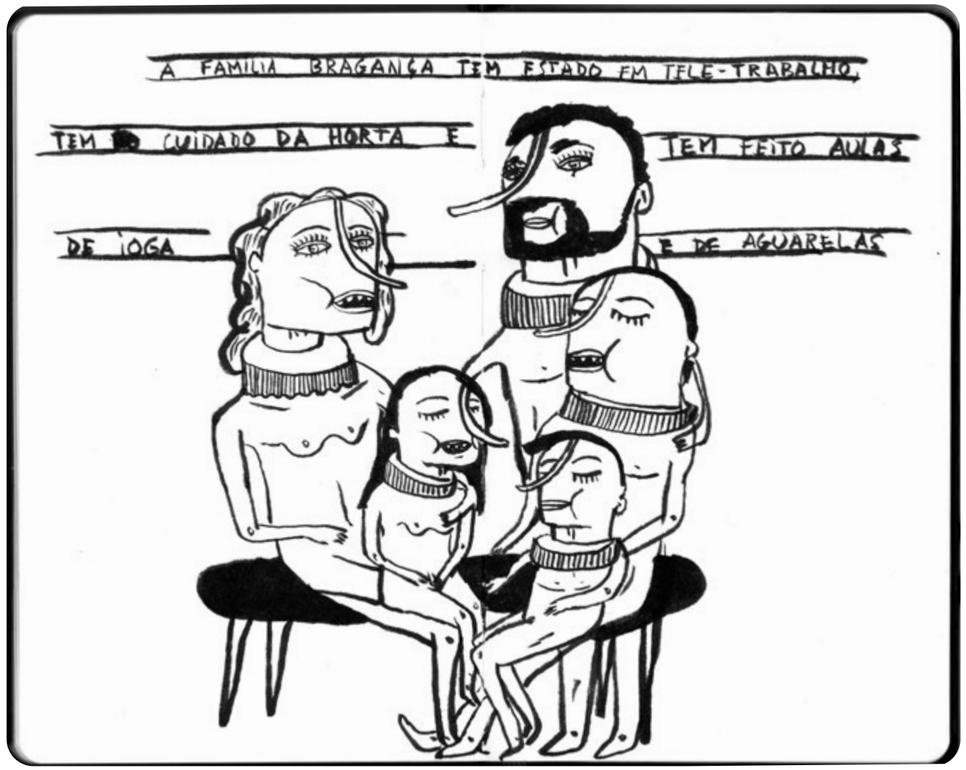
Saí para comprar tabaco. As lojas do bairro estão encerradas, à excepção de dois cafés, da mercearia e do restaurante de kebab. Caldas cumpre o cenário deprimente a que estamos confinados. Entrei na mercearia do bairro e abasteci-me de alho francês e pimentos, polpa de tomate, bananas. O pão estava esgotado. Cruzei-me com uma pessoa conhecida, não nos cumprimentámos. No café onde compro tabaco estavam três clientes em mesas consideravelmente afastadas umas das outras, um deles usava máscara. A empregada tinha luvas. Meti-me no carro para desenferrujar o motor, dei uma volta pelo quarteirão. Na rádio passava "O Primeiro Dia", do Sérgio Godinho. Deve ter sido a primeira vez que não gostei de ouvir aquele refrão. Isto parece uma cidade fantasma. No E.Lecrec havia fila à entrada, no Pingo Doce também, mais curta. Estacionei e esperei pela minha vez na fila, o segurança esticava as luvas, ajeitava a máscara, borrifava o ar com gestos convictos e aparentemente eficazes. Pareceu-me realizado e com espírito de missão. Ninguém ousou faltar-lhe ao respeito, subiu alguns degraus no seu estatuto de segurança num hipermercado. Parecia um daqueles polícias que vemos em séries do tipo CSI. A senhora do pão foi muito simpática, acabei por lhe comprar também brioches e pampilhos. Os melhores pampilhos são os do meu amigo Paulo, que está em Curitiba e vai ser pai pela segunda vez. Que lhe corra tudo bem. Regressei ao carro e devolvi-me ao lar, onde agora estou sentado a escrever enquanto escuto os meus vizinhos ciganos a jogar à malha. Nunca o som daqueles ferros a baterem no chão cimentado me soou tão melódico.

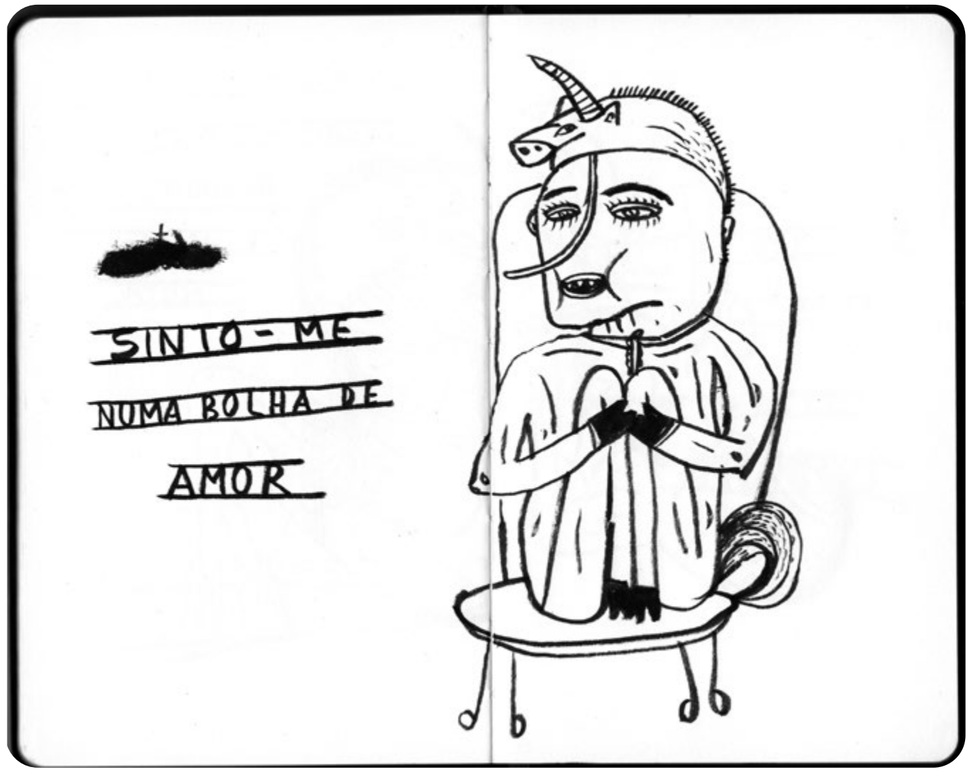
quarta-feira, 18 de março de 2020

Mantemos os despertadores programados na hora a que é costume levantarmo-nos, conferindo também desse modo alguma normalidade aos dias. Hoje tomei o pequeno--almoço na varanda, a observar os funcionários municipais que aparavam bermas e canteiros. Do lado direito do prédio há um terreno baldio que se conserva verdejante desde que para aqui viemos há vinte anos. Lembro-me de nos terem anunciado, à época, a construção de uma igreja nas imediações. Felizmente, nunca abriram os caboucos da malfadada igreja e os eucaliptos puderam crescer numa convivência anárquica com pinheiros e moitas. Algumas pessoas seguem a passo estugado com sacos de compras, vigiadas por bandos de rolas dissimuladas nos troncos das árvores, pombos aparentemente desorientados e o voo ameaçador das gaivotas. As gaivotas têm vindo a invadir paulatinamente a cidade, alguém terá que lhes tratar da saúde mais tarde ou mais cedo. Sou surpreendido por uma criatura arisca a cruzar o parque do bairro. Primeiro parece-me uma ratazana, depois suponho tratar-se de um gato, concluo por fim ser um coelho. Vejo-o esgueirar-se por entre os carros estacionados, para depois desaparecer entre as plantas do único canteiro que cumpre as funções para as quais foi concebido. É um canteiro de cactos, rosmaninho, fetos e hortênsias, homenagem involuntária à multiculturalidade dispersa pelos prédios do bairro. Quedo um bom quarto de hora a olhar para o canteiro, na esperança de que o coelho salte dentre as plantas e se escape para o terreno baldio do lado direito. Suponho que ficaria mais protegido no matagal que medra aos pés dos eucaliptos e dos pinheiros. Não salta. Cá de cima, na varanda, parecia-me mais pequeno e indefeso do que porventura será. Talvez lá de baixo ele me tenha julgado maior e mais seguro do que na realidade sou.

Da cronologia

Rui Vitorino Santos





sexta-feira, 20 de março de 2020

Foi um dia do pai atípico. Telefonei ao meu pela manhã, dei por mim a reconfortá-lo com o mal dos outros. Podia ser pior, se não tivéssemos um SNS que nos acode e um país que só para cegos de espírito pode ser chamado de terceiro-mundista. Calhou-nos agora primeiro, a "nós" que nos autoproclamamos de civilizados e culturalmente superiores. Dado a memória ser curta e a vista alcançar ainda menos, esquecemo-nos de que lá por fora o ébola e a cólera são ameaças permanentes. Temo pelos sem-abrigo, sem lar onde se recolherem, pelo viciado, sem carros para arrumar que garantam a dose diária, temo por quem não consiga permanecer em casa sem ver os pés a enterrarem-se num pântano de dívidas. O que vai ser dos feirantes, da rainha das farturas e dos tipos dos carrosséis? Somos um país de gente a viver à jorna, sem pé-de-meia e solas rotas. Temo por esses para quem o desespero é estar em casa. Nós seremos o persa da vizinha, a saltar de varanda em varanda. Ou o gato malhado do prédio defronte, estirado no umbral da janela a observar os pombos que aterram no parque vazio para depenicarem migalhas. Talvez a idade me tenha incutido um optimismo desmesurado, mas de que me vale não sê-lo nestes tempos em que se torna ainda mais evidente o quão frágeis, débeis e perecíveis somos? Varridas para debaixo do tapete as guerrinhas inúteis, ridicularizadas as vaidades mesquinhas, resta-nos valer uns aos outros na esperança de que alguém nos valha. Concentro-me na mensagem que a Matilde me deixou no Facebook, na fotografia onde nos abraçamos fortemente com a Nazaré em pano de fundo. Foco-me no desenho que a Beatriz fez de nós os dois, no cuidado que teve a pintar uma moldura velha onde surgimos rejuvenescidos pelo carvão do seu traço. Tento convencer-me de que a vida é simples como um destes gestos permite apurar. Não preciso tentar muito, estou convencido.

sábado, 21 de março de 2020

O dia amanheceu brumoso, com uma chuva tímida a inspirar sensações de higiene que as páginas dos jornais se encarregam de desmentir. A incúria de alguns líderes mundiais assume contornos de barbárie. O mais provável é virem a passar incólumes por entre os pingos, sem serem julgados pela irresponsabilidade, pela negligência, pelos gestos mafiosos, pela desumanidade. Não me eximirei de os acusar, mesmo reconhecendo o efeito insignificante das minhas acusações. É uma questão de salubridade mental. No topo da inconsciência encontramos alguém cujo nome se torna difícil de pronunciar sem que fiquemos com uma sensação de imundície na garganta. Insistindo na ideia peregrina de um "vírus Chinês", Donald ziguezagueia como mosca em torno de um monte de trampa. Tudo podemos esperar deste gangster, desde o negacionismo inicial ao aliciamento de um laboratório farmacêutico alemão, passando pela injecção de teorias conspirativas acerca de putativos ataques à economia norte-americana. Concentro-me na imagem de uma rola que, impávida e serenamente, se mantém quase oculta na ramada de um velho eucalipto. Temos muito a aprender com os animais, mais ainda com aqueles que conseguem escapar aos garrotes da domesticação. Invejo a serenidade da rola pousada no ramo, tento adoptar o mesmo sossego nos meus gestos quotidianos. Não abdico, porém, de pensar naqueles que no terreno se esforçam para garantir uma certa normalidade e nos levam a sentir vergonha da raiva com que censuramos a modorra e o tédio dos dias comuns. Uma distância enorme separa os que mais não têm senão o seu próprio umbigo daqueles que se mantêm ligados ao mundo por um cordão umbilical de partilha e de solidariedade. Não sendo os tempos propícios a clivagens, talvez de algum modo possam favorecer esta ideia: foi num tempo em que nos exigiram distância que mais próximos uns dos outros estivemos.

segunda-feira, 23 de março de 2020

Há dias revimos em família *Os Condenados de Shawshank*, pareceu-me apropriado para estes tempos de quarentena. Depois sonhei que também eu atravessava quinhentos metros de esgoto a caminho da liberdade, dando-me conta de que o vazadouro da minha imolação dá pelo nome de redes sociais. A diferença está na ausência de cheiro, e nos anéis perdidos que vamos encontrando pelo caminho. Pergunto-me se não seria preferível uma pneumonia transmissível por contacto cibernético. Um vírus que, muito simplesmente, nos confinasse ao silêncio absoluto, um pouco como naquele filme com a Sandra Bullock de olhos vendados. Exagero, como se perceberá. A ambivalência é o rosto desta crise. No sábado, por exemplo, apeteceu-me caminhar. Assim que meti os pés na rua acorreu-me a necessidade de reabastecimento de um bem essencial. Fui directo ao supermercado e aproveitei para, além de vinho, trazer peixe e batatas e gelado para as miúdas. Estranhei com sincero assombro a organização, o método, o respeito, a observância de um povo tantas vezes acusado de laxismo. Por outro lado, lembrei-me que aguentámos cinquenta anos de quarentena no século passado. Nada de novo, portanto. Acontece que agora o respeitinho é para bem de todos. E isto faz de mim, contra minha vontade, um predador de ternura. Sempre que saio à rua apetece-me abraçar toda a gente e inundar as pessoas com beijos, até a empregada do supermercado que me vendeu peixe podre. Lá dei o meu passeio a pé, em isolamento para não contaminar ninguém com a minha ambivalência. E fui pensando em coisas parvas, como num Index Musicorum Prohibitorum, enquanto assobiava o *Encosta-te a Mim* do Jorge Palma. Chegado a casa, desinfectei o corpo com uma ensaboadela geral. O dia da poesia foi o mais difícil de todos. Não por ter sido da poesia, mas por causa de uma publicação que as minhas irmãs se lembraram de fazer. Dou com o meu pai e a minha mãe numa fotografia, rodeados da equipa com que há 37 anos nos governam a partir de uma loja na vetusta, mas cada vez mais desértica e abandonada, rua das montras de Rio Maior. Vendem peúgas, calças, cuecas, camisas, e tudo o que demais precisamos para cobrir um corpo. Não vendem máscaras, até ver. Na *República* de Platão eram três as necessidades básicas: comida, abrigo e roupa. Dois mil e quinhentos anos depois mantém-se a comida no topo da pirâmide. Farmácias e bancos encarregar-se-ão do resto. Perdoem-me que discorde. Necessidade mais básica do que os meus pais não tenho. Desconfio que não seja por outra que agora quedamos fechados em casa, contribuindo, paradoxalmente, para um céu menos poluído e, talvez, um futuro mais equilibrado. Apesar da tormenta dos mercados.

quinta-feira, 26 de março de 2020

Pensei que talvez fosse boa ideia contemplar o Atlântico depois de tantos dias fechados em casa. Temendo desrespeitar as regras do estado de emergência, ligámos para a PSP a indagar sobre direitos no usufruto de miradouros e belvederes. O senhor agente deve ter-nos julgado tontos, rematando prontamente a conversa com uma nega tonitruante. Somos um ajuntamento. Ainda pensei fintar a classificação distribuindo o mal por freguesias, que é como quem diz dois em cada viatura, mas logo a consciência pesou tanto sobre os ombros que a cervical voltou a resmungar. A quem mais ouvi dizer que este país precisava de um Salazar em cada esquina ouço agora protestos e divirto-me com as desculpas ensaiadas para fintar os mandamentos da autoridade. Acabámos a ver passar navios da varanda cá de casa, uma família de quatro. Não posso dizer que se esteja mal, apesar de ao fim de tantos dias confinados o ajuntamento começar a parecer uma multidão. Cabe a cada um a missão de tornar o espaço amplo respeitando os tempos do outro, imprimindo ritmos ao dia que não os desvirtuem da normalidade outrora contestada. «Se tivesse que viver um filme, ao menos que fosse um musical», desabafa a Ana, antes de eu enfiar os auscultadores nos ouvidos para escutar repetidamente a *Polonesa Heróica* de Chopin. Arruinada a pouca reputação que me restava com parvoíces nas redes sociais, socorro-me de um pianista polaco para recuperar alguma consideração. Leio na Wikipédia, inescrutável fonte de erudição, que o tal de Chopin morreu rodeado de amigos. Eu também estou rodeado de amigos, uns espalhados ao longo das paredes de casa, outros nas estantes atoladas de livros, e ainda aqueles que sem se fazerem notar neste modo imaterial de estar vão dando conta de si rumorejando o desejo de um reencontro. Quando isto passar, dizem. E dentro de mim despontam personagens de quando e como isto era antes de ter começado a ser, o psicólogo de Arnaldo aconselhando-lhe vida própria, que o trabalho não podia substituir a vida, era preciso espairecer, estirar as pernas sobre a relva dos parques, desfrutar do convívio numa esplanada em tarde soalheira. E Arnaldo a olhar para a lista interminável de números no telemóvel sem encontrar um a quem achasse valer a pena ligar, hesitando, adiando, protelando para épocas de folguedo um simples "como tens passado?". E o psicólogo a pensar na falta que lhe faz Arnaldo. Não se está mal na varanda, a espreitar a roupa dos vizinhos nos estendais e a contar gaivotas no céu. Há dias pareceu-me ter avistado um milhafre a pairar nas alturas, enquanto cá em baixo um láparo se ocultava entre as piteiras. Barrico-me na varanda como um gato a mirar melros, pintassilgos, pardais, pombos, rolas... Bem queria encontrar lesmas, Rita, mas para tanto basto eu.

quarta-feira, 1 de abril de 2020

Fui despertado pelo vento a roçar-se nos estores. Ontem, enquanto fumava um cigarro na varanda e contava as peças de roupa no estendal da vizinha do prédio da direita, pressenti o temporal numa nuvem negra que se avistava ao largo. Pode ser que a trovoada anuncie boas notícias. Duvido. Têm estado umas manhãs maravilhosas em Caldas da Rainha, fenómeno raríssimo na mais britânica das regiões portuguesas. Quase me apetece apostar que choverá a cântaros quando derem a clausura por concluída e nos carimbarem o direito a pôr os pés fora de casa sem prestar contas ao divino Espírito Santo. Talvez devesse apostar. Com a sorte que tenho, perderia a aposta mas ganharia uma épica libertação tingida de sol, luz e ar puro. Escrevo ao som de Ravel, não do *Bolero* mas da *Tzigane*. Grande malha. Aproveito as horas mortas para redescobrir a discografia cá de casa, ao mesmo tempo que reviro as estantes abarrotadas e dou com inúmeros livros por ler. Salto de livro em livro sem prosseguir na leitura, prática que nunca tive e de algum modo me repugna. É como deixar comida no prato, um desperdício, um insulto aos subnutridos deste mundo. A excepção foi *A Mulher do Meio*, de Ivone Mendes da Silva. Não sei se há boas e más conjugações astrais para lermos determinado livro, mas parece-me existir algo de misantrópico neste período da nossa história colectiva que acaba por favorecer os gestos simples e solitários, de resistência ao desencanto, com que as entradas d'*A Mulher do Meio* nos brindam. A Ivone escreve sem vírgulas, a escrita flui naturalmente, as gralhas e os lapsos conferem aos seus aforismos diarísticos uma sedutora autenticidade. Traçamos o perfil de quem nos escreve à medida que avançamos, sem que tal seja particularmente relevante para que desejemos continuar a avançar. Professora, divorciada, mãe, voluntariamente isolada no seu mundo doméstico temperado a chá, socialmente distante: «Trato a distância como um tesouro frágil. Protejo-me dos encontros e do ruído» (p. 53). A actualidade de distanciamento social politicamente infligido oferece uma ironia profética a algumas entradas. Inofensivos, estes textos omitem quanto de desconforto há do ser para consigo mesmo. Tal refreamento é uma vantagem para o leitor. À distância, "a mulher do meio" caminha, cumprimenta, observa os outros, conservando-se igualmente distante para com quem partilha a lassidão quotidiana. Está entre qualquer coisa que se revela sem se confessar e qualquer coisa que se partilha sem se expor. Quando a Matilde terminar *Os Maias* hei-de emprestar-lhe *A Mulher do Meio*. As miúdas saíram para uma caminhada breve, como ordenam os regulamentos. Ainda não haviam passado dez minutos, estavam de regresso. Uma sacristã mais papista do que o papa, devidamente ajaezada na sua farda de PSP, remeteu-as ao lar com o argumento de que não entendiam a gravidade da situação. Metidas num apartamento há três semanas, as pobres coitadas devem ter ficado traumatizadas. O conceito de passeio higiénico adquiriu todo um novo significado com o excesso de zelo da senhora agente: é uma espécie de banho de água fria, rápido e altamente desconfortável. À noite revimos *O Piano*, outra história dramática com final feliz para educação sentimental de reclusos em desespero. Continuo a gostar da banda sonora do Michael Nyman, mas o que mais me impressionou desta vez foi a interpretação de Holly Hunter. O que será feito dela? Depois de *Crash* perdi-lhe o rastro.

sábado, 4 de abril de 2020

Entre as diversas ocupações que podemos desenvolver durante a quarentena, contar grãos de sacos de arroz é uma delas. Ler todos os volumes de *Em busca do tempo perdido* será outra. Eu fico-me por tentar responder a um questionário de Proust. Eis o resultado:

Qual é a sua ideia de felicidade plena?
Um sono descansado, profundo, silencioso.
Qual é o seu maior medo?
Perder um filho.
Qual é a característica que mais detesta em si mesmo?
Insegurança.
Qual é a característica que mais detesta nos outros?
Soberba.
Que pessoa viva mais admira?
Admiro predicados, não admiro sujeitos.
Qual é a sua maior extravagância?
Banhos demorados. Muito demorados.
Qual é o seu estado de espírito mental?
Pessimismo da razão, optimismo da vontade. Respiguei-o no exemplo de vida de um indivíduo que tinha tudo para ser apenas pessimista: Antonio Gramsci.
Qual considera ser a virtude mais sobrestimada?
A coragem.
Em que ocasiões mente?
Quem conta um conto acrescenta um ponto.
O que menos gosta na sua aparência?
Penugem por todo o lado.
Que pessoa viva mais despreza?
Todas as pessoas que desprezem pessoas.
Qual a característica que mais aprecia nos homens?
A rectidão.
Qual a característica que mais aprecia em mulheres?
Esfericidade.
Que palavras ou frases usa excessivamente?
Estou farto desta merda toda.
O quê ou quem é o maior amor da sua vida?
Isso não é pergunta que se faça a um homem.
Onde e quando foi mais feliz?
Sempre que consegui sair de mim mesmo.
Dormindo profundamente, por exemplo.
Que talento mais gostaria de ter?
Funambulismo.
Se pudesse mudar uma característica em si, o que seria?
Mudaria a minha total inaptidão para ganhar dinheiro.
Qual considera ser a sua maior conquista?
Sou um falhado, pá, nunca conquistei nada na vida.
Se morresse e voltasse, que pessoa ou coisa seria?
Seria uma coisa a modos que ociosa. Ou um piano nas mãos de Khatia Buniatishvili.
O que mais valoriza nos seus amigos?
A amizade.
Quem são os seus artistas favoritos?
Os de circo.
Quem é o seu herói da ficção?
O homem que matou Liberty Valance.
Com que figura histórica mais se identifica?
Com o Adriano da Yourcenar, que a certa altura diz: «O nosso grande erro é querer encontrar em cada um, em especial, as virtudes que ele não tem e desinteressarmo-nos de cultivar as que ele possui.»
Quem são os seus heróis da vida real?
Todos aqueles que aprendem a dar sem necessidade de cobrar ou de receber pelo que deram.
Quais são os seus nomes favoritos?
Os das operações policiais.
Do quê é que menos gosta?
Que me tomem por parvo quando na realidade o sou sem sequer se aperceberem que tendo consciência de que o sou sei bem quando me estão a tomar por parvo.
Qual é a sua aversão de estimação?
Gente racista, machista, homofóbica.
Qual é o seu maior arrependimento?
Sofrer por antecipação.
Como gostaria de morrer?
Todo fodido, de preferência. Dizia o Al Berto, e eu concordo: «sei que darei ao meu corpo os prazeres que ele me exigir. vou usá-lo, desgastá-lo até ao limite suportável, para que a morte nada encontre de mim quando vier».
Qual é o seu lema de vida?
«A vida não é maneira de tratar um animal», dizia o Kurt Vonnegut e eu concordo.
Qual considera ser o seu maior infortúnio?
Ora porra, ter nascido. Para a minha mãe foi mais difícil.
Como gostaria de ser?
Como o homem da harmónica no duelo final.
Qual é a sua asneira favorita?
Foda-se.
Onde gostaria mais de viver?
Fora de mim.
Qual é o bem mais valioso que tem?
Como a família não tem valor, direi que é um terceiro andar junto ao bairro dos ciganos em Caldas da Rainha.
Qual considera ser a maior profundidade da miséria?
Ó Proust, que pergunta de merda é esta?
Qual é a sua ocupação favorita?
Ouvir música.
Qual é a sua característica mais assinalável?
De mim já disseram que sou besta, lombriga, água-choca, brutinho, sabujo, verme, resto de restos, caçador frustrado, ténia, etc. Dentre todas estas características, prefiro a de verme. Tem inspirado muitos e (alguns) bons poemas.
Se Deus existisse, o que gostaria que ele lhe dissesse?
Tu vai dormir, pá.

quarta-feira, 15 de abril de 2020

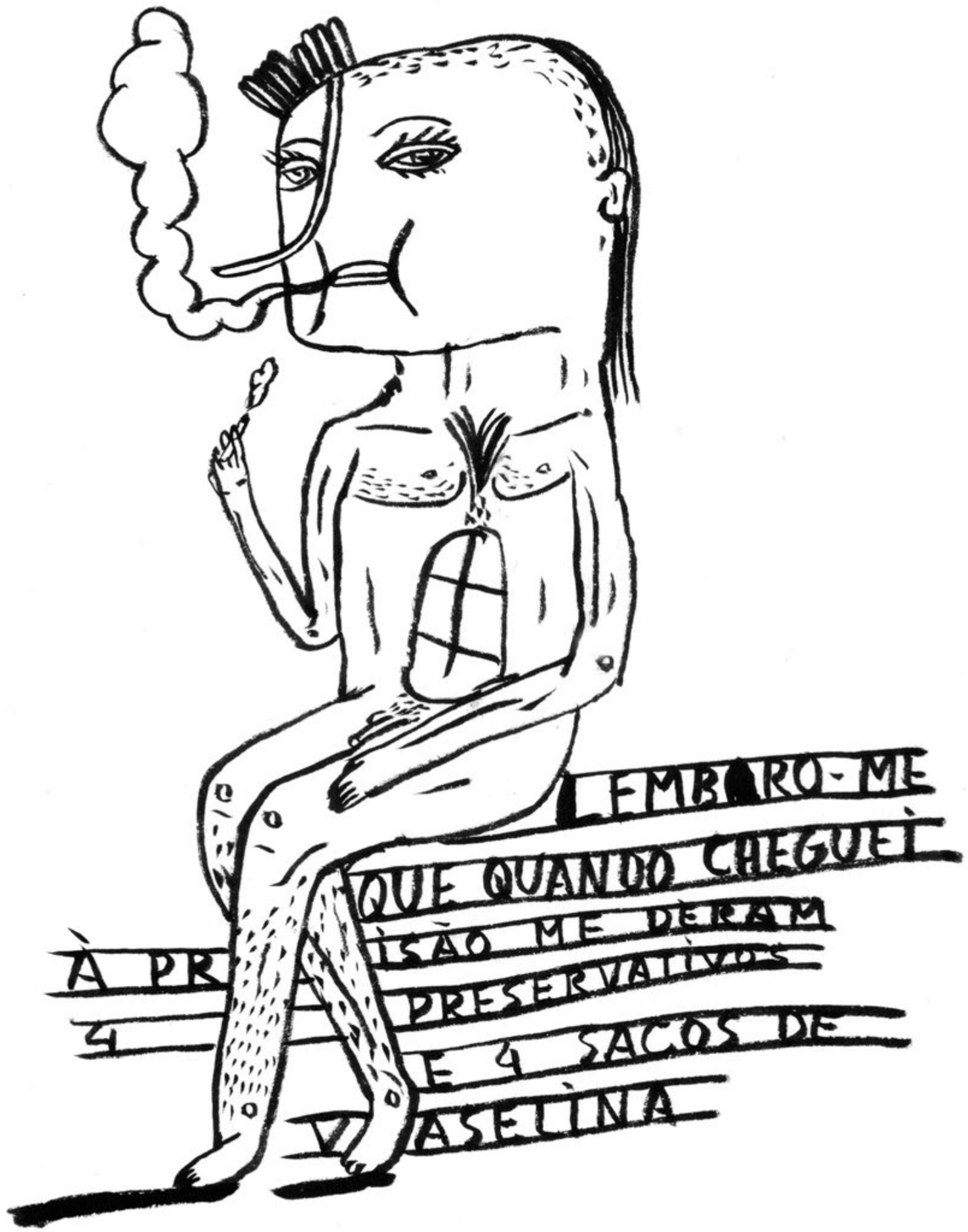
As gaivotas andam loucas, de dia para dia ameaçam tomar conta do bairro. Detesto gaivotas, a sorte delas é ninguém as querer comer. Mas elas atacam os pombos. Não tivesse eu fobia a pássaros, importaria bandos de águias para darem cabo das gaivotas. Sou como os gatos que assomam às varandas para contemplarem as suas presas. Mesmo enclausurado, não deixo de contemplar as minhas presas. É exercício que me oferece a ilusão de uma certa liberdade. Passa-se exactamente o mesmo na vida em rede. Somos reclusos a cumprir pena por crimes de que nos julgamos injustamente condenados, mas nem por um segundo deixamos de espreitar inimigos através das assépticas janelas virtuais que nos conservam obedientes e cumpridores garantindo... distanciamento social. Infelizmente, não temos a inteligência dos gatos. Guerreamos sem garras nem dentes, apenas palavras domésticas, esbatidas, cansadas, dolentes. Que digo eu? As palavras parecem-me todas iguais por estes dias, tudo me parece repetido e entediante, monótono, fastioso, aborrecido. Sem a vida das ruas, é como se as palavras começassem a patinar na sua própria história perdendo sentido e significado. A experiência atribui-lhes um travo a selvajaria, reforça-as e reanima-as de crueldade, matiza-as de duplos e triplos e brutos sentidos. Domesticadas, redundam anódinas como gatos ronronantes em varandas mil e uma vezes varridas ao longo de um dia, outro dia, mais um dia. Como se não bastasse fecharem-nos em casa, querem-nos agora de máscara no rosto. Odeio tanto as máscaras como detesto gaivotas. Quando criança, minha mãe mascarava-me por alturas do carnaval e exigia-me que eu fosse feliz. Sofria com as gargalhadas burlescas do entrudo como uma criança sofre quando é castigada no meio da sala de aula. Gerou-se dentro de mim um nojo a máscaras e um medo de mascarados do qual nunca mais me refiz. Agora querem que me mascare, dizem que é para meu bem. Tento distrair-me desta paranóia sanitária, que mete todos a cuidarem de todos, refugiando-me entre o pó dos livros, mas não consigo ler, a concentração resvala amiúde da página para o necrológio em que o mundo se transformou. Pego na guitarra e improviso melodias ao som de trovoadas, os relâmpagos iluminam-me as noites, saio para caminhar 4000 passos, imiscuo-me no vazio das ruas da cidade vislumbrando em plena noite um indivíduo com óculos escuros a caminhar aos esses, regresso a casa ao som de “Peer Gynt” e com a preocupação antecipada de higienizar as mãos antes de voltar a tocar nas minhas filhas. Há dias aproveitámos o dia mundial do beijo para rever “Cinema Paraíso”, do Giuseppe Tornatore. Quem se recorde da sequência final perceberá o vínculo, quem a tiver olvidado poderá procurá-la onde tudo se encontra com a maior das facilidades. Só duas coisas não se encontram na Internet, aromas e texturas com que entreter os mais sacrificados dos sentidos. Além da sequência dos beijos, há aquela cena do filme em que Alfredo, já cego, pede a Toto que o leve a passear até ao mar. Tornatore enquadra o diálogo entre os dois amigos com imagens de âncoras espalhadas pelo cais. Não são meros adereços, são uma espécie de coro com a função dramática de nos anunciarem o afastamento de Toto das suas raízes, a necessidade de se libertar partindo, saindo, deslocando-se na direcção de um futuro que não obrigue a olhar para trás, sem nostalgia nem a melancolia arrastada de uma saudade tão nossa. Nunca desesperei tanto por momento igual.

sexta-feira, 17 de abril de 2020

Espero pela Ana à porta da praça improvisada no pavilhão da Expoeste. Não entro porque não consigo usar máscara, julgo preferível manter-me distante a arriscar um ataque de pânico. Vejo pessoas com máscaras no queixo. Outras, mais originais, penduram as mascarilhas nas orelhas como se fossem brincos. Suponho que algumas senhoras aproveitem para comentar as máscaras umas das outras como antes comentavam adereços e indumentária. Não entendo por que não enfiam luvas no nariz.

domingo, 26 de abril de 2020

Dei com uma senhora muito bem penteada na fila do Staples. Equilibrava-se invejavelmente sobre uns saltos que eu desaconselharia a qualquer ser humano, até porque sofro de vertigens. Fiquei a pensar onde teria arranjado o cabelo. Atrás dela estava outra senhora, não tão produzida, mas com uma máscara que me deixou cismático. Quando era miúdo tinha dificuldade com os atacadores. Já mais crescido, meu pai perdeu horas a tentar educar-me em nós de gravatas. Em vão as perdeu. Imagino que deva ser necessária muita destreza para usar uma máscara com aquele aparato, dois laços apertados em triplo nó atrás da cabeça. Eu continuo em pânico com as máscaras. Já experimentei uma viseira e senti-me como uma personagem do filme "Massacre no Texas". Se me vir obrigado a andar com uma coisa destas, acho que vou prolongar a quarenta para lá da quarentena. Só sairei de casa quando houver vacina. E me medicarem contra a agarofobia.



domingo, 3 de maio de 2020

O mal é dos chineses, ninguém os manda comer morcegos.
O mal é dos americanos, não tinham nada que invadir o Iraque.
O mal é da União Europeia, que deixam entrar toda a escumalha.
O mal é dos russos, que são russos.
O mal é da Internet e das notícias falsas e das redes sociais, que só servem para manipular os homens.
O mal é do ser humano, especialmente dos russos, que só sabe destruir o planeta.
O mal é dos árabes, que são uns fanáticos.
O mal é dos ciganos, que não fazem a ponta de um corno (excepto quando é para fazer mal).
O mal é dos pretos, que não querem trabalhar.
O mal é dos judeus, que têm a mania que são bons.
O mal é da Igreja, que anda a prometer paraísos no céu e se alia ao diabo na terra.
O mal é dos índios, que não querem ser civilizados.
O mal é do socialismo, que não quer trabalhar (tal como os pretos).
O mal é dos fascistas, que são fascistas.
O mal é dos liberais, que com tanta liberdade acabam por abrir caminho para os fascistas.
O mal é do 5G, que eu ainda não percebi bem o que é mas de certeza que não é coisa boa.
O mal é dos ambientalistas, sobretudo daquela gaiata desaparecida em combate a quem roubaram o futuro.
O mal é da ganância dos homens, sobretudo se forem chineses.
O mal é dos políticos, que são todos uma cambada de corruptos (quer factura?).
O mal é dos abstencionistas, que não querem saber disto para nada e só sabem queixar-se.
O mal é da indústria farmacêutica, que anda a contaminar as pessoas para que fiquem doentes e tenham de comprar medicamentos.
O mal é da indústria militar, que mete toda a gente em guerra (especialmente os pretos e os árabes).
O mal é dos jornalistas, que são uns vendidos.
O mal é do capitalismo, que explora os pobres para engordar os ricos.
O mal é dos bancos, que só sabem roubar.
O mal é dos ladrões, que estão todos nos bancos.
O mal é do álcool, que deixa as pessoas assim.
O mal é da droga, que deixa as pessoas assado.
O mal é da prostituição, que dá cabo das famílias.
O mal é dos padres, cambada de pedófilos.
O mal é dos paneleiros, que o cu é deles.
O mal é dos filósofos, que andam a desviar a juventude há 2500 anos (pelo menos).
O mal é dos poetas, que são piores que ciganos.
O mal é dos doutores e engenheiros, que a educação já não é o que era.
O mal é dos professores, que não sabem ensinar.
O mal é da poluição atmosférica, é dos aviões que andam no ar a pulverizar o planeta, é das gasolineiras e da companhia do gás e da EDP e das telecomunicações e dos carteiros...
Eu? Eu não faço mal a ninguém. Nem a uma mosca.
Esqueci-me de que o mal também é das moscas. Ah pois é.

Topor.

Passos de voluptuosa dança na travagem brusca

Edição #0
Maio 2020
Publicação trimestral online, em pdf e impressa
ISSN (pendente)

Director João Paulo Cotrim
Direcção de arte José Teófilo Duarte
Design DDLX – José Teófilo Duarte, Claudio Fernandes, João Silva
Produção executiva Isabel Amaral
Revisão Inês Fonseca Santos
Suporte informático is4web

colaborações
Afonso de Melo, Alberto Picco, Alberto Pimenta, Alex Cortez (Poetas do Povo), Alexandre Martins (Lugar do Real), Ana Freitas Reis, Ana Jacinto Nunes, Ana Marques, Ana Paula Inácio, Ana Teresa Sanganha, André Carrilho, André Lico, André Ruivo, Andrea Ragusa, António de Castro Caeiro, António Gonçalves, António Jorge Gonçalves, António José Caló, António Mega Ferreira, Antonio Prete, Bárbara Fonte, Bruno Ferreira, Bruno Portela, Carlos Alberto Machado, Carlos Barão, Carlos Guerreiro, Carlos Morais José, Carlos Pimenta, Carlos Querido, Carolina Amaral, Cioran, Clara Caldeira, Cristina Sampaio, Daniela Gomes, David Soares, death_by_pinscher, Dorianne Laux, Edgar Libório, Edgar Massul, Edgar Pêra, Ernesto Rodrigues, Fernando Fonseca Santos, Fernando Martins, Fernando Sobral, Filipe Homem Fonseca, Flávio Andrade, Francisco Miguel Valada, Francisco Resende, Francisco Vidal, Gianfranco Ferraro, Gonçalo Duarte, Graça Ezequiel, Henrique Manuel Bento Fialho, Inês Fonseca Santos, Inês Maria Meneses, Isabel Olivença, Jas, Jibóia, Joana Bernardo, João Azevedo, João Fazenda, João Freire, João Lucas, João M. Nogueira, João Maio Pinto, João Paulo Esteves da Silva, João Queiroz, João Rios, João Romão, Jorge dos Reis, Jorge Nogueira, Jorge Silva, Jorge Sousa Braga, José Anjos, José Carlos Almeida, José Gardeazabal, José Luiz Tavares, José M. Rodrigues, José Ricardo Nunes, José Vilhena, José Xavier Ezequiel, José Emílio-Nelson, Júlio Moreira, Louise Dupré, Lourenço da Câmara Lomelino, Luljeta Lleshanaku, Luís Afonso, Luís Bento, Luís Brito, Luís Carmelo, Luís Gouveia Monteiro, Luis Manuel Gaspar, Luís Vilhena, Luísa Ferreira, Luiz Fagundes Duarte, Mantraste, Manuel Rodrigues, Manuel San Payo, Manuela Pimentel, Márcia Balsas, Mário Gomes, Matilde Campilho, Matilde Lisaluv Brás, Miguel Bretiano, Miguel Feraso Cabral, Miguel Martins, Mimi Tavares, Mira Pardelha, Mónia Camacho, Nuno Miguel Guedes, Nuno Viegas, Paulo da Costa Domingos, Paulo José Miranda, Pedro Caldeira Rodrigues, Pedro Dias de Almeida, Pedro Cotrim, Pedro Fradique, Pedro Macedo, Pedro Pousada, Pedro Proença, Pedro Saraiva, Pierre Pratt, Rainer Maria Rilke, Raquel Serejo Martins, Ricardo Gil Soeiro, Ricardo Salomão, Rita Ann Higgins, Rita Taborda Duarte, Rui B. Ramos (Lugar do Real), Rui Cascais, Rui Garrido, Rui Olivença, Rui Pereira, Rui Rasquinho, Rui Silvares, Rui Vieira, Rui Vitorino Santos, W. S. Merwin, Sal Nunkachov, Sandra Filipe, Sandra Martins, Sara Anahory, Sara Baliza, Sérgio Godinho, Simão Palmeirim Costa, Susanne Kinsolving, Tiago Albuquerque, Tiago Galo, Tiago Inuit, Tiago Manuel, Tomás Vasques, Valério Romão, Vasco Gato, Vasco Rosa, Viriato Teles, Vítor Sousa, Vitorino Nemésio

www.abysmo.pt
www.facebook.com/abysmo-191314870941418
www.ddlx.pt

abysmo
Rua da Horta Seca, 40 r/c
1200-221 Lisboa

EDITORIAL JOÃO PAULO COTRIM

Apenas para uns quantos, é certo, estavam instaladas as condições essenciais para poder ir a qualquer lado sem sair do sítio. A pandemia, por via do medo e das forças de vária ordem, tornaram-no óbvio. Janelas e ecrãs mesclaram-se de tal maneira que os mundos se contaminaram, que o dentro e o fora, o longe e o próximo desataram a dançar. Temos meios para que seja mais vezes assim, mas por instantes o confinamento transfigurou-se lente de aumentar. E o tempo estava feito num nó. O *flâneur* incauto viu logo li na varanda o princípio do fio do horizonte. E cedeu à diletância, uma imensa sede por saciar, a sombra por companhia. Na noite cortesmente obscura teimavam em brilhar umas quantas luzes – estrelas, planetas, cometas, buracos, negros, galáxias, objectos voadores de variada espécie e género. Bastava puxar o fio das redes para as alcançar e fazer de caminho no desconexo.
Abra-se de imediato espaço para agradecimento das muitas generosidades, abrindo com a das colaborações, que ultrapassaram em muito as entregas, foram estímulo e parceria, e nisto contam que arriscaram envios não solicitados e sugestões produtivas, e no final os leitores que arriscaram comentário e muito entusiasmo, não menos produtor.
Os objectos brilhantes de variada espécie e género possuíam voz. Mais de centena e meia de olhares e reflexões, de poemas e fotografias, de ficções e melodias estamos em condições de propôr, resgatado ao efémero, este **retrato mínimo dos dias**. Desfocado, desequilibrado, imperfeito. Estamos no reino do traço rápido, da sugestão, da ideia primeira, do orvalho. Do aforismo, da crónica e do diário, desenhado ou passado a limpo. Alguns ensaios vão ao osso, certa pintura foi apanhada em processo, a gaveta abriu-se para deixar sair os sentidos que palpitavam, alguns álbuns estavam previstos florescer nesta primavera.

Alguns tropeçaram em Topor no dizer do nome da revista, invocando deliciosamente enorme criador que cruzava as formas para dizer do absurdo, das trevas. Mas também da liberdade, da alegria.

Em qualquer dos casos, com extrema atenção ao detalhe: o da matéria do mundo – um recanto apodrecido de portada, a luz que bate no rosto; o da língua com que absorvemos tudo – as curvas e o vírus a riscaram as fala; ou o dos comportamentos só novos à primeira vista – fazer refeições a contar com o vizinho ou apedrejar ambulâncias. Não quer isto dizer, até sublinhado pelas excepções, que se navegue apenas à superfície. O planeamento não foi convocado. A partir do sussurro dos materiais, deixaram-se agrupar em seis grandes blocos, com pouco de hermético: abertura programática, lugar para os corpos do eu, a casa tornada universo, a cidade capital da duração, além de outras paisagens incluindo o amor, para desembocar o conjunto na foz da morte e outros medos amigos. Esboçaram-se assim nexos, a alma de qualquer revista, sem atentar no que faltaria para preencher fendas, falhas, ausências. Aproveitou-se muito, mas também se desafiou criação a pretexto. A imperfeição reinou tal erva daninha neste jardim. Deixá-la crescer, a ver o que dá. Raríssimos os casos em que texto e imagem se conheceram antes. Enfrentamos, portanto, belos casos de blind date orquestrados tão só pela pulsão editorial, aquela que tenta extrair sentidos ao caos. Alguns relâmpagos são lâminas que rasgam as arrumações, o Eu expresso nas inúmeras variantes da autobiografia, os rostos tornados múltiplos, as expressões fugazes do tempo, a máscara, mãos, a rua deserta, as árvores, o caracol, o coração. O resultado apresenta-se em espectáculo, portátil e diverso, o total resultando em algo mais do que a soma das partes.
O nome desenvolve-se como quem acrescenta movimento ao bloqueio das mentes e dos corpos: **passos**, sem saber ainda se bailado se trata; **voluptuosa** pela riqueza e sensualidade do que se encontrou; **dança** pela quantidade de corpo envolvido e cada gesto desmentir a paragem; que era apenas **travagem**; embora **brusca**, com o que esta contém de inesperado, desarmonia e melancolia.

A pessoa primeiro

E se com a máscara perdêssemos o rosto e nisso se diluísse essa recente criação a que chamamos indivíduo? O bloco anterior começava com imagens de dança, sem perder a ligação à palavra, e o movimento continua agora através do pensamento, acompanhado de trabalho sobre o rosto, um nexo que será transversal a toda a edição. Quando menos esperarmos o sinal maior do Eu erguer-se-á para nos interpelar. Servirá de anfitrião para ateliers, quartos, casas, espelhos, versos, caminhos, atitudes, vontades. Que encontramos neste percorrer do labirinto da nossa face, rico em detalhes e armadilhas, sorridente, absorto, transfigurado pela serenidade, pelo espanto, pela raiva? Em pose, à procura da naturalidade máxima do humano. Nada nele nos poderá ser estranho. A conversão pode bem ser projecto. Levamos no bolso a poesia, fechamos os olhos, deixamo-nos conservar no âmbar da paciência, encenamos diálogos connosco desdobrados ao absurdo. E aspiramos à desobediência de tocar outros... na cara. Participamos em conspirações. Entramos em longas conversas com carne de mensagens trocadas ao instante. Experimentam-se formas novas de contar. Pode ainda chamar-se conto a estas narrativas tão só sugeridas? Nem por isto esquecemos quem nos rodeia, de quem precisamos para ser: só no outro nos revemos. A palavra, a tela o papel fazem-se segunda pele. Retrato sobre a cara que abriga o rosto.

Em pose, à procura da naturalidade máxima do humano. Nada nele nos poderá ser estranho.

A
B
C
D
E
F

És um peixe, parte de um cardume, numa rede Ensaio Carlos Morais José 74
Cabeças Desenho Pedro Pousada 75
Ainda mais cabeças Desenho + Fotografia Pedro Pousada 82
Uma canção e seremos salvos Música Inês Maria Meneses MULTIMÉDIA
No atelier Desenho Nuno Viegas Poesia Nuno Viegas 86
[Não sou particularmente boa pessoa] Poesia Miguel Martins 94
Dois dons Poesia Manuel Rodrigues 95
... Fotografia Bárbara Fonte 96
Western ao anoitecer Poesia José Anjos 100
Eu no meu quarto Pintura Mantraste 103
O exíguo sentido Poesia Paulo da Costa Domingos 104
[Não é o silêncio é esta estranha mudez] Poesia Raquel Serejo Martins 105
Estados de espírito Fotografia Bruno Portela 106
Poesia para levar no bolso Poesia traduzida por Nuno Miguel Guedes 108
Líricas a Propósito de um Confinamento Poesia José Gardeazabal 109
Nota Biográfica (2) Composição + Performance João Paulo Esteves da Silva MULTIMÉDIA
Homo Sum Ensaio Alberto Pimenta 110
Ensaio sobre a cegueira Fotografia Jorge Silva 112
[Não é que eu queira viver isolado] Poesia Vítor Sousa 115
Tu sabes para que serve um velho? Crónica Ana Teresa Sanganha 116
Messenger Conto Joana Bernardo 118
Auto auto-confinamento Vídeo Miguel Feraso Cabral MULTIMÉDIA
Vamos morrer Crónica Luís Brito 124
Al(l)one Pintura Carlos Guerreiro 126
Capaz de Matar Prosa poética Louise Dupré traduzida por Valério Romão 127
Há semanas deixei de fumar Ensaio António de Castro Caeiro 128
2020 Desenho Júlio Dolbeth 129
#quarentenaemrisco Desenho de humor Nuno Saraiva 138
Sobretudo Fotografia Sal Nunkachov 152
Lopes e os Conspiranóicos Crónica Ricardo Salomão 154
Covid19 Pintura Jas 155
Pós-covid? Crónica João Romão 158
Não pôr as mãos na cara Fotografia Júlio Moreira 159
Conversão e existência Ensaio Paulo José Miranda 164
Do caderno Desenho Edgar Pêra 165
MartinezBand Música Sandra Martins MULTIMÉDIA

Não sei se é lenda urbana ou se corresponde a alguma realidade: um estudo comportamental realizado no século XX nas grandes cidades, povoadas por milhões de pessoas, chegou à conclusão de que os nossos padrões de existência e convivência tornavam os seres humanos cronicamente infelizes. Explicava então o documento que para um ser humano o objecto mais interessante é a face de outro ser humano. Por isso, quando alguém nos cruza na rua, automaticamente, de forma inconsciente, a intenção do nosso cérebro é guardar aquela face na memória, tarefa impossível de realizar quando circulamos no seio de uma gigantesca multidão e milhares de faces se nos apresentam ao olhar. Daí que este tipo de experiência nos cause desconforto e sobrevenha a tendência para baixar os olhos, evitando assim reparar na avalanche de faces que ao nosso lado desfilam. Explicaria ainda o estudo que, em termos gerais, física e psicologicamente, não somos muito diferentes dos nossos antepassados que viveram milhares de anos seguidos em pequenas comunidades e a essa configuração de aglomerado estavam ferreamente acostumados. Ou seja: a evolução biológica e mesmo psicológica do animal humano não foi capaz de acompanhar a evolução das suas criaturas. Ou, ainda por outras palavras: a cultura ultrapassou de longe, de muito longe, as possibilidades biológicas e a humanidade criou as condições perfeitas para a sua própria insatisfação.

Neste processo, a civilização ocidental deu pela emergência de um ser singular, estranho ao mundo antigo, sucedâneo do advento do capitalismo como modo de produção predominante: o *indivíduo*. Honestamente, não podemos dizer que o indivíduo seja unicamente uma criação económica da burguesia comercial florescente. O conceito como que subjazia a todo o pensamento, canónico ou mundano, desde que o ser humano iniciou a sua peregrinação pelo mundo. Claro que essa assunção foi sempre limitada por constrangimentos sociais que – e bem – compreendiam ser o desejo ilimitado do indivíduo, o seu egoísmo e a centralidade desses desejos, a semente de destruição das sociedades e da sua cultura.

Não podemos dizer que o indivíduo seja unicamente uma criação económica da burguesia comercial florescente. O conceito como que subjazia a todo o pensamento, canónico ou mundano, desde que o ser humano iniciou a sua peregrinação pelo mundo.

A inovação, a originalidade, a mera distinção foram sempre olhadas com desconfiança no mundo antigo, quer na Europa quer na China. Os desejos individuais, egoístas foram, em todos os tempos e em todas as civilizações, considerados o mal no mundo, a origem da desgraça e o resultado de uma profunda inadequação à nossa condição existencial. Esta é, na realidade, profundamente gregária. Contudo, o indivíduo sempre esteve lá.

Segundo Peter Sloterdijk (em *Stress and Freedom*), é em finais do século XVIII que, entretanto, esse mesmo indivíduo ganha foral teórico num texto de Jean-Jacques Rousseau, a saber, no quinto passeio, descrito no livro *Promenades d'un Rêveur Solitaire*. O filósofo suíço gozava na Europa da sua época, depois de obras como o *O Contrato Social*, *Emílio ou da Educação* ou o *Ensaio sobre a Origem das Línguas*, de um estatuto de celebridade que não impedia, ainda assim, as autoridades suíças e francesas, inquinadas pela Igreja, de o perseguir por heresia. Por isso, refugiara-se numa ilha perdida, praticamente deserta, no seio do Lago Biel, na sua Suíça natal. Aí, segundo Sloterdijk, "algo semelhante a um Big Bang ocorreu na moderna poesia da subjectividade".

Dias depois de se ter instalado na ilha, Rousseau entrou sozinho num pequeno bote, deixando em terra a sua companheira Marie Thèrese, e remou para o meio do lago. Pouco depois, pousou os remos, deixou o barco ao sabor dos movimentos das águas e, sob o sol magro das terras helvéticas, dedicou-se à sua ocupação favorita: o devaneio (*rêverie*). Sloterdijk chama a atenção para esse "fluir da alma sem se agarrar a nenhum tópico como meditação imaterial" teria um sentido muito mais europeu do que oriental. Rousseau descreve que, por vezes, deixava o barco e o espírito vaguearem sem objectivo durante horas a fio, o que lhe proporcionava um prazer supinamente mais intenso do que o que se costuma designar por "prazeres da vida". Nas suas palavras:

"Que prazer se retira então de uma tal situação? De nada exterior a si mesmo, de nada senão de si mesmo e da sua própria existência, pois enquanto esse estado dura é-se suficiente a si mesmo, como Deus. O sentimento da existência, despido de qualquer outro afecto, é em si mesmo um sentimento precioso de contentamento e de paz, que por si só seria suficiente para tornar essa existência querida e doce para quem pudesse remover de si todas as impressões sensuais e terrenas que sem cessar nos distraem e perturbam a doçura da existência neste mundo."

Aqui temos, portanto, a descrição de um indivíduo despido de intenções políticas, sociais, económicas, intelectuais, cognitivas ou mesmo artísticas. Ele é, praticamente, uma consciência pura, para si (indivíduo) e em si (essência/Deus), que puramente goza da mera existência, separada da existência dos outros homens, da cultura e da sociedade, num mero acto de auto-reconhecimento, ainda assim dotado

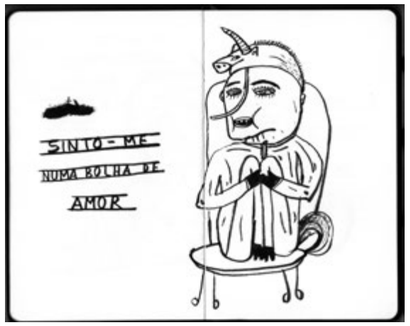
És um peixe, parte de um cardume, numa rede Carlos Morais José

Cabeças Pedro Pousada

de uma extrema profundidade. Nunca antes o indivíduo se atrevera a fazer de si mesmo uma tal descrição e sobretudo confessar que a pureza que advinha da construção desse instante lhe proporcionava um inaudito prazer.

Rousseau apresenta-nos um indivíduo sujeito de si mesmo (não do rei ou da própria linguagem), independente, totalmente livre, pelo menos enquanto mergulhado nos seus devaneios próprios e distante de qualquer contacto social. Este homem rousseauniano prescinde do resto da humanidade e adquire nesse distanciamento um prazer descrito como o mais sublime de todos os prazeres, embora consista unicamente na constatação e fruição da sua existência enquanto consciência individual.

Como acrescenta Sloterdijk, não estamos perante o tédio heideggeriano ou a consciência infeliz de cristãos, budistas, estóicos, freudianos e outros que têm moldado a nossa relação com o mundo. Este indivíduo, meramente por ser dotado de consciência, de um pleno sentimento de si, é soberano e feliz.



—

Ora este homem, este sentimento de absoluta solidão perante o cosmos, este sentimento de total liberdade praticamente desapareceu. Desde os anos 90 do século XX que com frequência e em permanência, nos sujeitamos voluntariamente a outro tipo de experiência eminentemente social: vivemos em e para a rede. A consequência do advento da Internet é, singularmente, uma vivência de grupo, ainda que virtual, dispensada que está a proximidade física para a maior parte das actividades humanas. Concomitantemente, a presença constante do telemóvel obriga-nos a estar a todo o momento à disposição dos outros. Estes exigem a nossa presença e a sua permanente existência constantemente nos faz viver para e com eles, considerando as suas opiniões, os seus "gostos" e "desgostos", um novo tribalismo cujas fronteiras ainda que mal definidas não deixam de nos limitar as escolhas, os pensamentos, os atrevimentos.

Navegamos por diferentes redes sociais consoante a qualidade dos nossos desejos, mas estes encontram-se a todo o momento em xeque face às reacções que vamos obtendo e acabam por ser moldados por esse novo grande Outro que é o fantasma incognoscível que preside, finalmente, às redes sociais: os algoritmos que determinam o seu funcionamento. Nelas se espoja a nossa intimidade, as nossas opções políticas; nelas encontramos as ideias que confirmam as nossas e as dos nossos; sobretudo, nelas sorvemos a informação que instrói a nossa forma de pensar e fatalmente os temas em que pensamos. Sempre no plural, sempre acompanhados. A nossa servidão – no passado *voluntária*, na expressão de La Boètie, portanto de algum modo consciente e racional – é já hoje e será no futuro automática, algoritmizada, escapando totalmente ao nosso controlo. Pior: proporciona-nos uma estranha sensação de reversibilidade, de ilusão de escolha individual quando, na realidade, se passa precisamente o seu oposto.

O indivíduo, tal qual o experimentara Rousseau, e que depois atingiu o seu zénite no século XIX, morreu ou vegeta num limbo crepuscular sem capacidade de acção ou pensamento realmente solitário. Por vezes, é quase cómica a tentativa nietzschiana de o salvar, embora a cada linha do filósofo alemão, a cada construção conceptual mais ou menos radical (como o *Ubermensch*) se pressinta a consciência do seu irremediável desaparecimento.

Edgar Allan Poe, perante o advento do mundo industrial e das grandes cidades, identificara já, no conto "O homem da multidão", o horror da vida urbana que remete o ser humano, ao mesmo tempo, para um paradoxal sentimento de anonimidade, solidão e falta de outro propósito que não seja o *estar acompanhado*, embora tal não incluísse o contacto efectivo com outros seres humanos. O "homem da multidão", um velho magro e demoníaco, recusa estar sozinho, precisa inexplicavelmente das massas, dos seus ruídos e vociferações, independentemente das suas qualidades (estamos já a caminho do

"reino da quantidade", a travessa em largura da cruz, de que nos fala René Guénon), mas nunca interage realmente com outros seres humanos, como se a presença do outro lhe fosse, a um tempo, fundamental e repugnante. Hoje, sentados em frente aos nossos objectos tecnológicos (porque albergam um intrincado *logos*) ou ocupantes da nossa mão, dos nossos dígitos, somos precisamente esse homem, na impossibilidade simultânea da solidão e do contacto.

Por outro lado, a globalização imprimiu uma machadada quase final nos chamados *direitos individuais*. Heidegger advertira-nos para as consequências radicais da primazia da técnica e de como esta embrulharia o seu criador numa teia da qual ele seria incapaz de se desenvencilhar. No filme *The Imitation Game* é exposto como a máquina adquire o seu estatuto máximo e *rex*, no sentido tirânico e devorador: o aparato codificador *Enigma*, que serve o império nazi, só pode ser batido por outra máquina e não por um grupo ainda que vasto de homens extremamente inteligentes, como explica Alan Turing ao construir o dispositivo que prefacia o actual computador. Este episódio marca a ascensão da técnica a um patamar de superioridade sobre o indivíduo do qual não voltará a descer, submetendo os sujeitos à presença e uso constante de objectos técnicos cujo funcionamento lhes escapa.

Afastamo-nos, assim, radicalmente, do tempo em que os objectos técnicos eram produzidos como reproduções melhoradas do corpo humano (como o martelo que imitava um punho, etc. Hoje sobra-nos a, já de algum modo ridícula, transmissão de energia eléctrica que tem ainda como modelo o acto sexual). Neste novo mundo, os objectos técnicos baseiam a sua existência e funcionamento em formulações de partículas subatómicas, teorias quânticas, que são inspiradas por representações inacessíveis aos indivíduos que as utilizam ou são utilizados por elas. O progresso tecnológico preside assim à extinção do conceito moderno de indivíduo.

Hoje, sobretudo quando nos deparamos com questões que todos afectam num planeta cada vez mais pequeno e do qual foi erradicado o mistério, são os *direitos colectivos* que se preparam para assumir a primazia. Estes são apresentados como a possível salvação de uma humanidade que o excesso de individualismo e dos *direitos individuais* parecem conduzir, inevitavelmente, à extinção. O modelo económico neoliberal transformou o capitalismo num regime acéfalo e canibal, no qual definharam as responsabilidades individuais. As corporações transnacionais, com os seus conselhos de administração impessoais e os seus anónimos accionistas, substituem o tradicional capitalista/industrial, enfeitado pelo charuto e decorado pelo Rolls Royce, que reproduzia ainda a inveja do estar aristocrático. A exponencialização, tida como imparável, do crescimento baseado no lucro, que se apresenta como a única possibilidade (*there is no alternative*), não tem consciência ou qualquer culpabilidade perante o seu auto--canibalismo e tem dependido, em grande parte, da deslocação das fábricas para países onde ainda é possível explorar intensivamente uma mão-de-obra, e da destruição sistemática da relação da espécie humana consigo mesma e com a Natureza, como se a primeira já não dependesse da segunda para a sua sobrevivência. O "mundo enquanto fábula" cartesiano permitiu ao conhecimento abandonar os seus limites ético--religiosos e avançar sem temor para a situação em que se acredita piamente na capacidade da humanidade para recompor aquilo que cega ou racionalmente destrói.

"O sonho da razão produz monstros" avisa uma gravura de Goya, na qual vemos um homem adormecido sobre uma mesa de trabalho, cercado de estranhos mochos, morcegos e outros seres monstruosos, que o assoberbam. O pintor espanhol prevê a monstruosidade de Auschwitz, o mais racional dos grandes crimes. Aparentemente, ninguém lhe prestou muita atenção e mesmo que tivessem prestado, provavelmente, pouco poderiam fazer.

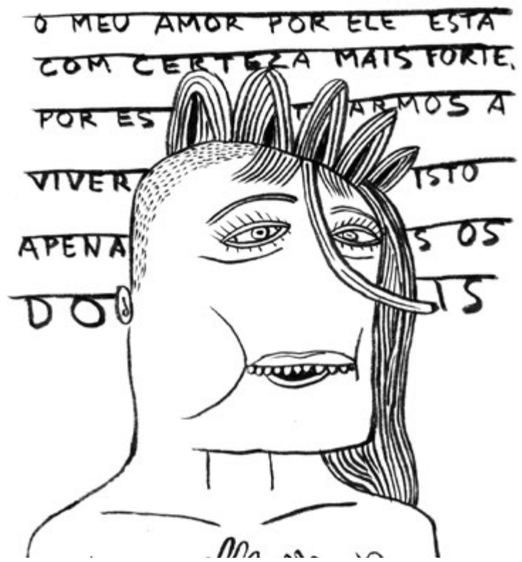
Hoje, no mundo global, a ética dá lugar a uma nova moral, construída a partir de problemas e situações que dizem respeito ao que o presidente chinês Xi Jinping chama de "comunidade global de futuro partilhado". Assim, ninguém tem a possibilidade de estar realmente sozinho, tal como ninguém se pode eximir da sua responsabilidade para com o outro.

As *doenças do indivíduo*, como as velhas histerias freudianas e a paranóia, a esquizofrenia enclausurada ou mesmo a depressão do actual homem-empresa, produto da sociedade da *performance* descrita pelo filósofo coreano Byung-Chul Han, não cessaram a sua existência, mas são ridiculamente insignificantes quando pensamos nas *doenças colectivas* como o aquecimento global e a destruição dos ecossistemas, a fragilidade neoliberal dos mercados ou as neo-pandemias para as quais se adopta uma cura autocrática, que passa precisamente pela ascensão dos direitos colectivos face aos direitos individuais. Esta emergência surge-nos, ainda por cima, crismada de uma inevitabilidade derivada da actual situação do planeta e surge decorada racionalmente como a única salvação possível de uma nova humanidade a haver.

O advento da pandemia provocada pelo Covid-19 teve como resultado a visualização concreta, nas ruas das nossas cidades, entretanto reduzidas a espaços de consumo, centros comerciais, do *design* futuro deste mundo contemporâneo do qual o indivíduo rousseauniano se evola. Se, durante os séculos XIX e XX, na sequência das revoluções industriais e do deslocamento massivo para as cidades, já se referia a existência de multidões anónimas, como se descreve no início deste texto, a necessária utilização da máscara reforça de modo radical a anonimidade destas massas que hoje percorrem essas cidades. A Oriente é mais evidente: nas grandes metrópoles fervilhantes de milhões, a máscara altera, uniformiza, ainda mais a paisagem urbana, subtraindo-lhe a pequena dose de diferença que constitui a face humana. Afinal, a face é o que distingue um indivíduo do outro e permite o seu reconhecimento efectivo. As roupas, os cortes de cabelo, as jóias são símbolos eminentemente sociais e não individuais. De máscara posta, reconhecemos um grupo, uma pertença, até talvez uma ideologia, mas não um indivíduo.

De máscara em riste, fenece a empatia. A face – lugar da irredutível diferença, da *prova* da existência individual, a face que nos "impede de matar" (Levinas) – surge agora ocultada. Ora se a face é o lugar da irredutível diferença, da *prova* do indivíduo, a sua ocultação significa a extinção desse indivíduo na massa, passando a ser unicamente reconhecido pelos símbolos colectivos que ostenta mas não por aquilo que imediata e radicalmente o diferencia de todos e o torna num ser único – a sua face ou, se quisermos, a facialidade (*visageté*).

Tal explica a maior, ainda que fútil e perigosa, resistência ao uso da máscara sanitária em tempo de pandemia no Ocidente, que ainda se sonha eminentemente individualista, por oposição ao Oriente confucionista, onde a moral é há muitos séculos a principal preocupação dos pensadores e dos sistemas de pensamento. Em palavras contemporâneas, diríamos que, para Confúcio, o homem é, antes de mais e de tudo, um produtor de moral. Sabe distinguir o *bem* do *mal* e encontra-se dotado de livre arbítrio. Estas qualidades distinguem-no dos animais e de todos os outros seres. Portanto, daqui advém também a sua responsabilidade, o dever de incorrer em



acção correcta, de modo a criar um mundo em que prevaleça a harmonia.

Assim, o modo como se apresenta, como se veste, como anda e como fala; o que diz, o que lê, o que desenvolve como actividade, o que produz e como se dirige aos outros; enfim, toda e qualquer acção humana (e mesmo a ausência dela) é imediatamente produtora de valores morais (e, num plano superior, estéticos), quer como exemplo para os outros, quer a partir dos resultados das práticas concretas.

De sublinhar que, ao contrário de Sartre (para quem "*o inferno são os outros*"), o confucionismo clássico só entende o homem em relação com outros homens, como animal gregário, social e cultural. Para ele, *a vida são os outros* e este é um facto incontornável. Dos desígnios do Céu, do mundo, da vida depois da morte, dos espíritos, pouco ou nada sabemos e de nada podemos ter a certeza. Por isso, antes de mais, devemos regular o que podemos controlar: as nossas relações humanas e sociais.

O confucionismo é um pensamento moral e ético, que visa uma prática, destinado a contribuir para uma excelsa regulação das relações entre os homens e destes com o mundo. Pensamento político, com certeza, e, em grande parte, destinado aos que exercem o poder, no sentido de os convencer da necessidade imperiosa de autovigilância, virtude e benevolência nas suas acções, o confucionismo cedo ignora a metafísica e centra-se na regulação dos assuntos humanos.

Não por acaso, os actuais movimentos sociais de protesto utilizam a máscara para contrariar a tecnologia de reconhecimento facial, que se erigiu em arma repressiva, sustentada pela proliferação de câmaras de vigilância. Paradoxalmente, portanto, espelham a anulação do indivíduo na sociedade contemporânea. É o caso das máscaras de Guy Fawkes, inspiradas pelo grupo virtual *Anonymous* e divulgadas pelo filme dos irmãos Wachowski *V for Vendetta*, utilizadas em vários *Occupy*; ou das máscaras negras dos activistas de Hong Kong, entre outros. A utilização de máscaras implica prescindir de uma responsabilidade individual nos protestos, de um assumido temor individual de represálias futuras, impensável, por exemplo, nas manifestações parisienses do Maio de 68. Nessa altura, a máscara não fazia parte da parafernália do cidadão, que orgulhosamente ostentava a sua face enquanto indivíduo politicamente consciente e orgulhosamente distinto da manada submissa e sem consciência de classe. A face mascarada pertencia ao reino do bandido, do assaltante, do fora-da-lei, sem consciência política e social.

Não é que este sentimento de perda individual não existisse já antes da pandemia e do uso da máscara. Por exemplo, como explicar a extraordinária disseminação recente da prática da tatuagem? Estamos longe, por exemplo, da explicação dada por Claude Lévi-Strauss, quando, nos seus "*Tristes Tropiques*", refere as tatuagens dos índios Caduveros como um meio de mostrar que se pertence à comunidade dos humanos por oposição aos animais e ao estado natural. Neste caso, não tatuar o corpo significaria uma recusa de pertencer ao grupo e, portanto, de se excluir da humanidade. Por outro lado, Lévi-Strauss refere que cada tatuagem, além deste objectivo geral, representa com os seus grafismos específicos a posição social de cada um.

Já Slavoj Zizek, curiosamente em sintonia com o referido antropólogo, entende que o uso da tatuagem estará relacionado com o pudor. Para o filósofo esloveno, a proliferação das tatuagens consiste num revestimento da pele, de um corpo que não se suporta totalmente nu, de tal forma que mesmo quando está sem roupa nunca se apresenta despido e natural.

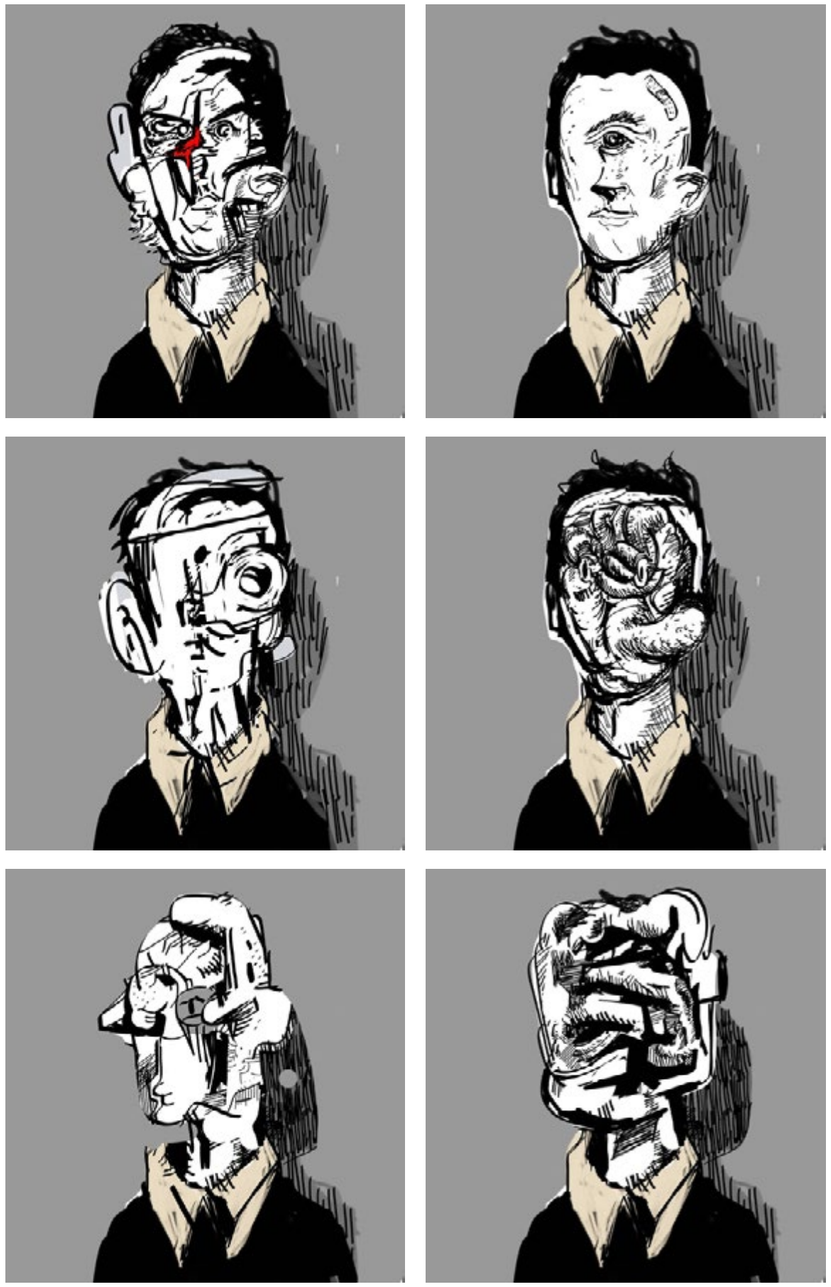
É, contudo, na nossa opinião, Jean Baudrillard quem mais se aproxima de uma explicação eficiente quando, em *L'échange symbolique et la mort*, alvitra que o desenvolvimento do individualismo foi acompanhado de uma sacralização do corpo, que "investido de um valor de troca, se torna num objecto fétiche" que é preciso fazer render, seja no ginásio, seja através da sua inscrição. A tatuagem passaria assim pelo "narcisismo da pequena diferença", uma forma de se fazer notar e suscitar o desejo.

Quanto a mim, na linha deste autor, a tatuagem, os *piercings*, parecem-me ser uma tentativa inconsciente, um *acto desesperado* de individuação, na medida em que cada sujeito julga tornar o seu corpo indelevelmente distinto pela inscrição do que ele, enquanto *hiperconsumidor* (Gilles Lipovetsky, *Le Bonheur paradoxale*), entende ser uma escolha própria, especial, de símbolos individualizados. Se, nas sociedades passadas, a tatuagem significava a pertença a um determinado grupo, hoje a tatuagem procura sobretudo marcar a diferença, com todo o *desespero* possível a um "escravo de Estaline", a frase que alguns dos prisioneiros dos *gulags* tatuavam nas testas, como forma de denúncia e resistência. Claro que, nas tatuagens contemporâneas, os símbolos são colhidos em conjuntos pré-existentes e que muito pouco têm de individual, constituindo assim mais uma armadilha de comportamento grupal, travestido de representação individuada, neste suave gulag global da produtividade e do crescimento económico compulsivo, do que uma resposta efectiva ao pressentido pesadelo: o esvanecer inelutável do indivíduo.

De máscara em riste, fenece a empatia. A face – lugar da irredutível diferença, da *prova* da existência individual, a face que nos "impede de matar" (Levinas) – surge agora ocultada.

Não vale a pena insistir na ilusão, como se o desaparecimento do Outro, proclamado por Byung-Chul Han, em *A Agonia de Eros*, significasse um reforço de Si. Han tem razão quando atribui ao sujeito contemporâneo um narcisismo primário, relacionado com o sucesso e distante do amor-próprio. Contudo, este sucesso precisa do reconhecimento alheio. É, nesse sentido, predador como a sociedade que o inspira. Mas, bem vistas as coisas, o outro apenas se extingue, impossibilitando Eros, ou se torna insignificante, minimal, quando se dá ao mesmo tempo um esbatimento de Si, num movimento narcísico primevo de contemplação bacoca que implica extinção e morte de um *logos* único, na própria reflexão distorcida do indivíduo. Sim, somos atópicos, sem outro lugar que não seja, ainda assim, o reflexo que o outro nos proporciona. E, sem lugar próprio, sem Lago Biel para experimentarmos ao limite esse sentimento de Si, profundamente individual, somos finalmente meros sujeitos, como queria o estruturalismo, e não o homem senhor de si mesmo, capaz de justificar e responder pelas suas próprias decisões, que Nietzsche pretendeu, em desespero, imaginar como futuro. A questão ganha então um sentido trágico, irreversível, quando o dito outro, antes erotizado, deixa também de ter uma existência concreta e se resume a um devir digital, *tinderizado*.

Conclusão: és um peixe, parte de um cardume, numa rede. O que terei sempre de meu, de único, de irrevocável, de intransmissível na sua imensidade, é a dor. Aí, talvez, em certos casos, valência no caos, luz trémula na noite do mundo, persista ainda a permanência dessa ilusão que entendemos chamar *indivíduo*.



Mais cabeças Pedro Pousada

Vista do atelier com auto-retrato de 01/05/20 a secar no chão

No atelier Nuno Viegas

Sou um exílio como uma solene palavra,
todas as transformações à beira das mãos,
a espessura do silêncio e o magnetismo da vontade,
a hierarquia dos corpos determina-se na necessidade
de ter um corpo e o eu o primeiro desenho dessas fronteiras.
O corpo tem extensões infinitas.
Aquele rio, aquele burburinho, antes de mais e se houver mais,
corre dentro de mim
ou para dizer de outro modo, sou ou somos
para alargar mais ainda a vastidão onde ele corre.
O seu fluxo é tão extra corporal
como a sensação do pulsar sanguíneo nas minhas veias.
Somos nós que fracturamos o contínuo.
E vivemos partidos aos bocados.
Divididos. Separados.
E até parece uma grande invenção, um verdadeiro milagre,
quando dois, mesmo que sejam somente dois fragmentos
se encontram e se unem
e se desfragmentam.

Auto-retrato de 30 de Abril de 2020 colado sobre "Fine powder machine"

Momentos contados,
o cachimbo longilíneo para acentuar a figura
e a pausa estratégica para chegar com as costas
às costas da cadeira que por sua vez vai ganhando
pêlo de gato
e desmaia a sua cor e esburaca o seu tecido
que a poltrona é também afia-unhas.
Vou buscar o isqueiro e vou matando o tempo
com unhas de matar pulgas.
O horizonte tão próximo e delineado
como o desenho das minhas unhas.
E nem sempre as entranhas fervem
nesse bilioso cozinhado de tripas.
Por vezes a panela também tem tampa.
Estranha a ergonomia do fumador,
é como conservar uma caneta na boca.
Insisto no tabaco torrado até ao fim.
O que fazer com este espaço todo,
onde reter a vista,
se nem a passarada encontra sítio para pousar,
no céu aberto apenas se pode voar.
Os trompetes esganiçam-se ali no quarto
ou serão os saxofones que os meus ouvidos
indiferenciam?
Agora esta marcha de libélula,
isto se as fadas marchassem.
A máquina de lavar de birra na despensa.
Quando acendo uma luz junto de mim
a paisagem perde profundidade.
Tão vão
como procurar estrelas com uma lanterna.
Continua a birra mecânica arrastada nos rodízios.
De si para si julga que trabalha.
O pensamento é que vai enumerando os factos
e fazendo uma colagem com dedos às tiras
de fita-cola,
vai afixando imagens com pioneses e engalfinhando,
atrapalhando os sentidos.
O ciclo da lavagem terminou
e por vezes a vida é tão agitada como isso.
É difícil saber se a música é mesmo assim
ou se é o leitor a patinar no disco,
ou se é o motor que está a torcer a fita da cassete
ou se embicou numa espécie de loop neste caso
da bateria.

Vista do atelier com auto-retrato de 05/05/20

Dupla seguinte: vista do atelier com auto-retrato de 25/04/20

Debaixo deste sol sabias que tinhas sido feito para ele,
preparado ancestralmente,
invejavas o banho dos gansos porque eles sabem o que é natural,
ou então não sabem e o natural é isso, não constituir para eles um problema.
Sentado numa cadeira que tem apanhado mais sol que tu,
a sombrear um carreiro de formigas e cuidado para não fazer
movimentos bruscos que perturbem as investigações das vespas,
sons que acabaram de ser inventados para desafiar os teus ouvidos,
há um martelo contra o ferro, um banho do gangue dos gansos naquela bica,
pezinhos de pantufas daquela senhora de chapéu,
a conversa reverberada dos gansos,
a sua voz parece o eco das marteladas,
água a correr por trás das janelas, o deslizar de rodas no asfalto,
contra as moscas não é preciso ter maneiras,
pássaros, esses sabem esconder-se, ser inúmeros, incontáveis,
parecerem naturais como o silêncio,
cães ainda esses a ladrar para dentro duma lata longe,
se isto era o meu telefone a tocar está muito bem camuflado.
Quanto tempo dura o rasto dos aviões, está ali desde que acordei,
pelo menos a sua última parte, deve ser alguém com um toque igual ao meu
ali dentro da capela sem ninguém ou pelo menos
alguém com um toque igual ao meu não faço ideia para quê.
Sou um receptor e neste ambiente as palavras não chegam a tocar nas coisas.
Endireito as costas e sinto os estalidos dos meus ossos juntar-se à orquestra.
Tenho estado na escuridão de um frigorífico a ter luz de frigorífico
quando a porta abria, mas aqui a luz não conserva, aqui a luz observa.

Não sou particularmente boa pessoa.
Não tenho especial bom gosto.
A minha família é como as demais.
As coisas muito boas desperdiçam-se em mim.
Dentro dos limites do razoável burguês,
qualquer coisa me serve.

Prefiro conversar com um velejador solitário,
um condutor de tanques de guerra,
um taxista de Istambul
do que com um pensador da pós-modernidade
ou um poeta de palavras astuciosamente enclavinhadas.
Mais: prefiro despir uma operária de Manchester
a qualquer coisa dessas
(por mim, tudo à minha volta estaria em trânsito constante).

Não sou muito competente em nada,
a preguiça não ajuda
e a pressa inexplicável muito menos.

Sou imediatista:
materialista e anárgiro.

Tenho uma aproximação instrumental aos sonhos
e uma abordagem nefelibata às coisas práticas
(é óbvio que se pode ser volúvel sem se ser gelatinoso).

Habituei-me a depender dos outros,
a contar com eles
e a não me considerar, sequer, em dívida.

Húbris sem némesis.

Tenho todo o tipo de preconceitos.
Apoio-me num andaime de suficiências reveladas.

A avidez tomou em mim o lugar da razão e da justiça.
Demagogia por demagogia, mais vale nenhuma
e a retórica é uma canseira.

É preciso muita objectividade para viver tão enovelado
e é preciso viver muito enovelado para ser tão objectivo
(de igual modo, tenho de ter muita saúde para ter tão pouca
— a gordura armazenada nas bossas dos camelos
ou um acaso genético
ou um sofá herdado).

Ora bem: dito isto,
sou dos tipos menos desinteressantes que conheci.
Tenho olfacto para animar qualquer sala durante meia hora
e só não me dão de beber em ambientes daquela miopia
— empedernidamente fúnebre —
que se topa à légua pela acne tardia,
a pele amarelada,
a cara emaciada dos que só têm uma (e logo assim!),
gente que não sabe soldar dois arames
e faz minetes como os gatos bebem leite.

[Não sou particularmente boa pessoa] Miguel Martins

Dois dons Manuel Rodrigues

para o jogo da guerra, de Becker-ho + Debord
(e prá menina que mo mostrou)

a.

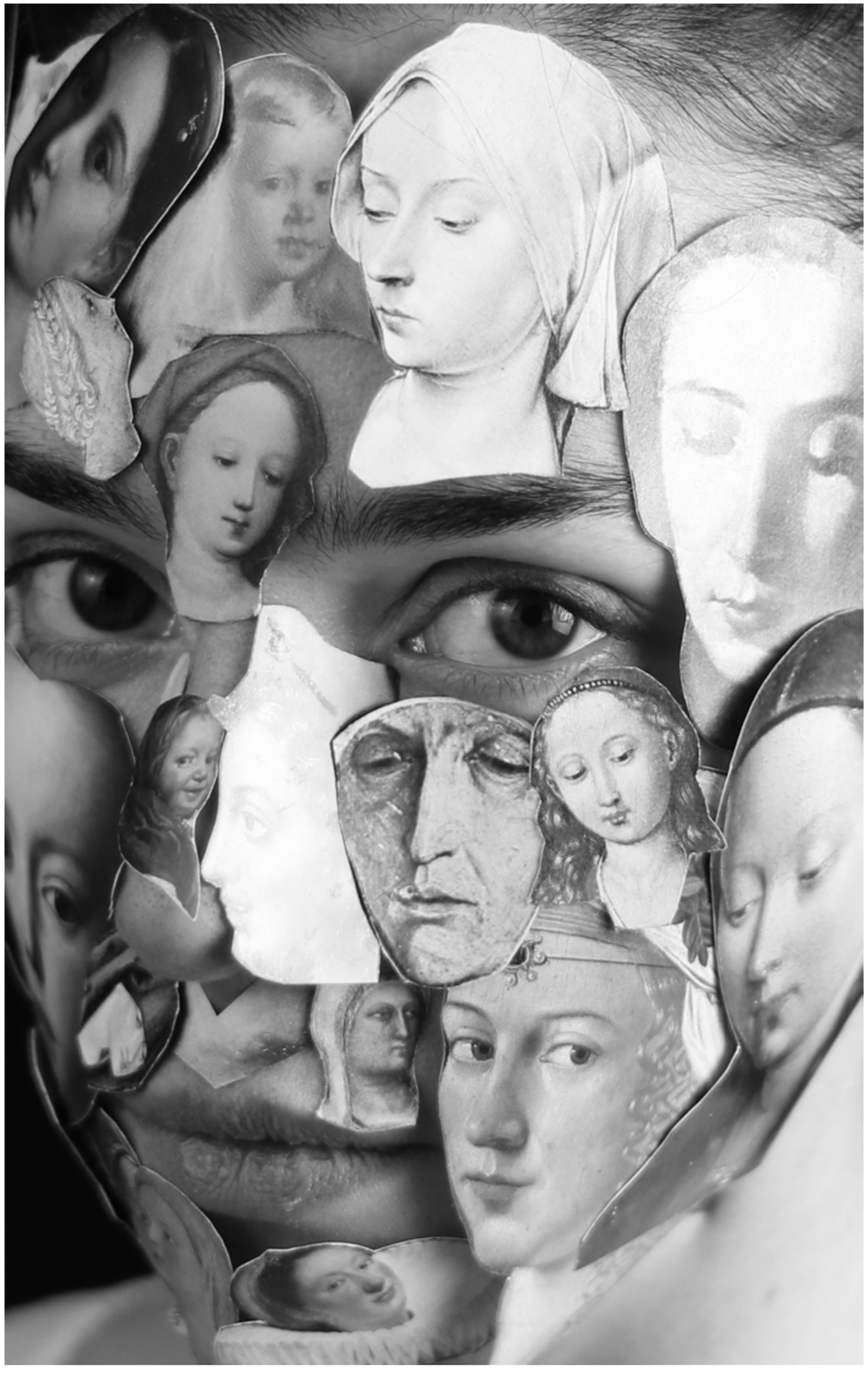
tenho o dom prás escuras
nunca para as trevas
nem aprecio a escuridão
recuso a ausência da luz
prefiro onde jamais foi
ou nada ela penetrou
esse é dom das arrecuas

b.

tinha o dom dos infantes
vinha ao som a cavalaria
fixado à mira da balística
com odor dum artilheiro ,
e depois de azar explosões

, segundo as estatísticas ...
teve um dom pra morrer
antes dos primeiros
, agora já não

... Bárbara Fonte



Western ao anoitecer José Anjos

vou abrir um pouco a persiana
para deixar sair alguma da luz artificial
o zorba está misterioso
muito tranquilo pelos cantos
às vezes pede o costumado colo
outras dá as cabeçadas que encomendou ao cabresto
parece saber que algo chegou ao fim
ou então que vem aí borrasca
ou tem sono apenas, como eu
tenho dormido mal e pouco
talvez ele não consiga surfar tão bem a inquietude
do meu corpo de noite
dói-me tudo
a mama esquerda especialmente
como se fosse nascer uma flor de dentro
do meu peito
é um processo conturbado
como se estivessem a mexer aqui
ou estivesse a ser operado noutra dimensão
mas sentisse nesta o restolhar das raízes
na carne e nos ossos,
a penhorar o coração e os pulmões
sinto os escopros a fazer e desfazer as texturas do músculo
a admoestar o osso
a raspar ferrugem, quem sabe as saudades
dos abortados pelo coração
podem estar a esculpir algo
um novo buraco talvez
para aí caber mais qualquer coisa que agora não passa
ar, por exemplo
mais chocolate, algum grão de vidro
que virou diamante debaixo desta pressão toda
estou a ser minado
por uma pepita, tenho garimpeiros junto
ao lado esquerdo do peito
que é o que guarda o coração
podem querer roubar ouro, mas nem latão vão encontrar
ou então são chineses e querem consertar as minhas fissuras
e defeitos com pasta de ouro, como é tradição fazerem
se calhar é tudo isto e estão todos à bulha
tenho um western no peito
alguém disparou
podes chamar o cirurgião?
ainda bem que cortei as unhas ao zorba
ele quer ser sempre o assistente
é útil como um braço
o meu já não me pertence
se calhar são piratas
com ganchos nos cotos e braços de pau
a coçar as algibeiras
à procura do ouro que os cabrões dos chineses
me injectaram no crime
shiuuuuuuu
ninguém sabe
se me aproximo do forno derreto
e não consigo abrir a porta ao senhor adérito
é o meu parceiro de contrabando
traz o ouro dentro das batatas e a plasticina nas cebolas
vou matar a sede
acho que me sobrou um sumo

lembra-te: destruir uma coisa jamais terá como efeito
rejeitar a sua existência
é uma impossibilidade linear construtiva
a descontrução permite recriar o começo, ergo uma nova
ou outra existência
destruir é apenas um fim sem outros ramais
com toneladas de portagens para pagar a posteriori
e fui bom com a minha mãe hoje
isto não é um reminder
é uma expressão de delírio
por exemplo: estava a pensar na palhinha que vem com o sumo
quis destruí-la
porque sou contra as palhinhas
ainda assim, disso não resultaria a recusa da sua existência
e usei-a
porque no fundo e para esse fito o seu uso é obsoleto
acessoriamente permitiu-me beber o meu sumo
com mais conforto e gozo, embora com veemente repúdio
pela sua existência
percebes?
nunca saberei ser um desconstrutor de palhinhas
e isso deixa-me assustado
porque tira o sentido ao gesto – fazer ou não fazer
é indeterminístico
que belo sumo, ao menos isso
sabe bem
na verdade somos nós as palhinhas no sumo
a vida corre por nós e abrimos a sede ao seu gozo
mas no fim ficamos hirtos à espera de outro vazio
esclarecimento: não somos palhinhas como o meu primeiro canário
que era amarelo
e por isso chamava-se palhinhas
gostava muito dele
morreu feliz
teve uma vida longa
nunca bebeu sumo ainda assim
nem ninguém bebeu sumo por ele
isso seria nojento e cruel
podes achar que estou estranho
não estou
estou normal
mas de roupão
é um pequeno conforto que faz toda a diferença
traz dignidade ao conforto
torna-o sólido
a solidez da solidão está no conforto do roupão
percebes?
sinto uma maior relação de propriedade com o espaço
quando estou de roupão
o zorba presta vassalagem ao roupão e eu a ele
estamos ligados
dois comboios atrelados sem chocar
imagina os carris de lã ou poliéster
muito bem desenhados à volta dos comboios
acompanhando todos os seus movimentos
é essa a relação que um roupão abre no espaço em que te movimentas
a vida tem uma estação de serviço que é muito mais do que isso, e não
é cara
é uma estação de conforto
acho que me entendes

sei que sim, conheço os teus pijamas
sei como pensas os gestos e eles a ti
somos pontífices supremos com roupões
de reinos inter-galácticos
altezas a olhar o chão
para o saborear
como um sumo
sem o cruel dilema das palhinhas
conheço até os teus piores pijamas
mas os mais confortáveis
ambos sabemos que vou adormecer aqui
este foi o melhor momento das nossas noites
quiçá do dia inteiro
não estou bem
mas esta noite voarei certamente
explicação do homem cheio de pressa:

(pedimos desculpa pelo incómodo – este conteúdo já não está disponível)

Eu no meu quarto Mantraste

Acrílico sobre tela (100 x 80 cm), 2020
Para REWIND, exposição colectiva online comissionada
pelo Parlamento Europeu com curadoria da Mistaker Maker
www.rewind-expo.com

1
Houve a infância
que foi
lençóis brancos batidos: pela brisa;
com avó que pedia
às uvas e macieiras
a sua utilidade.

Houve os pintos da pata
com seu olho de conta observando
a luminosidade tagarela: da criança.

E a infância lá ia falando
com essa promessa de aves e árvores
enquanto a avó passajava
uns quadrados vivos
em cotovelos e joelheiras mortos
pela surrealidade do Tempo.

Ouve os pintos dentro da infância a avó
com as pequenas cristas
erectas ao Mundo.

2
Foi aberta a caixa de Pandora
da obediência civil, o tirano
conseguiu o consenso Universal.

Afinal, o mais barato
de repor nas prateleiras
e expositores: é o medo.

Este medo, de tão profundo,
não tem partido, não tem
cor nem cheiro, casta ou classe:

é somente um desígnio:
de vida – dizem-nos:
um indiscutível imperativo.

3
Voltaram. Já muito grandes.
Lançando uma sombra de asas.
Toda a terra cobrindo: de silêncio
sibilino no sio. Voltaram
e poisam nos parapeitos:
seus olhos de vidro postos
no exíguo sentido
da nossa vida imóvel...

[15 de Março – 9 de Maio, 2020]

O exíguo sentido Paulo da Costa Domingos

[Não é o silêncio é esta estranha mudez] Raquel Serejo Martins

Não é o silêncio é esta estranha mudez,
é o mundo a gritar em silêncio,
o teu corpo a gritar em silêncio,
de pijama e lábios pintados,
a desbotar cigarro após cigarro,
o cinzeiro cheio de beatas rubras,
os teus pulmões um campo de papoilas,
papoilas na cinza, papoilas na neve,
neva no campo durante a batalha,
mas os teus soldados são de chumbo,
estão dispostos a morrer contigo,
podes morrer em silêncio, mas não em solidão,
podes morrer sem pulmões, mas não sem coração.

Estados de espírito Bruno Portela

Três poemas de três mulheres poetas e contemporâneas. Uso frequente recomendado.

Dust

Someone spoke to me last night,
told me the truth. Just a few words,
but I recognized it.
I knew I should make myself get up,
write it down, but it was late,
and I was exhausted from working
all day in the garden, moving rocks.
Now, I remember only the flavor —
not like food, sweet or sharp.
More like a fine powder, like dust.
And I wasn't elated or frightened,
but simply rapt, aware.
That's how it is sometimes —
God comes to your window,
all bright light and black wings,
and you're just too tired to open it.

Dorianne Laux, nascida em 1952, EUA

Poeira

Alguém falou comigo ontem à noite,
disse-me a verdade. Apenas algumas palavras
mas reconheci-a.
Sei que me deveria ter levantado
e anotá-la mas era tarde
e estava exausta por ter trabalhado
todo o dia no jardim, movendo pedras.
Agora lembro apenas o sabor –
não como um alimento, doce ou ácido.
Mais como um pó fino, como poeira.
E não fiquei eufórica ou assustada
mas apenas enlevada, alerta.
Por vezes é assim –
Deus surge à tua janela,
só luz branca e asas negras
e estás demasiado cansada para abri-la.

Trust

Trust that there is a tiger, muscular
Tasmanian, and sly, which has never been
seen and never will be seen by any human
eye. Trust that thirty thousand sword-
fish will never near a ship, that far
from cameras or cars elephant herds live
long elephant lives. Believe that bees
by the billions find unidentified flowers
on unmapped marshes and mountains. Safe
in caves of contentment, bears sleep.
Through vast canyons, horses run while slowly
snakes stretch beyond their skins in the sun.
I must trust all this to be true, though
the few birds at my feeder watch the window
with small flutters of fear, so like my own.

Acredita

Acredita que existe um tigre, musculado
Tasmaniano e furtivo, que nunca
foi visto e nunca será visto por olhar humano.
Acredita que trinta mil peixes-espada nunca
se aproximarão de um navio, que longe
de câmaras ou carros manadas de elefantes vivem
longas vidas de elefantes. Acredita que abelhas
aos biliões encontram flores desconhecidas
em pântanos e montanhas não cartografados. A salvo
em cavernas de contentamento os ursos dormem.
Ao longo de vastos desfiladeiros cavalos galopam enquanto
as cobras se esticam sob o sol para além das suas peles.
Terei de acreditar que isto seja verdade, embora
os poucos pássaros no meu comedouro olhem a janela
com pequenos tremores de medo, igual ao meu.

Susan Kinsolving, (não regista a data de nascimento), EUA

It's platonic
Platonic my eye,

I yearn
For the fullness
of your tongue
making me
burst forth
pleasure after pleasure
after dark,

soaking all my dreams.

É platónico
Platónico o tanas,

Anseio
pela plenitude
da tua língua
fazendo-me
explodir
prazer após prazer
após escurecer,

humedecendo todos os meus sonhos.

Rita Ann Higgins, nascida em 1955, Galway, Irlanda

Poesia para levar no bolso

Nuno Miguel Guedes (tradução)

Líricas a Propósito de um Confinamento

José Gardeazabal

tomaremos dois cafés
faremos listas de supermercado
tentaremos amar outra vez
desta vez sem o corpo
passearemos o cão para passar o tempo
decidir como ocupar a reforma
estamos aqui estamos a falar com o cão
ou seja sozinhos
em vão
porque os nossos queridos animais domésticos
são maus
conversadores

nós somos os da revolução digital
a luta não nos engorda
não nos afoga
a igualdade é uma habilidade
de cabaret
e os outros oh amor!
os outros ainda são o inferno

somos um exército de insetos sossegadinhos

ensinaram-nos a nadar
meticulosamente
para acompanharmos a arca dos animais do lado de fora

—

há cães
desconhecidos
a decidir o cânone

a estas horas do dia
não é costume termos sentimentos de ocidental
homens entram e saem pelo corredor estreito
simulando nascimentos
o idoso queixa-se que vai sempre parar às mensagens
e depois a menina cala-se

que saudade dos audiolivros para velhinhos
para autocarros

o linguajar latim dos dias da semana

num momento de purificação
pousamos o telefone
para ouvir finalmente vozes
a chamar-nos
para jantar

faça chuva ou faça sol
que faça sol

Homo Sum

Alberto Pimenta

Foi no assento dum táxi que nos trazia, a mim, à minha bengala, e ao Viriato, vindos duma Adega cujo nome não revelo, não quero que se vulgarize mais – já basta gente vulgar como nós somos – a bengala não tanto, é ameríndia, mas a Adega é que não é mesmo nada vulgar, desde o tecto arqueado, o autoclismo do alto, de puxar por corrente, como noutro tempo nos eléctricos para dar o sinal de querer sair, mas aqui, siga: já saiu! e é o Sr. Manel de cartucho branco na cabeça, passando pela Dona Conceição que, na antevéspera de ser declarado o estado de emergência, veio ao meu lugar pespegar-me um beijo como deve ser, e após isso foi cozinhar aquele sável que à mesa chegou pelas mãos da Elisabete, não a rainha da Inglaterra, que está longe e ocupada com as suas colecções, e do Ricardo, não o do coração de Leão, mas este, coração de homem! e fomos comendo o sável e bebendo o *Zé do Telhado*, ladrão de vinho! mais dia menos dia atacará de novo, e falámos, claro, da infantilidade – ou senilidade – do meu soneto, passe a hesitação, que o Viriato havia de declamar por mim, de gravata e tudo, caso me calhasse o prémio da minha vida! e, dizia eu, foi no assento dum táxi, foi na curva ao dobrar para a rua da Madalena – grande pecadora! – que me caiu na cabeça – talvez galantaria dela... – caiu aquele velho dizer de Terêncio: *homo sum: humani nihil a me alienum puto!*

E foi como a revelação de Pedro com o cantar do galo, ou como a de Arquimedes quando disse *Heureka!* e, sem querer dar-me tanta importância, foi como o Alípio quando viu a Felícia e disse: *é esta*! Eu também disse: *é esta*, e o Viriato achou bem! Mas o que em latim é tão claro, mil e oitocentos anos depois os estudantes da Picardia lá perceberam, depois de o reduzirem à singeleza do seu: *de rebus quae geruntur!* Terêncio até parece que tinha origem berbere, era como o Almada, nascido em São Tomé: homem cuja língua não vogava à superfície, e até o Doutor Júlio Dantas não entendia, não mergulhava, dava só umas braçadas à tona, latim não sei se era na sua zona, mas é tão claro, até no que o português diz "à letra": *sou homem: nada de humano me é alheio* é tão claro, é tão óbvio que até o Presidente Trump entenderia e podia fazer seu, adoptar, então depois de saborear a *Caridade* de del Sarto, que em Moscovo lhe deram a conhecer com nuances; mas alindemos: *sou homem: nada do que é humano: estimo que me é alheio*, e já um raio de dúvida: *é* ou... *seja*; então melhor, mais escorreito, talvez se calhar: *sou homem: não me alheio de nada do que é humano*; parece que sim, mas inverte o que Terêncio quer dizer; então, por exemplo: *sou homem: não estou além de nada do que é humano*; é passivamente modesto, e Terêncio não é dessas coisas: *puto*: "julgar", é o caso, ou mesmo antes de lá chegar, "avaliar", estimar a valia, é claro!...

Mas de que é que hoje estimamos a valia? Das grandes acções civilizadoras, de que primeiro Roma deu o exemplo: destruição de Veji para civilizar os etruscos; depois de dominada e civilizada a Grécia, um levantamento popular levou à necessária destruição de Corinto, que então aprendeu muito, por exemplo a fazer uvas passas para tempos de necessidade, muito alimentícias e, ainda por cima, gostosas a qualquer hora do dia ou da noite; mas Roma acabou por ser saqueada pelos Godos, e era escusado! Muito mais tarde houve as Cruzadas, muitos casos, até trouxeram de lá a Peste Negra, etc., etc., e, parece que não vem, mas vem a caso, quem é que efusivo traz uma coroa, que nem é feita de jóias como a do Sagrado Império Romano-Germânico, que tinha tantas como os dias do ano, a contenda era entre os que garantiam que o ano era bissexto, e os que não garantiam nada, porque a contagem em círculo enganava, e por causa disso até houve guerras, guerras que ficaram célebres porque um exército levava 365 cavalos e uma égua, e o outro levava só 365 éguas, era uma rebaldaria; não é nada disso, nem também a de espinhos, que alguns não conhecem, mas sempre houve, e penso que continua a haver, e para muitos com imensos espinhos, e, dado o orçamento de cada ano, eles são mais todos os anos, até há quem traga a testa toda inflamada, e a ciência trabalha, mas ainda não encontrou remédio! Estima-se que o problema vem da Lua, ou se calhar de Marte, onde os enviados de cá da Terra também aterraram, e trouxeram amostras para fazer testes! Os testes deram positivo; depois disso este mundo ficou aterrado e ainda mais aterrador; foram lá deixar por certo, como de costume, uma ponta do negócio, e agora é de lá que quase tudo se decide! A mim não me venham com histórias, já me basta a história, que parece ser a verdade, como tudo parece quando se vão baseando todos no que estimam ser as verdades uns dos outros: A disse, e B disse que A disse, e C disse que B disse que A disse, e D disse, e basta, mas a verdade é que esta verdade é só uma variação sobre uma fantasia, uma questão de estilo, não como é a afirmação de Terêncio: *sou homem: não afasto de mim nada do que é humano!* Mas não serve, tem mesmo, tem de ser latim! Claro, mas que é que no meio disto tudo é, e não é humano? Acho que os filósofos sabem, ou andam atrás de saber, e escrevem livros e livros a dizer isso mesmo, que andam atrás e estão quase a chegar, e aos sacerdotes é dado em dote saber mesmo tudo, e todos os que ganham bem também sabem, os outros sabem menos, ou só um pouco, ou até nada, e é só por isso!

alindemos: *sou homem: nada do que é humano: estimo que me é alheio,* e já um raio de dúvida: *é* ou... *seja;*

É só por isso o quê? Que é tão difícil saber o que é, e o que não é humano! Para os que dirigem, e até se põem a combater, é claro que é pelo humano que o fazem; os outros não sabem bem, fazem coisas que são desumanas, até roubam para comer! E havia mesmo necessidade de comer aquilo? Um crime, tudo o que se chama crime, o que se chama desumano, o que se chama o mais desumano possível, disso tudo, de tudo isso não me ponho fora, não me excluo, não me excluo do que lhe fiz, e dos chamados abortos que ela fez, na época proibidos e portanto complicados, c de tudo o que se seguiu, e até ao fim se há-de seguir, embora já não pareça da minha responsabilidade, mas ela é desde que nasci, desde que recebi a ordem de nascer, a que todas as ordens que recebi se seguiram: ser homem, ser um herói, matar ou salvar, ou salvar para depois matar, ou matar para depois salvar, e depois, muito importante, as que ainda se seguem: lavar as mãos, lavar as mãos, e sempre lavar as mãos, lavar como Pilatos, lavar as mãos, sempre e todos sem excepção, lavar as mãos, especialmente depois de meter os dedos no nariz, lavar as mãos; lavar as mãos, e depois de pôr os dedos na pila, especialmente se ela esteve em contacto com algum cu, isto seja ele de homem ou de mulher, perdão, de mulher ou de homem, mas é indiferente, cu é cu, e mão é mão, é a única parte que lá deve ir, mas bem lavada! Não sei mais, é como Pilatos, é tudo, é tudo, e que mais? Cu? estou realmente como Terêncio, e digo agora a sério, e mais sério não podia ser: *eu não enjeito nada do que é humano: homo sum!*

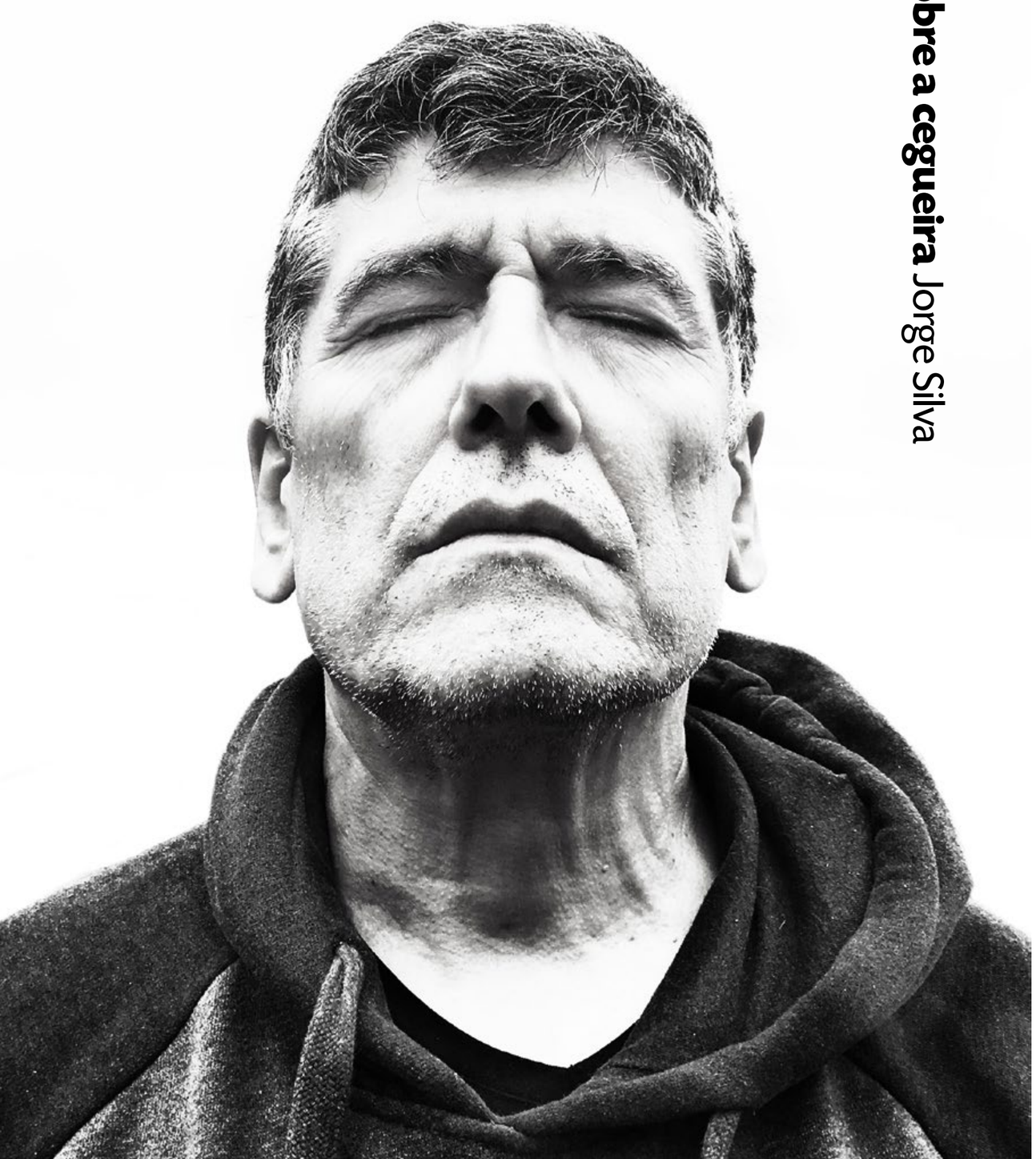
É só por isso o quê? Que é tão difícil saber o que é, e o que não é humano! Para os que dirigem, e até se põem a combater, é claro que é pelo humano que o fazem; os outros não sabem bem, fazem coisas que são desumanas, até roubam para comer!

E se a alguém ocorresse dizer do homem em poesia, como disse Nikos Kazantzakis:

Que estranha
máquina é o homem! Enche-la de pão,
vinho, peixe, e rabanetes, e saem
Soluços, risos e sonhos!

A questão é, parafraseando Heidegger, por que é que há poesia, em vez de a não haver? Farto-me de perguntar isso; Terêncio claro que sabia, e decerto até diria: *Terentii obticentia: de omni re scibili, certum est merdam esset.*

Ensaio sobre a cegueira Jorge Silva



Retratos para revista *Blimunda* #93, março de 2020 (www.josesaramago.org/blimunda-93-marco-de-2020)

[Não é que eu queira viver isolado] Vitor Sousa

Não é que eu queira viver isolado.
Antes de tudo, teria de resolver
uma espécie de paradoxo.
Continuo vivo
sem que me esforce assim tanto.
Tenho acordado todos os dias,
sempre de improviso
e não há grande mérito nisso.
Por outro lado,
sou preguiçoso para experimentar
morrer,
uma coisa que parece ser definitiva.
Eu ainda gosto de ser pessoa temporária
e continuo a acreditar no privilégio
de morrer por alguém.
Não há mortos assim,
temporários.
O meu Pai, por exemplo.
Para mim, morreu ou continua a morrer.
Nunca digo que ele está morto,
preciosismo que vale pouco,
mas conheço-o e ele não se dá parado
muito tempo.
Coitado, obrigado a fazer a mesma coisa
há 7 anos.
Mas voltemos ao lugar remoto.
Gostei do sítio
e é verdade que era um sítio isolado,
mas a culpa não é minha.
Vejamos, um deserto.
O deserto só é deserto
por ser bem frequentado.
Um dia, começaram a chegar pessoas
àquele sítio isolado.
Eu fui embora,
claro,
mas a culpa não é minha.
É que descobri um lugar belíssimo.
Por acaso,
também não tinha gente
e a culpa não é minha.
Só cheguei primeiro.

Tu sabes para que serve um velho?

Ana Teresa Sanganha

(a alteridade...sempre a alteridade...)

Requiem do Mozart. Ah!... Os primeiros cinquenta e quatro segundos... tornava-os eternos. Dia Internacional do Trabalhador. Hoje é o meu quinquagésimo quarto dia em casa. Sorrio para dentro quando dou conta de que o número é o mesmo, o do segundo onde eternizava Mozart. Quase epifânico... quase. Sexta-feira. Dia de ir às compras, que rapidamente me tornei um robot da minha rotina. Goreti, a porteira. Enquanto estendo a roupa à janela, grita lá de baixo "olhe que a minha filha diz que o Lidl está aberto!" Penso: mesmo sendo o Primeiro de Maio. Revolta cá dentro. Decido fazer batota à consciência e boicotar as compras, na necessidade de me reconhecer na minha lealdade para com um princípio do Dia do Trabalhador, em que ninguém devia trabalhar, e acreditando já fazer parte da resistência ao arrastão, justificante e justificado, da crise. Fico orgulhosa de mim, durante também cinquenta e quatro segundos. Afinal não é batota. É fraude, mesmo. Irei lá amanhã... porque preciso.

E com dolos lá sigo, à volta da dor.

Escolhi trabalhar durante a quarentena. Escolhi... Riso interno, desta vez, irónico. Quero acreditar que sim. Tinha dois cenários: continuar a trabalhar, em casa, porque o meu trabalho mo permite. Ou parar de trabalhar, ficar em casa, porque o meu trabalho mo permite. Sorriso interno, outra vez: trabalho ou labor?! Não, gargalhada interna. Trabalhadora independente porque mais dependente. Levamos uma vida a querer separar estas duas, a independência e a dependência. Analiso as situações com a intensidade "vida ou morte": tenho de continuar a trabalhar, as pessoas precisam de mim, eu preciso do dinheiro para viver. Vou parar, afinal preciso tanto de descansar e podemos perfeitamente interromper as consultas. Não sou paga, mas tenho uma excelente oportunidade para dormir, ler, cozinhar, ouvir música, ver filmes e beber vinho. Riso interno: vinho... a qualquer hora do dia, que não só à noite.

Não aguento. Tenho de trabalhar. Como posso ficar a descansar quando tanta gente precisa de mim?! Riso interno: acredito eu. Quando as pessoas podem estar a sofrer, e agora que mais precisam, podendo ser eu a contribuir para a diminuição desse sofrimento. Sorriso externo, enquanto penso e decido: vai lá amparar-te no que amparas para que isso te possa perpetuar a validação da tua existência. Vai lá trabalhar para poderes ir ao Lidl, comprar toda aquela comidinha que não te engorde muito por estes dias em que vais, afinal, passar o mesmo tempo de outros dias, com o rabo na cadeira, a ouvir os prantos de quem, como tu, está confinado. Sozinha. Não estamos todos?

E assim foi.

A conversa é continua, para além dos pacientes e para além da garganta. De dentro para fora, de fora para dentro. De dentro para dentro e até de fora para fora. Hora após hora. Todos os dias. Ansiedade, a tortura de uns, tédio, a de outros. O trabalho retira tempo a alguns, a inércia retira vida a outros. Outros ainda nunca estiveram tão bem, com tudo o que precisam. E eles falam de si. É para isso que me pagam. Sou paga para os ouvir. E para os suportar na "queda", momento em que puxo da palavra e, obviamente, do abraço. Critiquem-me agora. Sou paga para ouvir, sentir e pensar. Gosto de pensar que sou paga para amar... mas não o posso dizer em voz alta porque me vão cair muitos em cima... e já me chega ser filha única.

Só que não há um segundo do dia em que não me interrogue sobre o facto de serem poucas as pessoas que me falam da sua preocupação com o estado actual do mundo. E de sexo. Praticamente ninguém me tem falado de sexo. Ao contrário dos directos do Instagram do Bruno Nogueira. Curioso, não é? Mas bate certo porque, na realidade, também não imagino o Bruno Nogueira a falar muito de sexo com uma terapeuta. Na verdade, todos falam de si e ninguém fala do outro. Não me choca, mas retira-me esperança... uma brutalidade destas a acontecer e só se fala de si. Sempre com a salvaguarda de que estamos em casa também pelos outros. Os grupos de risco. Mas não estamos todos? O verbo aprender na boca e todos com tanta dificuldade em olhar para o lugar de onde pode vir o ensinamento. Outra vez o Bruno: chegou aos sessenta mil, por experimentar sair de si. Sorriso interno: estou mesmo parva, armada em pedagoga. Mas toda a gente refere que o mundo vai ficar diferente. Uns crêem num mundo onde todos nos vamos amar muito mais, outros afirmam que a nossa liberdade acabou e que a depressão se instalará. Riso interno, sarcástico: mas vamos falar de liberdade quando a incapacidade de nos descentrarmos é a única coisa que prevalece? Achamos mesmo que o mundo vai mudar?

Entre lamúrias, vou dizendo que podemos, neste confinamento, sentir tudo a que temos direito, e pensarmos o mundo que queremos, já, ontem. O ser humano que queremos ser amanhã, já, quando "isto acabar". Sem sorriso interno: não vai acabar nada. Está a acontecer, já aconteceu e vai continuar, com a agravante de estarmos externamente cada vez menos livres e, com muita ira minha, que se fosse tristeza ainda mais força me retirava, internamente também... E é por isso que "isto" está a acontecer.

O confinamento é a Caixa de Pandora. E, em tempos de redes sociais, deixa-nos a todos nus... E quem tem olho é rei.

Como é que posso olhar para dentro sem sentir pânico? Como é que posso olhar para fora sem me ver por dentro? Risos, mesmo: o grande dilema da época corona. Onde a suspensão nos retira, dando,

o consolo que nos restava por não durarmos para sempre, como disse Dagerman. Retira-nos o tempo, dando-nos o tempo.

Quando ao mundo retiramos a capacidade de pensar, o que é que fica?

Narciso na contemplação da sua figura.

Assim vai o mundo onde este vírus penetrou. Um mundo omnipotente onde a vulnerabilidade pertence ao outro, que afinal nos é invisível e, portanto, podemos deixar cair. Não é tão incrivelmente paradoxal? O outro só existir no lugar da vulnerabilidade? E ao mesmo tempo precisarmos dele como repasto para a nossa omnipotência, que até dá dó, de tão primária... O lugar onde ficámos, desde o dia em que o trauma nos invadiu sem qualquer hipótese de nos defendermos... de tão pobremente sós que já estávamos... que até para a solidão é preciso outro.

(escolho o primeiro pronome pessoal plural porque não me interessa desmascarar a minha individualidade, mais conhecida, neste mesmo mundo, por arrogância)

E assim continuará o mundo, onde a incapacidade de ver o outro como parte sua, e ao mesmo tempo totalmente diferenciado de si, prevalece sobre a possibilidade de olhar a própria vulnerabilidade. A sua e do mundo. E a ausência de liberdade é aquela mesma em que negamos a existência do outro, diferente de nós, portador de coisas que não temos, diferentes das que temos, sem que isso nos aniquile até cegarmos pela vontade da sua destruição.

Perguntam-me muitas vezes se quem não tem consciência dos seus actos, se não tem consciência de que não vê o outro, pode ser responsabilizado por isso. Costumo responder que a imaturidade, na infância, é uma possibilidade de crescimento, na adultícia, é uma arma de arremesso. Portanto, além de poder ser responsabilizado pelos seus actos, pode ser apelidado de mau. E é exactamente aqui que está o calcanhar de Aquiles do mais mau de todos, o perverso narcísico. Para lá do simples narcísico, do qual todos temos um pouco, uns mais, outros menos, pois claro. O perverso narcísico, mesmo que deseje ser mau, agindo como se todos os actos fossem defensáveis e defensivos, tem a bondade de notar quando o consegue. E é aqui que, neste instante, porque só instante mesmo, fica eternamente preso na sua condição: um narcisista ressentido com cada segundo em que não recebe atenção e que, por isso, nunca conseguirá escapar àquilo que é. E, também por isso, nunca conseguirá provar do que tanto deseja, a liberdade interna. E será tanto mais psicopata, quanto menos obstáculos e limites encontrar para atingir os seus fins. Portanto, não os vê, mesmo que sejam de carne e osso.

Voltando a Dagerman, "o que é perfeito labora em estado de repouso".

(também no primeiro pronome pessoal do plural: ao responsabilizarmo-los, já lhes estamos a conferir a autonomia para pensar, já lhes estamos a mostrar o caminho para a liberdade)

Pensar, ao contrário de ruminar, implica escolher, o que implica perder. Fazer uma escolha, sabendo que essa escolha implica uma perda, e assumi-la é não precisar de ter tudo no mesmo lugar, é não precisar de devorar tudo e todos. É saber diferenciar-se dos outros, como parte integrante deles. É saber que não chegamos onde todos chegam, mas que chegamos onde bastamos. É gostar, e não precisar. É ter medo, ao contrário do que diz a Nina, "no fear!" Não, "no panic!" E isso é a Liberdade.

O poder da ilusão esmaga a liberdade, mas a desilusão, pérfida, impõe-se, dolorosa e, aparentemente paradoxal, devolve-no-la.

Como afirmava a Alexandra Silvestre no outro dia, a única coisa de que temos certeza é desta incerteza que se vive. E não foi sempre assim?

Ontem, o psiquiatra Luís Patrício, numa webinar da Sociedade Portuguesa de Psicossomática (bem-vindos ao futuro), dizia que existem dois tipos de verdade, a verdade da conveniência e a verdade da realidade. Na vida, temos de escolher uma delas, sabendo que a saúde mental não acontece na primeira.

Todos sabemos a verdade que temos escolhido.

"A relação é que faz a imunidade" partilhava a Patrícia Câmara comigo, também no outro dia.

Rilke escreveu: "Nós estamos mesmo no principio, vê tu. Como antes de tudo. Com mil e um sonhos atrás de nós e sem acto." E também: "Deixa que tudo te aconteça, beleza e terror. E continua. Nenhum sentimento é último".

"Tu sabes para que serve um velho?"

Um velho somos nós. Somos um velho no futuro do nosso passado, somos um velho no futuro do nosso presente. E servimos para honrar o nosso lugar e não nos sujeitarmos à submissão.

Só é são quem é livre. Só é livre quem vê o outro.

Eu?! Eu não perdia, por nada, tudo isto que está a acontecer.

(e tenho muitas saudades tuas, muitas)

Não acho que estejas a inventar nada.

Calma 😟

Porque dizes que somos parecidos?

Porque pensamos os dois que somos the best shit ever

Ahahahahahahahahaha

Mesmo quando não somos

Oh.

Afinal estás a inventar

Eu sou a best shit ever.
Tu pensas que és. Mas pronto, há semelhanças.

Messenger Joana Bernardo

isso quer dizer que andas a dormir bem?

ainda não está no ponto, tenho tido muitos pesadelos

mas larguei a droga

três noites em branco, mas já passou.

eu retomei os lexotans

mas durmo mal e não acordo com grande alegria.

isso tb não

muito pouca mesmo

e há que dizer, com toda a propriedade, que me falta, digamos, intimidade

ahahah

eu não me queixo muito disso.

porque és falsa.

juro!

e viveste em viseu

isso deixa marcas

não vivi. deprimi umas semanas.

nunca lá vivi.

umas semanas... isso é fatal

adorava ser um intelectual, acho que assim o meu corpinho portava-se melhor

não dá para umas visitas conjugais?

Preciso de depravação, pecado e luxúria

Estou sempre a planear tudo

Médio/longo prazo, seriam 10/50 anos

Sim, mas planeei as coisas a 10 anos

Os que aí vêm?
Ou os que já passaram?

Já passaram alguns.

Estás a meio do teu grande plano? 😀

Quando voltei de Londres.
Planeei bastante do que tenho feito até agora
Quase tudo, na verdade..

Uau.
Sinto-me mediocre.

Eu não planeei nada de importante.
A vida vai-me acontecendo.

Acho que é porque ando mesmo a pressionar-me para pensar num plano de fuga e isto instigou os medos que tenho.
O medo de ir para aí e não encontrar uma coisa que me realize.
De confirmar que o ser mais feliz aí por causa do sol e dos amigos é uma fantasia.

Não te vou mentir, não vai ser fácil. É raro termos tudo o que queremos.
Acredito na tua força, até porque me tens passado alguma dela. E é nisso que tens de te concentrar.

Sim. Isto vai tudo pelo cano quando começo a prestar mais atenção aos outros do que ao que eu sinto ou sei que sou capaz.
Tenho que ser mais egoísta/focada nesse sentido.
Duvido demasiado de mim.

Era o q dizia. se essa pessoa é um elemento negativo na tua vida, afasta-a.
Há-de voltar, quando for para voltar.

Sim, tens razão

❤️

Sempre que precisares, estou aqui.
Gosto de ti, mulher!

Obrigada
E eu de ti 🙂
Muito muito, muitas vezes

❤️

😳

estou malaico com isto

Lindoooo

Goddamn

https://open.spotify.com/track/6XasVeExOLeQqpZYwN9l1T?si=V6x_DIQGR0yjRyMHD4Im-w

sempre me pareceste impossível de agradar, estou também surpreendida

Eu pareço-te tudo ao contrário 😊 Sou um rapaz tão simples sniff

pensava que era uma das coisas que tinhamos em comum!

tu acusas-me do mesmo.

Já nada sei, esta vida de robe e ramens no subsolo está a desatinar-me

E como é uma vida que não é uma vidinha?

É uma vida em que se respira fundo e se engole aos pedaços.

Na vidinha há muitos suspiros.

na vidinha há pouca vontade

e muito medo

Não sei se concordo com a parte da vontade. 🙂

Mas cada um sabe de si

exacto. também lhe podes chamar tusa, cojones, joie de vivre, lebenslust, e por aí fora.

Prefiro tusa. Já que sou portuguesa e vivo uma vidinha, que seja em português.

tusa lusa.

🤘🏽

Em tempos de distanciamento social, os polegares são exercitados mais que nunca. Palavras, emojis e links são enviados, encenando uma aproximação. Aqui estão reunidos alguns excertos de conversas que aconteceram, no plano do digital, em março e abril de 2020. **Agradecimentos: A, B, C, D e E**

Vamos morrer

Luís Brito

A primeira vez que tive um ataque de pânico foi há 3 anos. Havia tomado LSD. De repente, o debaixo das mamas coração desgovernava-se como um país. Respirar sabia a impossibilidade e tinha dormências em cada um dos 20 dedos que deus me deu. De repente, estava obcecado com a morte, com a doença, com a fragilidade. Tinha a absoluta certeza de que ia morrer ali, naquele momento e para sempre. Alguns de vós sabem a que sabe este episódio. Outros para lá caminham ou, como veremos, caminhavam.

Passo a definir: um ataque de pânico é o que acontece quando o nosso sistema nervoso deixa de aguentar a ansiedade que em nós se grava e agrava. Um ataque de pânico é uma gota de água, um corpo a gritar que os níveis de nervosismo ficaram insuportáveis, um lugar-limite que é um sistema nervoso a dar de si. O LSD disparou o meu ataque de pânico, mas não foi ele quem o causou. O problema eram os meus problemas, a carga, os traumas, o estar em sociedade, o estar em família, o esquecer-me das verdades pois acreditava nas mentiras. Nem toda a gente toma LSD, porém, pouca é a gente que toma açúcares e hidratos, álcool, fumo, dinheiro, pressão, ambição, notícias (lol), psicopatia, ganância e delírios vários, coisas que temos como vida mas que na verdade são morte.

Depois do ataque de pânico, quando ele se acalma, deixamos de julgar que vamos morrer, para saber que vamos morrer. Novidade: vamos morrer talvez hoje, um dia seguramente, e quando incorporamos isto, de dentro para fora, aprendemos taxativamente a não mais viver como tontos iludidos, também conhecidos como *iluminabos*. Mudamos de mentalidade, mudamos de estilo de vida. O que tivemos, neste ano e neste mundo, foi um ataque de pânico colectivo: uma repentina e patológica obsessão com a vulnerabilidade, que na verdade é um ataque de consciência. Todo este lol está a acontecer porque a maneira como vivemos e nos (não) relacionamos deixou de ser viável, sustentável, lógica ou contínua. Tivemos um ataque de pânico colectivo. E um sintoma é um amigo, que vem falar de uma mudança profunda.

Enjoy the show, dear mortals.
Vamos morrer
E isso é lindo.

AL(L)ONE, 2020
técnica mista, acrílico e colagem sobre tela.
80X80 cm
peça única
Para *Right Now, online group exhibition*, Underdogs
www.under-dogs.net/blogs/exhibitions/right-now-group-exhibition

Al(l)one Carlos Guerreiro

Louise Dupré traduzida por Valério Romão

Capaz de Matar

És capaz de matar, mesmo um ser que amas; por vezes decidimos matar o que amamos. Infiltrou-se pouco a pouco na tua cabeça, ele berrava, o teu gato, ele não parava de berrar, e tu não o quiseste ouvir mais. Já não aguentavas, como aquela mãe que já não aguentava ouvir o choro do filho. Bastou encostar uma almofada àquela pequena boca, acabou. A criança cala-se. Tu, tu marcaste um número de telefone, atendeu-te uma voz feminina e tu respondeste-lhe Sim. Mas não te ocorrerá escrever Eu sou culpada. Coincidirias então com o teu remorso.

Berros de crianças esfomeadas, berros de mulheres durante o parto, berros dos prisioneiros que torturamos, berros silenciosos de esposas lapidadas, de raparigas e de rapazes que violamos, berros dos violadores, dos homicidas, os últimos berros dos assassinados que ninguém ouve, berros dos deportados, dos bombardeados, dos cordeiros que degolamos, berros dos escravos nos porões, das bruxas nas fogueiras, dos guerreiros, dos moribundos no fim do sofrimento, berros de chamamento, de revolta, de desespero, berros do teu gato. Berros aos quais nunca respondeste.

Ouves os berros retidos nas entranhas da terra de cada vez que pousas os pés no chão, ouvi-los-ias mesmo que matasses todos os seres vivos. Pedes de cada vez que te libertem do mal, mas quem te poderia estender a mão, que palavra te poderia salvar dessa angústia? Pertences a uma linhagem tão antiga que esta não se recorda do continente em que nasceu, peixes, pássaros, carnívoros, mamíferos que pouco a pouco se vestiram para aprender a caminhar, povo de caçadores, de pilhantes e de criminosos. Tens nas mãos o odor milenar do fogo e do sangue.

Vens de uma infância na qual os poetas acabavam nos asilos, como os órfãos, uma infância de cordeiros loiros balindo sobre carros alegóricos, paradas sem combates, lembranças entaladas no catecismo, imagens mártires que subiam até às nuvens. Queriam-te virgem, missão, África de joelhos florescendo as igrejas, ensinavam-te o solfejo do sacrifício e tu cantavas, desafinadamente, a voz presa como calhaus na boca de afogados. Esquecias-te da tua pele animal, dos pêlos que te invadiam, braços, pernas, púbis, ervas daninhas que arrancavas uma a uma, era necessário fazer de anjo e sem talento fazias de anjo. Começaste a escrever, a mão assombrada. Não habitas sozinha o teu sofrimento e sabe-lo.

A mão assombrada, tornamo-nos numa história demasiado pesada para uma mulher, uma barbárie à flor da pele. Conheceste predadores de todas as épocas e todas as épocas espreitam cada um dos teus gestos. És uma poeta de unhas negras e assim o serás sempre. Já não tens idade para concursos de beleza, idade para os versos erigidos em coroa para a glória dos rostos, o teu espelho devolve-te agora as rugas da tua mãe. Envelhecer não te traz qualquer serenidade, qualquer sageza, apenas a devastação de um deserto no qual as tuas palavras nada podem pelos reféns desfeitos a golpes de sabre como monumentos milenares. E, ainda assim, sonhas com poemas que despertam a ternura dos deuses, mesmo que tenhas de lhes chamar *preces* ou *orações*. És a tua própria contradição.

Excerto de *La main hantée* (ed. Editions du Noroit)

A morte dos pequenos prazeres da vida, de fumar e de beber, é a morte. É também a liberdade. É a liberdade em acto. Como é possível que a realização da liberdade seja tão pouco ou a respeito de tão pouco? Mas o homem que não domina os seus vícios é um homem perdido. Ouvia-o de meu pai. Sempre me assolou esta frase. O vício está ligado ao prazer fora de controlo. É um prazer que toma conta da vida de alguém. É tóxico. Há uma ligação intrínseca entre vício e prazer. Não é só escravidão. É liberdade, gozo, fruição. A partir de determinada altura, contudo, o que dava prazer não tem graça nenhuma. Faz mal. Mas já não se consegue parar. A sensação de liberdade que o prazer dava, resultante da fruição, da alteração do estado da consciência, do prazer intenso que se sentia no corpo, perde-se e transforma-se no seu oposto. Os antigos pensaram muito na lógica intrínseca da adicção, no excesso, no prazer, na gratificação imediata. E nas análises de Platão nunca foi negado o prazer. O prazer não é uma inexistência. Existe e é extremo. Só assim pode ser equacionado como o bem. O prazer sente-se no corpo e sente-se na alma, invade todas as dimensões do ser humano e da vida. Mas é a pergunta pelo seu sentido que nos deixa perplexos. Qual a possibilidade de perguntarmos pelo prazer? Em que circunstâncias perguntamos pelo prazer? Perguntamos pelo prazer quando não há, quando acabou, quando o que dava prazer deixou de dar prazer, quando em seu lugar, pela sua ausência, há vazio, a ressaca. A lógica da adicção identifica claramente a relação com o prazer obtido com determinadas substâncias, conteúdos do mundo: sexo em todas as suas formas, físico, fantástico, pornográfico, álcool, drogas, comida, jogo, o que quer que seja e tudo o que nós associamos a "um prazer intenso", tudo o que "dá um gozo enorme", o que "leva à loucura". A expectativa do prazer permite perceber que a relação com o prazer é de expectativa, vivemos em momentos de antecipação quando esperamos prazer, estamos nos "preliminares", na lógica complexa do aumento da tensão máxima, sem ceder. Toda a teologia interpreta este facto como tentação. Não haveria nunca tentação, nunca seríamos tentados, se o nosso ponto de vista fosse apenas o do presente do indicativo, se o nosso acesso à realidade fosse estritamente o da percepção. O que nos tenta vem do futuro. O acesso ao futuro abre-nos ao prazer. Não é necessariamente de forma positiva ou obrigatória nem proibitiva. Ainda que se diga e compreenda que o fruto proibido seja o mais apetecido, o apetite é aguçado de diversas maneiras e saber aguçar o apetite é coisa que o prazer sabe fazer a partir de si próprio, pela personalidade própria e fortíssima que tem. Dizer que não se pode ter, a nossa relação com quem se nos nega a nós, com o que não se pode ter, com o que nos está interdito, com o que é proibido em todas as frentes da vida, pode abrir campos de desejo com os seus prazeres específicos, mas pode também não nos aquecer nem arrefecer. Podemos ter vários campos de prazer. Podemos não ter inibições de qualquer espécie ou trabalhar para inibir as próprias inibições, para desactivar proibições e interdições. Todas as nossas iniciações na vida não foram senão uma desactivação com a nossa própria experiência de desinibição de inibição. Portanto, seja por necessidade, sentido obrigatório, seja por uma direcção positiva ou orientação claramente assomada no horizonte, seja por proibição, por interdição, por inibição a nossa relação com o prazer é múltipla e complexa e antecipa-o se não lhe for indiferente. Interpreta-o como o compreende: potencia a vida, é bom, deixa-nos num estado melhor do que aquele em que estamos, afugenta-nos da estagnação, da paragem, do vazio, da ausência, da morte.

O facto de haver adicções a substâncias que dão prazer mas são nocivas à saúde em diversos níveis, podendo chegar até a ser causa de morte, mostra claramente que há um problema na igualdade prazer e bem, neste caso prazer e saúde.

Não importa como se estabelece a ligação com os diversos conteúdos de prazer que vêm a transformar-se em conteúdos de adicção e depois viciantes. Importa perceber que prometem prazer e dão o que prometem. A lógica da nossa relação com eles obriga-nos ao aumento da dose inicial porque nos habituamos à sua assimilação, com o tempo, e à frequência com que os absorvemos (ingerimos, comemos, inalamos, introduzimos no corpo). Podemos abrir campos de adicção. Um abre o caminho para outros ou para todos os outros, mesmo que não percebamos fisicamente como estão relacionados entre si. Formalmente têm a mesma essência. São conteúdos de adicção. Fazem-nos cair em tentação. São viciantes.

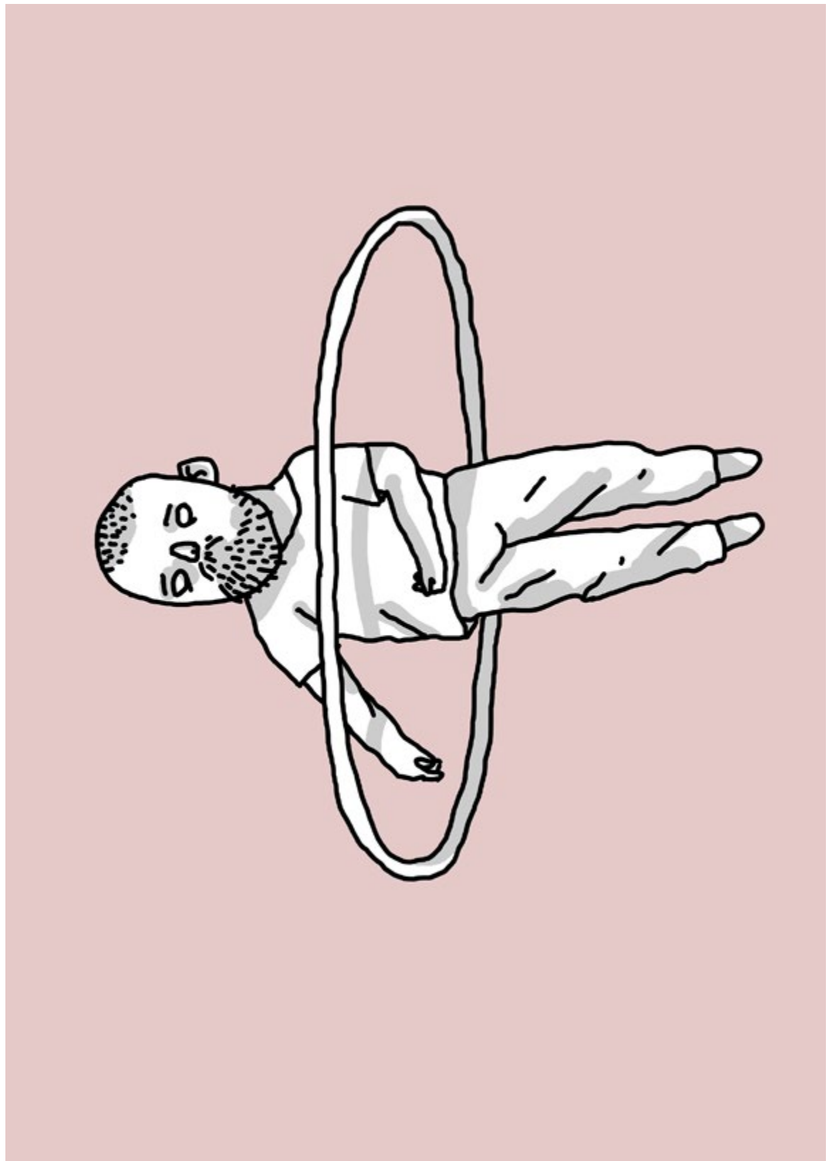
O facto de haver adicções a substâncias que dão prazer mas são nocivas à saúde em diversos níveis, podendo chegar até a ser causa de morte, mostra claramente que há um problema na igualdade prazer e bem, neste caso prazer e saúde. É também um facto que é extraordinariamente difícil deixarmo-nos de comportamentos adictivos. A substituição do consumo de substâncias nocivas por substâncias ainda nocivas mas menos nocivas permite compreender este facto. Nem tudo o que dá prazer é saudável e, embora possa haver coisas saudáveis que dêem prazer, nem tudo o que faz bem dá prazer.

A interpretação do prazer como algo de bom, que nos deixa melhores, os maiores, o máximo procura encontrá-lo em todas as frentes em que pode encontrá-lo mesmo que não sejam óbvias, tenha de trabalhar para as abrir, não sejam campos partilhados com todos. Mas há obviamente diferentes níveis

Há semanas decidi deixar de fumar

António de Castro Caeiro

2020 Júlio Dolbeth



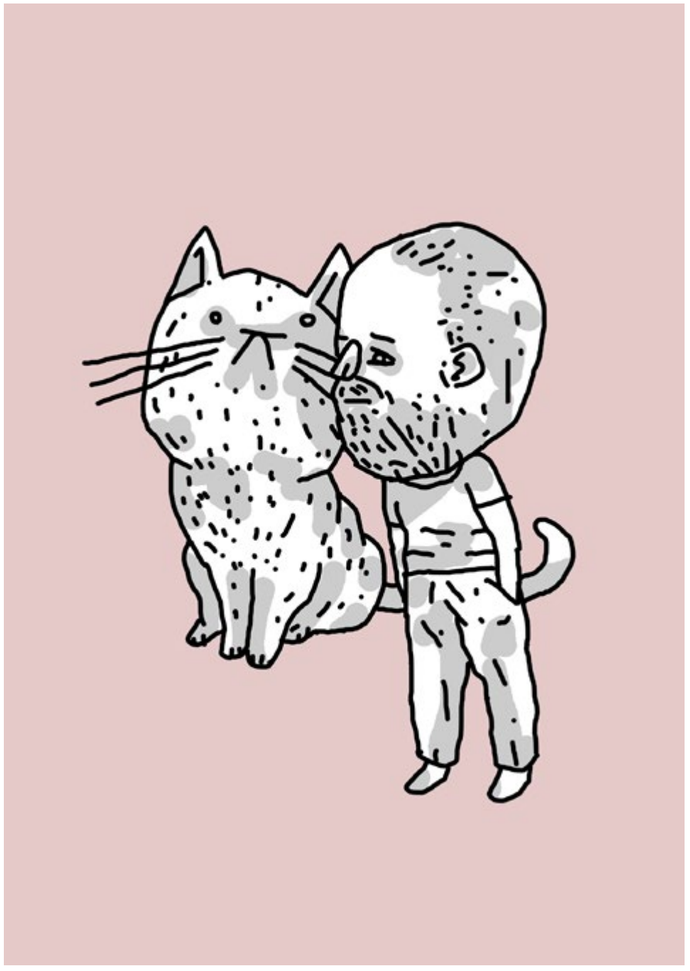
de perigosidade atribuídos às diferentes substâncias que alteram o estado da consciência. As substâncias tóxicas dão um prazer extremo e são absolutamente perigosas física e mentalmente. Alguém "agarrado" por qualquer substância com níveis diferentes de efeito provocado na sua vida dificilmente a "larga", a sua vida pode girar em torno dessa mesma substância de manhã à noite, em todos os seus gestos desde que acorda até que se deita, todos os seus comportamentos com os outros, toda a sua percepção do mundo em redor e toda a sua compreensão de si é feito no interior da *trip* em que se encontra a sua vida, seja álcool ou drogas. Mas pode ser a ludopatia, a pornografia, o tabagismo, crossfit, ioga, desportos de combate, qualquer forma de estudo intelectual excessivo, toda a dedicação devota a uma matéria, o comprometimento político, paroquial, profissional.

A ideologia do prazer leva a procurarmos fazer apenas "aquilo que dá gozo". O importante é que dê gozo. Quando não dá gozo, então o melhor é vir embora, porque é algo já acabou. Pela ideologia do prazer todas as nossas acções, comportamentos, relações, todos os nossos gestos têm como critério o prazer que dá o gozo e retrospectivamente abre já actuando retroactivamente sobre cada um de nós. O prazer é o futuro que nos vira já para si e dá sentido a todas as nossas acções. Tem danos colaterais, mas tudo tem danos colaterais.

Porém os danos colaterais são irreversíveis no prazer. Invade-nos a vida e ocupa-nos a existência, só para fazermos o que nos dá gozo e o que ele quer. Obriga-nos a compreender que fazemos o que queremos e dizemos até que só fazemos o que queremos, mas fazer o que se quer está fundamentado no prazer. Ora o prazer não está em nós mas está em algo ou alguém fora de nós e dura um instante. O conteúdo de prazer é claramente nocivo e encontramos subterfúgios e desculpas para continuarmos a retirar prazer de substâncias nocivas. Às vezes adoptamos medidas para podermos continuar no vício. Podemos comer bem e fazer desporto para continuar a fumar. Sempre é melhor do que fumar sem comer saudavelmente nem praticar desporto. Mas não fazemos a mínima ideia se assim é. Com substâncias alteradores do carácter e perigosas como álcool e drogas é óbvio que a maior parte do tempo em que nos encontramos sob a sua influência não estamos lá, não somos nós. E aqui percebemos um problema. Como escolhemos não ser nós? Como temos prazer em não ser nós?

O que nos leva a querer deixar de fumar ou beber ou tomar drogas ou comer desenfreadamente? Há qualquer coisa no ser humano que o faz não gostar de se encontrar submetido ou sujeito a nada. O homem que não domina os seus vícios está perdido. A frase pode ser lida de muitas maneiras. Dominar quer dizer erradicar, ficar sem vício? Quer dizer ceder à tentação o menor número de vezes possível, controlar a quantidade e a frequência? Há substâncias que obrigam a um controlo. Não podemos abster-nos de as tomar. É o caso da comida. Alguém viciado em comida não pode abster-se de comer ou então morre. Há fármacos que admitem controlo de dose e frequência, conforme o indivíduo que as consome. Mas há substâncias que obrigam à abstinência total, por motivos de saúde ou porque são tão nocivas que levam à morte. Pode haver também uma motivação ideológica. Alguém pode não querer ser dominado por um vício, pode não querer ser visto como alguém que se rende a uma tentação de um determinado teor. E quer libertar-se. Quer, por exemplo, deixar de fumar. Podemos perceber que fumar não altera a consciência como a cocaína, a heroína ou o álcool, mas a nicotina é uma substância altamente aditiva e não faz bem a nada. Dá é um prazer absoluto a quem fuma, durante o tempo em que duram os seus efeitos. Pode não ser compreendido por quem não fume. Há até quem possa achar revoltante o cheiro do tabaco e a sua inalação. Mas quem fuma tabaco sabe perfeitamente

que a sua inalação dá um prazer intenso, quase sexual, toldando o espírito e o corpo. Uma das maiores dificuldades envolvidas na abstinência é que de algum modo as substâncias são sexy. Tanto que, sem se perceber bem como, dão um prazer ligado à estimulação sexual, ao orgasmo sexual, aos preliminares, ao acto sexual e ao orgasmo. Tudo. A estrutura formal é idêntica: prazer de antecipação, preliminares, calma ou avidez na aproximação ao objecto, aspiração, alteração do corpo e da mente, a primeira passa tragada, tudo envolve em si as fases do acto sexual. O cigarro fica ainda a sentir-se presente depois de ter sido fumado. O que se passa com o cigarro passa-se com o copo, passa-se com a linha de coca, passa-se com uma tablete de chocolate, passa-se com sexo. Momento da antecipação, preliminares, o acto, o orgasmo, o post-acto ou post-coitum. Há diferenças óbvias respeitantes à interpretação do carácter viciante, nefasto, maléfico, danoso, e de natureza teológico e moral de que me abstenho de fazer aqui. Importa apenas referir que há uma rendição ao prazer do fumo e que o fumo passa a ser visto como viciante e prejudicial. Não apenas é "visto" teoricamente, mas é sentido fisicamente. Para além disso, há uma contrariedade que se sente em cada cigarro fumado. É uma derrota moral ou mental. É por isso que alguém sente que precisa deixar de fumar. Como?



Conseguimos esquecer do prazer que dá um cigarro? Conseguimos olhar para o abismo que apresentam as fotografias dos maços de tabaco e ver o mal que faz fumar? Não conseguimos nem esquecer o prazer que dá fumar nem acompanhar verdadeiramente as consequências de cada acto nosso de fumar. Eu lembro-me de ter tido esse prazer quando era miúdo e nunca mais o ter largado, mesmo que tivesse passado décadas sem ter fumado.

A vontade de fumar vem em ondas e depois vai, mas não se consegue perceber por que razão umas vezes as ondas são fracas, outras vezes não estamos para aí virados. Não se pode falar sempre de cedência e não cedência. Assolam-me estes pensamentos: "medo de ficar sem respirar", "prazer de fumar".

Revejo o meu diário mental: último cigarro foi sábado. Portanto: sendo hoje terça-feira, passaram-se 72 horas? Já não sei quanto tempo passou. Sábado, Domingo e Segunda. Ontem foi mais fácil do que anteontem. Sem dúvida alguma. Tive menos crises e consegui olhar para o relógio para ver se passavam de facto em cinco minutos.

Ainda não percebi bem é como surfar a onda, a que é que corresponde. A minha atitude tem sido mais a de ficar em baixo perfil. Procuro esconder-me da vontade de fumar, como se a vontade de fumar fosse uma pessoa má que viesse atrá s de mim.

A vontade que me dá de fumar faz dela, da vontade, uma pessoa. Às vezes, ela está aí à minha procura e eu tenho de me esconder. Como vem do meu interior, há uma enorme dificuldade em esconder-me. Mas não sou eu.

A vontade de fumar não sou eu. Não posso dizer que a vontade de fumar seja eu, porque EU não quero fumar, a vontade de fumar quer que eu fume, mas ELA é má e é OUTRA vontade diferente da minha, CONTRA mim, em disputa comigo.

Faço-me de pequeno. Finjo que não estou lá. Baixo-me, acocoro-me. Mas estas são atitudes do corpo, sem ser óbvio a que correspondem mentalmente. Respiro suave e lentamente como se a respiração traísse a minha presença. Tenho medo de que o debate contra a vontade de fumar, essa pessoa má que está aí e com a qual tenho de lidar, que quer que eu faça o que ela quer, resulte na minha derrota. Tenho cedido sempre. Não penso que lhe cedo. Digo até de mim para mim que é uma escolha minha. Pode até ter sido. Mas agora decidi fazer alguma coisa e é contra essa vontade.

É importante surfar a onda. A personalidade da vontade de fumar, ao impor-se-nos, é como as pessoas de grande personalidade que conhecemos. Impõem-se-nos. São intensas. Levam-nos com elas. A vontade de fumar como as vontades que nos dão têm estas personalidades fortíssimas que nos obrigam a fazer o que elas querem e nós fazemos o que elas querem.

Devíamos seguir com elas, ir até onde elas nos levam, mas não fazer o que elas querem, não acender o cigarro e aspirar o fumo, não fumar o cigarro inteiro. Uma passa é já uma derrota. Uma passa traz já consigo a cedência que nos deixa absolutamente rendidos ao prazer que nos dá.

Surfar a onda da personalidade da vontade de fumar, resistir ao que os brasileiros chamam "fissura". Procurar fingir que não estou lá, que não é a mim que a vontade aparece, que não é a mim que a vontade de fumar me quer fazer querer. A vontade de fumar quer que eu queira o que ela quer para mim, mas eu não quero agora o que ela quer para mim, eu não quero fumar, eu não quero o que a vontade de fumar quer. Eu quero não querer.

A dificuldade tremenda é que a moeda com que a vontade de fumar negoceia são cigarros, a lei da oferta é a da necessidade, a necessidade é a do desejo, o desejo é a da falta tremenda que o cigarro faz. A oferta é o cigarro. Mas o cigarro, quando aspirado, traz prazer. A lei da oferta e da procura está resolvida de modo implacável: necessidade de fumar é um desejo de prazer e querer ter prazer é uma vontade de poder tremenda que se impõe como um ganho, um incremento, um crescimento, uma intensificação tremenda. E é.

Porque não quero eu fumar se quero eu fumar? Porque querer e querer não são a mesma coisa aqui. O primeiro querer, o que quer fumar, quer o prazer que não é saudável. O querer que não quer fumar quer, na abstinência, a saúde, apesar de a saúde ser obtida por um não, por um não querer. O estado em que fico, por fumar, é diferente do estado em que fico, por não fumar, embora no imediato sejam estados diferentes, um dá prazer e o outro é absolutamente desconfortável.

Mas o estado seguinte a ter fumado é desconfortável e não penso nisso quando fumo.

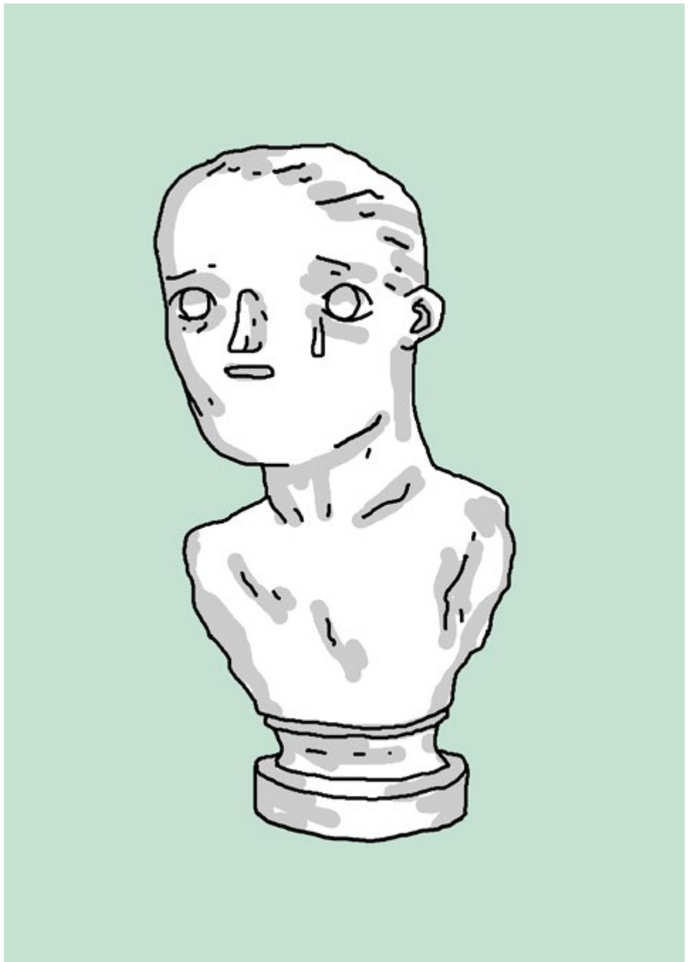
Só procura pensar nesse estado quem quer deixar de fumar. É por haver esse estado que as pessoas querem deixar de fumar. O mal-estar provocado pelos momentos seguintes a ter-se fumado (taquicardia, tosse, estimulação descontrolada, insónia, mal estar) leva as pessoas a quererem deixar de fumar. É manifesto que a fissura cria uma necessidade incontrolável, um querer fumar, uma vontade insuperável de querer fumar, como se dessa vontade, desse prazer, desse desejo matado, dependesse a nossa vida. A sua lógica é a da adicção. A lógica é a da erradicação da necessidade e da obtenção da gratificação pelo prazer sentido pelo desejo de prazer, a vontade de fumar traz essa vontade insuperável de querer, como se não houvesse momento seguinte.

A pessoa que quer e a pessoa que não quer são diferentes e coincidem no mesmo. Mas eu não posso desfazer a vontade de fumar como se não fosse a personalidade do momento, aquela que se impõe, fortíssima.

É a ela que eu tenho cedido, vou buscar o maço, tiro um cigarro, pressiono o isqueiro e aspiro o fumo. E fumo. O convívio entre querer fumar e fumar pode ser pacífico ou não. Quando deixa de ser pacífico, o vício não nos abandona facilmente. Não bate em retirada só por querermos. Faz parte da nossa vida e como uma amante despeitada vai ficar ainda mais presente do que outrora. Vai fazer sentir a sua presença se não ao minuto, pelo menos, de quinze em quinze minutos, por vezes, durante dez minutos de seguida sem parar. E nós sem termos como fugir.

A vontade arranja sempre maneira de aparecer. À nossa porta, no corredor, no caminho para a cozinha, até na retrete aparece. Mas quando aparece mais é mesmo nos lugares onde fomos felizes: à janela quando vemos chover e ouvimos a chuva cair no asfalto, soltar a fragrância do alcatrão ou então ao serão com cognac ou ainda logo pela manhã ou a seguir a um almoço pesado ao mesmo tempo que se toma um café.

A vontade surge-nos em todos os momentos em que fomos felizes e surge como se fosse pela primeira vez, e na verdade, se cedermos é como se fosse a primeira vez, sobretudo se lhe tivermos fechado a porta durante dias. E fechamos a porta durante dias sempre sem saber como fomos fechar a porta ao que nos dá tanto prazer, só em nome do que é saudável. Não sabemos nós que só se vive uma vez? Que o fim é sempre dramático e que sabemos nós lá como vamos morrer? "Ele há gente que morreu de cancro nos pulmões e nunca fumou". "Depois eu até pratico desporto e o organismo metaboliza até cinco cigarros por dia". E tudo se desfaz quando fizemos os nossos votos. E fizemos tantas vezes os nossos votos porque não gostamos de ser controlados pelos nossos vícios, um homem que não controla os seus vícios é um homem perdido, sem força interior, e tenho sido esse homem sem força interior para controlar o seu vício há décadas, desde a infância. Sinto-o com uma enorme tristeza.



Às vezes sinto que vim parar a mim por uma personalidade voluntariosa que me levou à experimentação em breves instantes, por precipitação, e depois esteve décadas a lidar com os estragos colaterais, danos pesados de más decisões, resultado do momento.

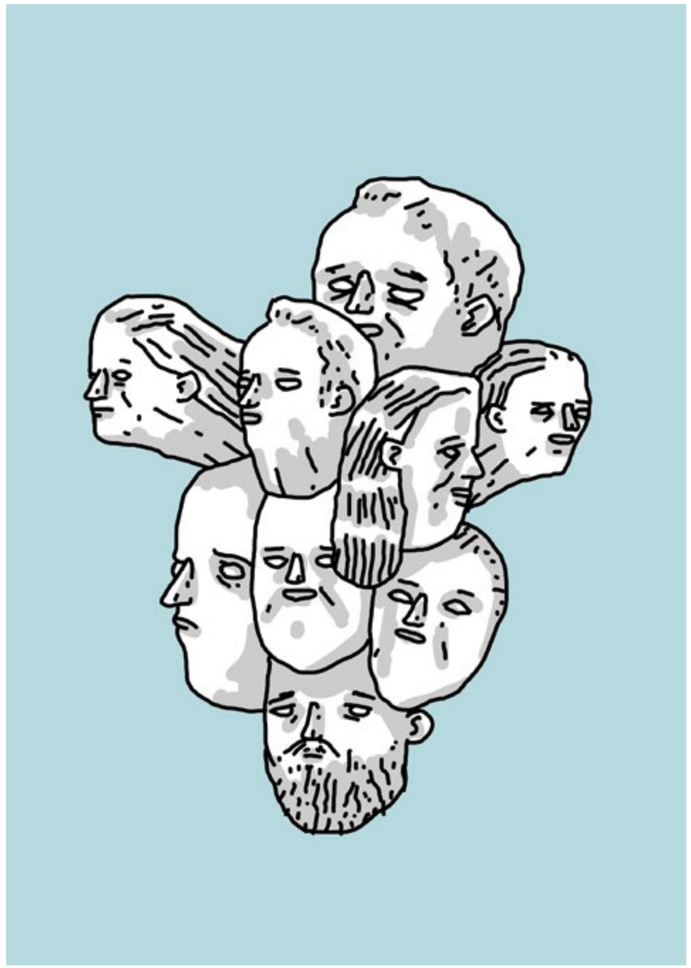
A vontade de fumar está aí. Respiro devagar e lentamente, como se assim ela não desse pela minha presença. Fico abaixo dela, como se estivesse a cobrir-me por uma vegetação imaginária para ela não me ver.

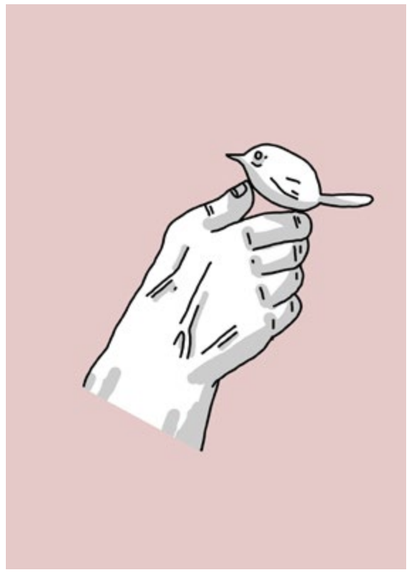
Mas ela vê-me e eu respiro ofegante. Dou golfadas de ar, que aspiro fresco, procuro a hiperventilação, vou andar, desço as escadas. Paro e fico à espera que passe. Olho para o relógio e espero que passem cinco minutos, porque me disseram que a vontade de fumar é a presença indesejada da *stalker* que dura cinco minutos. Não me disseram é que desaparece para aparecer logo a seguir, ou no mesmo sítio em que me encontro, no carro a conduzir ou a caminho da casa de banho. Nem me disseram que pode durar mais do que cinco minutos.

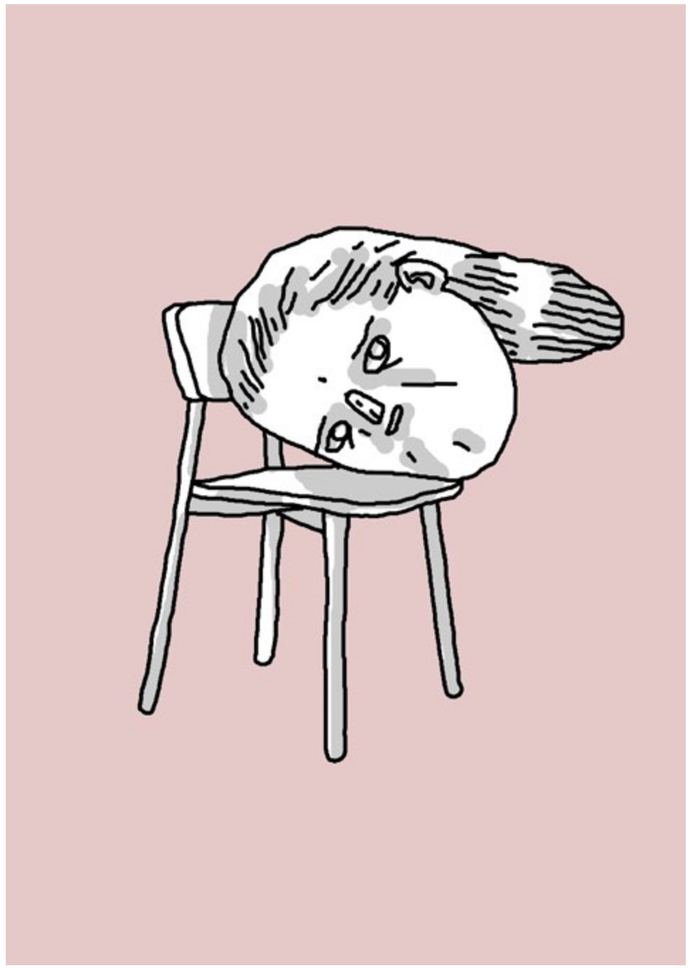
Pior: toda a minha vida é avaliada. Sim: TODA. E o que resulta dessa avaliação é simples: a vida sem fumar não vale a pena, é muito chata, não dá prazer, não é apenas uma vida que fica erradicada da necessidade de fumar, mas é uma vida que fica sem esse prazer intenso. Não há prazer como o de fumar. Por mais que leia testemunhos de vida de quem deixou de fumar, não estou lá, é difícil perceber a que correspondem: os cheiros, dizem, são diferentes, respira-se melhor, dorme-se melhor. Ou seja: faz-se tudo melhor. É uma questão de qualificação? Mas não é fazer ou não fazer. É só fazer melhor.

Só que fumar torna tudo possível. A diferença entre fumar e não fumar é a que existe entre impossível e absolutamente extraordinário. É uma questão de incremento, de poder, de intensificação absoluta, de ir por aí além, de optimização, superlativação. Não é ser "melhor". É ser. Quando sem fumar: não se é. Ponto final parágrafo.

Mas eu decidi não ceder, eu decidi deixar de fumar. Aparentemente são decisões negativas. Mas há uma decisão positiva em que não penso habitualmente. Decidi-me pela saúde. Não fumar não é apenas não fumar o cigarro. Não fumar o cigarro é péssimo, porque é não ter o prazer que fumar traz. Mas não fumar é não ter o momento seguinte ao tempo em que se fumou com as consequências colaterais,







péssimas que resultam do fumo: mal-estar generalizado, taquicardia, perda de concentração, sobre--excitação generalizada, tosse, se for à noite, insónia, enxaqueca.

A vida de todos os dias do fumador é precária: dores no coração e nos pulmões, perda de vitalidade, impotência sexual, risco de doenças pulmonares, cardíacas. Não fumar age positivamente contra os malefícios associados ao tabagismo, mas que são sentidos invertendo a tendência de perda de vitalidade. Ganha-se vitalidade: primeiro porque se consegue dizer não e é sempre importante ter vitórias e que haja derrotados, sobretudo: vontades de fumar ou episódios em que a vontade de fumar aparece, ou as múltiplas vontades que são diferentes ou é sempre a mesma em momentos diferentes ao longo do dia. A descrição tem sido feita: depois das primeiras 24 horas, 72, sete dias, um mês, três meses, um ano, etc. e nunca se esquece uma amante que deu tanto prazer.

O ganho de vitalidade é concreto: concentração, vivacidade, noites bem dormidas e correspondente melhoria dos ritmos circadianos, prática de desporto com maior rendimento, maior disponibilidade crescente para tudo – desde o simples descer escadas para ir pôr o lixo lá abaixo e correspondente subir das escadas. Poder fazer uma data de coisas que não se podia fazer: físicas e mentais. O gozo que dá poder dizer não ao que não se quer e agir em correspondência e poder dizer sim ao que se quer e agir em conformidade. Mas sobretudo o aumento, a intensificação do sentido vital.

A vontade de fumar e o não querer fumar sou eu? Tenho duplas personalidades? São fenómenos diferentes no interior de mim próprio com consequências diferentes. Não está nada resolvido. Agora neste momento, sinto que a vontade de fumar me está a dizer que nada está resolvido e que aparece com um ataque instantâneo, muito pouco duradouro, mas suficiente para perceber que me deu uma vontade de fumar, ainda que para desaparecer e deixar de estar presente e eu não fumaria a estas horas do dia, porque nunca me deu para fumar a estas horas do dia. Mas, por estar a escrever sobre a vontade

de fumar, a vontade de fumar assoma ao horizonte e manifesta a sua presença para dizer que nada está resolvido definitivamente e que eu ainda vou ouvir falar dela ou que ainda me vai confrontar consigo. Eu que pensava que ela só me procurava quando eu bebia álcool ou café. Não era eu que a procurava. Ou era. Tenho de perceber se não sou eu a vontade. Porque autonomizo a vontade. Autonomizo a vontade? Mas, agora que tenho estado sem beber, a vontade de fumar aparece-me, manifesta-se tremendamente, ruidosamente, furiosamente para eu a tomar. Eu tenho resistido. Com que forças. A vontade é persuasiva. Sem ela não sou nada, a vida não vale a pena. É não ser. Com ela tudo faz sentido, incremento, intensificação, aventura. E, contudo, não a quero. Não quero uma vida com fumo, uma vida que me faça mal, uma vida cujas consequências são perda manifesta de vitalidade, decréscimo, desintensificação, menorização, apoucamento.

Faço-me pequeno quando vem a vontade de fumar, vem de todo o lado, de dentro e fica à minha frente, para onde quer que eu me vire, suba ou desça, mude de direcção, pare ou comece a andar, mas normalmente é paralisado que fico. Dá-me a vontade, como se me batesse, estivesse sempre presente, cria uma necessidade insuperável de fumar. Não me lembro de ir correr ou fazer ginástica ou ter qualquer actividade que não apenas não envolvesse fumar mas rejeitasse completamente o fumo, como ir correr ou fazer marcha ou abdominais ou o que quer que seja. Quando decido fumar é uma excitação infantil de cedência, um prazer vital tremendo, que é matricial, como se entrasse por um portal adentro para uma outra dimensão, que dura apenas o tempo que demora a fumar o cigarro ou a meia-hora em que ainda sinto os seus efeitos no meu corpo para além dos menos óbvios.

A vontade aparece e eu já a espero a determinadas horas e em situações expectáveis, depois de terminar um trabalho como se fosse gratificante ou para passar de um prazer para outro ou porque deixei de ter um prazer e fiquei sem prazer. O cigarro colmata o movimento que deixou de ter tracção ou de ser

empurrado. Em suspenso é difícil ficar a pairar. O cigarro dá sentido à existência, preenche-a, estimula-a, dá-lhe bem-estar, prazer, intensifica-a, incrementa-a, eleva-a, etc., etc. E ela vem e é claustrofóbica, quer um *tête-a-tête* comigo e não me deixa, quer que eu a possua, quer que eu fume, quer que eu ceda, quer que eu vá buscar um cigarro, que o acenda, aspire o fumo de um cigarro inteiro. A todos esses momentos eu resisto e durante décadas tenho perdido; quando me decidi deixar de fumar, a vontade de fumar tem feito pouco de mim. Eu e ela somos outros. Eu não consigo apagá-la, nem sequer é da minha lembrança, é da minha vida. Eu nunca a esquecerei, mas por agora ela está presente, é a minha realidade. Como fazer que ela seja controlável? Posso eu fazer ascender uma necessidade com uma disposição tão marcada e uma personalidade tão forte que a vontade de fumar desapareça? Ou é pedir uma realidade psicológica que nunca acontecerá?

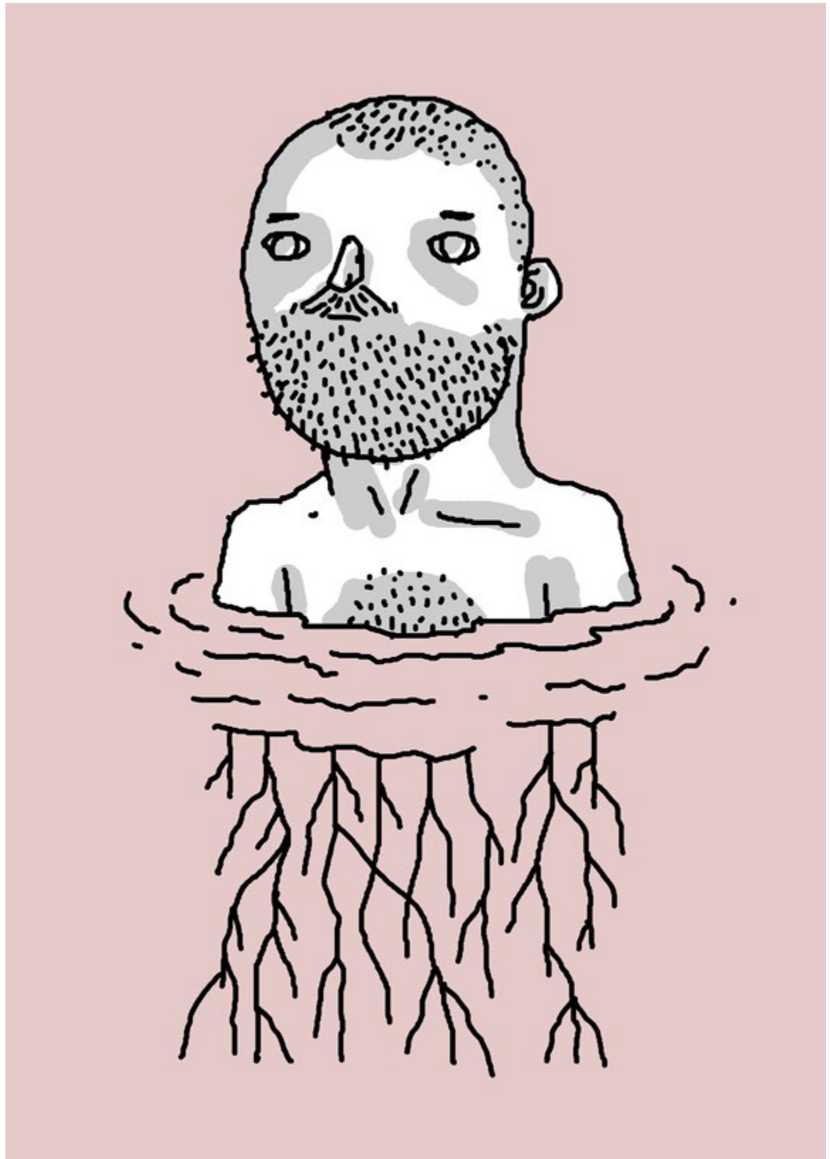
É tremendo o modo como nos quer enganar a vontade do mal. Agora que já não fumas, fuma. Agora que já resististe tantas vezes, cede. Agora que já não sentes a violência da resistência e o modo como a ofereceste, podes ceder sem violência nem oferecer resistência.

Respiro longamente, como se fosse para não trair a minha presença a um assassino. Faço tudo para que a minha presença não seja notada, como se eu fosse passar despercebido a um fenómeno que nasce da minha cabeça, a vontade é a minha vontade de fumar, sou eu quem fuma e em última análise sou eu quem pode deixar de fumar e mais ninguém pode deixar de fumar por mim. Quer grite ou fique em silêncio, a vontade de fumar é a minha vontade de fumar e quem acaba por fumar sou eu sem apelo mas com agravo.

Nunca esquecer a forma como a vontade se insinua. Nem sempre é como uma coisa má, uma vontade má que quer o que eu não quero e que impõe o que ela quer. Ela surge como qualquer coisa que me deixa ceder sem má consciência, como agora mesmo, como se eu pudesse distinguir entre ceder com violência e consciência absoluta da derrota ou como se não houvesse derrota nenhuma e a cedência não fosse cedência. Mas é só o diabo a surgir de outra maneira a tentar convencer-me de outro modo diferente do violento. Agora já podes, agora que sobreviveste à violência e resististe, agora não vale a pena resistir porque não há cedência, vá fuma um cigarro porque já não fumas.

É tremendo o modo como nos quer enganar a vontade do mal. Agora que já não fumas, fuma. Agora que já resististe tantas vezes, cede. Agora que já não sentes a violência da resistência e o modo como a ofereceste, podes ceder sem violência nem oferecer resistência. Que brincadeira, que horror. Mas é sempre assim, com toda a lógica da adicção. Já não há a mesma violência da sobrevivência à fissura. Por isso a tentação tem de surgir de uma maneira completamente diferente, com uma outra roupagem.

Passaram-se três semanas desde que fumei o último cigarro. Tenho pensado muito na infância. Houve um regressar à infância. Fez-me pensar que há um poder constitutivo na infância. A criança não retira só prazer do mundo quando brinca. É exuberante porque cria prazer a brincar, a jogar com o mundo. Uma criança pode estar no sítio mais inóspito e é um palácio. O poder da sua plasticidade é o do êxtase, o seu horizonte vital está cheio de emoções que embriagam só por estar vivo. É difícil regressar a este manancial.

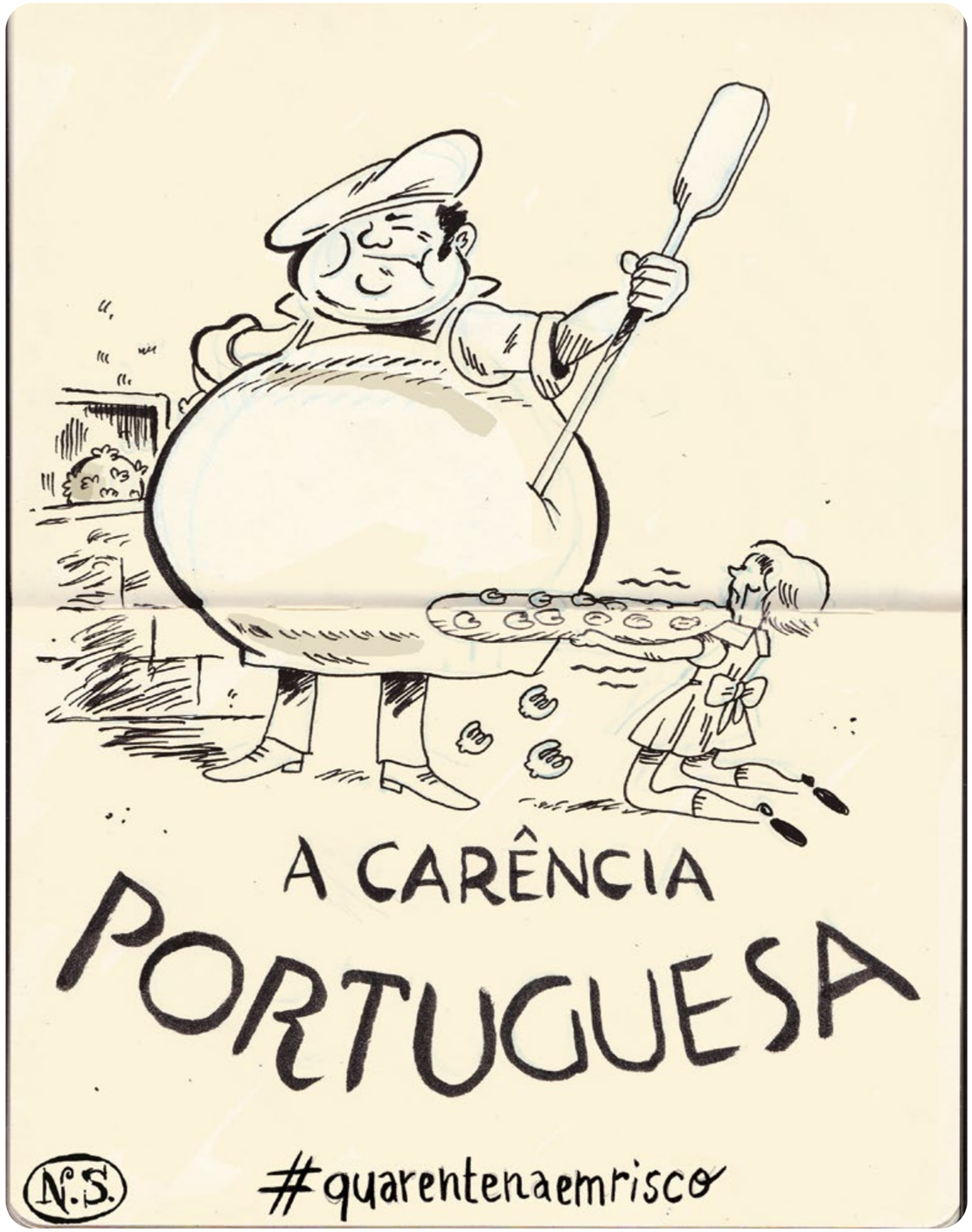


#quarentenaemrisco Nuno Saraiva

1 Abril
ZERO INFECTADOS
ZERO MORTOS
ZERO FUNERAIS
ALERTA CMTV
#quarentenaemrisco
N.S.

O RAMADÃO
NA RUA DO BENFORMOSO, MOURARIA.
#quarentenaemrisco
N.S.

ESTADO de EMERGÊNCIA!
OS cidadãos ficam impedidos de resistir às autoridades
POLICIA
POLICIA
N.S.
#quarentenaemrisco


A CARÊNCIA
PORTUGUESA
#quarentenaemrisco
N.S.

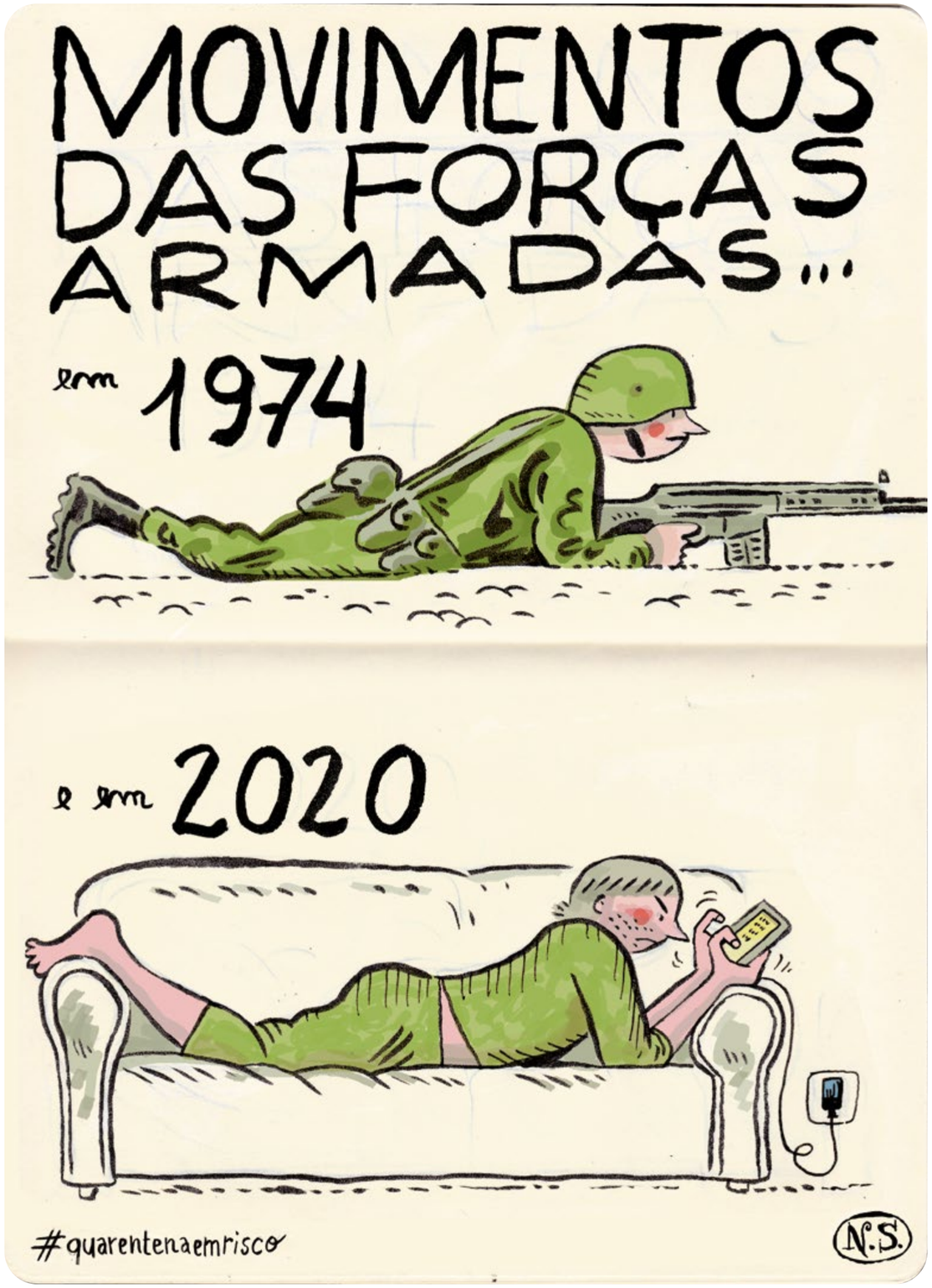
OLÁ ALDEIA!
TROUXEMOS OS PUTOS
!!!
#quarentenaemrisco
N.S.

BOA NOITE
PORTO!
BOA NOITE
O CARAGO
!!!
#quarentenaemrisco
N.S.

COVIDIOT (The First)
What chances do I have Doc?
...as good as the chances of finding ELVIS on Mars!!!
#quarentenaemrisco
N.S.

World Health Organization Camp.
Fucking Hole!
#quarentenaemrisco
N.S.

O MESSIAS
#quarentenaemrisco
N.S.


MOVIMENTOS DAS FORÇAS ARMADAS...
em 1974
e em 2020
#quarentenaemrisco
N.S.

25 ABRIL SEMPRE

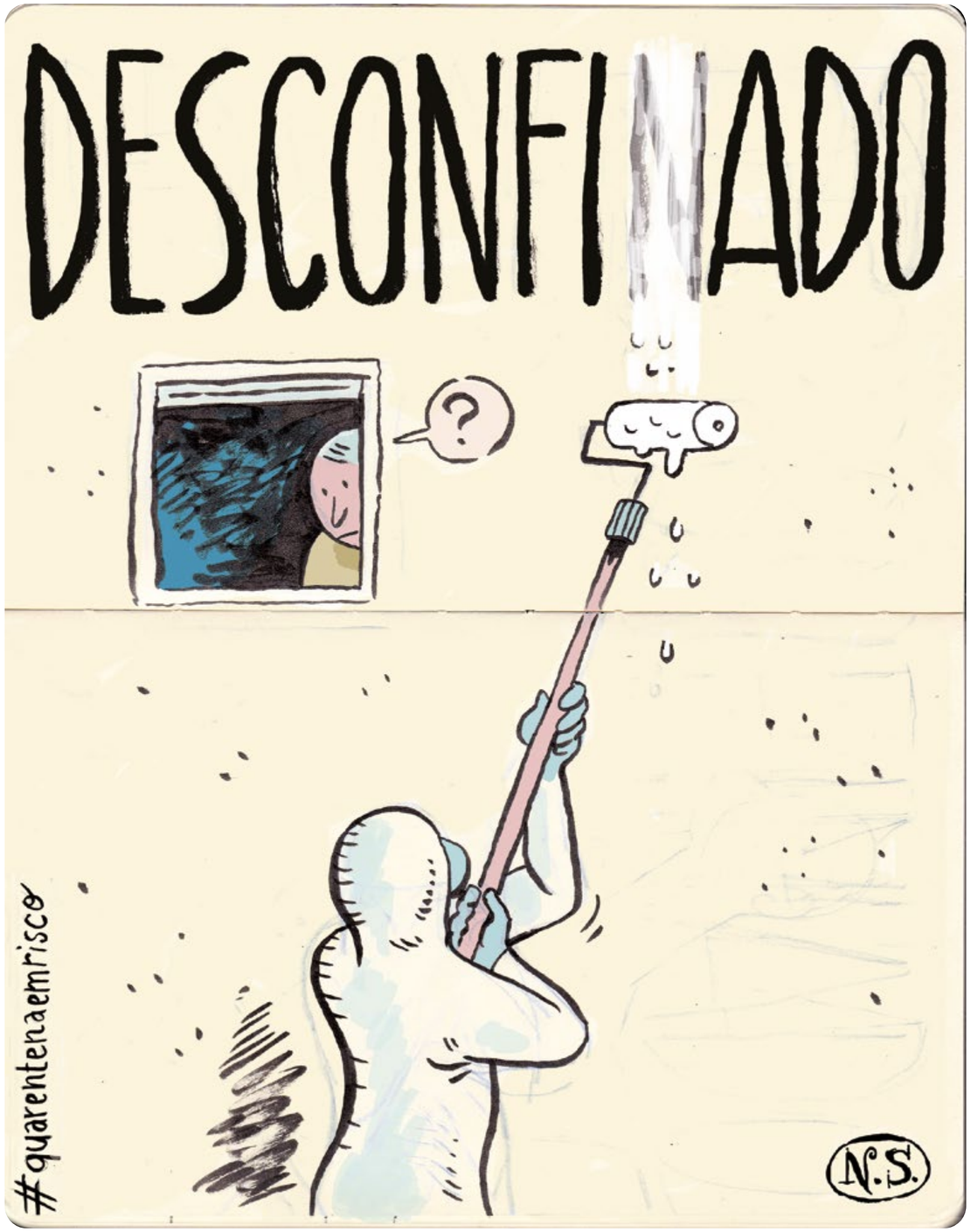
Medida de prevenção do Facho para a celebração do 25 de Abril
#quarentenaemrisco
N.S.

LIBERDADE
#quarentenaemrisco
N.S.
DE DECIDIR

UGTP
#quarentenaemrisco
UNIDADE
SINDICAL
N.S.

PUTO, VEM AÍ A SEGUNDA VAGA !!!
NÃO VEJO PUTO.
#quarentenaemrisco
N.S.

REGRESSO ÀS AULAS
SHUUUU!
#quarentenaemrisco
N.S.


DESCONFINADO
?
#quarentenaemrisco
N.S.

Sobretudo Sal Nunkachov

Quando eu crescer quero ser criador de conspiranóias.

Lopes e os Conspiranóicos

Ricardo Salomão

Durante esta pandemia, a avaliar pelo volume e quantidade de narrativas que vieram ao meu encontro explicando a verdadeira natureza da realidade que os meus sentidos captavam foi uma revelação. Esta será decerto uma das atividades profissionais mais promissoras desse futuro.

Não vos vou falar das belíssimas, elaboradas e intrincadas histórias que recebi. Mesmo que todos acabemos suecos, com chineses malévolos na sombra, Prémios Nóbeis a disparar canhões e a CIA, claro. É imprescindível. Mas eu, aqui, nada. De mim não saberão nada. Sou um poço.

E não escondo a minha motivação: Fazer a Caparica Grande de Novo. Já encomendei os bonés.

Há uma arte da plausibilidade narrativa que está a nascer mesmo por baixo dos peitoris das nossas varandas. Como as andorinhas. Lindas, lindas, cheias de esperança, beleza e elegância contra o azul celestial de verão. E depois, em volta dos ninhos, uma Trumpa.

Coitadas das andorinhas, não mereciam a analogia. E não, analogia não é um abstruso procedimento cirúrgico anal.

Uma boa conspiranóia tem de explorar estas fronteiras porosas da nossa mente. Dar um empurrão sonso ao verdadeiro significado das coisas e das palavras e enfiar-lhes outro à surrelfa. Ou – obras primas! – substituir por coisa nenhuma. Afirmações tão vagas que podem ser tudo, acusações genéricas e de cabal e inapelável julgamento, crucificando alguém que, convenhamos, se tinha posto mesmo a jeito. Morra, PIM.

Foi quando comecei a cogitar na minha primeira conspiranóia que verifiquei que a pandemia me tinha afetado profundamente.

Descobri então que sofria de uma longa série de problemas mentais com tão variados sintomas que não irei aqui enumerar, como a imprecisão do pensamento, o vagar alucinado do olhar, incapacidade de me fixar em que fosse. Mas eu, aqui, direi nada. De mim não saberão nada. Sou um poço.

É difícil. Nada me ocorreu, nada de brilhante, que não fosse a simples e boçal calúnia, redutível ao básico sim/não. Que deceção.

Como acontece então este milagre do nascimento das conspiranóias? Haverá cursos? Mezinhas?

Nada disso. Tudo acontece nos altos picos das montanhas cujo nome não posso agora revelar, existem ninhos de algoritmos, um animal tão imensamente feroz, com a extraordinária capacidade de se reproduzir de uma forma tão monumental e violenta, gerando tantos e tão numerosos indivíduos que produziu o aquecimento global.

O Lopes? O Lopes é o meu cão.

A sério.

Covid19 Jas

Pós-Covid? João Romão

A passagem do tempo sobre a presença do vírus que ataca a Humanidade não tem ajudado a antever um horizonte de futuro: antes pelo contrário, acrescentam-se dúvidas às incertezas já conhecidas: sabe-se pouco ou nada sobre como lidar com o problema, vai-se aprendendo o possível com a experiência vivida, ou não, e navega-se com pouca vista sobre um horizonte turvo e indefinido. Já houve outros vírus, é certo, mas aparentemente nunca tão resistentes à intervenção humana, tão persistentes nos seus impactos sobre as pessoas, tão dissimulados na forma lenta como ocupam os organismos e preparam um ataque massivo e inesperado. Não sabemos como eliminar este inimigo nem por quanto teremos que viver escondidos, em inevitável protecção individual e colectiva.

Este exercício colectivo de auto-protecção pode trazer à superfície o melhor de nós, a preocupação com as outras pessoas, a prioridade à comunidade sobre o individualismo, a percepção de que não há estrangeiros e de que estamos todos a viver no mesmo mundo, a importância da fraternidade e da solidariedade sobre a competição desenfreada que foi ocupando o quotidiano das sociedades contemporâneas, um olhar sobre a economia preocupado com necessidades efectivas e não com a ganância da acumulação, ou o valor da amizade e das relações pessoais: uma certa reavaliação do que andamos aqui a fazer e do que realmente importa para vivermos bem, sermos felizes, seja lá isso o que for, e encontrarmos uma certa harmonia com os limites do planeta e dos seus recursos. Foi com esta generosidade que se cantou ou se aplaudiu à varandas e à janela, para dizer que estamos juntos, que é grande a esperança num futuro melhor, que não queremos voltar ao normal: queremos melhor.

Hoje canta-se e aplaude-se menos, no entanto. A rotina cansa. Estar em casa tanto tempo cansa. Não se ter ideia de quanto tempo falta cansa ainda mais. Há uma incerteza profunda sobre o presente, sobre a solução possível para este extraordinário problema, e uma incerteza ainda maior sobre o futuro. Quando tempo falta? Enquanto durar, vai haver médicos e hospitais? Vai haver comida? Vai haver salários para comprar a comida e para pagar as casas onde se tem que ficar? Vai haver ainda empresas quando passar tempestade? Vai o Estado poder suportar todos os custos que já se conhecem e os outros, porventura muitíssimo maiores, que estão para vir?

Essa incerteza cada vez mais prolongada corrói a esperança, já se sabe: alimenta a desconfiança, recupera o individualismo, apela ao egoísmo, corrói o espírito de comunidade, desperta o pequeno ou o grande fascista mais ou menos adormecido em tantos corações. Em vez de vozes fraternas e sentimentos de esperança, vemos dedos acusatórios apontados, "polícias de varanda", novos bufos e delatores ávidos de notícias, de preferência falsas, que legitimem o discurso da violência sobre os outros, do ódio sobre a diferença, do autoritarismo sobre a democracia. Eles andam aí e esta reclusão colectiva e prolongada também serve para se mostrarem, com poucos pudores, auto-legitimados que se sentem pela magnífica missão que escolheram desempenhar, a de vigilantes e delatores de inimigos inventados à medida.

Outras razões conduzem à falsa de esperança, certamente, que os impactos desta crise social e económica são extremamente assimétricos. Talvez esteja mais protegido quem trabalhe para o Estado, mesmo que não se vislumbre grande luz ao fundo deste túnel e não se perceba muito bem qual é o limite desse suporte pelas finanças públicas. Menos protegidos estarão os trabalhadores de empresas privadas com contratos permanentes, sobre os quais as ditas empresas têm alguma responsabilidade, certamente mais limitada que a do estado pelas contingências dos ciclos económicos. Haverá grandes empresas que acumularam o suficiente para aguentar este e outros rombos sem problemas de maior e que, ainda assim, estendem a mão ao Estado, salvador afinal, importante afinal, essencial afinal. Mas também há as pequenas e médias empresas que genuinamente não têm como assegurar o pagamento de salários depois de um, dois, três meses, sem produzir. Quantos meses vão ser, afinal?

Depois vai-se descendo na escala da vulnerabilidade: os trabalhadores temporários, os independentes, todos os que vivem de actividades artísticas ou das funções técnicas inerentes, todos os que desempenham tarefas essenciais e regulares em processos produtivos mas sobrevivem na chantagem da informalidade. Todos os desempregados sem horizonte para procurar emprego. Todos os sem-abrigo que não têm casa onde se recolher. Todos os habitantes de casas precárias sobrelotadas na periferia de grandes cidades. Todos os refugiados que fugiram da guerra e foram depositados em campos de concentração às portas da Europa. Toda a gente que em África, na América Latina ou no Sudoeste Asiático, para quem a normalidade do quotidiano já se fazia de carências habitacionais, alimentares, económicas ou de cuidados de saúde. Sabe-se muito pouco sobre se, quando e como sairemos todos desta inusitada experiência. Talvez possamos contar uns com os outros para sair como uma comunidade reforçada e solidária e não como pessoas gananciosas à procura de recuperar à força qualquer coisa tida como perdida, seja lá o que for. Talvez.

Vivo por estes dias uma experiência que esperava ser de "pós-covid". Estava enganado e afinal não é o caso. Desde que apareceram os primeiros casos no Japão, em finais de Janeiro, vivi durante dois meses na região de Hokkaido, a que teve durante muito tempo o maior número de casos no país (foi entretanto ultrapassada por Tóquio). Nunca houve confinamentos obrigatórios, mas houve uma severa retração recomendada e generalizadamente aceite, em que só se saía para o essencial. Estive quase sem sair de casa durante um mês e meio. Entretanto mudei para outra região, no sul, onde até agora se registaram apenas 3 casos, todos eles já recuperados. Viajei num avião quase vazio, passando por aeroportos quase vazios. Encontrei uma cidade quase sem casos (só teve 1, para mais de um milhão de habitantes) mas ainda assim muito previdente, com poucas pessoas nas ruas, muitas máscaras, visível contenção na aproximação, ainda mais do que é habitual na cultura japonesa, já de si muito parcimoniosa no contacto físico. Não sei se se justifica, mas vive-se essa incerteza, de só se saber que o assunto não está afinal resolvido. Não é bom viver com medo.

Crónica publicada no jornal *Hoje Macau*

Não pôr as mãos na cara... Júlio Moreira

https://www.instagram.com/julio.eme/

Conversão e existência Paulo José Miranda

Do caderno Edgar Pêra

Num curso realizado em 1981-82 e mais tarde publicado com o título *A Hermenêutica do Sujeito*, Michel Foucault defende, na esteira de Martin Heidegger, que «o cuidado de si» (epiméleia heautou) é mais importante para a filosofia do que «conhece-te a ti mesmo» (gnôthi seautón). Por cuidado de si entenda-se a existência na sua ocupação mais radical, que é a «ocupação de si mesmo», um dar-se conta de que somos no encaminhamento da morte, que somos tempo contado, e que isso implica uma decisão acerca do que há a fazer com o que somos. Mais do que um esforço por saber quem somos, que não nos é possível, um esforço por entender a nossa situação. Nesse curso, entre outros, Foucault relê Platão, mostrando que «conhece-te a ti mesmo» está enraizado em «o cuidado de si». Devemos conhecermo-nos a nós mesmos de modo a cuidar de nós, a saber o que é ser humano e como devemos viver essa tarefa de sermos nós. Às práticas de cuidado de si, de pensar a situação do próprio, a situação em que o humano se encontra, o pensador francês chamou «tecnologias do eu». E Foucault reconhece que, entre as formas de «tecnologia do eu» que o Ocidente conhece, a conversão é uma das mais importantes. Entenda-se por «tecnologia do eu» um conjunto de técnicas que usamos de modo a operar modificações sobre a nossa alma e o nosso corpo, pensamento e conduta, de modo a nos adequarmos a uma época ou a romper com ela. No fundo, um mecanismo de interacção de nós connosco mesmos e de nós com os outros de modo a alcançarmos ou a felicidade, ou a sabedoria, ou a imortalidade, ou mais do que uma delas. Ou seja, um mecanismo que nos depõe num modo radical de existência. Não existimos para passar o tempo e, de preferência, não nos darmos conta dele, mas para perseguir aquilo que de algum modo julgamos ser a excelência humana. Por conseguinte, a conversão não configura apenas um saber, mas antes tem como horizonte um «viver em concordância com a melhor existência».

Já no grego antigo a palavra nos colocava na direcção que hoje se apresenta, isto é, *epistrophe*. A palavra era originalmente lida como a formação de «epi + strophe». Em que «strophe» quer dizer regresso ou volta e «epi» é uma preposição que pode querer dizer três coisas distintas: «acerca de», «para» ou «sobre». E este «sobre», que muitas vezes pode ser sinónimo de «acerca de», aqui não encontra a sua sinonímia. «Sobre» aqui, não acusa apenas algo em relação a algo, como o «acerca de», é algo acerca de algo, mas acima do algo a que se refere. «Sobre», quer dizer «ver de cima aquilo de que se fala». Falar «sobre» alguma coisa é falar «de cima» acerca dessa coisa, isto é, é falar com conhecimento. Neste caso, falar com conhecimento acerca de um regresso. Mas este «de cima» implica necessariamente um «ir acima»; um ir para cima para falar acerca do regresso e neste subir ver aquilo de que se fala. «Epi» quer então dizer: subir alguma coisa para ver melhor uma outra. Ver melhor o regresso. Por isso «conversão» é ver melhor um regresso a si mesmo, como se estivéssemos fora de nós e a nós agora voltássemos, assistindo a esse retorno, que, no fundo, é o que diz a palavra se entendermos «epi» como «para». Deste modo, «epistrophe» deverá ler-se «voltando-se para», isto é, olhar para alguém ou para algum lado. Mas este regresso não é a alguém ou a algum lado, é o regresso a si mesmo. Assim, na convergência de um ter consciência de uma situação – que o «sobre» acusa – e um «voltando-se para», «epistrophe» apresenta-se como «um dar-se conta de que estamos a voltar-nos para nós mesmos, isto é, a regressar a nós mesmos». Este nosso movimento hermenêutico não teve outro propósito que mostrar a convergência de sentido das diferentes palavras que traduzimos por uma em português: conversão. Independentemente de o conceito ter ou não origem na palavra grega, a verdade é que conversão aponta para um ver melhor o ser humano, como se ele regressasse a si mesmo. Até à conversão, o humano esteve afastado de si mesmo, longe de si, e agora regressa dando-se conta de que esteve ausente. Assim, só através de uma conversão se pode ver melhor quem se é. Vejamos de que modo a conversão foi entendida ao longo dos tempos, com Kierkegaard – analisando o paradoxo de Abraão –, com São Paulo, Nietzsche e Platão.

O que parece estar em causa na experiência da conversão é que ela rompe com o anterior modo de ver, com o anterior ponto de vista de onde se olhava o humano, de onde se olhava a vida e, por conseguinte, representa uma catástrofe com todos os pontos de vista anteriores.

O que parece estar em causa na experiência da conversão é que ela rompe com o anterior modo de ver, com o anterior ponto de vista de onde se olhava o humano, de onde se olhava a vida e, por conseguinte, representa uma catástrofe com todos os pontos de vista anteriores. Veja-se o exemplo da fervura da água para explicar o que seja isto, uma catástrofe. Durante um determinado tempo, sob o efeito do calor, a água vai aquecendo, aquecendo, aquecendo, isto é, ela vai aumentando de temperatura, mas mantendo sempre a sua qualidade líquida, a sua identidade. Não obstante, ao chegar ao grau 100, produz-se uma catástrofe. A água deixa de ser água para ser gás. A água deixa de ser ela mesma, deixa a sua identidade para ser uma outra coisa. A água vai ficando mais quente (mais forte, se quiséssemos moralizar) até ao grau 99, mas milésimos de segundos depois o seu carácter líquido desaparece para dar lugar a outra coisa. Através de uma catástrofe a água adquire uma outra identidade. É também assim que Saulo se transforma em Paulo, como veremos mais tarde.

Mas a primeira conversão verdadeira, catastrófica, de que temos conhecimento é a de Abraão, tal como Kierkegaard nos mostra no seu livro *Temor e Tremor*. Em que consiste esta conversão de Abraão? Analisemos, seguindo o génio de Kierkegaard. O conceito fundamental na conversão de Abraão é o *paradoxo*. Que é um paradoxo e como é que ele acaba por dar conta do que acontece na vida de Abraão? A história vem escrita na Bíblia e, segundo Kierkegaard, não tem sido realmente lida. Pois aquele que ler realmente a história de Abraão só pode sentir terror. Um terror enorme por aquele gesto, um terror enorme pelo que acontece àquele homem. E o que acontece, que até os leitores mais fiéis não vêem? Em idade muito avançada, Deus concedeu a graça a Abraão de sua mulher dar à luz um filho seu, Isaac, único da longa vida deles. Poucos anos depois, Deus pede a Abraão que o sacrifique, que suba a montanha com ele e, aí, o sacrifique como a um cordeiro. Abraão, ao invés de rejeitar o pedido de Deus, ou de perder a sua fé, aceita aquele pedido, aceita realizar o pedido de Deus, que sacrifique seu filho Isaac. O que está aqui em causa, segundo Kierkegaard, é uma catástrofe. Não devido ao pedido de Deus a Abraão, mas devido a este não o ter rejeitado. Esta não rejeição de Abraão coloca-o num patamar completamente diferente de todos os outros homens, um patamar diferente dele mesmo até então. Abraão deixa de fazer sentido para os outros humanos, isto é, à luz da lei que rege as vidas humanas o gesto que Abraão aceita levar a cabo deixa de fazer sentido. Abraão deixa o ponto de vista ético para entrar no ponto de vista religioso. O exemplo ético que Kierkegaard dá em contraposição a esta catástrofe é o gesto de Agamémnon ao sacrificar sua filha Ifigênia. Agamémnon, contrariamente a Abraão, nunca deixa o ponto de vista ético, pois ele sacrifica a sua filha pela cidade, pelo seu povo, pela honra do seu povo. O sacrifício de Ifigénia,

exigido pela deusa Ártemis, é um gesto ético e não religioso, um gesto compreensível à luz do humano, pois os guerreiros só poderiam partir e lavar sua honra se ele sacrificasse a sua filha. Os exércitos gregos estavam embarcados, mas não havia vento que soprasse de modo a levá-los para Tróia. Ártemis não permitia que isso acontecesse, a não ser que Agamémnon sacrificasse a sua filha Ifigénia. Ao fazê-lo, tal como Kierkegaard escreve, Agamémnon troca uma ética por outra. A cidade compreende-o. Ele sacrificou a filha pelo bem de todos. Mas ninguém pode compreender Abraão. Quem pode compreender um homem que sacrifica o seu filho mais querido, o seu filho único, Isaac, que Deus concedeu numa idade já muito avançada, por uma voz que mais ninguém escuta? Esta é a grande tragédia – é este o termo que Kierkegaard usa – da vida de Abraão. Literalmente, ele vê-se afastado do humano tal como o conhecia até então, até àquela sua catástrofe. Este é o paradoxo de Abraão: ficar só, longe de todos o homens, e com Deus. Só para os humanos e pleno para Deus. Abraão põe Deus acima de si e acima do seu filho. Não no sentido de adorar mais a Deus que à sua vida e à dos filhos, pois isso poderia ser compreensível, mas de pôr como possibilidade matar o filho a pedido de Deus. Abraão diz para si mesmo, sem que o diga expressamente, Deus é quem sabe o que é melhor para mim e para o mundo, mesmo que isso implique que eu tenha de matar o meu filho. Isto não faz sentido para ninguém. Qualquer pessoa que fizesse isso seria presa, internada, afastada do convívio de todo e qualquer cidadão. E é precisamente esta decisão que faz de Abraão aquilo a que Kierkegaard chama Cavaleiro da Fé. Esta entrega ao pedido de Deus mostra claramente que Abraão está deposto num sentido acima de todos os humanos. Que sentido é esse? A fé. Acreditar em Deus. Para Kierkegaard, acreditar em Deus não é ir à missa, ler a Bíblia e seguir as suas prédicas. Acreditar em Deus é uma conversão total. E viver em conformidade a essa conversão implica necessariamente deixar o plano natural, o plano em que usualmente vivemos. Mas não é só esquecer o quotidiano, com todos os seus afazeres e prazeres, é esquecer também a razão. Aliás, a partir do século II da nossa era, quando os cristãos se referem a conversão usam a palavra grega «metanoia». E «metanoien» quer precisamente dizer «além do pensar» ou «além da razão» (ao abordarmos São Paulo ver-se-á um outro alcance da palavra, no plano estritamente cristão). Por conseguinte, a conversão religiosa configura não apenas um «além dos sentidos» ou «além do ponto de vista natural», mas também além da razão, além do pensar. Trata-se de entender que nada podemos saber ou decidir sem Deus. O que está em causa para Kierkegaard na apresentação desta figura da Bíblia é desmontar a hipocrisia – no sentido original do termo, «hypocritas», de se ser actor, de se ser outro – de todo aquele crente que não é capaz de sacrificar o seu filho se Deus pedir. Kierkgaard escreve inúmeras páginas sobre a hipocrisia da vivência da fé pelos seus contemporâneos e conterrâneos, que vão à missa como se estivessem a ir a um casamento para que foram convidados. Não se pode ter fé e viver como se nada tivesse acontecido. Se ter fé não muda um homem, então não aconteceu fé, mas outra coisa a que provavelmente devemos chamar convenção social. O que está em causa no exemplo de Abraão, para o filósofo de Copenhaga, é que a fé é radical. Ter fé implica ser outro. Radicalmente um outro. Não se pode dizer que se tem fé e continuar a ir para o trabalho e para o café e para a vida. Ou há fé ou há vida. Pelo menos vida como até ali. Temos de trabalhar, sem dúvida, mas não se vai para o trabalho da mesma maneira. Amar a Deus quer literalmente dizer: tornar-se outro.

E este tornar-se outro tem uma clareza maior para nós na figura de São Paulo. É conhecida a história. Seu nome era Saulo, era judeu, fazia parte da nobreza e era um fervoroso perseguidor de cristãos.

Um dia, na estrada de Damasco, uma luz intensa ilumina o céu, o cavalo empina-se, fazendo-o cair. Cristo surge-lhe no céu e pergunta-lhe por que razão ele O perseguia. Saulo cega e a cura da sua cegueira é-lhe revelada por Cristo: Saulo só passaria a ver o mundo quando passasse a vê-Lo, a Cristo, como seu Senhor. Esta «cura» aconteceria através da visita de um dos fiéis de Cristo, já em Damasco, Ananias. Temos aqui duas realidades que parecem antagónicas: por um lado Saulo cega e deixa de ver, por outro se reconhecer em Cristo o seu senhor passa a ver o mundo. Ou seja, para voltar a ver o mundo tem de se tornar escravo. Mais: tem de se oferecer ele mesmo como escravo. Na verdade, o que São Paulo nos mostra com clareza é que, segundo o ponto de vista cristão, tornar-se escravo é libertar-se. Em sentido estritamente Cristão, «metanoia», que mais tarde traduziremos por conversão, quer dizer duas coisas simultaneamente (para além de ser «além do pensar»): arrepender-se e tornar-se outro. Arrepender-se de ter sido aquele que foi e tornar-se aquele que deve ser. Ao tornar-se outro, ao passar a ver o mundo com os olhos de Cristo, Saulo deixa o seu nome, pois já não é o mesmo que fora, passa a ser Paulo e a desprezar aquele que foi. E a conversão de Paulo leva-o não só a si mesmo, mas a todos os outros. Porque converter-se em sentido cristão é tornar-se Cristo, à imagem de Cristo. Por conseguinte, um dar-se aos outros.

Por conseguinte, a conversão religiosa configura não apenas um «além dos sentidos» ou «além do ponto de vista natural», mas também além da razão, além do pensar.

Aquilo que, antes de mais, define o ser humano é o tempo. Tempo é o que se acaba quando acabamos e o que começa quando começamos. E, na medida em que nós somos tempo, o emprego que fazemos deste é aquilo que somos. Definimo-nos pelo tempo que somos, isto é, pelo que fazemos nesse tempo que somos. E aquele que usa o seu tempo, que se usa a si mesmo no tempo dos outros, na vida deles, é aquele que está afectado pelo tempo que não é o dele, isto é, aquele a quem a vida dos outros é tão ou mais importante do que a sua. A esta afectação São Paulo chamou, em grego antigo, *ágape*. Ágape teve a sua tradução latina na palavra *caritas* e chegou até nós como *caridade*. Assim, caridade não é dar esmola a outrem, mas tempo a outrem. Caridade é darmo-nos ao outro, darmos o nosso tempo ao próximo. Quem se dá ao outro, dá-se por gosto. Como diz a expressão portuguesa: quem corre por gosto não cansa. Quem se dá ao outro não é escravo daquele a quem se dá. Dar-se ao outro liberta. A libertação é, por conseguinte, em sentido cristão, libertarmo-nos de nós próprios e darmo-nos àqueles que amamos. Darmo-nos, dar o tempo que somos e temos a quem gostamos, é libertarmo-nos de nós mesmos. Levantando um pouco a saia ao que se segue, é libertarmo-nos da caverna onde vivíamos, como diria Platão, ou dos ideais pré--fabricados que nos tinham imposto, como diria Nietzsche. Parece um paradoxo e é: libertar-se é sair de si; sair do que fizeram de si. E, literalmente, isto cai em cima de Saulo. Vem de cima para baixo e abate-se sobre ele. Saulo passa a ver isto, compreende isto. O que está em causa neste «abater-se sobre si» é que a conversão nunca é uma decisão. A conversão nunca depende inteiramente do próprio, daquele que se converte. Em sentido cristão, ela é uma graça concedida. Pois a conversão cristã só se dá pela fé e esta é uma graça divina. É Deus que faz com que um determinado humano tenha fé e não o humano que decide ter fé. A fé abate-se sobre ele. Deus decidiu a fé nele.

Mas qual o sentido da conversão alcançar o paradoxo, se não se for religioso? Fora do ponto de vista religioso, um dos exemplos mais conhecidos do paradoxo é o que é enunciado em *Ecce Homo* por Nietzsche: «tornar-me naquilo que sou», que é uma perífrase de um verso de Píndaro. Mas repare-se bem no escândalo da frase «tornar-me naquilo que sou» e mostremos o seu paradoxo. Para Niezsche, tornar-se naquilo que se é, antes de mais, é abandonar Deus e todas as convenções que nos moldaram. O humano vem ao mundo e veste-o como ele se apresenta. Se for no deserto veste um turbante, se for em Manhattan veste fato e gravata, se for na selva cobre-se o menos possível. E o que se passa com o vestuário, por maioria de razão, acontece com o comportamento e com as ideias. Falamos e agimos de acordo com o que nos ensinaram, com o que fizeram de nós. No fundo, todo o humano está soterrado sobre os escombros das convenções. Tornar-me naquilo que sou é, antes de mais, escavar nestes escombros até me encontrar a mim mesmo, até encontrar o humano que sou e não o que os outros fizeram de mim. A nossa vida é uma maçã que alguém trincou e depois de mastigar pôs em nossa mão para comermos. Nietzsche pretende que cada um de nós trinque a sua própria maçã, que sinta o sabor da vida que ele mesmo pode criar. A isto, a escavar os escombros até se encontrar ou a abandonar a maçã previamente mastigada por outros, Nietzsche chamou *übermensch*, o sobre-humano ou super-homem, de modo a distingui-lo do deteriorado humano, agarrado às saias da sua mãe judaico-cristã e de todos os valores previamente mastigados. Este sobre-humano é, obviamente, aquele que se converte, aquele que caminha montanha acima e até às profundezas dos mares alargando o seu horizonte *sobre* o humano – alargando o horizonte do seu coração, diria São Paulo. Mas o sobre-humano não alarga o seu coração, alarga a terra, alarga a natureza. Melhor: restitui a natureza ao humano, restitui a natureza perdida na religiosidade judaico-cristã. O sobre-humano sobe a montanha e desce ao fundo dos mares à procura de si, procurando tornar-se nele mesmo, tornar-se naquilo que ele mesmo é. Sobe à montanha e desce às profundezas dos mares para deixar Deus, todas as convenções com que nos quiseram construir, e regressar à sua natureza, à sua humana condição. O sobre-humano despe tudo aquilo que quiseram que ele fosse e não é ele, todo o excesso de alteridade que o impede de se ver a si mesmo, de se ser a si. O sobre-humano alarga o humano. Por conseguinte, o sobre-humano é aquele que cria os seus próprios valores, aquele que não segue o que já encontrou quando nasceu. Nos textos de juventude, Nietzsche usava o termo génio para designar o que mais tarde designou por sobre-humano. Ter isto bem presente é importante para que se entenda o que Nietzsche tem em mente quando diz *übermensch*, pois sobre-humano não é outra coisa senão um humano criador, um humano com capacidade de elevar o humano, um humano *acima* da esterilidade de não se fazer melhor do que é. O sobre-humano está imerso na sua cultura e na criação dela. Assim, tornar-se naquilo que se é é despir-se de tudo o que nos foi imposto, de tudo o que não somos nós e criarmos nós mesmos este nosso nós. Tornar-me naquilo que sou não é voltar a ser quem fui, mas quem nunca fui *ainda*. Quem nunca fui, não porque não posso ser, mas porque não me deixam ser, e eu permito que assim seja. Os outros não me deixam ser quem sou com a minha cumplicidade.

Por conseguinte, tornar-me naquilo que sou é libertar-me. Libertar-me do mesmo modo que antes tínhamos visto em São Paulo. Aquele que se converte liberta-se. Converter-se é libertar-se. No caso de Nietzsche, libertar-se do medo da morte, que é o que se esconde por detrás de todos os valores judaico-cristãos, para assumir plenamente a vida, a vitalidade da vida. Se para São Paulo a libertação é

darmo-nos aos outros, seguindo Cristo, para Nietzsche a libertação é libertarmo-nos das ideias que nos tinham imposto, do outro que nos tinham imposto, seguindo o que poderemos ser. Nietzsche propõe-nos claramente uma conversão, mas nos antípodas da conversão paulina. Converter-se, aqui, é deixar os outros que somos para sermos nós mesmos. Um nós mesmos que temos de criar, a partir do momento em que nos damos conta de que não existe. Nós sempre fomos uma ruína de nós mesmos, soterrados pelos outros, e agora temos de nos construir. Pode esta conversão ser totalmente de responsabilidade pessoal? Isto é, podemos decidir converter-nos, subir a montanha ou descer às profundezas dos mares, à força da nossa vontade, contrariamente à conversão cristã? Parece ser isso que está em causa em Nietzsche, que a conversão é a expressão de uma vontade. Temos de querer mudar. A conversão nietzscheana está configurada na vontade do próprio, ainda que não se saiba, em boa verdade, se isso chega ou se depende inteiramente de nós esse querer. Certo é que ele não depende de nenhum deus.

Tornar-me naquilo que sou é, antes de mais, escavar nestes escombros até me encontrar a mim mesmo, até encontrar o humano que sou e não o que os outros fizeram de mim. A nossa vida é uma maçã que alguém trincou e depois de mastigar pôs em nossa mão para comermos.

Mas já muitos séculos antes, também Platão entendeu que «tornar-se naquilo que se é» era uma libertação. Uma libertação do fundo da caverna, onde o nosso conhecimento das coisas não passava das sombras que víamos projectadas nas paredes através da luz das fogueiras. Para Platão, libertar-se era libertar-se do jugo dos sentidos. Não só dos sentidos, mas também das opiniões, da *doxa*, libertar-se de tudo o que não dê um conhecimento seguro acerca de nós e das coisas. A alegoria da caverna tem três partes distintas: a apresentação dos prisioneiros; a libertação de um deles; o regresso deste ao convívio com os companheiros.

Comecemos pela apresentação da primeira parte onde encontramos uns estranhos prisioneiros, que nasceram e cresceram acorrentados de modo a não se poderem mexer, nem virar a cabeça, frente a uma das paredes da caverna, de costas para um caminho onde passavam pessoas, animais e eram carregados objectos. No outro extremo da caverna, ao cimo, várias e fortes fogueiras iluminavam e aqueciam a caverna. Assim, tudo o que passava no caminho, animais, pessoas e os objectos que carregavam, era projectado em sombras na parede em frente aos prisioneiros. Estes tudo o que apreendiam da realidade eram as vozes uns dos outros, as vozes que vinham de trás deles e as sombras. A realidade era literalmente sombras. E havia, naturalmente, uns que conseguiam perceber melhor o que se passava – ou que julgavam passar-se – através das sombras projectadas e das vozes que ouviam. Estes eram considerados pelos companheiros de cárcere como mais inteligentes. A segunda parte da alegoria começa com a libertação de um dos prisioneiros, que é levado à força à luz do dia, ao mundo para lá da caverna. Ele resiste, evidentemente, pois está a ser afastado do mundo tal como o conhece. Depois de um tempo de habituação à luz do sol, começa a ver as formas das coisas, as coisas em si mesmas e não as suas sombras. Percebe que as fogueiras são uma imitação do sol, que as sombras são uma imitação das coisas e dos seres vivos. Compreende então que até aí sempre viveu num

mundo de opinião, da doxa, e não num mundo de conhecimento. A terceira parte da alegoria é o retorno do prisioneiro ao convívio com os seus antigos colegas. Já não se importa com o psedo-conhecimento que eles têm das sombras, identificando todas elas, pelo contrário, até se ri disso, e diz que nada daquilo é verdadeiro, passando a contar o que viu e como a realidade é. O que acontece é que os outros não só não o conseguem escutar, julgam tudo o que diz um absurdo, como tentam a todo o custo obrigá-lo a calar-se. E, escreve Platão, só não o matam porque não podem.

Depois da apresentação da alegoria, mostre-se o que aqui está em causa. Tal como vimos antes em Nietzsche, Platão também nos mostra que com todas as opiniões que aprendemos, inseridas na cultura onde crescemos, a grande parte de cada um de nós são os outros. E o que é pior: somos as opiniões e as crenças dos outros e não o pensamento dos outros. Crescemos acreditando no que nos ensinam, no que vemos, e para além da imagem dos prisioneiros da caverna, actuamos como ovelhas, umas seguindo as outras, tentando esquecer o abate. Pensar como os outros, sem examinar a fundo o que isso significa, são as nossas correntes. As nossas correntes são as histórias que lemos, os conselhos que aceitamos dos nossos pais, a educação destes e do país onde vivemos. As sombras que os homens vêem na caverna são precisamente o nosso ponto de vista usual, o dia-a-dia, a vidinha, que todos temos e à qual nos entregamos sem reservas. Vivemos resolvendo problemas, sendo inteligentes, construindo pontes e edifícios, mas sem por um momento saber quem somos. A nossa inteligência está amarrada às correntes pragmáticas, de funcionalidade, que impedem de ver a vida humana na sua excelência. A nossa inteligência trabalha nas sombras. Não apenas nos afazeres do dia-a-dia, mas nas contínuas distracções, no mundo sombrio do entretenimento. Vivemos nas sombras. Mas há em nós a possibilidade de subir até à luz do sol, isto é, nós temos a possibilidade de ir para lá da vidinha, para lá das aparências, para lá de viver de modo funcional, deixando o escuro da caverna e as suas fogueiras. Mas, contrariamente ao querer de Nietzsche, em Platão este movimento não depende apenas do próprio. Somos forçados ou conduzidos a esse movimento, tal como o prisioneiro da caverna. Bem mais próximo de nós, Gilles Deleuze, em *Diferença e Repetição*, também nos chama a atenção para o facto do pensar não ser uma escolha. Nós somos forçados a pensar. Pensar é feito por choque, por um «ser obrigado». E Martin Heidegger, em *Ser e Tempo*, lembra-nos que só saímos do ponto de vista usual do quotidiano quando este quotidiano é interrompido, quando aquilo que estamos à espera que aconteça não acontece, como por exemplo tentar abrir uma porta que deixou de abrir. Nesse momento, interrompemos o nosso modo de estar em «piloto automático» para, por instantes, nos darmos conta do que é necessário para abrir uma

Para Platão, libertar-se era libertar-se do jugo dos sentidos. Não só dos sentidos, mas também das opiniões, da *doxa*, libertar-se de tudo o que não dê um conhecimento seguro acerca de nós e das coisas.

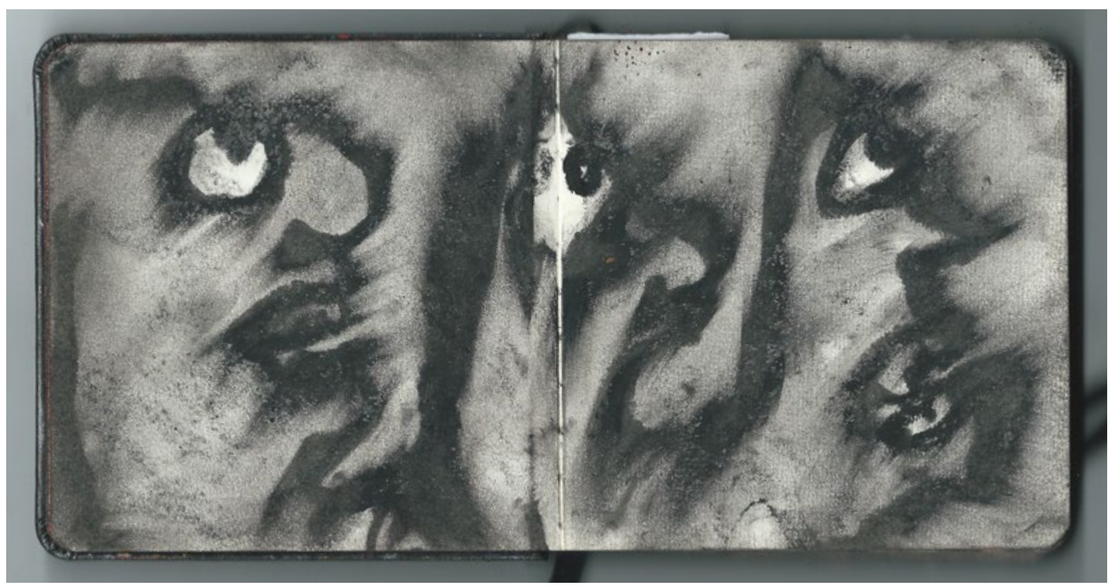
porta e tentar descobrir a razão pela qual aquela não abre. Regressando a Platão, sair da caverna implica que algo nos aconteça. Não depende inteiramente de nós, como parece ser o caso em Nietzsche, mas, quando se partem as correntes e se enfrenta a luz do sol, já não tem volta. Em Platão, em vários textos, Sócrates aparece como aquele que impulsiona, espicaça os outros a serem quem são, a cuidarem de si e não apenas dos seus afazeres. Cuidar de si no sentido duplo: da sua vida no encaminhamento da morte e da sua vida no encaminhamento da verdade, isto é, de saber quem se é (é aqui que o «conhece-te a ti mesmo» se interliga com o «cuidar de si»). Depois de ser instigado ou espicaçado, aquele que começa a pensar, a interrogar o seu ser, a sua existência, já não consegue mais encontrar conforto na televisão, no centro comercial, nas compras ou nos copos à noite com os amigos (pelo menos como forma de vida e não episodicamente). Por conseguinte, o que está em causa na terceira parte da alegoria da caverna, do retorno do prisioneiro ao convívio com os seus antigos colegas, é que o conhecimento nos afasta uns dos outros, porque nos conduz a nós mesmos. Não ficamos fascinados connosco, mas com aquilo que descobrimos acerca de nós, acerca da vida humana, e não queremos mais do que continuar a percorrer este caminho, a percorrer esta investigação. Para aquele que começa a pensar, aqueles que discursam acerca do seu brilhantismo a ganhar dinheiro ou a escrever um livro são iguais aos prisioneiros na caverna que se gabam de interpretar melhor do que os outros as sombras que vêem. Por mais brilhantes que sejam os prisioneiros a interpretar sombras, as coisas não passarão de sombras e as suas cabeças não deixarão de estar acorrentadas. Para os prisioneiros a realidade nunca irá passar de sombras e os pensamentos nunca passarão do que se ouve falar, isto é, de opiniões. O mundo da opinião é o mundo das sombras. Para Platão ser livre é pensar. Ser livre é não ter opiniões, pois o mundo da *doxa* é o mundo das sombras, o mundo dos presos. O que está em causa em Platão é a guerra da paideusia contra a apaideusia, ou seja, a guerra da educação contra a ignorância. E educação não é saber coisas ou portar-se correctamente, mas estar no encaminhamento da verdade. Estar no encaminhamento da verdade é que é a paideia ou paideusia, que tanto importa a Platão. Estar no encaminhamento da verdade é estar no encaminhamento de si mesmo, do que é a vida humana. Por conseguinte, estamos perante uma conversão. Deixar as sombras, ver a luz, caminhar no sentido de ver a vida humana, de lhe perscrutar o sentido é uma conversão. Por isso mesmo, aquele que se torna um outro, que vê a luz, não consegue regressar aos antigos companheiros. Não deixa de ser curioso que é esta mesma situação que acontece com Abraão, tal como Kierkegaard nos apresenta. Abraão fica só com Deus, pois ninguém consegue entender a sua entrega radical a Deus, o prisioneiro que é libertado fica só entre todos os seus pares.

Há, contudo, uma diferença substancial. Abraão nunca duvida de Deus, nunca lhe oferece obstáculos, e inicialmente o prisioneiro prefere continuar preso com os outros a encetar a subida para fora da caverna. Sair do mundo das sombras para a luz é um exercício tremendo. Nós gostamos mais dos outros do que de nós próprios. Isto é, nós gostamos mais de estar com os outros do que com nós próprios. Nós gostamos mais do apreço dos outros do que de nós próprios. Por isso, o gostarmos de histórias, de literatura, e não de filosofia. Repararam no que acontece quando o prisioneiro que foi libertado regressa

ao convívio com os outros presos? Ele é ostracizado, ele é alvo de troça, de chacota. Porque a maioria tem sempre razão. Não tem, mas parece. E num mundo de aparências, o que parece é. Na verdade, nós caminhamos no sentido de sermos cada vez menos nós próprios. Estamos a transformar-nos em *fast food* de pensar. Cada vez mais tudo nas nossas vidas é pronto-a-comer, pronto-a-fazer, pronto-a-pensar, pronto-a-ser, pronto-a-qualquer coisa. O que é bom «é pronto a». O humano não tem uma costela de acomodado; há uma costela nossa que tem um humano acomodado. O humano não é uma acomodação com pernas, é uma acomodação com sofá e controlo remoto. Nós não queremos pensar. Se pudéssemos, nós vínhamos com pilhas e com alguém que as mudasse. Por isso, como entender que tenhamos que ler Platão, Heidegger, Deleuze e, não só pensar, mas pôr em causa tudo o que pensamos que pensávamos? Pôr em causa a nossa própria vida? Não é só a libertação dos sentidos, das correntes dos sentidos, mas também a libertação das opiniões, daquilo que julgávamos serem pensamentos, daquilo que julgávamos ser pensar, daquilo que julgávamos. E, como se viu no final da alegoria, ficamos sós. Ficamos sós como se fôssemos mortos-vivos, como se o nosso pensar fosse um caixão onde passamos a viver, pois os outros não nos querem ouvir, não querem sequer que nos aproximemos, porque nós atrapalhamos as suas vidas, as suas vidas de prazer e de entretenimento e de esquecimento de si mesmos.

E hoje inventamos novos ópios a cada momento: os *reality shows*, as telenovelas, as sagas dos romances, o futebol e até a comida *gourmet*... A religião é apenas um dos muitos ópios, porque o único deus, e que gera todos os ópios, é os sentidos e as opiniões.

O que está em causa em Platão é que aquele que se entrega à filosofia torna-se incómodo, porque não mais faz parte do grupo, não mais faz parte do que interessa à nossa sociedade. E esta, como vimos com o julgamento de Sócrates, irá fazer tudo para que o filósofo morra. Não literalmente, como na Atenas de Platão, mas metaforicamente: fazendo do filósofo alguém que não interessa. Mostrando a todos como a filosofia é uma perda de tempo, que só serve para se endoidecer e não traz nenhum proveito. Ninguém compra carros, casas, barcos e amantes com a filosofia... Platão atacou todas as nossas convicções, todas as beiradas onde nos pudéssemos agarrar para evitar a queda. Quando milénios mais tarde, Marx escreve «a religião é o ópio do povo», em comparação a Platão está a ser um menino, pois para Platão, os sentidos e as opiniões são o ópio do povo. O sexo é o ópio do povo; a moda é o ópio do povo; as viagens são o ópio do povo; a literatura é ópio do povo, em suma, o entretenimento é o ópio do povo. E hoje inventamos novos ópios a cada momento: os *reality shows*, as telenovelas, as sagas dos romances, o futebol e até a comida *gourmet*... A religião é apenas um dos muitos ópios, porque o único deus, e que gera todos os ópios, é os sentidos e as opiniões. Assim, a Alegoria da Caverna mostra-nos aquilo que é a conversão tal como Platão



a entende. O tornar-se ele mesmo através de uma ascensão de uma vida através dos sentidos e das opiniões para uma vida do pensar. Converter-se ao pensar é tornar-se outro.

Por conseguinte, em Nietzsche e Platão estamos perante a mesma necessidade, a mesma urgência de libertação, apesar das suas hermenêuticas antípodas. Para Nietzsche o humano tem que se tornar sobre-humano, isto é, tem de se libertar das ideias, tornar-se natureza e alargá-la, alargar o fazer e a apreciação desse fazer, isto é, alargar a criação. Para Platão, o humano tem que se libertar do jugo dos sentidos e das opiniões, do jugo daquilo que parece ser, mas não é, como ele mesmo escreve no seu livro *Sofista*. Podemos afirmar sem medo algum de errar que, independentemente das hermenêuticas antípodas levadas a cabo para a libertação do humano, esta libertação é tanto necessária a Platão quanto a Nietzsche. Parece que eles discordam em tudo, menos em que o humano nasce escravo e precisa de se libertar. E não é também escravo, para o cristão, todo aquele que não vê a sua própria vida em Cristo, todo aquele que não vê a sua própria vida para além de si mesmo, como se a sua vida Real e Verdadeira estivesse para além da sua vida?

Apressadamente poderíamos ser levados a pensar que o sentido da vida humana se encontra na fuga, que existir é fugir. Poderíamos ser levados a pensar que a vida humana é fugir de si própria para se encontrar verdadeiramente em si. Mas fuga pressupõe algum medo, e na catástrofe de qualquer conversão há, tínhamos visto antes com Abraão, um ver acima do medo que se sente. Um ver acima do terror que a acção que nos é pedida causa. Pois fugir e libertar-se não são da mesma ordem de significados. Aquele que foge nunca se encontra. Aquele que se liberta encontra-se a si mesmo. Aquele que é livre não precisa de fugir. Podemos falar, recuperando conceitos anteriormente usados, que a vida humana só encontra o seu sentido pleno se se converter, isto é, se se libertar daquilo que ele julgava que o mundo e o humano eram, para passar a ver como o mundo e o humano são. No fundo, converter-se é passar a ver. Converter-se é deixar de ser cego.

Toda a conversão é um ir ao encontro de si, ao encontro da existência humana que somos. Em Platão isso é mostrado através da Alegoria da Caverna, onde se dá uma libertação das sombras em direcção à luz. Em Nietzsche isso dá-se com o sobre-humano que se liberta de todos os preconceitos que soterram a própria existência. Em São Paulo isso dá-se com a libertação de si mesmo em direcção a Cristo. Independentemente das diferenças substanciais, há algo que une todas estas propostas de conversão: um movimento radical contra o mundo e contra si mesmo de modo a configurar o eixo certo da existência humana. Ou seja, sem conversão, seja ela qual for, não há existência humana verdadeira. Fazendo um paralelismo com os estafados versos de Baudelaire – embriagai-vos sem cessar, de poesia de vinho ou de virtude, mas embriagai-vos –, e a despeito de que nenhuma conversão dependa inteiramente de nós, a não ser talvez a de Nietzsche, termino este texto dizendo: convertei-vos – à alegoria da caverna, ao sobre-humano ou a Cristo, mas convertei-vos. Só na conversão poderão ser uma versão melhor de vós mesmos. Melhor seria dizer: só aquele a quem acontece uma conversão pode aspirar a ser melhor do que é. Ainda que não se saiba bem para quê.

Quatro ou mais paredes

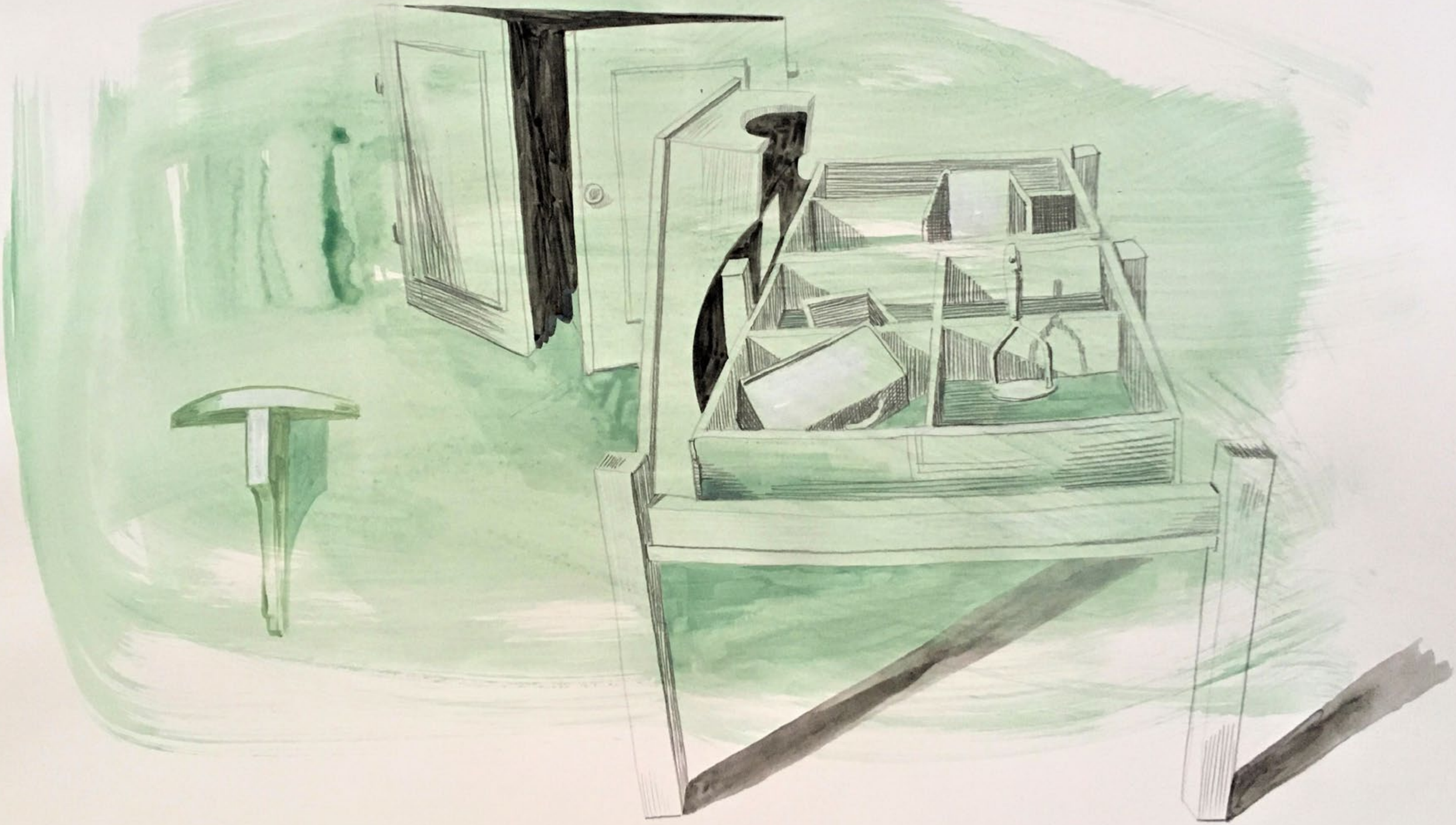
As varandas tornaram-se o que deviam ser, observatórios. A figura do diário revelou-se a boa maneira de tomar o pulso ao tempo que teimava em brincar com as suas mudanças de andamento. E com ela se refizeram as paredes que nos abrigam, mais densas ou transparentes. O ponto de exclamação fez casa, farol invertido que sinalizava os escolhos do interior. E que, sem deixar de ser porto de abrigo, se *amarrecava* em ponto de interrogação. Atrás de uma ideia vem a observação e desta a canção e depois uma leitura, a descoberta, o espanto. Pouco a pouco, desvela-se a carne dos dias. A família ora acrescenta ora abate pares e toma o lugar de cenário e personagem, paisagem movediça da ficção. Os amores, antes ainda da família. E as crianças logo a seguir, registos na primeira pessoa, a tomar nota da falta de espaço, da ocupação do tempo, mas também da alegria. A criação não deixa um momento de resgatar o essencial. Veja os recantos que se tornam obra, a casa ela mesma a respirar-se fragmento, abrindo rasgos de comunicação entre o dentro e o fora. O mundo não deixa de entrar pelas muitas varandas desenhadas pela tecnologia, pelos ecrãs, mas ainda pelos livros. São múltiplas as narrativas, a que se fará o favor de somar a do alinhamento desta recolha. Tornando claro que a luz ilumina e liberta. Até aquelas figuras, fixadas no passado a dizer presente, que moram nas molduras.

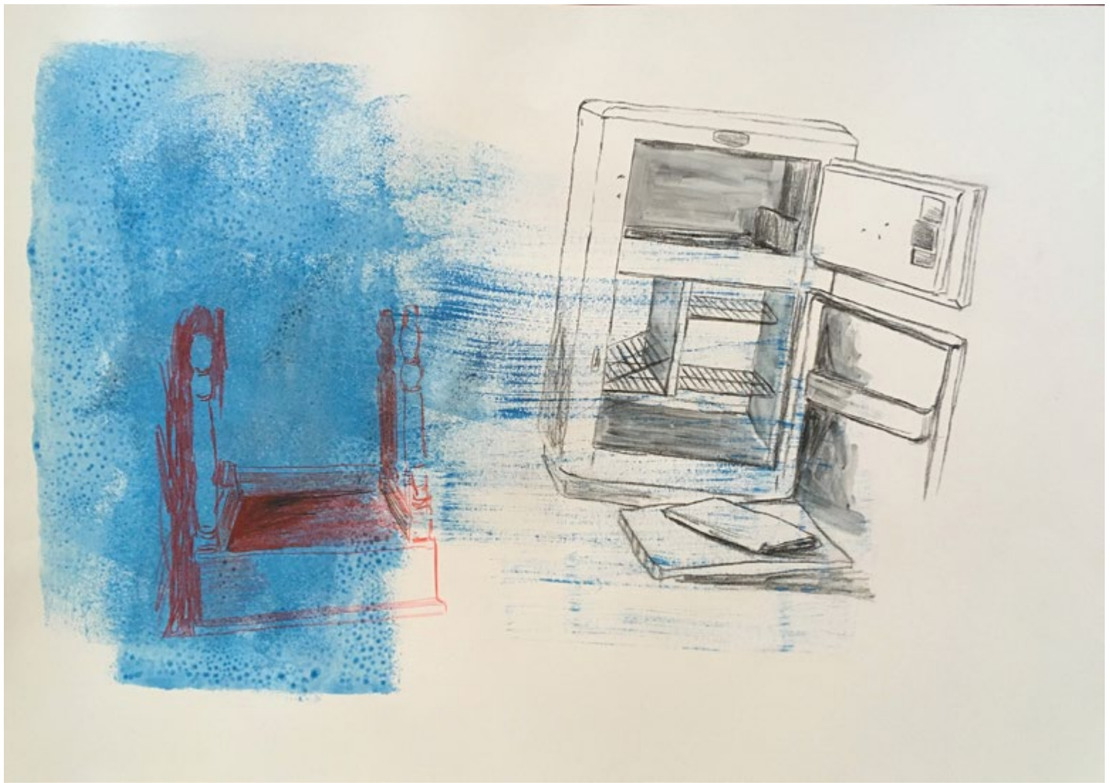
Atrás de uma ideia vem a observação e desta a canção e depois uma leitura, a descoberta, o espanto. Pouco a pouco, desvela-se a carne dos dias.

A
B
C
D
E
F

Desenhos confinados Desenho Mimi Tavares 178
Slow movements and silent colors kissing the blink of an eye Música Carlos Guerreiro MULTIMÉDIA
Relicário do contágio Ensaio Filipe Homem Fonseca Ilustração death_by_pinscher 186
Daquela primeira primavera que não nos foi Prosa poética Carolina Amaral 188
Grande formato Desenho Francisco Vidal 189
Somos Contemporâneos do Impossível Poesia dita José Anjos MULTIMÉDIA
De olhos abertos na noite escura Crónica João Paulo Cotrim 202
... Desenho Bárbara Fonte 203
Fora do Vazio Crónica Márcia Balsas 218
Observação das espécies Poesia + colagem João Rios 219
21 de Março – Postal Crónica André Carrilho 226
...E comecei a desenhar Desenho André Carrilho 227
Quarentena Desenho João Fazenda 232
Quarentena 2020 Desenho Tiago Albuquerque 236
Eu e os chineses Crónica Mónia Camacho 237
Não se fechem demasiado Desenho André Ruivo 238
Exílio Filme Sal Nunkachov MULTIMÉDIA
A Pele Conto Andreia Azevedo Moreira 248
Auto-retrato / Poema ao Confinamento Desenho + Fotografia Cristina Sampaio 250
A Varanda Conto Carlos Querido 252
Contaminações Escultura Manuela Pimentel 253
The girl that's driving me mad Conto Raquel Serejo Martins 256
Ginástica matinal Conto Francisco Resende 257
Sobre papel Desenho Nuno Viegas 258
Conheço ventos Conto Rui Vieira 262
Sem assunto Desenho Ana Jacinto Nunes 264
Contracurva Conto Sara Anahory 270
Luz Fotografia José M. Rodrigues 271
Ada Música João Lucas MULTIMÉDIA

Desenhos confinados Mimi Tavares





1
Todas as paredes

Andaram anos a dizer que tínhamos de pensar fora da caixa. Mas, em tempos de confinamento, o que temos de fazer é pensar dentro de uma.

Fez-se assim, de feiura, alguma tormenta – veio vindo aos solavancos, chegou chegando em doses francas de incredulidade a vaga dos números, a pressa das análises, a falsa segurança das extrapolações, cálculos e previsões e cenários – e os rostos idos, guardados em caixas dentro de caixas, a reverberar: faça-se da perda uma vontade, da falta uma certeza, da antecipação um agora-já. Nunca depois, esse que muitos já não têm; e que somos nós mais que os outros? O que é de nós sem os outros, os que ficaram e os que partiram e guardamos em caixas dentro de caixas dentro de caixas?

Sirenes e alarmes, relógios despertadores. Que o sono se foi: poderia ser de outra forma? O tempo arranja maneira de se intrometer nos dias, uma maneira única de marcar presença; se lhe faltam compassos, inventa-os, canta-grita por entre as fendas do descanso, esgota o corpo e anima o espírito. Tenhamos nós força para dançar

(deste adormecer já não se acorda)

e sentiremos o chão por debaixo dos pés depois do tapete nos ser puxado. O equilíbrio é coisa extinta, o asteróide quotidiano vai tombando em pedaços, apocalipse em câmara lenta. Quantos partiram hoje? Que desgraça, que desgraça, que desgraça, e nós cá ficámos ficando, provas de vida, as possíveis da possível.

Esta ruga é de 41 de Março, estas olheiras fundaram-se a 53 de Março e este sorriso do meu avô anunciou-se a 62. Nunca pensei voltar a vê-lo, nem ele a mim. Está nestes preparos, o calendário – avança sem sair do lugar, um retrocesso progressivo, contabilizado em insónias, para a frente é que é caminho. A ascendência dá-se como de costume, só que agora ouvimos a engrenagem da rotina a embalar-nos a falta de sono. O que fazer com o tempo que floresce na falta de espaço? Andar em círculos é coisa de loucos e moram todos nos espelhos das nossas casas. Janelas onde nos olhamos olhando quem nos olha. Os outros nunca foram tão reflexo nosso, a distância também funciona assim. Peixes no aquário, presos em redes sociais que nos enredam na sociabilização viável. Isco em cardume. Somos embrião, aconchegados em ansiedade amniótica. Com sorte e disciplina, nasceremos outra vez. Mais velhos.

2
Neo-escapulário

Andaram anos a oferecer abraços grátis. Agora, na época do distanciamento social, higieniza-se o afecto. Convenhamos – o abraço tornara-se coisa banal, os dois beijinhos, o beijo único, o oscular de uns lábios. Proibido,

(desaconselhado, perigoso, mortal, transgressor)

o acto tem agora o valor das coisas pelas quais estamos dispostos a morrer e, mais importante ainda, tem o valor das coisas pelas quais estamos fadados a salvar. Dentro de caixas, o toque tem o valor das jóias guardadas.

E o que marcou a ausência de espaço no tempo dos rostos? O interior opressivo onde nos movemos cá fora parece mais vasto ou, pelo contrário, a paisagem é um beco?, dos generosos, com saída, pois o caminho para a fuga está sempre acessível entre uma batida cardíaca e o seu contrário, à distância de um capricho.

O ritual da higienização. A máscara que guarda o sorriso dentro do choro dentro do esforço dentro do cansaço. Olhos espelho da alma, boca espelho da vida. Oculta, revela-se pela palavra: canto, grito e gargalhada. Resistência.

Partículas de moléculas de ácido ribonucleico em caixa de lipoproteínas

versus

Heróis nas trincheiras.

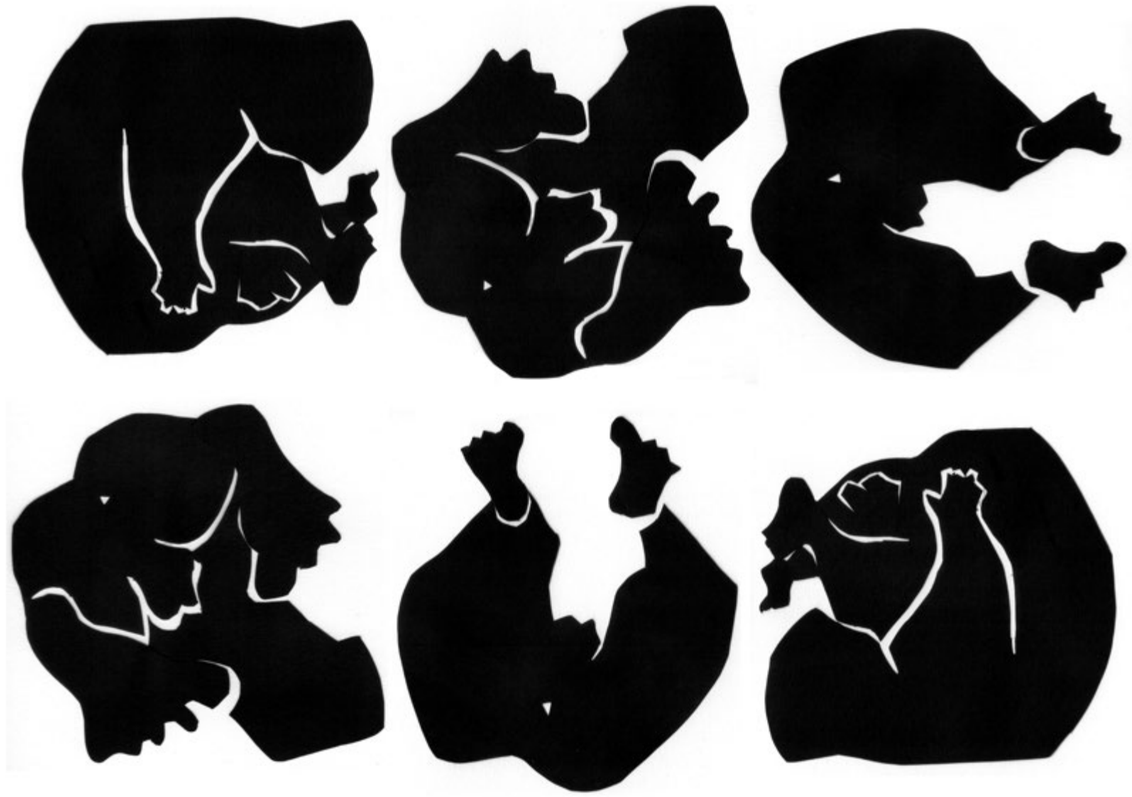
Aplausos não chegam, muito menos orações.

Preço tão alto a pagar, o da sobrevivência: é que há sempre tanta gente que morre, é fila da frente

(hipermercado, multibanco, farmácia; tantas urgências)

a que ninguém quer dar o peito, balas que nem vemos, nunca se vêem, rasgam com rapidez ou massacram com o vagar de um torturador experiente. A natureza também é feita de maldades, não lhes dá é esse nome, nome nenhum, rótulos é connosco. As coisas são como eram e são novas de cada vez que se repetem, em especial na primeira vez.

Relicário do contágio Filipe Homem Fonseca ilustração death_by_pinscher



3
E se não nos devolverem o mundo?

O mundo nunca foi nosso.

4
Mãos

Andaram anos a dizer-nos para sentir, agora há que pensar, sozinhos com puzzles onde felizmente faltam peças, é a oportunidade que temos de inventá-las à nossa medida. Tesoura nos factos e cuidado na poda, não se faça do facto uma opinião e a coisa dá-se. Ponderar. Tomar o peso da realidade na palma da mão forrada a gel desinfectante. Mãos lavadas, dedos apontados com parcimónia: não foi só Pandora que abriu esta caixa.

Resta-nos uma hora, e uma hora agora é um século de antanho - que luxo. E a hora é de fazer desfazendo, construir deitando abaixo, desfazer fazendo, destruir erguendo. Voltar a brincar na areia do parque, junto ao escorrega e ao baloiço

(nas praias, drones afugentam gaivotas e gente; aqui há crianças a cair em risos).

Haja memória. Deste esquecimento não há cordel atado à volta do dedo que nos salve. Urge recordar tudo, daqui até ao futuro depois de nós. Vai correr com vagar. Teremos tempo, à antiga, é o que se quer para amanhã. E espaço para novas caixas, dentro de nós, fora daqui.

Agora, há que fazer. Responsabilidade máxima: ser flor que rasga asfalto. Para que valha a pena. Não tem de fazer sentido, convém até que não faça, para combinar com o padrão imposto. Minemo-lo por dentro. Sejamos o vírus do vírus.

Encólpio, forca ou gargantilha a dar falta de ar da sua graça, nó na garganta, um passo e outro e outro, até que se desfaça.

Movimento primeiro

De um dia para o outro, o dia é outro. Até agora era assim um dia depois um dia e depois um outro dia e não parava o mesmo dia de se suceder nos dias que viriam. Não éramos muitos a sermos felizes mas talvez não fôssemos muitos a sermos habitados por uma tristeza fundamental. Ou talvez sim.
Mas havia sempre um jardim que era mais bonito que o nosso sofrimento. Ou uma ideia de a seguir, a seguir
a marcha era fenomenal. Um corpo de baile em coreografia do esquecimento primeiro.
Todos continuávamos, porque todos sobrevivíamos.
E quando havia uma queda era porque alguém se encontrava num espelho inesperado. Ora os espelhos inesperados eram como sombras que nos engoliam pelo que é de dentro, deformando o sonho que nos dava o nosso nome.
Ninguém estava ausente para a fatalidade do seu encontro. Contudo fazer mais rápido e mais virtuosamente era suficientemente urgente.
Tranquilizava-nos a noite, essa dança era para chegarmos à noite.
Chegar mais depressa à possibilidade de suspender o amanhã para o amanhã que me já tem prometido. Uma geração que não verá a primavera acontecer.
Que chegou como uma febre, o tempo para encontrarmos o nosso nome num espelho coletivo.
Já não vamos para amanhã. De repente é o amanhã que se vira para nós de lá e nos confronta sem face, sem desenho coreográfico, abrindo-nos um abismo alto e desmedido. E a cada um, o seu rasgo rítmico.
É que chegou o tempo da inversão da urgência. É nos pedido que nos aprendamos a ficar junto a nós.
Que experimentemos a indefinição do que não nos ocorre.
Que voltemos ao que não tivemos tempo de ser, à descoberta do desejo sufocado em sonos periféricos

Que aguentemos o acontecer de uma estação fora do que somos.

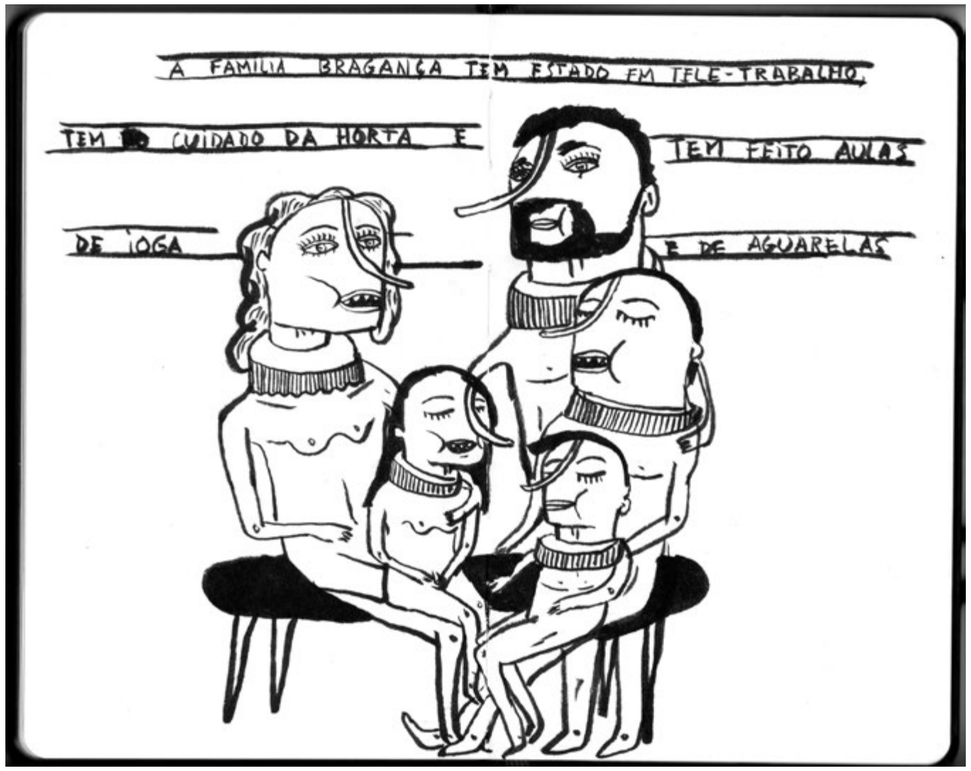
Movimento segundo

Ela chegou, e eu não sei como é que foi não estar no mundo que tem a chegada dela.
Confinada ao flagrante desconhecimento do que poderá ser o tempo novo da árvore, a desordenada oscilação do bosque, o presságio da ave que vem.
Foi-nos suspenso o tempo da beleza evidente.

Falha-nos uma primavera que acontecerá ainda assim, lá fora.

Daquela primeira primavera que não nos foi Carolina Amaral

Grande formato Francisco Vidal



Movimento terceiro

Esta surpresa do peso de pensar nos nossos pais. Os meus estão lá no norte.
Os pais pertencem sempre a uma província que nos é vagamente familiar de tal modo nos desajeitamos na tentativa frequente de sermos aos outros o esquecimento desse lugar.
Há um desconsolo secreto nesta geração de pessoas que são pessoas longe dos seus pais
que estão fora da infância
que não precisavam enrubescer ao atravessar a memória da cidade que os retém no que não deixarão de saber que são.
Fiz-me mais inteligente numa cidade a sul, numa cidade que não me contem, e que nunca poderá trazer-me a claridade dos primeiros pensamentos que tão à toa eram o que de mais surpreendente provinha de mim e me soube erguer
De que me vale a capital se é à margem da minha primária verdade?
Penso assim nos dois que ainda respiram porque lhes sou uma falha vital.
Não sei se quererei voltar a vê-los se posso ser o mal absoluto.
Os pais virarem crianças antes do tempo de virarem crianças.
O medo do afeto que vai demasiado dentro, que é semente perversa, que pode matar a pessoa que fui que é o meu pai

Movimento quarto

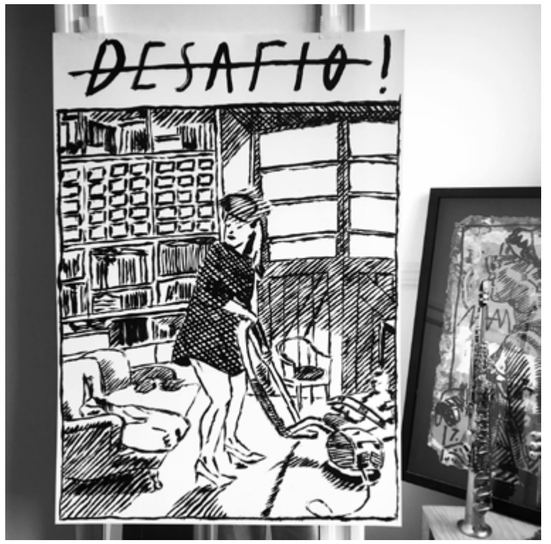
quarto que já não é um quarto que já não é um quarto que é a minha cabeça. Ou espaço escuro deste dorso dorido. Ou a perna ofendida na colcha da noite que já é dia que já é de noite ou de dia. Que é uma pausa que é uma continuação que é uma certa pausa uma certa continuação

Movimento quinto

Quinta-feira podendo ser um dia aleatório, é de facto um dia aleatório na toada de dias internos.
Percebo que nunca se me vertera tanto uma dada temporalidade, porém tento chegar à oportunidade de de mim propor um esboço fatal, que não há desculpas para falhar neste final.
A competição do que poderei ser com quem eu tinha sido formula-se nesse confronto para dar cabo do que sobra.
Que importa se nos fazemos cave agora se poderemos aprender da sobrevivência do que a cada qual realmente importa.

Movimento sexto

No teatro está a vir-se o acontecimento da mudez.
Este sustem-se ainda que como uma falha de comunicação, para o lado de fora.
Talvez que o abandono se imagine a si mesmo agora que o dia mundial do teatro foi investido de pausa.
Há concerteza uma revolução a acontecer, em ausência.
No mesmo dia o Papa foi um teatro vazio. Sinal alvo e signo de perturbação, falava a uma noite de uma praça que nos corpos em falta não poderia conter as suas preces.
Orou ao vago que compomos um mistério pelo menos tão antigo quanto o lugar de onde se vê.



Movimento sétimo

Continuar a tentar chegar longe, por outro lugar.

Movimento oitavo

A cidade nunca esteve tão encostada a si mesma.
Nunca houve tanto tempo para os jardins se descobrirem sós.
Nunca a parede suou tão solitária.
Nunca a altura dos postes se susteve tão próxima da meteorologia.
Nem a luz se acendeu para os pássaros apenas.
As estátuas respiram enfim.
Os animais vadios encontraram uma nova ideia de perdição.
As pontes vão e vêm só por existirem. As estradas multiplicam-se em silêncio.
Ausentando-nos da cidade, as casas são agora cosmos que nos desterram das outras casas da experiência de flutuação nos corredores dos outros.
A cidade de até agora tornou-se o espectro de si e de nós.

Movimento nono

A minha cabeça já não cabe na casa. Ela não cabe em mim. Não sei se a cabeça, se a casa.
Páro o primeiro pensamento, o segundo, o terceiro, o quarto, mas não o quinto. Levo-o à janela, preparo-me para a despedida dele que quis ficar comigo, mas haverá outros pensamentos, haverá mais importante a oferecer ao esquecimento. Pensamentos perdidos que largo nesta altitude àquela que é a cidade mais fria, àqueles que foram os estranhos que me desconheciam, me fazendo.
A janela dá para um vazio que já mais não caminho mas por onde posso fazer soar sinais de que existo, ainda existo

Movimento décimo

Convivo com as minhas falhas acesas nesta divisão. Não temo a sua arrogância mas também não me sinto superior ao pior de mim. A experiência do entendimento com os meus recônditos infatigáveis tem sido um exercício quotidiano, que me não resolve esta angústia de me não escapar mais purificada.
Não estou admirável. Não quero embrutecer fechada só comigo.
Os meus erros, ardo-os mas não apagam, revirando-se em violência no meio inquietante.
Penso que esperam ganhar certa proeminência numa personalidade agora só.
Uma mulher que não se está a caber na sua solitária feminilidade, dá por si na primeira aprendizagem da vigilância do horror. Do horror de ser ser um si só por si.

Movimento décimo primeiro

Trago para o dia mulheres que sonho que são sinto de toque de seda.
Reparo com os olhos fechados que são esquivas e subtis quando estão mesmo ao meu lado, por esse seu lado.
Não as quero assustar mas não as quero esquecer. Desenho-as com esse ar intenso e doce junto a certas plantas a certa esquina de dentro.
Convido-as para uma passagem bíblica, Isaías 27: “Naquele dia:/ Uma vinha bela; e um desejo de começar/ <a cantar> sobre ela./ Eu <sou> uma cidade robusta,/ Uma cidade sitiada;/ Em vão a regarei, pois será tomada de noite;”. Quero voltar à cidade da noite destas mulheres de sufoco. Não farei muitas exigências, mas que me deixem trazer a sua sombra para perto dos livros da tarde, que não se saiam da redondeza da leitura.
Que estou tão grata por hoje ter uma imagem que é um corpo que está cá fazendo tanta falta na casa pouco imaginada.

Movimento décimo segundo

Prolongamento do estado de emergência, prolongamento das paredes nos espelhos e dos espelhos nestas paredes.

Movimento décimo terceiro

As pessoas dizem que até estão a passar bem, para não dizerem que já se não aguentam tão despidos, é que tão desalegradamente interiorizados.
A auto-descoberta tornou-se o ex-líbris da experiência selvática.
Praticamos uma espécie de atividade radical quando nos carregamos pelos corredores, pelas salas, pelos tetos. O perigo é tanto o salto mortal de si próprio à sua imaginação, quanto o equilíbrio no continuar a seguir-se, ou o domínio das feras no que é coração.
Nestes dias as feras de mim são múltiplas.
Transformei-me como leitura num jardim cheio de fome, num desvairado zoológico de sons.
Aceito a minha floresta, à falta da real primavera.

Movimento décimo quarto

já não sei qual a melhor inclinação à janela
ou à beira dela
ou mesmo em mim
como me predispor ao remoer
de certas portas

Movimento décimo quinto

De manhã vinda da tempestade vi uma coisa escura, que era quase uma sombra, maciça e voluptuosa, um tanto parada. A água da piscina não aquietava aquele corpo surgido do desassossego, e fui mais perto, mais perto até compreender que era realmente uma ave morta, uma espécie de animal da sabedoria que boiava nas águas perturbadas.
Senti-me muito seca e ausente, próxima que me fiz do bicho desconhecido.
Quando tirei aquele símbolo da água não esqueci que os olhos estavam abertos e fixos numa extraordinária certeza que ainda me não está a acontecer,
e voltei para dentro, para um recolhimento que talvez mais profundo.

Movimento décimo sexto

regressamos à tragédia com máscaras de uma cirurgia irrealizável
mantendo espaço entre nós, haverá ainda um certo silêncio
esse seria o real discurso, do coro do contemporâneo

Movimento décimo sétimo

uma casa, uma cómoda, uma cadeira, um candeeiro, uma cabeceira
e um tempo e um som que tem peso e que tem um calor

uma tenda, uma tensão, um toldo, uma tempestade, um total alienamento
e um espaço e um caos aberto no terror

longe das fronteiras, nunca tanto me exerci na humilhação de não lá estar.

Movimento décimo oitavo

foi criado na República Checa, o festival do nada
a ideia basta-se.
poder-se-ia dizer que a obra foi exponenciada para lá de dentro dos seus fundos,
ou seja atingindo a perfeição no escuro.
em 20 20, a arte que não aconteceu
foi mais longe

Deus será este não visto que foi para além de si, e se auto-realiza

Movimento décimo nono

não deixa de ser intrigante, percebermos que hoje é quinta-feira santa
e que de santidade só temos que uma memória
impraticada, se bem que não desapaixonada.
não fazemos assim fila para a benção pascal
mas experimentamos esse alinhamento na espera
ordenada-ordenhada da grande superfície
comercial, o único recreio
e talvez o único cerimonial comunitário
do apartamento, o seu corolário.

Movimento vigésimo

Aquele que abrindo os braços, e o tempo dos braços e a mente do tempo e dos braços
nos ofereceu um desentendimento capaz de para sempre, nos largar num escuro completamente novo,
sobe-me hoje ao ventre com uma virulência capaz de me recomeçar, sei-o
no ventre que é o pensamento que é a condição de se ser entregue.
O sofrimento dele é hoje a minha consciência inteira.
O signo da sua dor está marcado antes de se poder ser, e é a força de tudo
e do meu imenso nada, que é o espaço que me faz para O amar
como princípio final, que hoje me inicia

Movimento vigésimo primeiro

trabalho num esvaziamento contínuo do que me conhecia
durante a tarde que vai acontecendo, sinto a vergonha
da vacuidade de gestos sem alcance, de palavras meteorológicas,
de intenções em malabarismo
e
transito para o transe do corpo alvamente erguido na cognosciência
da Humanidade

Movimento vigésimo segundo

Alguém muito sério na televisão diz que até ao final do próximo ano
não haverá normalidade.
Já me tenho vindo a despedir do que veio até aqui.
Havia uma condenação naquela forma de viver mas que me fez ao que
vim ser.
Percebo que o fundamental não me era uma evidência e que me
escondia como se escondiam todos.
E agora rachou-se o tempo que não prometia.
Começa a duração que contará para a real real possibilidade
e enquanto apartadados, que nos reorganizemos
como se areja a casa quando vem o tempo bom,
e aguardemos o implacável que de nós advirá.
Secretamente por agora, se inicia já a procissão de nosso
desvelamento.

Movimento vigésimo terceiro

quer dizer que vai durar até
dançar numas trevas exteriores
ou estar perto, só isto
estar de novo, perto
normalmente

Movimento vigésimo quarto

Eu que pensava aproximar-me extraordinariamente
do meu potencial, camuflado até então,
descubro-me mais impertinente, mais vaga
e mais imprecisa do que alguma vez me via

Movimento vigésimo quinto

uma
v
a
l
a
comum

No século XXI.
ou
Nova Iorque
e a experiência última da morte.

Movimento vigésimo sexto

Seria expectável que os dias fossem lentos,
enjoativamente continuativos na sua imutabilidade,
apenas afectável pelos números a menos que delapidam a nossa
última sanidade.
Mas os mesmos dias são velozes, escorregadios
e experimento uma radicalidade emocional
pois que se me alteram o tom e perspectivas
a um ritmo que o eu que eu era não consegue acompanhar.
Resta-me ser o que ainda não me consigo largar.

Movimento vigésimo sétimo

Parecia-me até agora que só ao vírus seríamos expostos como a uma fatalidade porque é por causa dele que estamos fugidos uns dos outros. Mas as outras doenças intervêm ainda mais secretamente do que a invisibilidade desta guerra que nos tem ocultos em novos interiores. E no entanto, há um rosto conhecido que nos fixa simbolicamente esta manhã. Um enfarte fulminante não devia esperar alguém nos tempos em que todos nos escondemos uns dos outros. No tempo do medo de sair não deveríamos ter medo do que está por detrás de nós. Mas percebo agora que o princípio e o fim de cada um não podem ser adiados por uma revolução que só pode ser que exterior. O máximo interior é também o máximo inescapável.

Movimento vigésimo oitavo

Depois do tempo do dentro, depois de sermos ultrapassados pela primavera, depois do estritamente essencial, depois da superior distância, depois do abandono do gesto do que se faz perto, depois das máscaras, depois da praça vazia, depois do medo, onde irei?
Como me farei ao que fosse ou que seja a partir de agora o meu caminho? Afinal onde se encontra a verdadeira continuação?
Haverá algum tipo de entendimento entre prosseguir e refundar?
Sobretudo não creio poder evitar uma mudança assombrosa na minha eloquência.

Movimento vigésimo nono

Paro-me a meio num interior,
fixo a ignorância que tem aguentado os meus dias.
O silêncio das fronteiras
O silêncio das terras a sul.
O silêncio do cancro.
O silêncio das guerras.
O silêncio do subúrbio.
O silêncio dos velhos.
O silêncio dos violentos.
O silêncio dos que morrem por estes dias.
O silêncio da incógnita.
O silêncio do que podia ter sido o meu discurso agora.

Movimento trigésimo

Medito sobre o funcionamento novo dos lugares contemporâneos.
Um parque de estacionamento alberga inúmeros sem-abrigo distanciados por números escritos na calçada. Eis a renovada forma de catalogação dos que não são bem-vindos, tal como já foram catalogados na sua vestimenta, ou na carne, tantos outros indesejáveis que formalizam o horror canonizado da geração posterior. Como fomos esquecer do baile macabro dos números e os corpos e os outros.
Estas pessoas algures no Texas, deitam-se em números, bem afastados do próximo em cimento e céu, e é assim legitimado o distanciamento destes que à vista de todos, sonham e comem e choram por cima do 3578, do 570, do 45, do 666.
Em Madrid um rinque de patinagem é agora oficiosamente, uma morgue. Armazenando os cadáveres no frio, trata-se da arca que inamovível, conserva os que estão já para lá da salvação. Trata-se de ironia, ou metáfora, já não distingo.
Em Tóquio, um aeroporto tornou-se hotel de cartão.
Se a semelhança com um campo de refugiados não fosse tão evidente, poderia até não ser tão traumático, já que aqui é uma espera com saída.

Movimento trigésimo primeiro

Nasci depois do 25 de abril, e da queda do muro de Berlim, quando Portugal já era mais União Europeia que estado periférico. Nasci no mês em que cientistas norte-americanos realizam a primeira clonagem de embriões humanos, em que o Nobel da Paz é atribuído a Nelson Mandela e no dia em que Mazzy Star lança o seu *So Tonight That I Might See*.
Decido considerar as circunstâncias que me determinam enquanto mais uma, grandes ocasiões que vivi e que abalaram a consciência coletiva.
O 11 de setembro.
A emergência climática.
A Primavera Árabe.
Charlie Hebdo, enquanto estudava no Conservatório de Paris.
A eleição de Obama, e depois a eleição de Trump.
A eleição de Lula, e depois a eleição de Bolsonaro.
A vaga migratória de refugiados na Europa.
A pandemia de Covid-19.
Até agora é esta a pequena lista dinamitosa.
Todas foram agentes provocadores que nos operaram algum tipo de pausa. E de agonia. E de mudança.
Fazer este exercício de perceber onde coincide o desastre com o desastre.
Em todas estas ocasiões reparo
na formulação de uma espécie de desnivelamento que abala a hierarquia das nossas prioridades, dure pouco ou muito;
na acordância de um sentido de comunidade que pode ser congregador ou estabelecer uma clivagem entre o nós e os outros;
numa melancolia associada à memória do que foi e que não continuará a tecer;
na ânsia de imergir no momento com total entrega como até então ainda não me dera;
e mais flagrantemente, na compreensão absoluta do não conhecimento efetivo da integridade de cada um.
E é essencialmente esta última premissa que me faz deambular nos dias confirmando a minha incerteza de mim e que me implica na reinvenção que me é prometida a partir daqui.

Movimento trigésimo segundo

Ser dia mundial da Terra e entender-se que quanto mais desprezámos a cadência do mundo e nos inventámos realidades paralelas, mais nos é agora evidente recordar que este confinamento é uma farsa em comparação com a largada no que é irreprimível e irreverente no natural.
Impedidos estamos do luxo que vimos transformado em lixo.
Quem sabe se esta data passada em isolamento nos não enterneça perante a vítima dos nossos habituais dias corridos e assassinos?

Movimento trigésimo terceiro

A constância que me é garantida nestes dias é a dos pesadelos.
Até agora nenhuma noite me foi faltada de um escuro susto.
E talvez esta seja uma das aprendizagens que mais proeminência me terá, a de continuar internamente aflita, mas erguida no meu recolhimento.
Hoje sonhei um lugar que quis empurrar à realidade.
Duas mulheres esguias que se impunham entre si como cavalos esticados, de pé uma em frente da outra, de joelhos levantados num ângulo de 90graus e em simetria, que encaixavam e relinchavam com véus espessos negros fechados atrás do rosto.
Era a representação da apoteose de um amor à partida heterossexual, pois estaria escrito num tal livro algures, só que eram inevitavelmente duas mulheres o que conferia à leitura daquilo um magnetismo inegável para o acabar daquele espetáculo,— não me poderia esquecer daquela cena para que consequentemente influenciasse o modo como encararei as minhas próximas imagens criativas.
Soube disto quando me recordei disto quando me preparava para me esquecer disto para agora sim, cair em mais um pesadelo que contribui para a minha batalha dos olhos abertos ou olhos fechados.

Movimento trigésimo quarto

pássaros que se não fossem reais eram fantásticos, encontraram a capital silenciosa.
como uma mancha superior, desceram a Navi Mumbai para beber
para dar conta da não construção,
da falta civilizacional.
um habitante chamado Purohit,
numa entrevista, reivindica
o confinamento anual, em nome da chegada da nova paisagem natural.

Movimento trigésimo quinto

Chegou o dia de abril. A data inultrapassável que é a do acontecimento da primavera de outras flores vermelhas que não são papoilas nem dálias.
A da flora que se fez verbo pois que quem diz cravo, não pode que significar que uma intenção de romper.
E talvez porque esta data me não foi uma vivência concreta, sinto a responsabilidade tremenda de atualizar a sua abertura às minhas fundações, pós-grandolianas. De prestar homenagem através do meu corpo que se tornou possível através da rebentação do pensamento de tudo, do vermelho para cá.
Por causa do carmesim indisparado, tornado sinónimo de beleza, posso hoje reivindicar um lugar indefinido para aquilo que sou.
Vi hoje um documentário de quem no 25.04.2020 se procura fazer o tempo de abril no mundo, *Commander Arian. A Story of Women, War and Freedom*, sobre as Unidades de Proteção das Mulheres, YPJ, milícia composta por mulheres que resistem e lutam pela libertação dos territórios ocupados pelo Daesh no norte da Síria.
Mulheres que querem constituir uma comunidade inclusiva, igualitária, livre. Emancipada. Jin, Jiyan, Azadi. Mulheres, Vida, Liberdade.
Grito de guerra num território que não está confinado, e que importa reconhecer, que é também do nosso comprometimento.
Aquelas mulheres que são o real rosto de abril no século XXI.

Movimento trigésimo sexto

Como nos E.U.A. se já injeta ignorância política pelo corpo adentro.
a full, a fool ?
Que é esta ironia de uma intoxicação resultante da fé humana num *star system*.
Não será televisivo sinónimo de poder coercivo ?
No que dá o populismo político, o viral mediático indo mais longe que o viral científico – a sentença de morte da noção da noção.

Movimento trigésimo sétimo

Em Samos, dois incêndios ontem à noite e um hoje de manhã que levaram a última réstia de sanidade higiénica e social de centenas de refugiados.
Proibidos de acederem às cidades agora caladas, brancas e vastas; deitam-se na terra ou no céu, tanto faz.
Se num espaço para 650 pessoas se encontram 7000, é já um triste tanto faz.
E quem não vê não toma parte deste horror.
Só que o confinamento não é desculpa para a nossa nua culpa.
E no entanto apostaria que há mais quartos vazios que pessoas que não têm sítio para onde ir.

Movimento trigésimo oitavo

decidi plantar uma floresta.
e estou a ser realista.
Isto não é uma metáfora.
de um abril confinado para o futuro, procuro o que me faço fundamental.
cansei da não urgência dos meus tempos.
percebi mais que tudo o que me ficou, que é preciso iniciar-me ao que tenho medo de mim.

Movimento trigésimo nono

tapar a boca. lembro que era assim que as freiras que me educavam exerciam a sua soberania. um gesto rápido e seco, batiam com as suas mãos límpidas os meus lábios disparatados. e castigo.
era para acalmar, ou no meu caso impedir.
não deixar acontecer por demasiado um pecado vocal. que podia ser só falar mais alto. podia ser só recusar-me a ficar calada. ou dizer uma verdade erógena, na minha desenvoltura infantil e tão possível.
exercitei tanto a língua sem pudor, como prazerosa afronta à religiosidade incompreensível que só me podia ser ainda e demasiado estranha.
desde aí que me apresento aos outros com a irrequietude desse músculo, de tal forma em preponderância na gesticulação do meu rosto que o que me fez, foi fazer da minha abertura frontal o sítio do meu sustento.
o que já para uma comunidade é O lugar da expressão e que permite iniciar sentidos; no caso meu é a boca que pode espantar outros, que me permite a sobrevivência.
aprendi com as freiras a fazer da expressividade do pecado a garantia da minha salvação de todos os dias. o sacrilégio delas é o meu real rendimento. e o mais curioso é que, por me repararem um impulso que para elas era maldito, fizeram com que a minha inocência reconhecesse aí uma força que não mais abandonei.
a febrilidade do meu pensamento corria-me à cavidade bucal com uma urgência vinda de outro lugar mesmo que o do meu raciocínio.
e foi daí que aprendi a conhecer o que significa o santificado.
mais tarde
lembro-me de entrar numa igreja de burqa e de ser olhada com tamanha inquietação.
tinha o longo manto negro na boca e talvez por isso transportasse comigo o simbolismo do terror nesse espaço do sagrado. queria testar a presença de uma expressividade tapada e feminina na igreja.
a mesma negação que me haviam imposto à boca corporalizava-se agora no espaço mesmo do culto.
apercebi-me de que me constituía um corpo de mulher condenado pela sua entrada porque impedindo entendimento.
soube ali que não era o que poderia dizer que causaria escândalo e lamúria, mas era a verbalização de uma incompreensão qualquer que era o objeto profanante.
que mesmo o meu irrompimento silencioso seria uma infâmia.
e que a máscara que nos aprendemos a usar desde tempos mais remotos que o do cristianismo está na censura que nos infligimos por receio de sermos incompreendidos e por isso apartados.
e o que muda efetivamente estando longe da comunicação factual num quotidiano social, seremos reaproximados mas com a distância das bocas?
a partir de agora teremos de conviver em sociedade com um faixa frontal que não será mais do que a sinalização da distância que era já formalizada na convencional condenação ao adverso, diverso, inverso, verso, submerso.
talvez se resgate uma vontade de chegar-se ao outro pela necessidade de uma comunicabilidade nova e mais essencial.

Movimento quadragésimo

penso então na coreografia do próximo dia.
na desafetação, na geometria
de uma distância múltipla.
na fragmentação de uma gestualidade outrora ágil e temerária.
e espero só
que não seja assim.

STRANGE DREAM
JAZZ SESSIONS
AAM XICO
NAZBOYS

AFIO!
DISTÂNCIA SOCIAL
CASSIUS CLAY
THEN CREATES
HOME!
SO WHAT
SO WHAT
LX JAZZ SESSIONS
DREAM

De olhos abertos na noite escura

... Bárbara Fonte João Paulo Cotrim

Santa Bárbara, Lisboa, 27 Fevereiro

Uma casa não é um motel. Podes vir, que não tenho chacais no quarto. Anda ver à tua volta. Não são chacais no quarto. Nem são lobos os que percorrem longos corredores. Vem à vontade que tens sítio onde ficar, pergunta por mim. Não são hienas quem ri quando sobes as escadas. Pergunta pelo meu nome todas as vezes que desejares, não é um leopardo que se esconde por detrás da porta. E todos responderão. Acredita, não são macacos que se dependuram dos candeeiros. Vem e fica à vontade, bem sei que não estamos sós, mas os olhos que brilham são companhia autêntica. Claro que não, que tubarão caberia na banheira? Ratos na cozinha, que ideia!? Anda daí, instala-te, abre as malas, sacode o pó, dobra os mapas. Sem medos, pois todos os selvagens que recolheste das paisagens são aqui em casa animais electrodomésticos.

Santa Bárbara, Lisboa, 3 Março

Na vertiginosa coluna de livros que me despertam vontade de comentário, e que tive agora de transferir das mesas do escritório para os vazios dos móveis da sala, mais do que estar, de ficar, topo com «Parícutin», do Gonçalo [Duarte] (ed. Chili Com Carne). E celebro a sacrossanta coincidência. A novela gráfica nasce do episódio ocorrido, em 1943, na localidade mexicana do título, quando um vulcão resolveu nascer para estupefacção de quem acordava todas as manhãs para ali mesmo tratar do milho onde agora nasceu um imenso e negro buraco. Estupefacção e culpa. Deixamos o agricultor Dionísio a perguntar-se se não teria sido o causador da desgraça e passemos ao cenário urbano-depressivo onde acontece o que terá que acontecer, com alguém que não se quer levantar, cansado de não dormir, exaurido pelo pesadelo recorrente da queda de prédio em construção. Descobre, então, que deve construir a sua casa, o que faz, com algumas ajudas que logo dispensa para se tornar dono e senhor exclusivo do espaço. A culpa há-de invadir cada recanto desfazendo-se mesmo os corpos na arquitectura. Até que a morada, agora miniatura, regurgite a lava de vulcão que tudo arrastará. Dois registos bem distintos convivem, um de traço simples figurativo, com os protagonistas de características monstruosas, disformes. E outro de fundo negro e massas expressivas onde cabeças se bastam como corpo, são a substância total, membros de «comunhão do tédio». E da culpa. Alguém recusa sair de si, mesmo quando arrisca erguer projecto-identidade (corpo, casa, família), que se transfigura em obsessão (burra, autocentrada, individualista) até que esmaga toda a paisagem. O Gonçalo consegue, a um tempo, a leveza do desenho espontâneo, veloz, e o peso de um denso expressionismo, entranhado Esta parábola sonâmbula prenunciava, no final do ano passado, estes estranhos dias onde mergulhámos e nos quais a casa se faz lugar inexpugnável, palco fechado para segredos e demónios, obrigados pelas circunstâncias ao quotidiano. Estamos, sentados no sofá, deitados na cama, a repensar a ideia de indivíduo e comunidade. «Nada de mais. Já passou, não?», pergunta uma cabeça pensante. Não, lá fora, o vulcão continua a jorrar lava.

Santa Bárbara, Lisboa, sexta 13 Março

Fujo de todos os espelhos da casa, não vá o cigarro surgir-me entre os dedos e me atirar à cara a bruta pergunta e-agora-joão?, como se fora vez agora, de entre tantas outras que irromperam sempre a arranhar e a magoar, cacto no meio dos lençóis lavados, alfinete-de-ama na camisola de lã. A idade média não está de catedral, nada de medir o transepto, atirar o eco à nave, retocar os santos, limpar-lhe os martírios, ler as subtilezas dos vitrais, bafejar as jóias, convocar demónios, arejar segredos. Menos ainda soçobrar e rezar. Lá fora o vento sussurra e-agora-joão?. Não cedas. A capicua na quarentena vale joker no baralho, muito estardalhaço para nada, risos estridentes quebrados ao cair no chão cambaleante das noites, atirados ao pano de fundo furado do céu. Um expediente no obrigadar de todos os dias, explicação dos ânimos, na resposta balsâmica aos pesares pesarosos, de circunstância ou nem por isso. Vale joker.

Santa Bárbara, Lisboa, domingo 15 Março

Não voltarei a usar a palavra coincidência. Assim que afastei a frase percebi que não lhe escaparia. No trambolhão das circunstâncias, «Lourenço é nome de jogral», de Fernanda Botelho, volta a tombar-me nas mãos, a ecoar-me nos dias. E por inúmeras razões, ei-lo incandescente, a queimar-me. (Nas frases seguintes arrisco estragar alguma surpresa em hipotéticos leitores, mas estamos perante um daqueles casos em que a narrativa e seus acontecimentos interessam pouco.)

Ampliemos um detalhe: parêntesis – que uso na versão diferente, parêntese, da autora por me sugerir o plural, pelo grafismo dos «esses» a definirem desfiladeiros na paisagem. No exacto momento em que temos a vida entre parêntesis, eis romance onde a autora os usa como lâmina, goiva, formão. A sua estrutura polifónica, coral também no sentido animal, na qual cada capítulo corresponde a uma voz, quase sempre na primeira pessoa, como que é interrompida por afinações, evocações, falas de pessoas outras, explicações breves, mas também longos pensamentos, cinzelamentos, acertos e pequenas histórias, e, por se tratar de vida, comentários aos modos de narrar, ao definir das personagens. «(Ao regressar deste parêntese, dei-me conta de que o veneno estava intacto dentro de mim, mas o conhecimento da sua inevitabilidade, acrescentado ao cansaço e à doença, serviram-me de pretexto para uma aquietação razoável.)»

Lourenço é o núcleo deste ecossistema, que rodará à velocidade da nossa leitura, abrindo com a fala do filho e que em diálogo com ele se fechará, com um «Eu» a ensaiar respostas trémulas ainda que finais: «se pudesse e soubesse, responder-te-ia. Sou isto que sou.» Lourenço está morto, suicidado?, e as vozes que o velam talvez sejam orquestradas pelo próprio para que se

revele a si mesmo no círculo fechado de espelhos que são os outros. Dirá, em outro momento, na sequência de alinhamento das dúvidas, das expectativas, as crenças: «sou um homem só, mas um homem só é um absurdo.» Lourenço perdeu-se nas múltiplas bifurcações, as da sua condição, as da sua esperança, as do seu potencial. «Eu, céptico? Sou muito pior que isso: sou burguês.» O burguês, inquieto e culto, aberto ao mundo e ao humano, como labirinto. Sem saída. «Dou-me conta do meu cansaço, da minha incapacidade, duma qualquer inutilidade que também me engloba. As ejaculações de Catulo e de Rimbaud serão resposta a uma nossa exigência essencial, serão uma metáfora da nossa congénita vocação de absoluto, ou serão, simples e exclusivamente, parte do instrumental de sopros e percussão que vai ritmando, entre agudos e graves, a marcha colectiva para um futuro qualificado?»

Força conclusões, debruçado sobre a mesa de autópsias, desrespeitando a mestria de Fernanda Botelho nas subtilezas, no sugerido, na transparência que esconde. O grupo de amigos que rodeia Lourenço, que o definem dizendo-o, são figuras de corpo inteiro, de carne viva, sobretudo as mulheres, Matilde e Luzinha. E também os seus dias surgirão, nunca de forma linear, como «contas dum colar, todos eles enfiados na linearidade do tempo, à espera dos que hão-de vir, mais contas para o colar que nos estrangula.» Quando a máquina da memória se liga «verificamos nessa altura (e com que surpresa!) como, vista assim em panorâmica, a nossa vida não foi uma simples sucessão de dias, antes uma confusa hierarquização de quebras, fagulhas, lapsos, deslizes, golpes, turbilhões, ciclones, mortes». A cultura, musical, literária, surge líquida, em baixo contínuo, pano de fundo, próxima e estruturante. (Rabelais, por exemplo, atravessa a paisagem enquanto fantasma.) E em relação estreita com outro dos grandes temas: o corpo, como lugar onde nos cumprimos, e o desejo como ferramenta para o moldar. São incontáveis as passagens fulgurantes, que resultam do entendimento dos modos, da observação aguda, da explosão telúrica. «Só o corpo é meu em exclusivo.», canta Luzinha. «Ele é a parte que se deve a si própria, e apenas. É através dele que me exprimo natural; não quero chegar à metrópole torturada da alma com a nostalgia de não ter passado pela selva esconjurante do corpo, nunca estaria completa na metrópole, consagrada por inteiro às funções da metrópole, nunca, sempre dividida entre dois pólos opostos, à procura duma amostra de selva, e insatisfeita sempre, com a minha pretensa unidade comprometida, desconcentrada.» O corpo faz-se folha em branco, sujeito a uma escrita que abre a noite, mas que nos pode enclausurar. Por que porta se entra na perdição, em que momento falhamos o encontro? Falhar torna «a dor como forma única de sobrevivência»?

Paro, e ao parêntesis inicial respondo com dois pontos, deixando-me pendurado, tal me encontro. Estou agora no meio da conversa de Lourenço consigo mesmo. «Lorenzaccio, meu irmão, meu gémeo, meu arquétipo, somos os fundadores duma classe onomástica com os pés no inferno, o espí×rito no impossível paraíso e o cérebro rasgado na confusão das trevas terrestres. Somos realmente os gigantes da angústia perplexa, megalómanos do sonho irrealizado.»

Horta Seca, Lisboa, segunda 16 Março

Decidimos o inevitável. Encerrámos as janelas luminosas, da rua deserta sobra apenas a contingência da gestão da economia estar em horta seca. Esperamos que a porta fechada não ganhe o peso do concreto. Enchemos o peito de ar e agora de cronómetro medimos o tempo que aguentamos debaixo de água (sem lançamentos, livrarias, feiras e o sobrante e poroso e descarnado exoesqueleto).

Santa Bárbara, Lisboa, sexta 19 Março

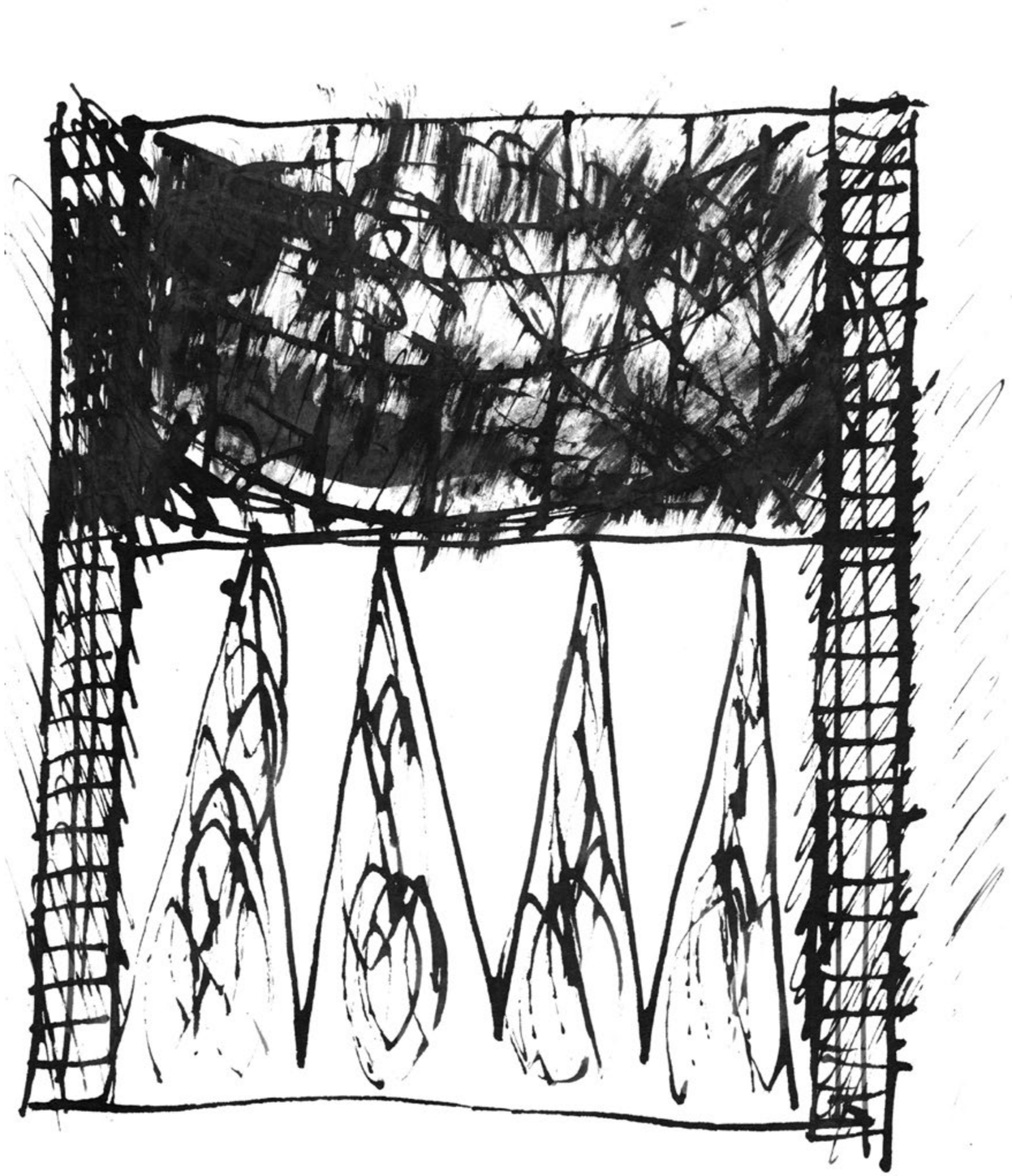
Em instigante entrevista ao *Le Point*, Peter Sloterdijk aconselha como leitura para os dias Bocaccio e «Decameron», por responder ao mal contando histórias que libertam o desejo de viver. Contemo-nos histórias. E lança o repto: estudar uma ciência inexistente, a labirintologia. No labirinto, as saídas não se descobrem à primeira e a vetusta bifurcação não responde aos desafios, não descobre senão portas. Fechadas.

Santa Bárbara, Lisboa, domingo 22 Março

Recebo uma folha, que parece tombada de árvore outonal, portanto desalinhada com as estações, com marca das hastes e restos de seiva. Diz a Sara: «eu, por aqui, vou-me podando. E às plantas também. Observo, espero por notícias que a mão vai cumprindo, sem a *turvez* e a hesitação que cá dentro acontece. Identifico as ervas daninhas que na sua característica persistência invadem com teimosia e arranco-as com suavidade, na esperança de que cá dentro se lhe copie o modo. Olho para aquelas que já não darão frutos, apesar de todos os cuidados e atenção e com uma coragem muda assumo o seu fim honrando-as numa nova existência.» Deixo-me divagar com as notícias que a mão vai cumprindo.

Santa Bárbara, Lisboa, terça 24 Março

O gato percebeu-o antes, como deve ser. A varanda que dá para o cruzamento quase largo, palco maior dos pequenos choques e até grandes acidentes, abre-se não apenas para o jardim despercebido das infâncias, mas em vistas para a «situação», dita assim meio a medo de nomear a doença. Da minha varanda vê-se o confinamento, essa lente que agora tudo amplia, tudo atrai para a sua rede de significâncias, talvez aparentes, certamente frágeis.



Há uns valentes anos, em momento difícil, sob liderança esclarecida do mano Tiago Manuel, juntei-me ao Luis [Manuel Gaspar] para um conjunto de objectos que envolvia desenho, pintura e poesia. Em Novembro último, sem razão aparente, sacudi o pó aos versos, alguns pertencendo a poema baptizado «Santa Bárbara», que acabou publicado na folha de sala da «Diga 33», sessão animada pelo Henrique [Manuel Bento Fialho] no Teatro da Rainha. Noto-lhe ressonâncias, pelo que aqui o deixo ao vento, mais a chuva que parece vir do rio só para me agradar.

«É da minha torre que vejo o castelo,/ rasgo na mão a flor de sal do horizonte.// Tacteio os muros em busca das janelas,/ noto a ponta dos dedos ferida de céu.// Em cima, os passos descalços da vocação perdida,/ aqui ao fundo aguardo um caminho.// Há promessas de viagem na trovoada,/ a redenção espreguiça-se como um arco.// Uma ideia descalça no miolo da espada,/ são raios que me partem, as dúvidas.// Na companhia íntima das raízes,/ o brilho da lágrima faz a morte hesitar.// Explode às vezes a coluna de pó,/ são as janelas que brincam de ameias.// Desfaz-se o perigo naquelas mãos,/ sei de cor a dádiva de uma recusa.// Anunciam-se os sábios e as palavras,/ mas se o círculo de pólvora limita os passos.// Cada onda da túnica é beijada pelo navio,/ estendo as mãos ao encontro dos estranhos.// Guarda o belo para o regresso,/ repousa a folha, um relâmpago no regaço.»

Santa Bárbara, Lisboa, quarta 25 Março

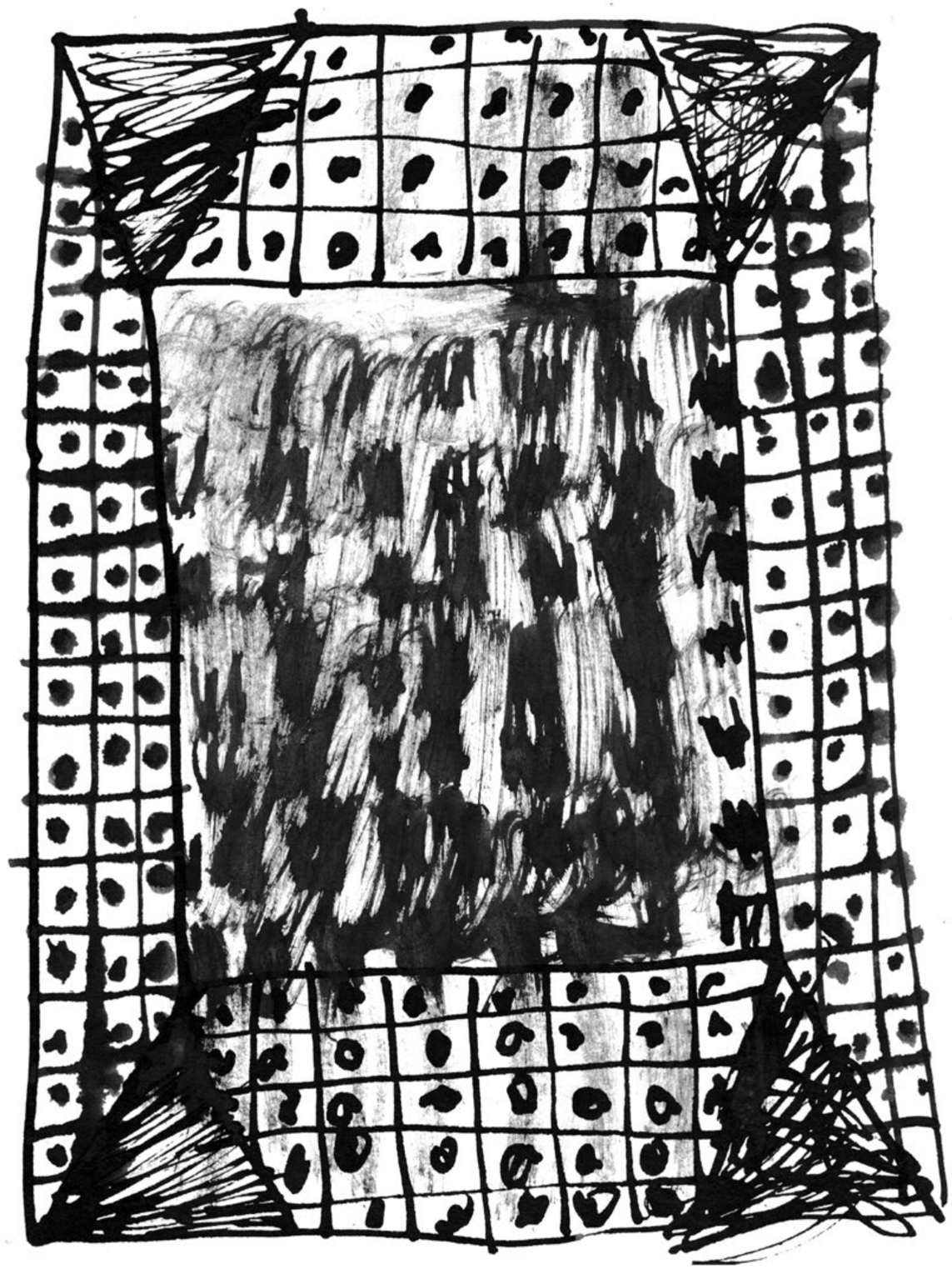
Saiu da gráfica para o vazio, este «O Nosso Desporto Preferido – Futuro Distante», com que o Gonçalo [Waddington] se tem entretido a fazer e desfazer o tempo, com o corpo todo e a partir dele, nossa inevitável máquina de mastigar paisagens e cuspir necessidades. Ou vice-versa. E não deixo de tropeçar nos fios que ligam este trabalho, onde convivem espectros e a Humanidade em coro, espelhos e o malabarismo da língua, ao que estamos experimentando. «O tempo a ludibriar-nos pela eternidade adentro, e ainda nos aldrabam o espaço», diz Tirésias lá para o fim. «Agora é tudo escondido atrás de uma parede. É isto que nos deixaste, seu madraço? Versos rascas, rimas badalhocas e asneira atrás de asneira?» Um grupo de génios desenvolveu uma humanidade com as necessidades mais básicas resolvidas, e as quatro peças, sendo que uma está por levar à cena, vão contando, anos para trás e para a frente, do processo e respectivas consequências. Brutais, que não é impunemente que se mexe no que nos define. Nesta encenação em concreto, o público estava em cena, participava apenas por estar de corpo presente, espectro da humanidade possível. Eis-nos agora, postos à força a jogar esse lentíssimo e exasperante badmington, à espera que o outro devolva o volante. Dá tempo para acasalar com uma cadeira.

Santa Bárbara, Lisboa, quinta 26 Março

Insisto. As lombadas andam inquietas com tanta atenção de olhos e mãos. Fingem o pó, para evocarem exteriores. E desafiam em distintos momentos deste longo dia com outras maneiras de caminhar sobre o tempo, de o desatar, de brincar com ele, às escondidas, à apanha. Afinal, passo o dia a fazer noite, como Colin, a desgraçada figura que cavalga «A espuma dos dias», desse cintilante Boris Vian (ed. Frenesi) que há-de ser celebrado este ano, por via das redondas datas. A ver vamos, que este opressivo discorrer vai produzindo em grande velocidade calhaus, belos e redondos. O realismo mágico, fórmula tristonha, pertence a outras paragens, bem sei, e por lá pode ficar o seu desajuste, mas o quotidiano destas paisagens, longe no tempo e no lugar dessas outras, ergue-se movediço, com uma dinâmica delirante que cruza mecânico e orgânico, sensação e matéria. De tal maneira, parecemos andar sobre perfume, com gozo e facilidade. Sinal maior, a casa muda a sua arquitectura consoante o que à sua volta se experimenta, se conhece, se sente, se vive. A casa, enquanto nosso prolongamento, parte de nós, corpo concreto. Nos dias da espuma, a vida pode ser leve, até que a desgraça a contamine, o amor a sofrer com nenúfares a habitarem pulmões. A vida podia ser distinta, mas «nem sempre as coisas podem correr bem». Tenho que concordar com a resposta, até porque, pela parte que me toca, também «podiam não correr sempre mal». As coisas são o que são, mas estamos fartos de saber que essa força que faz as coisas serem o que sempre foram tem a ver com quem ganha com isso. As coisas podem sempre ser feitas de maneira outra. Agora ficou manifesto, gritante.

Um viscoso quotidiano, oposto ao do par amoroso Colin e Chloé, escorre de «Les choses» (ed. Juillard) e agarra-se-me. Logo me vejo com o narrador, que podia ser Georges Perec talvez «un autre» sociólogo, a observar aquelas vidas na casinha de bonecas, fascinado pela «aisance» de vidas forradas a coisas, sustentadas por elas, nelas esgotadas. O supremo objecto de desejo do bem-estar quedo e ledo, a sociedade de consumo então nos seus alvores (subtítulo: uma história dos anos sessenta), a felicidade feita venenosa «souplesse». Outro par, que se esgota no conforto modesto, mas que aspira ao luxo, supremo hedonismo no qual a cultura se torna apenas sinal de estatuto, marca, sem transgressão nem sangue. Apenas uma coisa mais. Não há sombra de verdade, portanto de tragédia, apenas pilhas a gastarem-se agradavelmente. «Francamente insípido», eis as duas últimas palavras da novela.

O trânsito do tempo breve ao infinito, diz a sinopse, faz-se gancho enterrado na carne macerada para me puxar para levar a «La cuarentena» (ed. Alfaguara). Juan Goytisolo, outro dos grandes inquietos, interpelado pela morte de uma amiga, pela morte amiga?, resolve viajar. A quarentena onde me leva é a dos místicos sufis, que ele coloca em diálogo com Dante e «Divina Comédia». Afinal, corresponde ao momento em que, entre Terra e Céu, as almas se transfiguram e ganham um corpo subtil. Ganhamos suprema ligeireza para ir onde for preciso para vestir o corpo certo, o da eternidade. Como bom herege, tece «uma rede de significações para além por cima do espaço e do tempo, ignora as leis da verosimilhança, descarta as noções caducas de personagem e trama, abole as fronteiras de realidade e sonho, destabiliza o leitor multiplicando os níveis de interpretação e registo de vozes, apropria-se dos acontecimentos históricos e serve-se deles como combustível ao serviço



do seu projecto», ou seja, «viver, morrer e ressuscitar». As suas palavras afirmam o processo de criação como quarentena e fala mesmo em «cordão sanitário, com protecção e barreiras». Por que raio se queixam então os escritores de domingo a passear cursor na rede? Tomo nota das pistas, há que regressar aos místicos, apetece-me o quietismo. Sem perder a leveza, a ligeireza do pó que viaja. Não se deve limpar o pó dos livros. A ele voltaremos.

Santa Bárbara, Lisboa, sexta 27 Março

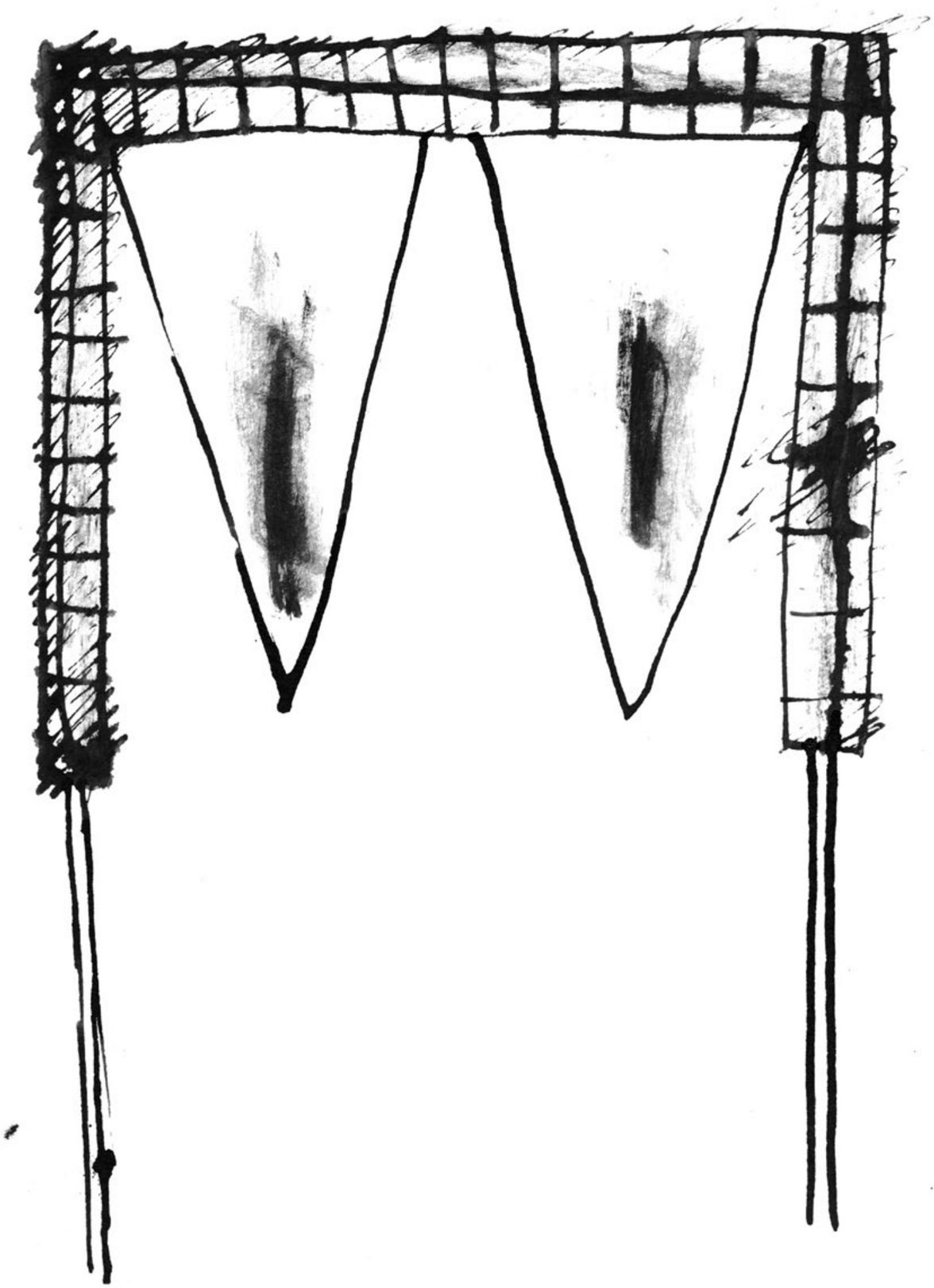
Não é de agora. O mano Tiago Manuel insiste em ser um dos últimos moicanos a teimar na carta manuscrita e em papel, invariavelmente acompanhada de desenho, que teima em dobrar e agrafar, tentando sem grande sucesso impedir que acabe nas paredes dos amigos. As suas imagens são matéria pura, em incomum mistura de ligeireza, de fluidez na definição dos corpos e da sua paisagem, e a gravidade que resulta de pensar por inteiro. Desta, teve a generosidade de dialogar com poema meu, que fala de horizonte e relâmpago, e não o mostro aqui por me apetecer a reserva. Foi tempo que lhe respondia, como desejaria, lavrando folha, em esforço para que a letra levasse o mínimo de inteligibilidade, mas há muito desconsegui. Digo-lhe por aqui que conservo no lugar exacto as suas incandescentes palavras e gestos de conforto e que acredito na teia de bem querenças onde pernoitar. «Estes dias mostram-nos o Mundo com as cores sombrias de um tempo antigo que julgávamos para sempre esquecido e não é fácil equilibrar os nossos males e preocupações com tão grande ressonância. Porém, estamos unidos pela força dos afectos e havemos de ultrapassar as dificuldades de hoje como aquelas que deixámos atrás.»

Santa Bárbara, Lisboa, domingo, 12 Abril

Peregrinando por entre a morte, cada um frankenstein feito à força de peças de drone e corvo a percorrer ruas vazias a espelharem o nada nosso que nos dais hoje, celebra-se a brutal possibilidade da ressurreição. Sinal de que parte do carácter dos dias se perdeu – obrigando o mano António [de Castro Caeiro], mais tarde ou mais cedo, a acrescentar capítulo ao seu «Um dia não são dias» – até neste calendário se procura saber do futuro da edição, do livro, da leitura. Sílvia Cunha, da «Visão», lançou inquérito (e as respostas podem ser lidas aqui: https://visao.sapo.pt/atualidade/cultura/2020-04-12-covid-19-o-mundo-dos-livros-vai-sobreviver-a-pandemia-quatro-editores-respondem/). Por mais que tente abafá-la com a razão, ando sempre com o perfume de uma probabilidade outra no bolso. «A chegada a pés juntos do tempo nas nossas vidas, com esta travagem brusca, pode, de facto e de novo, esperançosamente, mudar alguns comportamentos. Não creio que regressaremos a nenhuma época de ouro, que estará sempre por definição em passados e mitos, mas isso exigirá das editoras (e outros actores da tragicomédia editorial) novas respostas que respondam a novas necessidades. Sem dúvida que se abriram portas de um grande laboratório, assim haja quem queira agora manipular os aceleradores de partículas, que não será a aplicação acéfala de pomada na pele carcomida do marketing. Condenado o objecto-livro a uma comunidade de nichos, será daqui que surgirão as propostas mais interessantes.»

Santa Bárbara, Lisboa, quarta, 14 Abril

Estou convertido, embora no degrau de humilde iniciado, a esta enigmática secção das grandes artes divinatórias, a da interpretação de lombadas. Através da qual, e por via da disciplina e estudo, alcançamos com invulgar grau de certeza essências como o lugar (da estante) em que nos encontramos, a melhor orientação dos passos (perdidos) e a aguda interpretação do passado, para não invocar a esfera celeste ou as circunvoluções da massa cinzenta. Sacudida a poeira do lombo, eis-me perante o desafio de «Idées Noires», de Franquin (ed. Fluide Glacial ou a edição portuguesa Witloff, sendo que a leitura ganha em ser acompanhada pela edição da «Fluide Glacial Série-Or» dedicada a este «olhar humanista sobre a loucura do mundo»). O autor que, para dizer o mínimo, reinventou Spirou e criou figuras da mitologia contemporânea como Gaston Lagaffe movia-se no universo do bom humor, pela produção artística e inclinação genérica, cultivando fama de simpatia e generosidade. Quando se percebeu que convivia com depressão, mesmo antes de agravada por enfarte em meados da década de 1970, isso passou a lente de aumentar explicações para tudo e mais um pêlo. Há doenças assim, que ocupam com galhardia e ordenamento a posição da identidade. Portanto, também para esta série discreta, que saltou das páginas da revista «Spirou», onde foi sempre um quisto, para a «Fluide Glacial», mais dada às correntes da acidez. São histórias curtas, críticas ferozes do militarismo, do consumismo, enfim, das cegueiras capitalista e religiosa. E celebrando assertivamente a vida animal, a ecologia, os monstros, que desenhava ininterruptamente com grande alegria e delícia, além do seu tema principal: o indivíduo e um radical, para dizer o mínimo, absurdo. Humor negro, portanto. Duplamente negro. Se na bd habitual, a cor, nas mais óbvias e luminosas das suas combinações, era a cor que reinava, aqui e sobre fundo branco, tornado o quotidiano branco, subjugado por um manto de neve-página. Quase sempre, que no espaço sideral tudo se invertia. E há (pouca) vida em outros planetas. As figuras nascem negras e eis um primeiro sinal do assombro. Esta massa que absorve a totalidade possui infinidade de detalhes, uma expressividade que desafia cada tentáculo da nossa atenção. Em versão original, as palavras «idées noires» são seres estruturalmente feitos de olhos e pêlos, cada minúsculo e fino traço transfigurado em pelugem vibrátil e metamorfoseante. O corpo de uma ideia. As histórias que me interpelam agora em plena tempestade de areia, que sempre me interrogaram, são as existencialmente peludas. Descrição, com perda: grande plano de um rosto animado e sorridente. Quem me ama que me siga. Abre o plano de um deserto a desembocar em céu de preto retinto. Planando, um abutre. Descrição: uma multidão organizada



em filas sucessivas desloca-se da esquerda para a direita, encurvada pelo pensado dos pensamentos, continuarei sempre um número entre outros, sem saber como alguns conseguem chegar mais e mais rápido que outros. De súbito, um executivo – distingue-se bem no negro – passa velozmente e assentando sapato de verniz sobre a cabeça da massa abaixo, sim, debaixo. Algures na página reproduz-se outro. Descrição: grupo em festança saltitando de plataforma em plataforma, de ilha em ilha, vai crescendo o intervalo entre elas e a dificuldade até ao agudo e espinhoso final. Penso no esquecido Reinaldo Ferreira: «Eu, Rosie, eu se falasse eu dir-te-ia/ Que partout, everywhere, em toda a parte,/ A vida égale, idêntica, the same,/ É sempre um esforço inútil,/ Um voo cego a nada./ Mas dancemos; dancemos/ Já que temos/ A valsa começada/ E o Nada/ Deve acabar-se também,/ Como todas as coisas.» Poderia encher o interminável dia saboreando a descrição, modo de redesenhar acariciando, maneira de roubar a pretexto da partilha (se houvesse leitores, claro). Descrição: alguns têm título, por exemplo este que pede para não se confundir a inevitável marcha do fado com destino animado. Uma figura fina sobre o branco diz-se curiosa para ver o que eles inventaram. De súbito, a sombra, e de cima desce lentamente um negro, mas dinâmico, riscado, não pleno. A figura procura correr e a cortina desce, fatal como o destino. À direita do quadrado seguinte aparece um branco prometedor, a figura corre e parece conseguir, mas o chão torna-se pastoso, um betume afinal cola, mas a humana figura quase indistinta do chão esforça-se ao máximo. No quase, o negro esmaga-o, deixando apenas cabeça e grito.

Santa Bárbara, Lisboa, quinta, 15 Abril

Conheço mal o trabalho de Luz (Rénald Luzier), desenhador de humor e redactor do «Charlie Hebdo», mas a edição referida ontem da «Fluide» apresentou-mo e a sua homenagem a Franquin em estilo duplo, traço simples em diálogo com aguarela livre, cativou-me. «Catharsis» (ed. Futuropolis) reúne as histórias curtas (de Janeiro a Junho de 2015) com que o artista foi enfrentando os seus monstros. O dia do ataque terrorista ao jornal coincidiu com o aniversário de Luz, que por isso – pormenor que não conto embora seja desenhado – chegou atrasado à reunião de redacção, mas muito a tempo de apanhar em cheio com os estilhaços do massacre. Durante longo período foi incapaz de desenhar e aqui entramos no dia-a-dia do seu combate, peito aberto e exposto a cada fase do luto, até que o traço, expressão da vontade, regressa: dois olhos enormes sustentados por corpo mínimo hirto, mãos junto às coxas, tudo rabiscado, esboçado, a fingir hesitação, mas longe da exactidão do contorno. Além do resto, explosivo e sensível, o desenho faz-se aqui personagem, suscitando reflexões em torno do prazer e da dor, de como certas linguagens se fazem líquidas, etéreas e poderosas, na expressão dos silêncios e vazios que são a nossa matéria primeira. Descrição: em «Interlude», um já reconhecível Luz parece agastado e começa um bailado que o desintegra de mil e expressivos modos, gargântua de onde saem outras bocas menores em esgar, sempre em traço puro e solto, como se o pincel não se soltasse nunca do papel até que o grito se cospe em grosso A, continuação do ininterrupto alinhamento da primeira letra do alfabeto, som da dor e do espanto. A figurinha sai na direita baixa dizendo: faz-se o que se pode. Digo no óbvio: a sucessão e o alinhamento dos pequenos contos resulta lancinante, comovente, humana. Tão humana, que se faz bem humorada. Um final feliz por envolver desejo, talvez sexo.

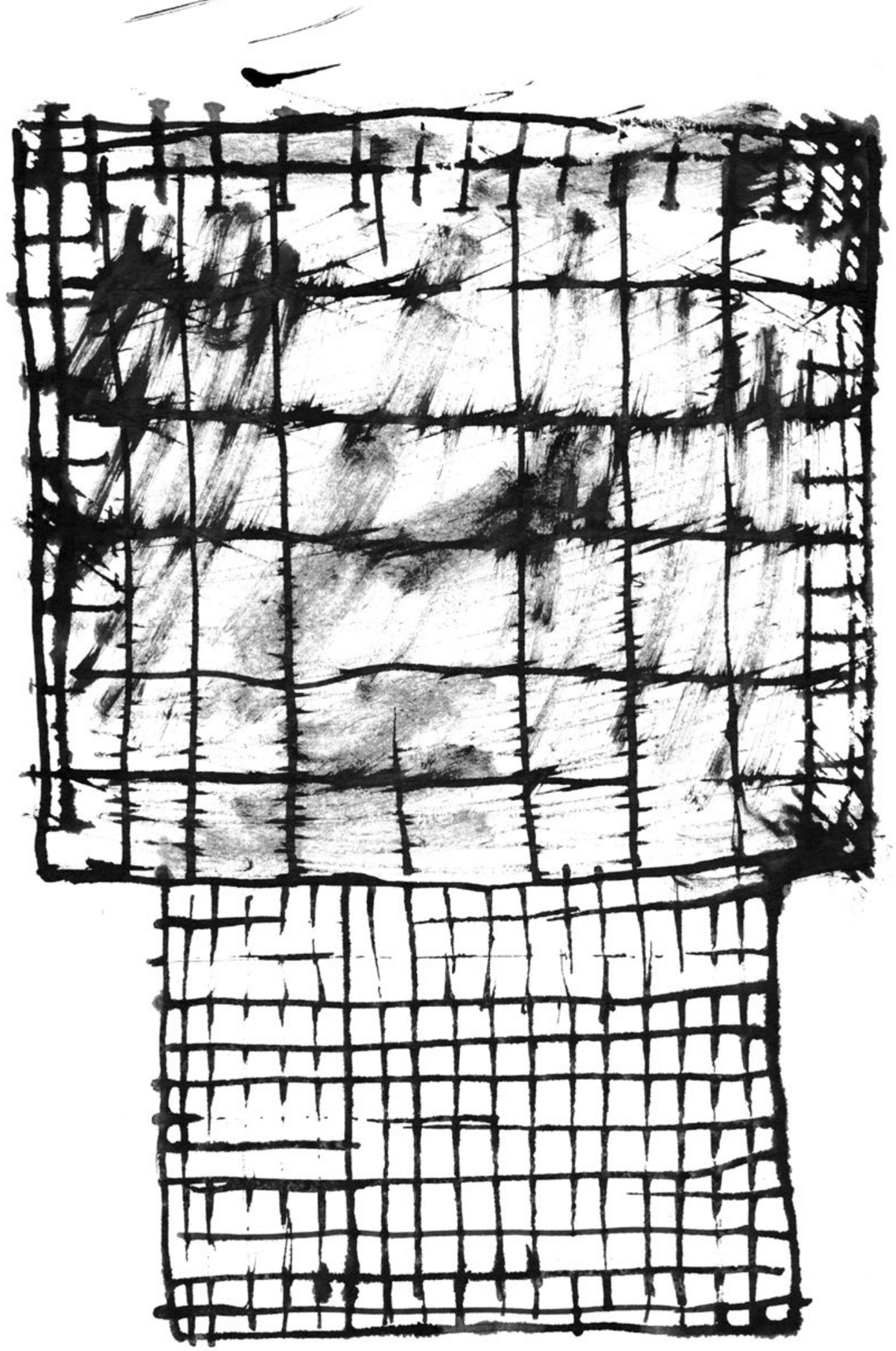
Santa Bárbara, Lisboa, sexta, 16 Abril

Dizem que o povo está todo a ler no seu recolhimento obrigatório. Para não me cansar, tratei de entrar floresta dentro, até por a ver avançar, dos lados do Campo de Santana, da face a norte do Areeiro, nos tufos de jardim que alcanço. Esta versão de «Hansel & Gretel» (ed. Bloomsbury) nasce dos cenários para uma ópera, encomendados a Mattotti, para os quais escreveu depois Neil Gaiman esta versão, que não se afasta do clássico, sem esconder a violência de pais que se livram dos filhos em tempo de aperto. Interessa-me neste «darkly brilliant fairy tale» o negro negrume com que ardem as ilustrações do italiano. Volumes inquietos de negro a bailar na página, permitindo apenas ligeiros afloramentos de luz. Escusado será dizer: não vejo senão isso na coreografia dos tempos.

Santa Bárbara, Lisboa, quinta, 23 Abril

Anda uma excitação no ar a propósito de livros e leituras. Como há semanas só apanho ar de varanda, ainda para mais contaminado com inesperadas obras de embelezamento de passeios e canteiros, pode ser que esteja a farejar mal, mas não encontro razões para celebrar esse suposto reencontro do livro e dos leitores. Não alinhámos nas celebrações marqueteiras do dia mundial do dito, ocupados que estamos a renovar o site da abysmo, que bem precisado estava, e na recolha de materiais para futura revista digital, maneira de sacudir o torpor. E navegamos pelos dias a pensar, apesar de expressamente proibido pela doutora, enquanto interpretava os resultados do sangue.

Continuemos a mexer no horizonte das lombadas, na busca parva de casualidades que fundamentem este livro e não outro. Os tolos dão muita importância a estas coincidências, diz Francisco Umbral em um dos contos – saborosos que nem *pinchos* em *La trucha* – de «Historias de amor y viagra» (ed. Planeta), e remata: «la metafísica de los tontos es la casualidad». Um jornalista de meia-idade, fazem questão de dizer, é convidado a experimentar a novidade do final dos 1990, o Viagra, e disso faz dele pretexto para investigações ao desejo e mais além. «Sabemos que o eu começa onde o nosso desejo acaba, mas ninguém dá o passo adiante, por preguiça, por medo». Apesar das mortes e da melancolia, não se trata de policial, embora lhe roube o tom cínico de quem está sobrevoando, de passagem, vendo ao longe. A frase discorre com invejável ligeireza,



esculpindo personagens de vulto, e colocando-as em cena montada pela mais fina observação, soltando sentença aqui, piscando o olho aos clássicos além. Leitor de águas profundas sabe vir à superfície do banal para respirar. A mulher deste habitat interessa-me, e muito, até por desafinada com o óbvio dos dias, mas foi a cidade que me matou. Madrid está toda aqui, com crueldade e cheiro, as marcas distintas de chão e varandas, de cor e parques, de temperatura e sujidade. Não sei se chega a ser amor, mas sacrifica-lhe tantas palavras que parece fazer dela mais causa que cenário. E não se limita ao exterior, os bairros medem-se aos palmos de parede. No conto mais tocado pelo *spleen* de meia-idade, sobretudo com a queda para avaliação enquanto forma da memória, «Isabel», as descrições do bairro e do apartamento, com livros de alto expressionismo, alcançam luminosa intensidade. Mas, por causa da metafísica dos tontos, vou buscar a outro o acesso a essas personalidades que as partes da nossa casa assumem agora de um dia para o outro, inesperadas e cheirosas: «olor a vieja, olor a militar, olor a hiperrealismo, olor a bragas, olor a niño muerto, olor a mujer dormida, olor a cuarto de la plancha, olor a cocina abandonada, olor a coliflor.»

Foi pelo título que a mão sacou o Milan Kundera de «A Lentidão» (Edições Asa). A novela tem raízes no Vincent Danon de outro texto, esse magnífico que não encontro – a que cheirará a *habitación* da biblioteca onde se esconde? Curto-circuita-se com o anterior no fio vermelho do desejo, invocando logo cedo Epicuro para explicar que o hedonismo não está tanto na busca do prazer quanto na ausência de sofrimento. E nisto me comprazo, nisto e na relação que o escritor procura provar entre lentidão e memória, anverso de velocidade e esquecimento. Com que forma nos marcará esta experiência de confinamento, tatuagem ou cicatriz? «A Senhora de T. soube imprimir ao escasso lapso de tempo que lhes coubera como que uma pequena arquitectura maravilhosa, como que uma forma. Imprimir forma numa duração, tal é a exigência da beleza, mas também a da memória.»

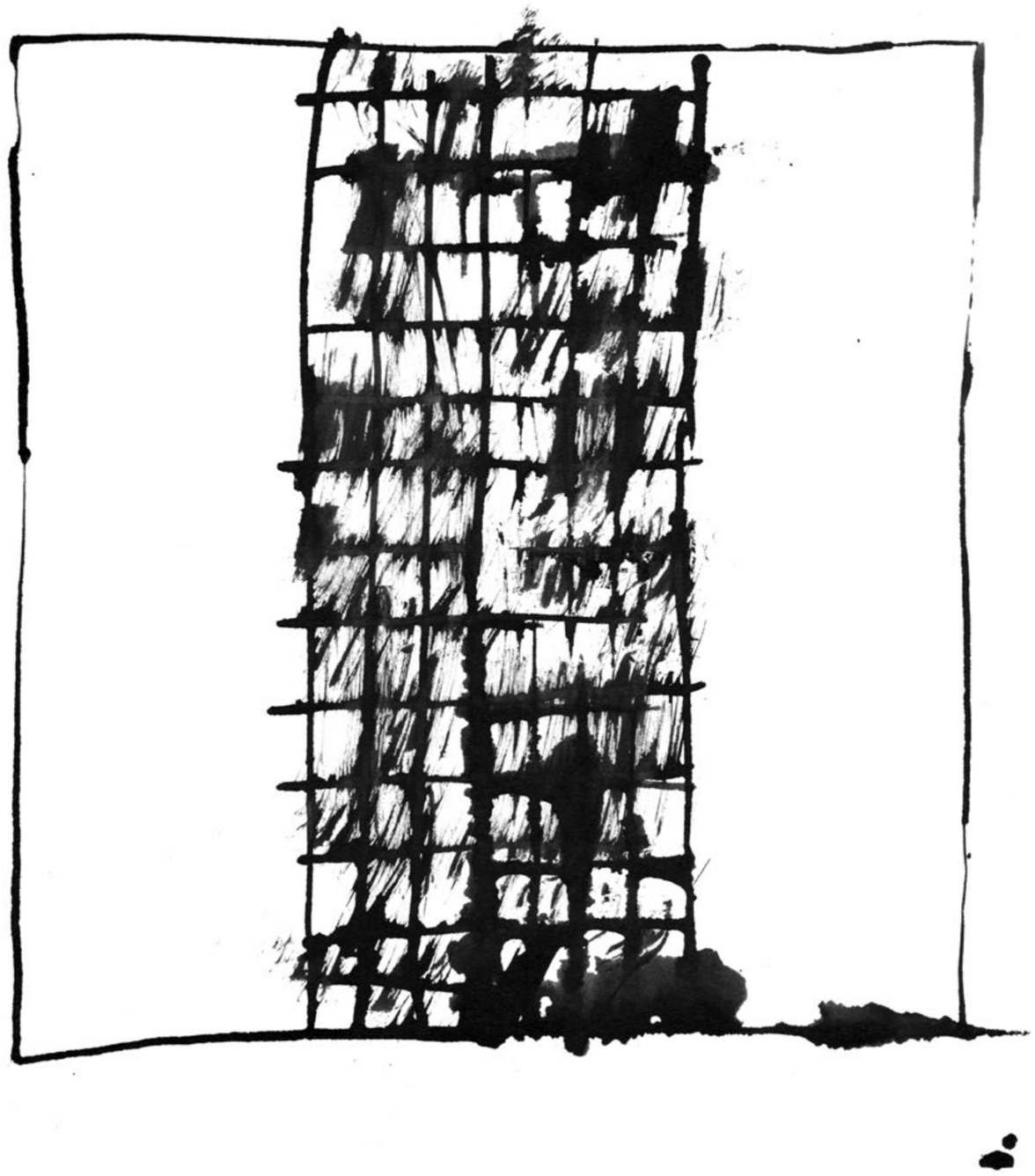
O cheiro a livros velhos punha a cabeça de «Moravangine» (ed. Ulisseia, mas ainda circula a da Cotovia) a andar à roda. As mãos do Bernardo [Trindade], sobretudo se em visita de médico, trazem sempre sábios volumes. Na tradução fiel do Ruy Belo e com capa de Espiga Pinto, este romance de vida de Blaise Cendrars pôs-me o corpo a andar à roda. Com a aventura e o delírio, das máquinas e das revoluções, das paisagens e das cidades, das longas descrições, das volúpias assassinas. E o ritmo. «Não há ciência do homem, o homem é essencialmente portador de um ritmo.» Não esqueçamos essa omnipresença: «as doenças existem. Não as fazemos nem as desfazemos a nosso bel-prazer. Não somos senhores delas. Elas é que nos fazem, nos modelam. Talvez nos tenham criado. São próprias desse estado de actividade a que se chama a vida. Constituem talvez a sua principal actividade.» Páginas febris se sucedem. A febre, em Blaise Cendrars, faz-se estilo. «As epidemias, de maneira particular as doenças da vontade, as neuroses colectivas ficam a marcar, à semelhança dos cataclismos telúricos na história do nosso planeta, as diferentes épocas da evolução humana».

Santa Bárbara, Lisboa, sexta, 24 Abril

Quase sem querer, vejo-me metido com outros (pequenos) editores em gesto de organização tão raro que seria precioso se o resultado fosse distinto. Escrevemos à Ministra da (pouca) Cultura a pedir, face à crise, o óbvio gritante: em resposta à crise, compre-nos livros. Veio a resposta em forma de esmola. Pensamento e estratégia? Nada, além de tristonhas declarações. Resta-me acreditar que o gesto dos editores venha a dar árvore frondosa, capaz de produzir fruto e sombra, bonsai que fosse, dos de tratar em casa. Não sei, cheira-me que. Quero sempre muito à volta do 25 de Abril.

Santa Bárbara, Lisboa, segunda, 27 Abril

Para efeitos de dramaturgia, acreditem que foi pela meia-noite. As casas, pequenas que sejam, reconfiguram-se no inesperado, parecem desenhadas por lombo de gato. Aquela assoalhada tem produzido inúmeras surpresas, sendo que começam sempre pelo toque aveludado da camada volátil e externa de passado, o pó. Aquietada a nuvem, descubro um saco com jornais, revistas, calendário, enfim, publicações que desenham por junto o catálogo de exposição mítica: «Le temps, vite», com que se celebrava a chegada dos zeros. No parisiense Beaubourg, que outro lugar podia ser? Não foi o elegante pescoço de cisne do 2 de década que introduz enorme perturbação, foi o periscópio inquiridor de avestruz dos 2 últimos meses. Na convocatória das artes e ciências, que era também lição de curadoria, não faltam experiências e pensamento, objectos e imagens, a desmultiplicar caminhos, a expor o que não se vê, nem se toca, mas se sente, e nunca de uma maneira só. Os temas levantam-se em vórtice, com Umberto Eco em conversa com Daniel Soutif, o *maître d'œuvre*, a marcar ritmos. O tempo mecânico é deus recente e o relógio o seu profeta, arqui-inimigo do tempo interior. Houve alturas em que não havia atrasos. O sábio italiano desencanta histórias de movimentos contra o relógio, «espécie de esqueleto roendo o tempo», relembrando Lubrano, o poeta que escreveu sonetos sem conta «sobre essa obsessão do tempo métrico como o tempo da morte». Erupção constante, o tempo íntimo é de vida e muda os olhares, permite observar Mondrian como se fôssemos eternos, ainda que a informação não seja a mesma de um Bosch, ou circular na arquitectura rectilínea da escola do Porto com desatenções diferentes de uma catedral, e o mesmo para a literatura, com pausas nas epígrafes ou passadas apressadas nas citações, nas descrições. E a música. Monk e o seu 'Round Midnight faz-se banda sonora, clepsidra inesgotável de respirações, de ritmos a dizer corpo, identidade. Por alguma razão se multiplicam os auto-retratos, e sabemos como muitos artistas se estão a desenhar ao espelho neste exacto instante. A síntese dos temas dá-se na bd de Jochen Gerner, «Un temps». E qual o cenário escolhido? O aeroporto. Nada mudou tanto com a pandemia como estas catedrais da modernidade, assim lhes chamava Georges Duby, «inventor» da Idade Média, planície do tempo interno. Gerner, em narrativa minimal



repetitivo, tatua-nos as micro-vivências, do desespero no táxi à chegada, do tédio da espera no atraso da partida, das vezes que se olha o relógio, dos fluxos da mole humana a que se assistia nas grandes montras, a passagem dos lugares nos painéis, a lógica contabilística de meridianos, afinal, a velocidade omnipresente, esmagadora, esventrada tal metáfora maior da vida. A velocidade travou. As ruas das cidades desertificaram, e que estranho resulta constatar que nos primórdios do milénio o tempo se saudava tanto com ruas vazias passadas a luz. No caderno ligeiro da ficção, Juan José Millas, em «Personne» (ninguém), risca o vidro, arrepia e marca a transparência. Um editor – não é por isso, não se riam – confronta-se com revivências que não o são exactamente. Podemos entreter vidas paralelas, uma mental, outra palpável, correndo o perigo delas se cruzarem. E o beijo pode não ser casto. O imaginado será menos real, se nos afecta? Um Nada, de ontem, pode bem hoje fazer a diferença, tornar-se Tudo. Quantas identidades nos podem fazer mal? A memória teria que ser mote e a internet fazia figura de artista principal, com a morte dos periódicos, a queda do real, a suposta simultaneidade, o pântano do indistinto. Por estes dias, a rede apanha-nos de todo. O Pedro [Fradique] foi desencantar jornal de beira-rio, para o site que ilumina a noite escura. Está todo aqui, a vogar: https://www.luxfragil.com/jornal/ Dá para celebrar, ao som do anjo, a juventude dos velhos, tópico no menu. «As rugas fazem sombra, muita sombra, nalguns casos até dolorosa, mas quantos de nós, corpos hirtos perdidos no deserto, sabemos acolher na própria carne a carícia que a noite desenha na sombra? A sombra afirma como uma tatuagem que ali o sol não chega por nossa causa, porque nos deixamos queimar para inventar frescura. Aquele que aprendeu a voar no sopro do instrumento, que sussurrava através do frio do metal versos de um lirismo vulcânico, que adorava a velocidade dos automóveis e das substâncias, que só queria perder-se e perdeu-se sem envelhecer, Chet soube acolher lugares sem sol nas maçãs do rosto. Chet fez do rosto pomar de macieiras, jardim, paraíso bonsai, exibida naturalidade de enigmas. A juventude vive no rosto e aí rasgou com a sua navalha soprada e modulada pelos dedos, a mesma que não deixou nunca de acariciar, a tatuagem que dizia estarmos por toda a eternidade naturalmente sós, sem sol, parados. Apesar do amor, que é calor companhia e movimento.» Feridos pela flecha do tempo, somos obrigados a andar de costas para o futuro. A exposição, lenta a ponto de durar até aqui, começava com a Lua, inevitável companheira, e acabava a celebrar o Sol, que marca o nosso fim. Em 2000 calculava-se nos cinco mil milhões de anos. Ainda vamos a tempo.

Santa Bárbara, Lisboa, terça, 28 Abril

Talvez preocupada com as leituras que por aqui enumero, na mais libertária das divagações, a que me tem sido oferecida por este dia estendido, mão amiga manda-me um aviso clássico: «O Vaso Quebrado», de Rex Stout. Nada como detectivar a morte para refrescar. O carteiro veloz, que vejo rasgar as ruas que nem Roadrunner soltando beps, talvez desabituado de ver volumes nesta morada, conseguiu partir-lhe a lombada. No exacto meio do título do volume 678, da mítica casa editora da Rua dos Caetanos, perfumada de mil maneiras na passagem das horas, com notas titubeantes, eflúvios das damas-da-noite, histórias e personagens, mural de ladrilhos e portões verdes, uma cicatriz de branco parte da esquerda para quebrar o que devia ser contínuo. Não chega a ser fenda, apenas promessa de luz. E abre mesmo vale, assinalando sem necessidade onde colocar o polegar, na capa de fundo negro. Muita conversa dedutiva resolverá em poucas horas o suicídio provocado do jovem violinista, além do assassinato mais directo de outras duas figuras nova-iorquinas para compor ramalhete de amores desencontrados e primária cupidez. A primeira frase pôs logo de sobreaviso o meu «olhar mortiço de poeta pessimista», como é apresentado o inspector Damon, no caso dele temperado com queixo de pugilista: «Naquela bisonha noite de Março...» Pode uma noite ser bisonha, ou seja, nova, inexperta em arte ou ofício? Pode, revelam os indícios sobrantes das páginas que estamos a escrever.

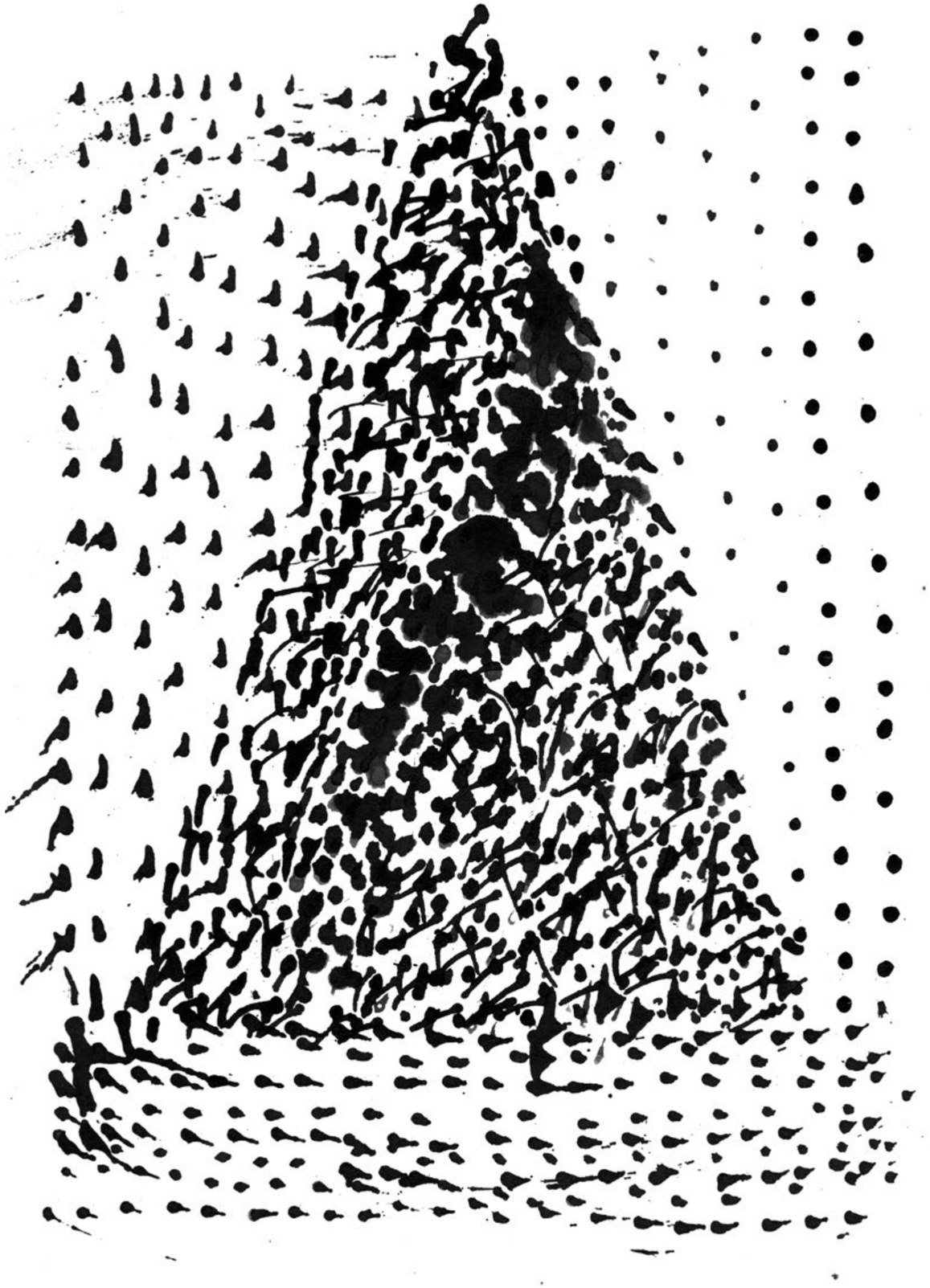
Santa Bárbara, Lisboa, quinta, 30 Abril

David B. escreve com imagens como poucos. «Nick Carter et André Breton – Une enquête surréaliste» (ed. Noctambule) não se deixa resolver armado em mistério. Dá rosto às forças do mal, trata os sonhos com carinho, mas não despreza nem criminosos nem artistas. Encontro qualquer coisa de ciência médica no cruzamento dos seres e das coisas, das sensações e das ideias, das letras e dos corpos, sem esquecer algarismos. Uma orgia das formas, que nos põe quietos a mexer. A sonhar, portanto. Os quadros articuláveis alinham-se em biombo que ora revelam ora escondem profundezas à mão de semear. Era só para avisar, que a Lua dá-se bem com as ossadas que sustentam as telas.

Santa Bárbara, Lisboa, terça, 83 Março

No calendário do Filipe [Homem Fonseca] continuamos assentes no âmbar do mês terceiro. Acresce que no meu continuamos pelo mesmo dia, a resvalar nas suas múltiplas pregas, com suave dominância de escureza. A noite não me apoquenta por aí além, foi sendo cenário aconchegado de um sem número de alongamentos da possibilidade, de mastigação da palavra, de tentativa e erro, saboroso erro. A passagem destas horas *noctâmbulas* dá-se sobre sedimento de imagens.

Madrugada prestes. O negro pontuado de estrelas, pano furado de luz, em constelação de ocupar espaços na composição, ou talvez de anunciar futuros, assim se desvende vocabulário, o negro, descrevia eu, não se apresenta uniforme. Desfaz-se anjo em fundo, que me parece por absurdo trazer óculos, talvez de sol, para que os olhos se não confundam com as estrelas, talvez apenas efeito riscado da água-forte. No concílio dos disformes, uma figura pontifica toda diagonal, de olhos cerrados,



mão esquerda a querer tocar as estrelas, mas só a enganadora parecença assim o indica, que o braço esticado mais não é além de retórica. «Si amanece; nos Vamos», diz a legenda que diz a fala. Pode não acontecer o amanhecer e nessa esperança ficarão em debate, o mais símio continuará a fitar os céus, soerguido, mas atento às palavras. Estão os corpos nus, moldados tal granito de serranias, musculatura definida, mas de fome, sentados no chão quase todos, os que distribuem o peso pela esquerda baixa, fazendo palco para o cruzamento dos olhares. O que se afigura dono da palavra, e que se senta sobre obscena rocha, baixo ventre livre de pernas e feminino exposto, afinal apenas semicerra os olhos, entrevendo de par com outros dois olhares esgazeados a mulher desdentada que nos fita a nós. Que entidades capturou Goya? São do pesadelo ou da mais pura matéria? Tratam da miséria ou de ideias? Será assunto meu?

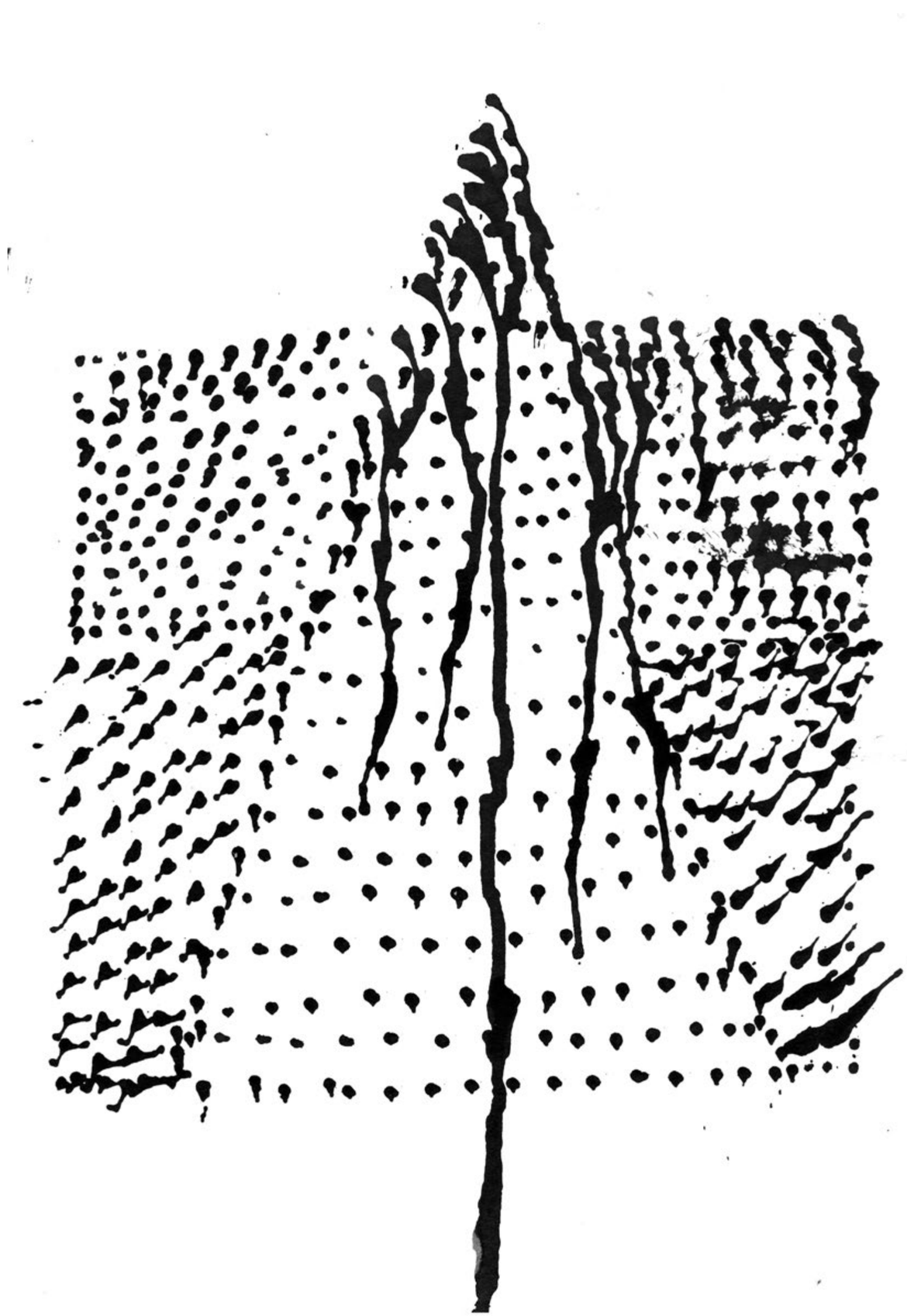
Madrugada acontecida. A única mão que se vê parece dizer regresso a casa, no modo como segura a gola alta do casaco. O desenho não é um esboço, embora titubeante no recorte do corpo, elegante que nem arranha-céus, outro a somar-se aos que fazem o fundo, esses geométricos com chaminés soltando fumos, este sinuoso, forma simples a sustentar um rosto também escasso, essencial, no qual o frio alisou as carnes deixando uma planura de branco, cinza segundo o papel perfurado, era o que havia à mão em casa recém ocupada, mas o José Muñoz queria dizer branco, tenho a certeza, cara pálida afirmada com uma boca ligeiramente aberta para ajudar o ar a rimar com a rima absoluta dos três pontos: olho e narinas. Uma das narinas parece soltar-se do contorno para ir ao encontro da flor, nisto o corpo se separando de seus irmãos imóveis. No bulício da cidade que desperta, as indústrias do viver não impedem que se descubra flora perfumada. Os ramos parecem atirar-se e são de todos os traços mais hesitantes, nascendo agora mesmo, que estava lá e vi, que estou lá em vivo (ou estava a trazer o bacalhau à braz para a mesa?). No chão, por escrito, a invocação da cidade-maior, onde só fui pela palavra e desenho, «Grand Buenos Aires», além da resposta «P'tite fleur» e do nome, da assinatura. Na apóstrofe da pequena recordo um sotaque. Na interrupção que o manuscrito inflige à quina do edifício fica uma afirmação política: a escrita de flor sobrepõe-se ao concreto.

Manhã acesa. Sobra bucólica, casa das de infância com figura solitária e poste dos telefones sobre colina mais escura, a que se sucederá outra em segundo plano, com duas árvores, singela, um cipreste e cruzeiro. Este fundo é enganador, que o de verdade regista taquicárdicos altos e baixos e dinâmica assinatura, travestido o conjunto por gatafunho, que não palavra ou nome. Daqui se parte para o que interessa, por ocupar os dois terços da composição, com a enorme unha da Lua a brilhar. O fundo foi desenhado por Steinberg com impressões digitais. Identidade, portanto, as nuvens. Identidade a terra, identidade o céu. Identidade o horizonte. Identidade verdadeira até na assinatura de brincar. Tenho-a à mão em precioso volume, companhia dilecta dos primeiros dias da minha pessoal quarentena, que leva por título «The Passport», e foi prenda do salta-fronteiras e navegador solitário, Barão do Oeste e mais aquém à direita de quem sobe, D. Bernardo.

Tarde plena. Um homem de costas, com o rosto a dois terços, meia-lua, os dedos de uma mão fincados no antebraço. Não se vislumbram esgares ou esforços. O homem de costas sentado na mancha afirmando chão tem o tronco transparente, janela para o nada que o envolve em tons de amarelo esmaecido, assim a voz do meu sangue por estes dias que são noite. Na catedral que é o tronco de um homem, mesmo sentado de costas no chão, Topor colocou figura escavadora que parece brincar com os longos braços prolongados por extensos dedos que são garras e tocam o côncavo avermelhado fazem cócegas, não tanto ferida. O grifo trespassa-nos com o olhar um sorriso estúpido e cruel, a mais estranha das fraternidades. O sorriso tem artes de se fazer arma. O francês chamou-lhe «La Douleur». Preciso emoldurá-la com urgência.

Lusco-fusco. A unha da Lua está à direita, acima do punhado de estrelas, mas o céu confina-se às costas do sofá, encostado à direita a dizer sala-de-estar, ampliação dele próprio, sala-de-viver para o galgo que só a partilha com livro ilustrado, cada um em seu braço. E que, dobrado com a anca a fazer de colina nazarena, nos olha como só os bichos. A sua respiração semeou mais estrelas na almofada, arrumadas em constelação. As cores são as de Mário Botas, ricas de castanhos, servindo aquela luz de tardinha, onde o que foi não deixou ainda de ser anunciando em si o que virá não tarda nada. O futuro não tarda nada.

Noite dentro. O quase quadrado de fundo roxo surge limitado por horizonte de régua e esquadro, com zimbório e pára-raios assinalando o centro. O centro é sempre pontiagudo? Acima, uma mancha de negro atravessa a cena, vêem-se já as barbatanas. El Roto, que Lisboa viu se quis em 1998, pintou de modo homogéneo, excepto o amarelo da unha da Lua onde se reconhecem pinceladas, mas não a dentição temida do tubarão. O quarto minguante visto daqui é a boca do medo. E que bonita evolui por sobre as nossas cabeças.



Crónicas retiradas da coluna Diário de um editor, do *Hoje Macau*.

Fora do Vazio Márcia Balsas

Abro a porta de casa e aproximo-me do contador da luz. A primeira vez que saio em 40 dias. Pantufas, pijama, robe. Um ajuste ao cinturão, laço completo na frente, cintura aparentemente mais delgada, mãos à nuca compõem o rabo de cavalo, vaidades no patamar vazio. Todos como eu, isolados em casa, o prédio 100% habitado, 24 horas por dia. Não há elegância possível com pantufas e pijama. Imagino toda a vizinhança nesse preparo, casas de gente acordada com roupa de dormir. Deito uma olhadela ao piso de cima e outra ao piso de baixo. Os apartamentos libertam vozes, conversas que se misturam no eco das escadas.

Tiro o meu bloco de notas e um lápis do bolso do roupão, e olho o contador da luz através da porta de vidro que o encerra. Tomo nota: 1354 vazio; 1658 fora do vazio. Apesar de o ter anotado, vou para dentro repetindo como uma lengalenga: «1354 vazio, 1658 fora do vazio; 1354 vazio, 1658 fora do vazio; 1354 vazio, 1658 fora do vazio; 1354 vazio, 1658 fora do vazio.» Quando me sento à secretária para introduzir os dados da leitura no portal web nem preciso de olhar para o bloco de notas. «Bom para exercitar a memória», penso.

Pronto. Tratado. Próxima tarefa: almoçar. São 9h42m.

«Vazio.»

Expressão ampla, até serve para as horas em que a electricidade é mais barata. A palavra não me larga, é o que tenho até ser hora de almoçar. Mas isto de cumprir horários tende a extinguir-se, com tantas horas de vazio para encher. Antes nunca sobrava tempo para tudo o que era importante. Considerávamos tudo importante. E urgente. E prioritário. E fundamental. Éramos maratonistas do relógio. Agora os jornais fazem pilha na entrada, ainda dentro do plástico, tantos livros continuam por ler e nada serve para acabar com o vazio que ocupa a casa inteira. Os meus passos empantufados, corredor para trás e para diante. Conversas? Só dentro da cabeça, como esta. Sente-se, este vazio. Este tempo oco que se estica em horas longas, as mais longas de sempre, os dias espraiam-se cada vez mais, 25, 29, 32 horas. Além disso trocaram de ordem, ao despertar nunca sei que dia é, conto pelos dedos, «segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo», tudo aparentemente igual, mas não há fim-de-semana porque as semanas não têm fim. Vivo numa semana que começou há 40 dias, desconfio que teve várias segundas-feiras seguidas, pois o meu humor não experimentou a felicidade de uma sexta-feira, a alegria que antecipa os dias sem «feira», tão especiais como os seus nomes diferentes, fora da rotina «feira, feira, feira, feira, feira», mais parece uma sucessão de trabalhos forçados.

Sábado e Domingo.

A felicidade é fora do vazio.

Levo as mãos à face e rio deste trocadilho com a conta da luz.

10h20m.

«Quero ir para fora do vazio. Para fora daqui.»

E se for perigoso lá fora? Do vazio.

Dizem que é, que temos de usar máscara, luvas e desinfectar as mãos muitas vezes. Só podem entrar algumas pessoas de cada vez no supermercado e na farmácia; as filas têm de respeitar a distância de segurança. Ninguém se aproxima, as pessoas ganham medo umas às outras. Ninguém conversa.

Tive a ideia de que pode ser tudo mentira. Uma forma de nos manterem isolados, quietos, à espera que seja seguro voltar. Enquanto isso, as paisagens conhecidas vão mudando até não restar nada de nós, lá fora. O vazio cria ideias de prisão. Eu falo por mim, em 40 dias perdi muito, a minha liberdade é por metro quadrado.

O vazio também dá medo. Medo da vida depois deste tempo (não sabemos quanto) de confinamento. Fechados, sossegados, calados. Sabemos o pouco a que temos acesso. O suficiente para ter medo de morrer.

Quando regressarmos saberemos para onde? O nosso lugar, o nosso papel, a nossa função, serão ainda nossos?

O que vamos encontrar fora do vazio?

Observação das espécies João Rios

Estou maravilhado. Da janela do meu quarto vejo os cães que desfilam os donos que passeiam os telemóveis. Para que as metáforas alcancem a independência dos cadernos de encargos aguardamos que os passantes sejam acometidos por irrevogável pandemia de civismo.

deitado sobre *O Homem Revoltado* de Camus
suas garras sussurram-me em moderato cantabile
soubesses tu atravessar o absoluto rastilho do sol

como ansioso rio
despertaram

vivas figuras
melodramas
partituras
sonetos alvoroçados

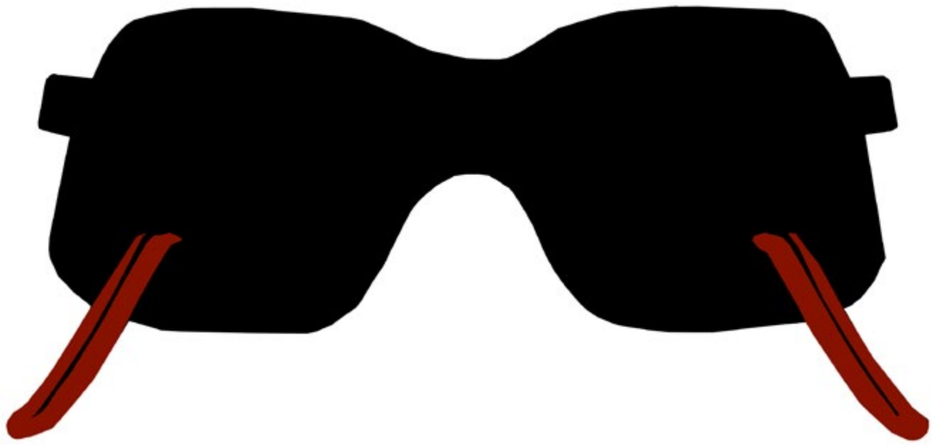
loucas alturas
aerogramas
dentaduras
beijos estilhaçados

leves usuras
cardiogramas
imposturas
bichos mascarados

Pandemónio

se uns no tecto vêem passear cavalos
e consentem no avanço luxuoso dos delírios

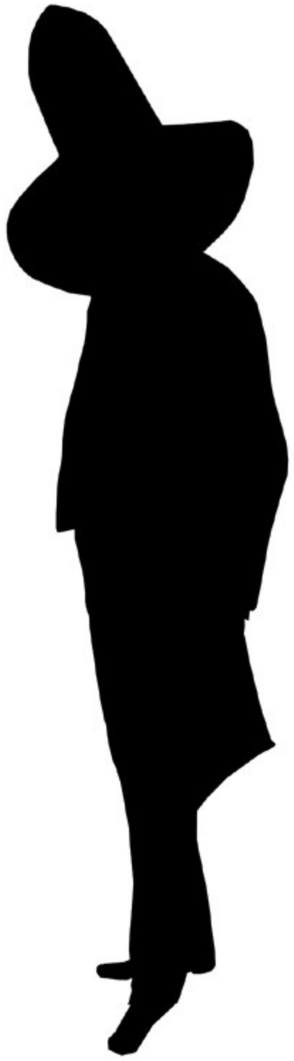
outros há que peritos em cartórios do tédio
libertam o bufo impaciente dos óculos



não se rendeu
ao engenho de escravos
da realidade

andarilhou
pelo agreste da solidão
até esgotar o silêncio da cicatriz

anda hoje tão sem governo o comércio das vozes
que a Liberdade tantas vezes ultrajada pelo fogo da
fala
parece agora inadiável causa condenada pelo desnorte
da argumentação

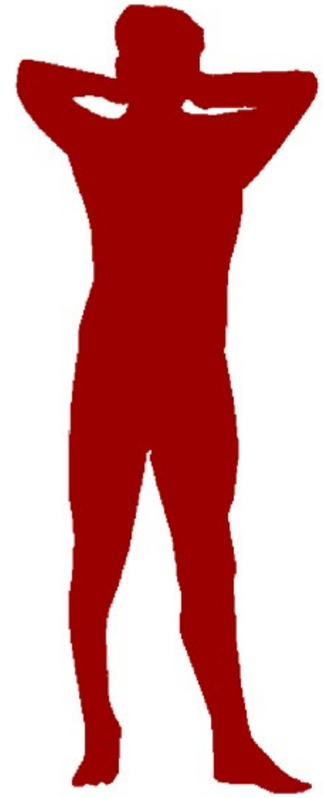


expulsos da ambição dos deuses
tão estranhos a si próprios
nem imagem de sangue lhes sussurrava
a quem entregar a fúria que em si medrava

mas se não era sua a causa daquela guerra
e se a esperança caprichosa se revelara
por que pátria teimavam os homens
se aos seus favores
a morte nem a terra lhes ofertava

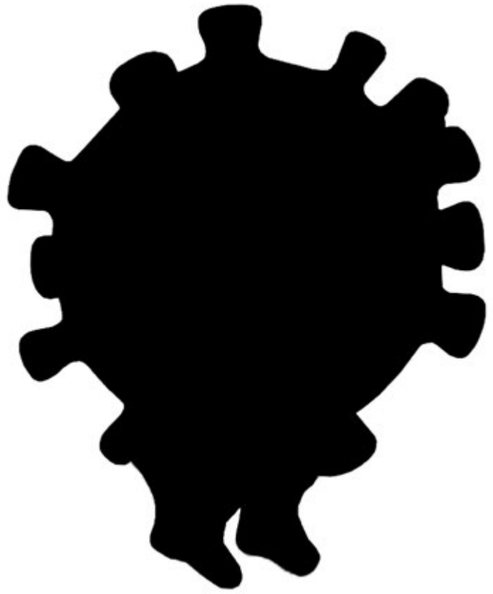
será causa soberana
desabar o sol
sobre as imagens
saturadas pela gula
do sujeito

despir sua falta
de capital sentido



não será praga imortal esta
que ora vos perturba o medo

outras há que com primitivo fervor
de aspirarem a deuses
vos conduzem os sonhos para o patíbulo



anda de ré para lá
não é filho de satanás
nem de deus se conta
ser pai de tal bastardo

é um frenético javardo
este que sobre o nosso
descuido lança
sua gadanha fachocrata

não
nunca é fácil amar a Liberdade
o corpo conhece farto castigo
mas se a voz recusa o freio do dono
mais ela se aclara no acto de Viver

Ainda dentro do carro ajusto a máscara e verifico se tenho tudo. Com as luvas não é fácil manusear as coisas dentro dos bolsos, os movimentos ficam um pouco menos instintivos, mais perros. O pequeno minimercado está vazio, como se estivesse à minha espera. É um grande contraste com a fila que já serpenteava no exterior do Olivais Shopping, cobiçando acesso ao Pingo Doce escondido lá dentro.

À porta da loja leio o aviso "Só uma pessoa de cada vez". A senhora sorri, descontraída. Encho logo o cesto de muitas verduras e do que me consigo lembrar. Sinto a necessidade de lhe dizer "Sabe, é para a minha mãe, pediu-me coisas para fazer sopa", como que a justificar-me por levar tanta coisa. A senhora coloca-se atrás da caixa e começa a pesar os legumes, sempre tranquila e sorridente. Nem parece que o mundo que conhecemos toda uma vida está em risco de desaparecer. Os pequenos sons do plástico dos sacos, da balança e das teclas da caixa, dos pássaros lá fora, das leves fricções quotidianas que parecem ser tão mundanas, estão agora isoladas num silêncio avassalador. Pergunto-lhe "faz entregas ao domicílio?" "Fazemos sim, mas só à tarde, na medida do possível, sabe? Fazemos o que podemos". É só ela e o marido, que sai detrás do balcão das carnes frias e me assegura que sim, pedindo que "diga à sua mãe que se precisar é só ligar que eu passo lá à tarde. Posso demorar um pouco mas eu consigo entregar." "Sempre no próprio dia?" "Oh sim, no próprio dia, pois claro!". Apontando a superfície da balança, faço à senhora, que pega em tudo com luvas, uma pergunta que o pudor sempre me impedira de fazer. "E isso, também é desinfectado?" "Ai sim, claro! Até por nós, sabe? Estamos aqui todos os dias... Enquanto houver saúde." De repente enchi-me de gratidão por estas pessoas. Não podem fazer mais nada senão continuar, mas fico com a sensação de que o fazem também porque se sentem necessários. Sentem que podem fazer o bem. E não dá jeito a um cartunista cínico de meia-idade que de repente a humanidade se revele digna de sentimentos lindos de postal. Balbucio atabalhoadamente, desajeitado e fora de carácter, "hum, vocês são importantes... e todos nós lhes devemos um grande obrigado." E suspeito, porque me farto de desenhar caras, que a senhora da caixa percebeu pelo meu olhar que eu estava a sorrir-lhe, por baixo da máscara.

Toco à porta da minha mãe e afasto-me, pousando o saco do *laptop*, com *skype* devidamente instalado, três jornais do dia e saco de compras. Ela abre a porta, surpreendida com tudo isto, parecendo ainda não estar habituada a uma normalidade tão inclinada para o abismo. Quer dar-me dinheiro. Eu nem preciso responder. Tiro a máscara para que me veja a cara, para que tudo se conserve um pouco como sempre devia ser. Digo-lhe para tirar as compras do saco, que eu levo de volta. "Estás bem, mãe?" Ela responde como se fosse uma pergunta quase absurda. "Sim, mas tenho saudades dos meus netos." "Eles também têm saudades da avó, quando lhes apetece. Ou quando não estão ocupados a infernizarem-nos a vida." Olhamo-nos sem ter mais nada para dizer. Ela não quer fechar a porta, mas é uma pessoa demasiado prática para se dar a dramatismos. Só que eu tomei uma decisão. De agora em diante quero esforçar-me por dizer tudo o que tem de ser dito, para que nunca haja dúvidas. "Também tenho saudades tuas, mãe." De olhos muito abertos, ela começa a fazer aquela expressão aquosa que lhe vi primeiro quando parti para o Nepal, com dezassete anos, viajando pela primeira vez para longe da asa dela. E lá fecha a porta.

Chego a casa, tiro os sapatos à entrada e esfrego as mãos com e sem luvas. Da sala vêm sons de galhofa e birra. A Elga tinha organizado com a escola dos putos uma sessão de videoconferência, para que todas as crianças pudessem desenhar juntas, como costumavam fazer. Sempre embrenhado nos problemas do mundo, que tenho constantemente de traduzir em forma gráfica, com a mente em eterno pingpong entre *deadlines* e *punchlines*, as actividades da minha mulher muitas vezes passam-me ao lado, como um confortável pano de fundo. O que ela combinou nunca me ocorreria fazer, mas vejo agora que é necessário. Ali estão os três, ela ao centro a sorrir para o ecrã do *laptop*, e as duas crianças a seguir-lhe a deixa, com papel, caneta e curiosidade. No ecrã, um mosaico de pais e filhos mostra a mesma cena repetida, o mesmo esforço colectivo para que os nossos filhos vejam o mundo como ele deve ser, em que o isolamento tem de ser combatido, mesmo que aceite fisicamente. E o riso contagiante da minha mulher, que a todos chamou à acção, foca a minha atenção em todas as razões por que me casei com ela.

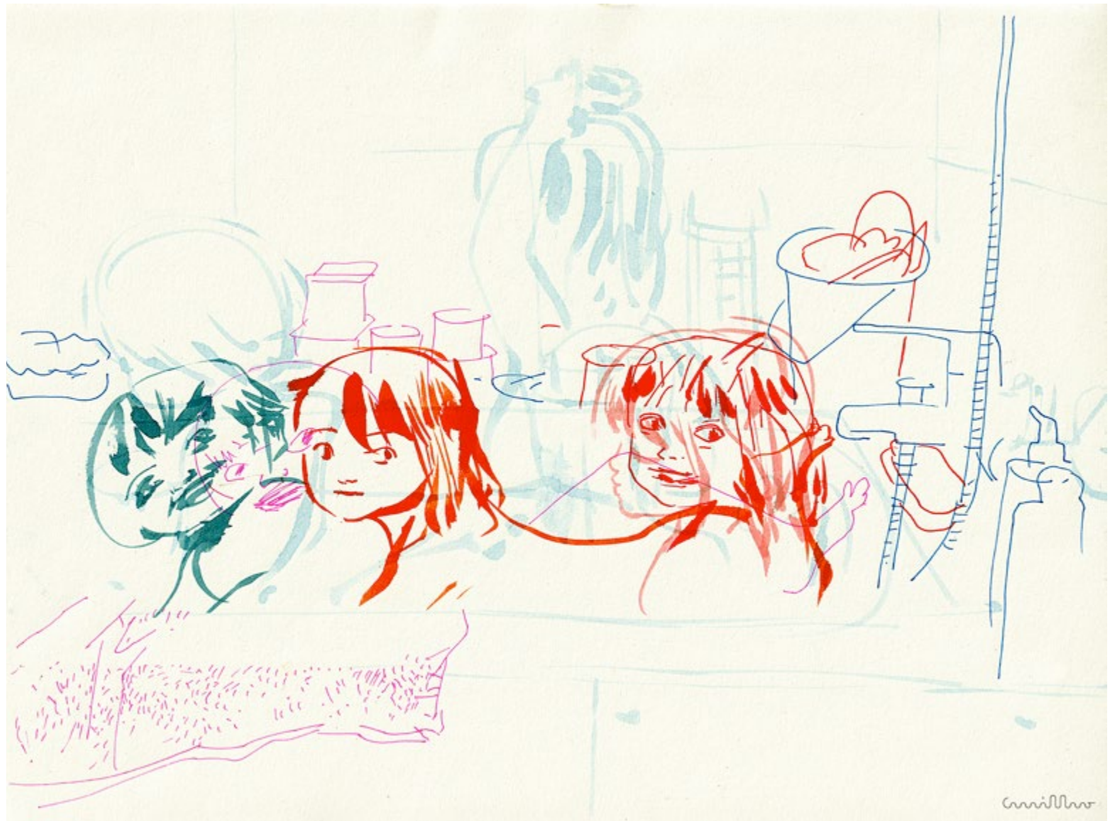
Sem perder mais tempo vou tomar banho. Escondido debaixo do chuveiro ponho-me a pensar nestas mulheres todas, nas mães, no olhar das crianças que se põem nas mãos dos pais para serem guiadas, no silêncio da rua e das estradas vazias, em todos os que ainda se juntam apesar da distância, nos merceeiros a acordar de manhã porque a manhã continua a vir, na força que se revela em quem fica de repente vulnerável, no sol de Março que continua a entrar pela janela e se reflecte nos cabelos dos meus filhos, colocando o sorriso da Elga em contraluz.

E fui-me abaixo.

Depois recompus-me, limpei os olhos, a cara e o corpo. Sentei-me à mesa com a minha família e comecei a desenhar.

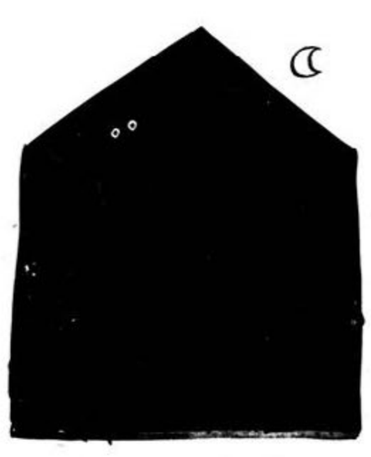
21 de Março – Postal André Carrilho

... E comecei a desenhar André Carrilho



Quarentena João Fazenda

QUARENTINE



J. FAZENDA

Quarentena 2020 Tiago Albuquerque

Eu e os chineses Mónica Camacho

Qualquer educação deve incluir, pelo menos, uma pitada de Oriente.

No meu caso, trataram disso cedo.

1984 foi o ano em que conheci os chineses. Não todos...

Imaginem o que é passar da Damaia para Macau, em vinte e quatro horas.

Subi a Calçada do Tronco Velho, as escadas até ao segundo andar, com a roupa a colar-se ao corpo e um calor húmido impossível. Pousei a mala; e a primeira coisa que me ocorreu, do alto dos meus 11 anos, foi: este sítio tem baratas gigantes que sobem paredes. Respirei fundo e arrastei a cama para o meio do quarto.

Os vizinhos de baixo acreditavam na vida para além da morte. À porta, deixavam um tabuleiro com regalos gastronómicos para a gente do outro mundo (nunca percebi se os mortos gostavam). Tinham dois caniches e, apesar das brincadeiras do meu pai, não dei conta que os tivessem, alguma vez, comido. Naquelas paragens, era comum haver duas portas: uma de madeira, quase sempre aberta, e uma de grade, com desenhos em ferro, que ficava fechada e permitia, a quem passava, um olhar para a parte privada da vida. E a minha curiosidade era infinita. A intimidade fascina-me.

Em frente ficava o *Jornal de Macau*, onde o meu pai trabalhava. Por vezes, deixava-me a fazer amizade, em chinês, com as fotocompositoras, duas miúdas franzinas, que dominavam a arte do x-acto e da fita-cola dupla. Algo que, hoje, parece surreal.

Por entre os momentos em que a Professora Cândida, de trabalhos manuais, me sentava ao pé dela, a tricotar uma camisola que não chegou ao fim, enquanto me espremia para lhe contar pormenores sobre os últimos desentendimentos do meu pai com o Governador, e eu lhe ia respondendo, o melhor que podia, incitando-a a ler antes o jornal, porque estava lá tudo, sem que ela fizesse caso, percebi que os chineses eram persistentes, resilientes e estóicos. Afinal, muitos deles acompanhavam as aulas numa língua que, sendo a oficial, lhes era estrangeira; e a que era mesmo sua tornava a leitura do jornal desportivo uma epopeia.

Podiam comer *chao min* ao pequeno-almoço, na escola, afinal, viviam na terra dos tufões e nunca se sabe o que o dia traz. E, na dúvida, sorriam. Quanto maior a dúvida, maior o sorriso. Eu aprendi a fazer o mesmo. Isso, e a nunca jogar ping-pong com um chinês. Têm superpoderes e de repente abate-se sobre nós o castigo da descoordenação motora. Fui salva pelo voleibol.

Já numa outra arte, aprendi o valor das cópias. As cópias democratizam o acesso. Podem não ter a glória do original, mas chegam onde é preciso. Como diriam os Nine Inch Nails: apenas uma cópia, de uma cópia de uma cópia. Por isso, é melhor que seja boa. E a copiar ninguém bate os chineses: são uns *freaks* do detalhe. Foi assim que cheguei à perfeição. Mas uso-a pouco.

O valor da liberdade chegou com a cortesia do professor de ballet, fugitivo do regime onde era primeiro bailarino: é melhor ensinar *pas de deux* a crianças, num apartamento, minúsculo, no terceiro andar, do que viver refém das ideias dos outros. Nunca voas suficientemente alto quando não podes ser tu.

O vermelho obedece-lhes. Vibra por todo o lado. É a cor em que a vida se passa.

Na rua fiz parar um táxi, num dia em que não acertei sequer com a minha morada. Tom acima, tom abaixo. Quão difícil pode ser? Saquei do ficheiro de cartões. A salvação vem sempre por escrito.

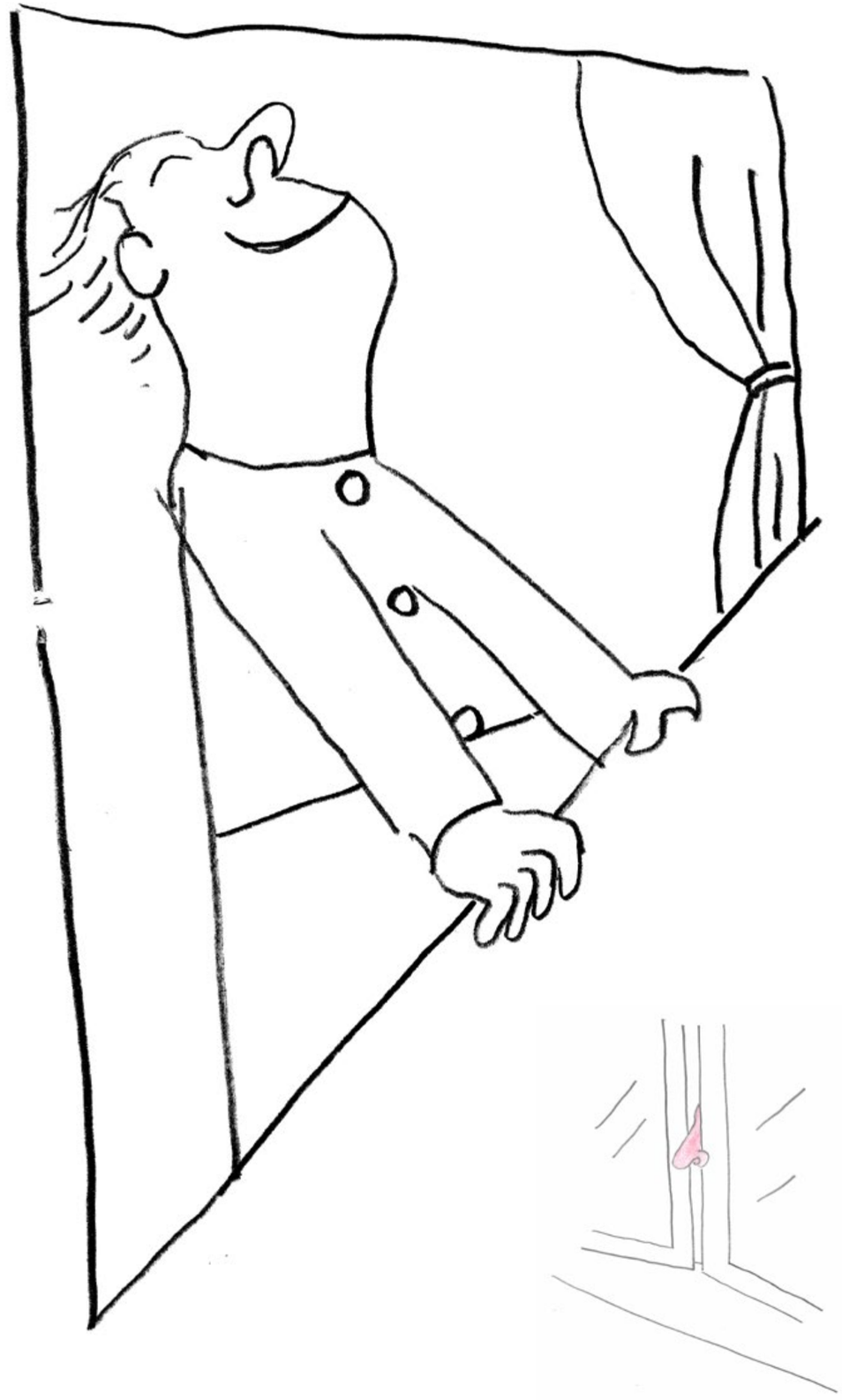
Em casa, a *Angô* passa a ferro ao mesmo tempo que vê uma telenovela onde as personagens flutuam, em coreografias, pelo telhado. Abre um sorriso onde brilha um dente de ouro e uma bondade natural.

Macau podia ser uma espécie de Las Vegas oriental: muitos letreiros luminosos, muito jogo e uma coisa chamada *Crazy Paris Show*. Eu costumava infiltrar-me nos ensaios das bailarinas, escapulindo-me pela passagem interna que havia no Clube de Macau. Talvez o imaginário e a sensualidade tenham ficado marcados no meu subconsciente por essas visões do mundo adulto.

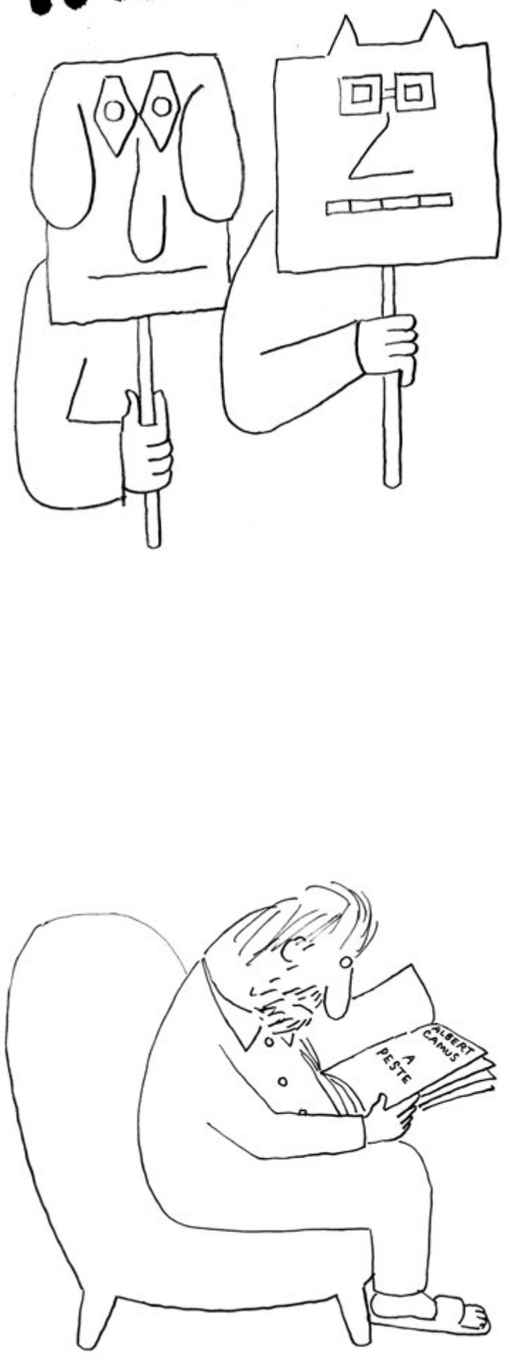
Nas mãos seguro, hoje, uma chávena em loiça bago de arroz, foi talvez por isso que me lembrei dos chineses. O chá vai unir-nos sempre, em qualquer tempo.

Não se fechem demasiado André Ruivo

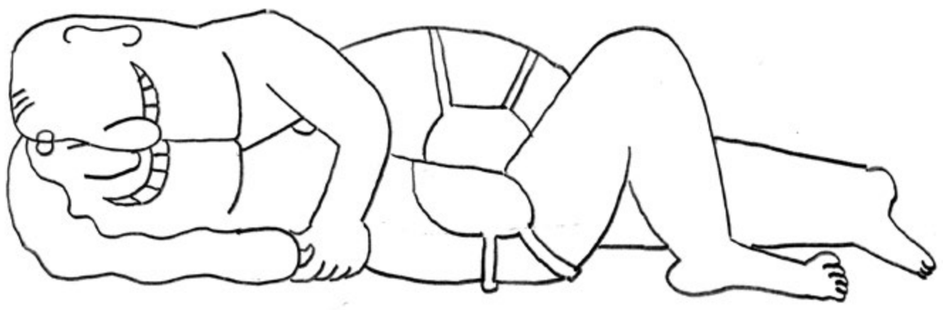
O QUE É QUE ESTÁS AÍ A FAZER?
NADA.



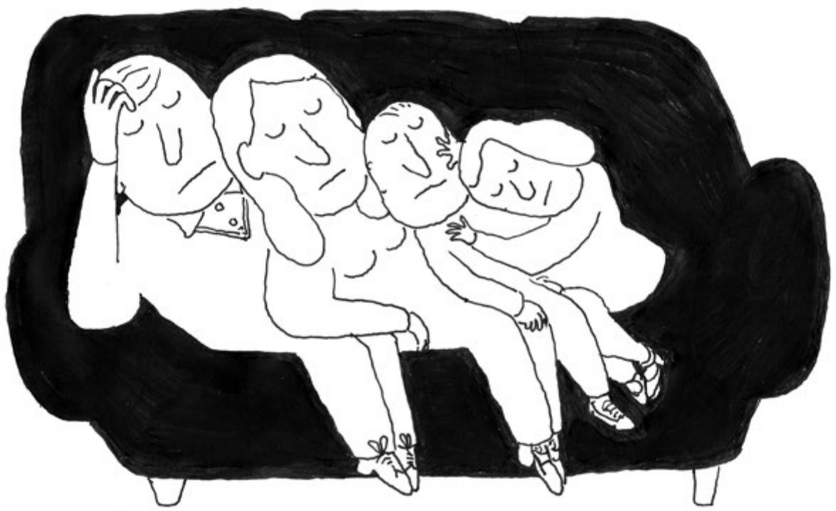
USE
MÁSCARA


ALBERT
CAMUS
A
PESTE

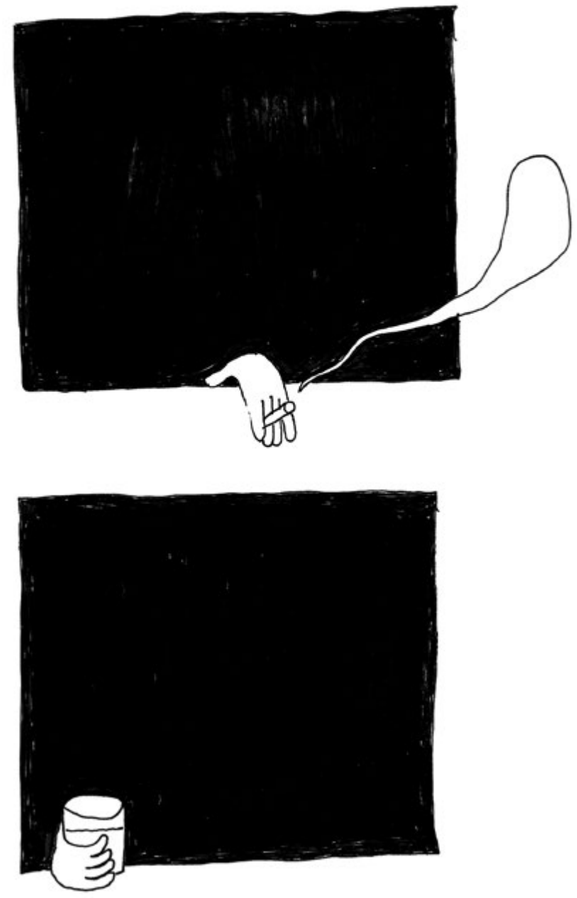
NÃO SE
FECHEM
DEMASIADO



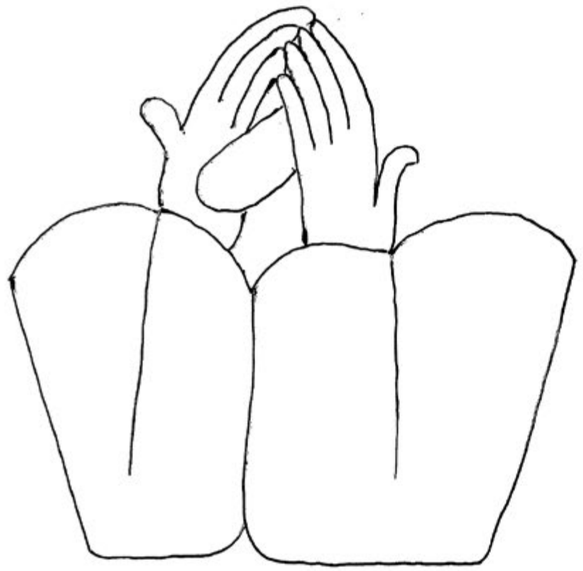
COMO SE VIVE
SEM SAIR DE CASA?

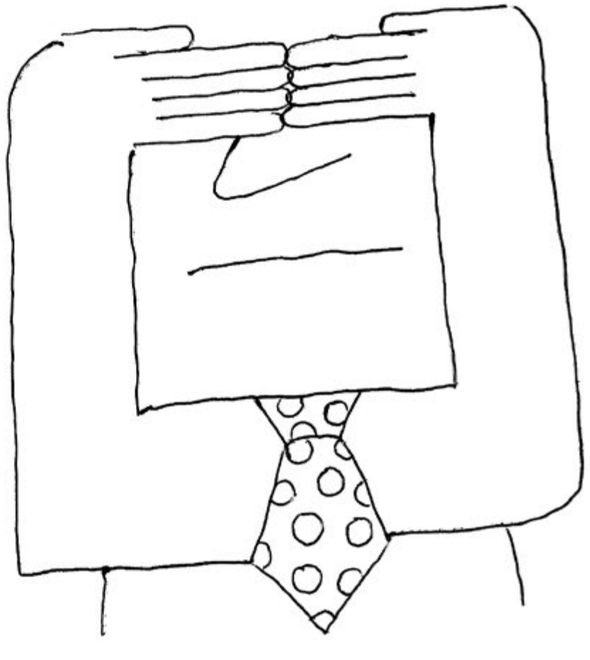


DAQUI É A VIZINHA
DO 3º ANDAR. PRECISA
DE ALGUMA COISA
?



FAZ MAS É A BARBA!
EU NÃO VOU FAZER A BARBA
FAZ!
NÃO!
EU VOU DEIXAR CRESCER A BARBA ATÉ ONDE EU QUISER!





A pele Andreia Azevedo Moreira

Clandestinos

«Temo esquecer aquele toque e, então, quem me tocava.»

Em casa, há cinquenta dias, dei comigo a afligir-me pelos amantes apartados neste período estranho que vivemos. Não os domésticos. Esses seguem no amor sem pressa, bem-querer-hábito, feito de gestos brandos. Perderam a turbulência, algures, entre os compromissos, as responsabilidades e o desgaste próprio do tempo. Erodiram-se em confinamentos vários, anteriores à pandemia. Condoo-me, sim, dos corações vadios. Quantos inadiáveis se encontram, agora, interrompidos? Sobreviverão ao afastamento sem prazo? Haverá força suficiente nas palavras ímpares, que os mantenha suspensos até ao reencontro dos corpos? Uma coisa é um contrato. Outra, distinta, é a fome.

I want you

Observo-te. Mantemo-nos à distância sem desviarmos os olhos presos. Serei capaz de atravessar? Encontramo-nos a dois metros. Hesito entre o cumprimento formal e seguir como se não nos tivéssemos encontrado. Gostas de dificultar: não avanças nem recuas. Ficamos a medir-nos como duas janelas por abrir. Porque me olhas tão sério. Queres que siga. Prescindiste, há muito, das respostas e eu longe de estar cansada de questionar. Colocaram-nos cimento nas articulações. Impede-nos de prosseguir e da tentativa de fuga. Minto: «um abraço. Desapareço.» Não dás sinal de aceder e já me agarrei a ti resoluta. Colo o meu corpo ao teu. Quero descobrir se os perfis ainda encaixam. Interessa-me, por exemplo, a compatibilidade dos pescoços. Vou atrás da tua orelha, perco bom senso e pudor, desenho-a com a língua. Desço até à clavícula. Acumulo os cheiros teus para o mapa da memória. «Senti a tua falta.» Permaneces em silêncio hirto, expressão escondida pela metade, mãos pendentes, luvas postas. Escondo o rosto no teu peito. Recuarei. Trato de fingir que não te vi e que não tentei seduzir-te, apesar do perigo a que nos expomos pela proximidade. Negarei tudo, humilhada pela tua indiferença. Desisto. Estava preparada para a derrota. Coloco o pé para o passo atrás. «Desculpa se te coloquei em risco, à tua família. Não quero fazer-vos mal.» Ando para aqui ao frio há semanas. Acreditei na possibilidade de também sentires falta do meu calor. Coincidência. Juro. Sou incapaz de perseguir. Correrei para um lugar remoto. Não tenho sintomas, é pouco provável o contágio. Impedes a passagem. Não consigo reconhecer-te na severidade. Sabes bem como me perco na ausência de sorrisos. Estás a magoar-me. Fico? As nódoas negras que se desenham nos meus braços pálidos são do desejo que te devoto. Silêncio: o modo que arranjaste para me despires. Mordes porque não podes beijar-me. Desaprendemos a ternura na espera: demasiado longa para perdermos tempo, agora, com refúgios. A rua ficou deserta, por respeito ao nosso inadiável. Efabulo, claro, é o estado de emergência. Bebo o meu sangue e o teu. Também te mordo. O susto de me achar nua à tua frente ficou no princípio da história. Empurro-te, bruta. Bates com a cabeça no prédio onde nos fomos apoiar. Não há dor. Confirmas:

«Não sinto dor. Estás aqui, enfim.»

Agrido-te com a vontade. Não te defendes.

«És a seguir.»

Pelo toque procuro revelar-te. Cega, é com as mãos que te vejo. Quero relembrar cada singularidade. Puxo-te. Avanço, implacável, na tua pele para te matar em mim. Não é saudável viver-se com uma pulsão destas a comer-nos o pensamento. Tenho os tímpanos a zunir. Lembras-te: chegaste-me ao coração pelos ouvidos. O prazer comanda. Aguardas que mate a sede. Insaciável, lambo desvairada o teu sal. Tenho o sexo quente de tanto sangue. Pulsação e expectativa. Viras-me. A máscara cai. Rosnas no meu cachaço.

«Calma. Teremos outra oportunidade.»

Duas mãos que pousem onde preciso, uma boca da qual espero o indizível, narinas que me respirem. Apertas-me contra ti. Sinto-te, dentro.

«Não basta.»

Apoio os braços na parede, sorriso cúmplice. Empurro-a cadente. Estás onde quero.

«Espera.»

Impaciente, precipito-me para a construção e para o teu ventre em vertigem. És desnorte e tolerante comigo. Aguardas a vez para me assassinares em ti.

«Depois de uma paixão destas, só a morte.»

Sou leve nas tuas mãos. Manipulas-me bem, apesar da obesidade, resultado dos dias que gastei a fazer pão, a molhar bolachas Maria com manteiga no café, a experimentar receitas do Pantagruel. A aceitação

inquestionável desta aparência desigual comove. A coreografia da nossa dança é inconstante na pista escorregadia. Somos suor. Os meus pés deixaram o chão muito antes do teu colo. Quebrar-me-ei na queda e não haverá resgate. Constato que continuas sem falar. «És omissão.» Há em ti segredos ou apenas vazio? Quero dizer-te coisas indecentes ao ouvido. Profiro-as dissimulada. Creio que não queres escutar. Empurras-me de novo, firo o rosto na superfície arenosa, enquanto fazes dos meus cabelos rédeas. Nada sei de ti, neste torpor, só de mim: enfraquecida, letárgica, depois da torrente. Desviaste-te. Nojo. Medo. Desconfiança.

(Inês)

— Ter-me-á visto?

(Pedro)

— Não me apeteceu, eis tudo.

O cadáver de Inês terá sido encontrado um século mais tarde. Tinha epiderme, músculos atrofiados, unhas, cabelo. A face reconhecível mutilada do lado esquerdo. Sorria despida. A autópsia declararia órgãos. Um milagre. Foi trabalhoso removerem o coração para se aferirem as causas do óbito. Continuava iludido.

A pele

Vivi apartado da Pele sem que custasse. Respirava sem ela. Comia sem ela, embora comer não seja o mesmo do que alimentar-me. É mastigar sem sentido. Dormia sonos pacíficos, noites inteiras. Caminhava. A Pele não fazia falta. Esquecia-a, esquecia-me. Eis que, ao passar-me pelas mãos na sua temperatura, tonalidade inconfundível, na textura que os dedos insistiram ler, alguma coisa se alterou: uma espécie de alvorada. Conhecer a Pele magoou cada centímetro tocado, por ter consentido a escassez.

«Falhei-te?»

«Desconhecia-o e não podias adivinhá-lo.»

A Pele apertou-me o pescoço arrepiado pelo espanto da visita. Os pulmões franquearam a entrada ao beijo-exército e encheram-se de fôlego, até então débil. Desceu ao peito, o coração acelerou despreparado para o calor. Prosseguiu a queda, sorrimo-nos, na descoberta. Constatei: vivia, há demasiado, das noites e dos luares. Ao frio.

«Não me reconheces...»

«Recorda-me o teu nome.»

«Pele.»

Cheiro a Pele em ruídos animais. Odor é força e inscreve a sua marca no território interior. Provo-a. Rio-me perdido em revoltosa saudade, por me ter sido estrangeira todo este tempo. Não há retorno para a Pele em dívida. Fome e vontade de a morder sôfrego. Limito-me a prová-la: primeiro a língua leve, delicada. Depois, vibrante. Tacteio, cego, a Pele que me ensinará a morrer todos os dias. Cada despertar é passo de regresso à carência, por isso me deseja violenta. Estamos sem futuro, a liberdade partiu. Respondo ao seu apelo com cabelos, entre os dedos enluvados, que puxo para perto. Recuperar tempos perdidos também é história. Há compassos, contratempos, escolhas, desacertos. O meu é de tal modo excessivo que não cabe na Pele. Em nenhuma outra, na própria, menos ainda. Hoje, sou o vício de querê-la sempre aqui a cobrir-me, sendo posse, ainda que os instantes se revelem impostores doces. Quando desaparece, tremo. Contorço-me doentio na espera, pela remissão que devolva o oxigénio ao cérebro, a acção às articulações, a cadência ao músculo vital. Trago a boca aberta nesta falta de ar que me grita: morre. Vivo. Encontro-me fraco, inexpressivo, desnudo. Para onde terão debandado os risos? Estou farto das lágrimas, dos olhos pesados, da angústia, de me trazer diminuído.

Penso: «Calma. Isto passa. Ficarás bem. A Pele passa.»

(Facto: 13,8 horas até que o sangue se limpe.

Questão: O que são umas horas da existência?)

Ao passar, a Pele deixou-me neste estado, cilindrado, entregue ao seu modo de ser sinuosa e feroz e distante. Recuso a ilusão do aconchego, desconhecendo como poderei voltar ao desalento justo, ao não precisar da Pele. Como não carecer do que faz bem ao tacto, a todos os sentidos? Devo acudir o corpo doente ou a índole que aspira sobreviver escorreita depois dela?

Crente que opto, ouço com a nuca o murmúrio quente de um hálito que reconheço e adoro.
Trago-lhe a voz nos tímpanos:

«Fez-se tarde.»

Auto-retrato / Poema ao Confinamento

Cristina Sampaio

A Varanda Carlos Querido

Três assoalhadas sombrias e um sítio onde se avista o sol no ocaso, numa nesga de céu nem sempre azul. Bendita varanda. Teresa sabe que enlouqueceria ainda mais sem este refúgio de dois metros quadrados onde fuma cigarros furtivos quando o tecto e as paredes da casa se desmoronam no silêncio irrespirável que se segue às discussões. Entre as palavras azedas trocadas com o marido não há uma única que se extinga depois de pronunciada. Antes se prolongam todas em ecos inaudíveis, à espera de uma oportunidade para regressarem dos recantos obscuros da memória onde persistem raivosamente. E quando quebram a falsa trégua, voltam mais ácidas, regurgitadas com sucos gástricos e pedaços de fel. Testemunhas silenciosas, as paredes já não suportam nas suas entranhas mais gritos, confissões e segredos, e por isso o ar torna-se escasso, saturado, insalubre, quando as palavras regressam carregadas de injúrias, ávidas de aniquilamento. Nesses momentos restam dois metros quadrados para inspirar profundamente a aragem da rua deserta. Bendita varanda.

Tempos houve em que as coisas não correram mal. No aconchego das rotinas os dias sucediam-se mais ou menos iguais, sem dramas nem sobressaltos, até que os miúdos saíram para Erasmus e a sua ausência encheu a casa de silêncios. O vazio que deixaram alastrou como uma mancha monótona, densa, pegajosa, mal disfarçada pela janela do Skype onde deslizavam imagens de Berlim e de Edimburgo. No princípio chegavam em voos *low cost*, para férias apressadas, sempre com urgência de regressar às suas vidas. Depois foram espaçando, as imagens do Skype e os voos *low cost*.

Não foi por mero acaso que Teresa descobriu. Esquecido sobre a mesa, o telemóvel do marido emite um suave pio a denunciar uma mensagem. Basta-lhe esgravatar um pouco, com o dedo trémulo e ansioso, para trazer à superfície perfis do Tinder, encontros marcados e fotografias em poses obscenas. Ele acaba de entrar na sala. Olham-se à distância. Em silêncio medem agravos, ressentimentos e consequências. No mesmo silêncio ela deixa cair o telemóvel sobre a mesa. O desalento inibe-lhe gestos e palavras. Não quer falar disso. Uma súbita fadiga fá-la abater-se sobre o sofá. O silêncio persiste e ambos sabem que pode ser cortante como o vidro que se estilhaça quando se rasga com palavras afiadas. Quero o divórcio, balbucia irrevogável. Há estilhaços por todos os lados. Ele caminha cautelosamente sobre os fragmentos cortantes. Não é bem o que pensas, vamos conversar. De mãos erguidas ela esbraceja como se esconjurasse uma ameaça. Não quero discutir. Quero o divórcio. Tudo bem, responde ele apaziguador, alheado, quase indiferente. Sairei de casa logo que termine o estado de emergência.

O mundo está em reclusão. Anda pelas ruas e por todos os lugares um parasita intracelular de ínfima dimensão, inerte, insidioso, sem vida e sem outro desígnio para além de se alojar em células humanas, para se replicar, para se multiplicar, para cumprir o imperativo da sua estranha existência. Teresa é uma das prisioneiras. O que mais lhe custa é partilhar a cela com alguém que deseja bem longe, da vista e do coração. Separam camas, refeições, horários, mas aquela presença pesada, opressiva, enche a casa, retira-lhe espaço, suga a luz e o oxigénio, até ao sufoco. Há apenas um corredor, entre os quartos e a cozinha, um espaço estreito sempre obstruído por ele, de forma ostensiva, talvez propositada. Quando se cruzam, ela baixa os olhos e espera que ele passe. Ele desliza numa lentidão exasperante e sobranceira. Há uma única casa de banho, onde ele passa horas a ler o jornal. Ela bate à porta, protesta pelo mau cheiro, pelo tampo da sanita encardido com o jacto descuidado, pouco certeiro. A repulsa tira-lhe o apetite. Esses cheiros não são normais. Quando fores ao supermercado compra ambientador, e quando te fores embora vai ao médico. Cheiras a podre. Alheado, ele olha-a como se não a visse, ignorando ostensivamente a injúria, num silêncio mudo, persistente, ofensivo. Ela não desiste. Tudo menos o silêncio magoado, como se fosse ele a vítima. E atira-lhe à cara a traição dele, agora que ela está fragilizada pela doença e pela saída dos miúdos. Diagnosticado vai para um ano, o cancro da mama deixou-a devastada e ele, ao invés de a apoiar, refugia-se nas galdérias da internet. Finalmente, ele acede a gritar-lhe. Diz-lhe que ela está cheia de razão, mas que o deixe em paz. Ferida pela arrogância da confissão sem a humilhação do arrependimento, ela sente que perdeu esta batalha e todas as que se seguirem.

O silêncio persiste e ambos sabem que pode ser cortante como o vidro que se estilhaça quando se rasga com palavras afiadas. Quero o divórcio, balbucia irrevogável. Há estilhaços por todos os lados.

Insone, Teresa vagueia pela casa. Quando se dirige à varanda depara-se com o vulto maciço do marido, o rosto sombrio iluminado pelo ecrã do telemóvel. Esse lugar é meu. Que eu saiba, a casa pertence aos dois. Despojada daquele recanto, nada mais lhe resta. Estranha força a do desespero. Músculos retesados, mãos em garra, um grito de guerra rasga a noite. Lutam junto à balaustrada da varanda no oitavo andar. Espera-os lá em baixo uma rua deserta.

Contaminações Manuela Pimentel

Contaminazione

Confinamentos

Depois do amor o meu casamento acabou, sem filhos nem animais de estimação, a dividir e empacotar livros, os meus, os teus e os nossos e a cada um dos "nossos" uma discussão.
Voltei para casa dos meus pais, não queria voltar mas estava tão cansada e era tão fácil que só fingi hesitar quando aceitei o convite do meu pai que, sucinto como sempre foi, apenas disse o teu quarto está sempre lá.
E o quarto estava lá e estava igual.
Eu diferente. O quarto igual.
Igual o *poster* dos Beatles pendurado na parede, eu não tinha nada para ser fã dos Beatles e, no entanto, não tive afã por mais nada, mesmo se acabaram dez anos antes de eu nascer, mas tinha um tio que adorava os Beatles, um tio que eu adorava e que me contaminava todos os seus gostos e desgostos.
Igual o tamanho da minha cama, corpo e meio para não me atrofiar o crescimento, os movimentos do corpo, para evitar a despesa de uma cama nova.
Igual o edredão, e não me apanham a descrever o edredão.
Igual o tapete onde as rosas, o rosa e o verde, a desbotar como flores a murchar.
Iguais as estantes com os meus livros, os escritores russos, a boneca russa que me encantou durante tanto tempo.
Igual a secretária onde estudava, o meu velho rádio de cassetes, o armário embutido, roupa minha dentro do armário.
E cansada ao ponto de nem sequer desfazer a mala, demasiadas coisas desfeitas num só dia, pedi uma escova de dentes à minha mãe, discuti como sempre com o plástico colado ao papel que embrulhava a escova de dentes, numa embalagem que, apesar de oferecer aos clientes um picotado, nunca consegui a proeza de abrir pelo picotado. Lavei os dentes, a cara, remexi as coisas da minha mãe, usei um dos seus cremes, um creme anti-rugas que ainda não uso, que devia usar, atentos os conselhos dos mais doutos lentes na matéria, a partir dos trinta, a partir dos trinta e cinco, mesmo nesta área a doutrina diverge, teorias impossíveis de pôr em prática, uma vez que já ultrapassei os dois limites, e por coisas destas, minudências e montanhas, um azedume, um princípio de azia a fermentar-me no estômago, por perceber que me transformei na pessoa que não queria ser.
E pus perfume, o perfume de toda a vida da minha mãe, o que eliminava qualquer possibilidade de surpresa nos presentes de anos e Natal, ou seria ao contrário, e simplesmente não permitíamos que a mãe mudasse, pois ninguém quer que a mãe mude ou sobretudo envelheça. Um perfume que eu detestava.
Um perfume de que aprendi a gostar.
Um perfume que *pavlovianamente* me põe a *snifar* estranhos ao ponto de esperar um sorriso, o que não sei explicar, porque a minha mãe é uma pessoa sisuda, sorri o suficiente, sorri por educação, não mais.
O senhor sucinto e a senhora sisuda, foi assim que cresci, o que talvez explique a importância do meu quarto, dos meus livros, eu, como sempre, à procura de explicações.
E, no quarto, vesti um dos meus velhos pijamas. Estava novo. Não o deixei no armário por esquecimento ou acaso. Foi a última prenda em vida da minha pragmática avó paterna, um pijama camisola lisa, não verde alface mas verde sapo, calças brancas com sapinhos espalhados pelo branco algodão. Um pijama que pôs o meu irmão mais novo, quase na maioridade, sempre que me sentei de pijama à mesa do pequeno-almoço, a comer torradas com manteiga e compota, exagero que me faz duvidar se essa miúda era mesmo eu, e sempre, apenas uma semana, não voltei a usar o pijama. Não estava para ouvir o puto a cantar *eu vi um sapo, um grande sapo, tudo comeu, nem ofereceu*, enquanto minha mãe batia o pé a compasso e nada dizia, depois de tantas discussões, os olhares de reprovação eram mais do que suficientes, não precisava de falar, de dizer que eu era uma desmazelada por me apresentar, despenteada, cara por lavar, de pijama à mesa.
E, vestida com o pijama dos sapos, olhei em volta e não chorei, tinha prometido a mim mesma que não ia chorar, não chorei e ainda brinquei, brinquei comigo antes de apagar a luz, disse baixinho, boa noite John, boa noite Paul, boa noite George, boa noite Ringo, que comigo sempre falaram na língua do Godinho e do Palma, e depois de apagar a luz não consegui evitar cantar mentalmente *I think I'm gonna be sad, I think it's today, yeah, the girl that's driving me mad, is going away, she's got a ticket to ride, she's got a ticket to ride, she's got a ticket to ride, but she don't care*... e não chorei.
Há muito tempo que não cumpria a mim mesma uma promessa.

The girl that's driving me mad Raquel Serejo Martins

Ginástica matinal Francisco Resende

Ó mulher!
Mas que...?
Diacho!... que fazes?
Cambalhotas logo pela matina?
Pelo amor da santa, filha, tem dó! Brincadeiras dessas a esta hora? Sabes bem que a idade já vai pesando, e tu p'ra lá caminhas, já devias ter vergonha nessa cara. É só mesmo p'ra m'atazanares a cachimónia. E tinha logo de ser hoje? Eu aqui, com a manhã toda programada, e tu aí, a armar basqueiro. Olha o chinfrim qu'arranjastes. E porquê? Só porque te falei em mimos? Foi isso? Gostas de dar nas vistas, é o que é. Eu sempre disse. Sim, eu sempre disse que não passavas d'uma sacaninha depravada.
E é só quando queres e t'apetece. Só sabes olhar p'ro teu umbigo, egoconcêntrica dum raio (é assim que se diz? é?), e os outros que se fod... lixem. Irra, qu'até me fazes falar mal. Já deves estar satisfeitinha, não? Gostava de saber agora como é que te vais safar d'alhada. Acordaste meio mundo, tudo em polvorosa, até conseguiste parar o trânsito. E como de costume, depois do regabofe, ficas p'raí parada e muda, com esse ar de sonsa. É mesmo teu: o pessoal à rasca, ao Deus m'acuda, e tu como se nada fosse, a gozares da ralação dos outros, a rires-te por dentro, qu'eu bem sei. Até parece que o vejo daqui, esse teu sorrisinho de gozo... Ah, conheço-o tão bem, esse sorrisinho de gaja. E escusas de tentar disfarçar, qu'essa fuça desdentada desmascara-te em três tempos, cínica de merda, sempre armada em superior, a dizer como é. E a seguir, claro, pões-te a olhar o céu, com esses olhos esbugalhados, sempre aluados, a passear pelas estrelinhas, tão aluados qu'até mete raiva. E essas vestimentas? Deves pensar que és uma dessas pitinhas qu'andam p'raí a pavonear-se com tudo ao léu. Coisa nojenta, sempre toda produzida. Acho normal, dizes tu, é só uma corzinha, dizes tu, a disfarçar as olheiras, dizes tu, sempre a inventar desculpas. Balelas! Mentes com todos os dentes que te sobram. Julgas que eu não sei mas 'tás bem enganada, a mim não m'endrominas. Eu sei tudo! Eu vejo tudo! E eu nem sou de ciumeiras, não sou não senhora, nem um pingo, ouvistes? Deus é minha testemunha. Ah, mas eu dava um olho p'ra entrar nessa tua cabecinha oca e ver a porquice que por lá vai, minha grande put... ah, cala-te boca, esta gaja só me faz parvaricar (ou lá o que é), Deus me perdoe, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ámen, mas Ele sabe o meu calvário, Ele sabe bem o demónio que trazes no corpo. A ruindade em pessoa, é o que és. Quem me ouvir até é capaz de pensar mal, mas é isto a toda a hora, todos os dias a mesma coisa, porrrrrra! Arrelias e apoquentações, é só o que m'arranjas, ecocêntrica d'uma figa (é assim? é?). Tens de engendrar sempre uma p'ra me chateares os cornos. E depois lá tenho eu d'ir desfazer o embróglio. Uma vida inteira a cuidar de ti, a tratar de ti, tanta dedicação, tanto mimo, e p'ra quê? Qu'esperdício... não mereces nem um dos meus cabelos brancos, todos os meus cuidados. E hoje mais esta. Raisparta a mulher! Vamos lá acabar com a palhaçada qu'eu tenho mais que fazer. Ainda por cima pões-te a boiar. Olha-me só a poça, parece um lago... Eh, vê lá se t'afogas. Vá, chega, deixa-te de cenas e sobe, anda p'ra dentro, já tenho aqui o teu miminho, preparadinho, prontinho só p'ra ti. Mas co'a breca! O qu'é que te deu hoje, criatura? Atirares-te assim p'la janela? Esborrachares-te assim no passeio? Ficares p'raí nessa morrinha, nesse estorpor? (Vá, diz lá como é, diz. Diz!).
E logo hoje, que tinha a manhã toda programada.

Sobre papel Nuno Viegas

O grande controlador de risco ao meio
caneta, lápis, lápis de cor, lápis de cera, marcador,
aguarela líquida e tinta da china sobre papel
35,5 x 28cm
2020

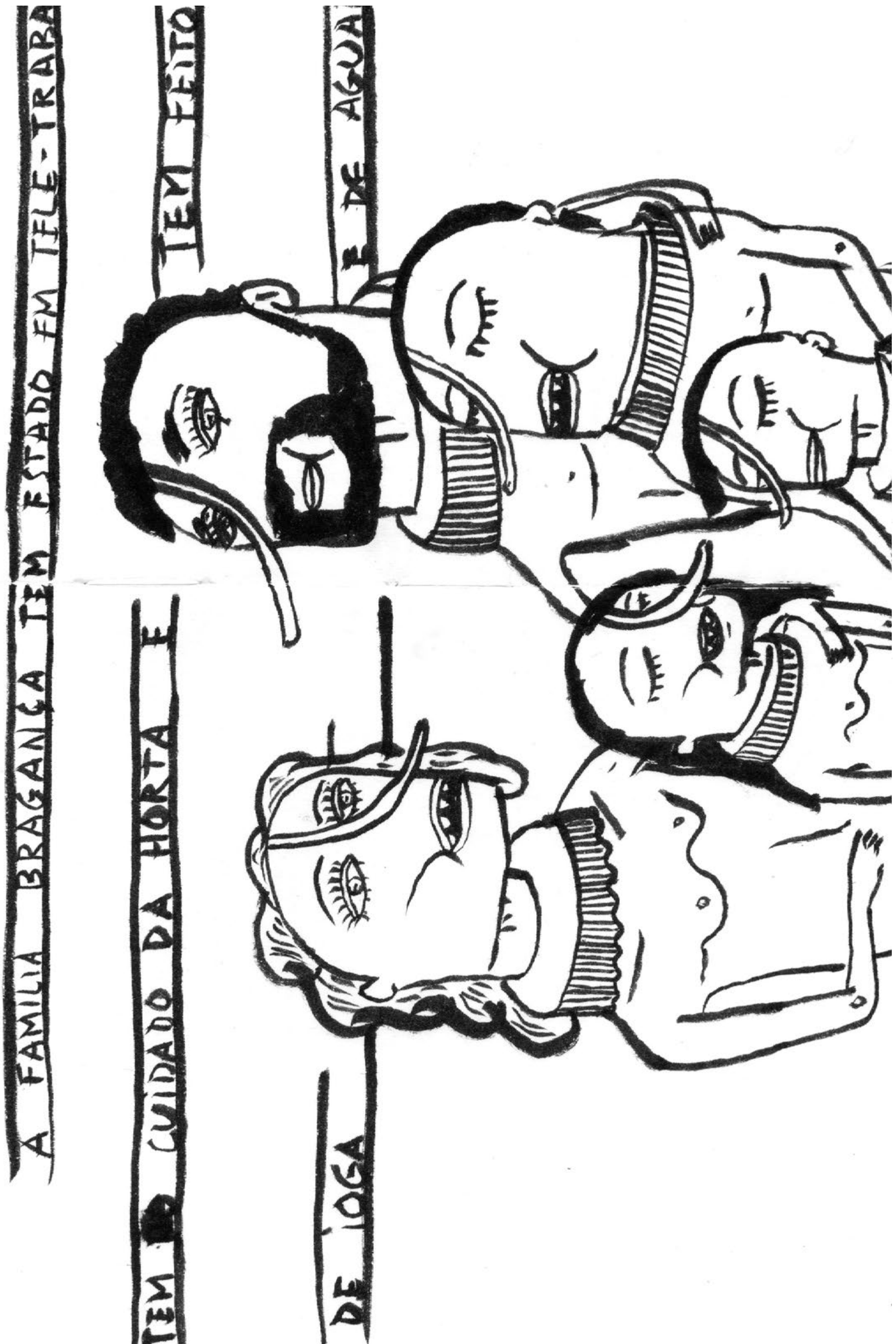
Primeiro aprendes a andar
caneta, lápis de cor, lápis de cera, marcador
e tinta da china sobre papel
35,5 x 28 cm
2020

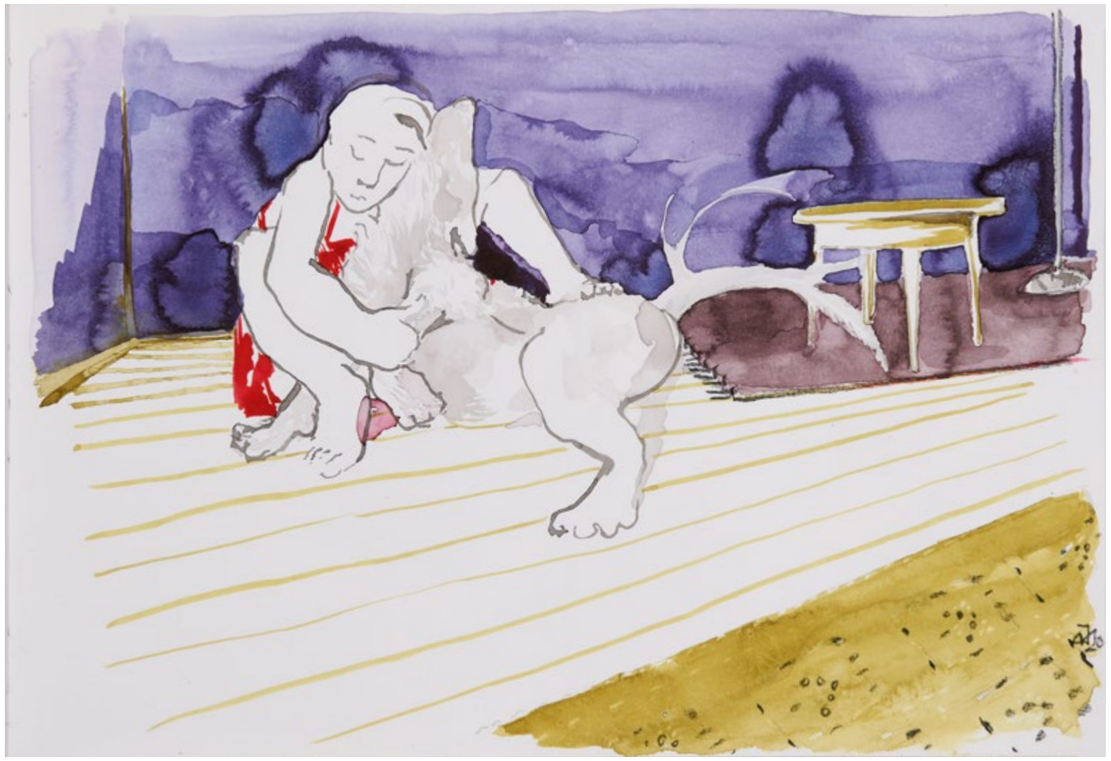
Couch potato fooling itself
lápis, lápis de cor, lápis de cera, marcador,
tinta da china e aguarela líquida sobre papel
35,5 x 28 cm
2020

A volta da ampulheta
lápis, caneta e marcador sobre papel
35,5 x 28 cm
2020

Conheço ventos Rui Vieira

Aprendi a conhecer ventos.
As árvores da janela da minha sala trocam segredos entre as folhas, murmulham palavras santo-e-senha que não decifro
doze caracteres, uma letra maiúscula, uma minúscula, três algarismos
para conhecerem os códigos do vento,
frases soltas como suspiros
e talvez falem de mim, pedem-lhe que me indague a alma para perceberem porquê, afinal o estranho sou eu, quase não me viam e agora eu no rectângulo que os ramos das copas dominam, riem-se do meu pijama às riscas, da barba que deixei crescer e dos chinelos que começam a deformar num dos calcanhares,
dois meses
do quarto para a sala, da sala para o quarto, arrasto-me no acanhado apartamento de sempre, de repente mais pequeno do que imaginava, a esquina da cristaleira que cresce quando saio da cozinha para me confinar na mesa redonda encostada à parede, o portátil que trouxe do escritório que a Informática distribuiu e o relatório que preencho todos os dias à mesma hora a olhar o vazio do ecrã, o telemóvel sempre ligado, e as gaivotas que já não fogem do parapeito bicam o vidro em desafio, levanto os olhos e permanecem descontraídas a alisar as penas, mesmo quando o computador ou a rede falham e o chefe quase aos gritos no outro lado do telefone,
Eduardo, não está no seu posto
eu, quarenta anos no meu posto, de aqui a oito meses uma salva de prata com um rendilhado de letras que não me interessa e finjo ler, igual à dos vinte cinco, à dos trinta e cinco, e eu uma luzinha que se apaga algures num sistema que ignoro, se fosse vento podia andar pela rua, cumprimentava as pessoas que não conheço com um ligeiro despentear, para sentirem uma carícia que as fizesse sorrir, um passar de dedos a compor a melena, espreitava o escritório vazio onde apenas o chefe com ar importante perdido num *site* de notícias cor-de-rosa, foge de manhã para não ouvir os filhos durante todo o dia e poder continuar a sentir-se importante em casa, não a Direcção a depender dele, o mundo, a gravata no espelho só para ele, ninguém no escritório que
o café, senhor doutor
o ar cansado de tédio ao voltar no final da tarde a queixar-se do trabalho imaginário que teve,
lá estão as folhas, consigo ouvi-las
não entendem que ligue a televisão logo pela manhã, sem som, apenas para estar por ali, fazem-me companhia os reflexos das cores, fartei-me de ouvir charlatões especialistas em tudo,
não sabem falar de ventos.
As árvores da janela da minha sala escondem ninhos de melro, entrelaçam ramos com as agulhas dos bicos, os machos têm as orlas dos olhos amarelas, umas armações redondinhas, um fato negro brilhante sempre bem passado a ferro, um ar quase intelectual como os cucos que vejo aparecer para chocarem os ovos na televisão, num sacolejar de asas a barafustarem contra tudo e todos, vivem zangados com o universo que não entendem não lhes pertencer, com o protagonismo que sabem não possuir, exibem a penugem de sempre enquanto incham o papo para que ninguém se aperceba que os ovos são falsos; nas notícias dizem que os animais desceram às cidades, mostram imagens de ovelhas nas cidades, de pavões que voam pelos jardins, agora passam números, estatísticas do dia, como o chefe no escritório a inventar gráficos, acentua a pronúncia para pedir
report
o patrão a procurar-me nos olhos certo da tradução, a chamar-me ao gabinete num final de dia,
filho de um meu amigo, Eduardo, devo fav
sem necessidade sequer de se desculpar, e para quê?, como hoje que não me apetece almoçar,
a sopa que ainda me resta no frigorifico para logo
acabei as remessas e as guias que precisava de enviar, conferi os créditos documentários; o meu vizinho do lado corre na sala, contígua à minha, sinto a parede a tremer, sai para trabalhar ao início da tarde, chega durante a noite, ouço-o a falar com a mulher depois do banho, há dias que a sacudir a cama como as rolas quando o sol aparece por detrás das folhas, empoleiradas nos ramos, estendem as penas num agitar de asas, esticam o colar do pescoço enquanto gemem,
cucurru, cucurru
se tivesse a ti talvez não precisasse de perscrutar o vento, responder às dúvidas do passado que vejo no espelho, preocupava-me com a tua saúde, levava-te à rua pela mão, não para não fugires com um primo para França, para não escorregares nas folhas que se libertam com uma aragem mais forte, procuram um leito para se transformarem em vida, voam livres como tu que não acreditavas nas pessoas do país, no patrão que devia favores, em mim com medo de arriscar, de te beijar na rua ou à saída do teu Departamento para que ninguém soubesse que alguém da Contabilidade de aqui a oito meses, quarenta anos, sozinho a uma mesa sob uma janela a escutar o vento, uma salva de prata com um rendilhado de letras que não me interessa, que fingirei ler se os gráficos do doutor não
Eduardo, nunca pensou reformar-se
e eu preso nesta casa, numa liberdade que nunca tive, o cabelo desgrenhado, a arrastar os chinelos de sempre que teimam em fugir num dos calcanhares, à espera que alguém diga que posso sair, cumprimentar uma cara conhecida dizer-lhe que me interessam os ventos de onde possas estar, que continuo a guardar a tua fotografia na minha carteira e talvez um dia a deixe voar com as folhas, com as pétalas de uma flor, ou deixá-la marear à noite na espuma das nuvens das ondas prata que a lua forma nas copas.
As árvores da janela da minha sala dançam ao vento para mim, livres, num longo vestido de lantejoulas verdes,
lá estão as folhas, consigo ouvi-las
estendem os braços das brisas para te elevarem no ar, rodopiarem em passos de valsa e em vénias para vidas como a minha, sussurram o teu nome ao vento num chilrear poético, libertam o perfume da tua pele, chamam por mim, o *mail* que agora recebi diz que temos um vírus no sistema, mudar a palavra santo-e-senha de forma a
doze caracteres, uma letra maiúscula, uma minúscula, três algarismos
eu encarnar o vento que te beija os lábios.


A FAMILIA BRAGANÇA TEM ESTADO EM TELE-TRABA
TEM CUIDADO DA HORTA E
DE IOGA
TEM FEITO
E DE AGUA



Contracurva Sara Anahory

Uma rapariga toca à campainha de um prédio comum, igual à maioria dos prédios nas partes antigas das cidades, bonito em tempos, agora a envelhecer sem cuidados. É um prédio de 3 andares, magro, quase se mede ao palmo, uma varanda de ferro por piso, a porta estreita e sem graça de um alumínio metido à força que nunca ali pertenceu, a campainha com alguns buracos no lugar de botões. A porta abre-se e ela entra. Lá dentro, dentadas sem-cerimónia nos degraus de madeira, paredes sujas disfarçadas pela falta de luz, melhor assim, e um corrimão descascado e peganhento.
"Sim?", uma voz vinda de cima. Ela olha e no patamar do primeiro andar um homem, jovem, jovem-homem, vinte e tais talvez, alto, moreno, camisa aberta, cerveja e cigarro na mão, calças largas, olha para baixo e sorri aberto ao vê-la.

"Desculpe, é engano, não é para aí, devo ter tocado na campainha errada", a voz temerosa, imediatamente incerta ao ver o olhar malicioso dele, a postura confiante, orgulhoso da sua generosidade, ocupando sem pejo todo o espaço. A rapariga leva um ramo de flores numa das mãos, é bonita, alta nos seus 19 anos, cabelos bem lavados, ondulados e compridos, uma saia acima do joelho com as pernas agora a tremer e as pontas dos dedos da outra mão, com nojo, apoiadas leve no corrimão.

A visita destinava-se a dois andares acima, onde vivia o seu namorado, nesse momento a estudar para os exames finais do curso de engenharia, provavelmente sentado à secretária, concentrado nos seus papéis e cálculos sem saber da sua chegada.

"Vou para o terceiro andar", atira ela, forjando firmeza na voz e à espera que ele voltasse para de onde saíra, como é que iria ela passar com ele ali?

"De certeza? Tens a certeza que não foi para aqui que tocaste?", visivelmente satisfeito com a aflição mal disfarçada dela, ele cada vez mais à vontade, se é que era possível, parecia que o seu corpo ia crescendo no minúsculo patamar.

A ela batia-lhe o coração sem saber como iria chegar lá acima. Pensou em sair do prédio e voltar a tocar à campainha desta vez acertando, mas por alguma razão não o fez. Não queria evidenciar nenhum tipo de constrangimento ou perturbação, queria fingir que não era nada de mais aquele corpo ali no meio das escadas, nada de mais aquela insinuação, nada de mais a ameaça disfarçada de convite. Na sua mente ele agarrá-la-ia sem rodeios assim que o tentasse contornar e à força seria arrastada para o terror do que deveria ser a sua casa, a ver pelo morador. Nada de mais a respiração acelerada e o suor na nuca.

Não queria evidenciar nenhum tipo de constrangimento ou perturbação, queria fingir que não era nada de mais aquele corpo ali no meio das escadas, nada de mais aquela insinuação, nada de mais a ameaça disfarçada de convite.

Reunindo coragem e traquejo inventado – "sim,, de certeza, obrigada" – inicia a subida firmando os pés noo chão e a mão no ramo. Alcança o último degrau do primeiro lance de escadas com suspeita ligeireza, engole em seco e segue, mais dez degraus, a última chance para afinar a indiferença ensaiada em segredo. Chegando ao patamar, o olhar displicentemente colocado num qualquer ponto de fuga ignorando a transparente e irrelevante presença, essa sim tranquila, quieta, expirando impassível uma grande passa, contorna num passo doble o corpo colossal e na última esquina, já quase transposto o perigo, o seu cotovelo roça leve, muito subtil, o tronco dele, na zona lateral junto às costelas. Um choque eléctrico trespassa-a fulminante espinha abaixo, barriga acima, o pé trava suspenso no ar antes de tocar o próximo degrau e, num impulso fugidio, roda a cabeça de soslaio por cima do ombro, a boca entreaberta e... cai o olhar turvo no vazio... surpreso, atordoado, ao encontra-lo já de costas a entrar em casa fechando a porta sem barulho. A estridência é só dela. Restam-lhe agora uns quantos lances para se recompor e baixar o volume.

Diante da porta do 3o andar, um fio de suor a escorrer-lhe da testa, ramo e cabelo agora desalinhados, toca à campainha, cada passo dele em direção à porta a desacelerar-lhe o ritmo do coração, mas o sangue ainda a ferver nas mãos em chama. O Paulo abre a porta, magro, franzino, as olheiras emolduradas pelos aros finos e prateados, o casaco de lã castanho a aconchegar o pólo engomado e um sorriso pálido e desnutrido, "olá, entra, estou só a terminar, dá-me uns minutos apenas", dirigindo-se num passo lasso para a sua secretária junto à janela.

De cabeça pendente ela senta-se no sofá baixo encostado à parede esconsa, ambos desajustados ao tamanho do seu corpo e do seu alvoroço. Dentro e fora gritantemente discordantes, sem no entanto disso tomar nota ou nada saber. Pousado ao lado o ramo murcho e nos joelhos as mãos quebradas, a desvanecer-se sem pensar o não acontecido.

Luz José M. Rodrigues

Voar baixinho

Diz-me as ruas da tua cidade e adivinhar-te-ei. Embora encerrados, pela memória e pela palavra, em papagaio de papel sobrevoamos o imenso silêncio. Depois a fotografia dos que conseguiram, como conseguem sempre, furar cada cerco, até o da educação do olhar. E atentaram no detalhe. Reparem como foram aos céus para nos mostrar a minúcia da solidão. O passeio ganhou conotações novas, descobriu esquecidas. Até as câmaras de televisão perderam nervosismo, respiraram. Lê-se o corpo do silêncio, ao alcance da mão. O calendário amachucou-se, está rasurado, até queimado, mas certos dias são mais dias que outros. Abril e Maio estão semeados deles, de memórias em que a rua se fez casa. Em nome de melhores dias. Andam trocados os compassos. De súbito, por exemplo, deixou de ser relâmpago, nasce agora em câmara lenta. Textos ou reflexões há muito feitas passam a fazer sentido. Passam por nós e acendem novos sentidos. Alguns continuaram nos afazeres respectivos e partilham vestígios do ensaio, do romance, da exposição. Outros correram a pensar as consequências (também atrás e mais adiante). Pelo riso seguimos, com o humor a marcar ritmos, a passear por nós, a mexer connosco, a pôr-nos a mexer. Olha: a gargalhada é o passo adiante, aquele dia de cada vez que nos enche as falas. As maneiras de narrar tentam rumos em contínua bifurcação, a suscitar decisões, a multiplicar possibilidades, a escapar do óbvio. Do tédio.

O calendário amachucou-se, está rasurado, até queimado, mas certos dias são mais dias que outros.

A
B
C
D
E
F

[A nespereira trouxe os seus frutos repentinos] Poesia Vasco Gato 278
Vivo no centro Fotografia Luísa Ferreira 279
Nas lonas Ensaio Rui Cascais 288
Sombra Escultura Edgar Massul 289
Estafeta Desenho João Fazenda 290
Dois sonetos Poesia Luis Manuel Gaspar 292
A gaivota Poesia João Paulo Esteves da Silva 293
Weird exposure Música Rui Garrido MULTIMÉDIA
O homem suspenso no vazio Crónica Pedro Caldeira Rodrigues 294
Um passeante Fotografia António José Caló 295
Passos perdidos Fotografia Alberto Picco 302
Jornal das 8/TVI Vídeo Miguel Bretiano, André Lico MULTIMÉDIA
O RNA do nosso descontentamento Crónica Pedro Cotrim 308
Dias que passam Fotografia Fernando Martins 309
A trela extensível Conto José Carlos S. de Almeida 312
Artéria principal Fotografia Graça Ezequiel 313
Dois contentores de lixo e uma surda-muda Crónica Ana Marques 321
Pequenas Histórias: Filhos de Anúbis Ensaio David Soares MULTIMÉDIA
Mudez Poesia Ana Freitas Reis Fotografia Bruno Ferreira 322
Alienopolis Desenho + Prosa poética Luís Carmelo 326
Maio, que duro Maio Crónica Viriato Teles 329
A revolução Conto Luís Bento 330
Sair à rua Desenho Gonçalo Duarte 331
Um café na rua Desenho + Crónica Mantraste 332
#quarentenaemrisco25A Desenho de humor Nuno Saraiva 334
Mãos Cartaz Tiago Galo 336
Cravo Desenho Carlos Guerreiro 337
Arriscado Desenho Francisco Vidal 338
Covid25 Desenho de humor André Carrilho 339
Confinamento Desenho de humor André Carrilho 340
Pandemia Desenho de humor Cristina Sampaio 346
Tudo quieto Animação Spam Cartoon MULTIMÉDIA
Abrir a gaiola Ensaio Luís Vilhena 352
Gripe Asiática Desenho de humor José Vilhena 353
Bartoon Tira cómica Luís Afonso 358
Incubus Ensaio Gomes/Thermann 364
Mat-lisaluv Música Matilde Lisaluv Brás MULTIMÉDIA
E os públicos da Cultura? Da fruição presencial e do lugar do digital Ensaio Paulo Pires 368
Representação Desenho Pedro Proença 369
Freud a caminho de Roma: uma inibição? Ensaio António Mega Ferreira 384
Cinco emergências, a partir de Stefan Zweig Prosa poética Clara Caldeira 388
Diário Pandémico Desenho Lourenço da Câmara Lomelino 389

[A nespereira trouxe os seus frutos repentinos] Vasco Gato

A nespereira trouxe os seus frutos repentinos
à reclusão dos meus olhos.
São proezas que agradeço,
embora desprovidas de destinatário.
A árvore eleva-se
dos elementos dispersos no subterrâneo,
condensando uma cápsula
de vida futura.
Quantos de nós não estarão
a fazer o mesmo
sob a película da letargia?
Coisas fundas ascendendo despercebidas,
à espera do momento
em que alguém as veja num movimento
tão desprevenido
como o meu ao sentar-me junto da janela
que dá para o quintal.
Do outro lado da casa,
as crianças gritam aos transeuntes
saudações que parecem precipitar-se
para a rua como grandes aves.
Receio e sorriso misturados,
um braço que se ergue para retribuir.
Somos claramente melhores
quando passamos por velhos conhecidos.

Vivo no centro Luísa Ferreira

P
P
Gelato

ARMANI/ DO CHIADO
GEOX
P
ARMANI/ DO CHIADO

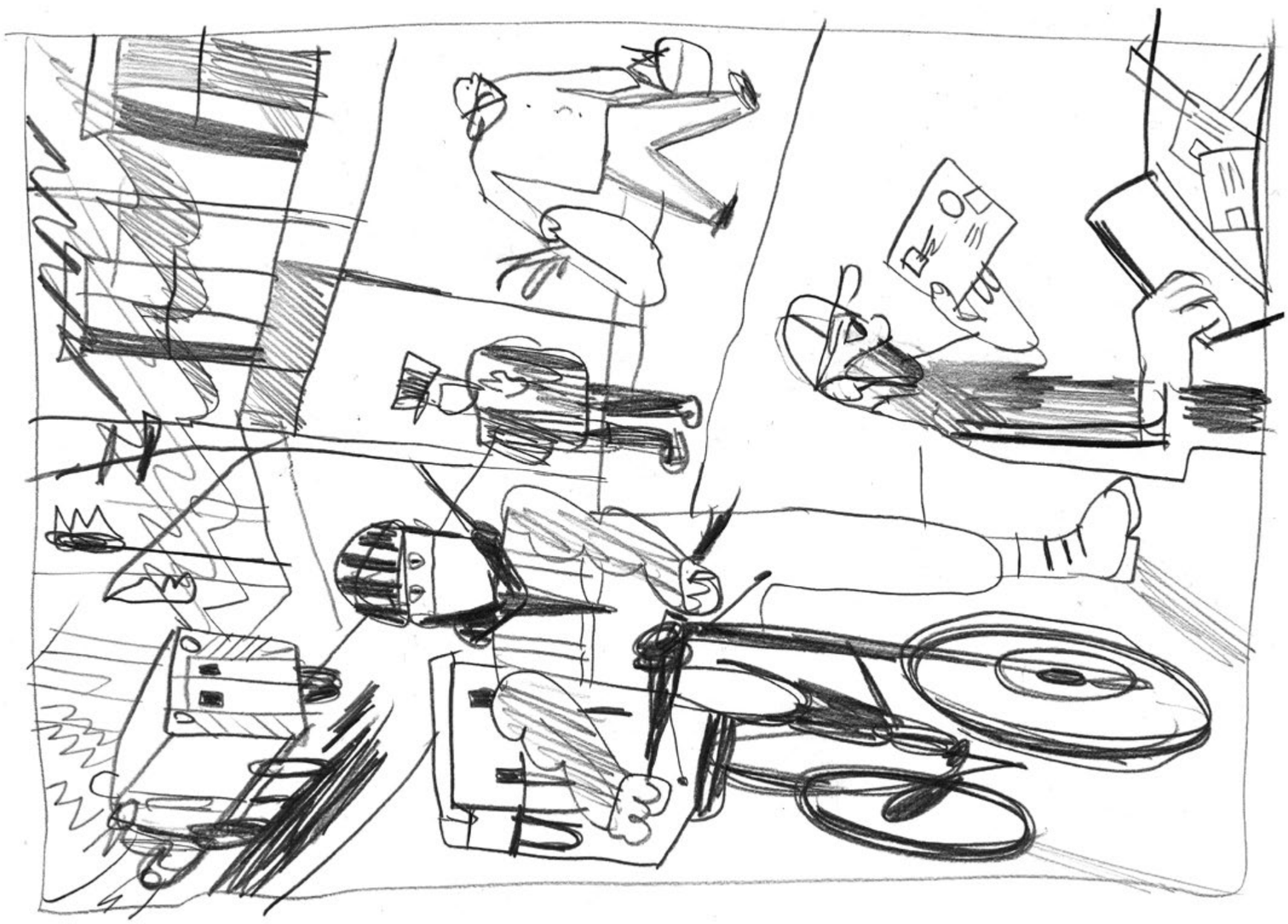
corona
FUCKED
YOUR
FREE
DOM

Nas lonas Rui Cascais

Ao perder abrigo pode parecer que se perde uma espécie irrecuperável. Deixar de ter abrigo é o fim de um mundo. Canções e lições se escreveram para esse fim. E então agora? Agora, abrigo portátil. O que significa um acréscimo de temporalidade. Uma percepção mais veloz de antigas canções. Maior velocidade. Velocidade menor. O desconforto actua de forma extrema sobre a temporalidade. Comprime e distende o tempo. O tempo torna-se meteorologia. Já não se sai de e se regressa a. O tempo torna-se linearidade pura. Fazer o abrigo, desfazer o abrigo.
Procurar abrigo de um dia para o outro. Todos os dias, ou quase. Ou quase. É difícil deixar um abrigo, mesmo precário.
Já não se olha para trás, como antes, ao olhar de frente. Nem agora se olha em frente.
Puro olhar que busca certas características. Não. Olhar impuro que busca certas características. Certas qualidades ligadas à presença mutante e mutante comportamento dos elementos. Os outros homens passam também a ser elementares. Na aplicação da lei. Escrita ou não escrita.
Ouve-se dizer de um caminho ou de uma rota. Encontram-se outros. Ouve-se.
Repete-se, talvez, o gesto do primeiro outro. Fica-se mais próximo? De o quê?
Parece que existe um trilho.
"O peregrino é um forçado", vê-se com alma poética. Não. Não se trata de uma peregrinação. Estes não são peregrinos. São forçados. Tudo é forçado. Tudo é mau teatro. Quem busca abrigo não oferece um espectáculo desejável. Não viajou de uma terra distante para maravilhar. Não chegou no momento esperado. Chegou fora de estação. Por isso não é bem recebido. Está de passagem. E a percepção dessa passagem é ajuizada com severidade. De fora, quem busca demora demasiado. Mas para quem busca só existe urgência. Dentro do que faz em silêncio existem sirenes ininterruptas.
Estar extremamente cansado. O cansaço é uma coisa que está sempre à mão. É o sinal de não ter abrigo.
Chegar fora de estação é outro sinal. O inverno, por exemplo, parece prodigalizar uma abundância daqueles que buscam. Há quem queira ficar em qualquer parte.
Qualquer parte serve. Quando qualquer parte serve, isso é um sinal. Sobre esse contentamento há canções antigas.
Nenhuma canção verdadeira é uma forma de entretenimento. É o que súbito se descobre. É-se súbito expulso para isso. É-se o tema.

Sombra Edgar Massul

Estafeta João Fazenda



Dois sonetos Luis Manuel Gaspar

I

Passo, impuro viajante, ao parapeito
da sacada, as pernas de um alvo lilás,
e daí ao véu dos vapores, às grades
no jardim do tabaco, ao eco da gare

Sobrevoo uma cabeça a céu aberto,
o refugo destes mastros sobre o vau
com o som da voz vidrada pelo fumo.
Arrefece-me o caminho, a artéria estala:

Fui fisgado como um peixe na desova,
o esperma coado à luz do reposteiro —
irada a nuvem, erodida nos dentes
em contemplação. Estratos à retina?

Nimbos rosa que se animam no biombo,
largo voo atrás das minas de carvão

II

Posso ir muito bem de camisola grená
se acontecer. Se agora a rosa resvalasse
nos grampos do asfalto e dispersasse o peixe
pela gare até às cinzas. Alguma coisa,

a modesta fumarola, as tábuas nocturnas
tão mal pregadas ao caderno. E vi o mar,
a primeira fornada, o pez entre os palheiros.
Co'a mina gasta resguardei a pimenteira:

A grade rodada em ruína, a sombra dos gatos
no areão. Colo retratos em vidraças,
o rio decantado, o vapor na varanda

Um estrondo apaga os vultos da nossa paragem.
Vêem da rua eclodir as persianas,
e as maçãs que eram pra dar se perdem no gelo

A gaivota João Paulo Esteves da Silva

A gaivota

Está um lindo dia para brincar com o vento
quem dera fosse sempre assim, regular e tenso,
ideal para planar de costas e depois, que delícia!
com um ligeiro mover de asas, parar no ar,
e ficar a ver a margem da cidade lá em baixo,
deserta, já sem turistas, o chão limpo,
uns raros transeuntes a trote, dois freaks, um cão,
aquele tipo careca a tirar fotos a poças d'água.
Sinto-me mesmo bem, parado, aqui em cima.
E tenho comido menos lixo, ultimamente;
até reaprendi a pescar, e não me queixo,
sinto o hálito mais fresco, a peixe fresco.
Por mim, ficava aqui em cima para sempre,
a ver a cidade vaga, olha! o cão dos freaks
teve agora um ataque de loucura, e
atacou um grupinho de gaivotas pousadas.
Que se avenham, o dono do cão que as salve.
Não se pense que há amigos entre gaivotas,
cada um por si, somos um mar de solidões.
E se formamos bando, é sem ternura,
é só porque estamos programados para isso;
a solidão mantém-se. Roubamos ovos uns aos outros
e só não comemos os próprios filhos, enfim,
a verdade é que, às vezes, comemos os próprios filhos.
Este rio é das coisas mais belas, sem homens;
e está um dia lindo para brincar com o vento.

(07/04/20)

Na prisão das laranjas,
deixa-se o corpo lá fora;
entram só correntes de ar
e pássaros quase extintos.

Marés doces, abstractas,
sobem e descem com a hora.
Angústias secam nos estendais;
a eternidade e o tempo querem casar.

Vivemos mais, agora, que morremos,
por assim dizer, um pedaço;
depois, com a vida deixada nos portões
ainda havemos de voltar a discordar.

Será a altura de bendizer as letras
e as imagens que tiveram as saudades
em standby, ali ao pé, válvulas quentes,
prontas, no lado de fora do laranjal.

(21/03/20)

O homem suspenso no vazio Pedro Caldeira Rodrigues

Um passeante António José Caló

Há dias, no auge do confinamento, começaram a erguer uma grua frente à janela da sala que dá para o rio. Terá a altura de um prédio de 20 andares. Um processo de montagem complexo. Por fim, lá no alto, entre a estrutura rendilhada, surgiu um pequeno cubículo, suspenso no vazio, onde alguém iria manobrar o monstro de ferro. Um dia depois, o espaço estava ocupado. E a grua girava altiva nos seus 360 graus e com a sua longa lança com dezenas de metros, alimentando de diverso material os operários em construção.

O seu nome técnico é guindaste de torre, diz-se que pode levantar até 18 toneladas, em movimento horizontal ou vertical. No final do dia, saiu do pequeno cubículo o manejador. Um negro, de gorro azul. Começou a descer as escadas interiores da grua, em direcção a terra firme. Uma silhueta minúscula vinda de uma altura descomunal. Um malabarista com coragem. Todos os dias pela manhã cedo, com chuva, com vento, com sol, sobe as dezenas de escadas interiores do monstro, e no final da tarde regressa a terra firme, em sentido inverso. Um jogo diário, um desafio diário, um abismo diário.

Altivo, dominador, alheado da pandemia, do coronavírus, do medo que alastrou pela rua e pelos corpos, refugia-se no seu cubículo de onde maneja a torre de ferro, onde se alimenta, onde por vezes descansa. A sua missão, o seu sustento, o seu salário, a sua sobrevivência são a prioridade.

O seu espaço vital protegido por ferro e vidro imuniza-o a qualquer ataque. Em seu redor, esvoaçam gaivotas, andorinhas, que como ele ignoram as vertigens. O ar é puro, quase rarefeito. Por vezes dobra-se para acertar no local onde deve erguer, ou deixar, o material de construção. Um dia inteiro assim, tantas horas assim, e o dia a passar, lentamente.

O operário malabarista não tem espaço ou tempo para refletir nessa guerra invisível que os poderes declararam a um vírus microscópico e que obrigou ao confinamento de metade do mundo.

Permanece, coerente, recôndito, na sua linha da frente. Alheado de qualquer sobressalto de pandemia. Não se sabe de onde vem, se tem família, quanto recebe, onde dorme, o que come, porque se arrisca assim.

É dono desse segredo, homem solitário que todos os dias sobe ao seu claustrofóbico céu. Sem máscaras, sem luvas, sem desinfetantes, sem proteção. Apenas com o seu gorro azul.

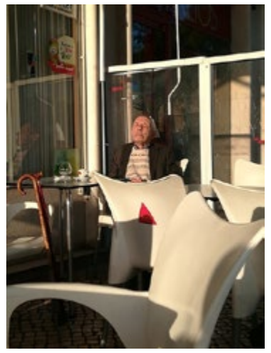
Lá em baixo, reina o medo, o distanciamento, o triunfo de novas tecnologias, o anunciar de uma nova forma de vida, ou os apelos para salvar uma civilização que caminha para o apocalipse, o limiar da extinção. Tivesse asas e jamais se arriscaria em terra.

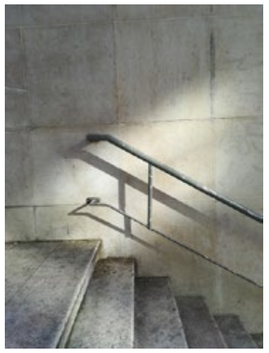
Lá em baixo, alastra a miséria. Diz-se que no rescaldo desta crise, e por entre novos exércitos de desempregados e deserdados, a natureza humana sairá mais apurada, para o melhor ou para o pior. Que o meio termo pode soçobrar nessa promoção de uma nova condição.

O operário malabarista, o operário em construção, está alheio a toda essa avalanche de alarmes que se apoderou do mundo. Ignora as reações das sociedades face à pandemia/epidemia. As medidas que coartam as liberdades em nome da saúde pública e que não serão devolvidas de bom grado por muitos senhores do mundo. A normalização das medidas de execeção ou calamidade, a possível habituação a esse estado de coisas.

A sua vida poderia ficar sempre assim. Na sua grua. Sem plataformas numéricas que o persigam, sem receio das diversas tecnologias que possam conduzir a uma nova forma de domínio absoluto pelo controlo das mentes, ignorando o crescente poder das grandes corporações tecnológicas ou de indústrias farmacêuticas, o fim da privacidade, as consequências geopolíticas da crise, os perigos de novos totalitarismos. No seu pequeno e altivo castelo, onde passa tantas horas por dia, sente-se protegido.

Num admirável novo mundo que desponta e onde tudo parece ser possível, onde a internet entrou nas casas, nas vidas, e englobou os humanos numa mesma rede universal apoiada em novas vigilâncias que incluem reconhecimento facial, o humilde operário malabarista, o operário em construção, encontrou o seu reduto de liberdade.

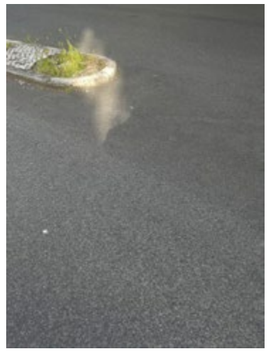


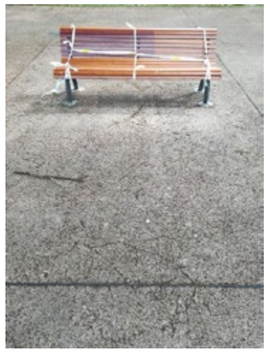


ZARASTRUSTRA

SINTO-ME
AMOR

Moedas
Coins
€

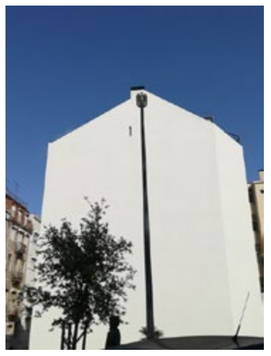
Farmácia


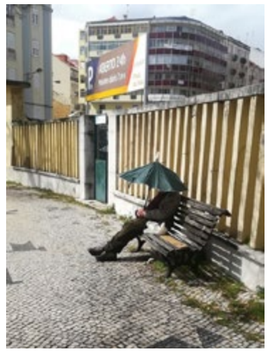


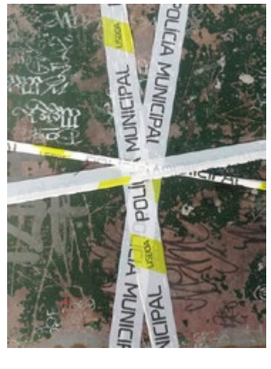
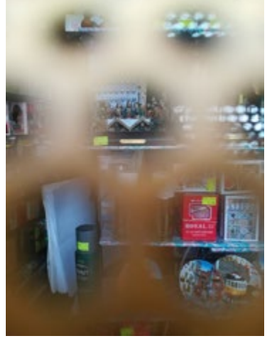
AGUARDE A SUA VEZ

PROPRIEDADE PRIVADA
ACESSO E PERMANÊNCIA PROIBIDAS

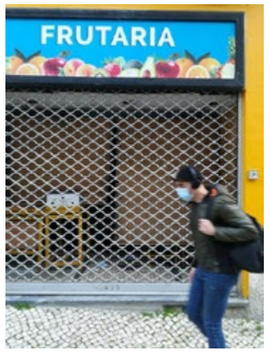
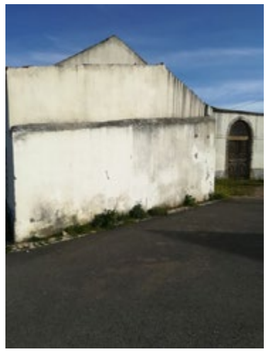
FECHADO

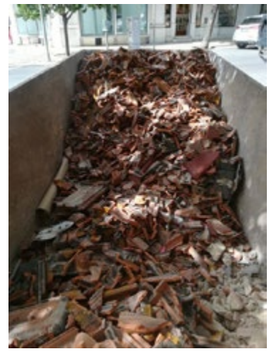
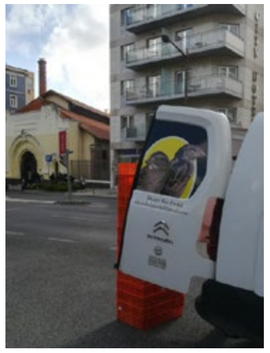


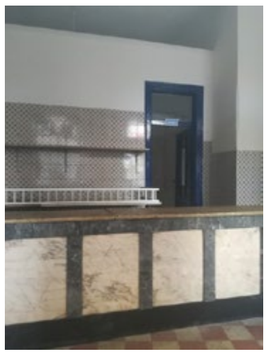


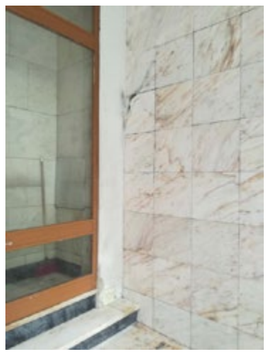

POLICIA MUNICIPAL


COMPRO OURO USADO
VENDA OURO USADO


FRUTARIA






Passos perdidos Alberto Picco

Eu, como fotógrafo, não ouço as histórias das pessoas, mas das paisagens e dos lugares, das árvores e dos edifícios, que têm muito a dizer sobre nós e a nossa civilização.

A minha contínua observação da cidade sofreu uma paragem abrupta, aliás como tudo o resto a que estava habituado neste contemporâneo vai e vem.

No último fim-de-semana anterior à ordem de confinamento, devida à pandemia universal do Covid19 (princípios de Março de 2020), ainda consegui realizar alguns apontamentos visuais de Lisboa e dos lugares e paisagens sobre os quais me vou debruçando. Notas essas em que a cor, estando ainda explicita, permite já vislumbrar um afastamento.

Nas semanas subsequentes e durante 45 dias, a paisagem que me rodeia transforma-se num preto e branco contido e triste.

Apesar de continuar a retratar a cidade, uma parte dela, suburbana, os apontamentos realizados dizem respeito às poucas deslocações que me são permitidas em situação de estado de emergência e confinamento obrigatório. Uma ida à procura de bens alimentícios, ou à farmácia, ou à bomba de gasolina. Ou então um breve passeio "higiénico" à volta de casa.

Hoje já me permito voltar a ver as cores do meu entorno urbano, as imagens do parque verde que tenho ao pé de mim são disso testemunha.

Este estado de espírito no meu pensamento permite-me sonhar com uma realidade, se não de regresso àquela perdida, pelo menos de outra menos concentracionária.

AQUI

O RNA do nosso descontentamento

Pedro Cotrim

Pandemia. Vem do grego, já sabemos. Microscópio e galáxia também, e o que nos importa é uma cura, administrada por via láctea ou endovenosa. A epistemologia perde importância nestes dias de que a biologia se assenhoreia. O léxico que usamos incorpora agora termos e expressões de pouca monta noutros tempos e a linguagem modificou-se entre a. v. e d. v. Imunidade, soro, curva exponencial, distanciamento social, etiqueta respiratória e mais alguns rótulos biológicos e de comportamento. Será afinal a língua a permitir a conduta e a ciência, comunicando-lhes o que deve ou não ser. A política e a medicina alavancam-se nestas e nunca poderia ser doutro modo.

A língua está na raiz de tudo mas não gera qualquer vírus. Aparecem palavras complicadas para classificar este ser que nem bem vivo é. Não vive, logo pode ser. Pode ser tanto ou mais que um calhau de granito, que também não vive, no topo da Serra da Estrela. Nunca se mexerá, apesar da sua energia potencial de muitas toneladas a dois quilómetros de altura, assim desaparecesse a cordilheira. O vírus, ínfimo e à flor das cidades, consegue dissipar a sua energia em quinhões de teimosia.

Envelopes sobre ácido ribonucleico e desoxirribonucleico fazem os vírus. Parece mais difícil do que é. Crick, Watson, Wilkins e a parte da cristalografia de Rosalind Franklin, esquecida pela Academia Sueca, explicaram há sessenta anos os elos das hélices que se enlaçam. Modelos que parecem brinquedos para explicar a essência da genética quase sugerem que a vida não é mais que um parque gigante feito de lego, e porventura não é mesmo. Watson vive esta pandemia com 92 anos feitos em Abril. Os outros já eram sem nunca virem a deixar de ser e Franklin morreu antes dos quarenta e do Nobel, que apenas deixou de poder ser póstumo em 1974, com o corona do século XX: o cancro, que já foi «o grande cê». Cê nos ovários da cientista, glândulas que os outros não tinham. Atavios de tempos de feminismo na sombra. Quem consultar os arquivos de história da ciência pode soltar um palavrão começado por cê pela pouca fortuna da senhora e pela forma como um dos laureados desvalorizou o seu trabalho de um modo patibular. E talvez insulte o ilustre com outro palavrão igualmente começado por cê.

Cê de corona. Abecê elementar. Percebemos que é a gramática a fechar-nos em casa. Abecedamo-nos com leitura em todos os suportes, fugindo às novas terríveis pelas artes que já nos agradavam ou descobrindo outras. Estado de emergência ou de calamidade? Calamidade pode zumbir como um substantivo de grau maior que o anterior e parecendo mais colectivo que emergência. Uma emergência é uma casa a arder, uma calamidade é um oceano contaminado, mas os *media*, vocábulo que também dá pano para mangas, asseguram-nos que na vida deste quotidiano assim não é.

A ciência e as recomendações são transmitidas via verbal, seja oral ou gestual, e nunca víramos tanta desta última como nestes últimos dias. Fiquem em casa também é simples; é universal sem margem de erro. O bom acaso e porventura a sazonalidade do vírus trouxeram-nos confinamento numa parte chuvosa e ventosa do ano. Se o tivéssemos naqueles meses em que podemos dizer nove da tarde sem mentir, com o ar e o chão a darem-nos à pele e às solas a quentura do sol que entretanto até pode ter fugido para as Américas, teria sido mais duro. Mas os dias quentes estão prestes a chegar e sentimos mais emoções com o calor, diz-nos o rigor dos estudos. Vontade de sair haverá aos borbotões. A cerveja ou o capilé com os amigos precisará de reflexão anterior para prevenir uma soma de ressacas, uma vez que o que era contagiante pode tornar-se contagioso. É pena e não há trevo de quatro folhas que valha. Seguremo-nos e não acorramos à primeira tentação. Levanta-se a voz de emergência mas os cuidados permanecem todos cá em baixo, uma vez que os números sobem ainda com uma temeridade alpina.

É a gramática a fechar-nos em casa. Abecedamo-nos com leitura em todos os suportes, fugindo às novas terríveis pelas artes que já nos agradavam ou descobrindo outras. Estado de emergência ou de calamidade?

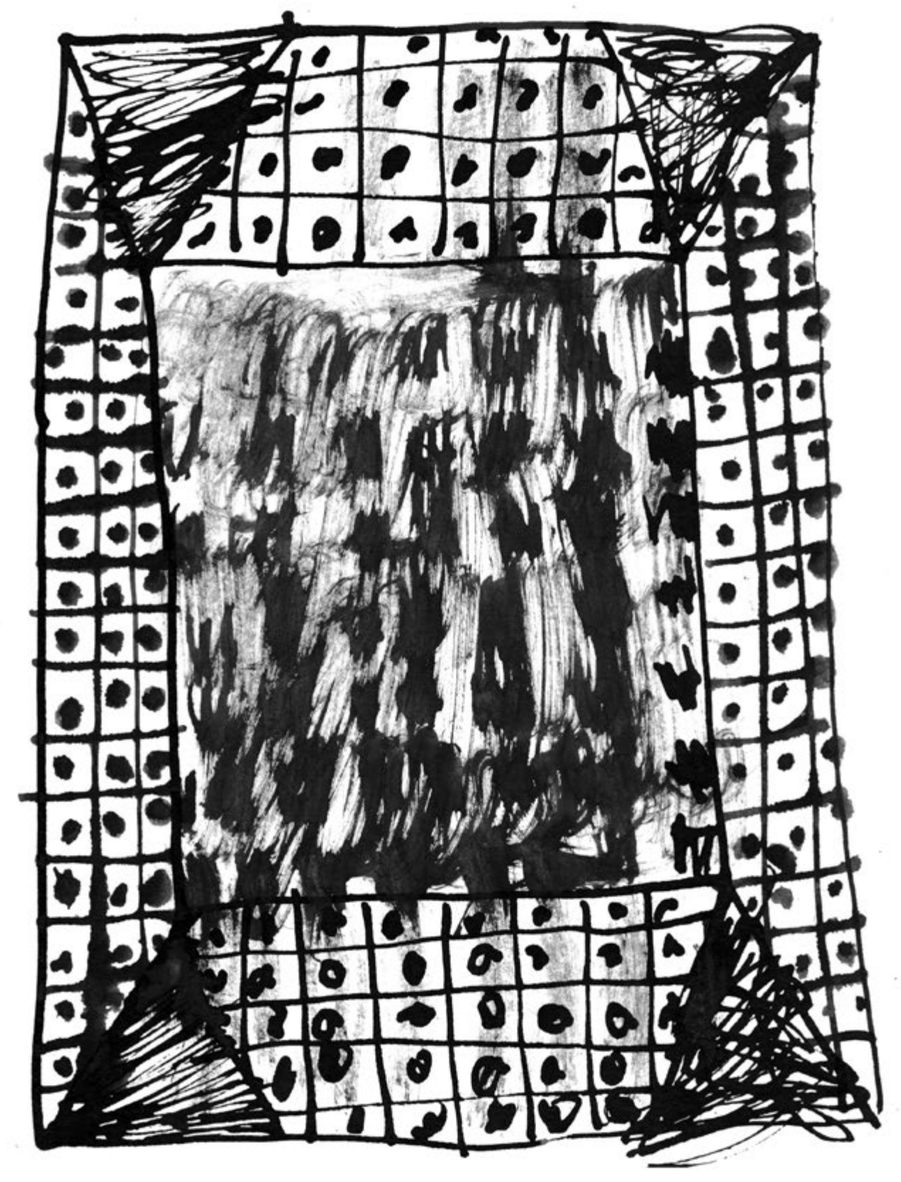
Não se vêem miúdos a jogar à bola, mas já não se viam há muito. Desaparecidas as brincadeiras de rua ainda antes do século XXI, a sua ausência parece agora mais notada com a solidão citadina, até porque o espaço preto entre as faixas brancas dos passeios tem agora poucos carros e convida todos à futebolada. Não dá, as primeiras regras que os anos vinte nos impuseram não permitem chutos nem pontapés em grupo, muito menos cargas de ombro. As portas entaipadas das lojas também impediriam as malandrices brandas dos que andaram pela rua. Não há putos de Altino nem de Soeiro nem de Romeu Correia nem de Manoel de Oliveira em lado algum. A bola colorida de Gedeão e Freire ganha pó no chão de um quarto onde se fecha uma criança. Tudo está deserto e há natureza que percorre de novo a cidade, onde pássaros estúpidos esvoaçam e nossos irmãos por serem igualmente mortais. O planeta respira? Brevemente, pelo menos. Tivessem as nossas mitocôndrias sistema nervoso e estariam afogadas em serotonina.

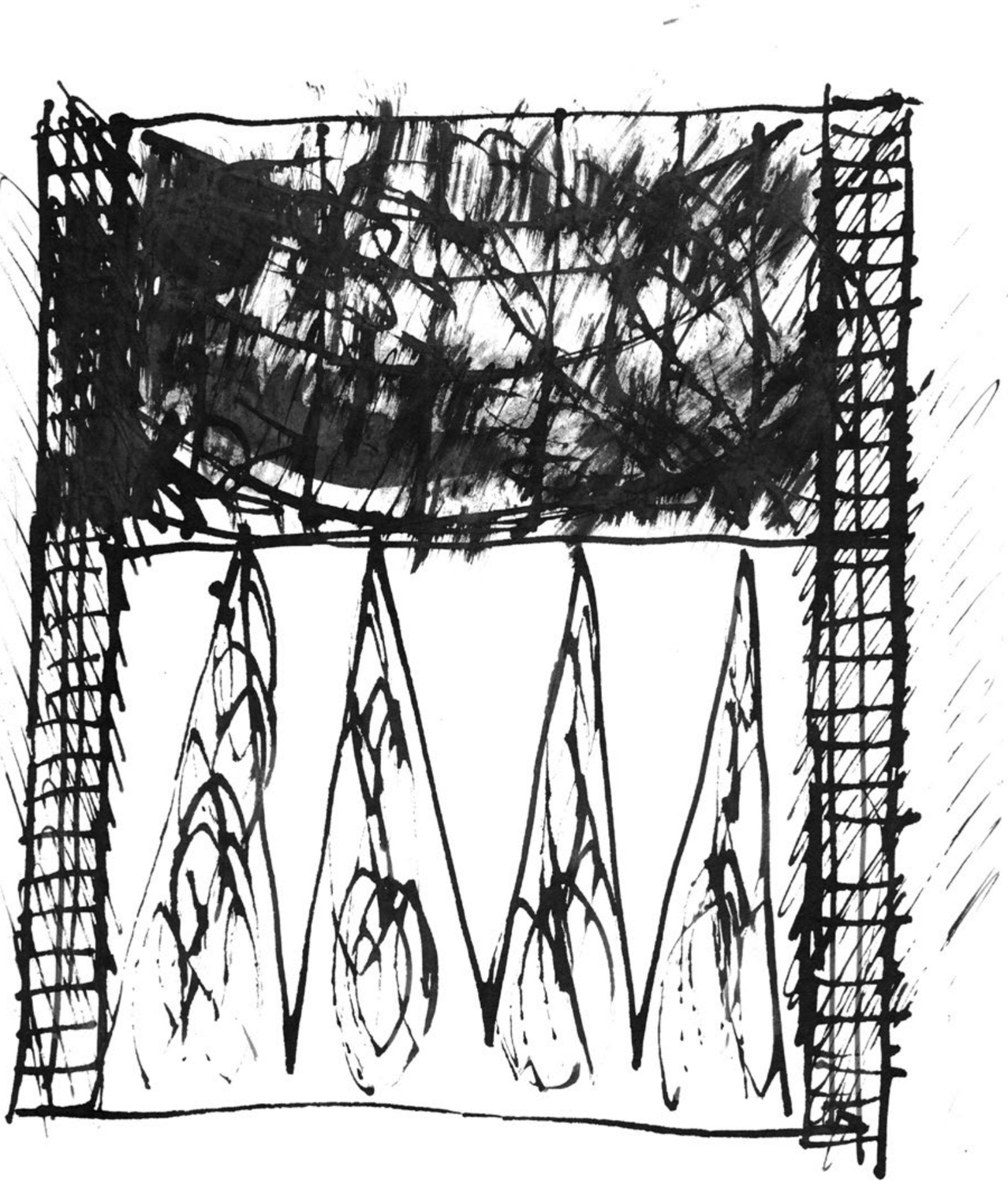
De resto, economia, saúde, doença, morte, miséria, desemprego, constrangimento são entradas de uma matriz sombriamente colorida pelo coronavírus. É difícil saber o que está certo e mais ainda dizer que o outro está a actuar bem; talvez a boa informação nunca tenha sido tão essencial e a limpidez das fontes nunca tenha estado tão à prova. Demovam-se de vez as «fake news», um par de anglicismos horrorosamente ainda não consagrados em português. Cautela, sensatez e ausência de preconceitos serão ainda mais essenciais nos tempos que se seguem e em que teremos de actuar muitas vezes contra o que nos diz a nossa natureza. O conhecimento está a tentear a situação e teremos de aguardar o que nos diz quem se dedica aos estudos da minúcia. A ciência avança, mas desconhecemos a sua passada e ainda não há cura, vacina ou vaticínio seguro para o que nos rodeia agora. Entre o mais leve que o ar dos dois irmãos franceses e o mais pesado que o ar dos dois irmãos americanos decorreram cento e vinte anos. As coisas podem portanto demorar e um comboio pode esconder outro até chegarmos novamente à gama alta da felicidade. São insondáveis os caminhos das senhoras e dos senhores e teremos de ser pacientes sem abdicar de viver com todas as ganas.

Defendamo-nos, percebendo os limites da nossa actuação perante uma situação que ainda não admite limites.

Dias que passam

Fernando Martins





A trela extensível

José Carlos S. de Almeida

A Dona Belarmina, viúva, moradora da Praça da Alegria, em Lisboa, adquiriu um cãozinho cinco anos após o falecimento do seu saudoso companheiro. Estiveram casados mais de quarenta anos e, como não tiveram filhos, a súbita morte do marido fez abater sobre a Dona Belarmina uma onda enorme de solidão que estava prestes a afogá-la. Recordou-se, então, do avisado conselho do seu Paulino: «Se eu partir primeiro, compra um cão para te fazer companhia.» Belarmina não suspeitava que o conselho do marido apenas pretendia evitar que o seu lugar pudesse ser ocupado por outro; imaginava que um cão bastaria para afugentar qualquer pretendente que, face à viuvez de Belarmina, se visse acirrado para a conquista ou reconquista, nunca se sabia.

Porém, Dona Belarmina apenas queria afastar a solidão. Além disso, também se apercebera que muitas das suas amigas tinham animais de companhia. Foi neste contexto que se decidiu pelo *Piruças*, um irrequietd caniche, cujas traquinices muito divertiram a sua dona nos primeiros tempos. De tal maneira ria com ele e por causa dele que chegou a temer que se estivesse a exceder para lá do que era publicamente recomendável, tendo em conta a sua condição de recém viúva.

O *Piruças*, como qualquer cão traquinas, gostava muito de correr. Quando se apanhava no jardim, à tarde, o *Piruças* divertia-se correndo atrás dos pombos, dos gatos e, obviamente, atrás de outros cães. Dona Belarmina tentava em vão acompanhar essas correrias. E, ofegante, acabava a chamá-lo o mais alto que podia, tentando fazê-lo regressar até junto de si. Até porque o *Piruças* se distraía muito facilmente e não reparava nos carros que circulavam junto do parque. Por várias vezes, Dona Belarmina ficou sem pinga de sangue ao assistir a travagens súbitas e violentas dos automóveis, evitando atingir o *Piruças*.

A chiadeira dos pneus no asfalto era como que um uivo angustiante que Dona Belarmina decidiu não mais ouvir. Foi por isso que resolveu adquirir uma coleira e uma trela eficazes, que evitassem essas situações. Mas, como também era incapaz de impedir o seu *Piruças* de fazer o que mais gostava, que era correr, teve que optar, aconselhada pelas suas amigas, por uma trela extensível, o último grito neste tipo de equipamentos. E fez questão de pedir na loja da especialidade, a maior trela extensível que tivesse. Mesmo que fosse para um pequeno cão como o *Piruças*. Belarmina, levando consigo, ao colo, o *Piruças*, explicou de forma categórica o que pretendia, usando um tom de firmeza aristocrática com pergaminhos que abafou os risinhos dos empregados da loja que, entretanto, tinham parado para escutar melhor aquela estranha cliente.

«Eu quero o que houver de melhor em matéria de trelas extensíveis. O melhor, quer dizer, o mais seguro e com mais alcance.»

O próprio dono do estabelecimento, «Aires – acessórios para animais de companhia e outros», fizera questão de a atender. Fixou as mãos abertas em cima do balcão e apoiou o corpo nos braços, um pouco inclinado sobre a cliente, mas acabou por recuar ligeiramente face àquele pedido. Quer dizer, face àquela ordem. Depois dirigiu-se ao computador.

«Acho que temos o que pretende. Acaba de sair. Mas tem de vir de fora... Da China!» E continuou a teclar rapidamente, meio oculto pelo monitor da máquina. «Su-zen La... trelas extensíveis infinitas... Su-zen La, Xangai.» Parecia um feiticeiro, a debitar uma fórmula mágica, num dialecto desconhecido. Depois soltou uma gargalhada. «Infinita? Uma trela infinita?... Esta publicidade exagerada...» Mas Dona Belarmina não se deixara impressionar.

«Desde que corresponda àquilo que eu quero, até pode vir da... Rússia. Quero a melhor trela extensível que existir no mercado! Pode ser infinita, como eles dizem...»

Os ajudantes aproximaram-se por detrás do patrão e foram espreitando, curiosos, os resultados da busca na internet por trelas extensíveis, pelo melhor que houvesse em matéria de trelas extensíveis.

A chiadeira dos pneus no asfalto era como que um uivo angustiante que Dona Belarmina decidiu não mais ouvir. Foi por isso que resolveu adquirir uma coleira e uma trela eficazes, que evitassem essas situações.

Isto foi o que a Dona Belarmina tinha como explicação aceitável, porque era incapaz de confessar que não tinha conseguido resistir à trela extensível que vira ser usada por uma sua amiga, a Dona Efigénia. A Dona Belarmina conhecia a Dona Efigénia desde os bancos da escola. E sobre as relações entre as duas não se pode dizer que fossem as melhores. Chegaram até a disputar o mesmo rapaz, com vantagem para a Dona Efigénia que o conseguiu conquistar e, por fim, casar. Embora aqui se deva dizer que a Dona Efigénia casou com ele, por temer que se o largasse a Belarmina o pudesse agarrar. Só descansou um pouco quando Belarmina casou com Paulino. Porém, Efigénia achava que a Belarmina, a invejosa Belarmina, nunca se esquecera dessa disputa. Havia, por isso, uma guerra antiga, um clima de guerra surda entre as duas. E, quando a Efigénia apareceu no jardim com uma trela extensível, Belarmina nunca mais sossegou até descobrir onde se vendiam e acabar por comprar uma. Claro que tinha de ser a melhor. E a maior que havia. E a mais cara! Desconhecendo que uma encomenda destas, vinda da República Popular da China, poderia ser fatal. Como foi. Como veremos.

Artéria principal

Graça Ezequiel

A trela extensível chegou passadas duas semanas, duas angustiantes semanas. Nesse dia, a seguir ao almoço, Dona Belarmina anunciou às amigas, fixando especialmente a Dona Efigénia, que ia ao fim da tarde à loja, ao estabelecimento «Aires – acessórios para animais de companhia e outros», buscar a trela extensível para o *Piruças*. «A trela extensível que veio da China?», perguntou uma das senhoras. Dona Belarmina confirmou, como se outra trela vinda de outro sítio do mundo fosse inapropriada para o seu cãozinho. «Para o meu *Piruças*, só mesmo produtos da China! Da China, mas mesmo de Xangai, não de uma loja dos trezentos!» As amigas concordaram, acenando com a cabeça. A Dona Efigénia fingiu que não tinha ouvido. A Dona Belarmina agarrou-lhe o braço: «Já sabe?... Vou buscar a trela extensível do *Piruças*! A trela chinesa!» A Dona Efigénia resmungou que já tinha ouvido, que ouvia bem, muito bem, que não era surda.

Ora *Piruças* nunca tinha sentido no seu pescoço uma coleira e manifestou com rispidez a sua estranheza, nos primeiros dias. Depois, habituou-se.

Dona Belarmina fazia questão de lhe repetir, para que todos ouvissem:

«Bem, *Piruças*, é uma coleira e uma trela Su-zen La, feitas em Xangai! Nada de imitações, que gastei mais de 400 euros!»

E, segurando no *Piruças*, olhava à sua volta, observando o efeito das suas palavras. As amigas já as conheciam de cor e algumas já nem podiam ouvir os gritinhos esganiçados de Dona Belarmina, chamando o *Piruças* e elogiando as qualidades técnicas da trela extensível *made in Xangai*, adquirida na loja do senhor Aires.

Durante muitas tardes, o *Piruças* divertiu-se, apesar daquela situação estranha à volta do seu pescocito, mais do que era costume, utilizando a nova trela extensível. Mercê da sua extensibilidade enorme, o *Piruças* podia deslocar-se cada vez mais longe, saindo do campo de visão da sua dona. Esta, contudo, estava descansada: no folheto de apresentação das coleiras e trelas Su-zen La, falava-se duma capacidade quase infinita, testada nos opositores do regime, nomeadamente no tempo do bando dos quatro.

Mercê da sua extensibilidade enorme, o *Piruças* podia deslocar-se cada vez mais longe, saindo do campo de visão da sua dona.

«Bando dos quatro?», questionou a Dona Zeca, outra das amigas.

«Ora, deve ser uma matilha!... Ou uma raça nova... Uma raça chinesa... Chinesa da China!», esclareceu a Dona Belarmina. E todas concordaram, acenando com a cabeça.

Todas as instruções estavam escritas em inglês, traduzindo os caracteres chineses, em mandarim, para ser mais preciso. Dona Belarmina compreendia muito mal o inglês e tudo aquilo lhe parecia muito estranho. Achava que aquilo da capacidade infinita era mera publicidade; já quanto ao facto de as trelas terem sido testadas nos opositores do regime maoísta, isso era-lhe completamente incompreensível. Mas bastava-lhe olhar para a aparente alegria do seu *Piruças* brincando para se desligar dos problemas de tradução do folheto de instruções da coleira extensível. Afinal, era esta a causa da mais recente boa disposição do seu fiel companheiro. Não era isso o mais importante? O regime maoísta só podia ser uma coisa boa.

Porém, um dia, o mais inesperado acabou por acontecer. Dona Belarmina, como era costume, tinha jantado frugalmente. À noite bastava-lhe um prato de sopa, que, por vezes, partilhava com o *Piruças*. Nesse dia, *Piruças* recusou o resto da sopa da dona. E, quando Dona Belarmina se instalou na salinha, diante da telenovela, o *Piruças* desatou a correr, primeiro às voltas na sala, depois percorrendo todas as divisões da sala. Dona Belarmina estranhou aquele comportamento e chegou a pensar que o seu cãozinho tinha comido alguma coisa que lhe tivesse feito mal. Só que o *Piruças* parecia cada vez mais desvairado, na sua corrida desenfreada. Em vão a dona o chamava. *Piruças* parecia desligado de tudo, apenas preocupado em correr cada vez mais depressa. Era como se não estivesse a correr por vontade própria, mas estivesse a ser puxado de forma violenta. Belarmina estava a ficar assustada e, apesar de estar agarrada à trela, segurando-a com toda a força que possuía, sentia que o seu cão ia sair de casa disparado, impelido por uma força estranha. Uma força centrífuga, o pior que pode haver, imaginava.

Até que, continuando a trela a desenrolar-se furiosamente, Dona Belarmina deixou de ver e ouvir o seu *Piruças*. Sabia, por ter lido nas instruções, que depois de muitos metros a trela, normalmente, estacava e já não se estendia mais. Contudo, sentia que algo de estranho se estava a passar. De facto, naquela noite, a trela não parou de se desenrolar. Magicamente, parecia uma trela infinita, como anunciava a publicidade. E o cão nunca mais voltava. A noite avançava e o *Piruças* não regressava. A Dona Belarmina bem o procurou e chamou, mas nada. Até que resolveu suspender as buscas e voltou, mergulhada numa profunda tristeza, para o seu quarto, com a pega da trela na mão. Ainda olhou para o pratinho onde o *Piruças* comia e os seus olhos não conseguiram reprimir as primeiras lágrimas dessa noite. Deitou-se e custou-lhe adormecer, a pensar por onde é que o seu cão andaria. Se estaria bem, se teria um sítio para dormir, se teria comido qualquer coisa. Na sua mesinha de cabeceira poisou, ao lado do copo com a placa, a pega da trela extensível. Tinha a certeza de que acordaria se a trela se mexesse.

No outro dia, mal acordou, caminhou para a cozinha, na esperança de que o seu cão tivesse voltado. Tinha-lhe deixado a porta aberta do quarto, com essa intenção. Chamou o *Piruças*, mas nada. Mas ficou surpresa quando viu que o comedouro estava vazio. O *Piruças* tinha lá estado durante a noite!

Nos dias que se seguiram, custou-lhe muito sair à rua e enfrentar as perguntas das amigas que queriam saber do *Piruças*. Não era capaz de lhes contar a verdade, pelo que lhes foi dizendo que o pobrezinho estava doente, com uma arreliadora inflamação gástrica, doença que conhecia em pormenor por ter estado na origem do problema de saúde, mais grave, que lhe levou o marido. Efigénia pareceu desconfiar da explicação, mas Belarmina já não reparava nos olhares frios e acusadores da outra. A ausência do *Piruças* era mais que suficiente para lhe ocupar a alma, afogar-lhe qualquer outro sentimento.

Até que, continuando a trela a desenrolar-se furiosamente, Dona Belarmina deixou de ver e ouvir o seu *Piruças*.

Durante várias noites, o comedouro foi sendo enchido e no outro dia estava vazio. Mas era em vão que a Dona Belarmina tentava surpreender o seu cão, ou porque nunca chegava a vê-lo, ou porque adormecia antes da sua aparição, ou porque acontecia ele aparecer quando ela tinha que ir à casa de banho. Na noite em que conseguiu, finalmente, ficar completamente desperta, muito à força de um café duplo que lhe deixou o coração a palpitar tanto que esteve prestes a chamar por socorro, o *Piruças* não apareceu. E assim também aconteceu na noite seguinte, até que a Dona Belarmina desistiu de ficar acordada, emboscada numa cadeira ao lado do frigorífico, não fosse o *Piruças* deixar de se alimentar, devido à sua presença entrincheirada.

Essa mudança de estratégia não veio alterar nada. O Piruças parecia que já não conhecia o caminho de casa, o que não deixava de ser estranho, pois bastava seguir a trela. A pega desta continuava poisada junto ao comedouro, como se fossem peças do passado, dum passado agora dolorosamente feliz.

Por fim, um dia, a Dona Belarmina, morta de saudades do seu *Piruças*, resolveu puxar com mais determinação a trela extensível. Estava disposta a não parar enquanto não aparecesse o seu *Piruças*. Esteve assim durante horas, como se fosse um pescador a puxar a sua cana de pesca, a enrolar a linha. Esperava ser compensada por abundante pescaria. Quando pensava que ia aparecer o seu *Piruças*, um pouco mais magro por ter deixado de comer todos os petiscos que a Dona Belarmina lhe arranjava e lhe deixava à noite, saltou-lhe na cozinha um canzarrão enorme que ladrou furioso. Vendo que quase nada estava no comedouro, abriu a boca e, sem mastigar, engoliu a Dona Belarmina que, num mergulho perfeito de cabeça, desapareceu por completo no amplo buraco negro que era agora a bocarra do seu renovado *Piruças*.

PRAÇA DA FRUTA

Dois contentores de lixo e uma surda-muda

Ana Marques

Ó doutora, eu hoje trago aqui uma gata, coitadita. Vamos lá ver o que isto vai dar. Depois não é só isso. Precisava de lhe contar daquela cadela. A senhora que toma conta dela é surda-muda, coitada, é claro que a doutora não tem culpa nenhuma. Também é uma vítima. Mas eu e a minha esposa também temos ajudado tanto, nem imagina. Contentores e contentores de lixo tirámos nós do quintal. É claro que os vizinhos se queixam e nós, enfim, teve de ser que aquilo é uma miséria. O marido, duzentos contos de pensão e gasta tudo nos copos. A cadela tem uma ferida. Agora a doutora veja lá se pode fazer, e o que é que posso eu fazer? A minha esposa limpou aquilo com água oxigenada e será que eu posso pôr mais alguma coisa? Deita sangue. Não, não é nas mamas. Eu também já tive uma cadela assim com tumores nas mamas, mas não. Não é. É assim aqui de lado, está a ver, doutora? Deita sangue e ela é surda-muda, uma desgraça. Dois contentores de lixo, mas teve que, ser. O homem é bêbedo, gasta tudo. Eu farto-me de ajudar.

Já não consigo mais. Tenho os outros lá no estaleiro, está a ver onde é, doutora? Ali naquele terreno ao pé do cemitério como quem vem de... Mas olhe, eu tenho de vender umas propriedades que tenho lá para a Lousã. A minha mãezinha morreu há uns meses, como a senhora sabe, e eu ainda sofro. O meu irmão rendeu-se à gula. Aquilo só visto. Olhe, doutora, está a ver-me? Eu tenho 160 quilos mas ao pé do meu irmão sou magro. Acredite que é verdade. Aquilo é só casinos. A culpa é da mulher que não ajuda nada. Uma galega que não trouxe mais nada senão a rata entre as pernas. Fuma três maços de tabaco por dia. A minha esposa até tem de lhe emprestar dinheiro para o tabaco. Mas ele vai primeiro que ela, 58 anos. Entregou-se à gula. Não quer ser operado. Nem já com banda gástrica.

Aquilo só cortando um bocado valente do estômago. Não quer! É só casinos, de maneira que vamos vender os terrenos lá na Lousã, está a ver onde é, entre aquela zona... A minha mãe morreu para lá num lar. Malandros! Mas, como eu ia a dizer, acha que ponha uma pomada que lá tenho? Um dia tinha aqui uma ferida debaixo do braço e aquilo é bom. A ferida sangra. Posso pôr? Agora a gata que vem aqui é que já devíamos ter vindo, mas não consigo por causa do estaleiro. Faz-se de noite e depois não me dá tempo. Tem quinze anos e não come. Mas ainda salta. Está um carapau seco? Pois, doutora, tem razão! Mas não conseguimos. A minha esposa, coitada, farta-se de ajudar. Dois contentores de lixo. É surda-muda e agora arranjou uma cadela assim pequena, tipo caniche, quanto é que me faz para a esterilizar? Os vizinhos já se queixam. Gosto de ajudar mas eu também não posso. Vou vender um prédio que tenho. O meu sobrinho, fui lá e tinha aquilo alugado a dezenas. Eram às dezenas de brasileiros e ucranianos. Fizeram tarimbas. Tarimbas para dormir e ele a receber. Eu a dizer-lhe, mas não tens vergonha, até podes ter aqui ladrões. Não quer saber. Vou vender aquilo tudo.

Veja lá o mínimo que me pode fazer que eu ajudo mas também não posso mais. É uma tragédia, a surda-muda. Então, a pomada serve?

Veja lá o mínimo que me pode fazer que eu ajudo mas também não posso mais. É uma tragédia, a surda-muda. Então, a pomada serve? A gata já não é nova mas gostamos dela. Tem de pôr a soro? Ponha, ponha! Eu venho cá buscá-la. Antes que se faça noite que aquilo ali na minha zona é uma miséria. Não se pode andar na rua. Fui assaltado, levaram-me um fio de ouro, encostaram-me uma faca à barriga, uma pessoa tem medo. Isto está uma desgraça. A culpa é desse bochechas que mandou para cá esses pretos todos. Agora queremos andar na rua e sou assaltado à porta de casa. O meu irmão ainda andou com ele nos comícios. Quando era novo. Agora entregou-se à gula. Só quer é comer e casinos. Nem cabe no carro. Fica todo encolhido mas lá vai. Nem sei como se consegue espremer lá dentro. A galega foi a perdição dele, aquela espanhola. Enfim, a doutora também é uma vítima. Somos todos. Queremos ajudar mas isto é uma cambada de malandros e de chulos. Eu já cá volto. Venho buscar a gata. Está um carapau seco mas não consegui vir antes. Pois. Até mais logo. É uma desgraça.

Cidade isolada

O homem não dormia
agarrado em concha
as mãos solitárias da cidade
respirava fôlegos velozes
murmúrios dos sacrifícios da idade.
Levantava-se, vestia-se de breu.
O contágio com a pele acelerava-lhe o peito
o mesmo relâmpago que o perseguia na cabeça.
Ensaiava a canção repetida
uma espécie de chuva inundava-lhe o corpo
caíam gotas velando as plantas,
o silêncio escuro da madrugada
atava-se aos casulos do passado.
Dada a proximidade ao abismo da metrópole
o homem não dormia
as pálpebras do rosto inchado
coberto de rugas
memórias cruas
Os dentes como ventrículos
e a falsa sensação de estar vivo
mantinham-no calado.
Ao cair da aurora
suspenso na sua face perdida
à mercê dos tempos redondos
o homem não dormia
porque outrora o seu corpo havia sido
um movimento curto de uma visão sonâmbula
o seu sangue afiado correndo atrás de pensamentos livres.

Liberdade essa, que nunca chegaria,
sabia pouco de sono e de ilusão, cansada,
não despertara da tragédia enxertada nos ossos
e de um choque que o estrangulava.
De súbito
o homem não dormia,
ressuscitava.

Mudez Ana Freitas Reis

fotografia Bruno Ferreira

Mudez

Esqueceram-se de contar
que a liberdade continuaria o mesmo invento
num tempo em que amar nunca havia sido tão derrapante
e, sem aviso, ser gente poderia ser uma tortura pálida

A saída seria a porta da ignorância
porque a tolerância
entre os gritos e as gargalhadas
dos loucos, dos líricos, dos cínicos, dos críticos explodiria na cabeça dos afectos

Esqueceram-se de contar
que chegaria o dia em que apenas se escutavam
as vozes soltas
o último sol da Primavera
Todos os versos seriam enterrados
a clausura como um cerco de sombras
ao redor do coração

E seríamos perseguidos
seguidos, influenciados, consumidos,
os vampiros das coroas podres
escravos do medo e do poder
aniquilavam a história
E não viveríamos mais hora a hora
pulsaríamos iguais em cada tempo,
espelhos em repetição automática

Esqueceram-se de contar
que abafariam o som de todas as canções
o pássaro azul não voaria mais da gabardine do Cohen
não subiríamos aos telhados dos vizinhos,
nada de assobios, nada de mãos dadas,
nada de árvores,
cobertas de negro
à beira da fulgência desaparecida,
as árvores contraídas como línguas
que um dia lamberam rios

Renovar e criar com ternura
deixaria de ser uma possibilidade
Respirar
entre a gentileza
e a chama erótica do corpo
seria o delírio da artéria selvática
imaginando longinquamente
a lâmina que outrora nos abriu os pulsos
A inexplicável trama das mentiras divinas

Esqueceram-se de contar
o que seria de nós quando desaparecesse o cheiro das chuvas da noite
quando não houvesse mais ninguém que trincasse as flores silvestres

A morte
tornar-se-ia uma ruga
como o espasmo quente da serpente
que não transformaria mais a sua pele
debaixo da pedra, já sem febre

O luto sempre precisou de pudor
Esqueceram-se de contar que agora se rende à fadiga,
apaga o fulgor da alquimia —
o silêncio frágil dos espaços

E esqueceram-se de contar
que os milagres só estariam
nas pequenas alegrias
nos passos dos que saltam juntos em círculos de fogo
nos imaginários de cada olhar atento.
O intervalo entre a audácia dos espíritos e o seu disparo
fraqueja as pernas perante as merdas de todos nós
deitam-se na cama pelo cansaço
esquecendo de contar
que a luta
seria este grande pedaço de lama
numa gruta que acabará num eco

Alienopolis Luís Carmelo

Alienopolis
01. O Mutismo

O que o desenho deixa à mostra não é o que eu vejo.
Seja como for, existe uma condimentação ou, se se preferir, uma proporção entre terciário, agricultura, habitação, indústria e zonas apenas de passagem.
Tomo o pulso aos bairros mais sossegados e reconheço perfeitamente onde o bulício deverá percorrer as aragens. O olhar faz enfolar as cartolinas. Os nomes surgem quando desenho e depois ficam registados no esquecimento.
Confesso que não vejo quarteirões, alamedas, pontes, faixas de rodagem, ajardinados ou praças, mas apenas um acervo por preencher. O traço avança a conta-gotas. Há sempre um esboço de caminho.
O que vejo confunde-se com a inversão total daquele sonho de Descartes, conhecido por Mathesis Universalis, no fundo uma ciência que fosse capaz de explicar tudo o que pudesse respeitar à quantidade e à ordem.
Pirâmide arrevesada como aquela música que Bach ouviria na sua própria cabeça, antes de compor. Não era certamente o que se escutava depois, quando compunha. Uma inversão sem nada para verter.
Mas uma certa matemática estaria lá. Um rascunho da visão.
A esferográfica é capaz de traçar mais de vinte troços paralelos.
Sei que o não são. Na minha álgebra não passam de vigas que suportam as telhas, mas também as telhas suportadas pelo vento.
Tudo em vão.
Não é, de facto, o desenho que deixa à mostra. É o que eu vejo. Foi para isso, afinal, que criei estas cidades. Para que nunca tivesse sequer que falar delas.

Página anterior: Valu (Muça) em construção.

Maio, que duro Maio

Viriato Teles

Antigamente, Maio era uma luta, ainda que fosse um luto.
E gritava-se, e morria-se, por ele.
Depois, quando o mundo antigo ardeu e Abril se abriu em Maio, fez-se a festa, mãos unidas na alegria de um só braço e outro abraço, irmão.
Como esse dia do primeiro Maio, já não voltou a haver. Por mais que se quisesse repintar a alegria, não se pode pedir que um mesmo foguete suba e estale duas vezes.
Era festa, mesmo assim. Festa quase ritual, de sangue e de luta e de sonho, porque é sempre assim nas celebrações, porque nascer só se nasce uma vez. Depois, não cabe senão lembrar o instante, esse instante em que a luz do mundo se acende em corpo e alma.
E lembrar é bom, porque recorda-se e faz-se a festa de renascer.
Em Maio costumava fazer-se a festa de Abril.
Até que a peste veio e o mundo enfim parou. E Abril perdeu a cor, e o mês de Maio perigou. Por pouco não se ofuscou.

—

De modo que, desta vez, a festa foi na Graça, não de graça, mas com ela. Juntos e presentes, amigos, dois, com nomes de gente boa: Júlio e Pedro, um antigo, outro ganho no momento. E outros mais que lá estavam, mesmo ausentes.
Júlio, o velho, mestre-irmão de muitas lu(t)as. Pedro, o novo, com nome de filho querido – o mais querido, que é o meu, pois, que outro seria? Ainda mais longe no espaço, mas tão perto na minh'alma, sinto junto a Bem-Amada. Ela que nestes e em todos os dias segura o meu coração, frágil, à conta de amor e riso, sete mil quilómetros a sul, na liça do ganha-pão que a pátria-mãe lhe negou.
Digo-vos: há muito que não se via, nem havia, uma festa como esta.
Discursos? Não. Só palavras. Trôpegas, sôfregas, ziguezagues de notícias e lembranças. Talvez mais, talvez com ais: mês e tal fechado em casa com dois gatos tem tudo para acabar mal. E os gatos nem são gatos, mas são gatas, o que até poderia dar-se a piadas meio assim para o ordinário. Mas não vamos por aí – Maio é um mês honrado e há que o manter elevado, na lábia como nos dias.

—

E eu falei, nós falámos. Talvez a mais, não demais. Os amigos, velho e novo, deram corda ao palavrame. E sendo que as conversas são, diz-se, como as cerejas, lá fomos de baga em baga, rosto em rosto à procura de outros rostos. Uns mais vivos, outros menos, todos presentes, mesmo os que já não estão, nem voltam: um Adriano e dois Mários, um Afonso e dois Fernandos, mais dois Zés, uma Natália e uma Edite, e um Vítor, e um Rogério, e um Armando.
Um, que de Avintes veio e de lá por fim se foi. Outro que trocadilhava o nome pela barragem (do Lindoso?, não, Lindolfo), ou aquele que foi rei – da noite, do Parque, e tudo. E o Praça, do Felgar. E o Assis, que poeta!, de Coimbra e Pardilhó. E Relvas, o verdadeiro, com a vida feita em risco. E o Cafonso, e o Pires. E a que cantava lírios e espantava canivetes. E a Soeiro leal, que nunca jamais transigia. E aquele que muitas vidas de tudo e todos sabia, e fazia, & etc. e tal. E o outro, de Moncorvo. E o grandalhão da Ajuda que era de toda a Lisboa, e de mais longe.
Estes, que são já mortos, dizem (não creiam). E outros, ainda vivos: Zé Xavier, Manuela, uns Antónios, Luíses, Anas, e a Cláudia mais a Teresa, a Margarida e a Flor, uma Nina e uma Inês, um Sérgio, um Fausto, um João. E outro, e outro ainda. E uma Isabel e um Ricardo. E as Marias que são tantas. E mais Josés. E Manuéis. E outros Pedros. E Paulos. E assim sucessivamente e por diante. Brindamos a eles, e a elas, e com eles, e com elas, ausentes mas não distantes. E aos demais, de um lado e outro da vida.
Saúdo ainda, ao sopé, um Alberto também Zé, feito de sol e pimenta: viva!, meu poeta irmão tão grande que ali está, num sótão da Mouraria com vista para o Castelo, e só não está aqui connosco porque já lhe custa andar. Mas anda.
Desfilamos nesta alameda particular que fazemos, e a rua é toda nossa, do miradouro ao boteco. E brindamos outra vez, lembramos e revelamos uns aos outros as histórias e as memórias, tropeçamos na bebida e na emoção desta tarde, que é tão tarde.

—

No céu, um avião agiganta-se, e nele dou pelo rosto suave da Amada que já deve estar em dores, se não lhe ligo nem digo. Nada digo, cão que sou. Mas ela mais que ninguém me entende, eu sei, e logo serenará. Pois não há como as mulheres, algumas, para perceber a fundo estas coisas do afecto.
Ocorre-me pensar que, ali, os três em rosário de lutas passadas e presentes e suadas, somos, se não melhores, mais contentes que os demais, os que em coro afinado cantam – unidade, unidade, unidade! – a dois metros uns dos outros de distância social. Penso neste mundo em que exploradores e explorados são, não iguais, tão diferentes do mar manso onde agora desagua a multidão que não há. O mundo é de funcionários – colaboradores, colaborados – como assim de tudo isto diria um outro Júlio, o Pinto que há vinte anos fez a trouxa e zarpou, sem querer, deste para outro mundo. Sorrio cá para mim, só pode ser de emoções, o vinho nem cá passou.

—

Chego a casa já um bocadinho bêbedo pelos éteres deste dia. Os amigos, velho e novo, seguram-me a asa ferida. Se calhar – não, de certeza – descumprimos com as regras sanitárias, sociais, sei lá mesmo se as legais. Mas que se foda!, é para isso que cá estamos, e não vai ser um cabrão dum bicho que nem sequer se vê a entravar-nos de existir até mais não. A vida sem viver é mais segura, é. Mas não presta para nada, bem sabia o velho O'Neill, esse Alexandre grande com quem só vagamente me cruzei, há muitos, muitos anos, nos corredores duma rádio quase imaginária de tão real.
Encosto-me e passo a sonho solto pelo sono, pois que a luta, sempre sempre, também cansa. Quando desperto, estrovinhado, as gatas cuidam de vigiar, e me velar e zelar: Blimunda, sempre alerta, Alice num ronrom leve em meu colo. Ligo logo à Bem-Amada, encafifado – mais pela angústia que pela culpa. Ela beija-me e acalma-me desde lá longe onde está, naquele sorriso dela, tão doce e tão único, e tão grande e tão bom, que um dia ganhei desmerecido na lotaria da vida.
E agora tudo está bem. Esteve sempre tudo bem, e ela também já o sabe. Retribuo outro sorriso, remansado. Beijo-a de volta, e ela sabe, e ela sente e sinto-a estremecer por debaixo dos meus dedos no ecrã.
Boa noite, meu amor – diz – dorme bem. E adormeço, enfim, feliz.
A luta continua.

A revolução Luís Bento

A o certo não sabia qual fora a deixa para entrar em cena. Se o sorriso precário marcado a amarelo torrado do tabaco, se a singeleza da herança genética.

O pai exasperara-se com a progressão linear, sempre às arrecuas, de uma existência chã e sem brilho, e viera à demanda de Lisboa para emendar a vida acabando a gretar as mãos nos andaimes.

A mãe, a servir em casa de uns senhores, embevecida com as histórias que ouvia em serões de tertúlia sobre os feitos e bravatas de Gonçalo Mendes da Maia, O Lidador. Achara-lhe graça, juntara os trapos e batizara o rebento com o nome de Gonçalo, a desaguar num castrador *Gongas* longe dos desígnios de sucesso e grandeza, sem direito ou recurso a contestação, com Deus a brincar com a sua inocência e o destino a passar rasteiras.

Para além da singeleza da herança genética, fintara letras e algarismos na escola tirando, a ferros, distinta formação em sessões de matraquilhos. Dali até à idade legal passara menos de um fósforo e aí arranjara trabalho na fábrica de cablagens acabando por perdê-lo na idade madura derretendo, no imediato, todas as esperanças.

Farto de ruminar apetites e vontades ao ritmo afiado do infortúnio, com duas prestações da casa em atraso e o gás por pagar, mais uma série de pintelhices dessas com paradeiro incerto, decidira-se pela revolução numa noite de borga escudando-se, para isso, no sólido argumento de duas grades de *mines* com o qual convencera dois vizinhos, sempre prontos para a pancada. Fiat uno de mil novecentos e noventa e quatro, uma granada de recordação da Guiné, uma faca de mato de ir às lapas nos pontões da Cova do Vapor e a *flóber* que o padrinho lhe oferecera à entrada da adolescência. De olho nos preparativos do exército, a mulher assomara à janela do primeiro andar, ainda a limpar um pratinho da extinta cerâmica de Sacavém com o desenho de um cavaleiro empinado brandindo uma espada, que o tio coxo encontrara numa obra em que mandou umas paredes abaixo, movida pela curiosidade daquela saída extemporânea ficando a saber que eles iam a Lisboa fazer uma revolução que já era tempo... Encolheu os ombros entre o enfado e a saturação e lembrou-lhe que, de caminho, passasse pela Damaia lá por casa do sogro e pedisse vinte *éros* para que não lhe cortassem o gás no dia seguinte.

De vez em quando, apesar do esforço, não se furtava à visita de médico que o passe social lhe permitia. Lá ia ele, com o saquinho da Zara com o *tupperware* para trazer umas mercearias e as sobras do almoço, suportar o olhar e a reprovação pelo plasma, o telemóvel, o aparelho dos dentes do miúdo, mais o gajo do banco a ligar por causa do buraco na conta, cratera sem fundo, à sombra de juros, mora e comissões que lhe reduzira o orçamento à condição de destroço. Achava que chegara a hora de contrariar o destino, os anos de ócio e imprevidência.

O carro transpirava fadiga dos metais na descida da rampa dos cabos de Ávila, num esforço digno de registo no manual de mecânica, rangendo fissuras e desequilíbrios quase a chegar aos oitenta com o vento pelas costas. O plano fora delineado pelo caminho abrindo garrafas a eito, sem dó nem piedade: tomar de assalto a RTP anunciando aos microfones a revolução e a tomada de reféns se fosse preciso.

Roncavam, a sono solto à entrada dos emissores quando, ao amanhecer, sentiram umas pancadas secas e vigorosas no vidro do condutor e um olhar farejador e inquisitorial ornamentado com uma farda da *Securitas* a demandar sobre o que se passava ali.

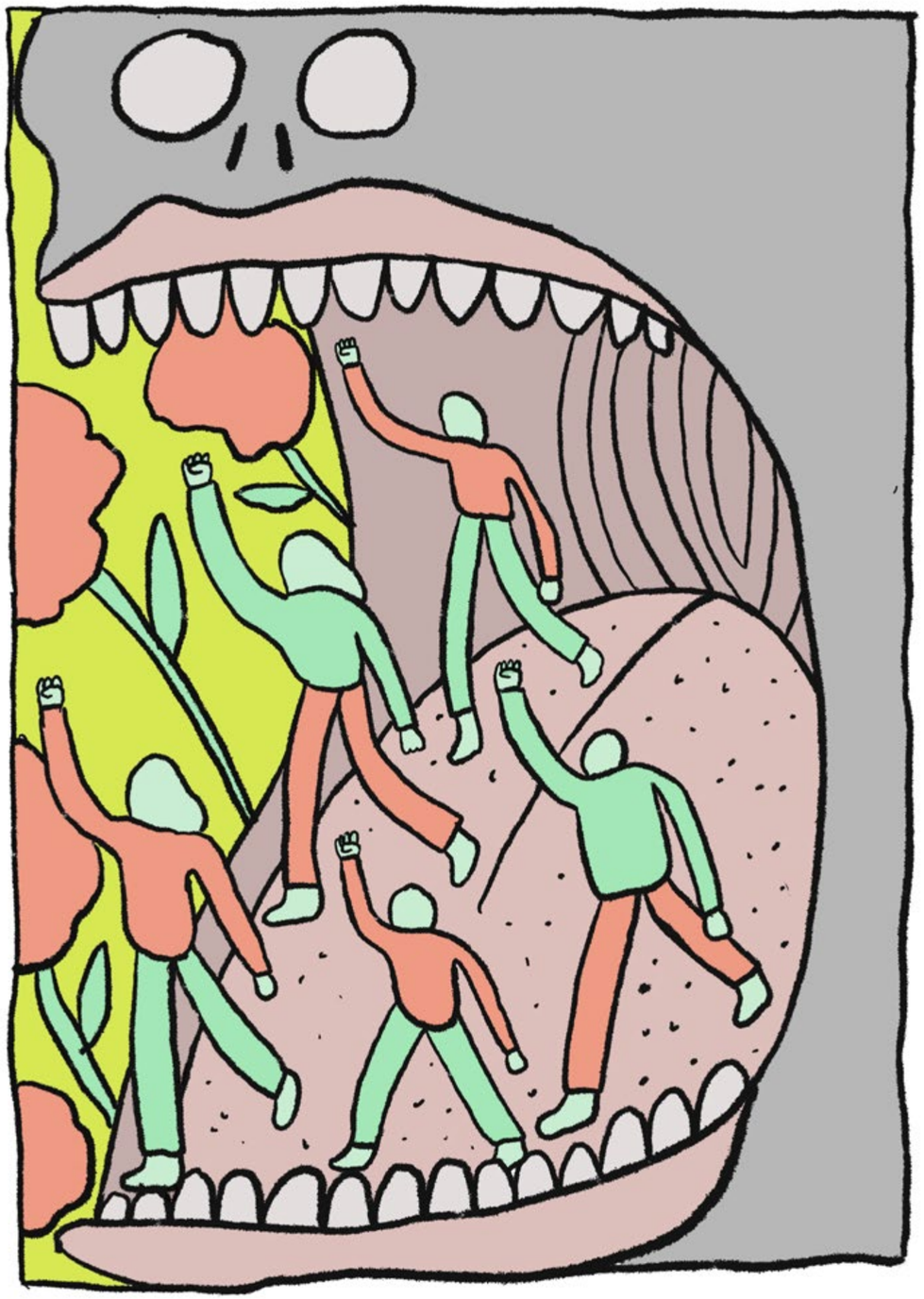
A manivela a baixar o vidro que só desceu pela metade e o Gongas, ainda estremunhado, a esticar o pescocinho fino e esguio e a inclinar, com sacrifício, a cabeça pondo a testa de fora e, de olhos semi-cerrados, a articular aos bochechos que vinham fazer uma revolução...

Pois vão lá revolucionar para outro lado!! Andor que isto aqui não é a Santa Casa!!

O Gongas olhou para os companheiros esbugalhados, as grades de mines vazias e a vontade aflitiva de mudar a água às azeitonas e aceitou, agradecendo com um aceno reverencial, o empurrãozinho para ajudar o Fiat a pegar decidindo, naquele momento, abortar o golpe de estado. Na descida do Monsanto deu uma olhadela de soslaio ao ponteiro da gasolina a cavalgar a reserva e viu que ainda ia muito a tempo de meter para a IC19...

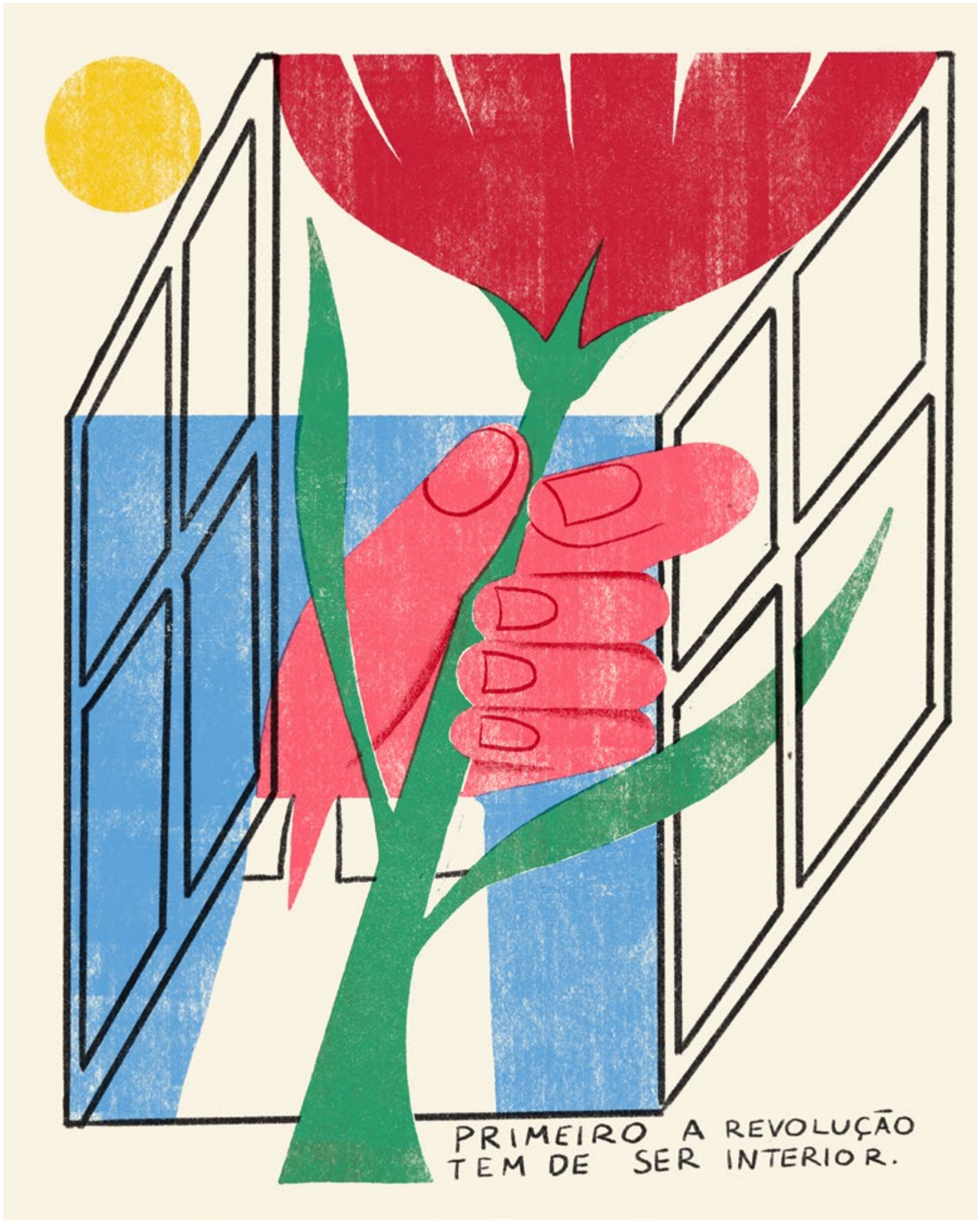
O sol já despontava e o trânsito começava a engrossar. Se se despachasse, ainda o apanhava, um saltinho à Damaia, suportar o tal olhar e sacar vinte euros ao velho para não lhe cortarem o gás...

Sair à rua Gonçalo Duarte



Um café na rua Mantraste

Hoje a Liberdade é um cravo com espinhos.
Há um mês falava com amigos sobre como seria se a quarentena acabasse no 25 de Abril, mas falava como se o mais provável fosse acabar antes disso, e falava em sair à rua, em encontrar-me com eles, abraçá-los, jantar fora, ir a um bar e rir, rir sobre a quarentena que tinha acabado, rir por estar na rua sem preocupações. Liberdade. Os dias foram passando no meu quarto em Lisboa, que já não é apenas um quarto, é uma sala de estar, um atelier, uma sala de aulas, um miradouro, uma esplanada. Aqui sentado a olhar pela janela lembro-me da minha avó sempre que via a minha tia Panamá debruçada à janela do seu sótão, a espiar a rua, dizia "Lá está a Nossa Senhora de Fátima". Agora a Nossa Senhora de Fátima sou eu, espio a rua, os vizinhos, e encontro conforto nessa contemplação. É bom saber que não estamos sozinhos.
Então veio o 25 de Abril, que teve ainda mais significado neste dia. Fiquei impaciente em casa, a revolta foi interior, senti que estava a perder algo, que secretamente toda a gente tinha saído à rua. Ouvia as carrinhas que passavam com altifalantes, o Grândola Vila Morena e a Portuguesa a tocarem, e imaginei multidões a caminharem atrás da música, felizes por estarem na rua, por voltarem a ver amigos, que só eu tinha ficado em casa. Então saí, devidamente equipado, e perguntei-me "onde é que andam eles?", mas afinal não tinham saído. Em sinal de revolta, quase em tom de desafio, bebi um café na rua, um mês depois de ter bebido o meu último café. Fez-me estremecer de satisfação, um verdadeiro 25 de abril interior.
Agora recordo-me da ingenuidade de um isolamento ainda jovem, quando pensava que ia sair à rua sem preocupações, em que não percebia, nem queria perceber, que quando voltar a sair à rua será para uma nova forma de estar. A liberdade será um cravo com espinhos, e pergunto-me: quantas pessoas não teremos já condenado com uma simples gripe, pela nossa falta de medidas de higiene e etiqueta respiratória?
Ao ver pessoas com máscaras, senti-me grato, grato por as usarem, por respeitarem a distância social, por aceitarem tão bem a situação em que nos encontramos. Consigo perceber quem olha para as máscaras e veja mau agoiro, peçonha, mas olhem melhor. A máscara protege mais os outros do que quem a usa. Não será a utilização da máscara um sinal de generosidade? Então ando pela rua, olho para as pessoas e vejo sorrisos, em vez de máscaras, e oiço “eu preocupo-me contigo”. Obrigado.



#quarentenaemrisco25A Nuno Saraiva

Mãos Tiago Galo

Cravo Carlos Guerreiro

Arriscado Francisco Vidal

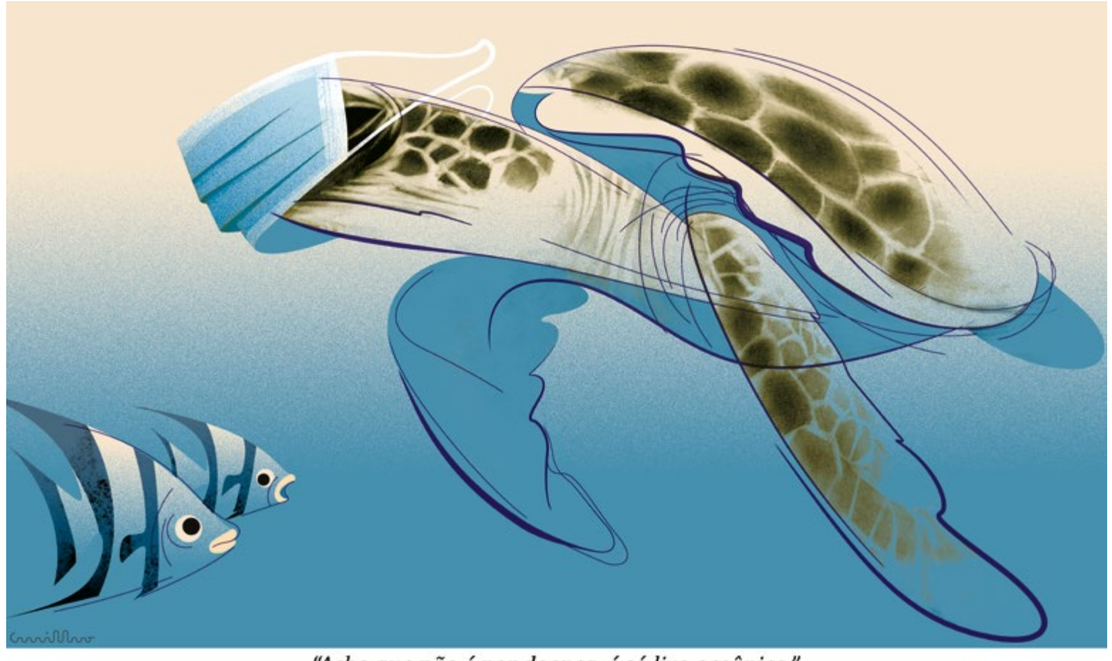
Covid25 André Carrilho

“Infelizmente, só há um ventilador...”

"Não é tanto o confinamento, é mais a vaga sensação de catástrofe iminente..."

Confinamento André Carrilho

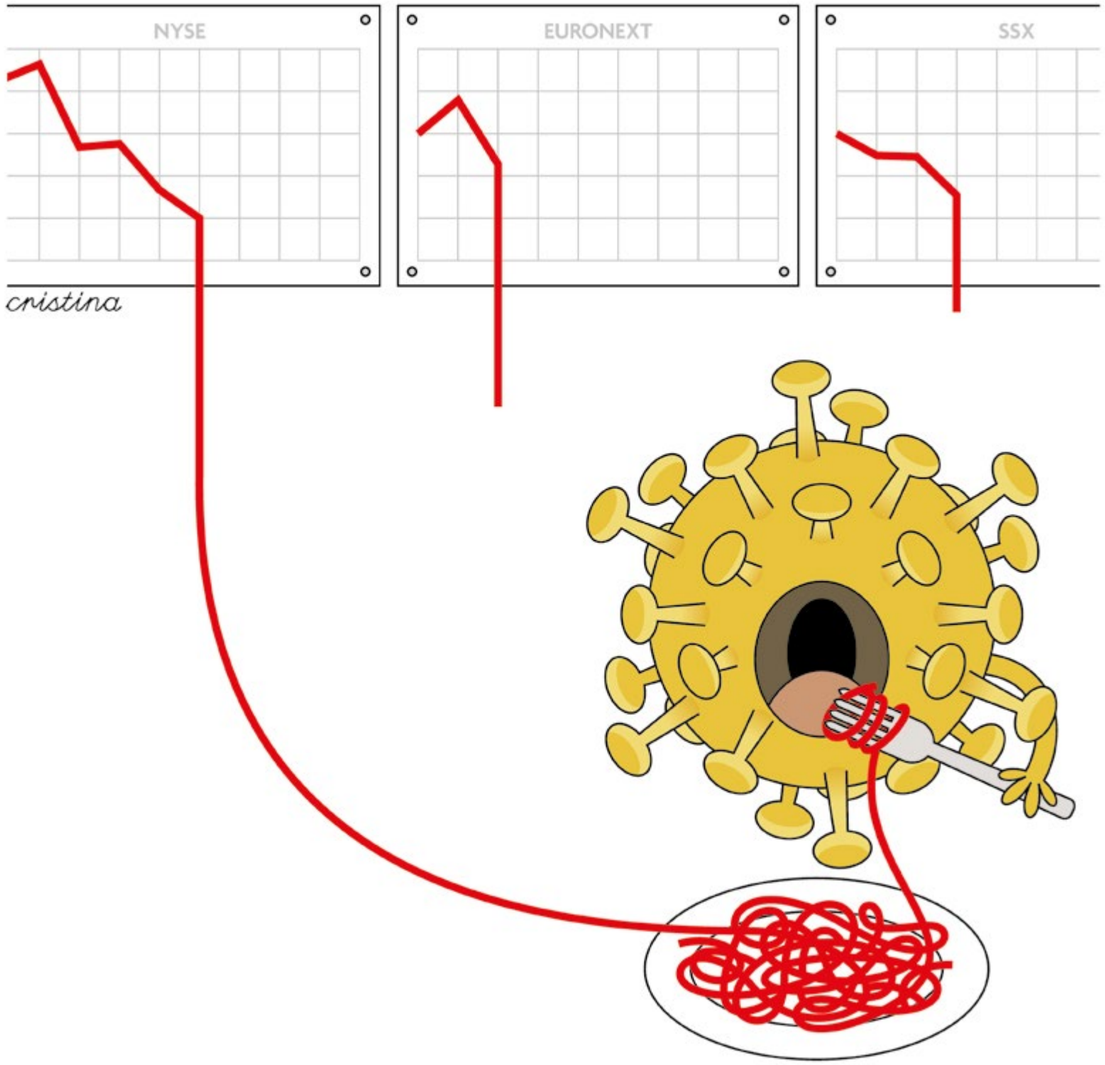
O oposto do pânico



"Acho que não é por doença, é só lixo oceânico."

Evitar contactos de proximidade

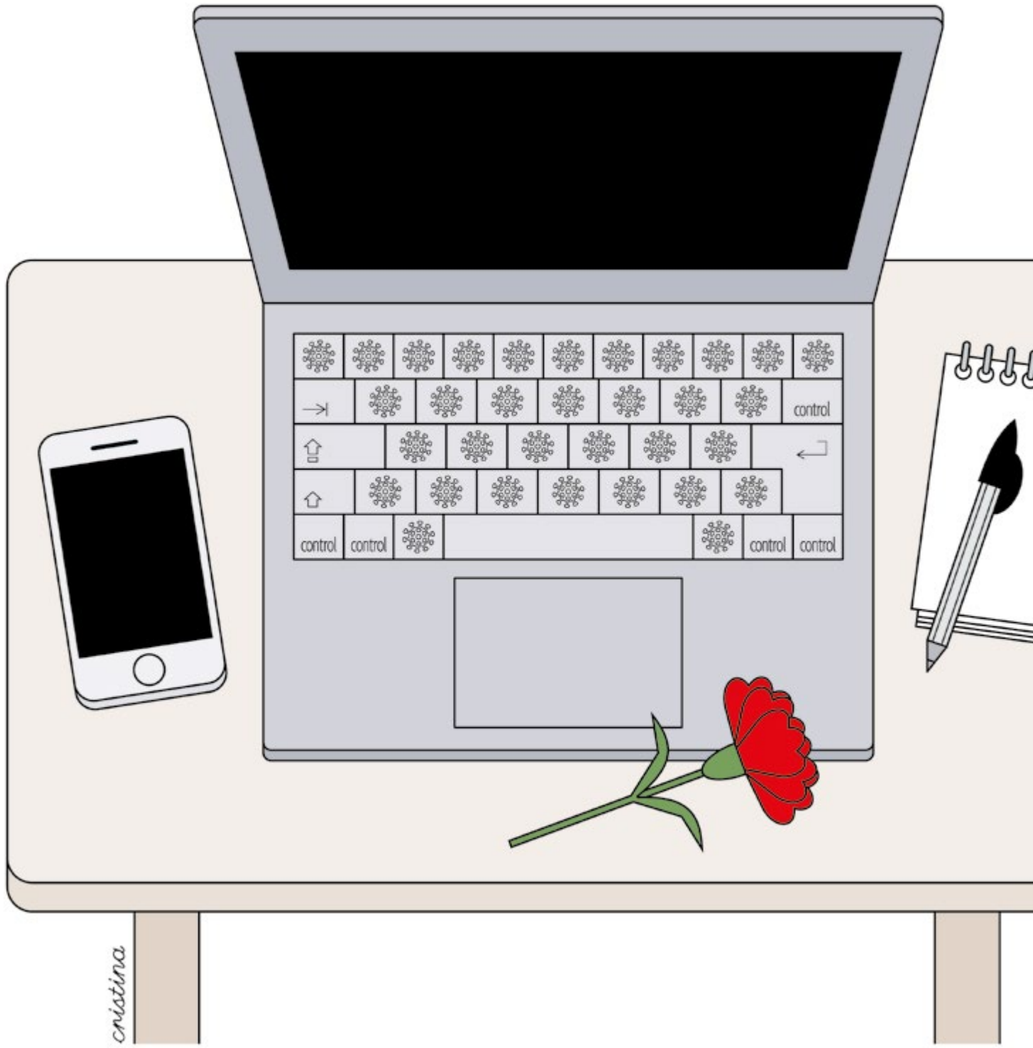
Nova (des)ordem mundial

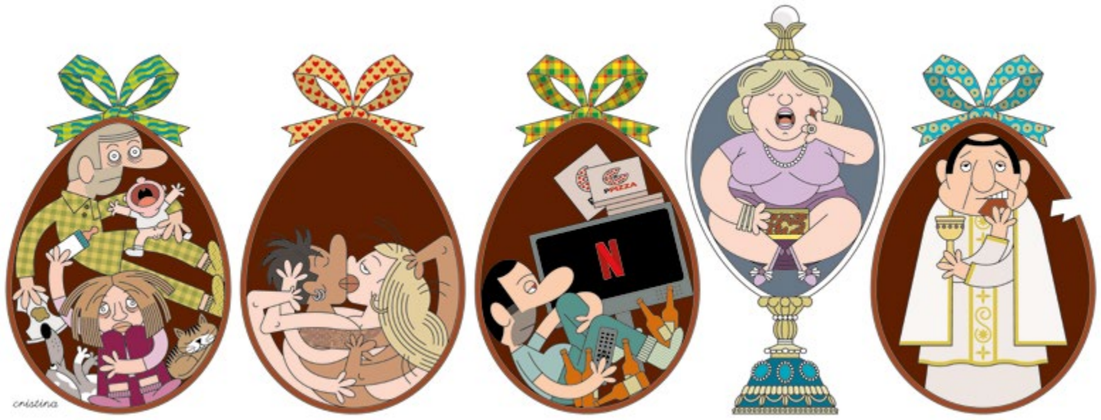


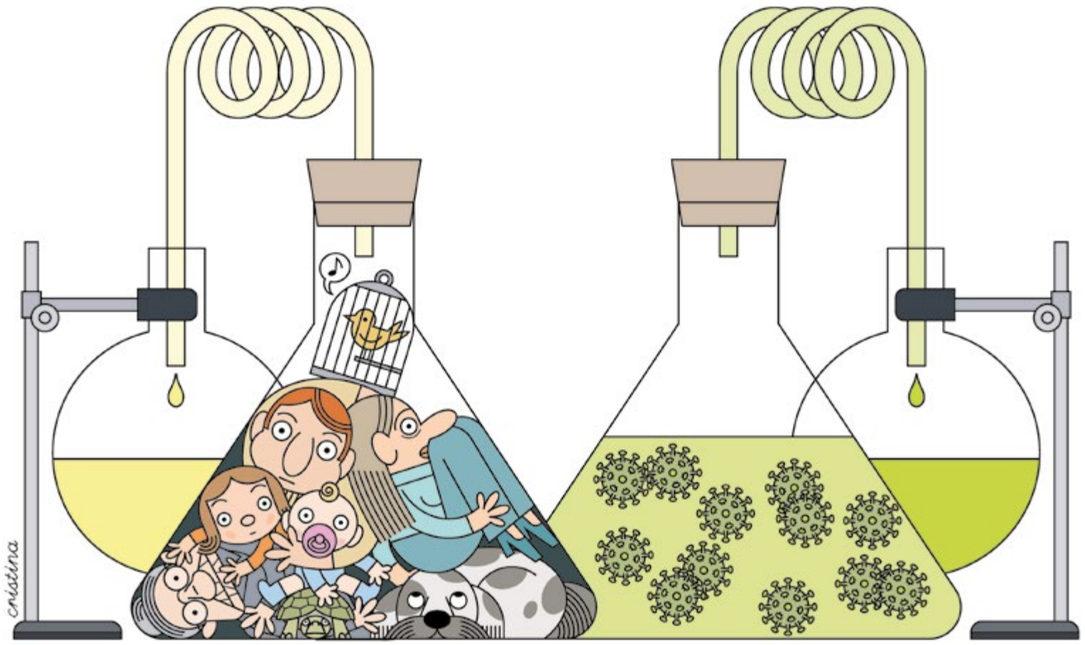
O banquete.

Pandemia Cristina Sampaio

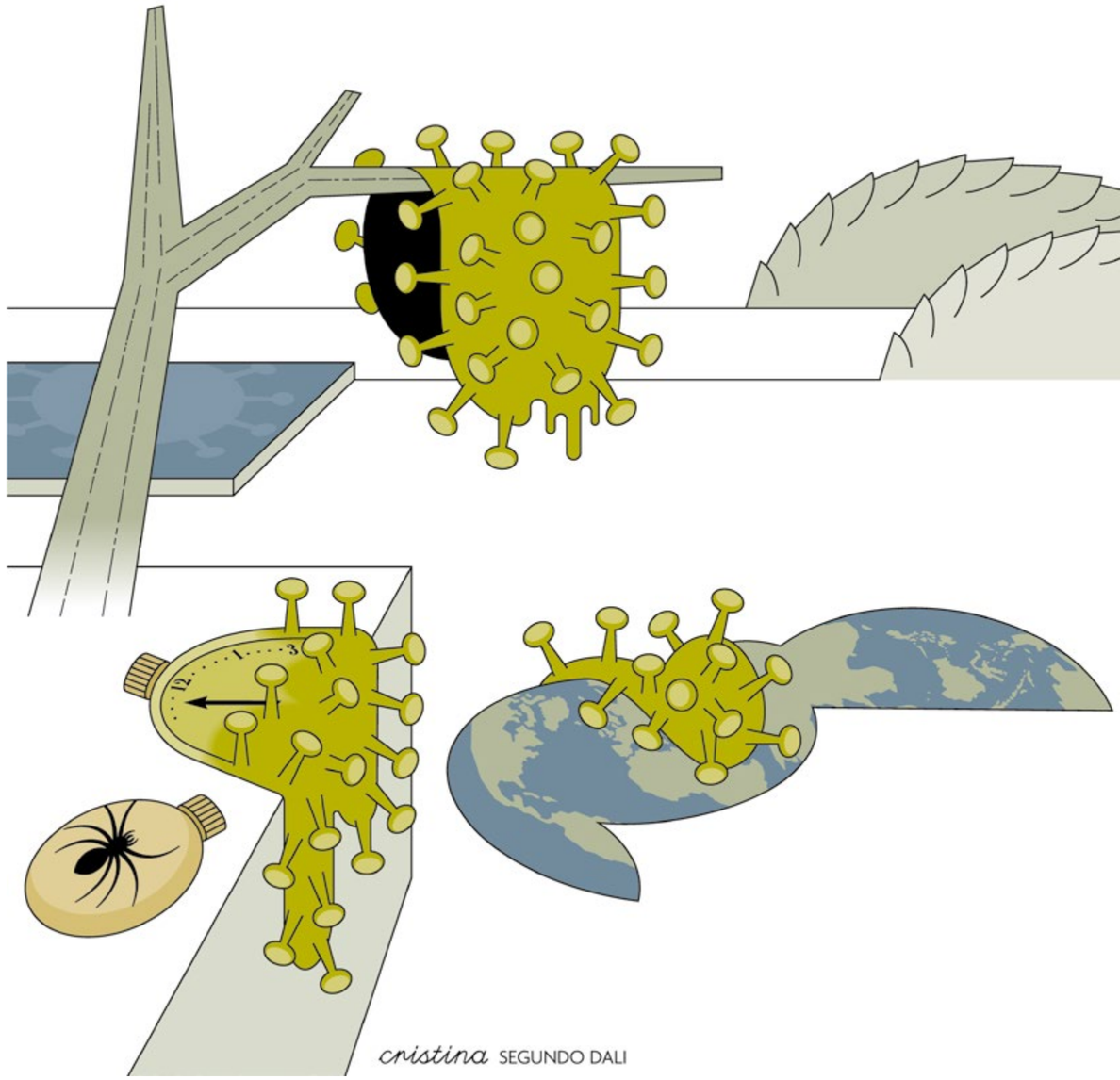
Pandemia do controlo.





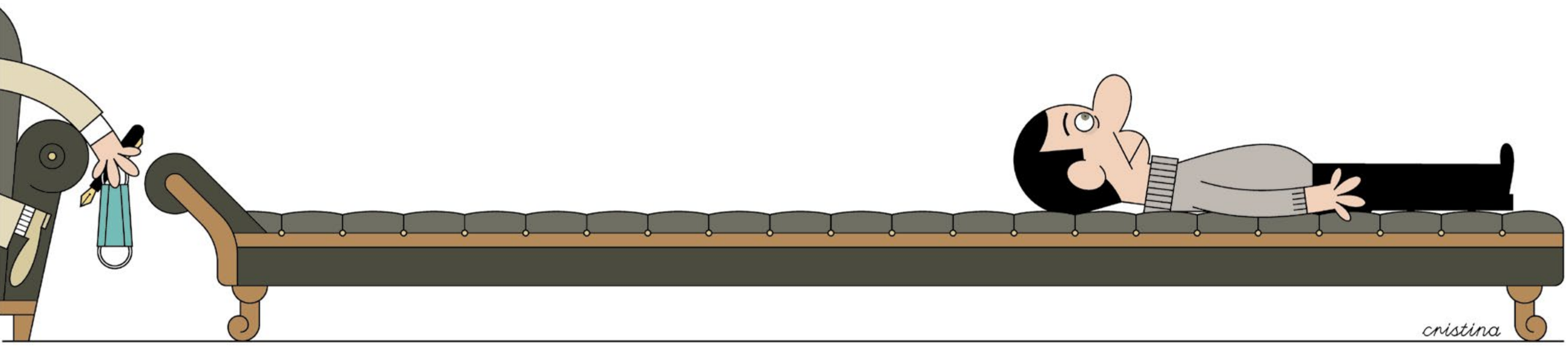


Páscoa do confinamento.
/
Confinamento.



A persistência da epidemia.

Couchvid-19.



Abrir a gaiola Luís Vilhena

Dava José Vilhena os primeiros passos nas suas criações humorísticas quando, em finais de 1950, a 'gripe asiática' ganha terreno na Europa e começam a aparecer casos em Portugal. Nessa altura, Vilhena, para além de fazer a maior parte das capas d'*O Mundo Ri* e editar com Paulouro esta revista humorística, colaborava com o *Diário de Lisboa* assinando *cartoons*, que alternavam com os de Stuart e de mais alguns autores.

A maior parte das anedotas ilustradas para a rúbrica humorística desse jornal são sobre coisas mundanas e crítica de costumes. Mas há também algumas séries temáticas como a da gripe asiática, ou sobre o lançamento do satélite Sputnik.

Calhou, no trabalho de inventariação que tenho vindo a fazer sobre a obra do meu Tio, estar a trabalhar sobre esta época do início da sua obra quando a pandemia começou a encher a televisão e os jornais. Dar o passo seguinte para divulgar esses desenhos foi quase automático. É uma espécie de *déjá vu*, um regresso ao futuro.

Ler Vilhena ou passar os olhos nos seus desenhos, vale pelo humor em si mesmo, no sorriso ou nas gargalhadas que provoca. Algumas vezes *démodé*, outras politicamente incorrectas para os dias que correm, mas a maior parte com muito sentido de humor e um traço inconfundível, tanto no desenho com na prosa. Mas é também uma crónica dos tempos cuja viagem vale a pena fazer, nomeadamente a épocas em que os jornais eram visados pela censura, conseguindo o humor alguns subterfúgios para iludir os lápis azuis.

A divulgação da sua obra continuará para mim a ser um prazer. Espalhando por aí os seus desenhos e livros, reavivará a memória dos mais velhos, contemporâneos dos mais de 70 livros de bolso, da *Grande Enciclopédia Vilhena*, da *Gaiola Aberta*, do *Fala-Barato*, do *Cavaco* ou do *Moralista*, mas também poderá dar a conhecer às gerações mais novas, a obra deste homem que fez do humor a sua vida.

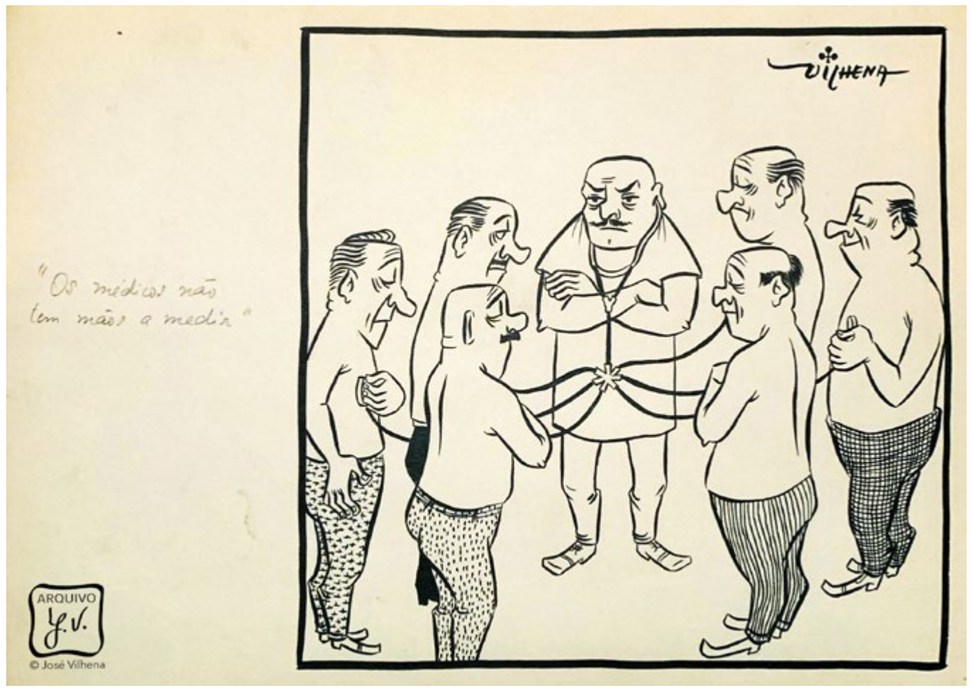
Vilhena far-nos-á sempre lembrar que no meio das coisas sisudas deverá sempre existir uma gaiola aberta. Um lugar onde o humor possa viver à vontade. Um sítio para rirmos dos outros e do mundo, mas também de nós próprios.

Portugal tem bons humoristas. Mas não têm uma gaiola aberta, porque vivem na casa dos outros. Muitos gritaram Je suis Charlie, há anos atrás. Mas será que pensaram porque não existe, há vários anos, um *Charlie Hebdo*, um *Jueves* ou uma *Gaiola Aberta* em Portugal? Uma gaiola aberta, livre e independente de patrocínios ou de um lápis azul que se traz na própria algibeira sem dar conta. É coisa séria para pensar pois, desde sempre, o país teve várias publicações humorísticas regulares e autónomas e agora, se é que há alguma, desconheço.

Por isso, porque rir é o melhor remédio e tristezas não pagam dívidas, é preciso levar o humor a sério e abrir de novo a gaiola.

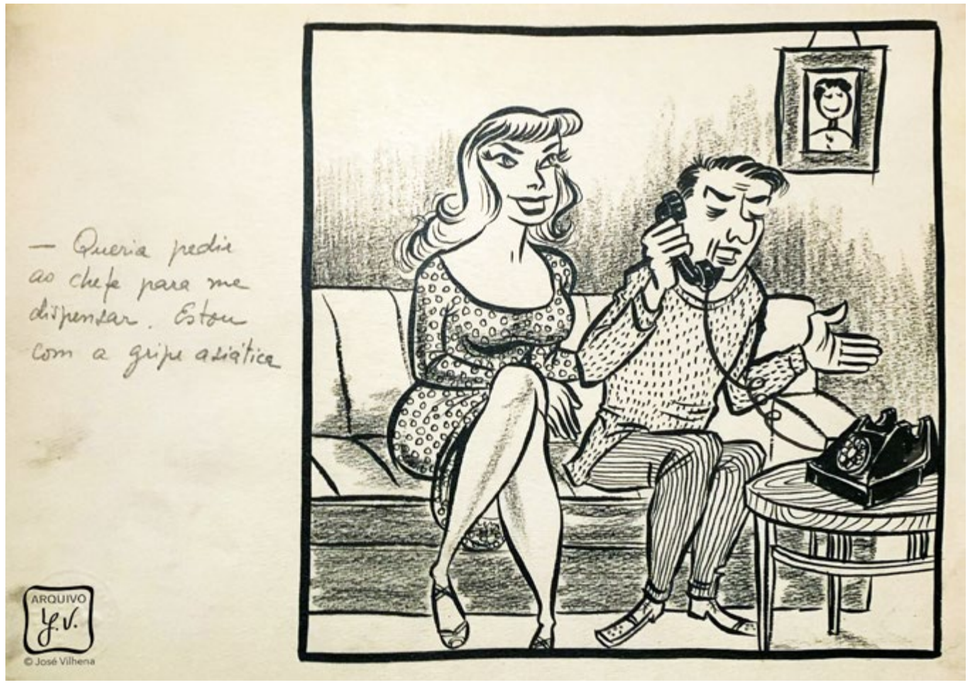
Gripe asiática José Vilhena

Publicadas originalmente no *Diário de Lisboa*, 1950


"Os médicos não tem mãos a medir"
VILHENA
ARQUIVO J.V.
© José Vilhena

— Bem bem-te daqueles comprimidos de aspirina que me deste para a gripe do meu marido? Pois bem: não eram de aspirina.
VILHENA
ARQUIVO J.V.
© José Vilhena

— Nos casos de gripe asiática eu utilizo um interprete.
VILHENA
ARQUIVO J.V.
© José Vilhena


— Queria pedir ao chefe para me dispensar. Estou com a gripe asiática
ARQUIVO J.V.
© José Vilhena

— Olá! Jorge! Então já estás melhor da gripe asiática?
ARQUIVO J.V.
© José Vilhena
VILHENA

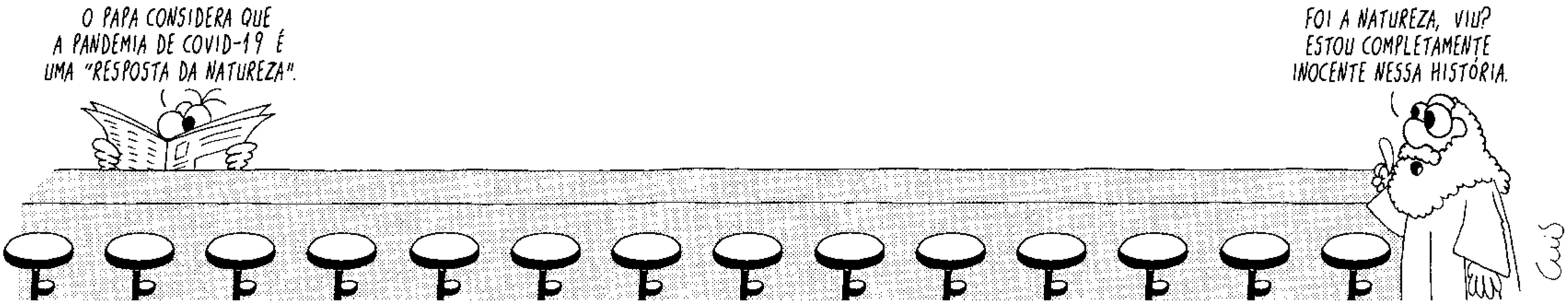
— Não sei... talvez lhe tivesse dado a asiática.
ARQUIVO J.V.
© José Vilhena
VILHENA

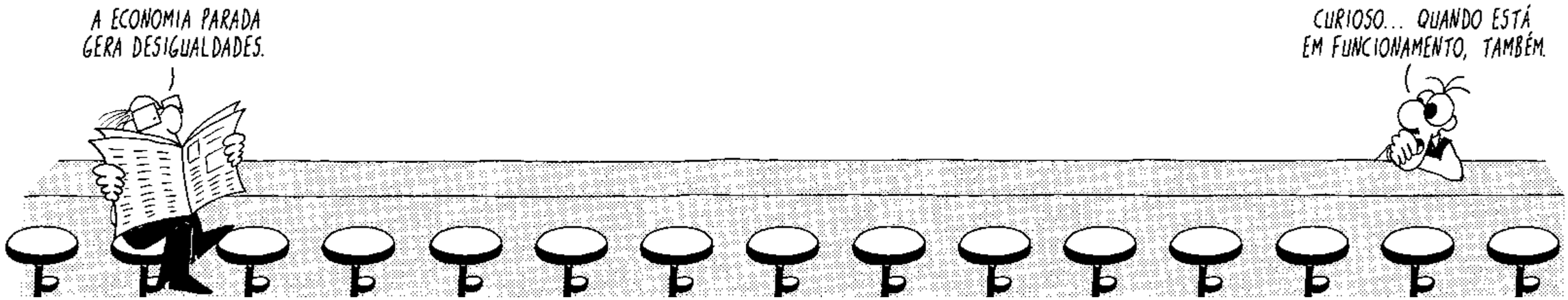
— Pulso 80, temperatura 40, tensão 24, conta no banco 35.000.
ARQUIVO J.V.
© José Vilhena
VILHENA

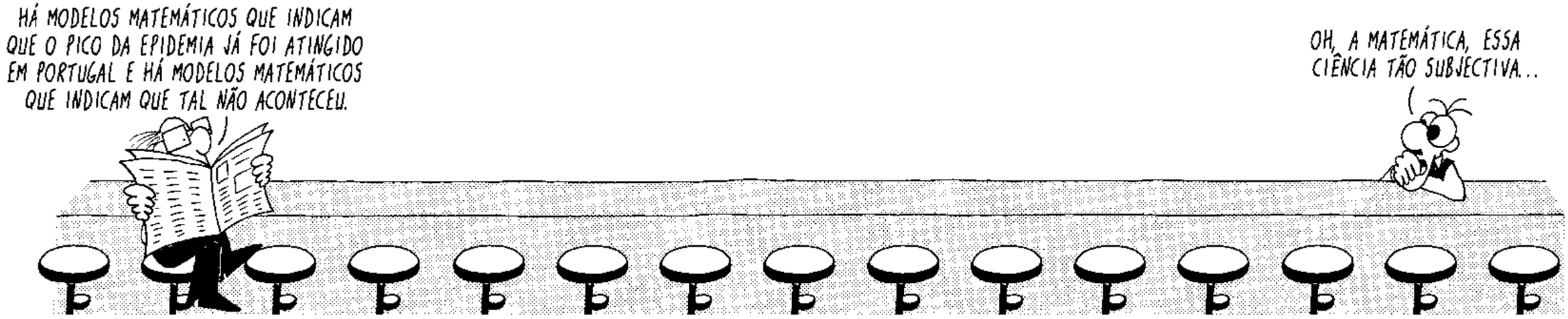
— Esteja descançado, O S. não tem a gripe asiática. tem uma pneumonia dupla
ARQUIVO J.V.
© José Vilhena
VILHENA

Publicadas originalmente no jornal *Público*, 2020

Bartoon Luís Afonso




A ECONOMIA PARADA GERA DESIGUALDADES.
CURIOSO... QUANDO ESTÁ EM FUNCIONAMENTO, TAMBÉM.


HÁ MODELOS MATEMÁTICOS QUE INDICAM QUE O PICO DA EPIDEMIA JÁ FOI ATINGIDO EM PORTUGAL E HÁ MODELOS MATEMÁTICOS QUE INDICAM QUE TAL NÃO ACONTECEU.
OH, A MATEMÁTICA, ESSA CIÊNCIA TÃO SUBJECTIVA...

DEBAIXO DE CADA PEDRA DA CALÇADA HÁ UM ESPECIALISTA EM INFECCIOLOGIA.

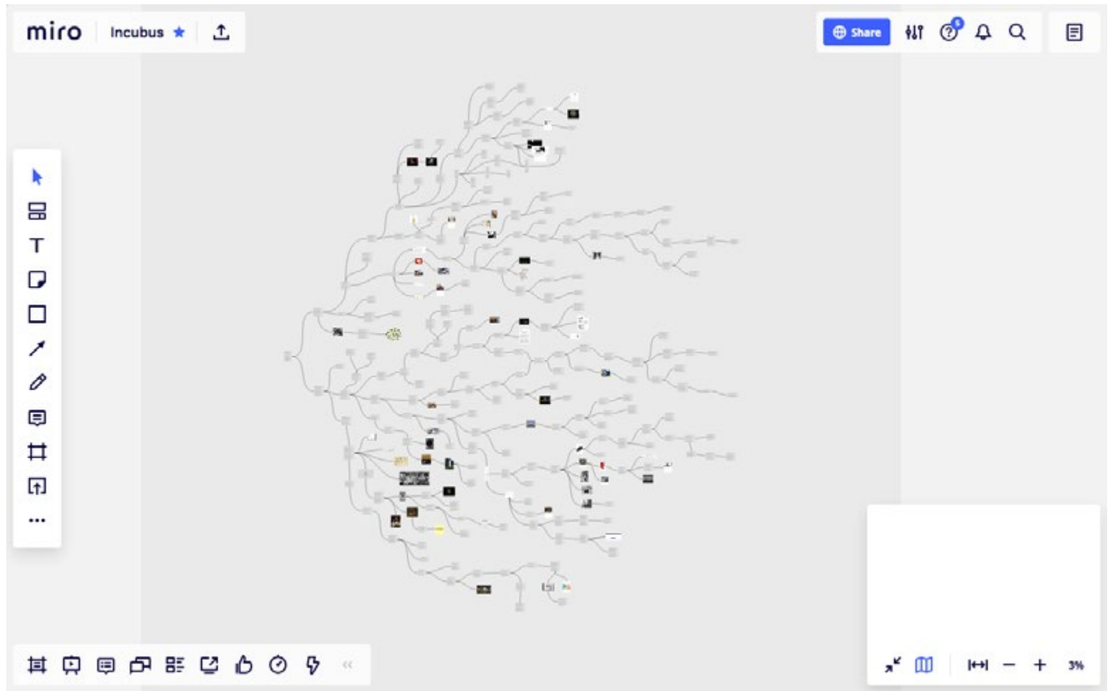
É ANIMADOR. COM A QUANTIDADE DE CALÇADA QUE HÁ EM PORTUGAL...

NOS ESTADOS UNIDOS, O GOVERNO FEDERAL DETERMINOU QUE AS LOJAS DE ARMAS SÃO ESSENCIAIS E ORDENOU QUE PERMANEÇAM ABERTAS.

ESTOU A IMAGINAR: "-VOU ÀS COMPRAS. QUERES QUE TE TRAGA ALGUMA COISA? -SIM. FRUTA, CEREAIS E UMA PISTOLA DE CALIBRE 6.35. OBRIGADO."

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DIZ QUE NA BANCA HÁ UM ESPÍRITO DE MOBILIZAÇÃO PARA AJUDAR A ECONOMIA PORTUGUESA.

E O ESPÍRITO DE MOBILIZAÇÃO DA BANCA TERÁ UM "SPREAD" DE QUANTOS POR CENTO?



Incubus Gomes / Thermann

***Incubus* é um projecto de escrita online do duo de autores Gomes/ Thermann, realizado durante os meses de Abril e Maio e publicado na colectânea pandémica Triakontameron (www.triakontameron.de). Segue-se uma tradução (algo livre) do texto introdutório, originalmente publicado em alemão, além do link para o projecto propriamente dito.**

Incubus. O texto pandémico

Do ano de 1962 data a seguinte frase de William Burroughs: "Language is a virus." Isto soou bem na altura e continua a soar, além de se prestar lindamente para a música pop, como Laurie Anderson demonstrou. Ainda assim, quem se detenha um pouco mais na leitura, depressa se aperceberá de que, bem vistas as coisas, a frase não bate certo. Na verdade, seria preciso inverter os termos: "A virus is language."

Nos dias que correm, assistimos àquilo que a eloquência viral é capaz de inscrever no mundo. Com o poderio de ácidos nucleicos não há literatura que consiga competir. O fenómeno que mantém o mundo em suspenso dificilmente se deixa capturar pela linguagem verbal, muito menos por narrativas lineares. Para o abordar, requerem-se números, diagramas, curvas exponenciais. O que escapa à narrativa tem de ser disposto no espaço. Apenas o diagrama parece prevalecer nestes tempos. Perante esta supremacia do dispositivo geométrico, a literatura vê-se obrigada a adaptar-se e, na gíria do presente, "adaptar-se" equivale a "formar anticorpos". A partir daqui, o raciocínio é simples: Para formar anticorpos, é necessário vacinar-se ou infectar-se. Como ainda é cedo para vacinações, a única via que nos resta é a da infecção.

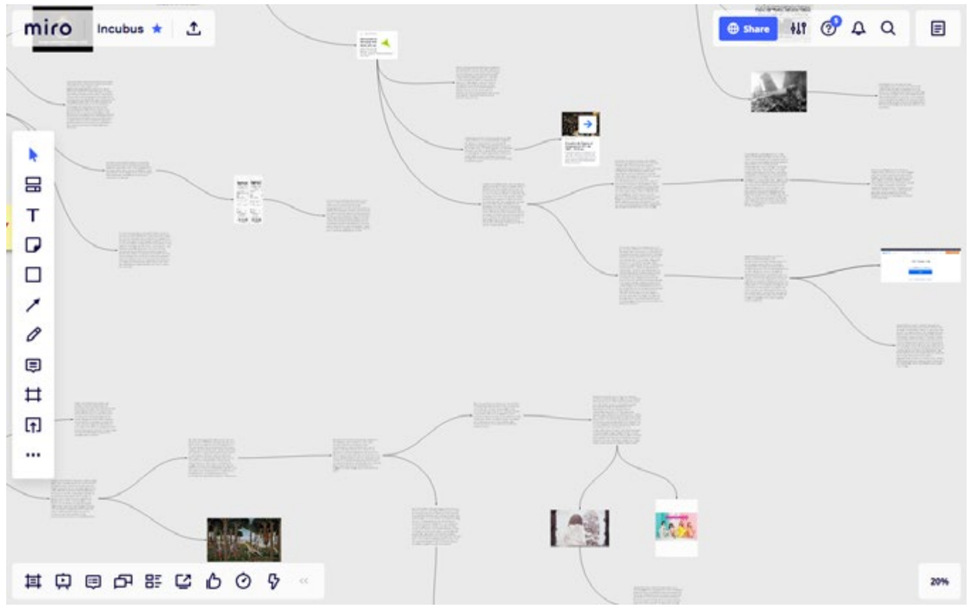
O texto pandémico-viral ilustra, celebra, demoniza, eleva a infecção a princípio literário. Por outras palavras: Aquilo que nos propomos é imitar a forma como um vírus se propaga. Para tal, assentamos a escrita no princípio de contágio: enquanto processo formal (um organismo infecta o(s) organismo(s) seguinte(s)); enquanto processo semiótico (um significado dissemina-se no seguinte); enquanto processo de estética de produção (o texto de um infecta o texto do outro); enquanto reflexo do mundo globalizado (os textos reflectem a interdependência económica e social do mundo).

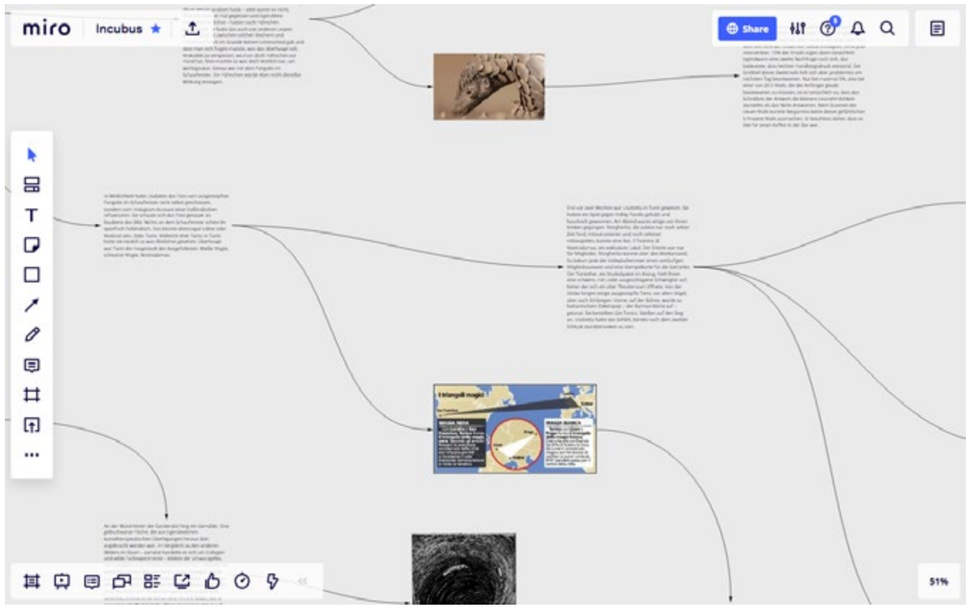
Quando Burroughs, na década de 1960, se pôs a escrever sobre vírus e linguagem, o vírus mais proeminente do século XX – hoje em dia estas coisas sabem-se – já se encontrava em circulação. Até se lhe ter atribuído o acrónimo VIH, no início da década de 1980, o vírus continuou a sua propagação invisível, imperceptível, no limiar da linguagem. Esta latência viral parece-nos digna de imitação. No nosso laboratório literário, criado um pouco à pressa e algo precariamente, há que confessar – na realidade precisaríamos de dois supercomputadores e várias centenas de colaboradores –, trabalhamos actualmente na modelação de uma ucronia pré-pandémica, uma versão do presente em que (pelo menos em aparência) não existe um vírus chamado SARS-CoV-2 e a pandemia é uma possibilidade remota. Um fantasma. Um pesadelo.

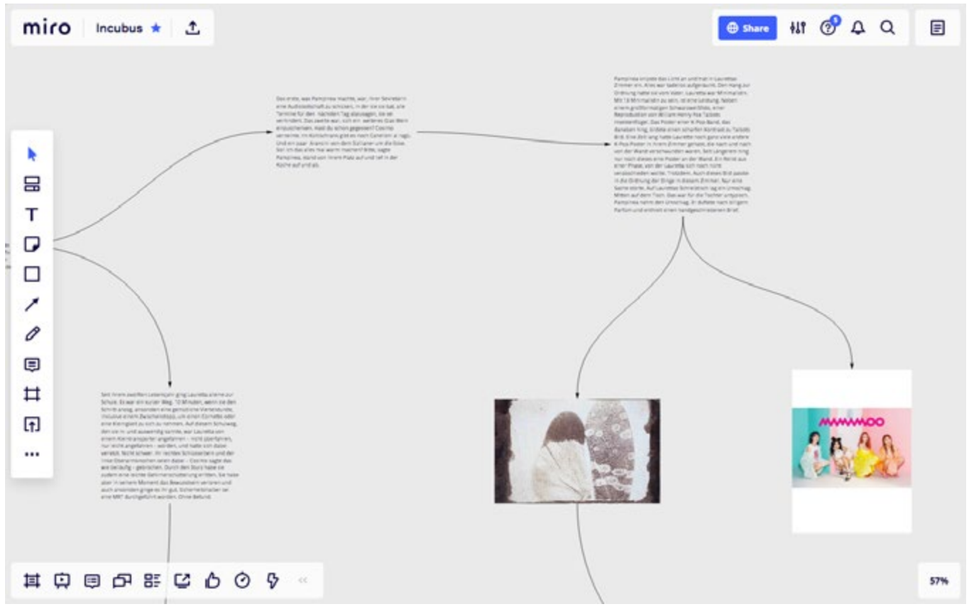
Não dispondo de meios mais sofisticados, recorremos a uma ferramenta que actualmente se utiliza um pouco por todo o mundo para o ensino online, reuniões online, negócios online. Adaptámo-la às nossas necessidades, transformando-a numa centrifugadora viral (ou num laboratório de vacinação, dependendo do ponto de vista). Nesta primeira fase da modelação, apenas se vislumbra um rudimento. Um surto na sua fase inicial. Ainda assim, a partir do diagrama existente não será difícil imaginar uma propagação futura. Basta projectar a curva e qualquer pessoa sabe hoje projectar curvas. Ao se fazer a projecção, obter-se-á uma imagem fiel do poder viral. O output literário final é essa curva projectada.

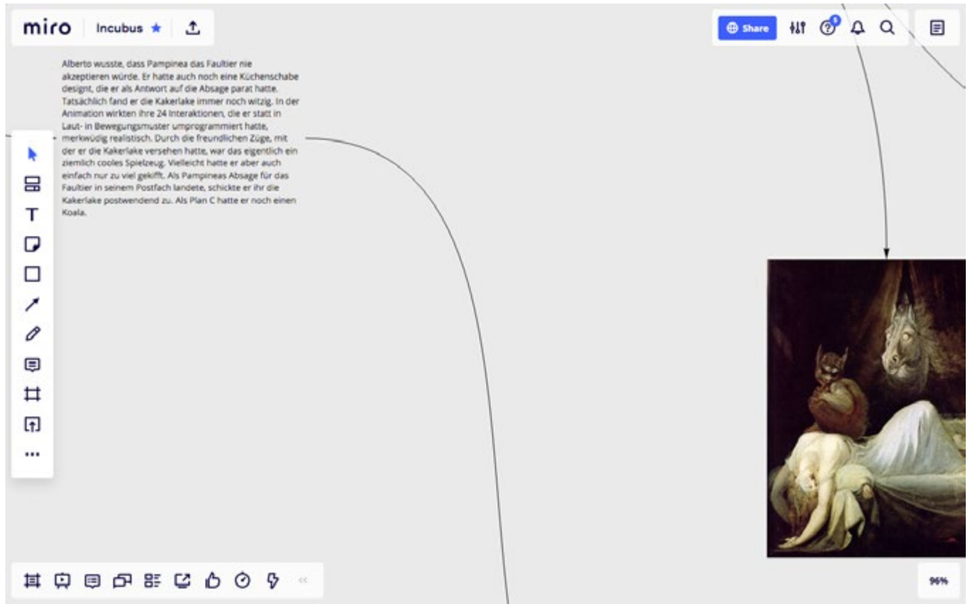
O laboratório encontra-se instalado em https://miro.com/app/board/o9J_krme_6o=/

Gomes/Thermann é uma dupla de escritores que se dedica à produção literária há mais de uma década. Após a conclusão do doutoramento na Universidade de Bona, mudaram-se para Berlim em 2007, onde foram membros fundadores do colectivo *Altes Finanzamt* (Prémio do Senado de Berlim para espaços culturais independentes, 2014). Em Berlim estiveram a cargo de um projecto de hiperburocratização literária (*Poesiebüro*), organizaram duelos e maratonas de máquinas de escrever e estiveram envolvidos na construção de diversos dispositivos mecânico-literários. Com o apoio duma bolsa de criação literária do Senado de Berlim, escreveram em conjunto *Berge, Quallen* (*Montanhas, Medusas*), romance publicado pela editora Diaphanes em 2016. Actualmente Gomes/Thermann encontram-se ao serviço do DAAD (uma espécie de congénere alemã do Instituto Camões): Mário Gomes é docente na Universidade de Concepción (Chile), Jochen Thermann na ENS em Lyon. Na calha estão mais dois romances escritos em conjunto e à distância, a serem publicados em breve.


miro
Incubus
Share
20%


miro
Incubus
Share
51%


miro
Incubus
Share
57%


miro
Incubus
Share
Alberto wusste, dass Pampinea das Faultier nie akzeptieren würde. Er hatte auch noch eine Küchenschabe designt, die er als Antwort auf die Absage parat hatte. Tatsächlich fand er die Kakerlake immer noch witzig. In der Animation wirkten ihre 24 Interaktionen, die er statt in Laut- in Bewegungsmuster umprogrammiert hatte, merkwürdig realistisch. Durch die freundlichen Züge, mit der er die Kakerlake versehen hatte, war das eigentlich ein ziemlich cooles Spielzeug. Vielleicht hatte er aber auch einfach nur zu viel gekifft. Als Pampineas Absage für das Faultier in seinem Postfach landete, schickte er ihr die Kakerlake postwendend zu. Als Plan C hatte er noch einen Koala.
96%

E os públicos da Cultura?
Da fruição presencial e do lugar digital

Se fizéssemos um exercício de estatística lexical relativamente ao muito que se tem escrito nos últimos tempos em torno da pandemia, os prefixos "in" ou "im" seriam decerto um denominador comum a muitas das palavras mais usadas, sempre no sentido de *privação de algo* que (real ou ilusoriamente) imaginávamos possuir num tempo pretérito e que agora nos foi repentinamente subtraído: incerteza, indefinição, imprevisibilidade, impotência, incompletude.
Por muito que atentemos sobre as implicações da covid-19, inclusive na área da Cultura e das Artes, é quase inevitável cair num limbo pantanoso e difuso onde as posições absolutas e as previsões mais "lógicas" e sustentadas (das mais optimistas às mais cépticas) podem rapidamente desmoronar-se como um simples castelo de cartas. O filósofo José Gil apontou-o inúmeras vezes: "Tudo o que resulta das velhas verdades falhou." Neste tempo de suspensão interrogativa, feito de sentimentos duais e contraditórios, a repercussão deste novo coronavírus na vida colectiva afigura-se um processo complexo, dinâmico e sujeito a múltiplas variáveis. Como se este admirável mundo novo nos remetesse para o plano do silêncio, da prudência, do temor, da expectativa. E o esboço do futuro se afigurasse um prodigioso exercício de imaginação.

No sector artístico sabemos que criadores/intérpretes, estruturas e contextos de apresentação se têm confinado a uma dimensão quase exclusivamente digital como estratégia-instrumento de superação do trauma presencial e de manutenção de uma dinâmica relacional com os públicos. O presente e agora superlativizado empoderamento do *online* trouxe consigo uma maior sensibilização dos artistas para a relevância de uma eficaz, capacitada e actualizada promoção do seu trabalho ao nível do *marketing* digital. Mas fomentou também uma maior abertura e esforço por parte das instituições culturais em prol de uma integração mais ambiciosa nesse desafiante mundo virtual. A importância de adoptar o registo/captação audiovisual dos processos criativos (reuniões de *brainstorming*, pesquisa, residências, ensaios) e, sobretudo, dos espectáculos ao vivo como uma prática regular (e não pontual), dotada de qualidade técnica, com a consequente construção e preservação de um arquivo performativo, é igualmente "sirene" positiva destes tempos na esfera cultural. Acresce ainda a discussão em torno do acesso gratuito à Arte e do binómio sustentabilidade *versus* banalização/desvalorização do acto criativo, sem esquecer o relançamento do já antigo debate sobre a profissionalização do sector artístico (a *pedra de toque* há tanto adiada) e os direitos de autor.

Ainda sobre o tópico do *arquivo*, é de sublinhar a sua centralidade na salvaguarda da memória documental do palco e do histórico artístico dos criadores e intérpretes, tantas vezes descurados. A captação integral das performances públicas, sendo instituída como procedimento sistemático – algo que continua a não acontecer em muitos dos espectáculos realizados nos equipamentos culturais de pequena-média dimensão a nível nacional –, tem um triplo efeito de inegável relevo: permite às instituições disporem de um repositório audiovisual actualizado e consistente que pode ter inúmeras funcionalidades e aplicações (não apenas promocionais); possibilita aos artistas o acesso fiável e permanente a um instrumento precioso quer de registo da memória de cada sala/apresentação, quer de auto-análise crítica dos seus processos de trabalho e do consequente impacto das obras junto do público, quer ainda de difusão mais eficiente dos repertórios criativos; e disponibiliza à crítica de arte e à investigação académica, em vários sub-domínios das ciências humanas e sociais, uma ferramenta extremamente útil e fecunda de pesquisa, estudo e produção de conhecimento.

Ainda sobre o tópico do arquivo, é de sublinhar a sua centralidade na salvaguarda da memória documental do palco e do histórico artístico dos criadores e intérpretes, tantas vezes descurados.

Esta ininterrupta vivência no/do ecrã tem gerado e conferido ainda maior visibilidade à partilha espontânea, à criatividade do cidadão anónimo, a uma arte "informal" que faz da clausura doméstica o seu lugar privilegiado de expressão (e, não poucas vezes, de inspiração), ao incremento de práticas colaborativas no seio do próprio universo artístico, a experiências imaginativas que reinventam a rotina comum dos dias, bem como a "outras camadas de participação" não dependentes do poder institucional (como refere o programador António Pinto Ribeiro).

Não menos relevante nesta fase é a efectiva possibilidade de o grande público ter uma maior disponibilidade para explorar *online*, em profundidade, um extenso e ecléctico manancial de história cultural e artística, plurissecular, ainda por conhecer. A este propósito, a realizadora Joana Linda enfatizava há tempos, numa entrevista à revista *Gerador*, a assustadora ignorância que grassa nas novas gerações sobre tudo o que veio antes delas, fruto da cultura do novo, da obsessão dos *likes* e *shares* e do culto da instantaneidade e da velocidade, que não deixam de ser também "pontes de areia" (como frisa Joana), sinónimo da ausência de alicerces, de balizas, de referências de fundo, de uma visão diacrónica de conjunto.

Representação Pedro Proença

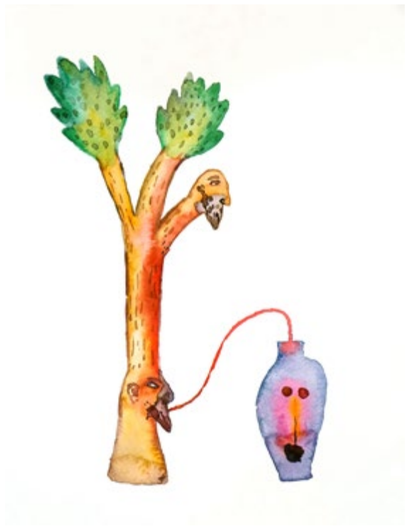
Se têm sido múltiplas e pertinentes as reflexões sobre as consequências desta conjuntura no meio artístico e nas salas de espectáculo, coloco agora a tónica nos *públicos* e na *dimensão da recepção*. Quatro factores mais imediatos influenciarão, na prática, a fruição de conteúdos culturais nos próximos tempos, independentemente dos moldes de retoma da "normalidade": as limitações – substanciais numa fase inicial como mecanismo profiláctico – que forem decretadas pelas autoridades de Saúde no que concerne quer à lotação máxima autorizada para espaços com lugares marcados mas também para contextos *outdoor*, quer às demais regras e modalidades de acesso restrito a definir para eventos culturais em modo presencial; o consequente grau de adaptabilidade do público às mesmas (aspecto menos falado), visto que essas condicionantes não deixarão de interferir com a própria dinâmica da experiência artística *in situ*, tanto no plano da fruição individual (sensorial e emocional) no espaço da sala como na vivência partilhada do espectador com o colectivo envolvente, como ainda na interacção entre público/plateia e artista/palco; o efeito psicológico de retracção que a pandemia provoca no imaginário social atendendo ao justificado receio de contágio via proximidade física ou maior concentração humana, sobretudo no que toca a grupos de risco, aliado a uma memória envolta em medo e insegurança que nunca é facilmente dissipável (não obstante a vontade acumulada que muitos também sentirão de mergulhar novamente no cúmplice ritual colectivo face-a-face); e a disponibilidade financeira do público, ao longo desse movimento de recuperação que se prevê economicamente exigente, para um bem considerado tradicionalmente não essencial.

Ao mesmo tempo, existem dois fenómenos paralelos, e de sentido contrário, que nesta fase se revestem de particular acuidade quando pensamos na recepção cultural. Um deles, porventura mais óbvio, é a natural tendência, após o fim do confinamento, para uma revalorização e exaltação da dimensão presencial não só devido ao longo período de abstinência, mas também a um provável cansaço e saturação perante o excesso digital e a experiência solitária e distanciada aqui numa espécie de mecanismo (in) consciente de contrapeso e "auto-regulação" social que, face à hegemonia temporária do *online*, vem sublinhar a singularidade da ideia de assembleia humana, do ritual da partilha colectiva e plural, do contacto mais humanizado com a Arte.

Convoco também uma pertinente reflexão desencadeada pelo programador Rui Torrinha numa conversa informal há dias ao telefone. Numa perspectiva sociológica mais ampla, a adesão física do público às manifestações artísticas – devido não só à complexidade das actuais limitações existentes mas também a tendências "silenciosas" que já remontam a um período pré-covid – poderá funcionar ainda, de modo indirecto, como teste e também barómetro da disponibilidade ou fechamento do indivíduo contemporâneo para a própria relação com o *outro*, para a actividade, para a atenção profunda e contemplativa, para um olhar demorado e lento (e, assim, para objectos artísticos que vão para lá do mero entretenimento), para garantir uma dialéctica do ser com o mundo. No fundo – e isso não é novo –, trata-se do reflexo de um processo de "excesso de positividade" e de possibilidade (como advoga Byung-Chul Han), de adoecimento social e de patologia neuronal em que estão em causa o(s limites do) esgotamento, o tédio, a tensão e fadiga extremas, derivados de uma atmosfera de hiper-estimulação e de torrente informacional. Aliás, já Peter Handke, ensaísta austríaco, preconizava essa tese em 1989 quando publicou o *Ensaio sobre o cansaço*, elegendo este como um estado fundamental que enforma as ligações humanas e as relações dos indivíduos consigo mesmos nesta era contemporânea.

Em rigor, de diversos pontos de vista, esta epidemia não trouxe propriamente nada de inovador. São vários os fluxos-correntes que já pulsavam activamente antes deste coronavírus.

Em rigor, de diversos pontos de vista, esta epidemia não trouxe propriamente nada de inovador. São vários os fluxos-correntes que já pulsavam activamente antes deste coronavírus. A diferença é que em poucos meses, numa temporalidade concentrada, assistimos a uma hiper-aceleração e ampliação das mutações já em curso nas últimas décadas, as quais se manifestam agora com um novo grau de evidência, extensão e mediatização. No universo da Cultura e da Arte, este "futuro antecipado" trará decerto – como, de resto, já está a fazê-lo – permanências, incrementos e mudanças. Face a uma conjuntura de duração imprevisível, duas ideias parecem-me absolutamente essenciais, as quais, na verdade, são extensíveis a várias etapas/áreas do circuito artístico (criação-difusão-mediação-fruição): uma inevitável convivência entre, de um lado, um paradigma assente no *valor do humano* e na dimensão presencial e, do outro, o universo das ferramentas digitais, numa perspectiva complementar, criativa, coerente e eficaz, e não de redutora lógica binária ou de exclusão/anulação irrealista de um dos modelos; e um movimento paralelo de resistência a uma indesejável ditadura disruptiva do *online* que, sem descartar as potencialidades da tecnologia, valoriza e privilegia como prioridade a *substância* e *urgência* da experiência física. Como nos lembra o intemporal filme *Metrópolis*, de Fritz Lang, já em 1927, o mediador entre a mente e as mãos deve ser o coração (e não a máquina).



A problemática virtual já faz claramente parte da equação e constitui, sem dúvida, uma das questões mais sensíveis, complexas e debatidas no seio da *massa crítica* do sector cultural. Sabemos também que a arte digital (ou, mais amplamente, a agora chamada *new media art*), que usa a tecnologia e as interfaces electrónicas como parte integrante do seu processo de criação e/ou apresentação pública, não constitui novidade. Surgido, de forma mais vincada, nos anos 60/70 do século passado, esse movimento vanguardista abriu desde logo um vasto leque de possibilidades à criatividade, interacção e construção de subjectividades na contemporaneidade. Quanto ao universo das chamadas "artes do palco", ao longo de várias décadas a presença do digital esteve ligada sobretudo a linguagens mais específicas, alternativas e minoritárias (e não no âmbito do grande público), como a performance, a instalação interactiva, a vídeo-dança, a música electrónica, as abordagens sonoras experimentais e a música computacional. Só em tempos mais recentes, com o maior incremento da facilidade de acesso à Internet, esse universo criativo conheceu uma visível democratização, adquirindo uma expressão claramente mais abrangente e prolixa. Também por via de uma multidisciplinaridade crescente do fenómeno artístico, essa dimensão da desmaterialização e da virtualidade vem dialogando cada vez mais com zonas tradicionalmente mais "incólumes" das artes performativas. Esse facto, exacerbado pela actual conjuntura, tem vindo a provocar toda uma reflexão em torno das múltiplas implicações da Internet nos pressupostos éticos, (auto-)percepções, conceitos estético-ideológicos, conteúdos artísticos, dispositivos formais, processos de trabalho, modos de recepção e teia de relações humanas urdidas na/pela Arte.

não regressaremos de igual forma nem iremos agir da mesma maneira perante o outro assim que as salas de espectáculo reabrirem.

Actualmente, e com a maior generalização da aplicabilidade digital a quase todos os quadrantes da vida em sociedade, parece-nos óbvio pensar que não regressaremos de igual forma nem iremos agir da mesma maneira perante o *outro* assim que as salas de espectáculo reabrirem. E isso não terá de ser necessariamente negativo nem um sinónimo de desvirtuamento da missão das instituições, mas sim de adaptação/reinvenção e até de orientação para o futuro sem perder a matriz primacial que consiste na *interacção humana*. Se o consenso maior dos nossos dias parece ser o de que vivemos tempos de dúvida e mistério, também não será menos verdade que estamos diante de uma janela de oportunidade e de um momento claramente desafiante que questiona algumas das nossas concepções e práticas mais enraizadas e "intocáveis" (e ao mesmo tempo também consolida outras convicções), o que nos provoca sempre medo, fragilidade, desconforto, insegurança. Encarando aqui o copo meio cheio, essa multiplicidade de perguntas e inquietações que assalta hoje a todo o momento a nossa vida mental também acabará por nos solicitar novas sínteses e renovados equilíbrios a que não est(áv)amos habituados ("a tempestade [não] é aquilo a que chamamos progresso", como defendia Walter Benjamin?), mas que estão aí para nos (des) construir e, sim, entusiasmar.

O mundo virtual coloca, a meu ver, *cinco desafios* ao campo das artes performativas, os quais já estão a manifestar-se a diversos níveis com uma expressividade crescente não só entre o meio artístico, como também junto das próprias instituições culturais. Um deles tem a ver – já o frisámos anteriormente – com a *comunicação* e *difusão* digitais das ofertas culturais e criações artísticas mas também da sua vertente de arquivo de espectáculos, com o *online* a consolidar-se como um recurso de inegável atractividade para a sensibilização e contacto directo com o público pelo seu grau de inovação, alcance e eficácia. O recurso ao mundo *online* pode ainda contribuir para ampliar a potência de camadas mais "invisíveis" e autorais/ idiossincráticas da própria arquitectura programática, bem como para criar ou afinar mecanismos – essenciais nos dias que correm – de difusão selectiva de informação (DSI), visando captar segmentos e perfis mais específicos e delimitados de público-alvo.

Outro aspecto prende-se com a componente da *mediação*, área muitas vezes olvidada e hoje de extrema importância para uma intervenção cultural regular mais apelativa e transformadora dos seus destinatários, nomeadamente, mas não só, em relação a conteúdos artísticos considerados mais herméticos, incomuns e exigentes, ou pensando em determinados públicos-chave (comunidade escolar, adolescentes, seniores, minorias sociais, etc.). A panóplia de soluções digitais actualmente existente apresenta uma utilidade pedagógica e uma dimensão inclusiva inegáveis, aportando efectivo valor à experiência cultural/ artística, através de instrumentos de mediação diversificados como visitas virtuais, *podcasts*, projectos *online* (pré e/ou pós-espectáculo) em torno de determinado criador, obra, intérprete ou temática, boletins ou *newsletters*, conferências informais, vídeo-chamadas, propostas audiovisuais com recurso a realidade virtual (RV) ou aumentada (RA), formatos comentados em *live streaming* ou simples publicações no *Facebook* e *Instagram* que solicitem uma interacção mais didáctica com o público, sem que isso substitua a fruição física, mas fomentando mecanismos de provocação e de descoberta autónoma/orientada da Arte.

Também ao nível da *criação* propriamente dita (um terceiro desafio), a esfera digital pode ser um instrumento inspirador para artistas mas também para programadores, no sentido da exploração de

intersecções criativas, disruptivas e até inusitadas entre os planos/abordagens/percepções orgânico/real e tecnológico/virtual, interrogando, a partir de um lugar de provocação tão familiar ao universo artístico, canais de ligação, fronteiras, limbos e/ou (des)continuidades entre as duas realidades. Paralelamente, a idealização de objectos artísticos pensados, desde o momento da concepção, para uma ulterior fruição exclusivamente (ou não?) *online* pode constituir outro caminho igualmente estimulante nestes tempos que convidam à experimentação e à ousadia.

Além disso e – pensando também na vertente da recepção –, se uma abordagem focada no digital pode funcionar, num momento inicial, como antecâmara do contacto posterior com os conteúdos artísticos através da singular e insubstituível experiência *in situ*, por outro lado, a fase pós-apresentação pública em modo presencial de determinadas criações – *timing* nem sempre potenciado da forma mais eficaz e superlativa pelos equipamentos que as difundem – pode também ser alimentada por estratégias digitais de prolongamento do lastro e dos múltiplos "estilhaços" desse espectáculo/labor artístico numa óptica de *obra aberta*. Em suma, o *online* tanto pode servir de ponto de partida como de etapa "final" face ao paradigma presencial e vice-versa, num jogo dinâmico e original de combinações e interpenetrações.

Um quarto desafio: o tópico, inevitável, da *sustentabilidade* das instituições. Numa sociedade global, a esfera virtual demonstra uma preponderância económica a que não poderemos fugir. A compreensão atempada e lúcida do alcance da pegada digital pode assumir contornos decisivos no que toca à sobrevivência e sustentação – e até legitimação junto do poder – dos equipamentos culturais, ainda mais numa área tradicionalmente muito afectada por períodos cíclicos de retraimento, contenção e subfinanciamento propiciados por factores económicos e/ou políticos. Sem querer entrar a fundo na ampla temática do *serviço público* por parte do Estado e do acesso gratuito à Cultura, considero que se é um facto que o sector cultural não sobrevive sem público, não será menos verdade que o mesmo não perdurará se não gerar algum volume de receita. Isto de modo a que esse *income* financeiro, mais alavancado pelas amplas potencialidades do digital ao nível do leque de serviços disponíveis, também possa ser mais um argumento (entre outros a meu ver tão ou mais relevantes) que dá cobertura à sua intervenção.

Por último, como derradeiro desafio, a *recepção artística*, ou seja, os *públicos* – retornamos a esta temática como fio de Ariadne desta reflexão crítica. É neste ponto que a discussão em torno do digital adquire uma dimensão mais intricada e multifacetada. Mas começo por uma evidência comum: é fundamental educar, manter e fidelizar os públicos já aderentes, mas não é menos vital cativar novos públicos para a Cultura e as Artes. E aqui – já o salientei noutras passagens – as potencialidades do *online* são imensas e variadas, mormente aos níveis da inclusão/acessibilidade e interacção em tempo real, desde que utilizadas com critério e bom senso. Torna-se, assim, essencial pensar nos públicos para os quais são concebidos conteúdos digitais, adoptando instrumentos eficazes de monitorização do alcance, utilização e adesão aos materiais disponibilizados na esfera virtual. Daí que esta conjuntura e a transição para uma nova "normalidade" sejam igualmente momentos preciosos para estudar os públicos – são ainda poucos os trabalhos, de maior fôlego e de cariz *qualitativo*, sobre a recepção em Portugal no domínio das artes do espectáculo, sendo o território digital, neste particular, uma realidade por explorar – e para, no caso das instituições culturais, realizar experiências, testar modelos, arriscar na incerteza, errar melhor.

Torna-se, assim, essencial pensar nos públicos para os quais são concebidos conteúdos digitais, adoptando instrumentos eficazes de monitorização do alcance, utilização e adesão aos materiais disponibilizados na esfera virtual.

Noutra perspectiva, esta nova realidade vem ainda questionar e desconstruir dois "chips" muito enraizados (mesmo que por vezes pouco confessados?) no seio do tecido cultural ao nível institucional: a preocupação com a meta estatística das lotações esgotadas, ostentadas com legítimo orgulho por todos nós e aproveitadas, e bem, do ponto de vista comunicacional como factor de valorização, promoção e diferenciação dentro do (também competitivo) universo das estruturas culturais; e a ideia, não forçosamente consciente, de que a fidelização de público pela via presencial (aquele que frequenta, assiduamente ou não, as salas de espectáculo) será simbolicamente, porventura, mais relevante e valorizável do que a captação de novos seguidores que fruem a Cultura (apenas ou também) através das plataformas digitais.

Se os números não têm nem devem constituir forçosamente a evidência mais importante nem a programação uma refém absoluta desse indicador, não é menos verdade, como sabemos, que é irrealista e imprudente descartar a sua significação e impacto, para o bem e para o mal, na implementação e nas percepções pública e política das dinâmicas culturais e artísticas. Ainda assim, creio que uma das consequências da covid-19 vai ser precisamente uma revalorização da pequena escala (por contraponto

à imagem da massa indiferenciada), do *less is more*, do reduto intimista mais confortante, do micro-contexto, de uma relação ainda mais personalizada e afectiva dos espaços/contextos culturais com os seus utilizadores. Considero ainda que uma expressiva estatística de adesão digital a um determinado espectáculo não é menos "abonatória" do que uma significativa fruição presencial do mesmo, ainda que deva ser um dos maiores desafios das entidades culturais na actualidade o de criar condições para provocar desejadas "deslocações" dinâmicas de público, neste caso em que adeptos do digital possam também ser atraídos para a experiência física (o que, de resto, não é de todo linear).

Posto isto, em que moldes o paradigma tradicional de recepção das artes performativas, centrado na experiência presencial, poderá posicionar-se neste período pandémico e de transição preventiva, de duração incerta? Apesar das muitas dúvidas e especulações, algumas certezas ainda vão ordenando o nosso mundo interior. Sabemos, desde logo, que a experiência física, *in loco*, de um espectáculo, incluindo o impacto do dispositivo contextual que o enquadra e delimita, se reveste de um grau de "pureza" e de imersividade, interacção, sociabilidade (comunitária), estímulo sinestésico, empatia intelectual, descodificação polissémica e transformação do espectador que a fruição digital continua a desconhecer e lhe é estranho. Quando se colocam na balança, numa espécie de (tácito) cruzamento crítico, todos esses ingredientes, a recepção virtual revela-se, quase invariavelmente, o elo mais fraco, numa percepção muito clara e relativamente consensual de que a singularidade conceptual da criação, a qualidade patente na sua transposição para cena e o *punch* emocional da sua mensagem (três dos "requisitos" mais decisivos na adesão a uma proposta artística) saem visivelmente potenciados e ampliados na transmissão presencial.

Empatizo profundamente com esta perspectiva não só enquanto espectador mas como programador de artes performativas e também músico, mas esta identificação – que é, no fundo, um acto de resistência (volto a esta ideia-chave) que é vital preservar e alimentar em prol do *valor do* humano, de um paradigma centrado na ritualística do corpo e dos sentidos e na transcendência singular que a experiência-reunião colectiva convoca e provoca – não poderá, ao mesmo tempo, ser sinónimo de uma negação dos novos tempos. Recordo Milan Kundera, que escreveu que "a vida é a perpétua violação da ordem" porque o desejo da ordem é, ao mesmo tempo, um desejo de morte.

Conscientes de que a recepção presencial estará visivelmente condicionada, artistas, técnicos e estruturas culturais terão esse desafio maior de, sem descurar as orientações preventivas, descobrir novas fórmulas de alimentar, pela imaginação e criatividade, essa relação primordial, olhos nos olhos, com o público. As acrescidas regras sanitárias e de segurança vão influenciar inevitavelmente o tal grau de "pureza" da experiência artística, assim como todo o trabalho criativo e técnico/logístico que está a acontecer em palco e fora dele. Não é difícil imaginar uma certa atmosfera "fantasmagórica" a pairar sobre as salas, pontuadas aqui e ali por ilhas humanas hiper-protegidas, cuja tensão acalentamos, esperançosamente, poder ser "desarmada" pela catarse provocada pelo espectáculo. Mas é essencial também que as instituições possam atenuar o mais possível o efeito disfórico destas condicionantes, trabalhando mais aturadamente, em malha fina, a dimensão sensível do acolhimento e envolvimento presenciais do público, fazendo-o "esquecer" a normativa realidade não estritamente artística.

Perante a incerteza do quadro geral e a possibilidade, para já nada descabida, de assistirmos a um processo marcado não apenas pela lentidão e intermitência mas também por avanços e recuos, julgo pertinente que *durante esta fase de transição* as instituições/equipamentos culturais possam propor uma estratégia "mista" de fruição que, privilegiando de forma clara a recepção presencial como prática regular e dominante (e, em última análise, insubstituível), recorra paralelamente à disponibilização *online*, em tempo real e com pagamento, de *alguns* conteúdos artísticos previamente seleccionados. Contudo – indo ao encontro de duas ideias-chave que já apontei noutro passo –, essa possibilidade digital em *live streaming* terá necessariamente de ser gerida com parcimónia, critério e sensatez pelas entidades públicas, aplicando-se apenas a um número circunscrito e minoritário de espectáculos. Sabendo de antemão que se tratam de contextos diferenciados com especificidades próprias e que o modo *online* apresenta, *per se*, limitações "naturais", neste momento excepcional a exequibilidade da experiência presencial não deverá, a meu ver, excluir em casos pontuais a sua "versão" digital.

Esta estratégia programática de dupla opção fomenta uma maior equidade social entre os poucos espectadores que poderão assistir *in loco* a espectáculos (pelas razões óbvias já elencadas) e os que privilegiarão, por prevenção, preferência ou necessidade, o universo *online*, além de traduzir uma resposta mais inclusiva e abrangente enquanto serviço público – não obstante sabermos que existem "fossos digitais" entre classes, grupos etários e gerações. Em tempos (que não são novos) de desigualdade e agora também de contingência, criar condições para que mais cidadãos possam ter um acesso efectivo à informação, neste caso à oferta cultural, é também dar-lhes uma promessa de futuro, alimentando um sentimento de atenção solidária e de esperança colectiva.

Enfatizo ainda a ideia de que a transmissão em directo, via Internet, de criações artísticas que estão a ser apresentadas/fruídas numa sala de espectáculos também pode constituir uma oportunidade preciosa para áreas como a Sociologia da Cultura e a Neurociência Cognitiva da Arte desenvolverem estudos

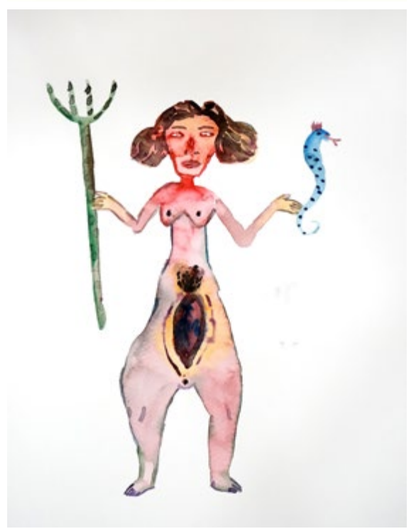
académicos mais aprofundados – tão prementes e úteis também para quem trabalha em programação de artes performativas e na análise dos públicos – sobre a relação do indivíduo com o objecto artístico, incidindo sobre as especificidades dos *estados* e *processos perceptivos* identificáveis nas recepções presencial e virtual, e analisando os dois paradigmas numa perspectiva comparativista. Recorde-se que o "público" é um dos conceitos mais difusos pela diversidade dos seus usos e descrições, e que a maior democratização da Arte não veio facilitar a sua definição, hoje distante da ideia de um grupo de pessoas com interesses comuns por oposição à "massa". Além disso, sempre que surgem "novos *media*", como os electrónicos (a Internet), aparecem também novos públicos e aqui a mediatização cultural trouxe consigo um incremento da inteligibilidade da Arte bem como um aumento dos potenciais públicos da Cultura.

A difusão digital de alguns espectáculos ao vivo tem várias implicações, umas de cariz prático e outras de alcance mais simbólico. Em primeiro lugar, exige um reajustamento dos orçamentos alocados à programação por parte das instituições, acautelando: as despesas com direitos de imagem derivados dos acordos prévios com os artistas que se pretende abarcar; um capacitado investimento na qualidade audiovisual da transmissão dos conteúdos performativos, de modo a conferir mais-valia a essa opção e, assim, a incentivar e legitimar a cobrança da mesma; e a adopção de uma plataforma eficaz, com parâmetros e condições específicos, que permita o pagamento da recepção virtual. Este *modus operandi* poderá inclusive questionar, a médio-longo prazo, várias entidades culturais, nomeadamente as situadas fora dos grandes centros, sobre a constituição e perfil das suas equipas de trabalho e sobre a necessidade de nelas integrar elementos especializados no campo do registo e edição vídeo. Sublinho aqui a dimensão de criatividade (de uma função "autoral" partilhada com os artistas) que esses profissionais da área audiovisual podem aportar tanto ao processo dinâmico de captação de imagens ao vivo para o *online* como ainda à manipulação posterior desse material performativo para fins diversos, como reportagens, documentários, *teasers/trailers*, *videoclips*, transmissões em diferido, etc.

A questão do pagamento dos espectáculos assume aqui uma relevância central. Além de a população portuguesa em geral não ter o hábito cultural enraizado de pagar para ver conteúdos *online* ligados estritamente às artes do palco (não obstante 3,8 milhões de pessoas já fazerem compras via digital), toda esta fase em que houve uma proliferação massiva de apresentações ao vivo gratuitas terá decerto as suas consequências nos hábitos sociais, criando uma previsível retracção/acomodação de não poucos utilizadores quando confrontados com a impossibilidade de aceder sem custos a determinada oferta performativa emanada digitalmente de uma instituição cultural. Por outro lado, esse recurso à Internet também estará dependente do grau de familiaridade dos públicos com as modalidades de pagamento mais usuais (Paypal, MB Way, Mbnet, cartão de crédito, etc.), sabendo-se, por exemplo, que 89% dos utilizadores de compras *online* em Portugal tem entre 16 e 44 anos.

A meu ver, as transmissões de espectáculos na Internet a partir de teatros ou outros espaços culturais devem ser obrigatoriamente pagas, evitando-se a multiplicação de práticas de acesso gratuito que sejam contraproducentes quer em relação à desejada ida dos públicos às salas quer à implementação pontual de formatos *online* pagos. A definição de um preço justifica-se também por uma questão de alguma equidade e coerência relativamente a quem compra bilhete para a experiência presencial, como ainda pela pertinente mensagem simbólica que os agentes culturais transmitem à opinião pública com essa imperatividade material, bem como por alguma receita de bilheteira virtual (com uma expressão variável) que possa daí advir para as instituições. Se parece relativamente pacífica a ideia de que um público mais cultivado, que por norma já valoriza a fruição física, não irá alterar substancialmente o seu perfil num futuro próximo apesar da presente conjuntura, poderá haver segmentos mais "elásticos" desse universo que por razões diversas mudem/variem a sua postura perante algumas vantagens (mormente a acessibilidade económica) da hipótese digital. Daí que também se afigure útil que a experiência *online* não apresente um valor de acesso substancialmente menor ou irrisório face ao do ingresso presencial, sendo que um diferencial de 50% entre os dois valores poderia ser uma opção plausível e sensata. Ainda acerca do custo dos bilhetes na *rentrée* dos espaços culturais *indoor* a partir de Junho (ou de Setembro), parece-me pouco aconselhável que se introduzam reduções nas políticas de preços já praticadas habitualmente para a assistência em sala, isto como eventual estratagema para cativar mais público para a experiência *in situ* num período de maior contenção. Considero ainda que a difusão dos espectáculos na Internet deverá ser *em tempo real* e não em diferido, nem com disponibilização posterior *on demand*, pelo menos durante um período razoável de tempo após a sua ocorrência. Optando-se pelo directo, o público sentirá maior

As transmissões de espectáculos na Internet a partir de teatros ou outros espaços culturais devem ser obrigatoriamente pagas, evitando-se a multiplicação de práticas de acesso gratuito que sejam contraproducentes (...)



estímulo e envolvimento, até por "sugestão psicológica", por saber/sentir que está a visionar um conteúdo que está efectivamente a acontecer naquele exacto momento.

Quanto aos critérios de selecção dos espectáculos a integrar essa programação *online*, aqui é crucial a aposta em *conteúdos exclusivos*, claramente diferenciadores e identitários da linha programática de cada espaço cultural, que sejam ao mesmo tempo muito apelativos para o chamado "grande público". Refiro-me à apresentação de estreias absolutas, como sejam encomendas, e/ou de co-produções e outros projectos artísticos de grande fôlego, pois só este tipo de oferta poderá gerar uma motivação suficientemente forte que leve o público a pagar pela experiência virtual. E aqui reveste-se de inegável atractividade a apresentação de um *package* que inclua não só a transmissão do espectáculo em si, como a disponibilização pública, em primeira mão, de material complementar que provoque um maior efeito de imersão da audiência em todo o fenómeno performativo: visitas aos bastidores, acompanhamento dos preparativos, auscultação das expectativas, entrevistas com os artistas e programadores, comentários da crítica, reacções do público, etc.

Perante esta nova realidade de lotações muito limitadas em sala, para essas propostas que à partida teriam uma procura massiva haverá agora uma plêiade significativa de "presenciais excluídos" que pode activar a modalidade digital como "experiência de recurso" dependendo da qualidade e diferenciação da oferta apresentada (friso este ponto). Isto para além de uma audiência com hábitos digitais que não equacionaria assistir *in situ* a esses espectáculos, mas que pode vislumbrar também aqui uma oportunidade única e irrepetível de fazê-lo através da Internet. Por outro lado, pode revestir-se de particular utilidade a aposta *online* em algumas abordagens performativas mais alternativas e minoritárias, não inseridas no *mainstream*, que necessitam amiúde de um maior investimento em termos de mediação de públicos e de uma promoção mais exigente e direccionada junto de um *target* mais generalista.

Uma nota suplementar sobre as diferentes áreas artísticas, que nos levaria longe. Como é natural, a maior ou menor eficácia e atractividade do *streaming* de criações de Música, Dança ou Teatro dependerão também muito da qualidade técnica do registo audiovisual e da própria natureza intrínseca de cada espectáculo ao nível da sua linguagem formal, dinâmica em palco, diálogo criativo entre expressão e técnica, modulação e dispositivo cénico. Assim, se difundir *online* conteúdos musicais (concertos) constituirá uma prática mais comum (e, aliás, menos recente), à qual o público está habituado e em que a mensagem artística é, de alguma forma, mais "directa" e "desvelada", transmitir virtualmente determinadas obras coreográficas ou teatrais pode levantar questões adicionais, isto mesmo sabendo que a fruição digital das artes cénicas já é, à partida, uma experiência de *aproximação relativa/possível* e não de imersão total. Nesta óptica, o caso do Teatro – esse templo onde tudo é verdade, até a mentira, como dizia Augusto Boal – parece ser aquele em que esta problemática, que não é de hoje, se coloca com maior acuidade. Será que a criação dramática deve ficar "imune" a esta abordagem de fruição não orgânica? Até que ponto a experiência do espectador através da Internet preserva e traduz a densidade, complexidade, depuramento e a dimensão de segredo/mistério, metáfora, poesia (que se faz humana), de espaço-tempo de liberdade e inquietação onde se podem discutir até às últimas consequências os problemas humanos, do universo teatral? Sobre uma arte milenar que faz o espectador descobrir que existem duas realidades, mas que a do palco é muito mais real (aprecio esta visão de Arthur Miller), poderão colocar-se assim múltiplas interrogações e leituras quando se fala da sua mediação tecnológica e "transposição" para um formato *online*.

O *streaming* das artes cénicas, inclusive de Teatro, não é, de resto, uma prática nova. Antes do advento desta pandemia existia já uma crescente constelação de grandes plataformas a disponibilizar *online* conteúdos de teatro, ópera e outros géneros musicais e dança a troco do pagamento de uma subscrição. A lógica do *low cost*, o enfoque na personalização e na liberdade de escolha, aliados à alta qualidade de som e imagem, são os pontos fortes deste tipo de oferta, num modelo híbrido que combina a transmissão de conteúdos gravados à disponibilização de espectáculos em directo. A pioneira, a *Medici.tv.*, nascida em França em 2008 pela mão de Hervé Boissière, abriu caminho numa indústria então praticamente desconhecida e actualmente reúne 350 mil utilizadores de 186 países.

Então como poderão as instituições incorporar a dimensão digital sem com isso "poluir", enfraquecer ou desvalorizar pragmática e simbolicamente a singularidade da vivência *in situ* da Arte? Ou o *online* na fruição dos espectáculos constituirá uma tendência temporária, que após o fim da pandemia se dissipará gradualmente? Ou, nesta mesma linha, será que as entidades culturais não têm, de todo, de recorrer também ao caminho virtual, continuando a privilegiar um único e exclusivo modo de apresentação da sua oferta, agora como dantes? De outro modo, essa paralela opção digital não surtirá um crescente efeito de *hibridização*, potenciando franjas de espectadores que privilegiarão ambas as fruições (presencial e virtual) e que escolherão uma ou outra em função de factores temporais, circunstanciais, económicos, geográficos, estéticos ou movidos por outras subjectividades? Uma vitalidade crescente do mundo digital desembocará na criação de novos públicos para a Cultura dotados de perfis, gostos e motivações heterodoxos que, pela sua matriz, poderão vir até a reconfigurar o próprio conceito comum de

"espectador"? E/ou – como já apontámos – um cansaço face ao torrencial mundo tecnológico provocará uma revalorização do contacto presencial na fruição estética? Iremos assistir à recuperação, em modo "revivalista", de velhas fórmulas de recepção presencial e à distância, como o teatro radiofónico, os *drive-in* ou as tradicionais chamadas telefónicas (sem componente de vídeo) com conteúdos criativos, ou será apenas um fenómeno temporário? Incertamente, com tudo isto, em maior ou menor proporção, se desenhará o *amanhã* e o futuro da comunicação.

Até que ponto o *online* é uma ameaça à experiência presencial? A resposta imediata é que não sabemos (mais uma vez a incerteza), mas é certo que dependerá também, em grande medida, de cada um de nós. As instituições e programadores culturais, por seu lado, não controlam todas as variáveis que influem no comportamento dos públicos nem, em última análise, as repercussões de transformações socio-económicas e tecnológicas globais de múltiplos efeitos directos e colaterais. Ainda assim, governos e demais agentes ligados à Cultura e às Artes podem e devem contribuir, pelas suas estratégias e práticas, para atenuar, num movimento regulatório e consciente, as facetas menos positivas de um turbilhão digital que já não tem recuo, potenciando, ao mesmo tempo, as diversas possibilidades de convivência entre os dois mundos.

Sim, é um facto indesmentível: o devir tecnológico e o incremento da literacia digital, de que são exemplos maiores o vídeo *on demand* e o pagamento sem contacto, o teletrabalho, as compras por Internet ou as redes sociais, não obstante os seus múltiplos benefícios, trazem consigo uma consequência deveras preocupante e "silenciosa" (há quem lhe chame um objectivo) a nível prático e simbólico: a redução dos contactos materiais e, especialmente, humanos. De certa forma, a covid-19 não deixou de "cair que nem uma luva" nesta fortíssima espiral oferecendo-lhe uma magnífica razão, como observa Michel Houellebecq: "uma certa obsolescência que parece estar a afectar as relações humanas". A dualidade é evidente: se nunca estivemos tão conectados como actualmente, conectividade não significa necessariamente harmonia (mas sim, amiúde, fragmentação e isolamento). E isso terá de fazer soar um inevitável alarme nas consciências e nos comportamentos. O digital não parece ser compatível com a empatia. E aqui recorro às sábias palavras do filósofo Franco Berardi: "O futuro só é imaginável quando estamos dispostos a investir emocionalmente nos outros, na amizade, na solidariedade e, claro, no amor. Mas se não formos capazes de sentir empatia o futuro não existe. São os outros que nos validam, que nos conferem humanidade."

Se nunca estivemos tão conectados como actualmente, conectividade não significa necessariamente harmonia (mas sim, amiúde, fragmentação e isolamento).

Seriam infindáveis os questionamentos críticos, de múltiplos ângulos, em torno dos actuais modelos e tendências de recepção cultural e artística, ressaltando sempre a ideia de que uma visão monocromática ou uma perspectiva a preto e branco não caberão, pelo seu cariz redutor, numa equação realista em torno dos planos presencial e digital. No meio de tantas indagações, uma certeza: para já, o enfoque massivo na Internet, com os seus pontos fortes e limitações, tem constituído uma medida excepcional para um tempo igualmente singular tanto na Cultura como noutras áreas da vida social e, mesmo que o presente movimento colectivo, centrado nas plataformas *online*, possa gerar novas ideias e práticas, não transitórias, que perdurem pós-pandemia (em contornos por agora incertos), será, em última análise, o lastro do tempo a abrir (ou não) esse caminho.

Mas não deixemos de persistir nessa demanda resistente e utópica em prol da primazia de algo absolutamente único: a presença do *humano*, a cumplicidade do afecto, o conforto da cadeira habitual, o calor do holofote, o solavanco sonoro no peito, a magia do gesto mais ínfimo, a respiração do momento, o culto do silêncio, o desassossego do corpo, a tensão invisível da sala, a nudez da lágrima, a densidade do espanto, a elevação do espírito, o frémito do aplauso, a surpresa do desfecho, a expectativa do *encore*, o aconchego do autógrafo, a vibração da comunhão colectiva – toda uma gramática emocional e simbólica, *partilhada*, que a tecnologia, para já, apenas toca com a ponta dos dedos.

Partindo dessa premissa vital, esta(re)mos abertos a novos paradigmas culturais, em que físico e digital coexistam e se complementem por criativas vias? José Gil tem-nos vindo a alertar para um desafio maior: conseguir aglutinar o que é heterogéneo. Nesta estimulante "terra de ninguém", onde permanência e alteridade se cruzam, vivamos devagar e com imaginação este tempo subjectivo de escuta e aprofundamento da espessura dos temas, para que mais tarde não esqueçamos, para que, como diria Kundera, se mantenha o vínculo secreto entre lentidão e memória.

Freud a caminho de Roma: uma inibição?

António Mega Ferreira

A minha atração por Roma é profundamente neurótica
Sigmund Freud

A abarrotar de referências clássicas, que lhe assombraram os sonhos e iluminaram a escrita, o dr. Sigmund Freud alimentou, desde muito novo, o desejo de visitar Roma e Atenas. Na segunda, em 1904, experimentou uma espécie de *black-out* que lhe provocou uma "perturbação da memória", segundo conta numa carta que enviou ao escritor Romain Rolland em 1936, quase no final da vida; a Roma demorou a chegar, porque, tendo arribado em setembro de 1897 às margens do lago Trasimeno, a menos de 200 quilómetros da antiga capital imperial, deu meia volta e foi acolher-se às sombras familiares e protetoras da sua Viena de adoção. Este episódio, descrito como uma inibição, encontra o seu lugar, com maior ou menor relevo, em grande parte das biografias de Freud, mas é omisso em obras de outro fôlego e algum distanciamento crítico, como as de Max Schur ou Elisabeth Roudinesco.

Freud decidira partir para Itália no verão de 1897, em plena turbulência intelectual e emocional. Perdera o pai, Jakob, em outubro do ano anterior, "a perda mais dilacerante que um homem pode sofrer na vida"; a sua defesa da etiologia sexual das neuroses perante os confrades da Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena saldara-se por um fracasso evidente; afligiam-no perturbações cardíacas e gastrointestinais; angustiava-o a crescente onda de antissemitismo que grassava na cidade e no resto da Áustria, com reflexos negativos na evolução da sua carreira académica. Além disso, numa carta para Wilhelm Fliess, o seu discípulo, correspondente privilegiado (até 1904, data em que se consuma a rutura entre os dois)[1] e câmara de ressonância das suas "descobertas", datada de 14 de agosto de 1897, Freud confessa estar "torturado por graves dúvidas no que diz respeito às neuroses (*die Neurotik*)". Em crise está então a sua "teoria da sedução" (um "conto de fadas científico", segundo Krafft-Ebing), pela qual vinha a sustentar que os fenómenos neuróticos têm sempre na origem uma agressão sexual paterna ou de outro familiar. Mas os casos de neurose por ele conhecidos em Viena são tantos que é impossível a ideia de um tão grande número de agressores: Freud começa a acreditar que à ideia de uma intervenção material, física, concreta, de outrem convém substituir a noção de uma "realidade psíquica" do paciente. E, sendo assim, desloca o foco da sua investigação da relação direta entre pai e filho para a reconstituição do recalcado pela criança durante a sua idade infantil. O que passa a estar em causa é "não o desejo do pai, mas a criança como *ser de desejo*", como diz Elvio Fachinelli.[2] Por assim dizer, da perversidade alheia volta-se para a história da vida do paciente. Para testar a sua nova proto-teoria, o passo seguinte é erigir a autoanálise, à qual começara por chamar "auto-observação" e na qual se iniciara no ano anterior, e a interpretação dos sonhos ("o sonho é a concretização de um desejo") como "métodos" para "reconstruir" cenas de infância suscetíveis de darem origem à criação de representações imaginárias e fantasiosas. Consciente da sua própria neurose, vai mergulhar dentro de si, à procura dos mínimos traços de "traumas" inscritos no inconsciente desde a primeira infância. O que ele fosse capaz de encontrar em si seria útil para compreender as neuroses alheias. "Estabelece, assim, a sua teoria do fantasma, admitindo que, perante as necessidades do seu desejo inconsciente, uma pessoa pode construir por si só um fantasma de sedução, sem que tenha havido qualquer facto real que o fundamente", sintetiza o psicanalista François Ansermet[3]. O "complexo de Édipo", que é corolário deste novo período (vertiginoso) da sua pesquisa, será pela primeira vez aflorado, através da leitura de *Édipo-rei* de Sófocles e de *Hamlet* de Shakespeare, na carta a Fliess de 15 de outubro, poucas semanas depois de regressar da sua abortada viagem a Roma. Para Freud, ainda que não tenha entrado em Roma, *"incipit vita nuova"*. A paragem à beira do lago Trasimeno coincide, tudo o indica, com o *clinamen* da sua consciência psicanalítica.

Consciente da sua própria neurose, vai mergulhar dentro de si, à procura dos mínimos traços de "traumas" inscritos no inconsciente desde a primeira infância.

A viagem desse ano não era a primeira que Freud fazia a Itália. A partir de 1895, ganhara o hábito de todos os anos descer até à Península, desvendando, um a um, os mistérios de um país que era para ele um objeto de fascínio: no primeiro ano, foi a Veneza; no segundo, visitou longamente a Toscana; no terceiro, este de 1897, começou em Veneza e veio descendo até se deter na Úmbria, de onde talvez contasse partir para Roma. Mas fez a agulha para norte, em vez de rumar ao sul. Porquê? Que força poderosa ou capricho inconsequente o levou a comprometer o objetivo último da viagem? "A minha atração por Roma é (...) profundamente neurótica", tinha escrito a Fliess, poucos dias antes do início da viagem. Sem dúvida, mas de que forma? Se Roma se insinua com frequência nos seus sonhos, até mesmo em substituição de outra cidade, que lhe surge no relato onírico como travestida de Roma, porquê negar-se a enfrentá-la na realidade, agora que se encontra a dois passos? Como agiu Roma no processo de construção teórica do dr. Freud? Bloqueador? Ou catalisador? Para entendermos o episódio do Trasimeno, teremos de vasculhar

[1] Sigmund Freud, *Lettres à Wilhelm Fliess (1887-1904)*, Paris, PUF, 2015.

[2] *Su Freud*, Milão, Adelphi, 2012: 50.

[3] Marlène Belilos, *Freud en ses voyages*, Paris, Michel de Maule, 2010: 34. Ansermet analisa aí, em conversa com a autora, o episódio do lago Trasimeno.

[4] J. Laplanche, J.-B. Pontalis, *Vocabulário da psicanálise*, 3ª edição, Lisboa, Moraes, 1976.

nos resíduos pré-históricos da sua infância e primeira adolescência. Com um senão: ainda e sempre, é pela mão e pela escrita de Freud que somos forçados a conduzir a inquirição. A primeira etapa desta pesquisa passará sempre pela leitura da sua correspondência com Wilhelm Fliess; estamos ainda e sempre no território subjetivamente minado do discurso freudiano, jogando com as regras que ele estabelece, apertados entre os limites que ele assenta para a sua pesquisa, uma autêntica arqueologia pessoal. Como não há outro remédio, nem melhor fonte, sigamos por aí.

A correspondência com Fliess é uma vasta coleção de 284 cartas de Freud, escritas entre 1887 e 1904, cujas respostas quase não conhecemos, porque a filha, Anna Freud, guardiã dos tesouros e dos segredos do doutor de Viena, as mandou queimar. Salvaram-se do auto da fé freudiano três cartas de Fliess. É, por isso, praticamente, uma "correspondência" unidirecional, onde as dúvidas, as inquietações, as pesquisas e as teorias de Fliess apenas nos são reveladas indireta e parcialmente, pelas referências que a elas faz Freud nas suas cartas. Para o que nos interessa aqui, no entanto, é quanto nos basta. As referências à viagem a Itália (e a Roma) ou estão nestas cartas ou não existem de todo.

De facto, a menção à viagem de verão a Itália surge, pela primeira vez, numa carta de 20 de julho de 1897: "Os nossos projetos de viagem mudaram. A Úmbria e a Toscana em vez de Nápoles e, antes, Veneza com Marta [Bernays, sua mulher]". Nenhuma alusão a Roma, como se vê (a viagem a Nápoles incluiria, quase necessariamente, a visita a Roma). Freud procura propiciar um encontro entre as duas famílias, embora o seu objetivo seja encontrar-se à viva força (é o que se deduz da leitura das suas cartas, *toujours plus pressantes*) com Fliess, que era praticamente o seu único auditório. Daí, a 5 de agosto, uma primeira precisão, desta vez comunicada a Ida, mulher de Wilhelm Fliess: "a 26 ou 27, começam as férias do meu irmão [Alexandre, dez anos mais novo] e portanto a viagem de três semanas a Itália". E acrescenta: "Mas uma mulher dificilmente se conforma com o calendário geral; em atenção ao seu calendário particular, devo partir sozinho com ela [Marta] oito dias antes, o mais tardar a 21 ou 22, e fazê-la voltar para casa a 1 de setembro". No dia 8, em carta a Fliess, confirma a partida a 21 de agosto e insiste na vontade de se encontrar com ele "nos próximos 15 dias". Seis dias depois, no entanto, conclui que o encontro não será possível, "por não querer forçar as coisas", visto que não conseguem acertar datas, de forma a ele poder estar de volta a Viena no dia 20 de setembro. A 18 de agosto, em nova carta, dirige-se a Fliess: "Já te disse, por acaso, que Nápoles foi abandonada e que a viagem nos vai conduzir a San Gimignano-Siena-Perúgia-Assis-Ancona – ou seja, à Toscana e à Úmbria?". De facto, a 6 de setembro escreve de Siena uns "modestos sinais de vida da minha viagem": "De Veneza (onde recebi a tua carta), passando por Pisa, Livorno, até chegar aqui." E, a seguir: "Próximo destino Orvieto, até lá San Gimignano." Depois disso, silêncio. No dia seguinte ao regresso a Viena, a 21 de setembro, escreve uma longa carta a Fliess, onde lhe anuncia: "Deixei de acreditar nas minhas neuroses". A carta é longa, já se disse; mas, ao contrário do que prometera no bilhete enviado de Siena ("terei muitas coisas para te contar"), nem uma palavra sobre Itália, sobre Roma ou sobre o lago Trasimeno.

A partir daí, as cartas de Freud ocupam-se quase exclusivamente com o resultado das suas pesquisas e "descobertas". A 15 de outubro, fala pela primeira vez do complexo de Édipo, que será a grande conquista da sua análise, carta que constitui, pela riqueza do seu conteúdo, um ponto de viragem crucial no método analítico de Freud. A palavra Roma só volta a surgir na correspondência para Fliess a 3 de dezembro, na qual admite o caráter neurótico da sua atração pela antiga capital imperial: "Essa [atração] está ligada ao meu entusiasmo de estudante de liceu pelo herói semita Aníbal, e este ano, tal como aconteceu com ele, também eu não fui do lago Trasimeno a Roma." Freud ainda não nos fala de inibição ou do complexo feixe de reticências que o impediu de ir a Roma. Apenas anota a coincidência com o comportamento de Aníbal. Mas este laconismo encobre uma narrativa posterior, muito elaborada com origem em recordações de infância, que vai trazer a lume mais tarde. Não antecipemos, no entanto.

A 15 de outubro, fala pela primeira vez do complexo de Édipo, que será a grande conquista da sua análise, carta que constitui, pela riqueza do seu conteúdo, um ponto de viragem crucial no método analítico de Freud.

Quando regressa a Viena, em setembro de 1897, Freud trabalha afincadamente em dois livros que constituirão um marco na sua bibliografia psicanalítica: *A Interpretação dos sonhos*, que vai concluir em finais de 1899, e *Psicopatologia da vida quotidiana*, talvez o seu livro mais popular, que sairá dos prelos em 1901. Antes da publicação destes dois títulos, a fama de Freud era mais duvidosa do que consagrada. Além disso, quando empreende a viagem a Itália, o edifício teórico que procurara esforçadamente erguer está em vias de desabar. Ele já exprimira dúvidas quanto à sua teoria da etiologia das neuroses; no regresso, vai pura e simplesmente renegá-la. Neste momento de transição da sua carreira, Freud não se vê a si mesmo como um vencedor. Pelo contrário, queixa-se amargamente da incompreensão dos seus pares, das barreiras que

impedem o seu acesso a um posto de ensino na universidade, da magreza dos seus recursos económicos, das dúvidas que o assaltam quanto à cientificidade das suas teorias. Pode bem ser que, chegado às margens do lago Trasimeno, lhe tenha ocorrido o precedente de Aníbal, cujo exemplo iluminara as suas fantasias adolescentes (curiosamente, os heróis de Freud eram quase sempre chefes militares): tendo jurado vingar o pai, Amílcar Barca, Aníbal galgou os Pirenéus e os Alpes e, por montes e vales, levou a sua fúria guerreira vingativa até ao coração do Império Romano. Deteve-se à beira do lago Trasimeno, na Úmbria. Esta renúncia a conquistar Roma valeu-lhe a censura de um dos seus generais: "Sabes bem como ganhar, mas não o que fazer com a tua vitória." Freud lembrava-se da referência histórica; resgatou da sua memória infantil o episódio em que o pai lhe contou como se vergara uma vez à ordem antissemita infamante dada por um cristão na sua aldeia natal; identificou o seu desejo de vingança por esta humilhação com a atitude do general cartaginês; e elaborou uma explicação que o colocava em pé de igualdade com uma figura histórica de primeira grandeza. Fê-lo no capítulo V de *A Interpretação dos sonhos*, publicado em primeira edição em 1900. A partir daí, os seus discípulos, seguidores e hagiógrafos procederam por uma espécie de "condensação" ("uma representação única representa por si só várias cadeias associativas"[4]) e deram gás à fantasia de uma inibição específica incapacitante – embora saibamos, pela correspondência citada, que Roma nunca esteve nos seus planos de viagem do verão de 1897. Se inibição existia, ela era mais ampla do que uma simples entrada em Roma: era a inibição de *conceber entrar* em Roma, por nem sequer ser ainda um vencedor.

É por isso que a psicanalista e escritora Elisabeth Roudinesco[5] não refere o episódio de 1897, já que naturalmente não lhe dá crédito. E Max Schur, tão meticuloso na reconstituição dos episódios biográficos com impacte relevante na obra de Freud, também não.[6] Com toda a probabilidade, Freud não foi a Roma em 1897 porque simplesmente Roma não estava nos seus planos de viagem; mas, chegado às margens do Trasimeno, ocorreu-lhe a analogia com a renúncia de Aníbal e viu nessa coincidência uma confirmação da sua neurose. Sigamos o exercício freudiano, tal como aparece de forma literariamente envolvente (Freud era um excelente escritor) no referido capítulo de *A Interpretação dos sonhos,* dedicado aos "Materiais e fontes dos sonhos" e escrito provavelmente durante o ano de 1898:

"Noutro caso, anoto o facto de que, embora o desejo que estimula o sonho seja um desejo contemporâneo, é no entanto claramente reforçado por memórias da infância. Refiro-me a uma série de sonhos que se relacionam com o meu anseio por ir a Roma. Por um período talvez bastante longo terei de me contentar com satisfazer este anseio através dos sonhos, já que, *na época do ano em que eu poderia viajar, devo evitar ir a Roma por razões de saúde*.[7] (...) Durante a minha última viagem por Itália, que me levou para lá do lago Trasimeno, descobri por fim, depois de ter visto o Tibre e de ter feito marcha atrás com relutância a uns oitenta quilómetros de Roma, o reforço que o meu desejo de ver a Cidade Eterna recebera de algumas recordações da minha infância. Tinha acabado de planear uma viagem a Nápoles via Roma *para o ano seguinte,* quando me ocorreu esta frase, que eu devo ter lido em algum dos nossos clássicos alemães: "Fica por saber qual dos dois deu mais passos para trás e para diante naquela sala, depois de ele ter concebido o projeto de ir a Roma – se o vice-reitor Winckelmann, se o grande general Aníbal." Eu mesmo seguira os passos de Aníbal; tal como ele, também eu estava condenado a nunca ver Roma, também ele tinha seguido para a Campânia quando todos o esperavam em Roma. Aníbal, *com o qual eu tinha atingido este ponto de similaridade*, fora o meu herói favorito durante os tempos de liceu; tal como muitos rapazes da minha idade, eu alinhara as minhas simpatias nas Guerras Púnicas não com os romanos, mas com os cartagineses. Mais ainda, quando finalmente tive consciência das consequências de pertencer a uma raça estrangeira, e fui forçado pelas posições antissemitas dos meus colegas de escola a tomar uma posição firme, a figura do general semita assumiu proporções ainda maiores na minha imaginação. (...) E assim, o desejo de ir a Roma tornou-se na minha vida onírica máscara e símbolo de anseios calorosamente alimentados, *para a realização dos quais se tinha de trabalhar com a tenacidade e obstinação do general púnico*, ainda que a sua concretização parecesse por vezes tão remota como o desejo perene de Aníbal de entrar em Roma."[8] (*sublinhados meus*)

Anoto o facto de que, embora o desejo que estimula o sonho seja um desejo contemporâneo, é no entanto claramente reforçado por memórias da infância. Refiro-me a uma série de sonhos que se relacionam com o meu anseio por ir a Roma.

Para completar o quadro, falta apenas a "cena originária" desta reconstrução: quando tinha "dez ou doze anos", conta Freud, o pai Jakob contou-lhe um episódio que ocorrera há muitos anos, quando ainda vivia na aldeia natal, Freiberg in Mähren, na Morávia. Tendo comprado um chapéu novo, Jakob viu-se um dia acossado por "um Cristão", que lho arrebatou e lançou para a valeta, gritando-lhe: "Judeu, sai do passeio!" Freud, o filho, quis saber como o pai tinha reagido; e Jakob, conformado, respondeu-lhe: "desci do passeio e apanhei o chapéu". Freud localiza ainda neste episódio a sua identificação com Aníbal, cujo pai o obrigara a jurar que se vingaria dos romanos. Mas nunca fala em vingança, apenas em génese de uma adoração, pelo que as efabulações tardo-românticas de alguns dos seus hagiógrafos sobre a renúncia a entrar em Roma como sinal da inibição (em Aníbal e em Freud) "de ir além do Pai" parecem despropositadas. Fazem parte da "lenda freudiana", mas não são material credível de reconstituição biográfica. Em termos simples, naquele momento o jovem Sigmund teve vergonha do pai. As razões da abstenção de Aníbal são de outra ordem, política e militar. Tudo o resto é literatura.

Mas para o que aqui nos interessa, há duas ou três passagens do excerto dado acima que merecem ponderação. Em primeiro lugar, Freud, notório hipocondríaco, dá como razão para a sua renúncia a ir a Roma em 1897 a circunstância de "na época do ano em que eu poderia viajar, [dever] evitar ir a Roma por razões de saúde." Depois, afirma que à data da escrita de *A Interpretação dos sonhos* (1898/99) "tinha acabado de planear uma viagem a Nápoles via Roma para o ano seguinte." Enfim, que para a satisfação dos seus anseios mais firmes, há que "trabalhar com a tenacidade e obstinação do general púnico." O que nos dizem estas passagens aqui destacadas? Que, em 1897, Freud temia as condições existentes em Roma que pudessem comprometer a sua saúde e que esta era a causa primeira da sua abstenção; que estava a planear (agora, sim) para o ano seguinte uma viagem a Nápoles com passagem por Roma, onde ainda não tinha ido; depois, que o "ponto de similaridade" com Aníbal era o facto de ambos se terem detido nas margens do lago Trasimeno; por fim, que ainda se considerava longe dos feitos realizados com "tenacidade e obstinação" pelo seu ídolo cartaginês.

Não fala de inibição nem de superação, apenas de uma experiência de viajante que ficou um pouco aquém das expectativas, "como acontece com estas concretizações quando esperámos por elas durante muito tempo, mas, apesar disso, um momento culminante de uma vida."

Após a publicação de *A Interpretação dos sonhos* e *Psicopatologia de vida quotidiana*, no entanto, as condições mudam. Talvez Freud se sinta agora um pouco "conquistador", como dissera uma vez, em tom faceto, a Fliess. Ganhou, pelo menos, uma segurança em relação aos "avanços" da sua teoria, que cada vez mais se cristaliza em torno do conceito de "complexo de Édipo", a amadurecer durante alguns anos. E, por tudo isto, começa a encarar seriamente a viagem a Roma. Em 23 de outubro de 1898, escreve a Fliess que anda a estudar a topografia da Cidade Eterna, "porque este desejo [de Roma] me atormenta cada vez mais"; em fevereiro do ano seguinte, imagina encontrar-se com Fliess na Páscoa, em Roma; em julho fala uma vez mais no projeto de Roma, que começa a tornar-se recorrente na correspondência; volta à ideia de irem passar a Páscoa em Roma (presumivelmente em 1900) em carta de 27 de agosto de 1899; em 12 de fevereiro seguinte, confessa estar "mais distante de Roma do que nunca".

Roma tornara-se, entretanto, nas cartas para Wilhelm Fliess, a palavra-passe da impossibilidade de se encontrarem ("não vês que Roma não se deixa tomar pela força?"). Mas, no verão de 1901, arma-se de "um pouco de coragem" e vai até à cidade desejada, com o irmão Alexandre. Das suas impressões da visita fala com circunspeção na carta que envia a Fliess de Viena, a 19 de setembro. Não fala de inibição nem de superação, apenas de uma experiência de viajante que ficou um pouco aquém das expectativas, "como acontece com estas concretizações quando esperámos por elas durante muito tempo, mas, apesar disso, um momento culminante de uma vida." Manifesta preferência pela Roma antiga e pela Roma moderna, "a Roma italiana", e aborrece a "segunda", a Roma papal, por "não suportar a mentira da redenção de uma humanidade que ergue os olhos para o céu". Quanto ao resto, "fui modesto nos meus prazeres, não quis ver tudo nestes doze dias."

Nos anos seguintes, "zeloso peregrino", irá por diversas vezes a Roma. Não sabemos se terá alguma vez lamentado o tempo que perdera, ao pretender transformar literariamente uma coincidência na causa de uma inibição, um facto da vida na psicanálise de um facto.

[4] Elisabeth Roudinesco, *Sigmund Freud. En son temps et dans le nôtre*, Paris, Editions du Seuil, 2014.

[6] Max Schur, *La mort dans la vie de Freud*, Paris, Gallimard, 1975.

[7] Numa edição posterior, talvez em 1909, Freud acrescenta a seguinte nota de rodapé: "Há muitos anos, aprendi que a satisfação deste desejo apenas dependia de um pouco de coragem, e tornei-me um zeloso peregrino a Roma".

[8] *The Interpretation of Dreams, The Basic Writings of Sigmund Freud*, edição e tradução de A. A. Brill, New York, The Modern Library, 1939: 258-260. Existe edição portuguesa disponível: *A interpretação dos sonhos*, trad. de Manuel Resende, Lisboa, Relógio d'Água, 2009.

Cinco emergências, a partir de Stefan Sweig*

Clara Caldeira

I.

O destino penetra invisível, através de milhares de portas e janelas e expulsa o sono; de cada leito afugenta o esquecimento. Há pouco quem durma no mundo; são mais longas as noites, mais longos os dias. Ninguém pode estar sozinho consigo e com o seu destino; cada um de nós espreita a distância. À noite, à hora em que jaz sozinho, acordado, na casa fechada e protegida, voam seus sentidos para os amigos, os ausentes; talvez que nessa mesma hora se realize parte do seu destino.
A insónia é criatura alimentada pela expectativa, uma demencial atenção ao futuro que mesmo no delírio do cansaço teima em não esboçar os seus contornos. Esperam os olhos, esbugalhados, por um dia de portas abertas.
Fechados vão os mortos, parecem todos iguais. Agora também nós, os da vigília, devemos acompanhá-los no silêncio do nada: fechados, sem fala, sem gesto. Cobertos, quase sem nome.
A insónia é criatura felina: aguarda quieta aquele discreto feixe de luz amplificado pelo mágico diafragma dos grandes animais. Para que se possa, enfim, caçar uma forma mais altiva de morrer.

II.

Incessantemente treme o ar, atravessado pelas ondas misteriosas, para as quais a ciência não tem nome e cuja oscilação nenhum sismógrafo sabe medir; quem ousará dizer que são impotentes esses desejos?
Como nomear o invisível sem adoecer? Como medir o medo com fórmulas? A ciência gagueja, a linguagem intoxica, o desejo desanima.
Contágio, leito, ventilador, máscara, teste. Infectado, assintomático, emergência, calamidade. Obrigatório, autoridade, prevenção. Encerrado, dispensado, apoiado. Crise. Crédito. Suspensão. Liberdades. Guerra. Inimigo.
Agora fala: à distância.

III.

Nada, nada pode estar em descanso; a humanidade arrastou o animal e a natureza para dentro da sua luta assassina.
Pássaros desconhecidos visitam a cidade. Os canais inundam-se de transparência. O azul recupera o seu lugar. Velhas metrópoles mostram-se imensas e abertas, intocadas, virgens por desflorar. É difícil crer em tanta inocência civilizacional. Volúpia súbita que cumpre em semanas desejos dantes atirados para as calendas. Incómoda, esta possibilidade de reconquistar. Sabemos que não teremos talento para sermos outros.

IV.

Sempre em algures existia o sono e o silêncio, sempre era possível encontrar criaturas que acordassem de manhã, a sorrir, depois de um sono profundo, sem sonhos. A humanidade, porém, quanto mais conquista a terra, mais intimamente se liga entre si; a febre sacode todo o organismo, o pavor toma de assalto todo o cosmos.
Procuro então essa intimidade que traz à boca a sede dos refugiados nos campos. A morte do samba nos morros das favelas. O cansaço das multidões indianas, sacudidas para as estradas. O ensurdecedor barulho das bombas que não morreram do vírus. A azáfama chinesa na construção de edifícios mirabolantes.
O americano ofegante em busca do cartão do seguro. Procuro então essa febril ligação num mapa sem fugas, ocupado exclusivamente por zonas vermelhas. Já não há aviões, mas as fronteiras cumpriram os muros, paredes-meias com o meu conforto, agora sim, sem lugar para sorrir. Finalmente, a geografia da catástrofe que somos surge em todos os ecrãs.

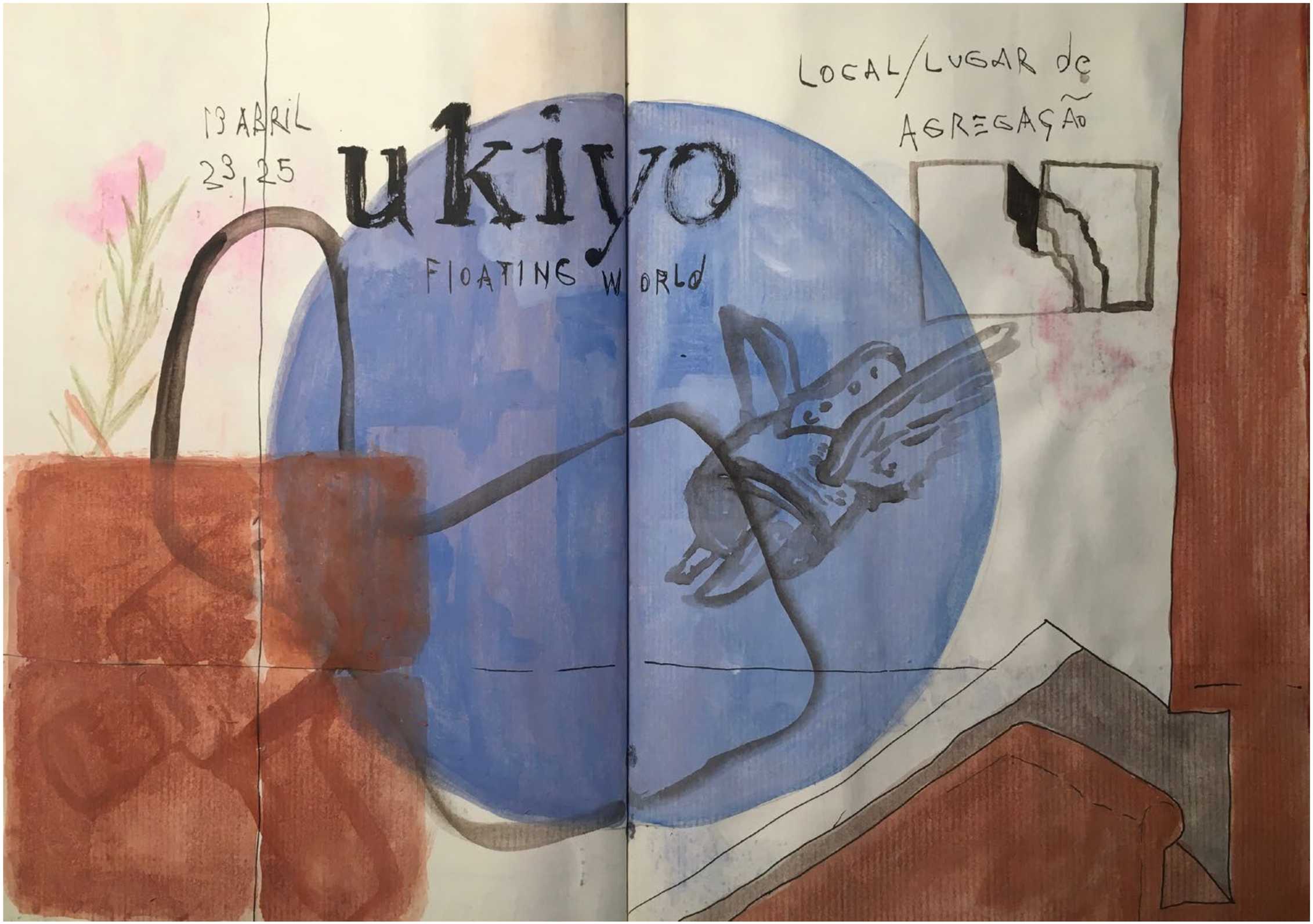
V.

Os que regressam e os que ficaram saberão gozar mais alegremente a vida – mais graves e mais conscientes apreciarão seu valor e beleza; quasi que ansiaríamos pela nova evolução, se hoje como na antiguidade, as lajes do templo da paz não fossem regadas com o sangue das vítimas, e este sono bem-aventurado, restituído ao mundo, não fosse comprado com a morte de milhões dos seus mais nobres exemplares.
Em curso, um saque sem precedentes: a certeza de sermos apenas isto, esta ordem que se chama mundial. Com culpa a crédito, mortos à distância, a terra no prego. Era, por assim dizer, um projecto de paz. Colonizado por existências mínimas e insensíveis, o império esboroa-se, sem a possibilidade de um abraço. Que fotografia guardámos dessa definição da espécie? Com que linhas narraremos tamanha derrota? Os que regressam e os que ficaram. Somos nós.

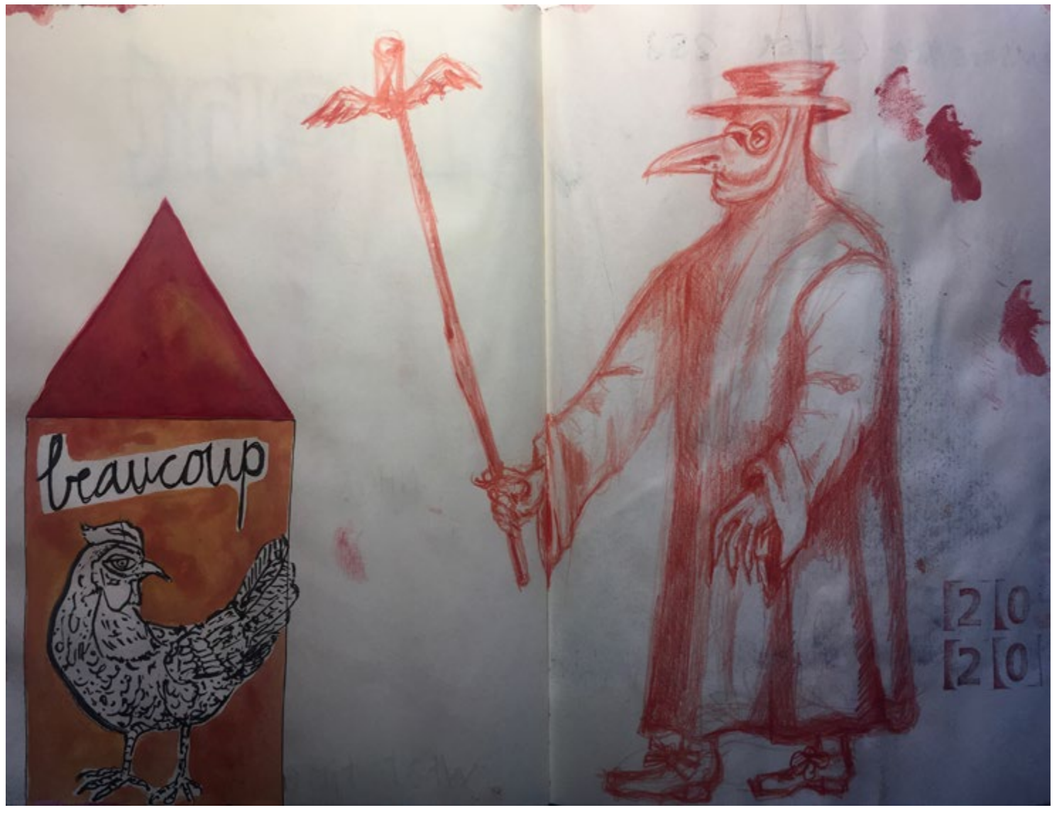
*"O Mundo não pode dormir", Agosto de 1914, do livro *Encontros, 2.o volume*, in *O Mundo Não Pode Dormir*, Civilização Editora, Porto, 1940

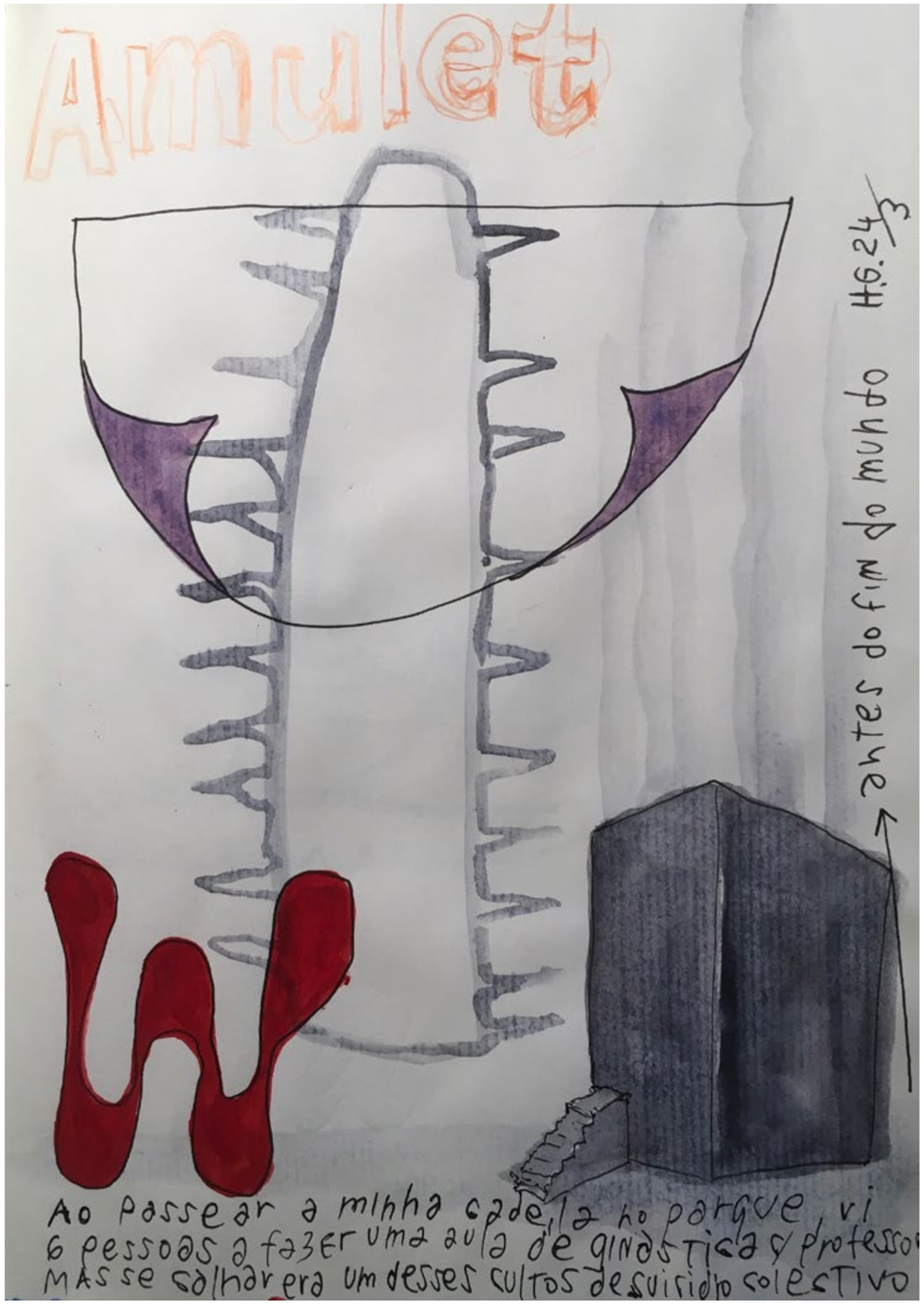
Diário Pandémico

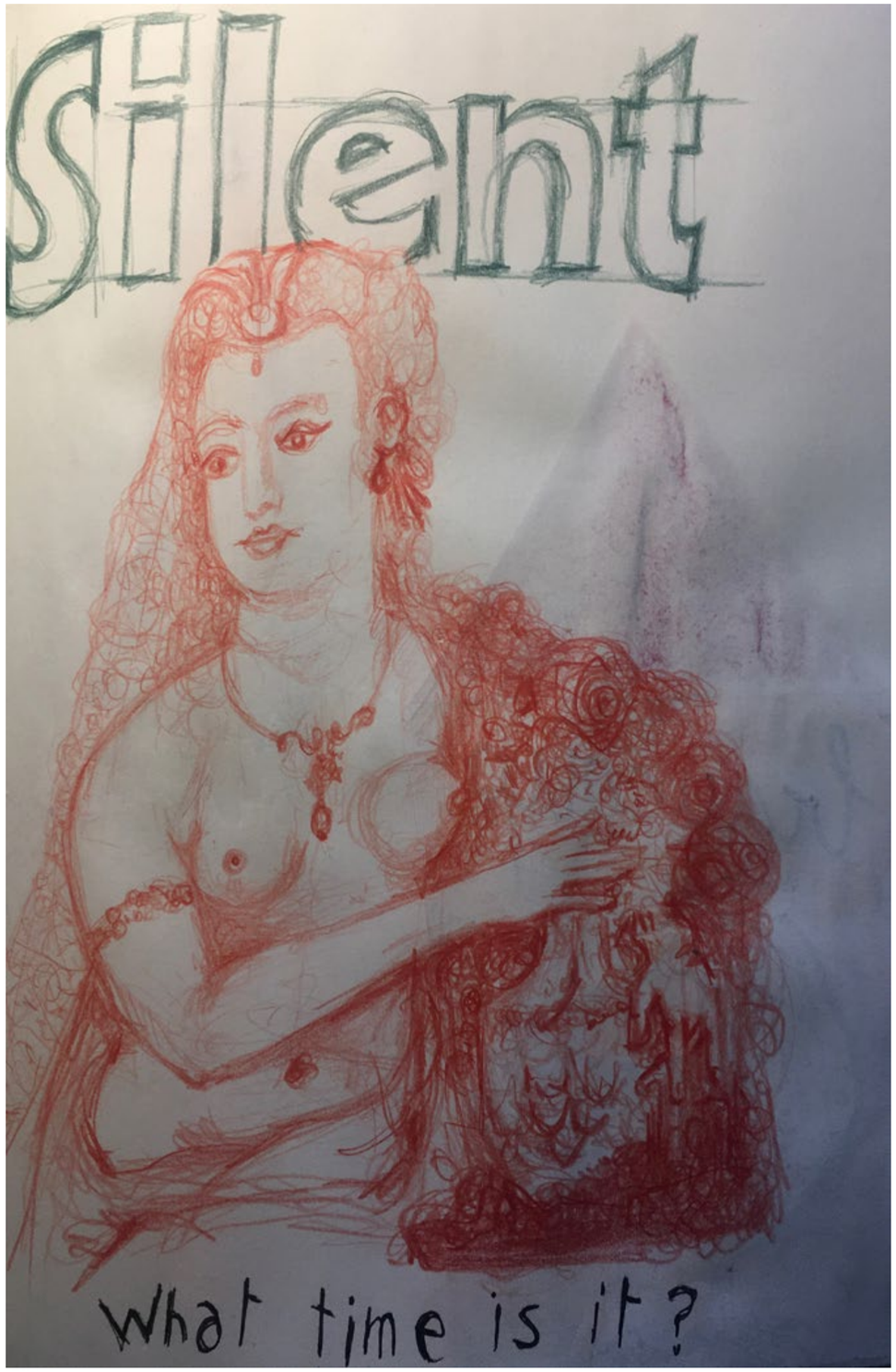
Lourenço da Câmara Lomelino


13 ABRIL
23,25
ukiyo
FLOATING WORLD
LOCAL/LUGAR DE
AGREGAÇÃO

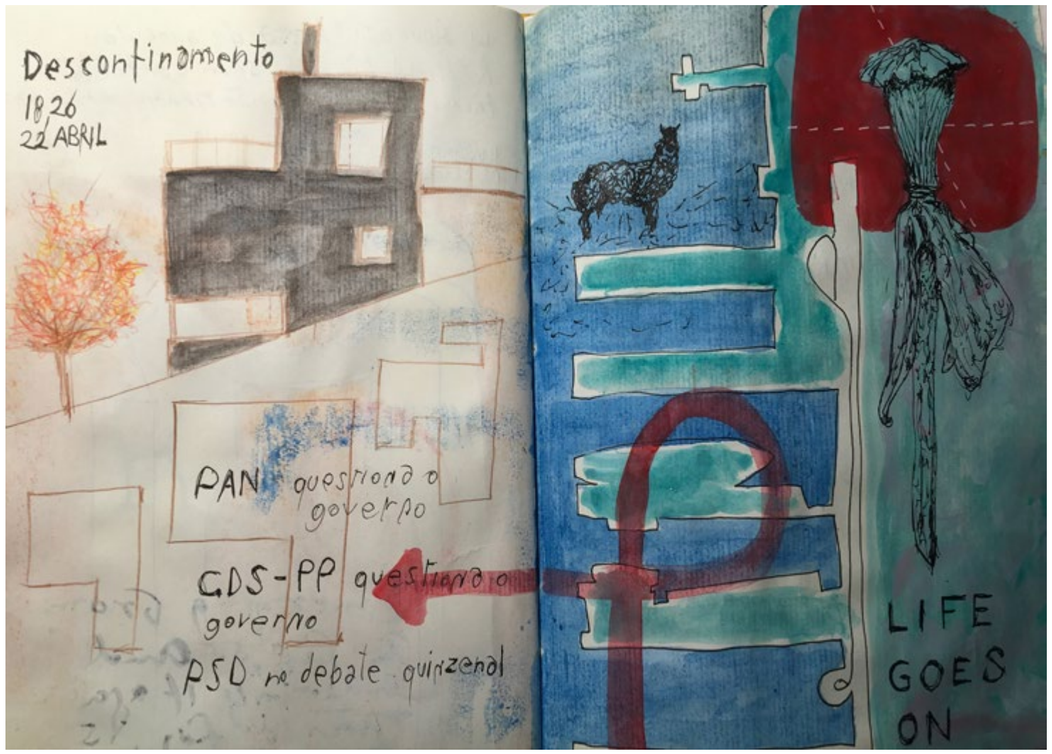
CONSCIENCE LETTER 253
OTHERS
March, 20
returning


beaucoup
[2[0
[2[0


Amulet
H6.24
os do fim do mundo
antes
Ao passear a minha cadela no parque vi
6 pessoas a fazer uma aula de ginástica & professo
MAS se calhar era um desses cultos de suicídio colectivo


Silent
what time is it?

AS MOTAS PODIAM ENTRAR TO
A VIZINHA CONTINUA AOS B
A SENHORA É MALTRATADA
ESTÁ TUDO PARADO
- SEM OFENSA
- NÃO. DIZ-ME COM QUEM ANDAS
EM HORARIO REDUZIDO
PENSAMENTO INTERESSANTE


Desconfinamento
18/26
22 ABRIL
PAN questiona o governo
CDS-PP questiona o governo
PSD no debate quinzenal
LIFE GOES ON

16 ABRIL
20
ABSTRACTION
other life

FLOW
MAR. 15, 2020
suna rivatto me intiahiva
15 ABRIL
9,18
LUISA TIAGO
ONLINE
LINHA DA AGENTE TESTADA
INSIGNIFICANCE

APPLE TREE YARD
"AS REGRAS SÃO MAMAS OU PERNAS, NÃO PODES MOSTRAR OS DOIS"
Untouchable
"SEXO CONTIGO É COMO SER COMIDO POR UM LORD"
RTP2, UMA ESCOLHA IMPERFEITA
Cigarra
15 ABRIL
LUCKY ME
CHOCOLATE
UM BOLO DE
MARTA FRANCO, "DEU-ME" TROUXE-ME

COURAGE
34,7
7,4
5
10,24
16 ABRIL

O ESTADO TEM SEMPRE MAIS ALMOFADA QUE O CAFÉ DA ESQUINA
UTG
RTP3
28 ABRIL
22,88
Pianta del Tempio
UM MUNDO PÓS-COVID
CONTENÇÃO ORÇAMENTAL
SUBIDA DO IVA NO MÉDIO PRAZO
ABANDONO ESCOLAR

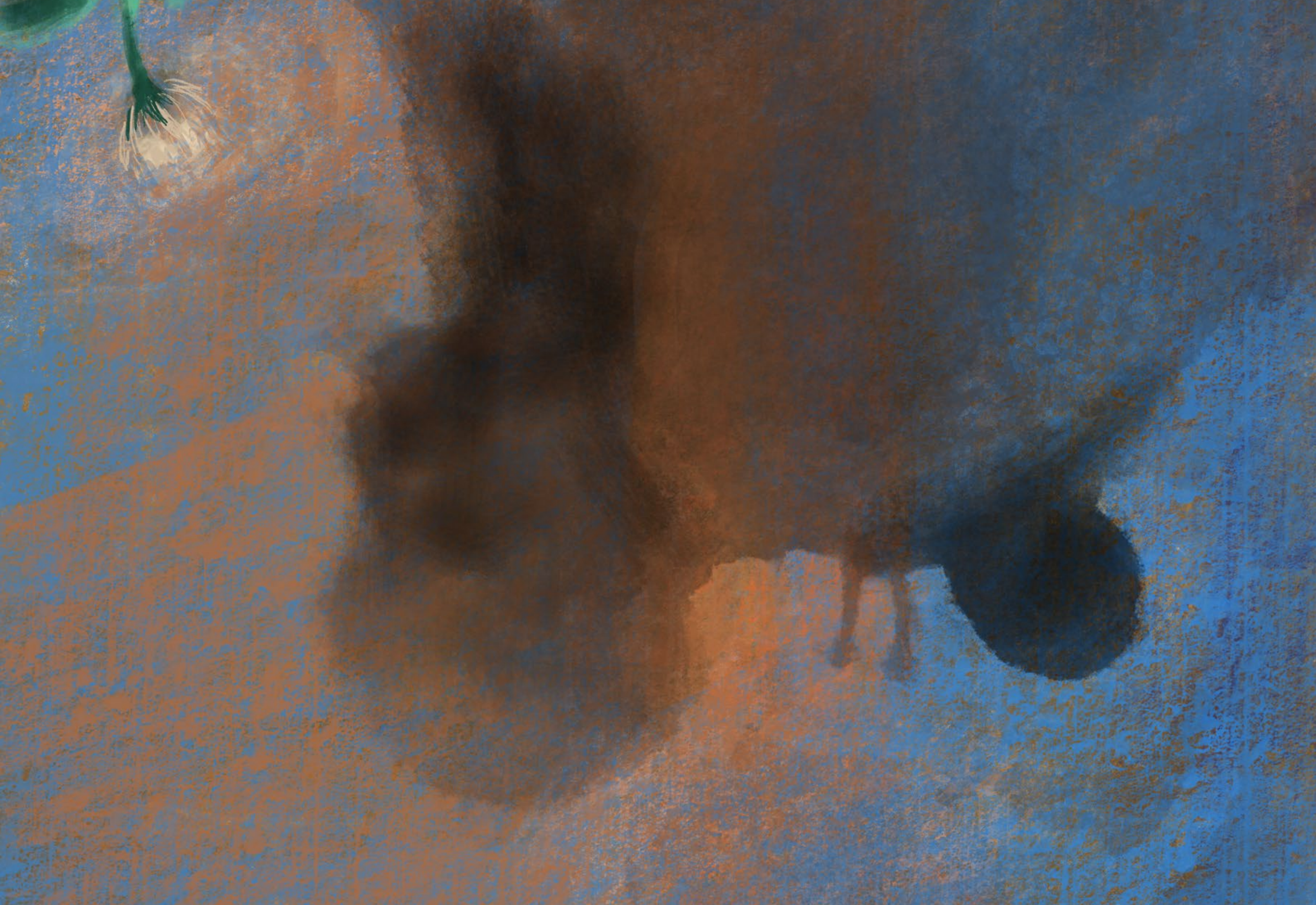
E mais além

A haver, talvez a banda sonora devesse ser o silêncio, nutritivo ou de tempero, nestes lugares sem relógio, sejam eles onde forem. Muitos serão no para lá da urbe, mas não nos deixemos enganar pelas aparências. A cidades são belas máquinas produtoras de paisagens. Além de mastigadoras. Vamos às nuvens, vamos ao mar, ao rural, mais ou menos mítico, vamos aos arredores, essa forma de estar entre, esse lugar que fica entre lugares, de passagem. Seguir o rio e a terra batida, a batida de ambos, água e chão. Ter terra onde ir para pertencer. Podemos não ir, ficar de olhar preso à flor, à hera e o seu movimento que apenas supomos, impossível de assistir. Ainda mais lenta que o veloz caracol. Um caracol de cabelo no auto-retrato, testemunho silencioso do que deixámos crescer. Tal como ao relógio, não escapamos à identidade, irrequieta que seja. Desconseguimos um relato das hortas, mai-las suas daninhas e as aromáticas. À nossa disposição ficam laboriosos panoramas, habitat natural das cores improváveis, de massas dinâmicas na sua quietude, a luz a dançar com o vento, aqui e ali um jazz a brotar das respirações, até do silêncio. A terra a cultivar-se em extensão silvestre. A observação de perto, mesmo quando diz longe, quando faz adeus. Fotos que sussurram. O amor de permeio, a reivindicar o estatuto de localidade, movediça mas digna de possuir foros, sejam eles de ruína ou palácio. O desejo ergue no ar as palavras que nem corpos. E rodopiam.

À nossa disposição ficam laboriosos panoramas, habitat natural das cores improváveis, a luz a dançar com o vento.

A
B
C
D
E
F

Ter tempo Desenho Manuel San Payo 402
Dois poemas de Rainer M. Rilke Poesia traduzidos por Sandra Filipe 406
Outrora Poesia Sérgio Godinho 408
A caminho Pintura João Queiroz 409
Selecta Poesia Manuel Rodrigues 418
Paisagens confinadas Desenho Pierre Pratt 419
Tratado da lonjura Ensaio Antonio Prete traduzido por Andrea Ragusa e Sofia Andrade 432
Da Cor Pintura Carlos Barão 433
Temas avulsos do bunker Música Miguel Feraso Cabral MULTIMÉDIA
Um tempo sem tempo Crónica Fernando Sobral 438
Ao perto Fotografia Carlos Pimenta 439
Dois poemas de Luljeta Lleshanaku Poesia traduzido por Vasco Gato tradução 446
Soneto do Anglia Fascinante a caminho da estrada da Comporta Poesia Afonso de Melo 447
About Land Música Mira Pardelha MULTIMÉDIA
Marés Desenho Daniela Gomes 448
O sangue entre ilhas Conto Carlos Alberto Machado 450
Raul Brandão na minha horta Crónica Tomás Vasques 451
Os outros animais Desenho José Teófilo Duarte 452
Omnibus Conto Sara Anahory 460
Sul Fotografia João M. Nogueira 461
Sfumato Poesia Ernesto Rodrigues 472
[Cirenes esgazeadas] Poesia Basco 473
Porta Líquida Música Lokomotiv (Mário Delgado, Carlos Barretto, José Salgueiro) MULTIMÉDIA
T o r p o r Poesia Pedro Dias de Almeida 474
Take off Desenho Rui Garrido 475
Lixo cósmico Conto José Xavier Ezequiel 476
Primeiro dia de viagem Crónica + Desenho Isabel Olivença, Rui Olivença 480
Viagem nos cadernos Desenho Jorge dos Reis 482
Identidades Ensaio João Freire 488
Mar raso Fotografia Jorge Nogueira 489
A Marga de Nemésio Ensaio Luiz Fagundes Duarte 498
Volutas Desenho António Gonçalves 499
Suspensão Música Ernesto Rodrigues MULTIMÉDIA



Dois poemas de Rainer M. Rilke traduzidos por Sandra Filipe

Buddha

Als ob er horchte, Stille: eine Ferne ...
Wir halten ein und hören sie nicht mehr.
Und er ist Stern. Und andre großen Sterne,
die wir nicht sehen, stehen um ihn her.

O er ist Alles. Wirklich, warten wir,
daß er uns sähe? Sollte er bedürfen?
und wenn wir hier uns vor ihm niederwürfen,
er bliebe tief und träge wie ein Tier.

Denn alles, was uns zu seinen Füßen reißt,
das kreist in ihm seit Millionen Jahren.
Er, der vergißt was wir erfahren
und der erfährt was uns verweist.

Buda

É como se ele ouvisse o silêncio: uma distância...
Suspendemo-nos e já não o ouvimos.
Ele é a estrela. E outras grandes estrelas,
Que não podemos ver, ali estão à sua volta.

Oh, ele é tudo. Esperamos, verdadeiramente,
Que ele nos veja? Que deseja ele?
Quando nos prostramos diante dele,
Permanece profundo e sereno como um animal.

Pois tudo o que nos impele para os seus pés
gravita à sua volta há milhões de anos.
Ele esquece o que sabemos
E sente o que renegamos.

Liebeslied

Wie soll ich meine Seele halten, daß
sie nicht an deine rührt? Wie soll ich sie
hinheben über dich zu andern Dingen?
Ach gerne möcht ich sie bei irgendwas
Verlorenem im Dunkel unterbringen
an einer fremden stillen Stelle, die
nicht weiterschwingt, wenn deine Tiefen schwingen.

Doch alles, was uns anrührt, dich und mich,
nimmt uns zusammen wie ein Bogenstrich,
der aus zwei Saiten eine Stimme zieht.
Auf welches Instrument sind wir gespannt?
Und welcher Geiger hat uns in der Hand?
O süßes Lied.

Canção de Amor

Como impedir a minha alma de tocar a tua?
Como erguê-la acima de ti rumo a outras coisas?
Oh, como desejo escondê-la num canto escuro,
Num lugar ermo e silencioso que permaneça quedo
Quando o teu imo se sobressaltar.
E, no entanto, tudo o que nos toca, a ti e a mim,
Liga-nos como o arco de um violino
Extraindo uma só voz de duas cordas.
Contudo, a que instrumento pertencemos?
E que violinista nos tem na mão?
Oh, doce canção.

Outrora Sérgio Godinho

Outrora, há pouco tempo
sentia o seu hálito.
Era uma matéria próxima
e agora nada se sente nem compreende
suspendido o movimento comum.

Como dói a perda
e como, mesmo reabastecido
se esgota e esvai
o mantimento do amor comum.

Não se sabe o que se perde
o que para sempre se perdeu.
É esse o momento em que tudo é irreversível.

E logo não.
Algo o acorda no fundo da noite.
Algo o arranca com garras próprias.
Diz
soletra as palavras. De que são feitas?
Escolhe o abecedário.
Escolhe qual. Qual é que serve?

Já sente e nomeia, mas ainda
não compreende o amor que existe
outra vez possível.

A caminho João Queiroz

diz sobreiro à azinheira
onde tens andado tu ?
deste por isso !... não estavas
daqui era-me óbvio ...
enquanto cá estive eu , saíste !
pois foi levei-me até
antares , alpha scorpii , sabes
às cefeidas amarelas ...
é sempre tão ... se posso vou
e por cá ? corvos !?

três e um cão que em ti mijou
os do costume ?! ... sim !
mais as ovelhas e o cabrão
que me arranca as rolhas
... e ??!...
, já me estão a brotar bolotas

universalismo capital

vem tudo de onde
aonde leva ixto ?
e que releva quem
vai fazer liso

o universo de deuses
se dividia então
anil migalhas
entrara um colapso
unidade estalou
e espalhou-se
universalmente
isolados uni
versos por deus
deuses por universo
alguns apenas um
outros nem pó
ou só apenas
quando a quando
uns quantos
pouco e à vez
porque a cola cedeu

donde cai tudo
que veio de longe
aonde eleva hiço ?
a cofre suíno
talvez

Selecta Manuel Rodrigues

Paisagens confinadas Pierre Pratt

a favor dos favoritos

$

sim , eu voo de lado .
cedo me vejo dado e
aos rebolões pelo ar
rodando descaio até
se poise a sexta face
onde por sina haja
favorável um plano
fixo , ou encaixes . e
dado que sou , darei
sorte a mãos várias
delas saindo a voar
de acasos . tal qual
quer outro dado ad
quirido , admito

(e se for pra um ...
... selo há pra todos)

visita de estudo

há quem lhes chame
discípulos
há quem lhes chame
cobaias ou
até mesmo espinafre

aos mais novatos

os rácimos de cimeiras

essa noite só sonhei com tirsos
, tirsos em cíncino , tirsos em
dicásio , homocládicos , hetero
cládicos os pleiotirsos e outros
botânicos clássicos , ou santos
de dioniso a baco , máscaras e
rostos , aos cachos todos , que
acordei ébrio , de embriagado
, nem consigo ao descrevê-los

mas ... eram em plástico !
pelo menos uns poucos

hidrografia (elevatória)

o sena ganges miss issipi

este riacho é pequeníssimo
apenas tem único leito e duas mar
(entre as águas correm deitadas)
gens tão só aos lados sempre a eito
como todo ou qualquer rio

amazonas um tejo o nilo

sonemas alentejanos

já que nada a mim me dizes
, estava quase a lembrar-me de ti
logo quando tinha começado
a escrever-te , vê só a consequência
, é para ti mesmo que escrevo
e nem sei bem quem tu me és ...
por isso nada te direi de meu
excepto talvez

festina lente . 112

conviria manter mais firme
na velocidade , controlada
a respiração de cada guelra
o bater a cada asa os passos
pra cada queda pela tensão
a direito por causas e loiças
daí partir a casa . balanços
em cadeira de vime apanhar
do chão os cacos

elogio a bobby dick

bobby sofria o que ignorava , e
desconfiava amiúde , desde cedo
que se recordasse , com deleite
pouco habitual pelas cidades , e
nos campos também é raro ,
que derivava de perante dúvida
até às mínimas das questões
ser afligido , de imediato , por
tesão substantivo que escolhia
pra crescer , como pinóquio se
mentia , na devida proporção
da urgente dureza e resistência
oferecida ao afundar-se ;

até já só curiosidades , di-lo
-ia que debate com ampulheta
contra a pressão , se mortifica ,
enquanto crescesse a ânsia por
soluções , obtidas afinal com as
respostas da exactidão , felizes
satisfatórias *(batia espasmos*

se fora imbecil ficaria por contente
com quaisquer ideias parvas , e
assim , sucessivamente — até aos
que , por mais que façam , jamais
verão orgasmos a partir de certa
idade , ou sabores acumulados)

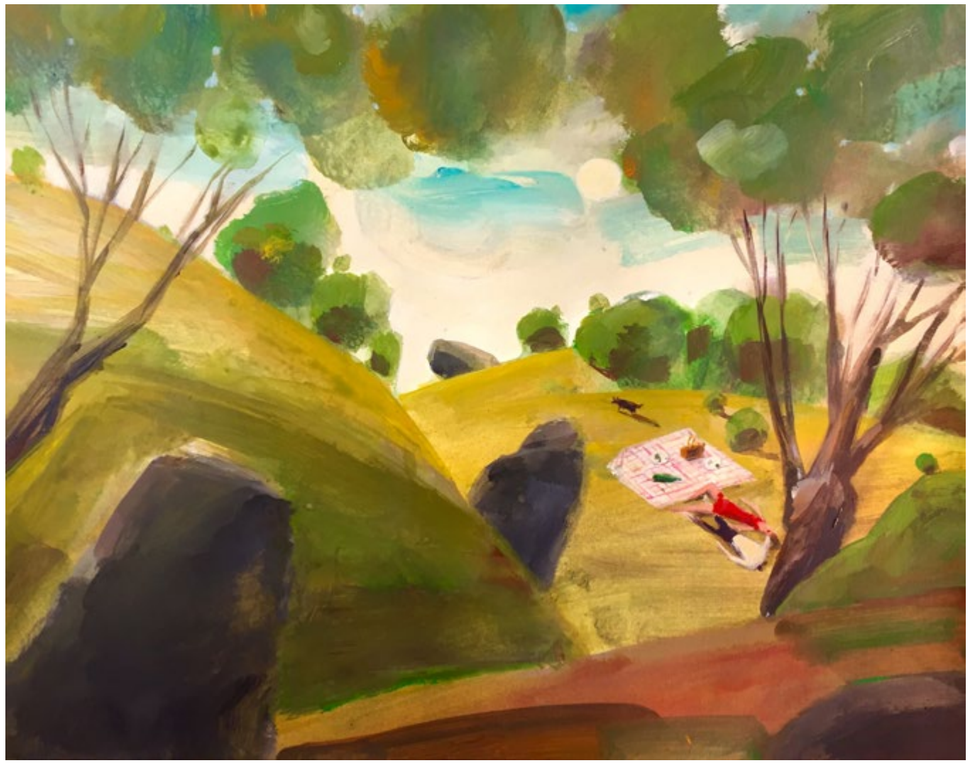
e oportunas sempre *(nas ocasiões*

presumindo que o prazer que sentia
não era doutrem , seria sua própria
ignorância que ali de si se evacuava
com a típica viscosidade do que não
sairia sem esforço , tipo as nódoas de
ketchup) portanto , certamente

acontecia , contudo , que a
cada acto de sabedoria , tal júbilo
jaculatório o atinge *(no mais fundo*
conforto do alívio por , após tudo ter
investigado , saber que aquilo sabia)
, que logo ali de tal se esquece sem
jamais de novo ocorrer ; e de vez
a questão desaparecida já nem vê
como se levara a duvidar

... à memória do corpo porém , e
esta entrada é final , um neo desejo
brota das marcas que prévio deixa ,
do avançar no vazio pelo que a cheio
não encontrara , e leve interrogação
quase emerge já se ergue e nota à
tona *(desconfiai das semelhanças*

— nunca falhara tiro !... acertaria
o alvo ?



Da Cor Carlos Barão

Tratado da lonjura Antonio Prete

traduzido por Andrea Ragusa e Sofia Andrade

Contar a lonjura é dar presença ao que é subtraído à presença.

Pensar a lonjura é dar uma configuração e um ritmo ao invisível, uma língua ao inatingível.

Acolher o extremo. Esse azar é a pulsão própria de todas as artes.

A lonjura é o longe observado no seu movimento em direcção à representação, no seu tornar-se figura. O longe observado no tempo e no espaço do seu acampar.

Lontananza (lonjura), na língua italiana, é uma palavra próxima, não apenas pela forma lexical, de *ricordanza* (recordação): Leopardi, com *ricordanza*, designava o movimento próprio do recordar, isto é, o ascender de uma «immagine antica» – uma imagem perdida, fechada no esquecimento – a uma nova presença, a um novo tempo. O tempo da poesia.

Também a lonjura, como a recordação, diz o movimento em direcção ao novo tempo: o longe faz-se linha, de indistinto que era. Faz-se luz, de sombrio flutuar na escuridão. E faz-se forma, de ilimitado informe que era.

Este movimento dá-se na linguagem, é obra da linguagem. Todas as artes tomam parte nele. É o ritmo deste movimento que permite à lonjura não abolir-se como lonjura, de permanecer aberta como lonjura, disposta a deixar-se atravessar nas suas ilimitadas regiões. É essa relação com a linguagem que impede à lonjura de se contrair na superfície ilusória de uma proximidade que é toda ela artificial, instantânea, provisória.

É neste lugar que se coloca a ideia que por longo tempo me acompanhou, antes de se estender no tempo do livro: descrever algumas figuras da lonjura, tal como o saber da literatura as acolheu e as interrogou. Um propósito – uma busca – que, antes de aproar à escrita deste livro, teve um seu tempo, por assim dizer, didáctico: durante uma década, na minha Universidade, todos os anos dei um curso sobre uma figura da lonjura.

E ia reparando, à medida que o tempo passava, que me encontrava no coração – na urgência – de uma questão totalmente contemporânea. Porque hoje a lonjura já não está longe. É próxima, transitável, até doméstica. Está nas casas, no ecrã do computador, no *display* dos telemóveis, no som que provém dos auscultadores. A técnica do nosso tempo, a técnica hoje triunfante, é de facto a *técnica da lonjura*. O advérbio grego *tēle* – longe – que aparece logo nos primeiros poetas gregos compõe os elementos e os instrumentos da técnica contemporânea. *Tele*fone, *tele*visão, *tele*mática. Tudo o que é longe – ilhas, desertos, cidades, acontecimentos, paisagens, costumes de povos ignotos – vem hoje em direcção a nós, queimando o tempo e o espaço da lonjura. Faz-se *contemporâneo*. Faz-se superfície, ecrã, som. Torna-se um aqui e agora oferecido ao olhar, a audição.

A língua grega declinava a lonjura dando figura, movimento, gesto à representação do que estava longe. De modo que o advérbio *tēle*, ao juntar-se a outras palavras, ia compor campos semânticos diferentes, que podiam designar, conforme o caso, a profundeza do mar, a amplidão da fama e do renome, o errar em longínquas regiões, o vislumbrar de um objecto ao longe, os povos longínquos, a amante longínqua, e por aí fora. Para nós, na actualidade, aquele advérbio grego anuncia palavras que indicam prevalentemente formas da técnica.

No mundo da *tele*comunicação a lonjura é como que recolhida num ponto e contraída, ao passo que se impõem a rapidez, a imediação, a simultaneidade. O universo da «rede» acolhe a lonjura no vislumbre instantâneo de uma imagem, de um som, de uma escrita.

É a nossa época. Com a riqueza e a ambiguidade das suas formas, dos seus modos de representação. Não se trata de opor à técnica da lonjura a arte da lonjura. Trata-se apenas de mostrar que o papel da linguagem – ainda na linguagem que é própria da técnica – é o de não reduzir a espessura da lonjura, a riqueza das suas variantes, a profundeza das suas figuras, os territórios incomensuráveis do seu espaço.

Não suprimir a lonjura: um propósito à altura da nossa época. E a narração, a poesia, as artes mantêm aberto o espaço da lonjura, porque representam a lonjura como lonjura. Porque exigem a colaboração imaginativa e meditativa de quem lê, de quem observa.

No adeus, a separação ainda não aconteceu e todavia já está presente com a sua sombra. A lonjura não está delineada, e todavia já se debruça com a sua espinha.

O tempo vivido está todo encolhido no limiar do adeus, mas, no instante em que nos apercebemos disso, aquele tempo parece ameaçado e como que esvaziado pelo tempo ainda por vir. O qual já está lá, também ele no limiar, como tempo da privação, tempo do regresso impossível.

O adeus é a experiência da lonjura antes de a lonjura realmente existir. Experiência do desaparecimento possível na presença daquilo que o desaparecimento dai a pouco irá tornar seu. Aqueles olhos, com a sua luz, aquela faixa de céu acima do telhado, aquela copa da arvóre que roça a cancela chamam para si, no seu estar ali, em frente daquela ou daquele que está prestes a partir, um pouco mais de presença, definem-se, ao aparecerem, com uma energia insuspeitável, entram no horizonte de uma visibilidade plena e até jubilosa. Mas, no mesmo instante, são tocados pela asa cinzenta do já acontecido. Na sua acrescida presença treme, já anunciada, a lembrança, com seus contornos esfumados, com a evanescência que a torna demasiado parecida com a imagem flutuante no espelho de água.

No adeus, o antes e o depois fixam um encontro, convergem no mesmo instante, cada qual carregado com a sua própria pena. Mas é como se a conjunção de antes e depois – um em direcção à consumpção, o outro em direcção ao seu desdobrar – gerasse, por um instante, um novo tempo. O tempo de uma trégua: a despedida do que já foi e a abertura do desconhecido estão suspensos nessa conjunção de antes e depois. Por isso o beijo é a figura mais própria do adeus. A demora de dois enamorados no beijo é a tentativa de prolongar esse tempo suspenso. Conjunção de antes e depois, conjunção de lábios. O abraço no limiar da partida: um desafio ao tempo da separação. Figuração – alusiva, utópica – da proximidade perpétua, do encontro entre corpos que anula o espaço, o vazio, da distância. E anulando o espaço, anula o tempo da lonjura. Mais se abraça, mais se quer impedir o insinuar-se do vazio: vazio de espaço, de tempo. É a ameaça daquele vazio que no abraço se quer esconjurar.

O limiar de um apartamento, o patamar de um prédio, a plataforma ao longo da qual correm as linhas do comboio, o desembarcadouro de um cais, o amplo e neutro corredor cheio de trânsitos que tem ao fundo a linha dos *check-in* ou as passagens no detector de metais são lugares frequentes de adeus: cortinas de um teatro interior que domina a cena, e até apaga a cena, por causa da luta, em acto a cada partida, entre o que já foi e o que ainda não é. Que é também, por vezes, luta entre o desejo de ficar e o de partir. E há, em cada adeus, o enfrentar – ainda em forma de presságio, de antecipação – do tempo obscuro que a separação poderá desvelar: por isso, nas línguas românicas a palavra que designa essa separação inclui em si a palavra *deus*: *addio*, *adieu*, *adios*, *adeus*... Proteção invocada e abandono ao imperscrutável. Como se um enredo do destino tivesse de sobrevir. Para guardar o tempo consumido e o tempo ainda por vir, mas também os rostos e as coisas abandonadas e o visível que se irá desdobrar algures.

Excertos dos trechos "Premessa" e "L'addio", retirados de *Trattato della lontananza* (ed. Bollati Boringhieri), a publicar pela abysmo.

Um tempo sem tempo Fernando Sobral

Ao perto Carlos Pimenta

Conta-se que os insurrectos da Comuna de Paris, na Primavera de 1871, saudaram o novo tempo da única forma possível. Radical, é claro. Ao atirarem pedras contra os relógios, colocados nos espaços públicos, decretavam o fim da ditadura do tempo. A revolução era um tempo onde este deixava de estar nas mãos dos poderosos. Tal como tinha sido, durante tempos infinitos. O monopólio do tempo esteve, até ao final da Idade Média, nas mãos da Igreja. Nessa altura, os comerciantes e a ascendente burguesia impuseram o seu tempo: o dos negócios e o do trabalho. Aquele que tem regido as nossas vidas até agora.

Todos sonhamos em controlar o tempo. Especialmente o nosso. Mas há muito que isso nos foi sonegado. Os ponteiros dos relógios correm velozes, fazendo-nos acreditar que não há dia nem noite, nem sonho sem realidade. Conquistámos a noite para o trabalho, o digital não dorme, mas na Birmânia ainda há monges que começam o dia quando há luz suficiente para ver as veias da mão. Não temos tempo, percebemos agora, confinados e, talvez, com um pouco mais de oxigénio para pensar. Uma das características mais tristes do nosso tempo é a impossibilidade de viver o presente. Esperamos, com uma fé religiosa, o futuro, porque os dias de hoje são-nos insuportáveis e isso gera frustração permanente. Queremos escapar a esta maldição. Fechados em casa, desejamos um futuro livre, ao sol, com abundância. No trabalho, imaginamos as férias. Projectamos todas as nossas limitações actuais em algo que está para lá da linha do horizonte. O que é o futuro?

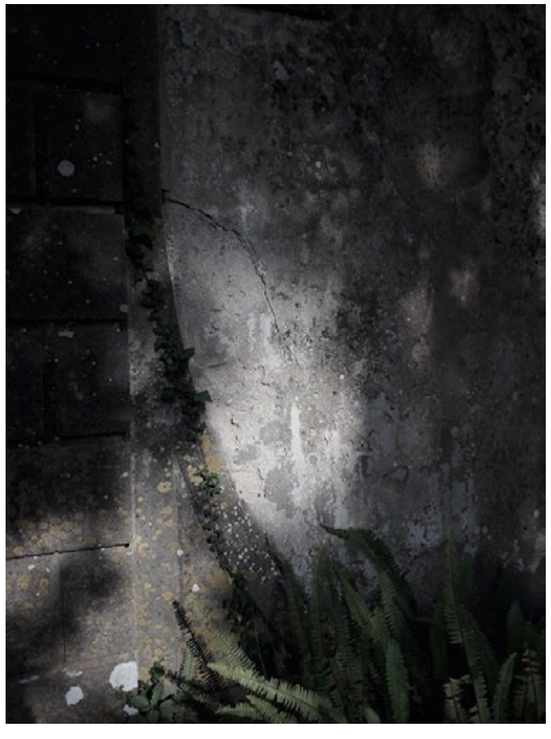
Não queremos olhar para o espelho. Queremos viver como Dorian Grey. Mas, triste destino, somos feitos de tempo. Ambicionamos permanecer, mas o nosso destino é a morte. Ainda assim, sonhamos com a imortalidade. É a contradição fundamental da nossa existência. O tempo é como a areia que se esvai entre os dedos das nossas mãos. No Ocidente, presos num mundo onde tudo tem um princípio e um fim, nunca temos tempo suficiente. Não nos vemos, como no Oriente, num círculo de criação e destruição que se vai repetindo, como as estações do ano. Há um velho provérbio africano que nos diz: "vós, os europeus, têm os relógios e nós temos o tempo". A grande verdade está aí: uma coisa é a medição do tempo, que nos obriga a dividi-lo em horas e minutos, e outra é a experiência dos ritmos da vida e da natureza que marcam a existência dos seres humanos nas sociedades não-industrializadas. O tempo que medimos não é o tempo que vivemos. Há muitos anos era a luz solar que regia a vida de todos. Hoje o fim da luz é uma ficção. Conquistámos tempo para quê? Por isso desprezámos as estações, a luz das estrelas e da Lua, o silêncio da noite, o momento de escutar os pássaros ou de seguir os passos calmos dos gatos. Estamos reféns do tempo em abstracto. Aquele que serve para medir o que devem fazer os homens e as mulheres. O tempo é agora digital. Tudo é abstracto. E foi assim que nos roubaram o tempo. E nós acreditámos que era para nosso bem.

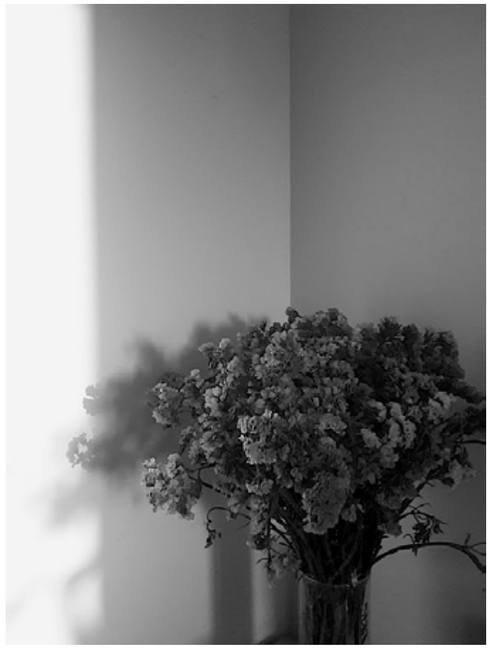
Na sociedade em que vivemos somos escravos do tempo. Só em momentos de intensidade maior, como o que vivemos, é que perdemos a percepção da sua mansa ditadura. Com o fim da cultura medieval perdemos a noção do fim do nosso tempo de vida. Da sua sacralização. Do seu mistério. Alguns julgam poder comprá-lo e alargá-lo. Nada mais fútil: nunca saberemos quando chegará o nosso crédito de tempo. A contagem obsessiva do tempo desligou-nos da conexão com a terra e a natureza. Sabemos sempre que hora é. Mas deixámos de saber onde estamos. Ulisses demorou 20 anos a regressar a Ítaca. Algum de nós teria paciência para isso? A cultura de velocidade não nos dá tempo para dar tempo ao tempo.

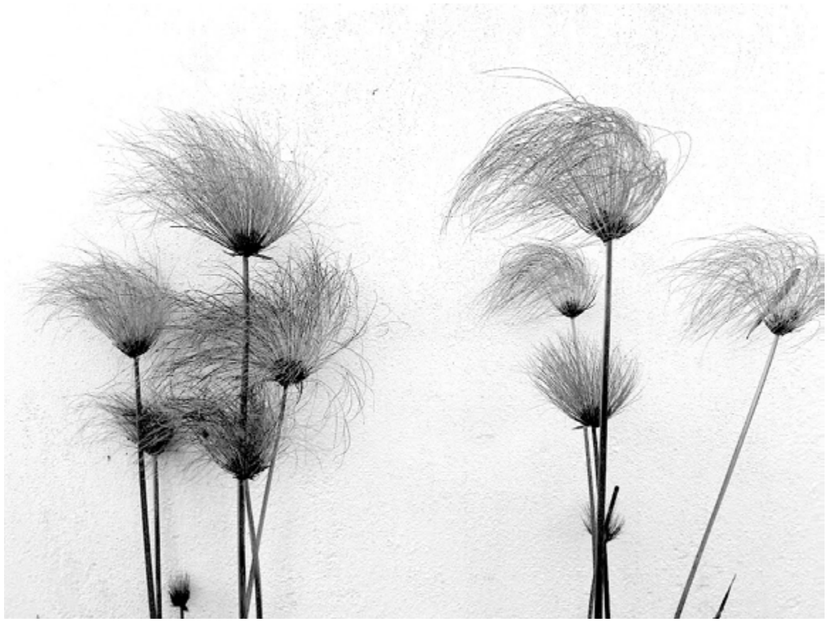
Sabemos sempre que hora é. Mas deixámos de saber onde estamos. Ulisses demorou 20 anos a regressar a Ítaca. Algum de nós teria paciência para isso? A cultura de velocidade não nos dá tempo para dar tempo ao tempo.

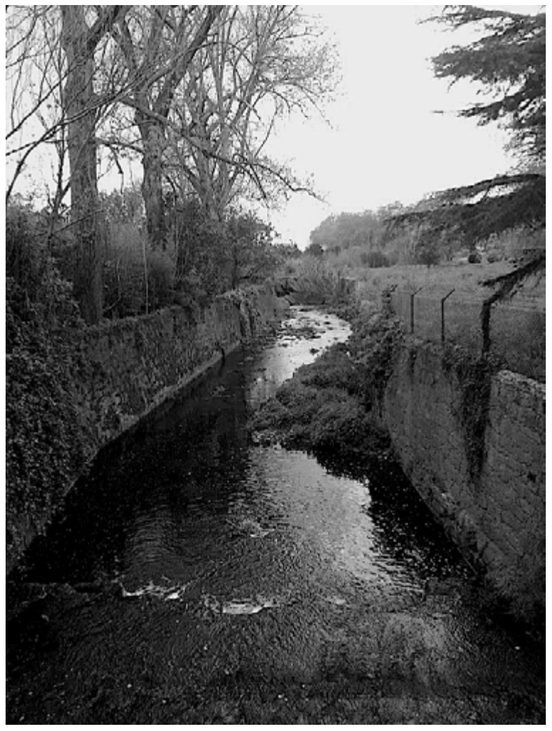
Nestes tempos incertos somos, como Ulisses, vítimas da maldição dos deuses. Vivemos num mar de incertezas, como o herói, perdido nas águas, levado de um lado para o outro pelo vento. Perdemos a noção do tempo. Não o controlamos. Ele controla-nos. E não sabemos o que fazer com ele. Como na fabulosa canção de Sandy Denny, *Who Knows where the Time Goes?*, poderíamos cantar: "Across the evening sky, all the birds are leaving/But how can they know it's time for them to go?/Before the winter fire,/I will still be dreaming I have no thought of time/For who knows where the time goes?/Who knows where the time goes?" Refugiamo-nos no nosso último reduto de defesa: a memória. Nos seus labirintos tentamos reencontrar a nossa identidade. O tempo perdido. O tempo em que não pensávamos na sua finitude. Queríamos, às vezes, ter certezas. Que tudo ficasse iluminado pela luz dos centros comerciais. Que regressassem os espaços públicos, as viagens. Viajámos para nos perdermos no mundo. E muitas vezes viajámos para nos descobrirmos. Às vezes sonhamos ser como Corto Maltese, marinheiro sem porto de chegada ou de partida, que procura desvendar o que não se vê à vista desarmada. Maltese tem todo tempo do mundo.

Um Jorge Luis Borges próximo da morte chegou a escrever: "Não existem outros paraísos para lá dos paraísos perdidos". Só o tempo nos permite ter consciência do que experimentámos. Ou não. A felicidade, esse paraíso perdido que atiramos quase sempre para o futuro, está talvez escondido nas pequenas recordações. É a única coisa que nos dá segurança. É algo que não voltará mais, mas que nos aconchega. Foi esse tempo que ganhámos. O tempo passa e gasta-se. É a única coisa, num mundo de consumo, que não podemos comprar. A fama e o êxito são pegadas no deserto. Desaparecem com o vento. O que conta é o que pudémos desfrutar nestes tempos em que nos sentimos imortais. O tempo guia-nos, à sua própria velocidade. Saber aproveitá-lo e tentar percebê-lo. Talvez Tiziano Terzani tenha explicado tudo isso: "estou cada vez mais convencido de que é uma ilusão tipicamente ocidental considerar que o tempo é linear e que segue sempre em frente, que existe progresso. Não existe. O tempo não é direccional, não segue em frente, sempre em frente. Repete-se, gira à volta de si mesmo. O tempo é circular". É apenas isso, essa coisa simples, que temos de perceber. Que não podemos controlar o tempo.









Prisioneiros

Os prisioneiros
culpados ou não
têm sempre o mesmo ar quando são libertados:
patriarcas destronados.

Aquele acabou de atravessar o portão
de cabeça pendida apesar de não ser alto
gestos como os de um beduíno
ao entrar na tenda
que acartou às costas o dia inteiro.

Cortinas de algodão, paredes de pedra, o cheiro a lima queimada
fazem-no recuar ao momento
em que a guerra fria terminou.

No outro dia penduraram o seu lençol no pátio
como se a ostentar a mancha de sangue
após uma noite de núpcias.

Rostos deslustrados pelo sol
rodeiam-no, só olhos e ouvidos:
«Com que é que sonhaste ontem à noite?»
Os sonhos de um prisioneiro
são pergaminho
sacralizado pelos seus trechos em falta.

A irmã está ainda a descobrir os seus hábitos estranhos:
os pedaços de pão escondidos em bolsos e debaixo da cama
o rachar incessante da lenha para o inverno.

Porquê este medo?
O que poderá ser pior do que a vida na prisão?

Ter escolhas
mas ser-se incapaz de escolher.

Compreensão Mútua

Para a minha filha Lea, de dois anos

Não consigo esquivar-me ao teu olhar de girassol,
Não me julgues pelo que me falta,
Um instinto maternal
Que como botija de água já fria
Vai parar aos pés da cama.

Compreende-me, eu sou como tu,
Sempre curiosa sobre o que se passa entre duas pessoas,
Tal como tu
Desconfio que seja algo sem história,
Como uma maçã a que só damos uma dentada
Para depois a deitarmos fora sem remorsos.

Dois poemas de Luljeta Lleshanaku traduzidos por Vasco Gato

Marés Daniela Gomes

Soneto do Anglia Fascinante a caminho da estrada da Comporta

Afonso de Melo

Conduzindo o Anglia por entre pinheiros
A caminho do mar para falar com Deus
À garupa dos imaginários cavaleiros
Da raça blasfema dos ateus

A divindade está na máquina; não em nós
No barulho velho regular e rotineiro
Trinta e nove cavalos e mais uns pós
Na contracurva do meu abrupto passeio

Acelero um pouco: faz-se tarde...
O sol de frente: a manhã arde!
Resfolega o rocinante a pena minha

A vida não tem marcha atrás nem se adivinha
Nas rotações do Fascinante que caminha
Por entre o negro do corvo e a brancura da pinha

O sangue entre ilhas Carlos Alberto Machado

Os outros animais José Teófilo Duarte

Nos cavos fundos do mar do Oriente peregrinado pelo Fernão Mendes Pinto escondem-se tesouros e estórias que custa contar a gentes que viram pouco do mundo, porque essas gentes não têm como dar crédito ao muito que outros viram e viveram.

Matina toldada de Primavera no canal atlântico Pico-Faial que já uniu e separou amores, ligou diferentes línguas entre continentes, se cobriu de sangue e de mitos. Navio de aço e pompa, herdeiro novo-rico da tradição de gritos e choros da travessia nas frágeis lanchas de madeira e atrevimento. A perna do cavador picaroto vai presa à ligadura solta. Soltos os fios de gaze na brisa. Babugem de gangrena. *Home, pronde me levas?* A maca truz-truz sai desajeitada da ambulância e galga cega o aço da "lancha" nova, trepidação zebrada do pregueado da rampa. Carne cansada, desistente, em barcaça sem direito à dignidade de um qualquer Caronte. *Tou canceroso do sangue, pra qué que me levam daqui?* A coisa d'aço exibe o seu poderio, a força dos êmbolos que erguem a pesada rampa bipartida, guinchante, estridente de apitos regulamentares. Em marcha, lenta, os motores civilizaram com o dinheiro deles da Europa mas é preciso poupar em combustível, poucos nós, a mesma meia-hora de travessia dos barcos velhos. Catrapum, salta a maca. *Nã me deslargues, minha puta! Já falta pouco, vôzinho. Falta pouco pra quê? Não se canse, não lhe bastou já o caminho da Ponta da Ilha para a lancha?* Viagem demorada, com vacas a atravancar estradas.

Betão à vista, o cais novo da Horta, Faial, dez milhões dele. Enganaram-se no tempo, na ilha, não sabem o que querem, ninguém sabe. Mas está tudo bem. Os homens descasam-se, encomendam brasileiras pela Internet, vinho de cheiro às carradas, subsídios para as vacas. Mas este ano não há Espírito Santo, coisas do Covid lá do continente. De novo o guinchar ensurdecedor da plataforma de aço. É uma distracção como outra qualquer, aquilo a descer do aço para o betão, os olhos a acompanharem a descida, sempre igual, tumba, já está! "Condutores ao cardeque!". Cordas, cordames, roncos, maresia gasoleada. *É só esta maca? É, o avozinho vai para a Hemato-Oncologia, Que desperdício. O quê? Não há ninguém lá dentro, nem uma grávida? Não, um gajo deu-lhe um stroque mas não quis vir prà Horta para depois não ficar duas semanas de quarentena no Pico, Nem as grávidas agora querem vir à Horta, Ó sôra enfermeira, olhe lá a gaze da perna do home, que se vai! Deixá-lo ir...* Ruído zebrado. A gangrena.

Hoje o mar tá calmo, tá comà méli, só uns carneirinhos ali pròs lados da Espalamaca, o sôr também veio de lá do Pico? O qué que'sta gaja quer? Não faça força com a mão, sossegadinho. Isso é sangue novo ou quê? Mais ou menos. Atão nã tenho dereito a bosta nova? É para ajudar o senhor a ficar como novo, Isso dói, caralho!, tou canceroso do sangue, deslarguem-me, mas é! Depois vai comer uma bolachinha e beber um copinho de leite e ficar ali deitado, sossegadinho se faz favor, que agora só há lancha de volta para o Pico ao fim da tarde, por causa do Covid, Isso é um dia do caneco!, Sossegadinho, está quase. Putas!

O sangue estancado do velho cavador vai com ele embalado pelo sobe-e-desce manso do barco mais poderoso que os mais poderosos monstros da imaginação, o entre-ilhas é um mar de sangue que faz a gente pequena, e a América deixou de ser horizonte.

Já se faz noite, agora só mais uma horita té casa, hem? Devo ter lá uma gamelada à minha espera, Pois deve, Lá me ficaram com a outra perna, quer lá ver, caralho!, Nã senhor, ainda tem as duas, Ah, tenho?, Tem... Este inferno chia que se farta e o enxofre tresanda... Depois vai ver as suas vacas... Vacas, quem é que tem vacas?

Raul Brandão na minha horta

Tomás Vasques

Hoje, ao quadragésimo quinto dia do estado de emergência, e mais um pouco de isolamento obrigatório, por via desta pandemia que nos assola, aqui, onde vivo, no Alto Alentejo, estiveram 32 graus à sombra. Com esta calmaria primaveril, se me sentasse, por meia hora, junto aos canteiros da minha horta, certamente que, com alguma concentração, e (quase) sem caricaturar, observaria os tomateiros a treparem pelo emaranhado das canas que com tanto zelo e amor ali montei para esse efeito; as folhas da rúcula a engrossarem; as cebolas roxas a brotarem mais uns centímetros da terra; e os pimenteiros, as cenouras, os pepinos, as malaguetas e tudo o resto a crescer à vista desarmada de qualquer microscópio e a aproximarem-se de uma divinal salada, de um saboroso guacamole ou de um ceviche de lambuzar. Enquanto isso, o coaxar das rãs, ali ao lado, no lago dos peixes; o chilrear rítmico de dezenas de pássaros de diferentes cores e tamanhos que esvoaçam de árvore em árvore; ou mais ao longe os gritos de acasalamento dos pavões completam o silêncio e a tranquilidade de um dia no campo. É a natureza!

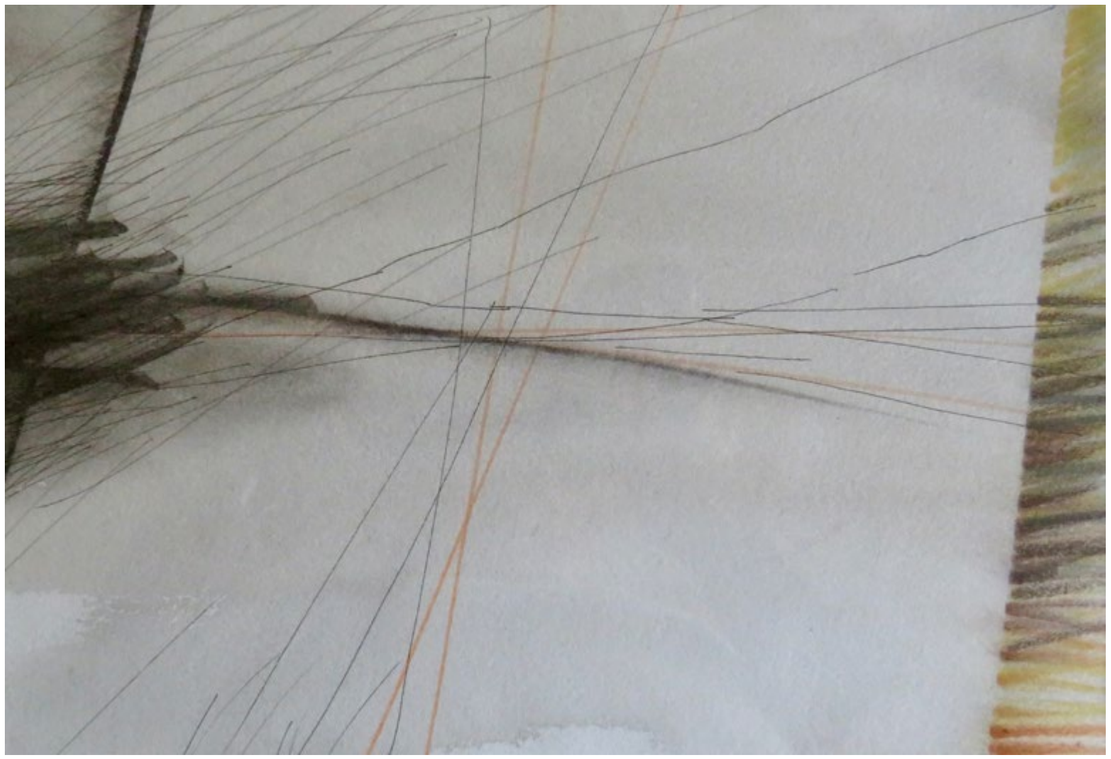
Ao falar na Natureza lembrei-me de Raul Brandão. Houve uma altura em que não gostava da Natureza. Nem do campo. Estou a vê-lo, ali, na Praça, a acarinhar as pontas daquele seu bigode vagamente circunflexo, enquanto cismava e se interrogava: "que procuram os nossos grandes escritores, desde Herculano a Fialho, na Natureza?" E o grande poeta Guerra Junqueiro? Esse, quando vinha a Lisboa trazia "ainda terra pegada nas mãos, desde que foi para essa longínqua quinta repleta de vinha lá para Barca de Alva". Ou Fialho de Almeida, o cavador de génio, perdido pelo Baixo Alentejo, a produzir vinho e a sonhar com um livro que nunca chegou a escrever. Como o próprio dizia: "Livros? ... o que eu trato de editar é um vinhito branco lá de Cuba". O autor de *Húmus* procurava no seu íntimo uma justificação para aquele devaneio de tanta gente deixar a cidade e retirar-se para o campo, ocupando o tempo em tarefas agrícolas, em jardinagem ou em simples contemplação da natureza: "talvez as árvores e os montes nos preparem melhor para o sepulcro e para o verme". Mas, de imediato, convicto, afastava essa suposta preparação campestre para a morte, e exclamava: "julgo que não há como um 6º andar, com livros e papéis, e um cinematógrafo no rés-do-chão, para acabar com vida".

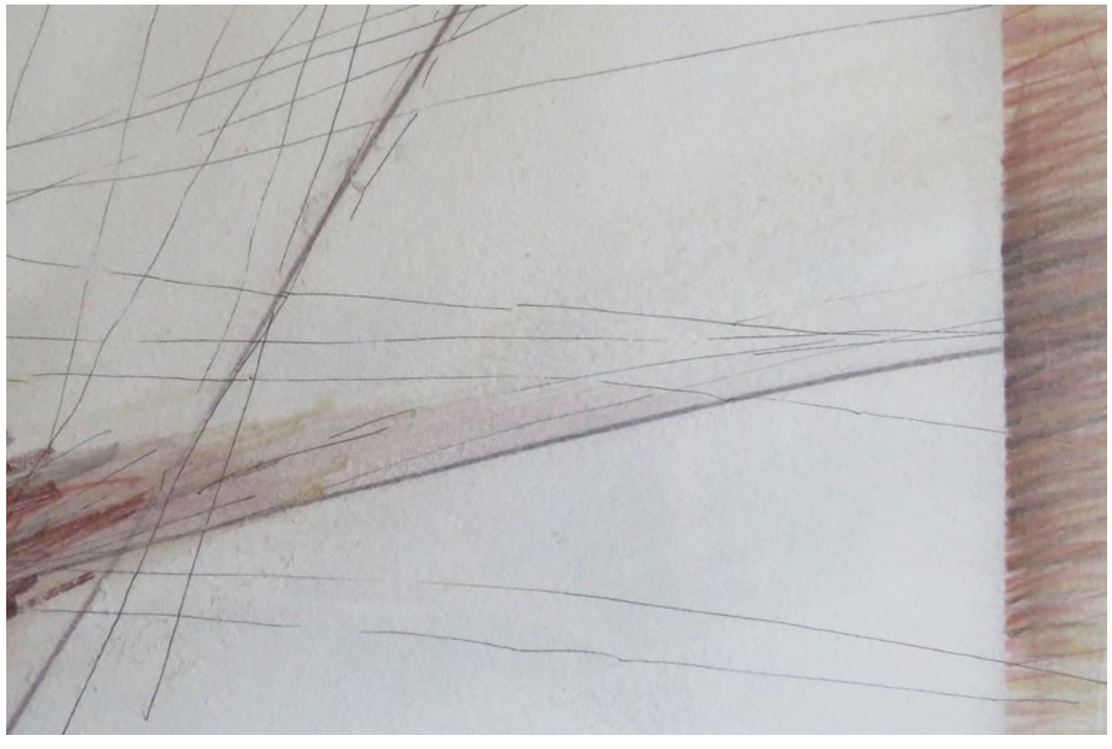
"talvez as árvores e os montes nos preparem melhor para o sepulcro e para o verme". Mas, de imediato, convicto, afastava essa suposta preparação campestre para a morte, e exclamava: "julgo que não há como um 6.º andar, com livros e papéis, e um cinematógrafo no rés-do-chão, para acabar com vida"

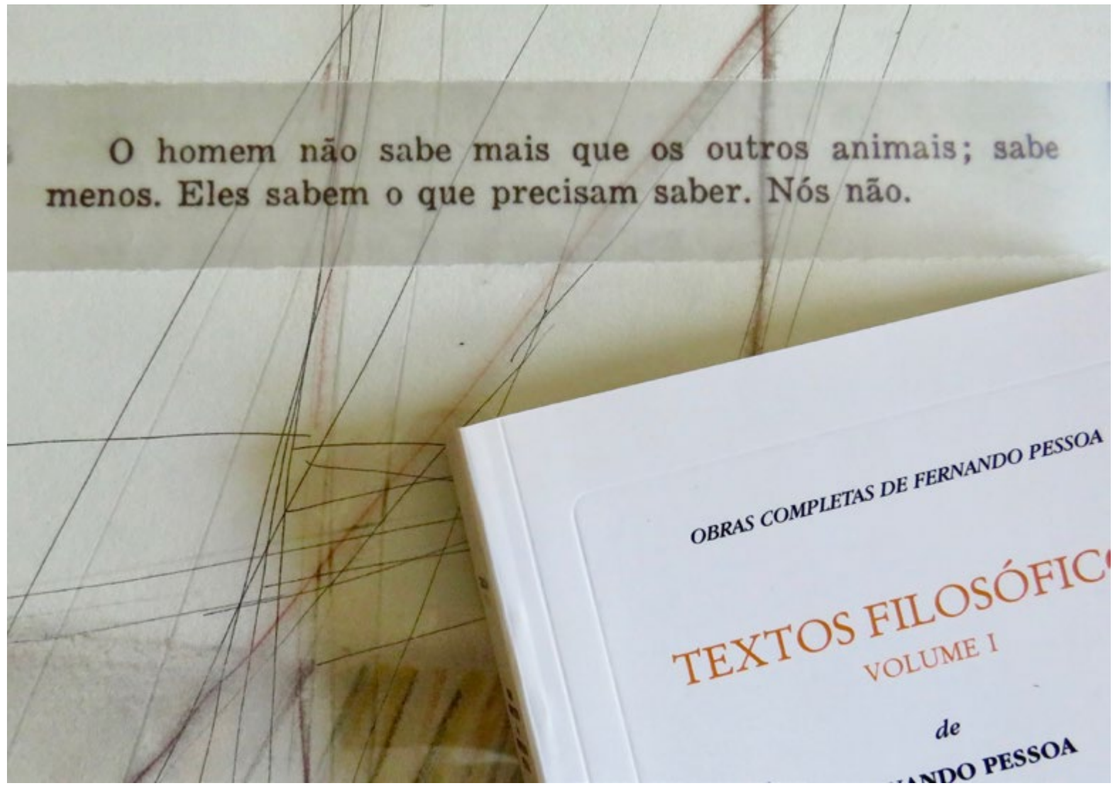
Regresso da horta, a pensar em Raul Brandão, e sento-me em frente ao computador a ler os jornais *online*. Sim, estar aqui, no campo, ou num 6º andar de uma qualquer avenida, em Lisboa, é indiferente. O mundo e os outros estão ali, à minha frente – a todos chego através daquela pequena maquineta. Num dos jornais passo os olhos por uma entrevista de um arquitecto italiano, Stefano Boeri, professor em Milão, capital da Lombardia, região mártir da actual pandemia. Diz ele na sua sabedoria que "as cidades vão transformar-se em bombas de contaminação". O futuro está na Natureza, no regresso ao campo e às aldeias. Stefano concretiza: "A Itália conta 5 800 aldeias, incluindo 2300 quase abandonadas." É aí – diz ele –, nessas aldeias, no campo, que se construirá a "nova era" pós-pandemia. O futuro. Ecológico. Saudável. Sem combustíveis fósseis. Em teletrabalho. Na horta ou em jardinagem. Junto da Natureza.

Acabei de ler a entrevista do arquitecto italiano e volta-me à memória de novo Raul Brandão. Lembro que anos mais tarde veio a renegar a ideia de morrer feliz num 6º andar de uma grande cidade. Em jeito de balanço de vida alinhavou estas sentidas palavras: "considero os meses mais felizes da minha vida aqueles em que eu e a minha mulher fomos viver para uma aldeia remota".

Comecei a escrever com o objectivo de vos falar da minha horta. Falar dos tomates, pimentos, alfaces, malaguetas, pepinos e tudo o resto e do prazer e do amor com que trato diariamente canteiro a canteiro. Mas desviei-me. Como escreve Maria Gainza no seu excelente romance *O Nervo Óptico*, "suponho que seja sempre assim: escreve-se uma coisa para contar outra".






O homem não sabe mais que os outros animais; sabe menos. Eles sabem o que precisam saber. Nós não.
OBRAS COMPLETAS DE FERNANDO PESSOA
TEXTOS FILOSÓFIC
VOLUME I
de
NDO PESSOA

Omnibus Sara Anahory

Sul João M. Nogueira

Sentada à janela no banco da camioneta a caminho de um destino por conhecer experimentou pela primeira vez na vida a sensação de estar a ir para a terra. Era sempre com um bocadinho de inveja – era perita em inveja pelo tanto que a praticara em criança – que ouvia as pessoas dizerem na altura da Páscoa, do Natal e deleite máximo no Verão com os seus três longos meses de férias, "vou para a terra!". Imaginava ser uma coisa maravilhosa saber de onde se vem e mais ainda poder lá voltar; fazer uma mala e seguir caminho com última paragem na própria fonte, como que voltar à casa da partida. Voltavam de lá, senão reassegurados de quem são, pelo menos de onde vêm, o que talvez dê no mesmo, e traziam ainda, junto com as cores nas faces e os cheiros no corpo, as cestas penduradas nos braços de onde saíam, como coelhos dos chapéus de mágicos, chouriços, couves, ovos, pães embrulhados em envelopes de pano e bolos amarelos por dentro com sabor a erva doce.

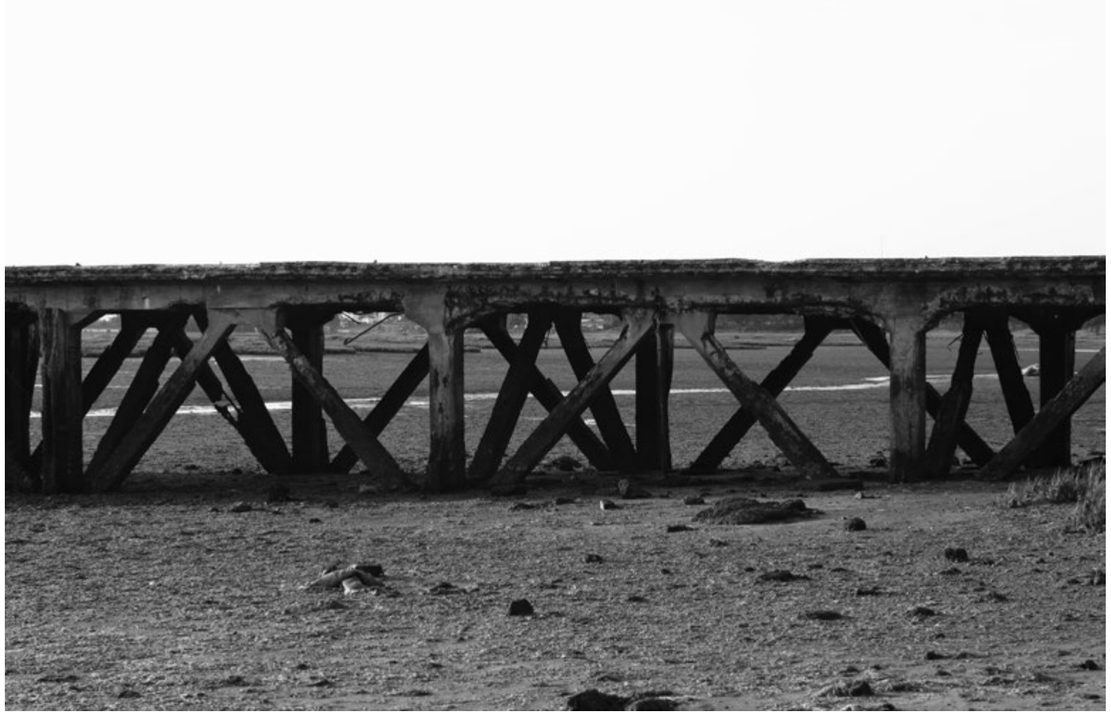
E agora ali estava ela, o leve ronronar do motor por baixo, o embalo dos pequenos sobressaltos dos pneus na terra batida e pelo vidro a estrearem-se aos olhos lugares nus que nunca visitou: montanhas--lagos-planícies competindo em beleza, num país diferente, um outro continente, o mais longe que alguma vez estivera de casa e, ainda assim, a tão desejada e inédita sensação de estar a ir para a terra.

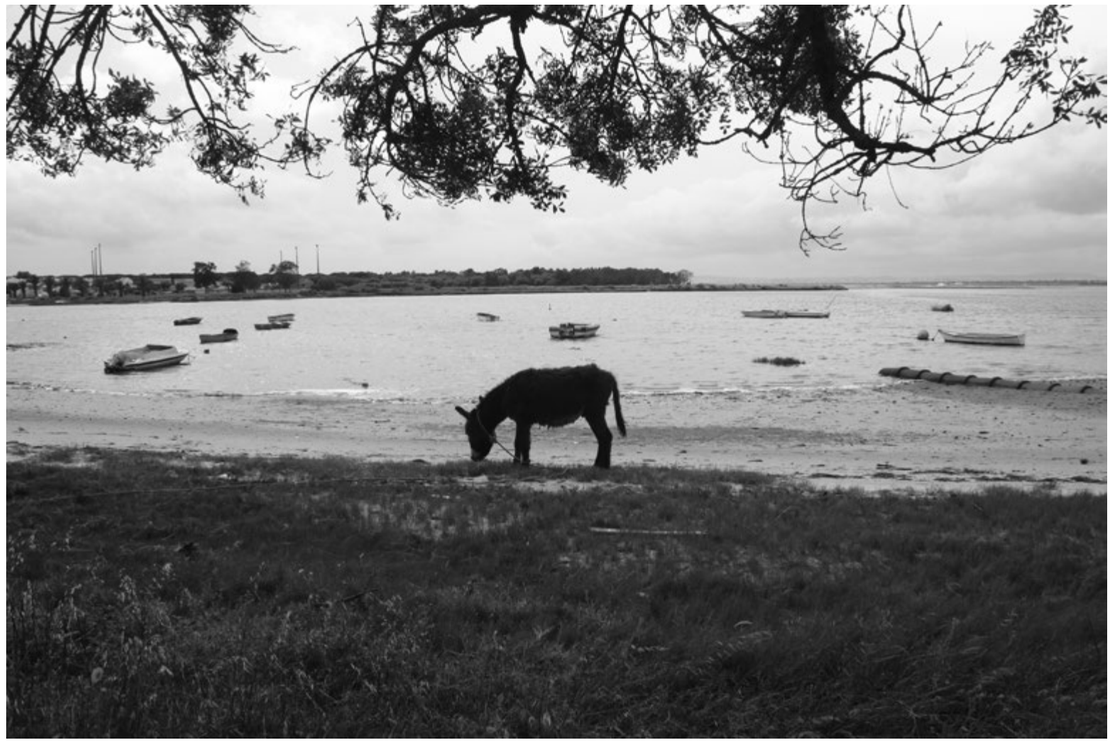
Foi algo que se apoderou de si sem dar conta, rasgos promissores a ficarem para trás, captados em segundos que teriam que ser suficientes para mais tarde aceder ao momento já passado, vivido com uma rapidez contrária à sua importância, marcado para o resto da vida como um dedo no barro molhado. Tomou-a um sentimento ou um modo de sentir, tudo por dentro demorando-se vivo, ao mesmo tempo um vago entorpecer, um fino véu de água estendido pelo peito, braços, barriga... ou talvez azeite morno, derramado lento ocupando cada espaço vazio.

Esquecida do destino e até da viagem, existia naquele momento. Incompartilhável, apesar de partilhado com outras cabeças balouçantes na camioneta, umas também em silêncio olhando fora, outras em animado tagarelo autoexcluídas de tamanha grandiosidade, como é possível, "não obrigada já comi" afastando o prato com a mão, inconscientes da oportunidade diante dos olhos, benesse rara no movimento automático da vida indiferente à nossa permissão, "existo parte daquilo e aquilo de mim, duas peças inseparáveis encaixando-se na perfeição". Até o riso, o palreio, a subtração alheada dos outros virados de pé para o banco de trás, ignorantes ao que se passa naquele momento, em todos os momentos, mas agora com a chance escarrapachada diante dos olhos, até esses, até isso fazendo parte. "Nada quebra, nada perturba, posso pousar, posso pousar e sentir-me, nada mais posso fazer, nada mais senão isso, ao menos isso".

Expectante, aberta a cada surpresa ao virar de um monte, de uma escarpa, de um mar de areia cor de laranja do comprimento de uma só inspiração--expiração, nada mais se faz necessário.

Expectante, aberta a cada surpresa ao virar de um monte, de uma escarpa, de um mar de areia cor de laranja do comprimento de uma só inspiração-expiração, nada mais se faz necessário e mesmo assim, como se não bastasse já para saber-se existente, de repente, um lago que não pode ser deste mundo a mostrar-se indiferente ao espanto prepotente dos mirones, "não, não és tu que me fazes, eu já cá estava e estarei bem após o teu enterro e o da tua memória, mas para já ofereço-me-te, aqui estou", beleza sem fim a revelar-se a cada curva. Foram 80 quilómetros disto, a provar que o destino não supera o caminho e que o *como* suplanta o *o quê*. Mas podiam bem ter sido 80 dias, cativa voluntária da fusão absoluta, a verter-se continuamente no fora e o fora continuamente no dentro até desaparecidas todas as fronteiras.





Sfumato Ernesto Rodrigues

aspiração insidiosa
ilusão ofertada pela indiferença
volúpia em progresso subtilmente tardio
dias partilhados
noites que nunca chegam
inépcia em me fundir com os astros
ascese essencial à contemplação da lucidez
fragilidade mascarada
sem sentido

sou o derradeiro habitante da paisagem
erma e desprotegida
ruínas devolutas onde as mãos envelhecem
ao relento
herdo o torpor indolente
comum às almas inomináveis
assim arrefece distraído o enlevo
parco e estóico
que raramente nos visita

[Cirenes esgazeadas] Basco

Cirenes esgazeadas
torrente caseira de canteiros iluminados num regresso saudoso
descobrindo estivadores lúcidos perdidos
a boiar nos copos veranis
de passageiros frequentes hirtos
que trazem o sal do oceano
em pequenas fotografias círias pálidas

se a noite é ainda a única pergunta
que a todos se nos coloca
porque nos inclinaremos então em frente destes
se destes não mais guardamos do que
dança imprecisa
rumor antigo de uma
bem mais do que nossa
presença
mórbida
esfomeada de lares por encher com a sua doce próstata
o vagão do último metro disparado em veia quente
delirante
suada
correias de transmissão de doença encruzilhadas venéreas
mancebos fecundados alistados para o culto do fogo azul

como se os destronando um a um ouvíssemos
pelas cavernas empedernidas do nosso corpo
uma imensa orquestra de tudo o que nos rodeia gritando
uma imensa massa vulcânica sedosa
reclamando as filhas dos néscios uma a uma
nuas pelos vales de camélias de íris melosa
subitamente reaparecidas
como que um sorriso pleno
nos vales antigos
onde as máscaras destilam o ódio ao sol
primavera traidora
punhal sagrado
ferindo o rebanho de seduções temperanas
acordos mutuamente proveitosos com ansiolíticos da casa

a prata da casa como um hino nacional entoado
em directo
uma equipa de futebol piedosamente calada
vendo o estádio cheio a desmoronar finalmente

Até relinchas, Patrick

Torpor

Pedro Dias de Almeida

Torpor.
Torpor.
Torpor.
Torpor.
Tür, porta em alemão.
Pôr.
Pôr.
Pôr a mesa.
Pôr a cama.
Pôr o dedo. Na ferida.
Tur.
Turismo.
Porismo.
Ismo.
Torporismo.
Turismo, uma digressão para dentro.
Tour de France.
Tour de Force.
Torpedo!
Turbo rápido.
Tudo pode correr mal.
Descobrir o caminho mais directo entre o sofá e o tecto.
Descobrir o caminho mais directo entre o sofá e o tecto.
Torpor.
Pôr tudo no sítio.
Pôr tudo no seu lugar.
Pôr tudo em pratos. Limpos.
Torpor.
Turvo torpor (a névoa no sofá).
Turbo torpor.
Porvir. O porvir.
O porvir vem devagar.
O porvir bem devagar.
O porvir vem depressa.
O turbo porvir.
O rápido porvir.
Descobrir o caminho mais directo entre o sofá e o tecto!
Ir dar uma volta.
Uma volta eu quero ir dar.
Um tour, para dentro, sem guia.
Entre o sofá e o tecto!
Pôr tudo em casa.
Pôr tudo em causa.
Pôr a mesa!
Pôr a cama!
Pôr a poltrona!
Pôr a cómoda!
Pôr o psiché!
Pôr tudo.
Pôr nada.
Por tudo e por nada.
Tür, porta em alemão.
Pôr o nariz de fora da porta, de todas as portas.
"Quem mora na minha cabeça?"
Pôr entre aspas.
"Quem mora na minha cabeça?"
Pôr Paris no mapa.
Pôr a Guarda no mapa.
Oeiras no mapa.
Pôr a minha casa no mapa.
Pôr o meu sofá no mapa.
Pôr-me no mapa.
Pôr o tecto no mapa.
Pôr o poema no mapa.
Pôr o mapa no mapa.
Atroz turismo.
Hotel turismo.
Torpor.
Um turvo torpor.
O tempo: lento labor do bolor.
Lento.
Labor.
Do bolor.
Não ponho as mãos no fogo.
Não ponho as mãos no fogo pelo fogo.
O caminho mais directo entre o sofá e o tecto.
Mago do inacabado!
Torpor.
Quase morte.
A pequena morte.
A parede branca.
O tecto branco.
A vida branca.
Torpor.
Um tour para dentro.
Todas as datas esgotadas.
Podem abandonar a composição.
Prometemos ser breves.

Este T O R P O R foi escrito em 2018, para ser lido pelo autor na sessão 28 do ciclo *Contradizer* da Associação Cultural Calafrio, a 23 de Dezembro desse ano. A sede do Calafrio fica na Rua do Futuro, Rio Diz, às portas da Guarda. A Rua do Futuro, curiosamente, não tem saída. Ou melhor, saída todas as ruas têm: o alcatrão acaba e outro mundo começa. O rio Diz, esse, praticamente não tem água (e nem sequer fala).
Em 2018 mal poderia imaginar como esta espécie de mantra/refrão – "Descobrir o caminho mais directo entre o sofá e o tecto" – ia ganhar toda uma nova ressonância em 2020. Assim como esse "turismo, uma digressão para dentro". Torpor. É uma bela palavra.
(Foi, entretanto, publicado também no n.º 3 da revista *A Morte do Artista*, em Maio de 2019)

Take off Rui Garrido

Lixo cósmico

José Xavier Ezequiel

à memória do meu amigo Master Bob

Perguntam-me muitas vezes, das poucas em que falo com alguém fora do trabalho, como é isto aqui em cima. Bom, respondo, é basicamente sempre a mesma coisa. Se não estiver nublado, de uma janela vê-se o planetazul e da outra vêem-se as estrelas. E não se sente sozinho? Sempre me senti sozinho, explico. A sério? Eu não brinco com a minha solidão, acrescento já com uma calculada pontinha de azedume na voz. O que me incomoda são os dias de folga, sem saber que fazer para passar o tempo, uma surtida rápida para comprar Bushmills, café em grão, chocolate preto e bolachas de água e sal, e despacho-me logo para casa, para não ter que levar com as pessoas.

Escusado será dizer que a conversa acaba aqui e ninguém se atreve a perguntar-me mais nada. O que normalmente me assegura um resto de noite descansado na ponta do sofá, a bebericar o meu copo de vinho, tinto, enquanto pesquiso no *smartphone* os últimos resultados da NBA, desporto onde aposto, com razoável sucesso, uma boa parte do meu salário oficial. Umas horas depois, a Joana toca-me no ombro e regressamos ao aconchego do lar, um sítio quase perfeito, pois apenas me obriga a partilhar o mesmo espaço com mais uma pessoa. Ou seja, ela. Que, quando está para aí virada, me deixa dar-lhe uma foda higiénica, necessariamente despachada, pois ela insiste em não perceber porque é que as pessoas dão tanta importância ao sexo quando, por ela, duas pessoas podiam perfeitamente amar-se e viver juntas sem essa tensão permanente que, as mais das vezes, só serve para estragar uma relação.

Pelo meu lado, ter de partilhar, seja o que for, com mais de uma pessoa de cada vez, deixa-me sempre ansioso. Desde pequeno vivi sempre no meu canto. Como era adiantado mental, os professores limitavam-se a dar-me boas notas e até os colegas mais rufias me deixavam em paz, desde que lhes fizesse os trabalhos difíceis. Que eu fazia com verdadeiro prazer, para não morrer de tédio, pois nunca foi da minha índole fumar charros, beber cervejas, ouvir músicas de merda e gastar horas sem fim em jogos de RV, como aqueles mentecaptos faziam praticamente todas as tardes.

Ainda antes de acabar a faculdade já eu ganhava uma pipa de massa a crakar perfis de consumidores para empresas de vendas *online*. Farto de atravessar *firewalls* como cão por vinha vindimada, mal acabei o curso, que os meus pais me obrigaram a concluir, criei a minha própria *startup*, com base num algoritmo de encriptação que deixou os génios de Seattle de cara à banda. Ao princípio não me apetecia vender-me assim tão depressa, mas qualquer negócio exige interacção diária com outras criaturas de duas patas e eu, realmente, nunca me dei bem com isso. De maneira que aceitei uma proposta de dois mil milhões, depositados num fundo pessoal sedeado em Singapura, pagos através de uma subsidiária de Puerto Rico, e mais quinhentos mil oficiais, estes sujeitos aos impostos confiscatórios da União Europeia.

Entretanto os velhos morreram-me os dois, um a seguir ao outro, de mais uma pneumonia atípica importada da China. Passado um curto período de nojo, resolvi espatifar algum e ir ver como era o mundo, lá fora. Na Austrália contratei um descendente de irlandeses, criado pelos aborígenes, um gajo que ainda poupava nas palavras mais que eu, com quem passei duas semanas de jipe através do deserto, comendo costeletas de borrego acabado de esfolar, espremendo água de sapos petrificados na lama ressequida do deserto, chupando o mel acumulado na barriga extensível das formigas melíferas, visitando cavernas sagradas com pinturas todas elas feitas com as mãos, escutando a História de tribos que ainda preservavam a tradição de canções nunca escritas, bruxuleando noite fora à luz de fogueiras tão altas que até parecia que conseguíamos tratar as estrelas por tu.

Pelo meu lado, ter de partilhar, seja o que for, com mais de uma pessoa de cada vez, deixa-me sempre ansioso. Desde pequeno vivi sempre no meu canto.

Ouvi uma sinfonia do Villa-Lobos na ópera de Manaus, construída no tempo em que o cautchú valia mais que o ouro, cujo exterior um dia havia sido pavimentado com tijolos de borracha natural, para que os cascos dos cavalos e as rodas das charretes não perturbassem as sinfonias conduzidas por maestros mandados vir directamente de Paris. Quedei-me desiludido quando descobri que os tijolos de borracha tinham sido retirados para um museu e o pavimento fora todo refeito em asfalto, comum, mas depois subi o Amazonas e pernoitei no barco abandonado pelas filmagens de *Fitzcarraldo*, o conquistador do inútil, um louco irlandês que queria montar uma ópera mesmo no meio da selva. Criado pelo não menos louco Werner Herzog, este um louco alemão, a partir do verdadeiro Carlos Fermín Fitzcarrald, meio americano, meio peruano, o barão da borracha que descobriu o istmo, entre dois afluentes do Amazonas, que agora leva para sempre o seu nome.

Fui picado pelo dengue, mas safei-me mesmo à justa. Segui para a Patagónia, onde sobrevoei aquele lindo deserto gelado que ocupa, até ver de forma permanente, uma boa parte do território argentino.

Continuei a descer até ao Sul, tentando seguir o mais possível o percurso de Bruce Chatwin, *Na Patagónia*, através de Punta Arenas, na Terra do Fogo, até à promessa final do Cabo Horn. E olhei para o Pacífico tal como seguramente fizera Fernão de Magalhães no distante Novembro de 1520. De frente.

Depois atravessei meio mundo e apanhei o Transiberiano na grande estação de Kazansky. Em vez de percorrer a linha original de 9 289 quilómetros, de Moscovo a Vladivostok, mudei em Ulan Ude e desci através da China, primeiro até Pequim e finalmente até Xangai. Se atravessar a imensa solidão da Sibéria me deixara tão relaxado que não me lembrava de alguma vez me ter sentido assim, o bulício desta megalópolis deixou-me completamente tonto. Cansei-me de tantas andanças e regressei a casa.

Quando o tédio e a sensação de inutilidade começavam a tomar conta de mim, quis o destino que me aparecesse no monitor um anúncio de recrutamento para a recém-criada STR – *Spacial Trash Removers*, um consórcio dedicado à recolha de restos mortais de satélites meteorológicos e de comunicações, foguetes propulsores, painéis solares, estações orbitais abandonadas e até sacos de lixo enviados para o espaço pelos seus antigos ocupantes. Com o passar dos anos, transformou-se num problema premente, este de recolher e acomodar, num país subsariano já sem vivalma, os milhões de toneladas de lixo acumulado na órbita da Terra, quer em LEO – *Low Earth Orbit*, quer em GEO – *Geostationary Orbit*. Para além do perigo latente destes detritos espaciais poderem desintegrar-se na Terra, a sua profusão começou a criar um incontornável problema de colisão com os vai-e-vem, os satélites e as estações orbitais constantemente enviados para o espaço.

Com o passar dos anos, transformou-se num problema premente, este de recolher e acomodar, num país subsariano já sem vivalma, os milhões de toneladas de lixo acumulado na órbita da Terra.

Ser um cromo alérgico às multidões e até mesmo um pouco misantropo era o melhor CV que podia apresentar. Pareceu-me ter o perfil adequado à função e não me enganei. Cada camião do lixo, como nós carinhosamente lhes chamávamos, levava três tripulantes, que asseguravam turnos sucessivos de oito horas cada. O que evitava o embaraço de termos que privar uns com os outros mais do que o protocolo exigia. Cada um tinha as suas generosas instalações, com quarto, WC, ginásio e escritório. Só a cozinha era comum, mas era como se não fosse, pois não me lembro de alguma vez me ter cruzado apenas por acaso com algum dos meus colegas, o que equivalia às comemorações do ano novo e cinco natais por ano, os nossos três, o da STR e o do menino Jesus propriamente dito.

Na verdade, estas reuniões sociais eram praticamente mandatórias, pois era política da empresa que o CEO nunca se esquecesse de nos enviar uma mensagem de parabéns e felicidades, em tempo real. E não iria cair nada bem se um de nós se atrevesse a baldar-se à sempre intimidatória figura do CEO.

Claro que, raras vezes, havia uma pequena crise técnica que nos obrigava a trabalhar em equipa. Nos dez anos que já levo nesta vida, uma crise desse tipo aconteceu-me apenas duas vezes. No geral, as máquinas são completamente fiáveis, o factor humano serve apenas de redundância de segurança e a nossa função basicamente consiste, durante 99,99% do tempo, em não adormecer durante o turno.

O trio da STR 17 incluía, além de mim, um alucinado refugiado russo. Um dia bebera demasiada vodka e expusera segredos que acabara de *crakar*, só pelo gozo, da sinistra FSB. Como os velhos hábitos nunca se perdem, aproveitava as horas de serviço e continuava a trabalhar, por fora, para quem lhe pagasse. O que não era, de modo algum, contra a política da empresa. Desde que nos mantivéssemos acordados, não queriam saber o que fazíamos para passar o tempo. Voltar a casa é que se tornara um pavor, pois sabia que mais dia menos dia acabaria envenenado com Polónio, ou Novichok, ou qualquer outro veneno que a FSB andasse a testar. Por isso fodia tudo o que ganhava em homéricas sessões de putas, roletas e champanhes, durante cada semana de pausa, obrigatória após três meses de permanência no espaço.

O outro acabara na cave da avó desde o dia em que os pais morreram num trágico acidente de viação. Um *joy rider*, com as trombas cheias de metanfetaminas, galgou o passeio e apanhou-os completamente desprevenidos enquanto passeavam o Gervásio, um tímido beagle de nove meses. Ele e o cachorro foram poupados porque andavam a deslizar para trás e para a frente e, nesse preciso momento, estavam afastados do local da colisão. De maneira que ele foi obrigado a ver o acidente, com as rodas do *skate* subitamente pregadas ao solo, numa sequência que anos depois ainda recordava, acordado e a dormir, em hiper *slow motion*.

Cinco anos depois morreu-lhe também a avó. Herdou a casa, o beagle e dois seguros de vida que lhe dariam para viver sem grandes preocupações durante as décadas seguintes. Alugou a parte de cima da casa e continuou a ocupar a cave, onde desenhava jogos de computador num segmento em que se considerava um verdadeiro *expert*. Desde o advento dos carros eléctricos, os jogos de *car crash simulation*, com modelos *vintage* a explosão, tornaram-se um enorme sucesso junto dos jovens *zombies* que passam horas esquecidas sempre ligados, através do interface implantado atrás da orelha, ao último modelo sem fios da *Playstation*.

Era mais forreta que um vilão do Charles Dickens. Durante as folgas regressava à cave e continuava incessantemente a trabalhar nos seus jogos, tal como fazia enquanto estava em órbita, sem gastar um tostão que não fosse estritamente necessário. A única relação física que mantinha era com o beagle, que deixava entregue os cuidados de um canil de cinco estrelas e se mijava de saudades cada vez que ele regressava do espaço.

Em compensação, eu era um *geek* um bocado diferente. Tinha um considerável pecúlio bem guardado, o que deixava desorientada a secção de pessoal da STR. É evidente que um consórcio com capitais russos, israelitas, sauditas e suiços não deixaria nunca de tirar a limpo quem metia nos seus dispendiosos camiões de lixo orbitais. Logo, sabiam perfeitamente que eu mantinha muito dinheiro devidamente resguardado da curiosidade do IRS. Ao contrário do russo, que nunca punha nada de lado, já que o espatifava como se nunca mais houvesse um amanhã que cantasse, ou mesmo do forreta do beagle, que pouco tinha conseguido amealhar com os jogos, pois pagava tantas comissões aos intermediários que, no fim, pouco lhe ficava.

Na segunda entrevista tentei explicar-lhes que o meu objectivo era mesmo conseguir estar o mais tempo possível sozinho. Ainda assim, os psis deviam achar que eu não enquadrava no modelo estatístico que tinham desenhado para o recrutamento e eu sentia uma tensão crescente quando, de seis em seis meses, tinha que ir à consulta.

Até que uma psi, uma jovem-adulta particularmente bonita, me encostou à parede. Receio que passar tantas horas a ver pornografia não seja muito saudável, começou ela. Ainda esbocei uma narrativa previamente ensaiada, que andava a pesquisar para um estudo sobre esse género cinematográfico alternativo, com particular enfoque nos velhos filmes de película, antes do VHS ter transformado a pornografia numa indústria de massas. Ela riu-se à gargalhada. Você tem um sentido de humor muito peculiar, observou. E eu observei-a também, completamente inebriado com aquela gargalhada redentora. Sobretudo porque, tirando aquela gargalhada, toda ela era contenção, do *tailleur* cinza de bom corte, até ao excesso de ganchos com que tentava domesticar uma cabeleira que prometia sexo a galope. Imaginei-me a despenteá-la e atrevi-me a convidá-la para jantar. O primeiro encontro correu tão bem que na folga seguinte se viu obrigada a demitir-se para não incorrer num processo disciplinar por causa das rígidas normas sobre qualquer contacto íntimo entre os colaboradores da STR.

Casámos. Se o sexo, afinal, não passou de uma promessa vã, em compensação o facto de agora ser um homem de família deixou os meus patrões mais relaxados. E até a mim, pelo menos durante algum tempo, o arranjo não me pareceu mau de todo. A Joana revelou-se uma excelente dona de casa. Mantinha-me o habitáculo impecavelmente limpo e arrumado, cozinhava muito bem e obrigava-me a manter uma aparência de vida social, através dos jantares e festas em casa dos seus amigos para onde me arrastava durante as folgas. Afinal, ajudara a desenhar o perfil do funcionário da STR e sabia, melhor que ninguém, quanto esse tipo de interacção social valorizava a minha carreira no consórcio.

Posso ser um *geek*, mas não sou completamente parvo. Comecei a desconfiar que ali havia coisa. Senti aquela pulguinha a ferrar-me atrás da orelha. Montei umas nanocâmaras no quarto, na cozinha, na sala e até no WC. E pronto. Durante a rotação seguinte, substituí o porno *vintage* por *real amateurs*, na minha própria cama. Aquela puta de merda, que não percebia porque é que as pessoas dão tanta importância ao sexo, andava a adornar-me a testa com um jovem pintor pós-abstracto coberto de tatuagens e todo furado com *piercings*.

E se fodiam bem. Genericamente, considero-me um *expert*. Já vi de tudo. O hilariante mudo com a ovelha escondida atrás do buraco na cerca. As gloriosas películas do Gerard Damiano, *Garganta Funda*, *O Diabo em Miss Jones*, *A História de Joana*. O descomunal mangalho do John Holmes durante o advento do VHS. Os popularíssimos *castings* de câmara fixa do Pierre Woodman, para a Private. E garanto-vos que, tirando o americano Jamie Gillis e o italiano Rocco Sifredi, nunca vi garanhão tão dotado para a arte de bem cavalgar todo o estribilho.

Ser corno ainda seria o menos. Para ter ciúmes teria que estar apaixonado. Nunca estive apaixonado por ninguém senão por mim próprio e só me casei para manter uma certa aparência de normalidade, segundo os peculiares padrões da STR. No entanto, uma rápida consulta à conta conjunta deixou-me mais irritado que preocupado, pois o grosso do meu crédito continuava muito bem arrumadinho em Singapura. Resolvi seguir o dinheiro, como dizem os polícias nortamericanos, e percebi rapidamente que a patroa andava a financiar a casa, o atelier, o Tesla topo de gama, as roupas de marca, os *piercings* de *griffe* e até mesmo as *design drugs* do amante. Ou seja, o cabrão do artista andava a comer-me a patroa e, não contente com isso, ainda me andava a comer o cu a mim, que era quem nutria a puta da conta conjunta. Tinha que tomar providências.

Ao fim de alguns anos, a operação da STR sofrera uma significativa alteração. Prevista desde o início, demorou seis anos a construir uma estação de serviço com meios humanos e técnicos de salvamento necessários para o caso de um dos dispendiosos camiões do lixo ter problemas em órbita. A rotina dos turnos acabou também por sofrer algumas mudanças. A cada viagem, um de nós ficava na estação de serviço e era recolhido na rotação seguinte. No geral, ninguém gostava desta parte do trabalho, pois implicava, na prática, poder ficar seis meses seguidos sem vir a Terra.

Ora, para mim, isto era música. Da boa. Falei com a direcção de pessoal e propus-me fazer um contrato, necessariamente bem remunerado, para permanecer um ano inteiro na estação de serviço. Então e a sua mulher? quiseram logo saber. Sinto que a minha mulher anda infeliz e eu acabo por ficar igualmente infeliz por vê-la assim. Então porque é que não se divorcia? insistiram. No fundo, acho que ela ainda me ama e eu continuo também a amá-la. E, já lá dizia Sting, o poeta dos Police, *If you love somebody set them free.*

Por isso, parece-me que o melhor é dar tempo ao tempo e ver se, com o afastamento, conseguimos salvar a nossa relação. Aos psis pareceu-lhes muito razoável esta linha de argumentação e deram o parecer favorável à minha contratação por um ano, automaticamente renovável na ausência de rescisão explícita, por mim formalmente comunicada até dois meses antes do termo.

Fiz uma incursão ao meu antigo bairro e arranjei um *taser, kitado*. Não me ficou assim tão caro convencer o russo a ficar uma semana no meu lugar, o controlador não se opôs que eu o substituísse no vai-e-vai seguinte e consegui ficar em Terra. Alojei-me num hotel tão rafeiro que, desde que pagasse adiantado e em numerário, nem o meu nome queriam saber. Regressei a casa, duas horas antes da minha partida. Torrei-os enquanto davam uma à canzana, o que daria o climax cinematográfico perfeito. Meti-me no camião do lixo e segui para a estação de serviço, onde comuniquei oficialmente o ocorrido às autoridades competentes. Invoquei legítima defesa do meu património e juntei recibos extravagantes, movimentos não autorizados da conta conjunta, levantamentos voluptuários, transferências para terceiros sem o meu expresso consentimento, etc., bem como imagens explícitas que provavam a relação extramarital da *de cujus*. A acusação pretendia que as imagens não poderiam ser usadas em juízo, porque ilícitas. Porém, na verdade, nada na lei me impedia de montar câmaras na minha própria casa. Logo, a meu ver, aquelas provas audiovisuais eram tão legítimas como os recibos dos movimentos bancários.

Então e a sua mulher? quiseram logo saber. Sinto que a minha mulher anda infeliz e eu acabo por ficar igualmente infeliz por vê-la assim.

Ainda assim, isto não tem sido tão favas contadas como eu previa. A jovem delegada do ministério público, encarregue do processo, decidiu fazer carreira com o meu caso, que ela considerava o arquétipo da nunca completamente erradicada dominação masculina. O que ela talvez não saiba é que eu tenho dinheiro, muito dinheiro. E que posso contratar, não só os melhores advogados do planetazul, como os *crakers* mais sacanas da *net* que, se isso servir para a desacreditar, até vão descobrir se desinfecta devidamente as mãos depois de ir à casa de banho.

Uma de duas. Se correr bem, levo quatro ou cinco anos de pena suspensa e não se fala mais nisso. Se correr mal, deixo renovar *ad nauseam* o meu contrato e fico quietinho na estação de serviço, onde a jurisdição da Terra não tem qualquer validade. Uma coisa é certa, aquela puta de merda, que não percebia porque é que as pessoas dão tanta importância ao sexo, não vai continuar a foder-me o dinheiro que tanto trabalho me deu a ganhar.

Por falar nisso. Já combinei tudo com os meus colegas da STR 17. O russo faz de conta que me *craka* as filmagens do meu antigo lar. O gajo do beagle que, entretanto, acabou por morrer de velho, edita as melhores sequências. É coisa para dar, pelo menos, uma dúzia de episódios, sendo que o último será mesmo um raro *snuff*. Na *darknet* isto vai vender que nem ginjas. Ou seja, aconteça o que acontecer, vamos os três ganhar uma pipa de dinheiro. Depois, logo se vê.

Primeiro dia de viagem Isabel Olivença desenho Rui Olivença

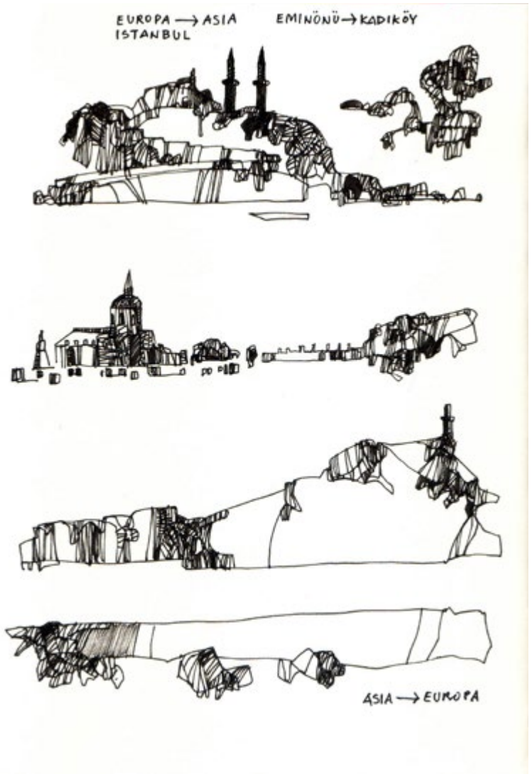
Nestes tempos de pandemia as casas transformaram-se em abrigos, não tanto lares a que desejemos regressar. A vida em suspenso no abrigo permite-nos alguma deambulação pelo corredor – toc... toc...toc... em direcção à cozinha, depois a sala, a varanda, o quarto, e de novo a varanda, a sala, a cozinha... ai, esqueci-me, e voltamos atrás sem lembrança do objetivo quanto mais do destino. Na vida em suspenso, por vezes, pensamos naqueles que na linha da frente zelam pelas nossas vidas e batemos palmas, pensando «que heróico é o seu trabalho» e, de imediato, nos ocorre «coitados de nós, para aqui confinados e sós». Na vida em suspenso olhamos desconfiados as janelas, não vá o insidioso Covid-19 (Coronavirus Disease 2019) entrar pelas frinchas. As travessias inúteis pelo abrigo dispersam a atenção e a energia; ouve-se Led Zeppelin em alto som para espantar o tal bicho, tricota-se um cachecol, faz-se bricolage, escreve-se um poema místico (ave maria nos salve), telefona-se à mãe, ao filho, ao vizinho, entra-se nas redes sociais até que o nosso cérebro pife, segue-se o noticiário na televisão e mais um dois, três, quatro episódios de uma série na Netflix, e ainda se lê Kerouac – *Pela Estrada Fora*, noite adentro. No dia seguinte, a ressaca da insónia, e exactamente quarenta dias depois de declarado o estado de emergência declara-se no abrigo o estado de apatia. Continuámos a hibernar e o equinócio da primavera já aconteceu há um mês. Quem diria! O que nos poderá salvar do torpor se nem sequer há possibilidade de viagem à vista? *Vive a tua memória e assombra-te*, escreveu Kerouac no dito livro. Poderá ser isso, a partir de agora, o estímulo para acabar com a letargia – o registo de *memórias de viagens*. Para tal, há que ir ao baú das recordações, onde se cristalizaram eventos, que escolhemos consciente ou inconscientemente, e evocá-los, deixando escapar o que não nos espanta, ou seja, tudo o que é dica para turista, tipo: onde comer, onde beber, onde dormir, onde usufruir de uma massagem, em que praia dar um mergulho sem levar com ondas de alforrecas, etc. Das viagens temos reminiscências de paisagens profundas, de pedras com o peso da história, de lugares de passagem, de pessoas desconhecidas que nos sorriram, de improváveis sensações de calor ou frio, de cores e atmosferas a impregnarem-nos a mente com fantasias, de deliciosos cheiros e sabores de comida, de dias com estados de espírito contraditórios. Este é um trabalho de filigrana e não pode ser apressado. Fernando Pessoa que o diga, quando numa das suas viagens interiores se entrincheirou em Álvaro de Campos e resolveu ir *ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,*

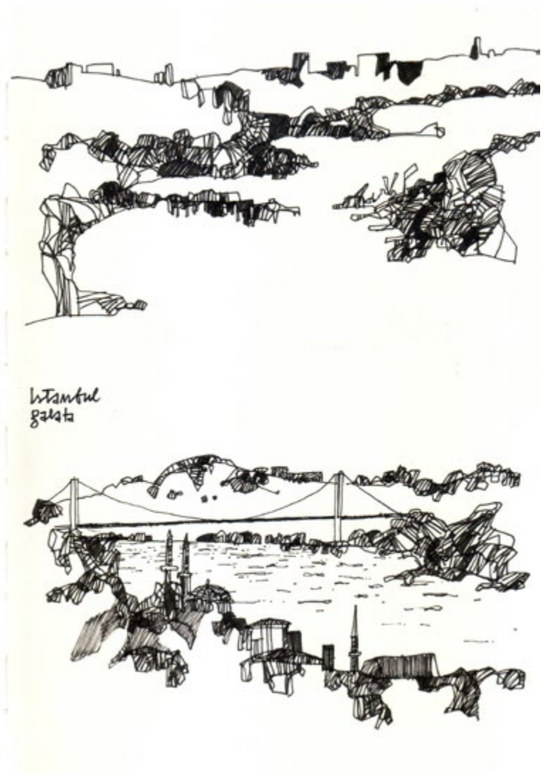
ao luar e ao sonho, na estrada deserta,
sozinho guio, guio quase devagar, e um pouco
me parece, ou me forço um pouco para que me pareça,
que sigo por outra estrada, por outro sonho, por outro mundo,
que sigo sem haver Lisboa deixada ou Sintra a que ir ter,
que sigo, e que mais haverá em seguir senão não parar mas seguir?
Esta angústia excessiva do espírito por coisa nenhuma,
Na estrada de Sintra, ou na estrada do sonho, ou na estrada da vida...
(...)

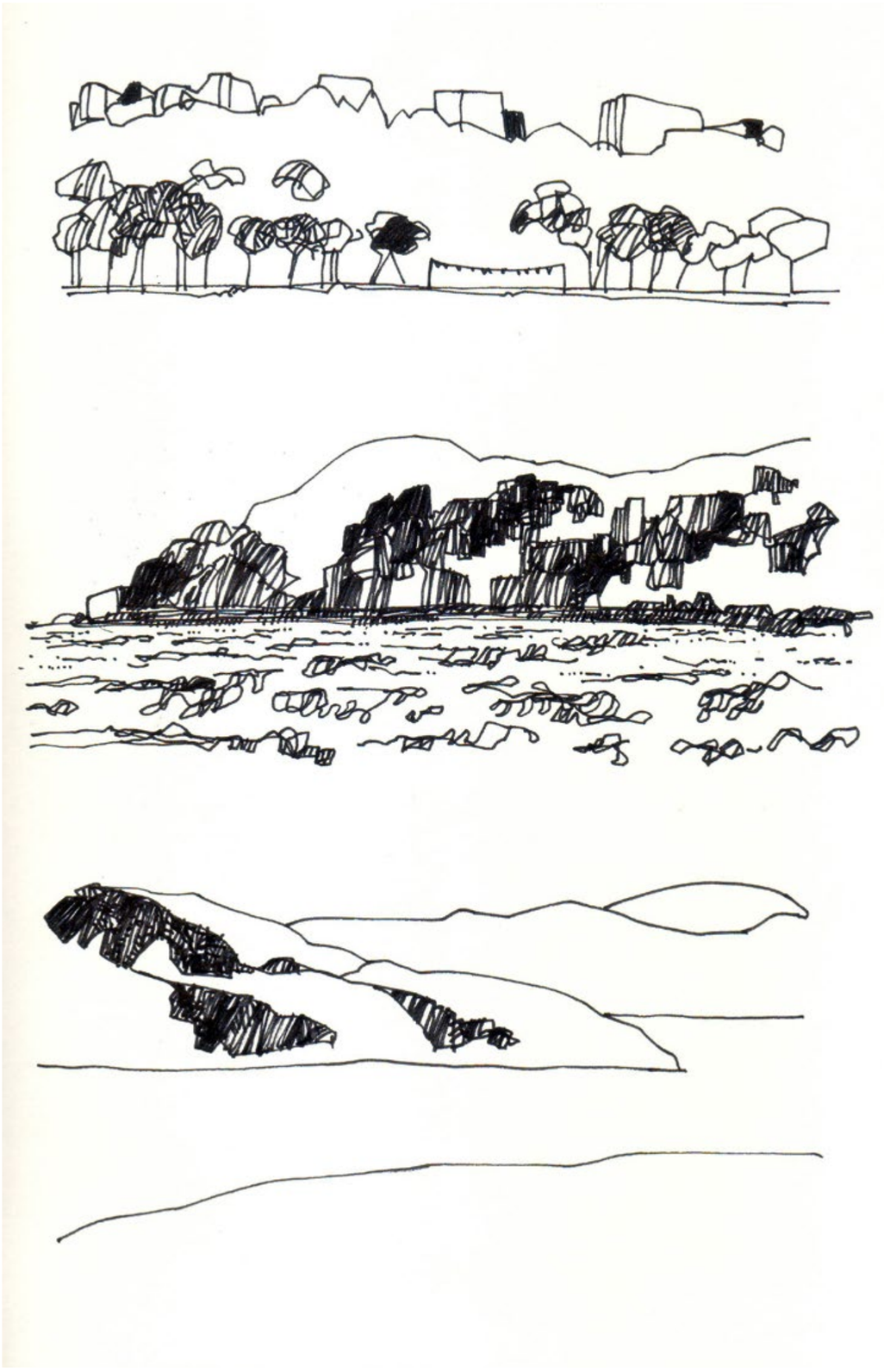
Em Junho de 2019, a.C. (antes do covid), quatro amigos lisboetas armaram-se em cavaleiros do asfalto e realizaram uma viagem de automóvel pela Europa, durante vinte dias, não num Chevrolet, mas num utilitário, a que carinhosamente chamámos de «flecha vermelha». Para esta tarefa pedi a colaboração do meu parceiro: ele escolhe fotografias da viagem e transforma-as num postal pintado a óleo sobre papel canson, de seguida, eu ilustro a cena com palavras.

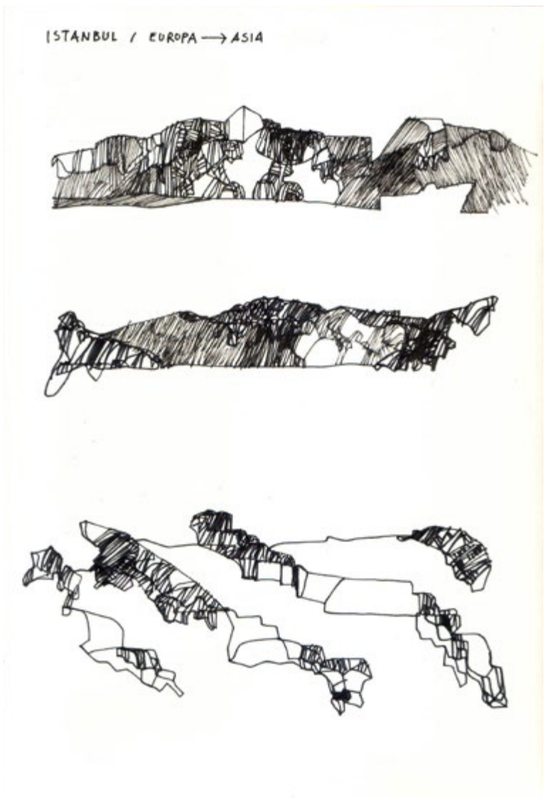
Eis que surge a primeira memória do primeiro dia de viagem: 5 de junho, chegados a Salamanca: *Helena escolhe uma mesa na esplanada semi vazia da Plaza Mayor. Senta-se, entrelaça as pernas e aconchega-se ao seu corpo. Pasme-se! As calças são de um verde-relva provocante, embora o pintor lhe tenha debotado a cor, por motivos que só ele conhece. A bainha enorme cravejada de pseudo pérolas grita-lhe: – deixa-me afagar as tuas pernas, não te envergonhes de mim, – ao que Helena responde: – não sejas kitsch!*

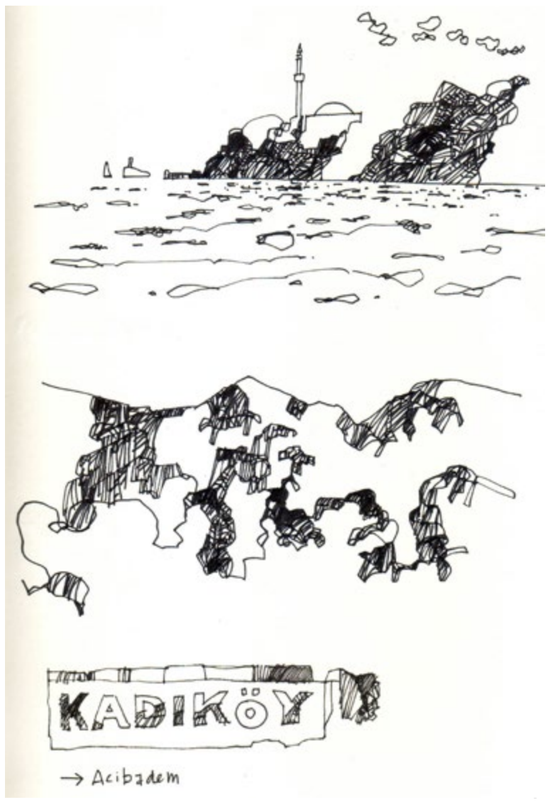
Viagens do caderno Jorge dos Reis

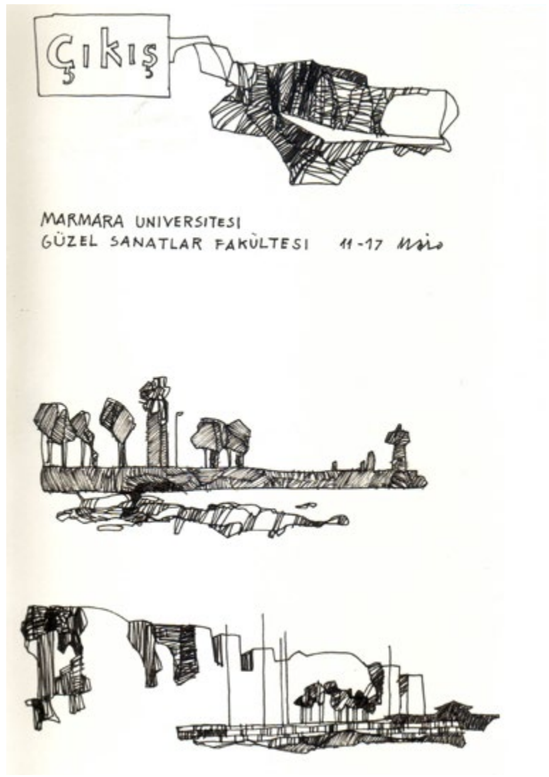

EUROPA → ASIA
ISTANBUL
EMİNÖNÜ → KADIKÖY
ASIA → EUROPA

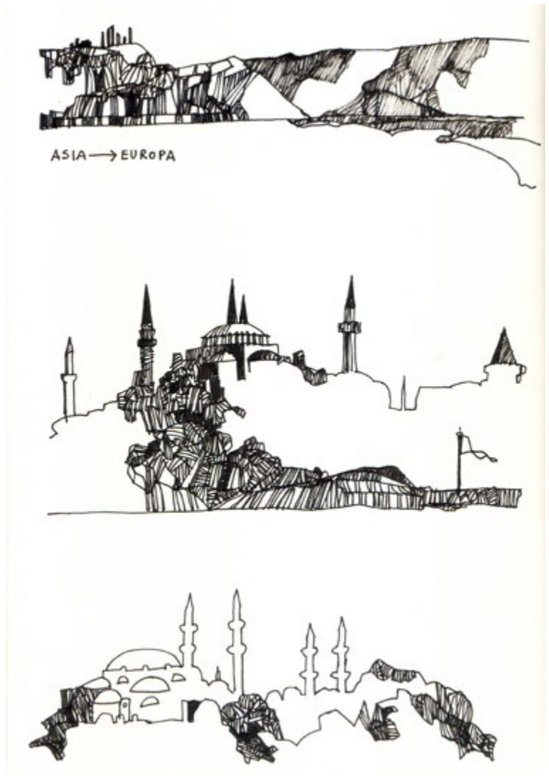

Istanbul
galata

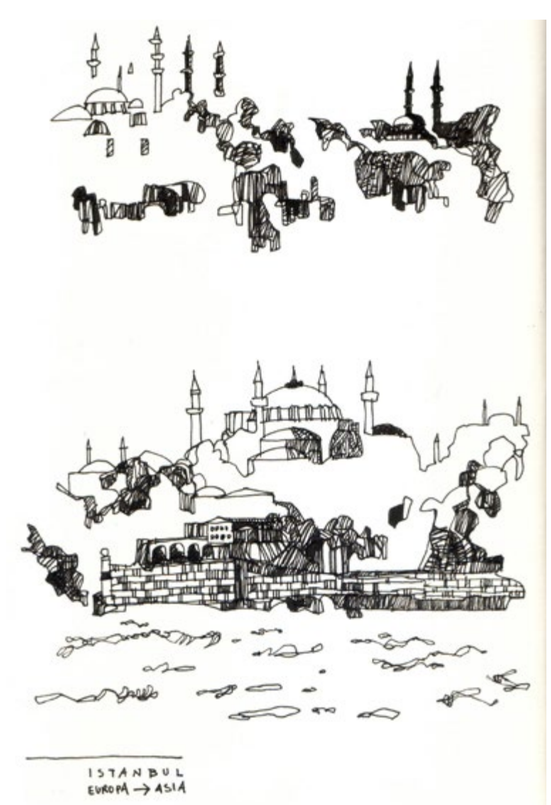


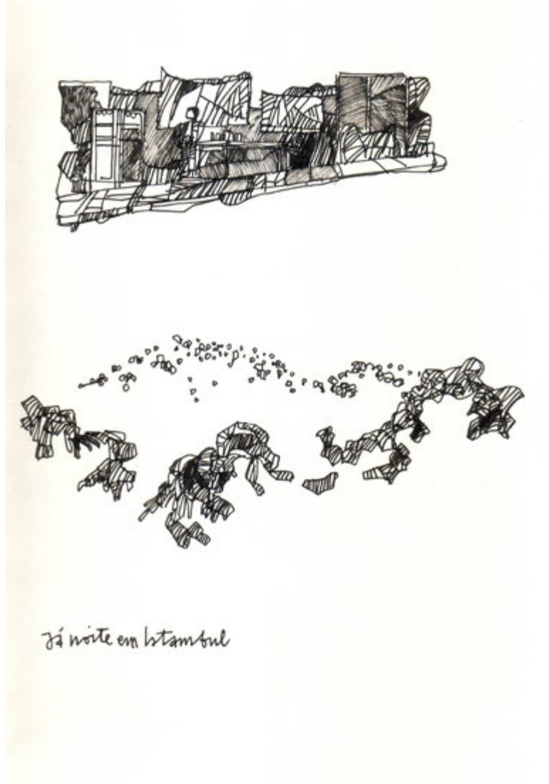

ISTANBUL / EUROPA → ASIA


KADIKÖY
→ Acibadem


Çıkış
MARMARA UNIVERSITESI
GÜZEL SANATLAR FAKÜLTESI 11-17 Nisi


ASIA → EUROPA


ISTANBUL
EUROPA → ASIA


já noite em Istambul

estreito do Bósforo
entre o mar negro e o mar de Marmara

Identidades João Freire

Lembro-me bem que, em livro que exaltava a coragem de sindicalistas americanos de há um século, o autor referia-se assim a um dos seus protagonistas, Frank Little: «half Indian, half white man, all IWW» (meio-índio, meio-branco, integralmente militante dos *Industrial Workers of the World*: Patrick Renshaw, *The Wobblies*, N. York, Anchor/Doubleday, 1968). Esta imagem de partição radical de uma personalidade, de alguém capaz de ser meio-isto, meio-aquilo, integralmente alguma coisa e decerto também inteiramente nada, nunca mais me abandonou.

Li há pouco umas memórias privadas de alguém que fora colega de meu pai em tempos de escola. Terão sido amigos, se não íntimos, pelo menos colegas próximos atraídos pelas excelentes classificações escolares que obtinham e por algumas pândegas que em conjunto organizavam. Mas eram rivais na procura das melhores distinções académicas e ficaram distantes ao longo da vida, por percursos profissionais bem diferenciados. O seu relato correspondia às ideias que eu já tinha: que o meu pai era inteligente, trabalhador e se contava sempre entre os primeiros, além de ser emproado e vaidoso na sua farda de gola prussiana, exibindo aspecto de "militarão", juntando a isso desembaraço e aptidão física para os desportos, além da surpreendente capacidade de, em exames académicos, ser capaz de grafar com destreza títulos maiúsculos em caracteres góticos! Mas causou-me alguma surpresa a referência a certos comportamentos do meu avô (republicano "dos quatro costados" com boas referências de carácter) de protecção àquele seu "filho dilecto". Esta observação de um terceiro, tendo porém a interpretá-la antes pelo orgulho que "o bigodes" tinha nos excelentes resultados académicos do rapaz, ele que se fizera "a pulso", sem inserção familiar que lhe garantisse "estudos". Mas também talvez houvesse nesses ajuizamentos do memorialista alguma superioridade de classe social.

Em todo o caso, conheci bem a personalidade de meu pai, a despeito da sua morte precoce. E posso, sem favor, ajuizar que também ele se poderia "cindir" em mais de uma faceta: ser "militarão" em certas ocasiões; jovial e engraçado na intimidade ou com amigos próximos; professor implacável perante a ignorância dos alunos; reflectido e totalmente concentrado no seu estudo ou na leitura; condoído perante desgraças alheias próximas; sagaz na apreciação das situações; vaidoso face à mediania circundante, que só disfarçava porque a inteligência lho prevenia. Mas todas elas coexistiam – aparentemente sem conflito – num mesmo corpo, num mesmo temperamento, numa mesma personalidade. E se conflito existia, ele era capaz de o gerir sem o mostrar para fora.

Também eu me senti sempre cindido entre várias identidades, embora algumas só tivessem prevalecido por um tempo (ainda assim de largo prazo). "Militarão", como meu pai, teria sido em adolescente (mas também ávido de aventuras, adorando a história de *Beau Geste*, inicialmente na versão em banda desenhada do *Cavaleiro Andante*, depois no romance de P. C. Wren); talvez ainda em jovem adulto, pois vários daqueles que tinha largado à saída dos estudos secundários e, anos mais tarde, souberam da minha deserção e rompimento com a carreira militar, reagiram assim: "Tu eras o último que eu podia pensar capaz de fazer isso!" e isso era perfeitamente compreensível. Português, sempre me senti um pouco, pelo enraizamento familiar, pelas vivências de veraneio campestre que eu sempre associava às "*Pupilas*" de Júlio Diniz, pelo conhecimento que ia adquirindo da história-pátria, relatada em episódios esparsos por meu pai, avô paterno e algum tio, e perseguida em todos os livros a que podia chegar. Mas veio a minha época de alargamento-de-horizontes, e todo esse "castelo" ruiu então fragorosamente perante um *mundo moderno* que agora se abria à minha frente, que me pedia para ser entendido (cientificamente, se possível) e me colocava desafios de actuação "sem paraquedas", para lhe endireitar os defeitos e os vieses. *Entender e agir*, terá sido o lema não-formulado que conduziu a minha vida adulta.

Algo em nós existe de estrutural e mais rígido, que, apesar disso, se pode ir ligeiramente inclinando, perdendo vigor ou mesmo torcendo pela pressão do tempo secular em que existimos.

Nas convicções sociopolíticas, no mester professoral e formativo; nas afectividades indisfarçáveis face ao meio de origem e à carreira frustrada por vontade própria; na actividade lúdica por mim escolhida, treinada e organizada; no círculo familiar, de paixões e de amizades – não poucos foram os olhos exteriores que detectaram em mim contradições e incoerências insuperáveis. Assim pode ter sido, embora agora não tenha a quem pedir desculpas. Mas, no meu registo racionalista (ou porque para aí me guia a inteligência emocional que já alguém notou em mim), tratar-se-ia, antes, de uma "partição funcional" do meu ser pensante, que também é actuante e "sensante". Parecido com o tal Franck Litte *half Indian, half white man, all IWW*. Porém, reconhecendo ao mesmo tempo que algo em nós existe de estrutural e mais rígido, que, apesar disso, se pode ir ligeiramente inclinando, perdendo vigor ou mesmo torcendo pela pressão do tempo secular em que existimos.

Com efeito, até as referências identitárias que nos parecem mais sólidas afinal estão em movimento, embora numa outra velocidade que o nosso tempo não alcança, se não com um esforço

Mar raso Jorge Nogueira

adicional de inteligência ou reflexão. Tomo como exemplo alegórico o sítio, as casas onde vivo: um terreno geologicamente calcário, em suave declive mas que adiante se precipita em encosta bem pronunciada. A pedra está escondida por um manto de terra barrenta e cascalho, mais ou menos profundo, mas que os cabouqueiros de há duas ou três gerações escavaram até encontrar o "fixe", aí encastrando os alicerces das construções. Estes, em alvenaria de cal e areia de larga espessura, em pilares de cimento armado bem sapateados ou meras betonilhas, parecem sólidos e prontos para aguentar com as "superestruturas" que têm em cima mais de um século, à vontade. No entanto, de longe em longe, inquieto-me ao observar uma fresta "estrutural" que parece ter alargado, e olho às vezes para os marcos de cimento que delimitam os logradouros e as propriedades rústicas circundantes: de facto, vejo-os sempre ligeiramente inclinados no sentido da pendente – e receio que uma nadinha mais do que há uns anos. Sinal de que a cobertura de terra e cascalho, apesar do enraizamento de algumas árvores centenárias e de outras mais recentes, pode estar a escorregar em direcção ao vale. Ou seja: até a orografia e a geologia que a suporta podem estar menos inertes do que julgamos. E o olhar que o meu bisavô paterno terá lançado sobre estes mesmos espaços pode não ser exactamente o mesmo que eu observo. Que a paisagem muda (com a florestação, o povoamento disperso ou os aproveitamentos agrícolas), todos sabemos. Mas sempre pensámos que "por baixo" tudo se mantinha desde há séculos. *E pur si muove*.

É uma metáfora, mas que me serve para a afirmação que aqui quis expressar: em cada ser humano, várias faces, uma estrutura vertical; mas que também ela acaba frequentemente por vergar um pouco, à imagem da maioria dos septuagenários.

O mesmo poderia dizer sobre o contraste entre, em cada um de nós, as rotinas, por um lado, e a criação, por outro. Quem diz rotinas, diz instituições, organizações formalizadas, regras e leis; e quem diz criação (ou invenção, e também a resolução de problemas, que são questões da mesma ordem), diz inventiva, descoberta, liderança, associação de ideias e novas versões ou elaborações sobre algo ou obra já existente; quem diz isso, diz: *novo*. Mas há objectos concretos que integram em si ambas as vertentes: o livro, por exemplo. É rotina para quem os manipula na estante, os imprime, vende, cataloga; é (geralmente) re-criação para quem o lê, e decerto processo criativo original para quem o escreve.

Que a paisagem muda (com a florestação, o povoamento disperso ou os aproveitamentos agrícolas), todos sabemos. Mas sempre pensámos que "por baixo" tudo se mantinha desde há séculos. *E pur si muove*.

Pessoalmente, sempre valorizei muito um e outro aspecto. Em jovem, mais apostado na reprodução exacta, isto é, nas regras e nas rotinas; mas sempre inquieto, à procura de algo de novo. Mais tarde, sobretudo na missão de professor (mas também em diversos domínios da vida social), enfatizando tanto as vantagens e benefícios da organização (os elogios que prodigalizava ao "taylorismo" espantavam às vezes os meus alunos) como a indispensável centelha crítica que deveria iluminar os nossos processos de investigação científica. E, na esfera do "meu anarquismo", muitas vezes surpreendi amigos com a sistemática que empregava em tantas actividades, ao mesmo tempo que exasperava alguns com a mania de não me contentar em propalar o que certos pensadores (por mim admirados) haviam escrito há um século atrás e procurar alguns caminhos novos, por conta e risco próprios. Hoje, no lugar das rotinas, balizo-me nos sinais conspícuos da minha casa (como um cego se movimenta em espaço conhecido) e em recordações avulsas da memória; e é na escrita, no novo micro-"projecto" que teima em surgir de madrugada, e na procura da palavra adequada à frase que estou construindo (e que só surge quando ela entende, fora da minha vontade), que encontro o espaço criativo que, em boa medida, me dá alento para viver.

Leio ou observo fragmentos que testemunham tempos muito antigos, e imagino, subindo degrau a degrau na escada da minha desconhecida genealogia, os antepassados mouros, celtas, romanos e certamente hebraicos que me antecederam e de cujos genomas alguma coisa terá chegado até mim e hoje me condiciona. O mesmo para a admirável companheira com quem voluntariamente partilhei já cinquenta anos das nossas vidas. De "judeu", terei herdado a cólera que me assalta em momentos onde me choco com a injustiça flagrante, talvez também a tenacidade em perseguir objectivos ou o raciocínio experimental para escolher o menos mau dos caminhos que lá me conduzam; mas não devo ter perdido o sentimento *humano* de piedade perante as dores alheias (que as nossas religiões depois trabalharam e organizaram ao seu modo, e me inculcaram em criança). De "cristã", *ela* terá recebido a doçura e a atenção desmedida que oferece aos que a amam, enquanto do "hebreu" lhe restam notórios traços de autonomia, orgulho e dignidade própria. Este dualismo temperamental, que pode ligar duradouramente algumas pessoas – na convivência, no afecto ou no amor –, é talvez uma síntese feliz da "identidade judaico-cristã", por vezes tão amaldiçoada, mas à qual eu não posso deixar de acrescentar a noção ética de distinção entre o bem e o mal, não como regras de submissão prescritas nas Tábuas das Bem-Aventuranças e dos Pecados,

mas antes num sentido próximo do imperativo categórico de Kant. É certo que não tenho amigos ou conhecidos de cultura ou religião islâmica, budista ou de outra qualquer espiritualidade oriental – pois quase todos são racionalistas, agnósticos, ateus ou indiferentes. Mas, dentro dos meus valores, creio que respeitarei todos aqueles outros e os apreciarei nas suas diferenças – na medida do possível e em que seja comummente aceitável. Suponho também que adiro plenamente aos princípios da moral confuciana da igual reciprocidade entre os seres.

E poderia ainda referir o impacto que em mim tiveram as ideias anarquistas: menos a justeza das suas convicções políticas (o anti-estatismo, a paixão de liberdade, etc., bem como o eco minoritário que o seu movimento suscitou no âmbito da "questão social") – que tendo a interpretar como "produtos de época", de um determinado tempo histórico que já lá vai –; mas sobretudo o exemplo pessoal de muitos dos seus propagandistas (tendo podido ainda privar com alguns dos que chegaram à minha geração). Entre os principais, revejo-me na ousadia de pensar o impossível e de tentar pô-lo em prática das maneiras mais arrojadas de um Bákunine; na ponderada apreciação científica do mundo moderno e na sua generosa contribuição para a germinação de uma comunidade de indivíduos verdadeiramente emancipados de um Kropótkine (que alguém definiu quase-sociologicamente sob a epígrafe: "*La sociedad fue primero*"); no génio literário e despreendimento pessoal de um Tolstoi; e na capacidade de reconhecer alguns erros e insuficiências daquilo que toda a vida praticara e defendera, de um Malatesta. Todos marcados pelo romantismo daquelas épocas, e homens que prescindiram dos seus privilégios de nascimento para lutarem por um mundo melhor para os mais desprotegidos e com isso pagaram o tributo mais pesado determinado pelos poderosos. Tudo isto se passa na esfera mental da minha consciência, bem sabendo que sobre ela agem os constrangimentos e influências sociais e psico-relacionais, e que ainda mais atrás se situam as heranças genéticas que acompanham cada um de nós desde a nascença.

Falei de mim e das minhas raízes (sanguíneas, térreas e emocionais-simbólicas) pela facilidade de dispor à mão do material de prova – ou melhor, de ensaio (do laboratório que é a vida social). Outros modelos existirão, de que certos cientistas saberão falar. E alguns, de diferentes disciplinas, propor-se-ão realizar contagens extensivas para detectar padrões de similitudes, realizar inferências, propor leituras e interpretações gerais. É o seu domínio do saber, cada vez mais complexo e fragmentado. E sempre sobre a benéfica ameaça de serem contraditados por novos avanços comprovados, hoje provindo talvez sobretudo dos domínios das neurociências. Mas pouco acrescentam à(s) identidade(s) de *cada um* de nós, a não ser aquilo com que nos possamos iluminar para melhor nos compreendermos a nós-próprios, mais à nossa relação com os outros e com o mundo em que vivemos.

A Marga de Nemésio

Luiz Fagundes Duarte

Quando conheci Vitorino Nemésio andava ele de amores por uma certa mulher que há-de ficar na história como a *Marga de Nemésio* – tal como o ficaram a *Beatrice de Dante* ou a *Margarida de Goethe*: Margarida Victória. Desses amores serôdios viria a nascer um espantoso livro de poesia a que Nemésio deu por título *Caderno de Caligraphia* e que deixaria inédito.[1]

Margarida Victória, a Marquesa de Jácome Correia – ou, para o povo da Ilha de São Miguel, *A Marquesinha* –, nascida em Ponta Delgada a 31 de Março de 1919, era filha de Aires Jácome Correia, marquês de Jácome Correia, e de Dona Joana Chaves Cymbron Borges de Sousa. Mulher de grande beleza, de enorme vitalidade, e de uma considerável fortuna familiar, relacionou-se com personalidades importantes do meio cultural português, designadamente os escritores Armando Côrtes-Rodrigues, com quem foi casada, Domingos Monteiro, Hernâni Cidade, Natália Correia e Vitorino Nemésio, tendo desempenhado ao mesmo tempo um papel de relevo na sociedade elegante portuguesa da sua época. Como empresária, foi fundadora de uma empresa de agro-pecuária pioneira na ilha de S. Miguel que se dedicava ao arroteio de terras, à criação de vitelos e à produção de rações e de forragens para gado, e que acabaria por falir. A sua vida afectiva, de uma grande riqueza humana, foi recheada de acidentes por vezes dramáticos, por vezes pitorescos, frequentemente escandalosos para os padrões portugueses e sobretudo insulares da época, mas sempre fulgurantes: casou ainda muito jovem, contra a vontade paterna, com Albano de Oliveira Azevedo, filho de banqueiro e gerente de uma loja de ferragens em Ponta Delgada, ainda seu parente pelo lado materno, de quem se divorciou ao fim de dez anos; após o divórcio, a família forçou o seu internamento na clínica psiquiátrica de Prangins, perto de Genève, onde Margarida Victória conheceu um galã egípcio, Aly Abdel Fatha El Lozy, de Damietta, com quem viria a casar no Cairo e de quem teve dois filhos, acabando este casamento igualmente em divórcio; mais tarde, casou-se com Armando Côrtes-Rodrigues, poeta do *Orpheu* e como ela natural de S. Miguel, de quem também se divorciaria. Durante o período em que viveu no Cairo, Margarida Victória relacionou-se com o pintor libanês Edmond Soussa, então retratista oficial das princesas do Egipto, com o qual esteve para casar, mais tarde, em Paris, e que a retratou em trajos regionais micaelenses, tocando viola da terra.

Foi através de Côrtes-Rodrigues que Margarida Victória conheceu Vitorino Nemésio, que por ela se apaixonou, vivendo os dois uma relação amorosa de enorme intensidade que durou até à morte de Nemésio em 20 de Fevereiro de 1978, e que este foi registando em poemas escritos entre Março de 1973 e Maio de 1977, onde Margarida Victória é a sua *Marga*, mas também a *Macaca de Fogo*, a *Poldra*, a *Cadela*, a *Marquesinha*, ou, como natural da ilha de S. Miguel, a *Corisca* ou a *Samiguela*; no auge desta extraordinária história de amor, Nemésio chegou a criar, materializando-as em cartões-de-visita impressos, uma *Sociedade Ludo-Imaginária MARGANÉSIO*, e uma outra, *MARGA, Ilimitada*, dedicada a *pura ficção* e a *poesia e novela*. Encontram-se ecos desta relação na obra em que Margarida Victória registou as suas memórias de vida, o polémico *Amores da Cadela «Pura»: confissões*, cujo primeiro volume (1976)[2] foi escrito com o apoio de Vitorino Nemésio – e sobretudo no segundo volume, cuja escrita eu acompanhei e que, tendo ficado concluído pouco antes da morte da autora, só viria a ser publicado em 2004.[3] Neste último livro encontram-se dados importantes sobre as relações afectivas de Margarida Victória num período de decadência física e económica, tendo por fundo o conturbado ambiente político que se viveu em Portugal na sequência do 25 de Abril de 1974, sobretudo na ilha de S. Miguel com o movimento independentista a que de certo modo – e romanticamente, tal como Nemésio ou Natália – ela esteve ligada; como ela própria me viria a confidenciar, uma das suas propriedades em S. Miguel terá servido de depósito clandestino de armamento revolucionário...

Foi através de Côrtes-Rodrigues que Margarida Victória conheceu Vitorino Nemésio, que por ela se apaixonou, vivendo os dois uma relação amorosa de enorme intensidade que durou até à morte de Nemésio em 20 de Fevereiro de 1978 (...)

Faleceu em Lisboa a 21 de Julho de 1996, na sua casa da Rua Rodrigo da Fonseca – onde com ela privei –, arruinada mas sempre bela e sedutora.

Deixo aqui um texto inédito em que Nemésio reflecte sobre o *achamento* da sua Marga – transcrito a partir do original autógrafo:

[1] Vitorino Nemésio, *Caderno de Caligraphia e Outros Poemas a Marga*. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional-Cada da Moeda, Obras Completas de Vitorino Nemésio, III, 2003.
[2] Margarida Victória, *Amores da Cadela «Pura». Confissões*. Lisboa: Bertrand, 1976; 2.ª ed. 2004; 3.ª ed., 2010.
[3] Margarida Victória, *Amores da Cadela «Pura». Confissões da Marquesa de Jácome Correia*, volume 2. Lisboa: Bertrand, 2004.

Volutas

António Gonçalves

guache e lápis pedra negra sobre cartão,
17,2 x 11 cm, 2020

«13 de Agosto de 1973. Lisboa, [*Rua de*] Rodrigo [*da Fonseca*]

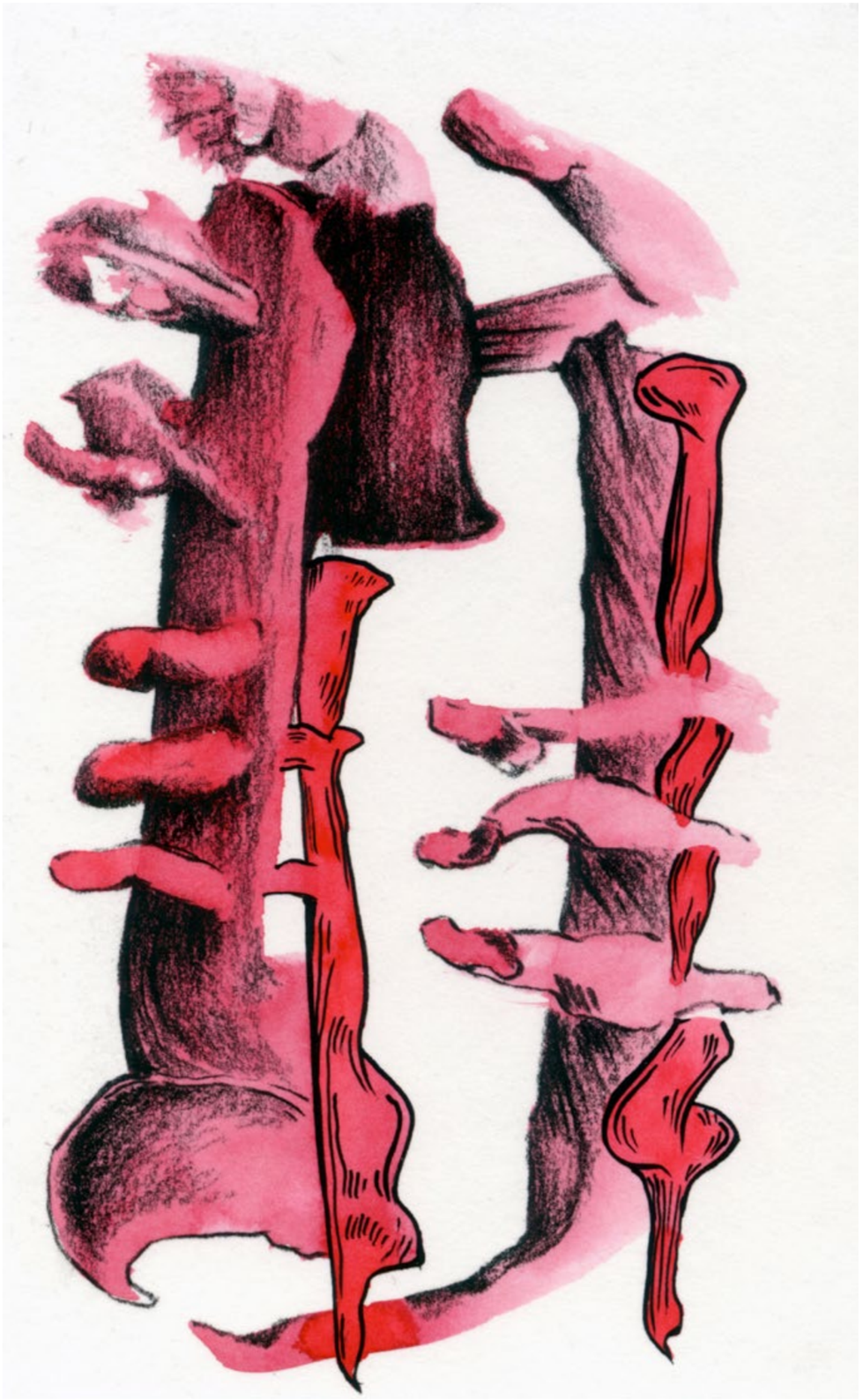
O velho Camões dá marca a este caderno: eu dou-lhe tinta. Margarida saiu a almoço de negócios, de sondagens, num hotel. Vai buscar o Nosso Amigo como perito e introdutor do «public relations», personagem de *Os Maias* adaptado à terceira revolução industrial como criado agaloado de antecâmaras de próceres. Um tipo portador do nome do autor do *Paraíso Perdido*. Mas esse era cego e ele não. Camões (que é marca deste caderno escolar) "via mais só por um olho do que nós por todos três" – como diz a cantiga rasteira. O alcaioto de milionário vê como pode, é claro. E eu vim aqui ter – ao caderno – para desafogar as minhas pulsões e fantasmas: digamos, o meu *grisu*. Tenho esta grande defesa da escrita em que me desfaço e ao mesmo tempo me recomponho.

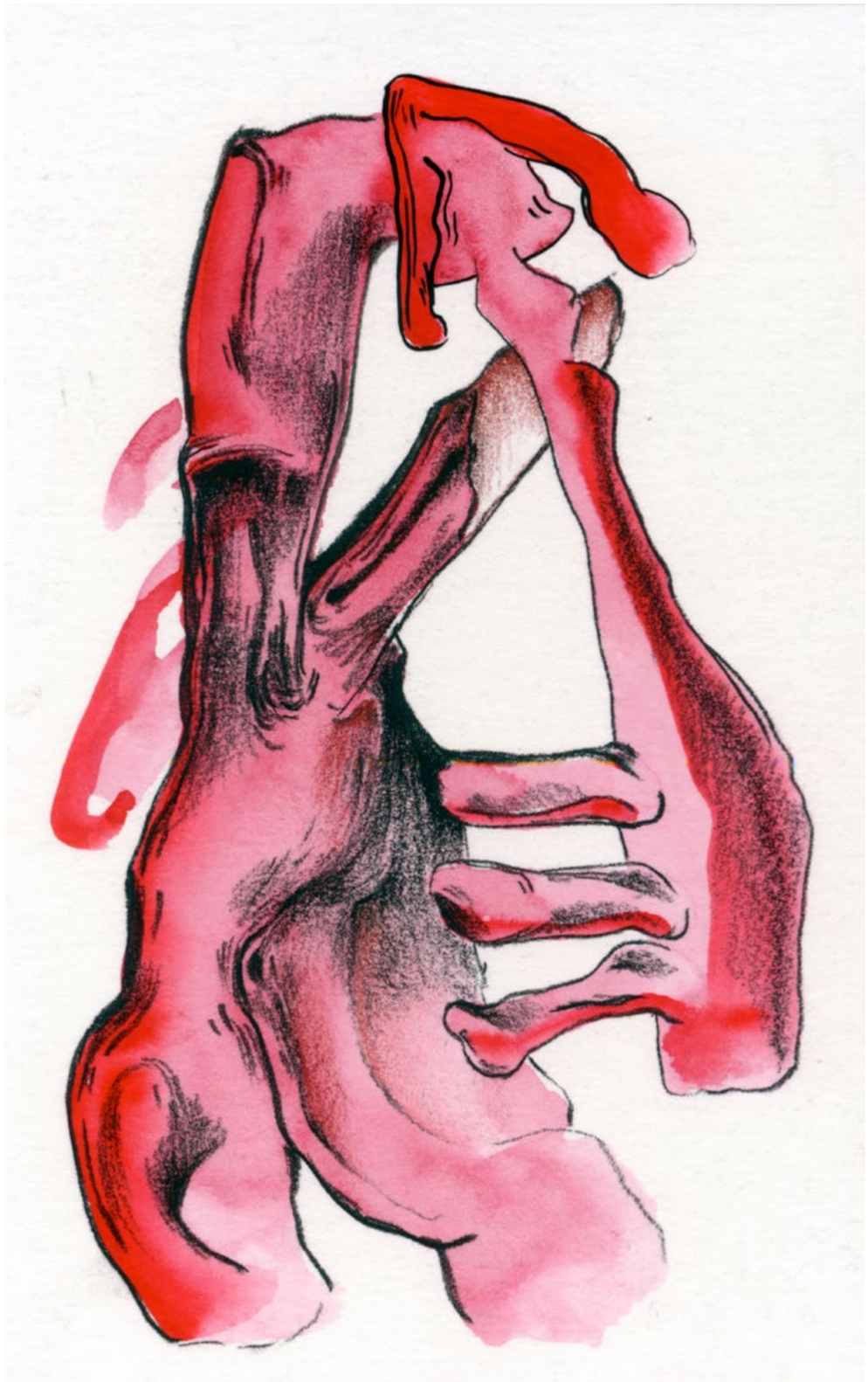
Margarida saiu elegantíssima, de calças e vasquinha verde, uma espécie de jaleco. Saltitante mas inquieta, é claro, pela natureza da missão. Continua como um poste de alta tensão, uma encruzilhada de riscos, – e nisso se porta como um homem que leve guardada à vista uma mulher sofredora.

Reato agora este fio de tinta à carta que lhe escrevi esta madrugada cheio de admiração pelas suas Confissões de infância e adolescência. Que fados terão manuseado a sua inocência de bicho, de companheira e discípula da sua cadela *Pura*? Prima Raquel interrompeu-me para me dar um beijo e partir logo, testemunha discreta e calma de vida tamanha, a de Marga. Inventei este nome na minha poesia de amor e hei-de talvez aproveitá-lo para a minha recriação romanesca de Margarida. Mas não me quero apegar no mundo dos vivos a um puro personagem de que eu fizesse o duplo da mulher que amei aos setenta anos. Até porque de Margarida não sou o homólogo de Goethe. As nossas idades permitiriam que nos tivéssemos unido a tempo. Já lhe fiz as contas há muito: ela com dezoito anos em 1937, eu com os meus trinta e cinco. Seria isto situação para um rei David de cama fria? E muito menos para um Fausto que colhe uma *paquerette*, lance de «Velho da Horta» que nem hoje mesmo me iria. *Susana e os Velhos* é quadro na sala da casa da Fajã, mas não carapuça para mim. Tão pouco quero enfiar o barrete de um autor que dá *rendez-vous* em casa a personagens, ou que vai de prazo-dado a casa de heroína contrapontar com os seus (dela): os personagens do autor a que a heroína faz centro. Ela os escolheria, os conservaria se anteriores à constituição romanesca da firma MARGA, ILIMITADA: seria ela enfim o autor deste nosso romance existencial, que posso subscrever numa capa de livro mas não quero viver com *whiskies*, em *dasein*.

Gosto muito dela viva e quero-a sem lhe tocar, com um dedo que seja, na sua rica liberdade: tocar-lhe lá mesmo no cerne do seu ser sem cadeias, aquele que ia sendo ferido de morte no aparelho de tortura que foi o seu meio familiar. Mas como conciliar amor tão isento com o outro, o amor que lhe tenho, mas sujeito às velhas leis obscuras de varão e fêmea a par? Fêmea mulher, é claro. A mulher do seu homem, que ela jura ser e eu creio. A mulher de um homem que tem sua mulher legítima que lhe deu filhos e subiu com ele a ladeira de uma vida laboriosa... passaram rapidamente uma união de fecundidade... os temperamentos diferentes acentuaram-se em atritos... salvou-se a *entente* moral... veio o primeiro longo encontro com mulher sonhada na infância... esse entendimento morreu às mãos de uma sexualidade escudo de pequenas tiranias absorventes para o varão, intoleráveis... ficou uma amizade fraterna... Margarida apareceu-me e empolgámo-nos... Amo-a num tufão de alegria e de fantasmas de ciúme. Bem diz ela que o melhor é não pensarmos no absoluto e entregarmo-nos com confiança a este entendimento mútuo – seja como for: – espantoso !».

Palavra de Nemésio.





Enfim

Não será um *loop*, nem rodopio de entontecer até à queda livre, mas aqui chegados podemos recomeçar. Este em suma ressoa a um vamos lá. De novo a casa e a cidade, as paisagens, interiores e de horizonte, o desejo e o rosto, o ensaio improvável e o desenho concreto, seres que voam e outras matérias voláteis, pensamento a propósito e fotografia da raiva, revisitação dos clássicos e interpretação dos contemporâneos, sítios que parecem nenhures, documentário e delírio. Sobre o magma incandescente e em movimento, passa em corda esticada, o funâmbulo. Sem perder o equilíbrio, nem por sombras cedendo às pressas, levando a sombra por companhia na linha estreita que faz ponte entre isto e aquilo, que estabelece nexos. A linguagem é um vírus, por vezes amigável. Investigue-se, isso e os numerosos nomes para acabamento e finitude. A morte e o medo são vizinhos e da família, à vez. Parceiros de dança, também. Vá de esculpir-lhes rostos, corpos. Torná-los ainda mais próximos. Dão assim para desmontar, dizem os artistas, para ver por dentro. Não se descobre logo como funcionam, que o coração continua enigma, mas recolhemos as peças e logo se verá. Eis, afinal, o labor labuta do equilibrista que é o leitor, de um lado para o outro, em busca das peças ponham o sentido a mexer. Vai de roda!

Sobre o magma incandescente e em movimento, passa em corda esticada, o funâmbulo.

A
B
C
D
E
F

Batidas Fotografia José M. Rodrigues 506
Fracturas Aforismos Cioran traduzido por Ricardo Gil Soeiro 510
Com lídia e ricardo reis à beira tejo Poesia José Luiz Tavares 514
Do amor Pintura Rui Silvares 515
Jogo grave Poesia José Emílio-Nelson 516
[A tartaruga e outro animal qualquer] Poesia José Ricardo Nunes 518
Seis poemas de W.S. Merwin Poesia traduzidos por Jorge Sousa Braga 520
Canções para um mundo deserto Música Nuno Miguel Guedes MULTIMÉDIA
Muito antes do intervalo grande Crónica Matilde Campilho 522
Para Frida Kahlo Desenho Tiago Manuel 523
Coração negro Crónica Carlos Alberto Machado 528
Danças Pintura Manuel San Payo 529
Asas d'Areia Música Tiago Inuit MULTIMÉDIA
A morte e um vírus Ensaio Fernando Fonseca Santos 530
Ícaros Pintura João Azevedo 531
Deus sabe o que faz Documentário Alexandre Martins MULTIMÉDIA
Apocalipse e biopolítica Ensaio Gianfranco Ferraro 536
Ensaio sobre o isolamento Fotografia Flávio Andrade 538
Dias pensantes Ensaio António de Castro Caeiro 550
Matéria-prima Desenho Rui Rasquinho 551
Meia vida, meio triste Crónica João Romão 563
Bombas que não explodem Escultura Simão Palmeirim 564
A Jibusanoca Poesia Lewis Carroll, traduzido por David Soares 568
Alice Desenho Alex Cortez 569
Pré-repto Música Pedro Macedo MULTIMÉDIA
O dedo na ferida Crónica Vasco Rosa 574
Bruno Nogueira, o pornógrafo Ensaio Vasco Macedo 575
Amorfos queridos Ilustração Pedro Pousada 576
Poesia periférica Poesia dita Citizen Card MULTIMÉDIA
A tradição da traição da tradução Ensaio Francisco Miguel Valada 580
Partidas e chegadas Fotografia Edgar Libório 582
Corona Loop #9 Música Jibóia MULTIMÉDIA

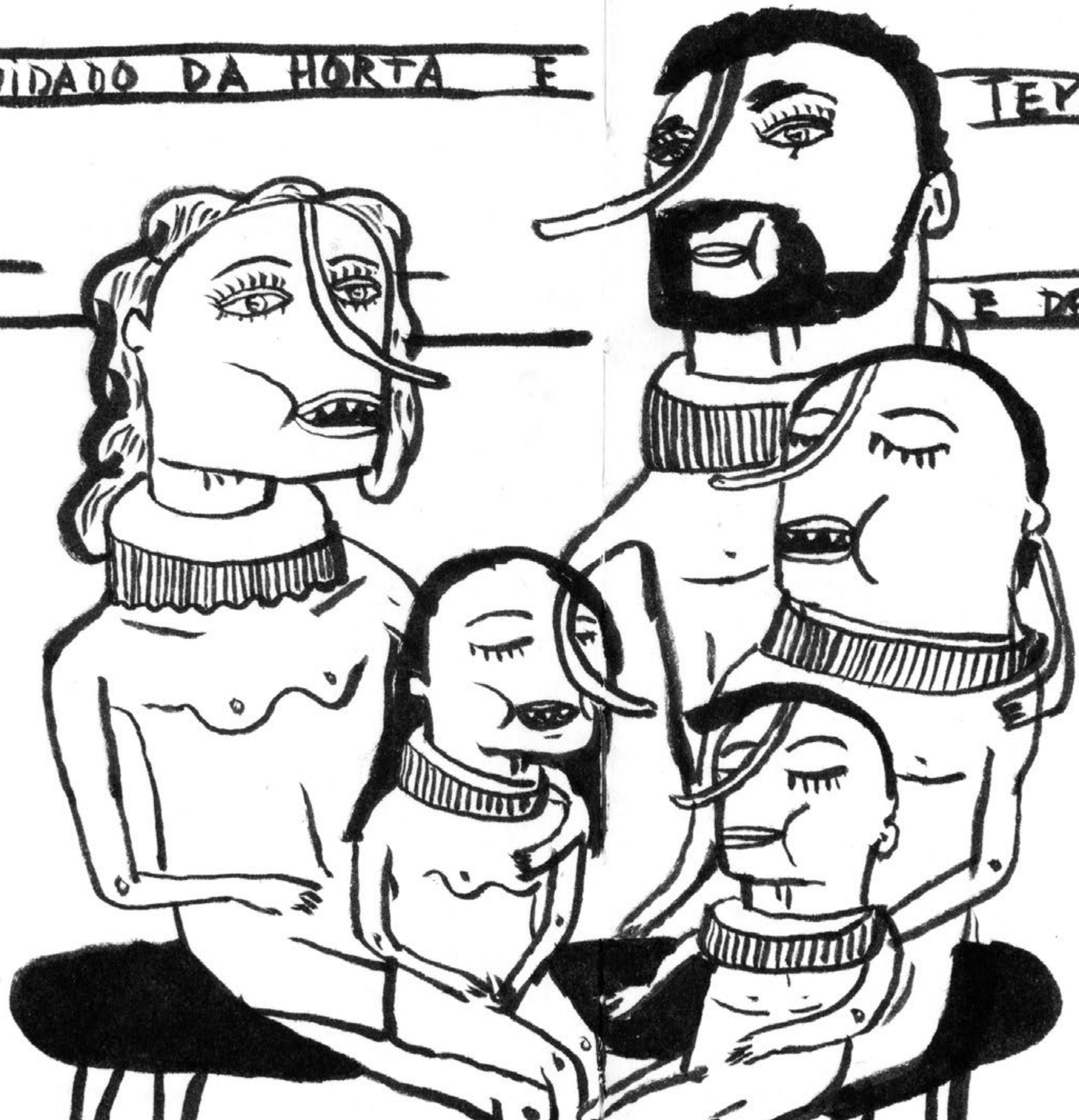
A FAMILIA BRAGANÇA TEM ESTADO EM TELE-TRABALHO

TEM [redacted] CUIDADO DA HORTA E

DE IOGA

TEM FEITO AULAS

E DE AGUARELAS



SINTO-ME
NUMA BOLHA DE
AMOR

Quando saímos do círculo de erros e de ilusões no interior do qual se desenrolam os actos, tomar posição é uma quase-impossibilidade. É necessário um mínimo de tolice para tudo, para afirmar e até mesmo para negar.

—

Para entrever o essencial, não é necessário exercer nenhum ofício. Ficar deitado todo o dia deitado e gemer...

—

Tudo aquilo que me põe em desacordo com o mundo é-me consubstancial. Aprendi muito pouco através da experiência. As minhas decepções sempre me precederam.

—

Há um inegável prazer em saber que tudo aquilo que fazemos não tem qualquer base real, que é indiferente consumar um acto ou não o levar a cabo. Não é menos verdade que, nas nossas acções quotidianas, lidamos com a Vacuidade, ou seja, de forma alternada e talvez ao mesmo tempo, tomamos esse mundo por real e irreal. Misturamos verdades puras e verdades sórdidas e esta mistura, vergonha para o pensador, constitui a vingança daquele que vive.

—

Não são os males violentos que nos marcam, mas sim os males surdos, insistentes, toleráveis, que fazem parte do nosso rame-rame quotidiano e que nos minam do mesmo modo que nos mina conscientemente o Tempo.

—

Ultrapassado o quarto de hora, já não conseguimos assistir sem impaciência ao desespero de outrem.

—

A amizade só tem interesse e profundidade quando somos jovens. Com a idade, torna-se evidente que o que mais tememos é que os nossos amigos nos sobrevivam.

—

Podemos imaginar tudo, predizer tudo, até onde nos conseguirmos afundar.

—

Aquilo que ainda me liga as coisas é uma sede herdada de antepassados que levaram a curiosidade até à ignomínia.

—

Como nos devíamos ter detestado na obscuridade e na pestilência das cavernas! Compreendo perfeitamente que os pintores de então tenham querido imortalizar, não o rosto dos seus semelhantes, mas o dos animais.

—

"Tendo renunciado à santidade..." – Só de pensar que fui capaz de proferir uma tal enormidade! Devo ter uma desculpa e espero poder encontrá-la.

—

Exceptuando a música, tudo é falsidade, até a solidão, até o êxtase. Ela é justamente o que estes são, mas *melhorados*.

—

Como a idade simplifica tudo! Na biblioteca peço quatro livros: dois com letras demasiado pequenas, excluo-os sem pensar muito; o terceiro é demasiado...sério, parece-me ilegível. Trago o quarto sem convicção...

—

Podemos estar orgulhosos do que fizemos, mas devemos estar muito mais orgulhosos do que não fizemos. Este orgulho está ainda por inventar.

—

Depois de uma tarde na sua companhia, estávamos extenuados, uma vez que a necessidade de nos controlarmos, de evitar a mínima alusão susceptível de ferir (e tudo o feria) nos deixava por fim sem forças, descontentes com ele e connosco. Acabando-se por lhe dar razão por causa de escrúpulos levados até à baixeza, desprezávamo-nos por não termos explodido, em vez de se ter imposto um exercício de delicadeza profundamente extenuante.

—

Nunca se diz de um cão nem de uma ratazana que eles são *mortais*. Com que direito se arroga o homem de um tal privilégio? Afinal de contas, a morte não foi um achado seu e é um sinal de fatuidade crer ser o seu único beneficiário.

—

À medida que perdemos a memória, os elogios que nos fizeram dissipam-se, contrariamente às reprovações. É justo: raramente merecemos os primeiros, ao passo que as segundas lançam alguma claridade sobre aquilo que ignorámos de nós mesmos.

—

Fracturas Cioran traduzido por Ricardo Gil Soeiro

Se tivesse nascido budista, tê-lo-ia permanecido; tendo nascido cristão, deixei de sê-lo na minha adolescência, numa época em que, mais do que hoje, poderia ter reforçado a blasfémia que Goethe, no ano da sua morte, deixou numa carta a Zelter: "A cruz é a imagem mais odiosa que existe debaixo do céu."

—

O essencial surge, frequentemente, no final de uma longa conversação. As grandes verdades dizem-se à soleira da porta.

—

Aquilo que está caduco em Proust são esses nadas carregados de uma vertigem prolixa, os resquícios do estilo simbolista, a acumulação de efeitos, a saturação poética. Seria como se Saint-Simon tivesse sido influenciado pelo Preciosismo. Ninguém o leria hoje em dia.

—

Só se pode escrever uma carta digna desse nome sob o efeito da admiração ou da indignação, do exagero em suma. É por isso que uma carta sensata é à partida uma carta já sem vida.

—

Conheci escritores obtusos e mesmo idiotas. Pelo contrário, os tradutores com quem tive a oportunidade de contactar eram mais inteligentes e mais interessantes do que os autores que eles traduziram. É que a reflexão é mais necessária para traduzir do que para "criar".

—

Quem for considerado "extraordinário" pelos seus amigos íntimos não deverá dar provas em contrário. Que não deixe quaisquer vestígios, que sobretudo não escreva, se um dia pretender ser para todos o que foi para alguns.

—

Para um escritor, mudar de língua é escrever uma carta de amor com um dicionário.

—

"Sinto que chegaste a detestar tanto o que pensam os outros, como o que tu próprio pensas", declarou-me ela de imediato depois de uma longa separação. Chegado o momento de nos despedirmos, contou-me um apólogo chinês do qual se podia deduzir que nada iguala o esquecimento de si mesmo. Ela, o ser mais *presente*, o mais repleto de energia interior e de energia em geral, o mais submergido no seu eu, o mais transbordante de si mesmo que se possa imaginar – por que espécie de mal-entendido defende ela agora o apagamento, ao ponto de crer que me estava a dar o exemplo perfeito?

—

Intoleravelmente mal-educado, avarento, sórdido, insolente, subtil, capaz de apreender os mais pequenos matizes, uivando de alegria face a um exagero ou a um gracejo, intriguista e caluniador..., tudo nele era charme e repulsa. Um canalha de quem sentimos falta.

—

A missão de cada um de nós é a de levar a bom termo a falsidade que encarnamos, a de se chegar a ser apenas uma ilusão esgotada.

—

A lucidez: um permanente martírio, uma façanha inimaginável.

—

Todos aqueles que nos querem fazer confidências escandalosas contam cinicamente com a nossa curiosidade para satisfazer a sua necessidade de espalhar os segredos. Sabem também que seremos demasiado invejosos para os revelar.

—

Só a música consegue criar uma cumplicidade indestrutível entre dois seres. Uma paixão é perecível, degrada-se como tudo o que participa da vida, pelo que a música é de uma essência superior à vida e, bem entendido, à morte.

—

Não possuo o gosto pelo Mistério porque tudo me parece inexplicável, ou melhor, porque vivo do inexplicável do qual estou farto.

—

X. intima-me a que me comporte como um espectador, que não esteja a par de nada, que me sinta repugnado pela novidade. – "Mas eu não quero mudar absolutamente nada", respondi-lhe. Não compreendeu o sentido da minha réplica. Tomou-me por alguém modesto.

—

Assinalou-se, com propriedade, que o jargão filosófico muda tão rapidamente como o calão. A razão? O primeiro é demasiado artificial; o segundo demasiado vivo.

—

Vive os seus últimos dias há meses, há anos, e fala do seu fim no passado. Uma existência póstuma. Surpreende-me que, não comendo quase nada, consiga durar: "O meu corpo e a minha alma tardaram tanto tempo a soldar-se que já não se conseguem separar." Não tem a voz de um moribundo porque já há muito tempo que ele já não está vivo. "Sou uma vela soprada" é a expressão mais adequada que pronunciara sobre a sua derradeira metamorfose. Quando invoquei a possibilidade de um milagre, a sua resposta foi: "Precisaria de vários."

—

Depois de quinze anos de solidão absoluta, São Serafim de Sarov exclamava diante do mais insignificante visitante: "Ó minha alegria!" Será que quem nunca deixou de conviver com os seus semelhantes seria suficientemente extravagante para lhes dirigir uma tal saudação?

—

Sobreviver a um livro destruidor é tão penoso para o leitor como para o autor.

—

É preciso estar num estado de receptividade, ou seja, de fraqueza física, para que as palavras nos possam tocar, insinuando-se em nós e dando início a uma espécie de carreira.

—

Ser chamado de *deicida* é o insulto mais lisonjeiro que podemos dirigir a um indivíduo ou a um povo.

—

O orgasmo é um paroxismo; o desespero também. Um dura um instante; o outro uma vida.

—

Tinha um perfil de Cleópatra. Sete anos depois: poderia estar a pedir esmola numa esquina. Que isto vos previna contra toda a idolatria, contra todo o desejo de procurar o *insondável* nos olhos, num sorriso ou no resto.

—

Sejamos razoáveis: ninguém pode estar a par completamente de tudo. Face a uma desilusão universal, não haveria qualquer vantagem em existir um conhecimento universal.

—

Tudo o que não é pungente é supérfluo, pelo menos na música.

—

Segundo Nietzsche, Brahms representaria "die Melancholie des Unvermögens", a melancolia da impotência. Esse juízo, que ele teve no limiar do seu colapso, mancha para sempre o seu esplendor.

—

Não ter concretizado nada e morrer-se esgotado.

—

Esses transeuntes idiotizados – como chegámos a este ponto? E como imaginar tamanho espectáculo na Antiguidade, em Atenas por exemplo? Um minuto de lucidez aguda no meio destes condenados e todas as ilusões se desmoronam.

—

Quanto mais se detesta os homens, mais maduro se está para Deus, para um diálogo com ninguém.

—

A fadiga extrema chega tão longe quanto o êxtase, com a diferença de que com ela *descemos* aos confins do conhecimento.

—

Da mesma forma que a aparição do Crucificado dividiu a história em dois, também esta noite acaba de dividir em duas metades a minha vida...

—

Assim que a música se cala, tudo parece degradado e inútil. Compreende-se que se possa odiá-la e que possamos sentir a tentação de considerar o seu absoluto uma fraude. Quando *a amamos em demasia*, é necessário reagir contra ela a qualquer preço. Ninguém melhor do que Tolstoi terá percebido o perigo, porque ele sabia que a música tinha o poder de fazer com ele tudo o que ela quisesse. Foi por temer poder vir a converter-se no seu joguete que ele começou a execrá-la.

—

A renúncia é a única variante da acção que não é aviltante.

—

Poder-se-á imaginar um cidadão que não tenha a alma de um assassino?

—

Amar apenas o pensamento indefinido que não atinge a palavra e o pensamento instantâneo que só vive através da palavra. A divagação e a *boutade*.

—

Um jovem alemão pede-me um franco. Começo a conversar com ele e fico a saber que já percorreu meio mundo, que já foi às Índias, cujos mendigos admira, gabando-se de ser como eles. No entanto, não é impunemente que se pertence a uma nação didáctica. Observei-o: tinha o ar de quem tinha frequentado o curso da mendicidade.

—

A natureza, em busca de uma fórmula que contentasse toda a gente, escolheu a morte que, como seria de esperar, não satisfez ninguém.

—

Há em Heráclito um lado Delfo e um lado manual escolar, uma mistura entre visões fulminantes e rudimentos; um inspirado e um outro professoral. É uma pena que não tenha feito abstracção da ciência, que nem sempre pensasse *fora* dela!

—

Tantas vezes vociferei contra qualquer forma de acto que manifestar-me, seja de que forma for, me parece uma impostura, uma traição. – Mas você continua a respirar. – Sim, faço tudo o que toda a gente faz. *Mas*...

—

Que juízo sobre os vivos se for verdade, como alguém defendeu, que tudo o que perece jamais existiu!

—

Enquanto me expunha os seus projectos, escutava-o sem conseguir esquecer que não sobreviveria esta semana. Que loucura falar de futuro, do seu futuro! Mas como não pensar que, afinal de contas, a diferença entre um mortal e um moribundo talvez não seja assim tão grande? O absurdo de fazer projectos é apenas um pouco mais evidente no segundo caso.

—

As nossas admirações datam-nos. Sempre que citamos alguém que não seja Homero ou Shakespeare, corremos o risco de parecermos antiquados ou ultrapassados.

—

Podemos sempre imaginar Deus a falar francês. Cristo nunca. As suas palavras não funcionariam numa língua que se revela tão inadequada tanto para a ingenuidade como para o sublime.

—

Interrogar-se sobre o homem durante tanto tempo! É impossível levar mais longe o gosto pela insalubridade.

—

Provirá a raiva de Deus ou do diabo? – De ambos: de outra forma como explicar que ela sonhe com galáxias para as pulverizar e que se revele inconsolável por ter ao seu alcance apenas este pobre e miserável planeta?

—

Debatemo-nos tanto – porquê? Para regressar àquilo que éramos antes de ser.

—

X., que fracassou em tudo, queixava-se de não ter destino. – Muito pelo contrário. A série dos teus fracassos é tão admirável que parece revelar um desígnio providencial.

—

A mulher foi importante enquanto simulou pudor e reserva. Que deficiência revela ao deixar de jogar o jogo! Deixa de valer alguma coisa, uma vez que assim se nos assemelha. É assim que desaparece uma das últimas mentiras que tornavam tolerável a existência.

—

Amar o próximo é uma coisa inconcebível. Será que pedimos a um vírus que ame um outro vírus?

—

Os únicos acontecimentos significativos de uma vida são as rupturas. São a última coisa a apagar-se da nossa memória.

—

Quando descobri que ele era totalmente impermeável a Dostoievski e à Música, recusei-me a conhecê-lo, apesar dos seus grandes méritos. Prefiro de longe um atrasado que seja sensível a qualquer um daqueles dois.

—

O facto de a vida não ter qualquer sentido é uma razão de viver, a única de resto.

—

Tendo vivido, dia após dia, na companhia do Suicídio, seria injusto e ingrato da minha parte denegri-lo. Haverá alguma coisa mais sã, mais natural? Contrariamente ao apetite fanático de existir, tara grave, tara por excelência, a minha tara.

"Fracturas", in *Confissões e Anátemas*, a editar em breve pela abysmo.

Não é nossa, lídia, esta primavera
rebentando contra os vidros.
Cresce, viva, a devastação, lídia,
e só à distância um rosto
pode irmanar-se a outro rosto.

Tristes e juntas, na vernal solidão,
apenas as nossas mãos, lídia;
por muito que o marulho do tejo
nos convide a vir imaginar
o tamanho do mundo,
demora, lídia, a ordem para que
nos multipliquemos pelos renascidos
relvados da beira-rio.

A ocasião é de proclamar
o amor aos desertos, lídia,
saber que o vento e a areia bastam
a quem errou o mundo
e foi apenas ridícula testemunha
do que não soube viver.

Mas é com a dor dos outros, lídia,
com a perdição dos outros que iludimos
a nossa impotência para a vida,
e encontramos cautério para o vazio
de não termos sabido existir.

Mas, devagar, ou menos que devagar,
dão-nos a ração do conforto, lídia,
neste horizonte de silos mudos e casas
alvoroçadas, porque também elas
se abrem à pura ilusão do porvir.

Talvez tudo não passe de simples sonho,
lídia, ou sequer sonho, mas miragem
sem corpo, porque estas ruas vazias
confundem os sentidos e é vivo mistério
esta paz que só se encontra nos montes
que não existem.

Ó lídia, abandonemos ao vento as amarras
de ser corpo e naveguemos só mentalmente
à beira-tejo, contemplando os longos
ocasos com o garbo dos navios
que partem para o longe,

sem a perplexidade que faz
germinar entre nós e as margens
esta estranha primavera em que as estátuas
concedem o bafo consolador aos que vêm
a treva crescer sobre o corpo,
e a festa livre não é a do sexo, lídia, mas do susto
deflagrado nas vastas volutas do pensamento.

Partamos sem outro álibi
que a imaginação da viagem, lídia,
pelo instante em que um sol clandestino
doira as casas sem mistério,
seca o corpo da manhã ainda líquida;

e tu, lídia, tapa o riso
até seres perfeita estátua
para o esdrúxulo palavrão,
guarda a grande propensão para o sonho,
que o tempo te espera
com a pólvora e o punhal
nas esquinas duma cidade
onde a caridade da hora
é a disponibilidade das ruas silenciosas,
onde se morre longe do intolerável olhar
dos outros, longe da pena dos outros, lídia,
sem escândalo e sem dinheiro,
a olhar inadimplente o rio em frente.

Com lídia e ricardo reis à beira tejo José Luiz Tavares

Do amor Rui Silvares

A invenção do amor, acrílico sobre tela, 146 x 89 cm

PÂNICO

É belo como coral, é da fealdade por matar.
(Cala e esconde,
Sonega,
Encafua,
Solapa.)
Sem que se perceba, até aí inerte,
Antenas embelezam as suas esferas suspeitosas.
É pestilento?, não há nisso odores pestilentos. Rasteá-lo? Rastreá-lo?
Qual a expectação da nossa imunidade?
Mísero, confundido, sei que é fauce castigadora, lá onde está, nos proíbe de colher a rosa, o tom violeta do cardo,
entre outras proibições, proíbe.
Sem que se perceba, não mais a vês afadigar-te, não a vês perder perfume, pacientemente, num mundo estranho.
A contaminação encaminha-nos para o campo-santo. E o Pânico para pensar a morte iminente.

—

INFAME

Em desespero, a mão do Relâmpago que varre o Mundo
Não lava e acende ou ofusca as nossas lágrimas.
Os que a esperavam sabem agora do tormento que os ceifa e os sepulta.
É uma mão benéfica a da beneficência? (A do desígnio?)
A punição dos céus, agrura mais cruel, bárbara, mede-nos pelo espinhoso percurso da idade.
Com tanta desgraça, a mão que resta nos redime deixando-nos mais humanos.

—

JOGO GRAVE

A Obscuridade e a Luz jogam infames,
Apostam a Vida.
Da Obscuridade todo o negrume desliza.
Não se distingue da Luz, nem da Luz o anoitecer enegrecido quando a Luz pisa a luz
E em tensão dramática se anulam.
Combinam, simultaneamente perdem.

Jogo grave José Emílio-Nelson

Isto não é um presépio, acrílico sobre tela, 130 x 80 cm

[A tartaruga e outro animal qualquer] José Ricardo Nunes

A tartaruga e outro animal qualquer.
Ou nem sequer bichos,
tudo mais simplificado,
imune à quebra das linhas.
E tentas desfazer o ritmo.

Sabemos que isto se vive em silêncio,
ninguém à escuta
a não ser talvez o meu pai,
antes dele o teu pai.

Corremos desenfreadamente
para tomar a dianteira
mas frequentemente é o tempo mais rápido
do que qualquer um de nós,
quero dizer, eu, tu, o meu pai,
o teu antes dele,
as nossas mães.

Ignoras a quantas pulsações por minuto
se desencadeia, mas todas as coisas
mudam de cor e mudam de forma
à tua passagem, quando eu passo
todos os lugares mudam de lugar.

O meu pai e antes dele o teu,
a minha mãe, a tua mãe,
esperam que cruzemos a meta.
Também eles mudaram tanto.

A caveira do meu pai,
a mais sorridente,
descaiu para a esquerda.
A tua mãe brilha ao Sol.

Ninguém quer saber da lebre
ou de outros animais, alguns bem mitológicos.
O ritmo da tua passada
é um assunto que só a ti diz respeito
e, vá lá, também um poucochinho a mim.

Espíritos Santos, acrílico sobre tela, 80x100cm, Maio de 2020

Para a próxima extinção

Baleia cinzenta
agora que te enviamos para O Fim
esse grande deus
diz-lhe
que nós que te perseguimos inventamos o perdão
mas não perdoamos nada
Escrevo como se pudesses entender
e podia dizê-lo
devemos fingir sempre alguma coisa
diante dos que agonizam
Quando tiveres desaparecido dos mares acenando com a cauda
vazio de ti
diz-lhe que nós fomos feitos
noutro dia
A perplexidade diminuirá como um eco
enrolando-se ao longo das tuas montanhas interiores
desconhecidas de nós
e encontrará a saída
deixando para trás o seu futuro
morto
e o nosso
Quando nunca mais puderes ver
as pequenas baleias habituando-se à luz
considera aquilo que encontrarás no negro jardim
e no seu tribunal
as morsas os araus gigantes os gorilas
os insubstituíveis e incontáveis anfitriões
ordenando com antecedência como estrelas
os nossos sacrifícios
Junta a tua palavra à deles
diz-lhe
que nós é que somos os responsáveis

Obrigado

Escuta
enquanto a noite cai dizemos obrigado
parados nas pontes curvados sobre as grades de proteção
nos terraços de vidro
com a boca cheia de comida a olhar para o céu
dizemos obrigado
de pé junto à água agradecemos
de pé à janela olhando lá para fora
na nossa direção
de regresso de uma série de hospitais de regresso de um assalto
depois dos funerais dizemos obrigado
depois das notícias dos mortos
quer os conhecêssemos ou não dizemos obrigado
pelo telefone dizemos obrigado
nos vãos das portas e nos bancos de trás dos automóveis e nos elevadores
com a memória das guerras e a polícia à porta
e as pancadas nas escadas dizemos obrigado
nos bancos dizemos obrigado
nos rostos dos funcionários e dos ricos
e de todos aqueles que nunca mudarão
continuamos a dizer obrigado obrigado
enquanto os animais morrem à nossa volta
os sentimentos perdidos dizemos obrigado
enquanto as florestas desaparecem com mais rapidez que os minutos
dizemos obrigado
enquanto as palavras caem como células do cérebro
enquanto as cidades crescem sobre nós
cada vez mais rápido dizemos obrigado
embora ninguém escute dizemos obrigado
dizemos obrigado e acenamos
no escuro

No aniversário da minha morte

Todo os anos, sem me dar conta, passa o dia
em que os últimos incêndios se despedem
e o silêncio se instala
Viajante incansável
como os raios de luz de uma estrela já extinta
então já não
estarei nesta vida vestindo uma roupa estranha
Surpreendido na terra
pelo amor de uma mulher
e a audácia dos homens
escrevo hoje depois de três dias de chuva
e ouço a carriça a cantar e a tempestade cessar
e curvo-me sem saber perante o quê

W.S. Merwin, USA, 1927 – 2019

Seis poemas de W.S. Merwin traduzidos por Jorge Sousa Braga

Berryman

Vou-te contar o que ele me disse
nos anos a seguir à guerra
a que então chamamos
Segunda Guerra Mundial

não percas a tua arrogância ainda, disse ele
podes fazer isso quando fores mais velho
perdê-la muito cedo pode significar
apenas substituí-la pela vaidade

só uma vez sugeriu
alterar a ordem
das palavras num verso
porquê dizer uma coisa duas vezes

sugeriu que eu invocasse a musa
ajoelha-te e reza
ali no canto e era isso mesmo
que ele queria dizer

foi nos dias antes da barba
e da bebida, mas ele era profundo
tinha marés próprias através das quais navegava
o queixo de lado e a cabeça inclinada como um saveiro

era velho para a idade que tinha
muito mais velho do que eu, estava na casa dos trinta
estalava o nariz com um sotaque
que acho eu apanhara em Inglaterra

quanto à publicação, aconselhou-me
a forrar a minha parede com os cartões de rejeição
os lábios e os ossos dos seus longos dedos tremiam
com a veemência dos seus pontos de vista sobre a poesia

ele disse que a grande presença
que permitia tudo e transmutava tudo
na poesia era a paixão
a paixão era o génio e ele elogiava o movimento e a invenção

Eu mal começara a ler
e perguntei como se podia ter a certeza
de que aquilo que se escreve é realmente
bom e ele disse tu não podes

não podes nunca ter a certeza
vais morrer sem saber se
alguma coisa que escreveste é boa
se queres ter a certeza não escrevas

Lugar

No último dia do mundo
gostaria de plantar uma árvore
não para que
dê frutos
a árvore que carrega os frutos
não é a mesma que foi plantada
Quero a árvore que fica de pé
na terra pela primeira vez
com o sol
a desaparecer
e a água
tocando as suas raízes
na terra cheia de mortos
e as nuvens que passam
uma a uma
sobre as suas folhas

Asas

Entre os meus amigos aqui há um velho cujo nome
tem a ver com a primeira luz antes do amanhecer
ele ensina a voar quer dizer ele
é capaz de voar sozinho e ensinou
os outros a voar e voar para eles é o seu
único tesouro mas a mim não me ensinou
embora eu sonhe em voar e voe em sonhos
mas quando o vejo ele fala-me de plantas
que guardou para mim e de onde elas vieram
uma nova de cada vez elas têm folhas como asas
com muitas asas, algumas com revoadas de asas
mas elas nunca voam diz ele ou quase
nunca voam há algumas que sabem voar e voam
mas voar é o seu único tesouro
ele diz que se me ensinasse agora a voar
seria um tesouro entre outros
apenas um entre outros é o que ele diz
e ele vai esperar diz-me e fala
dos seus velhos amigos e dos seus encontros
regulares num lugar onde lutaram
numa batalha há muito tempo quando eram jovens
e ganharam e a antiga floresta foi
destruída enquanto lutavam mas quando regressaram
tinha crescido de novo para cumprimentá-los como se
nada tivesse acontecido e enquanto
estão lá a floresta espalha as suas asas sobre eles

Muito antes do intervalo grande

Matilde Campilho

31 de Março, 21:00

Confesso que ainda não cheguei ao Paraíso. Digo isto sem vergonha nenhuma, até porque o tempo da vergonha já lá vai. Será que alguém ainda se lembra de se embaraçar um pouco por conta da cor das meias que vestiu ensonado depois do banho, e que sem querer levou para uma reunião daquelas da mais alta importância? Estavam lá os chefes todos e o estremunhado de meias amarelas, coitado, perdido numa sala séria. Alto drama. Mas só para o próprio, já que entre folhas impressas e números projetados numa tela, ninguém olha para debaixo da mesa. Ninguém, a não ser o dono das meias, que passa a reunião a inteira a desejar que não reparem no amarelo. Isso era antes, e pensando bem, a vergonha era muitas vezes só uma manobra de defesa – o tempo que passávamos a olhar para as meias torcendo para que ninguém as notasse, tirava-nos o foco dos números e das folhas inúteis. Meditávamos pela cor, não éramos nada assim tão burros. Agora, e sabe-se lá por quanto tempo, já ninguém se senta à mesa para destrinçar gráficos obtusos. E cada um calça as meias que quer. Podemos até andar descalços e com as unhas por cortar. A vergonha, pelo menos aquela que está relacionada com a opinião alheia, dissolveu-se nas franjas da cortina do vírus. Ficou alojada ao lado do pó, dos restos de pão do dia anterior, até mesmo dos insetos que ainda andam por aqui indiferentes à quarentena. Não sei se no Paraíso há insetos porque, como já disse, ainda não cheguei ao Paraíso. Parei há vários meses no círculo oitavo do Inferno, capítulo XXI da passeata de Dante com Virgílio, e por alguma razão fiquei presa à cena de um *diavol negro* carregando ao ombro um pecador. Não terá sido exatamente o pecador que prendeu a minha atenção, até porque antes da doença geral do mundo eu já não me focava tanto nos culpados, mas muito mais nas cores das coisas. Todas as coisas coloridas, de uma maneira ou de outra, movem-se. Foi aquele movimento de um corpo cor de pele sendo arrastado pelo mundo inferior que me agarrou. Mais ainda, foi o facto de o tal corpo ir pendurado pelo pé. Descobri até uma gravura inglesa do século XIX, guardada há muitos anos pelo British Museum, que representa a cena na perfeição. Um homem às costas de um demónio, agarrado pelo pé. A história de gente agarrada pelo pé é bem antiga, e vai tão longe quanto Jacob e Esaú. Aquele que mais tarde ainda havia de lutar com o anjo durante uma noite inteira, lutou primeiro com o irmão no ventre de sua mãe. Agarrou-se ao calcanhar de seu gémeo e fez de tudo para nascer primeiro. Mais tarde os dois haviam de resolver as coisas por via de um prato de lentilhas, e isso só é para aqui chamado porque as lentilhas eram vermelhas. Um vermelho que se arrastou até às margens do Jordão, e que deu no que deu. Não digo que as cores se movem? Movem-se tanto que arrastam com elas um povo inteiro, até casa ou até quem sabe ao Paraíso. Mas não cheguei ainda ao Paraíso. Pelo menos não ainda àquele que Dante viu. A ter lá chegado foi por interpretações alheias, e não sai da minha cabeça agora aquela análise que John Ruskin fez do texto e em que nos diz que "a ausência de caminhos na floresta, a coisa mais aterradora para ele nos seus tempos de pecado e defeitos, é agora uma alegria nos seus tempos de pureza." Pelos vistos, Dante chegou ao Paraíso e não viu caminho nenhum. Quem não vê caminho é porque não vê tempo, não vê hora, não vê o sol a pôr-se nem a nascer, não conta com o despertador a tocar de madrugada, não está nem aí para reuniões feitas de gráficos económicos e planilhas. Quem não vê caminho, e está no Paraíso, libertou-se dos suspensórios pelo qual o tempo humano nos prende a todos. E libertou-se em alegria, já que a confiar na análise de Ruskin e de todos os que passaram do círculo oitavo, quando Dante deu de caras com o Paraíso viu o seu corpo inteiro modificar-se em pureza extrema. Tudo isto se passou no século XIV. Depois da peste do Egito e depois da peste de Cipriano, mas antes da peste negra que todos estudámos na escola. Aqueles homens mascarados de pássaros, os médicos da peste, frequentaram com muita distância as nossas cadeiras de liceu, e vistos do século XX pareciam quase engraçados. Chapéu preto, vara na mão, luvas brancas e uma máscara protuberante. Aquele bico de pássaro, tão espirituoso nas aulas de história antes do intervalo grande, não passava de um enorme cone dentro do qual eram colocadas as ervas aromáticas. Durante a peste negra, pensavam eles, quem respirasse naquela máscara com as ervas dentro, estava protegido da doença. Outros tempos, outros odores, outras formas de proteção. Cada século se defende do inferno como pode, e agora nós já sabemos isso. Neste século XXI que nos apanhou tão desprevenidos e calçados com meias amarelas, julgamos defender-nos da peste assistindo às notícias durante a hora do jantar. Os que podemos, claro está, porque convém não esquecer que pelo mundo inteiro há mulheres e homens deitados em camas de hospital, imunes à notícia, mas nada imunes à peste. Este vírus, já sabemos, anda a arrasar com o Paraíso sem nem querer saber se o seu alvo humano ouviu as notícias ou passou sequer do canto décimo. Esta peste dá cabo da pertença. Dá cabo do olfato, e aí cai logo por terra a sua ligação às aulas de história. Dá cabo da alegria, porque quem é que pode sentir alegria plena sem poder abraçar os seus irmãos mais novos? Uma coisa é certa: aqueles que temos irmãos, não mais estamos preocupados em agarrar-lhes o calcanhar para com isso sermos o primeiro a chegar ao prato de lentilhas. Ainda não cheguei ao Paraíso. Não conheço essa sensação esplendorosa de não ver o caminho e de não distinguir a noite do dia, e de ainda assim permanecer em plenitude. Talvez lá chegue. Ainda hoje, tendo pouco para fazer, resolvi andar descalça pela casa de livro na mão, sussurrando às paredes o canto XXI. Fez muito por mim, embora não me tenha levado ainda ao Paraíso. Tenho tempo, assim

Para Frida Kahlo Tiago Manuel

espero. Tenho tempo para passar as páginas e para ir rememorando as aulas de história, e mais ainda para desenhar nas paredes os rostos dos meus dois irmãos mais novos. Que, por acaso sei isso, caminham cada um nas próprias casas, de calcanhares despidos e muito soltos, sussurrando a si mesmos a palavra saudade. Temos tempo. Temos caminhos pela casa. Estamos a meio caminho entre o inferno e o paraíso, e se bem me lembro das aulas de história e da catequese, ainda havemos de passar pelo Purgatório. Entre uma coisa e outra, há sempre um lugar suspenso. Só espero que o saibamos atravessar em sintonia, sem já nem pensar em números projetados, mas só aguardando serenos o Paraíso terrestre em que, entre as árvores, nos tocaremos os rostos e os pés despidos. Sem vergonha. Sem ligar à hora ou ao trajeto de cada um. Mudados, é certo, mas com alguma nova alegria alojada dentro de nossa íntima selva escura.

Em memória de Wenceslau de Moraes e do seu jardim de Tokushima
(a ouvir Nina Simone)

«Há um tempo na vida em que um homem perde a sua sombra.» – escrevi um livro com esta frase lá dentro. Sei por que a escrevi. Naquele momento, para aquele livro. Hoje, abri esse livro, ao acaso, e li a frase, parecia solta na página. Pensei, isto não me pertence (o que é, afinal, o que acontece a tudo o que escrevemos). Tão estranha para mim como se nunca a tivesse visto, ou dito em voz alta. Não sei porquê, decidi copiar a frase para o meu caderno de papel rude, com as suas folhas repletas de umas inquietantes manchas amarelas, deve ser uma espécie de doença molecular degenerativa. Escrevi a frase, pois. E vi apenas a sua dureza, a sua materialidade. Mais nada.

Deixei a frase em sossego e desci até ao meu quintal. A gata alaranjada empoleirada, em absoluto sossego, na mais improvável dobra de telhas da cobertura da casa, todo o resto inexoravelmente excluído do seu plano existencial – o daquele exacto momento, depois se verá, não é, gata? Pouco mais tenho para ver: a relva esparsa sobrepujada por toda a sorte de verduras indesejáveis, os cactos imunes a todas as voltas contrárias do mundo, os nabos raquíticos, a hortelã selvagem, o funcho que tarda em desenvolver-se, as duas pitangueiras (gosto de pensar que são mãe e filha) que continuam a dar-me os seus carnudos frutos vermelhos, a figueira esperançosa, o limoeiro preguiçoso, os araçazeiros generosos, tal como as goiabeiras, em espera do tempo certo, a anoneira manhosa (deliciosas anonas, ou corações-negros, poética designação local), e os cedros que anulam o cinzento dos muros e a curiosidade reles dos passantes. Parece tudo um pouco seco, mas não é verdade.

Para lá dos muros, os raios solares reflectidos nas rochas duras emergentes do oceano a poente, ali um homem poderá ver o medo esboroar-se por entre sargaços e uma miríade de seres para nós invisíveis. Aqui, o tempo ajuda a dar consistência ao pedaço de terra que nos sustém (olha a morte!). Vê-se o medo, sente-se o seu dorso rijo, o seu amplexo, o avesso do rosto que um dia nos pertenceu. Ouvem-se as fibras secas e estaladiças nas pregaduras da sombra da memória. E olho o espaço, cada vez mais assustadoramente meu. Não é coisa de somenos. A dor é canhestra, fere e rasga às cegas.

Regresso à casa, ao caderno condenado ao desaparecimento. À frase, à frase. Caligrafo-a uma vez mais. Terá umas nervuras ocultas? Haverá uma ferramenta para escavar entre as fissuras dos seus traços a ordem imanente das coisas? Não posso deixar de suspeitar destas desagradáveis manchas amarelas. A frase que faça o seu caminho, se o tiver.

A ilha é um mar interior onde o medo não tem por onde se escapar.

Coração Negro Carlos Alberto Machado

Danças Manuel San Payo

A morte e um vírus

Fernando Fonseca Santos

Sempre achei que nasci também para não ter medo de morrer.

E muito tenho ponderado se viver não me imporá o dever de, por vezes, conviver pessoalmente com a Morte, mesmo que para isso tenha de me dispor a visitá-la.

Para mim, a Morte tem alguns e estranhos significados que cabem em palavras de uma secular Nação, com uma cultura muito rica que viabilizou conceitos realmente sábios. Tão sábios que talvez digam da Morte o que é invulgar dizer e permitam ter com ela uma relação que, em muitos aspectos, é verdadeiramente original.

Não ter realmente medo de morrer significa, antes de mais, conhecer uma Morte, sofrer com ela, construí-la e desconstruí-la conceptualmente ao longo da vida, o que é diferente de, tendo-a presente, saber sofrer com ela, num muito estreito conviver, quando se mostra mesmo necessário. E isso radica em algo que ajudou a criar, há muitos séculos, o ter de ser Bantu e dispensará aquilo que muito contribuiu e contribui para, pelo menos, nas culturas judaico-cristãs e muçulmana, se ter criado pujante e perene, perante a morte e a Morte e à volta delas, a necessidade de uma muito própria, militante e bem profunda necessidade de ilusão, que fundamenta o religioso ou, como contraponto, a outra necessidade de ilusão, quase da mesma natureza, que empenhada, categórica e materialisticamente nega tudo que possa haver depois e para lá delas.

Da Língua dessa Nação, a que a vida me ligou também culturalmente, retive, no que respeita à Morte e à morte, muitas palavras. E, com aquelas que mais profundamente me marcaram, tive a relação necessária para, mais tarde, escolher três. Foi um trabalho atento e diligente, mas que nem sequer chegou a ser muito demorado.

Num caso, seguindo a tradição Ovimbundu, fundi o conceito vivencial e fascinante de uma Morte Mãe, amante e feminina, numa só palavra, o que obriga que se juntem cinco.

Noutro caso, elegi, da manifesta polissemia de uma das palavras que escolhi, um sentido preciso e quase rigoroso. Fi-lo, e admito que talvez com o devido acerto, sem menorizar qualquer significado e, assim, respeitando toda a sua semântica riqueza.

E finalmente, para a terceira, substantivei, quase sem querer, um verbo e, depois, fui usando adjectivos para o talhar e a seguir polir.

Agora, nestes últimos meses em que finalmente envelheci, Morte, para mim, voltou a ser, distintos e nítidos, os sentidos que, ao longo da minha vida e em certas e muito precisas situações, couberam em *Amepambasange*, em *Kalunga* e em *Wafa*.

E foi preciso viver mais de setenta anos e ter visto crescer à minha volta o orquestrado pânico que um vírus pode gerar num mundo globalizado e cada vez mais corrupto, menos solidário e mais acéfalo para ter voltado a repensar, com cuidado, tudo isto.

Procurei ser sempre um homem livre, mas sinto-me, agora, cada vez mais preso e mais limitado. Física, mas sobretudo social, política e moralmente agrilhoado a uma práxis que manifestamente desrespeita as liberdades cívicas, imposta por aqueles que fazem o que podem e o que não podem para gerar e fomentar o medo, criando assim uma injustificada insegurança. Tudo isto também para procurar que continue a crescer e se difunda a ideia de que a Segurança passou a ser Valor, quando mais não é, como sempre foi, mera função da necessidade de Ordem Social, que deve, mesmo assim, ser prévia e democraticamente sufragada e, se tal vier a acontecer, aceite depois, e saiba ser, por isso, apenas mais um princípio de uma circunstancial, mutável e, por isso – muitas vezes e mesmo em relevantes planos –, contingente moral positiva. E daqueles outros, ainda piores, que querem, de novo, impor a troca de pretensa Segurança por verdadeira Liberdade, aproveitando-se, agora, de uma situação que volta a permiti-lo e que têm vindo a gerir para favorecer este objectivo.

No fundo, o Estado, continuando a ser uma pessoa colectiva de Direito Público que tem por órgão o Governo, é, cada vez mais, um instrumento de indefinidos, mas definíveis e estreitíssimos interesses que, ao imporem-se, na ordem internacional e na ordem interna – assim, por esta ordem –, acabam normalmente por o transcenderem.

Talvez seja essa a razão mais relevante para a idade ter feito em mim o necessário para me ter voltado a sentir estranho e estrangeiro num Mundo que também sei meu. É que, em mim, neste plano, tenho hoje presente e muito viva a consciência de um saber que implica a vinculada certeza de uma inegável, inextricável e recíproca pertença.

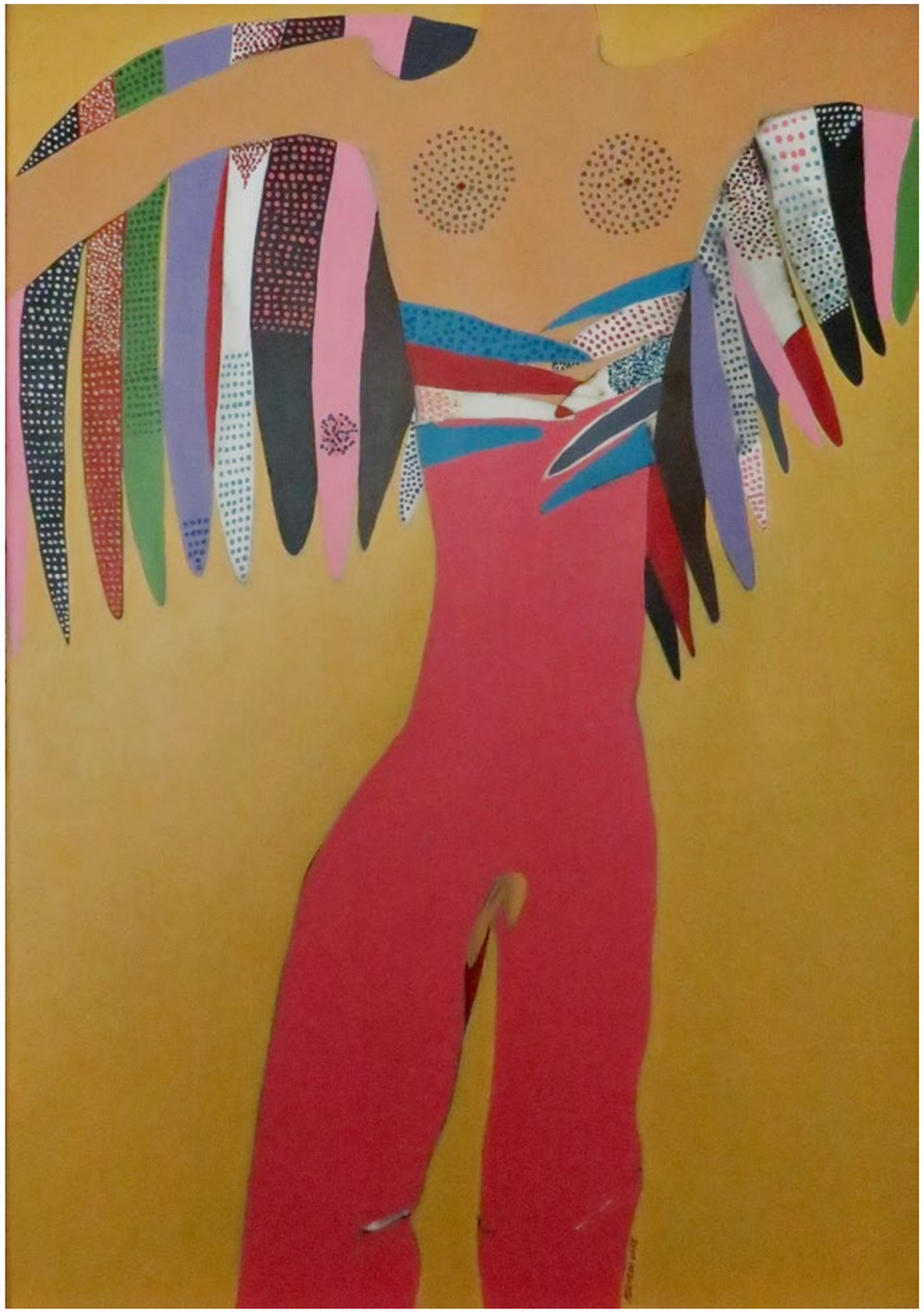
Mas foi a tosse e depois a febre e, poucos dias depois, o saber que um amigo, com quem privo amiúde, estava infectado que me levaram a fazer novos balanços, usando antigos pesos e bem gastas, porém, ainda exactas medidas.

Se chegam a ter alguma ordem – porque ordenação intencional de certeza que não têm – as aferições que fiz, a primeira liga-se a uma frase de um outro grande amigo. Costumava ele dizer:

– Um elefante só se caça, não se mata. E, se caçar impuser excepcionalmente um tiro, quem for caçador que se preze só deverá atirar se for capaz de chegar tão perto, andando, obliquamente, com o vento a favor, de modo a poder ver *Amepambasange* num dos olhos do ser que por instinto, então, se pode tornar um perigo mortal. Só quando "Aquela que Colhe" te quiser e a vires, bem presente, no brilho breve que se

Ícaros

João Azevedo



há-de acender no olhar desse elefante, é que, continuando a ser pecado, a igualdade que então talvez já não seja ilusória justificará aquilo que será sempre um acto bárbaro. E, se não fizeres com perfeição tudo isto, podes ter a certeza de que logo a seguir para ti e em ti sucederá *pakunsangela kalunga ovola*.

E eu sempre soube – até porque depois o senti algumas vezes – que era ou poderia ser mesmo assim, embora hoje, pelo menos para mim, essas vezes tenham também passado a ser vezes de mais.

Foi dessa maneira que, aos 14 anos, aprendi que *Amepamsange* – essa Morte Mãe que se tornou tão minha e tão especial – é uma Morte que importa realmente honrar e, para isso, se deverá conhecer, mas conhecer intimamente, o que, no caso, implica visitá-la e ser capaz depois de a revisitar.

Mas, agora, aquilo com que estou novamente a defrontar-me é a hesitação que sinto por ser ainda um espaço largo aquele que cabe entre ligar ou não ligar para o SOS 24.

Como recordei há pouco um dos modos possíveis de visitar *Amepambasange*, lembrei-me agora mesmo, para tentar superar sem, contudo, resolver aquela hesitação, porque é que também me convenci que deveria, neste momento, a tantas dezenas de anos de distância, visitar *Kalunga*, em Kifangondo. E, quando o pensei, surgiu claro aquilo que falta ao curto Estudo Militar e Histórico que, com assinalável isenção e respeito pela verdade, foi feito há anos sobre essa batalha. É que *Kalunga* parece que não consta dos depoimentos de quase todos os comandantes das variadas forças que integraram os dois lados que se bateram nessa histórica e crucial batalha por Luanda.

Porém, se se ler bem a resenha que consta desse Estudo, a conclusão pode ser outra.

Kalunga está lá, até com o demais que fez acontecer nessa batalha. Só que não está literalmente nomeada e, muito menos, culturalmente enquadrada.

E a verdade é que a Morte que matou em Kifangondo foi a que para mim, então, soube ser *Kalunga*. E também é verdade – e bem perturbadora – que, nesse Estudo, não está claro, nem reconhecido que, nessa primeira e verdadeira batalha do que seria depois uma longa Guerra, *Kalunga* tomara finalmente partido por aqueles que já tinha elegido como seus.

A Batalha de Kifangondo para mim, no entanto, sempre foi também as curtas horas que marcaram um fim à minha juventude e moldaram, num ápice, a maturidade que normalmente implica uns largos anos de vivência adulta. Foi um fim sem resgate. Um fim em si mesmo. Porém, um fim pleno de finalidade.

Quem ainda se lembrar que é um dever visitar, no dia 10 de Novembro de cada ano, *Kalunga*, em Kifangondo, para, pelo menos aí, recordando e honrando todos os mortos, homenagear também o então Comandante e depois General França N´Dalo, lembrar-se-á, com certeza, ainda nitidamente, que essa tão antiga e angolana Morte, quando se juntou a um dos lados, preferiu também, então, ser Mar e tornar-se Infinito – o Infinito Finito que, como Morte, depois, numa longa e sangrenta guerra fratricida, fez gerar, com imparcialidade, de antigas e seculares Nações Bantus, o que é hoje verdadeira, coesa e indisputavelmente a Nação Angolana.

Mas só talvez naquele dia de Novembro de 1975 e, de certeza, no dia seguinte é que *Kalunga* terá redimido, por fim, o sentido real que a levou também a ser Mar. O Mar, limpo de morte, que, nesse dia de Primavera Angolana, estavam já as acácias rubras floridas, *Kalunga* também preferiu finalmente ser.

É que, durante quase quatro séculos, para um angolano, partir num barco de praias da sua Terra era partir como escravo para morrer muito cedo e já longe, ou para esse outro e pior e lento morrer que há em saber que não se há-de voltar à Terra a que se pertence, que se tem como nossa e da qual se foi apartado pela maldade e a cobiça de quem, em certo momento, tem a seu favor apenas mais Poder e, por isso, mais força.

E a tosse é cada vez mais persistente e a febre é cada vez mais alta e a expectoração é tão diferente.

A indecisão está agora vencida.

Para um hospital não vou. Médico não quero. Prefiro automedicar-me. Tenho relações que me permitem arranjar receitas e capacidade ainda para as aviar. Li, vi, ouvi, YouTubizei-me, nestes últimos dias, o suficiente para saber aquilo que hei-de tomar, e até o modo como devo tomá-lo. E foi quando ponderei como deveria concretizar estas opções que me lembrei de *Wafa*.

Compreendi, há muitos anos, pela primeira vez, o sentido real que a substantivação dessa palavra implicava quando o meu mais próximo companheiro de brincadeiras de infância tuberculizou e morreu poucos meses depois, muito longe, num Hospital de uma Missão Protestante que então havia na Serra do Lépi, quase no coração das Terras do Nano.

Foi a Mãe dele que me deu a notícia. Quando lhe perguntei pelo Jorge, desfez-se em lágrimas e disse – *Wafa*.

Jorge, mesmo depois de partir, fez com que *Wafa* – que, desde então, passei a pensar também como Morte – me tocasse profundamente em *Utima* – na Alma, que é Coração e que é Pensamento e onde, também com esse sentido pungente e marcante, Jorge e ela, como Morte, ainda hoje vivem e talvez convivam.

Lembrei-me, ao escrever esta última frase, que Jorge me tinha deixado também um presente. O bacilo que em mim provocou apenas o que só alguns anos depois eu soube chamar-se primoinfecção.

Imunizou-me, assim, contra aquele mal. Não sei se é ainda, por isso, que mesmo agora eu vi, em *Utima*, a sua cara de menino, as feições perfeitas, de traços nilóticos, tão próprias do seu sangue *Helelo*.

E o que quebrou esse encanto, que senti, primeiro como *asingwe* e, depois, como *ongeva*, foi ter-me lembrado que tinha lido ou visto há dias que a imunidade à tuberculose ajudará como defesa contra este vírus.

Não me vou dar ao trabalho de tentar verificar se foi isto mesmo que vi e ouvi num canal do *YouTube* ou li num qualquer jornal digital, muito menos se será ou não cientificamente assim, pois a verdade, mesmo a científica, neste domínio e nestes últimos meses, quase que deixou de poder existir por ter preferido politizar-se nesta também descarada manobra de engenharia social.

As minhas opções já estão feitas. Talvez estejam feitas há muito e muito tenham que ver com o certo e Bantu ter de ser.

Um medicamento sei que não tomarei – Hydroxycloroquina.

Não pelo muito quinino e camoquinas e resoquinas e daraprins com que me defendi da malária durante a infância e a juventude, mas porque, até em matérias da natureza daquelas que aqui estão em causa, não gosto de más companhias. Prefiro realmente continuar a conviver com as Mortes de que falei, ciente que me sinto daquilo que admito que virá depois.

Como a Ceifeira de Pessoa – em mim, hoje, muito do que sou capaz de ainda sentir está pensando.

Apocalipse e biopolítica

Gianfranco Ferraro

A propósito da pandemia, e das consequências que a sua difusão provocou, fala-se muitas vezes de "catástrofe". Seria talvez mais correcto falar de um evento apocalíptico. Apocalipse significa, literalmente, "revelação" (do grego *apocalypsis*): tem por isso que ver com a verdade, uma verdade que podia estar de alguma forma escondida, ou passar despercebida.

A pandemia é um evento apocalíptico porque traz à luz, antes de mais, a fragilidade dos equilíbrios da nossa sociedade globalizada, os seus perigos, os seus conflitos entre diferentes hábitos e formas de racionalidade, os nossos próprios medos, a partir dos quais governamos os fenómenos, as nossas relações com a vida, com a natureza, e com os outros humanos. E é um evento apocalíptico porque, revelando os fundamentos – científicos, políticos, económicos, espirituais, relacionais – que deram forma às nossas maneiras de viver e às nossas crenças, evidencia ao mesmo tempo inevitavelmente a historicidade destes, o que contraria qualquer carácter absoluto que se poderia presumir neles. Não é por acaso que noções como "progresso" e "desenvolvimento", que caracterizam os nossos paradigmas de conhecimento enraizados na tradição iluminista, são as primeiras a serem postas em causa, a serem abaladas por aquela tempestade que puxa para a frente o Anjo apocalíptico de Klee, descrito por Walter Benjamin. À volta da história global, assim como das nossas biografias individuais, desenha-se assim uma linha de corte. Estamos perante um trauma colectivo que cada um de nós vive ao mesmo tempo como trauma psicológico e relacional: mesmo que muitos eventos do passado recente nos tivessem já alertado para o facto de não vivermos provavelmente no melhor dos mundos possíveis, o que nos é agora atirado à cara é que aquele subtil equilíbrio de forças a que chamamos "normalidade", se não se tornou de todo inviável, foi e pode voltar a ser, em qualquer momento, posto em causa. O mundo surge-nos agora como precário, assim como precárias nos surgem de maneira imprevista as nossas imagens do presente e os óculos com os quais costumávamos projectar a nossa vida no futuro.

Esta crise tem todas as características descritas pelo antropólogo italiano Ernesto De Martino no seu estudo sobre os "apocalipses culturais". Para De Martino, cada cultura desenvolve técnicas específicas com o objectivo de tornar habitável o mundo, definindo um equilíbrio com a natureza e construindo hábitos e rituais capazes de lidar com a constitutiva incerteza humana, transcendendo o indivíduo e a mera animalidade da vida: um "mundo" existe enquanto houver técnicas capazes de estabelecer relações. Pelo contrário, verifica-se um "fim do mundo" – um apocalipse cultural – quando estas técnicas deixam de fazer sentido, e já não conseguem "tocar" os fenómenos, tornando inviáveis os nossos pontos de referência relativos ao conhecimento do mundo. Daí aquela sensação de angústia característica de qualquer experiência cultural do apocalipse: com a perta deste *ethos transcendente* ("ethos del trascendimento", nas palavras de De Martino), desta capacidade de relacionamento permitida pelas técnicas, a existência humana fica como que abandonada a si mesma. A crise apocalíptica revela, portanto, a insuficiência das técnicas construídas por uma cultura à volta da vida, e o risco, que cada cultura vive como o seu mais profundo inconsciente, que além *deste* fim do mundo, não haja *nenhum* outro mundo habitável.

O mundo surge-nos agora como precário, assim como precárias nos surgem de maneira imprevista as nossas imagens do presente e os óculos com os quais costumávamos projectar a nossa vida no futuro.

Neste sentido, o apocalipse cultural que vivemos é caracterizado, por um lado, pela revelação da dificuldade actual de as nossas "técnicas" nos oferecerem uma maneira de nos relacionarmos com o mundo, e, portanto, de pensarmos um mundo novamente habitável, uma vida não reduzida às suas funções essenciais, e, por outro lado, pela revelação do conflito entre as diferentes racionalidades que sustentam estas técnicas. Um conflito que atravessa toda a história da modernidade e que, como explicava o filósofo francês Michel Foucault, tem como campo de jogo o governo da população no seu todo, assim como o controlo da conduta de vida dos indivíduos: uma biopolítica.

Foucault sublinhou o estatuto "prático" das regras que definem os paradigmas científicos modernos. De forma particularmente evidente no caso de ciências sociais e médicas – se pensarmos como as ciências psiquiátricas ou a medicina foram construindo os seus protocolos através da definição progressiva dos "doentes" – o seu surgimento aparece justamente com o nascimento de instituições de controlo e de separação (hospitais e retiros). Estas ciências da população são ao mesmo tempo formas de governo: como tais, perante um fenómeno novo que não se consegue interpretar no contexto de quadros epistemológicos antecedentes, como a aparição de um vírus desconhecido, há um momento em que o aspecto decisório acaba por prevalecer sobre a fundamentação científica: no caso actual, as contradições e as dúvidas de virólogos e epidemiólogos não evitaram, por exemplo, que as sugestões médicas se tornassem o principal instrumento de governo da vida pública e dos comportamentos individuais. Algo muito semelhante aconteceu no âmbito jurídico, onde a necessidade de prever os fenómenos fora da norma implicou o uso de normas específicas – "excepcionais" ou "emergenciais" – que suspenderam as garantias previstas na "normalidade", revelando assim também o terreno frágil sobre o qual estas incidem, um terreno em última análise dominado pelo mero poder de decidir. Não é por acaso que o jurista Carl Schmitt falava da "norma excepcional" como correspondente, na *episteme* jurídica, àquilo que, no âmbito teológico, é o milagre.

Este apocalipse cultural revela-se, portanto, como uma crise epistémica onde a presumida neutralidade científica assume o rosto de um poder decisório: no final, "faz-se assim". Foucault observa como o Estado Moderno nasce em contiguidade com a antiga figura teológica e ao mesmo tempo política do "pastor de ovelhas". Tal como o Estado-pastor pretendia cuidar da sua população protegendo-a, assim como o pastor faz com as suas ovelhas, através de um controlo individualizante, os paradigmas científicos ligados à biopolítica – a ciência médica, jurídica, política, etc. – tentam, portanto, fazer o mesmo. Outras formas de racionalidade ou de "governo das vidas", como o neoliberalismo económico, fundado sobre a premissa thatcheriana de que "a sociedade não existe", opuseram-se, evidentemente, aos antigos paradigmas biopolíticos, conseguindo hegemonizá-los e subordiná-los aos novos. O que acontece perante um fenómeno inédito é que todos os paradigmas voltam ao jogo e, como carros sem motorista – não é preciso pensar em *alguém*, num *sujeito que queira* controlar ou decidir – resistem à mutação, e, mesmo que não consigam enfrentar o fenómeno, avançam através dos seus próprios protocolos até entrarem eventualmente em conflito com outros. Cada ciência do governo, e cada paradigma de poder, pretende à sua maneira controlar e proteger o seu "bem", até chegar a uma nova forma de equilíbrio, legitimando-se como o paradigma mais apto ao governo da população e dos indivíduos.

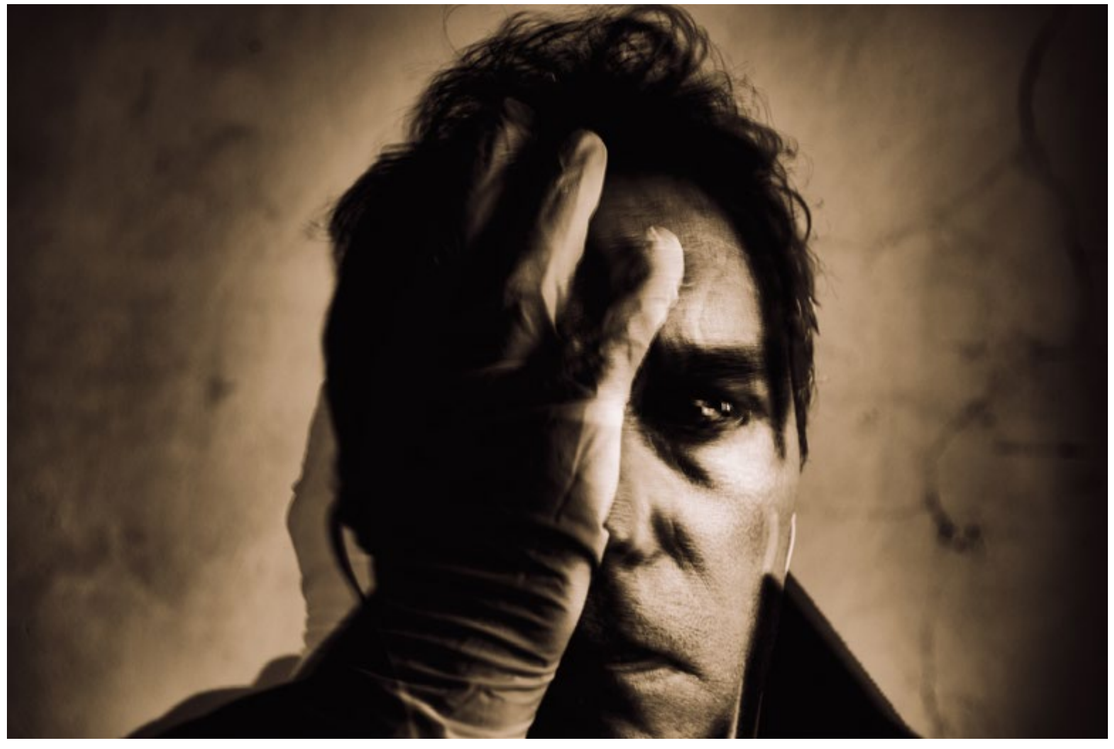
Soberano, portanto, será no final quem detiver o poder decisório sobre as condutas de vida, decidindo sobre as regras da nova normalidade "distanciada". Uma normalidade sanitária que sufoca e nos afasta claramente das experiências globais de liberdade biográfica de pelo menos duas gerações.

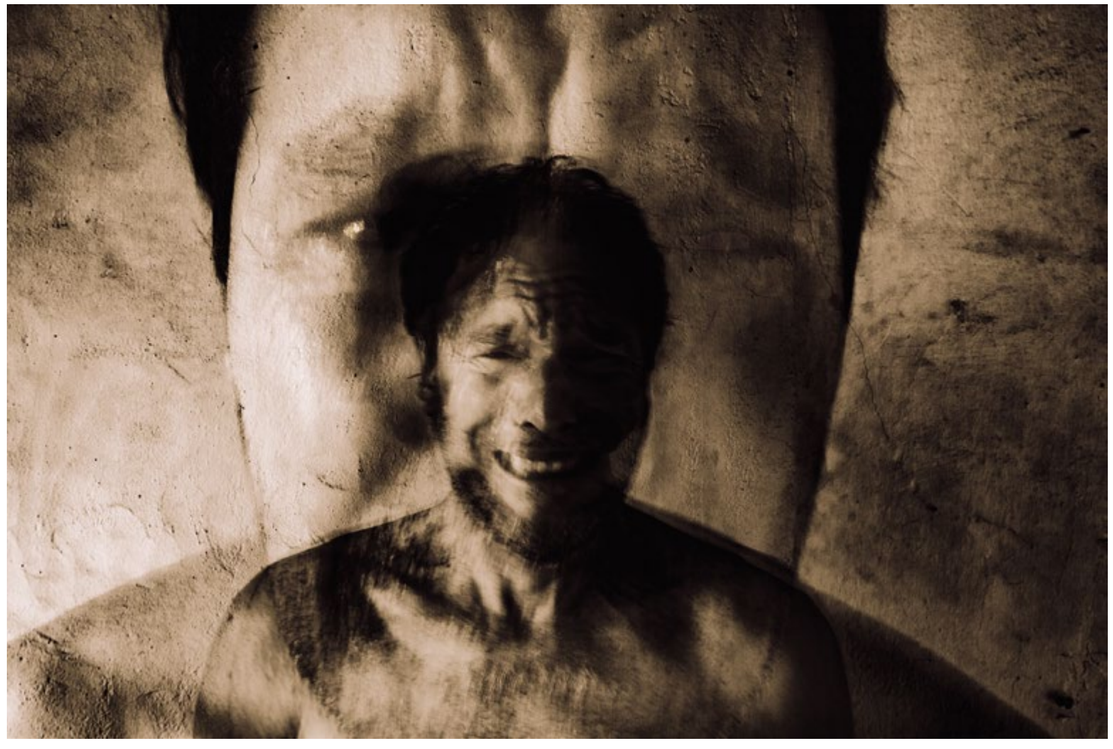
Os conflitos político-institucionais que surgiram em várias partes do mundo – emblemáticos os casos do Brasil e dos EUA – e que foram muito superficialmente reduzidos a conflitos entre "economia", "ciência" e "estado", podem ser interpretados à luz deste conflito de paradigmas, com as suas crenças e as suas submissões "racionais", para o melhor governo possível.

Nesse reposicionamento cabe também a esfera religiosa, com as praças vazias de São Pedro ou de Fátima, imagens apocalípticas que revelam a nova proximidade – contraditória se pensarmos nas práticas religiosas tradicionais – do paradigma católico do paradigma "pastoral" do distanciamento social, definido nesta ocasião pela ciência médica. Sintomática desta aproximação é também a intervenção do antigo Presidente do BCE Mario Draghi, de formação jesuita, que pediu um abandono da ortodoxia económica neoliberal, que defendera ao longo de toda a sua carreira, para evitar uma catástrofe de "dimensões bíblicas". Por outro lado, na desobediência de alguns sectores do catolicismo às regras sanitárias impostas pelo Vaticano, vemos a tentativa de reafirmar a independência do antigo paradigma religioso do governo, assim como observamos, no apoio dado por sectores evangélicos à gestão da pandemia de Bolsonaro ou de Trump, a proximidade destas formas religiosas à "arte de governo" do indivíduo neoliberal, para a qual a sociedade, em última análise, pode bem desaparecer.

Soberano, portanto, será no final quem detiver o poder decisório sobre as condutas de vida, decidindo sobre as regras da nova normalidade "distanciada". Uma normalidade sanitária que sufoca e nos afasta claramente das experiências globais de liberdade biográfica de pelo menos duas gerações. Porém, se, como qualquer apocalipse, também este revela o conflito político – o indecifrável *Pólemos* entre demónios adversos – que sempre correu subterrâneo entre as técnicas de governo das vidas, o que se revela também agora é a infinita possibilidade humana de inventar novas técnicas de vida em torno da nudez que encerra a nossa mera animalidade e os seus medos. Só na condição de esta possibilidade de reinvenção, ela própria apocalíptica, entrar realmente no jogo, será possível imaginar, ou até experienciar, aqueles infinitos outros mundos possíveis nos quais poderemos ser, não o que é suposto, mas o que queremos devir.

Ensaio sobre o isolamento Flávio Andrade





Dias pensantes António de Castro Caeiro

Há dias que são como pensamentos. Ou talvez deva dizer-se que os pensamentos são como os dias. Os pensamentos são como os sentimentos. Não há só pensamentos de natureza teórica, cognitiva e intelectual. O pensamento abre-nos o seu conteúdo como um sentimento nos dá a sentir o que sentimos. Dizemos, no nosso idioma, que um sentimento nasce, cresce. Talvez desapareça ou morra. Quando nos referimos ao sentimento desta maneira, não estamos a falar de uma emoção ou de uma comoção ou de um afecto. Estamos a referir-nos a um poder completamente diferente, por mais importante que seja a vida emocional na nossa existência. Um sentimento que se sente dá-nos a sentir um determinado conteúdo, sobre o qual faz incidir a sua acção. É o sentimento que se faz sentir sobre um determinado conteúdo. Mas o sentimento faz-se sentir como sentimento a cada um de nós. Dizemos por isso que temos sentimentos por alguém. Fundimos o "eu" pessoal com o sentimento que se tem e o conteúdo sentido. A formulação: sentimento tido sobre um conteúdo, sentimento que se tem, sentimento que se faz sentir sobre um conteúdo, sentimento que se faz sentir a alguém sobre um determinado conteúdo parece saturar a realidade e ser redundante, mas aponta para a estrutura intencional e extática do sentir. O ser do sentir é relacional. É do interior do sentimento como sentir que percebemos o elemento activo: sentimento como o que faz e dá a sentir e o elemento passivo: o que é sentido e o elemento reflexo: o que "se" sente. A estrutura não é reflexiva. Todo o sentimento tem esta tripla múltipla acção activa, passiva, reflexiva ou melhor média em que se pode acentuar o sentimento que deveras se tem, o sentimento que alguém faz nascer em nós e, por isso, representa o bem ou o mal, tudo ou nada, ou a acção recíproca do sentimento tido por acção de alguém nas nossas vidas e por acção das nossas vidas sobre alguém. Mas o sentimento pode ser excêntrico, a sua acção centrífuga: faz-se sentir a mim a respeito de alguém ou de algo. O ser do sentir é desdobrado nesta forma complexa de actividade/passividade, não coincidência com o "eu". Mas percebemos que a esfera pessoal é afectada pela acção do sentir do sentimento. Ainda assim, a capacidade de afectação de um sentimento é também complexa. Podemos encontrar-nos sob a sua acção sem nos apercebermos da sua presença. Podemos estar absolutamente cientes da presença de um sentimento. A enorme dificuldade da nossa relação com um sentimento verifica-se com o facto já há muito descoberto de podermos encontrar-nos em negação relativamente a sentimentos, modos e maneiras de ser, características do nosso ser.

Um pensamento é como um sentimento. Pensar é como sentir. Também deveríamos dizer de um pensamento o que dizemos de um sentimento. Um pensamento oferece-se a pensar, oferece-se a mim a pensar nele e, nesse pensamento, há um campo de conteúdos. Também com um pensamento posso confundir-me e achar que sou eu quem o tem a respeito de um determinado conteúdo pensado por mim. Esta fusão interpreta a concentração do pensamento no "eu", o conteúdo como o resultado da acção do pensar. Eu penso um pensamento. Mas o próprio movimento centrípeto que a formulação trai indica o carácter extático do ser do pensar. Sou eu a ter um pensamento a respeito de um conteúdo pensado.

Cada dia das nossas vidas parece ser singular e único. Mas será o mesmo com cada pensamento e com cada sentimento?

Pensar um pensamento é uma deslocação. Mesmo uma deslocação reflexiva. A reflexão não se dobra apenas sobre si própria espacialmente. Regressa ao ponto de partida no tempo. Nunca, contudo, coincidirá nem no espaço nem no tempo com o pensamento pensante. Eu vejo coisas vistas. Quando reflicto no "eu vejo", é porque me identifico ali e não noutro sítio, naquele tempo e não noutro tempo, mas, agora que aqui ainda estou, já não é no mesmo tempo. Posso até nem sequer já lá estar. Quando regresso ao "eu vejo" a partir das coisas "vistas", tenho de inflectir a direcção vectorial. Vejo por exemplo que as lentes dos óculos estão sujas. Deixo de estar em contacto com os carros no parque de estacionamento lá em baixo no Hotel onde há miúdos a jogar à bola e passo a recuar o contacto para as lentes dos óculos a milímetros de distância. Mesmo o movimento centrípeto do pensamento perceptivo implica êxtase, excentricidade relativamente a mim próprio. Perceber, por exemplo, é uma percepção que se constitui e dá a perceber um conteúdo, mas coincide tão pouco comigo que me dá também a mim a ver esse mesmo conteúdo. Com a lembrança passa-se o mesmo. Lembra-me a mim e lembra-me de um conteúdo. Com a esperança passa-se também o mesmo. A esperança que eu tenho vem da esperança e a esperança é dada relativamente a um conteúdo. Eu sou tido em percepção. Não sou eu que tenho a percepção, nem a lembrança, nem a esperança.

Sentimentos e pensamentos têm esta estrutura centrípeta ou centrífuga e excêntrica. Afectam-nos na proximidade ou à distância, estão presentes e são notados ou não são notados, estamos cientes deles ou não. Estão ausentes e ficam vida fora ou, então, estão ausentes e simultaneamente presentes.

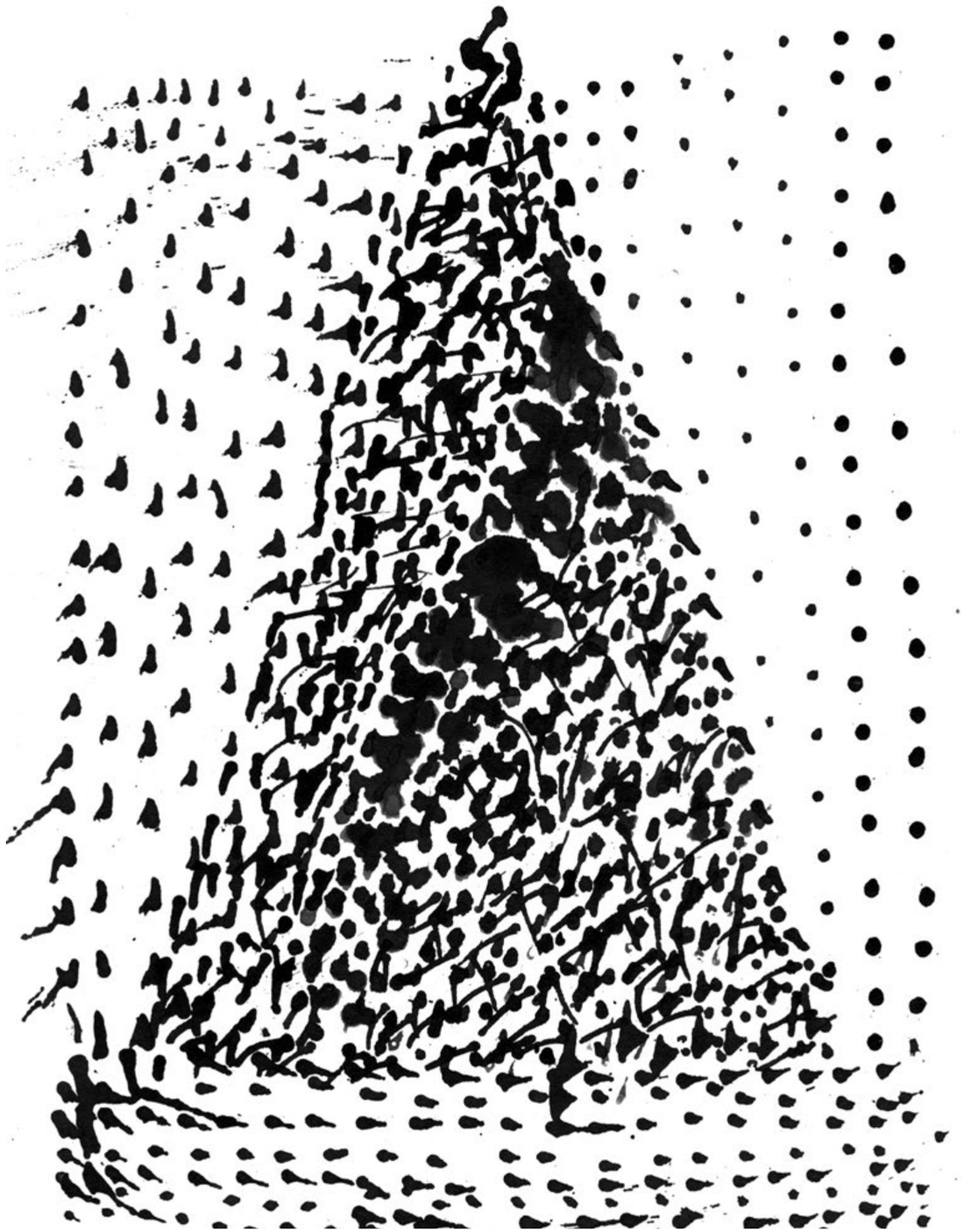
Se podemos admitir uma mesma estrutura para esta interpretação do pensamento e do sentimento no seu ser mais próprio, a que corresponde a sua semelhança com o ser dos dias, com a manifestação dos dias, com o seu aparecer, com o seu devir, o seu decurso?

Matéria-prima Rui Rasquinho

Os dias aparecem como aparecem sentimentos e pensamentos. A temporalidade mais elementar é partilhada em comum por eles. Podemos dizer que nascem, duram, acabam. Uma outra coisa é saber se são singulares e únicos. Cada dia das nossas vidas parece ser singular e único. Mas será o mesmo com cada pensamento e com cada sentimento? Temos nós muitos pensamentos e sentimentos num só dia ou muito poucos ao longo de uma vida inteira? Por outro lado, é inegável que temos vários dias nas nossas vidas, com a sua parte de dia e a outra de noite. Mas os antigos diziam o que ainda dizemos, que a vida é um só dia. Um dia, um pensamento, um sentimento são sujeitos de acções intransitivas: nascem, existem, morrem. Sempre nos referimos a eles com categorias biológicas, botânicas, orgânicas, existenciais. Um dia, um pensamento, um sentimento não são substâncias estáticas. Movem-se, deslocam-se, metamorfoseiam-se, têm qualidades, luz e escuridão, peso e leveza, lentidão e rapidez, fazem sentir a sua presença ou são subtis, fortes ou suaves, para ficar ou para esquecer, positivos ou negativos, etc., etc.

Têm de ser convidados. Fazemos o esforço contínuo para estarmos presentes, para estarmos disponíveis para o que traz. Um pensamento como um dia traz coisas. O humano está exposto a ambos, a dias e a pensamentos, os dias dão que pensar e os pensamentos dirigem, orientam, enchem ou esvaziam os dias. Quando nos ocorre um pensamento, nunca vem só à mente. Chega-nos como o dealbar da aurora. Também o novo dia nasce antes do sol, mas ganha a força da clareza com o nascer do sol. Também um pensamento pode ir-se formando atrás e abaixo da linha do horizonte, lá ao fundo, no plano de fundo da nossa consciência, ou em cima, atrás das estrelas, ou em baixo, nas profundezas do mar. Quando um dia nasce, irradia luz por todo o lado e transforma-nos a nós. Quando um pensamento ocorre, não vem apenas à mente, não nos dá apenas "na cabeça". Um pensamento tem o poder solar de irradiar por todo o lado de forma centrífuga e é óbvio que nós não somos o centro do pensamento nem o seu núcleo. Somos aquecidos e iluminados por um pensamento como somos pela luz do sol. Um pensamento cria, como o sol, atmosferas, esferas numa dimensão tubular que tudo envolve no seu espaço e tempo estruturantes. Um pensamento, quando vem, transforma tal como um dia o nosso meio ambiente por completo, independentemente do sítio em que estamos, e não transforma apenas porque podemos imaginar estar noutro sítio ou noutra localidade ou estar com outra pessoa diferente daquela com quem estamos. A nossa viagem na intoxicação traz muita gente, muitas situações, muitas possibilidades que só se passam na nossa cabeça e ficamos viciados nesse tipo de pensamento que existe no tempo da irrealidade e da possibilidade e da ficção e queremos lá estar porque estar lá é bom e não é apenas uma alternativa à realidade: é a realidade que nós queremos, e não queremos outra, a que temos é aborrecida, não se passa nada nela, não tem agenda e queríamos ter agenda. Na intoxicação, há uma alteração dos estados da consciência, uma revolução contínua, uma viagem, uma transição de um estado para outro, como acontece quando ouvimos música e viajamos pelos sítios em que a ouvimos pela primeira vez e pelos tempos ou épocas em que a ouvimos, mas depois há mudança no nosso corpo, alterações químicas e físicas, fisiológicas. Tudo se passa na alteração mental do que traz consigo uma alteração somática. O pensamento-dia pode ter o poder de uma faixa de *punk rock* ou *trash metal* ou pode ser um *slow*, pode ser uma sinfonia que nunca mais acaba, pode ser uma melodia que dura durante muitos dias, meses, como plano de fundo inaudível, imperceptível, mas está a condicionar os pensamentos que se destacam desse tema de fundo, pensamentos-dias que são frases musicais, que começam e duram para depois se apagarem, serem absorvidas pelo caudal musical do ritmo sinfónico que é de onde provieram. O pensamento-dia é dinâmico e tem sempre uma zona nuclear ou central que pode não ser, não é logo imediatamente identificada, é a personalidade do pensamento-dia ou o carácter, a personagem central. Mas um pensamento-dia não é nunca único. É acompanhado por uma corte, por partidos que o apoiam e por partidos que o contestam, tem inimigos declarados e inimigos que se fazem amigos e que se aproximam de forma sinuosa e sub-reptícia. Um pensamento-dia traz consigo sempre pensamentos-satélite, pensamentos-dias periféricos. Os pensamentos-dias satélite e periféricos não podem ser pensados como existentes apenas em duas dimensões, numa rodela ou numa circunferência que tem o seu perímetro, como se um pensamento-dia estivesse a coincidir com o que eu acho que é o meu centro, a minha cabeça, que é o invólucro do meu cérebro, o suporte material onde se encontra, não se sabe bem como, algo como a minha mente, a alma, portadora do espírito, do sopro vital, onde verdadeiramente se inspira e expira, se respira e suspira. Temos de pensar que existimos no interior de uma bolha, e uma bolha que não é oca nem vazia, sem que saibamos bem dizer qual é o enchimento ou o estofo estrutural que existe no seu interior. E não é bem um interior. Quando vemos uma bolha de sabão, ela é transparente.

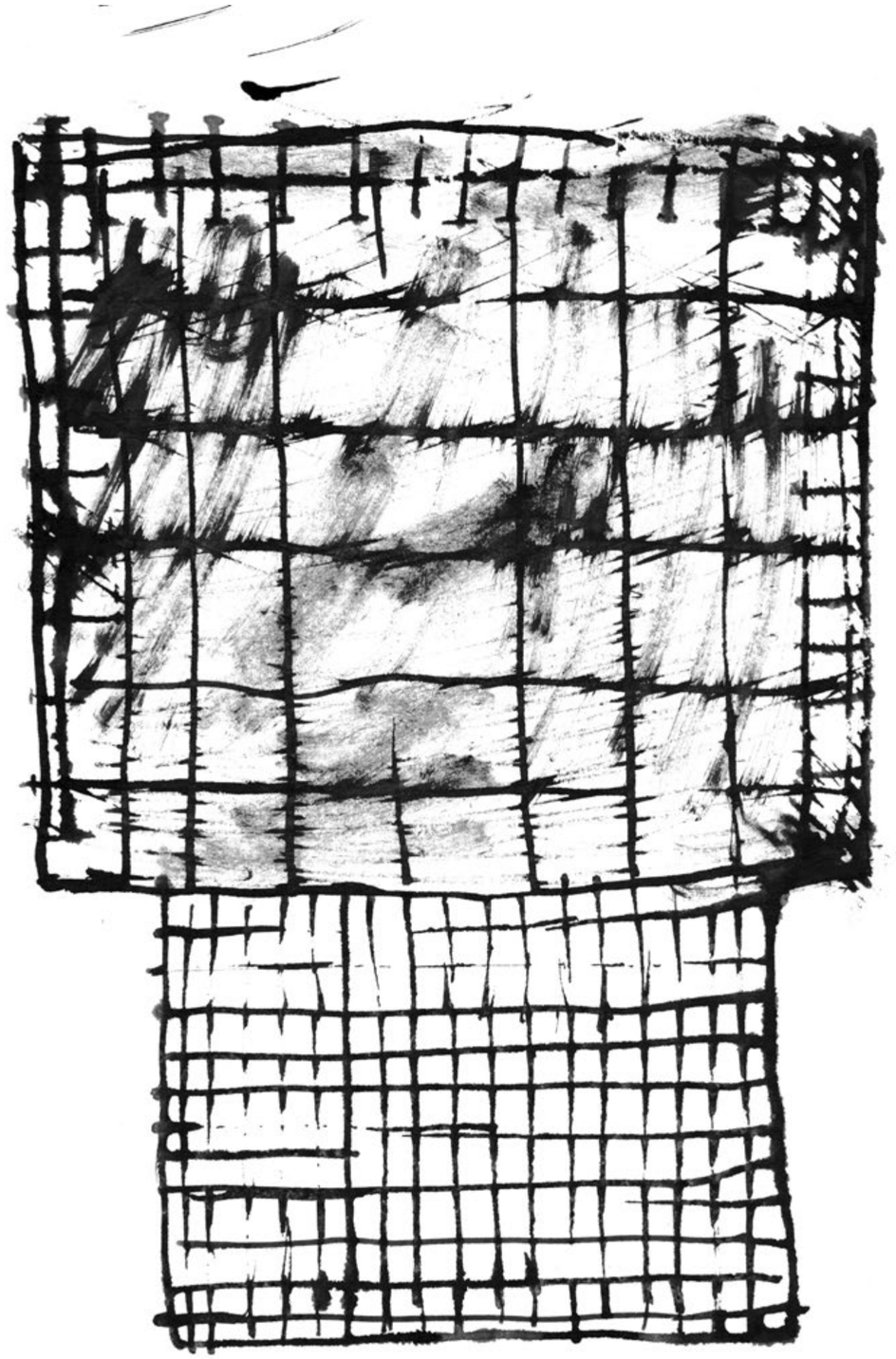
Um pensamento como um dia traz coisas. O humano está exposto a ambos, a dias e a pensamentos, os dias dão que pensar e os pensamentos dirigem, orientam, enchem ou esvaziam os dias.



A transparência é a sua matéria. Não é nada, não é como se não a víssemos. Nós vemos a bolha de sabão porque os entes transparentes não são tão transparentes que não tenham a sua opacidade peculiar: vemos vidros muito limpos, percebemos a existência de lentes de óculos ou de contacto (sabemos o que é ver focado e desfocado), assim também há plásticos, água, atmosferas, bolhas de água e de ar, de sabão ou do que quer que seja que têm a sua opacidade ligada à sua transparência. Mas, quando vemos bolhas, vemos de fora e vemos as suas fronteiras. A bolha no interior da qual nós vivemos não admite fronteiras. Vemos a abóbada celeste no mês de Agosto, com o céu estrelado. Vemos, no cimo de uma montanha, todos os cumes de montanhas das cordilheiras e dos vales que formam com o céu azul um único plano de fundo. Vemos no fundo do mar o azul escuro e negro de onde se destacam os peixes e rochas e barcos afundados e os outros mergulhadores. Há limites abobadados e há planos que delimitam o subterrâneo e a superfície, o que existe no alto e é visível na abóbada celeste e o que existe para lá dessa película abobadada, mas sabemos que existem planos para lá da crosta da terra, que há espaço para lá da abóbada celeste, que a linha do horizonte se desfaz e refaz, que o interior se abre e deixa ver nos seus contornos. Estamos sempre no interior de uma bolha. Digamos que a sua matéria é elástica, é temporal e é fantástica, admite a realidade contra a qual nada podemos e admite a fantasia que trabalha a realidade para perceber que nada podemos contra ela, não já no momento em que a queremos transformar, mas, talvez se dermos tempo ao tempo, consigamos que ela se transforme. E depois temos a fantasia para criar mundos possíveis. Podemos levantar voo nesses mundos possíveis e é o que fazemos com a ficção, a imaginação, a fantasia, mas também com a lembrança, a previsão, a antecipação, a expectativa, como namoramos promessas e ficamos cheios de medo com ameaças. Todos estes portais são aberturas do pensamento. A própria realidade é um campo aberto por um portal, por uma porta de percepção que é achatada, que só quer ver o que pode ver e às vezes vê mais, muito mais do que pode ver, mas quer ficar cega para realidades que acha que não pode ou não consegue ver. Aqui a diferença entre ver e não ver não é a altura a que se formam perspectivas. Uma janela de um andar mais baixo que outro não dá a ver a mesma paisagem, por exemplo, a foz do Tejo. Ver e não ver dependem do tempo presente. A percepção só vê o que está dado a ver num tempo presente e fecha os olhos para o que estava dado a ver num tempo passado, mesmo passado há muito pouco tempo. Fecha também os olhos para o que estará dado a ver daqui a muito pouco tempo, fecha os olhos para o que está aí a rebentar a qualquer momento no futuro. A percepção está claustrofobicamente fechada entre o passado há pouco que já não percebe e o futuro daqui a nada que ainda não pode perceber. O passado há pouco e o futuro daqui a nada são passado e futuro respectivamente. O acesso ao passado e o acesso ao futuro nunca poderiam ser dados pela percepção. A percepção resulta da coincidência entre o presente e a presença da percepção. O passado é ressuscitado pela memória. O futuro é antevisto pela expectativa ou pela previsão.

Somos revestidos de muitos pensamentos de manhã à noite. Achamos que os temos, por causa da tradição cartesiana. Mas este "achar" que os temos é também um pensamento que ocorreu. Não é verdadeiramente um pensamento tido, é um pensamento solto. Não se pode verdadeiramente dizer que temos um pensamento. Não se pode reter um pensamento. Quando vem até nós, um pensamento vem na forma de uma ideia. Dizemos erradamente que tivemos uma ideia. Porque a ideia é uma manifestação, uma forma de revelação, é qualquer coisa como um acontecimento que nos ocorre, vem ao nosso encontro, contra nós muitas vezes, não queremos acreditar no que nos é dado a ver ou aceitamos finalmente o que nos é dado a ver. Um pensamento chega até nós assim de forma estrondosa ou levemente e manifesta-se, convida-nos a pensar nele, solicita a nossa atenção para ele, mobiliza-nos primeiro como se não fosse uma coisa importante, depois como se fosse decisivo, a prender toda a nossa atenção. Um pensamento ocupa o tempo e o espaço da nossa vida, como o tempo e o espaço da nossa vida é ocupado quando ouvimos música. Tudo muda por causa de uma sensação óptica. A sensação óptica altera a nossa percepção do tempo, faz-nos engrandecer ou deixa-nos tristes, eleva-nos ou deprime-nos, faz-nos correr, saltar, dançar ou sentar, deitar, estar quietos e descontrair até quase adormecer, altera claramente o ritmo cardíaco, a respiração, os músculos que se contraem e descontraem, a nossa fisiologia, a nossa anatomia. Altera os conteúdos tácteis, o modo como sentimos o nosso corpo, mas também altera os conteúdos visuais, o que é difícil de explicar, porque o que é que um som tem que ver com uma cor ou uma forma ou uma imagem? Há cores, formas, imagens, configurações, conformações musicais, como ritmos, posições, alturas, volumes, podemos traçar correspondências, mas é irrelevante. Relevante é a transformação imediata que se sente quando se ouve música. Quando se tem um pensamento, sente-se exactamente a mesma eficácia resultante de uma presença actuante. Há entusiasmo ou horror, há a abertura para outros pensamentos que se tem na fluidez

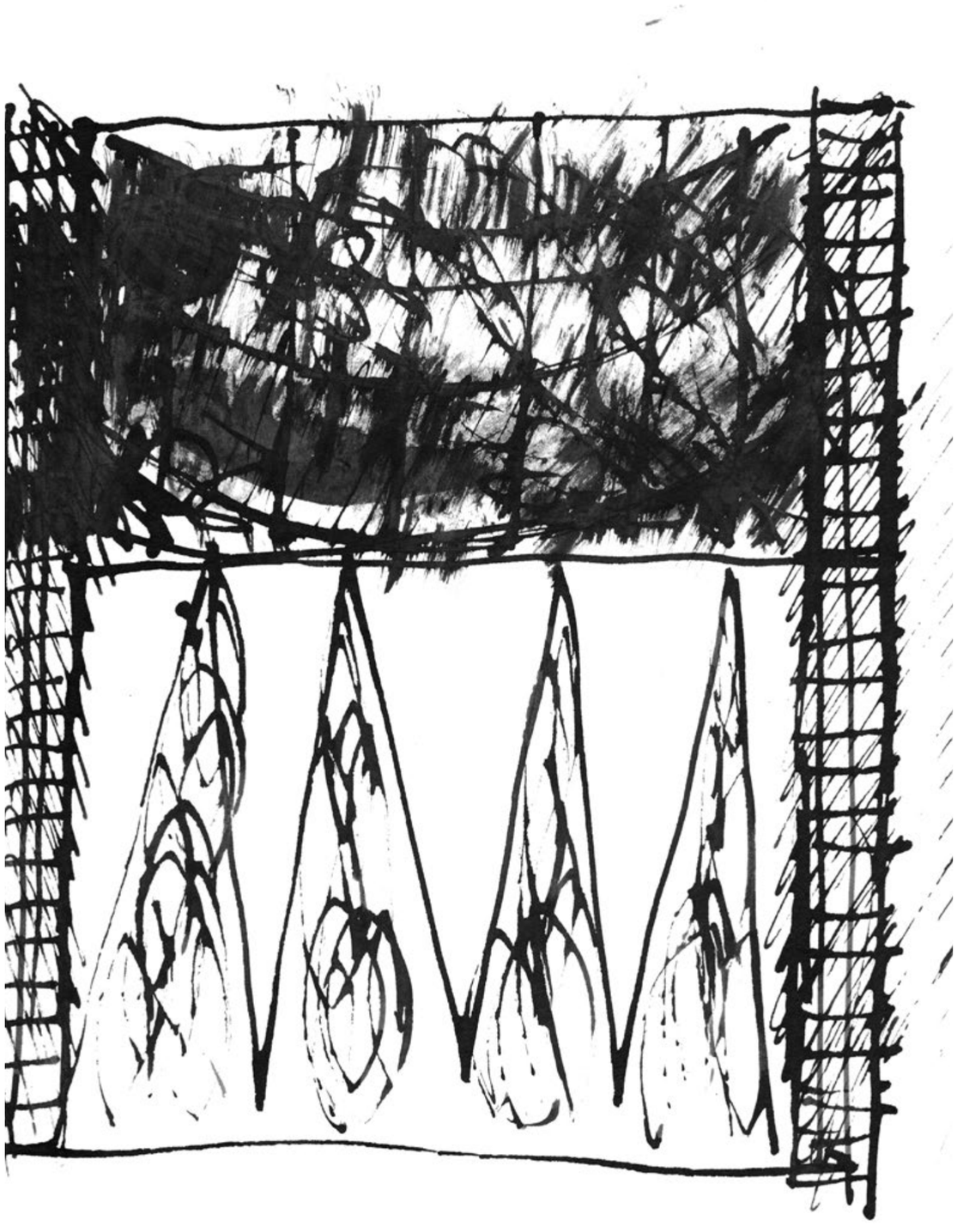
Todo o nosso corpo fica em suspenso desse pensamento, todo o sítio em que estamos fica contaminado na sua atmosfera por esse pensamento.

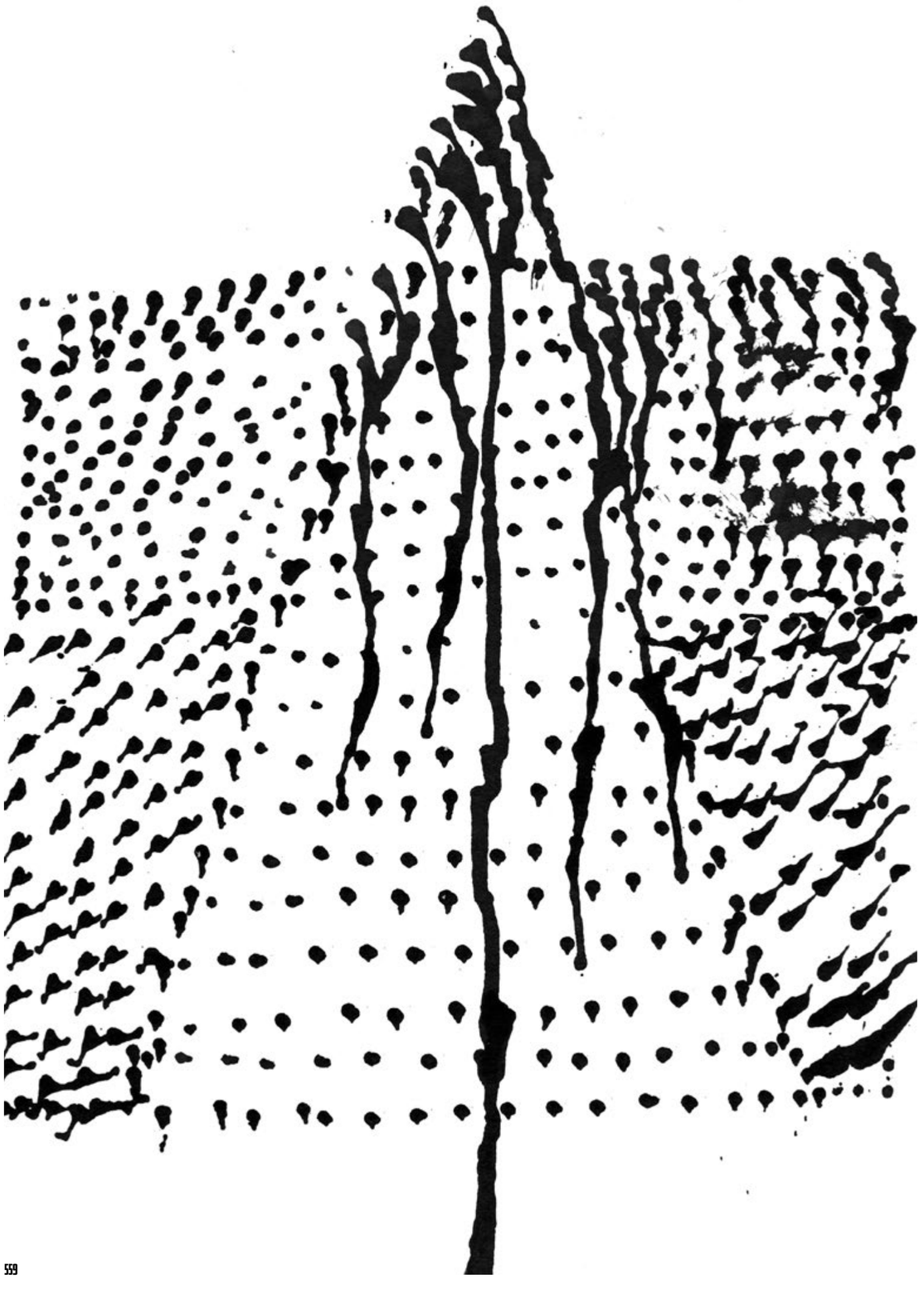


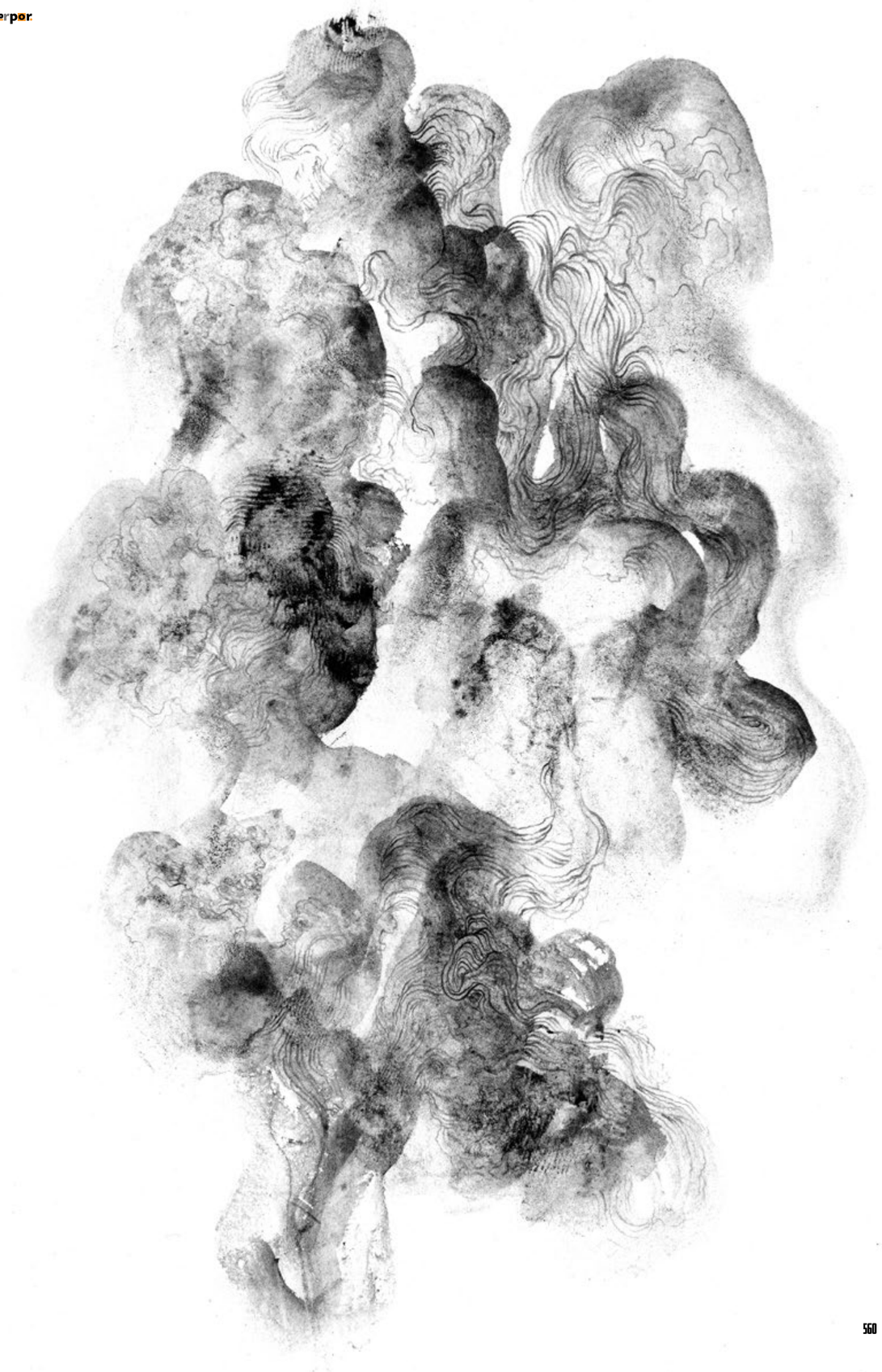
que resulta desse primeiro pensamento ou então fica-se parado a tentar perceber exactamente de que trata o pensamento que se teve. Todo o nosso corpo fica em suspenso desse pensamento, todo o sítio em que estamos fica contaminado na sua atmosfera por esse pensamento. Não há dentro da minha cabeça nem fora dela. Não há aqui neste espaço privado do meu quarto e o espaço da rua, do bairro, da cidade, do país, do continente, do globo, da galáxia. Um pensamento é atmosférico, abre-se e fecha-se, tem-se e não se tem, vem e vai, chega e parte como um organismo vivo que nos usa simbioticamente ou como o parasita que necessita do ser humano para existir. Um pensamento não existe por si no ar. Só existe onde há seres humanos. Só é transmissível entre seres humanos. Não se sabe de onde vem, qual a dimensão do ser em que nasce, se é divina. Musical é de certeza porque nos faz vibrar, mas para ganhar corpo, para ganhar forma, só é possível no ser humano. E não é obviamente apenas intelectual. Muda o corpo, muda a relação entre o corpo e o seu espaço, o seu ambiente, o seu meio, o seu meio ambiente e os outros com quem está. Um pensamento vem de onde? Um pensamento vai para onde? Um pensamento pode pairar sobre as nossas vidas durante muitos meses, décadas até. Mas pode também partir, sem deixar rasto, nem nos lembramos dele ou, se nos lembrarmos dele, não o conseguimos formular. Um pensamento não se fixa. É sempre no ir, como a frase musical que está continuamente a retinir nos nossos ouvidos e a percutir por todo o nosso corpo, mente, alma, espírito, ambiente. Temos de a montar como a garoupa de um cavalo ou a cápsula de um submarino que desce até às profundezas do mar. Mas um pensamento pode influenciar a nossa vida, pode ser tanto a nossa epiderme e o nosso interior, pode constituir tanto a nossa agenda, que não nos apercebemos que todo o nosso ser, o nosso a fazer, o nosso estar, depende das determinações desse pensamento que uma vez veio e compreendemos, e compreender esse pensamento trouxe consigo a nossa dedicação a ele, a nossa devoção a ele, a nossa ligação indissociável a ele. Somos tão indissociáveis de pensamentos que sem eles não nos reconheceríamos, ficaríamos perdidos na acepção mais própria da palavra, sem saber de que terra seríamos. Mas também é facto que há pensamentos que desaparecem como pessoas. As pessoas são uma bateria de pensamentos, de sensações, de emoções, de representações, de ideias, de livros que leram, músicas que ouviram, histórias que partilharam. Uma pessoa é para nós pensamento vivo, nuclear, pessoal, central e todo um conjunto de pensamentos-satélite, periféricos, com zonas sombrias, obscuras, e zonas transparentes, claras e conhecidas. Tal como acontece com as pessoas, também os pensamentos desaparecem para parte incerta. Fica em nós a casca do seu ser como a pele das cobras. Mas muitas vezes nem isso. Não se tem sequer a noção de que se tiveram esses pensamentos.

As pessoas são uma bateria de pensamentos, de sensações, de emoções, de representações, de ideias, de livros que leram, músicas que ouviram, histórias que partilharam.

Os dias são pensamentos.







Meia vida, meio triste

João Romão

À s vezes há disto: cai um gelo espesso e irreparável sobre um entusiasmo até então crescente, o optimismo torna-se mais baço, o futuro mais espesso, o quotidiano mais incerto e sobretudo mais triste. São assim os dias agora em terras nipónicas, com o ritmo ainda marcado pelos caprichos do portentoso vírus que mantém a humanidade refém da sua própria segurança mais fundamental, a da integridade do corpo, da preservação da elementar saúde física. Depois se tratará, mal ou bem, da sanidade mental.

No Japão os dias já foram de optimismo, o país foi cedo afectado pela presença do indesejável intruso, mas também foi aparentemente rápida a reacção, a disciplinada mobilização colectiva em defesa da saúde pública, o esforço dedicado de protecção de cada um e de todos os outros, como é costume, aliás, em terras de delicada atenção a todos os riscos possíveis e à integridade do corpo e do espírito.

Não foram convocadas desnecessárias formas de coacção e intimidação e ninguém foi detido por vir à rua: uma certa reorganização nas formas de trabalhar, eliminação de saídas desnecessárias, redução ao mínimo da mobilidade, evitar a proximidade e o contacto ainda mais do que é habitual nestas paragens, isolamento absoluto de quem estivesse infectado e de quem os tivesse contactado, foram medidas suficientes para que parecessem amplamente controladas as estatísticas da propagação e do contagio.

Só que não: estamos perante um formidável adversário, que, mesmo quando parece reduzido a uma quase insignificância e a uma extinção quase certa, reaparece, afinal, retoma inesperado fulgor ofensivo, instala de novo o medo e as decorrentes precauções, que até há pouco tomávamos como excessivas e hoje nos parecem inevitáveis.

Quiseram as coincidências da cronologia que mudasse de trabalho e de cidade numa certa fase de acalmia pandémica, por assim dizer. Instalei-me numa região com quase 3 milhões de habitantes e que chegou a finais de março com três casos contabilizados, três (entretanto recuperados, já agora). Mas ao dia em que escrevo são quase 150, não parece muito quando se compara com outras realidades mais dramáticas no planeta, mas ainda assim foi o suficiente para reinstalar os alarmes e as cautelas, que pode vir aí crescimento exponencial como testemunhado com terror noutras paragens.

Estamos perante um formidável adversário, que, mesmo quando parece reduzido a uma quase insignificância e a uma extinção quase certa, reaparece, afinal, retoma inesperado fulgor ofensivo, instala de novo o medo (...)

Na realidade, este recomeço do processo de propagação aconteceu em quase todo o país e trouxe à discussão pública a ausência de uma estratégia sistemática de massificação de testes, que terá evitado que se conhecesse melhor a realidade oculta da propagação viral. Veio então o estado de emergência a todo o país, pela primeira vez desde que apareceram os primeiros casos, mas ainda assim sem confinamentos obrigatórios nem significativas paragens laborais. Veremos no que dá.

Mudaram, no entanto, os métodos e as formas de trabalhar. No magnífico campus onde trabalho, a modernidade e a eficiência arquitectónicas graciosamente enquadradas nas paisagens natural e urbana da periferia de Hiroshima evidenciam o vazio: não há estudantes, grande parte dos serviços estão fechados e as presenças reduzem-se a professores e funcionários administrativos.

O entusiasmo que trazíamos pelos novos encontros com estudantes – e que para mim seria o primeiro e por isso mais especial – foi sendo substituído pela percepção do isolamento, numa primeira fase, e pelo isolamento efectivo, depois, quando se confirmou, após dois adiamentos do início do ano lectivo, que afinal íamos dar aulas à distância. Toda uma nova aprendizagem de técnicas e processos, frios e digitais, com os quais teremos que aprender a criar algum calor, com relações intensas e produtivas com quem nos segue do outro lado.

Vive-se a meias, sem fazer nem deixar de fazer, cumprindo com esforço máximo o mínimo dos objectivos, que as circunstâncias não permitem mais do que voos muito rasos. Reaprende-se o trabalho e o convívio sob novas formas, condições e restrições. Vive-se com receio de sair de casa e de encontrar o inimigo insuspeito e invisível, que as máscaras não nos tornam imunes nem invencíveis. Vive-se a tristeza dos espaços esvaziados pela insegurança e pelo medo. Os transportes quase vazios, felizmente. Os restaurantes onde não vamos, também vazios. As ruas quase vazias, de pessoas e veículos. O receio, as cautelas, a desconfiança em cada olhar, visível no que sobra do rosto mascarado. Vive-se a meias, com pouco sentido, à espera. Vive-se triste. Vive-se o medo de não se viver. Não se vive, afinal.

Bombas que não explodem Simão Palmeirim

Estes artefactos de interminável rastilho ilustram uma das expressões mais recorrentes do período de confinamento: “por tempo indeterminado”. Grande parte da nossa normalidade foi subitamente alterada, de múltiplas formas, por tempo indeterminado. Se lembrarmos Santo Agostinho na visão do tempo como “distensão da alma”, o impacto dessa indeterminação é também um impacto directo nas nossas expectativas permanentes de controlar, definir e delimitar, não só o nosso tempo, ou espaço, como acima de tudo aquilo que nos anima interiormente.
A indeterminação deste tempo não é só a incógnita sobre a duração do confinamento, é o estreitar da fronteira entre expectativa e ansiedade. É mais uma compressão da alma que o contrário.
Acender o rastilho de uma destas bombas pode ser a decisão de sair, abraçar, beijar. Pode ser também a tomada de consciência da espera.
Esperamos pela normalidade? Que normalidade? A que estava repleta de rastilhos já acesos?

No acrepantúsculo, viscentes Govancos
geniam, pois, germaiados em gatenhos;
mengoados se sentiam os Licolimancos
e os Gazugapetos ribavam turgimenhos.

“Meu filho, cautela-te da Jibusanoca!
A fauce favola, a garra garrucha!
Evita essa avis, a Papapária, e a toca
da furibumante Bandorrezucha!”

Arrancoandindo o seu gume vergelho,
longimuito buscou a humagem homicidial.
Então, repousou ele sob um Faceirelho,
esvaecedendo-se em brevíssima reverial.

Desabrumado, os cuidados reunira —
eis a Jibusanoca, olhos de fagulha,
maninfestada e bazoflando pela cira,
chegregando com grã burlarabulha.

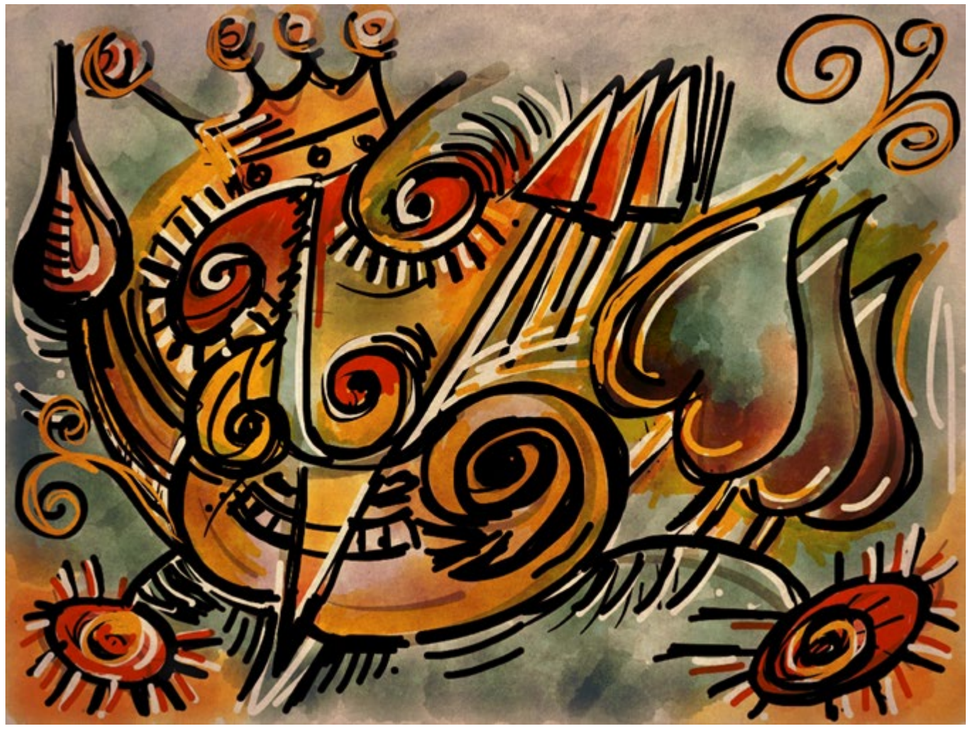
Um, dois! Um, dois! Desce e sobe!
O gume vergelho foi de Job-a-Job!
Degola a defunta — que ela mereça.
E galofantou, levando-lhe a cabeça.

“Achacinaste tu a Jibusanoca?
Abraça-me, centelhante filhote!
Oh, dia sublimóico! Olarilaroca!
Que rica jóia para meu huchote.”

No acrepantúsculo, viscentes Govancos
geniam, pois, germaiados em gatenhos;
mengoados se sentiam os Licolimancos
e os Gazugapetos ribavam turgimenhos.

A Jibusanoca Lewis Carroll traduzido por David Soares

Alice Alex Cortez



O dedo na ferida Vasco Rosa

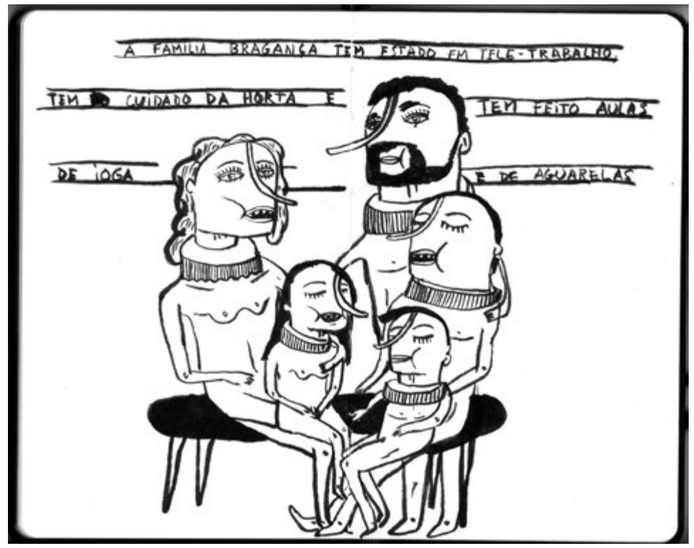
Dos pequenos aos grandes, e de alto a baixo: os efeitos da pandemia vão ser – já estão a ser – devastadores para editores, livreiros e impressores, como de resto para um grande número de outras actividades com relevância na vida quotidiana e social. Bastou uma trimestral suspensão de tudo e o lento e cauteloso recomeçar que se adivinha para que um *rès de marée* deixasse a descoberto fragilidades acumuladas e a precaridade duma indústria cultural instalada sobre falsos pilares. A incompetência das políticas públicas de incentivo à leitura também ficou à vista, pois a produção livreira não tem – como deveria claramente – suporte regular na compra de livros para bibliotecas municipais e escolares, cujos orçamentos para aquisições são reduzidíssimos ou nulos, da mesma maneira que o comércio electrónico directo entre editor e leitor não ganhou ainda – e talvez não ganhe tão cedo – capacidade de contrabalançar a ausência de uma rede de livrarias que chegue às cidades médias ou pequenas e aos lugares periféricos e ultraperiféricos, o aviltante sistema de consignações, a prestação de contas tardia ou até os calotes, mas também – sem dúvida – a manifesta dissolução das páginas de crítica na imprensa que mostrem o que se publica no país, em espectro alargado de interesses, personalidades e liberdades editoriais.

Este mais apertado e cruel fecho de tenaz não é, pois, súbito cataclismo mas o efeito abrupto de uma precaridade persistente e acomodatícia que foi sendo mascarada por todos, e por cada um à sua maneira, e que o confinamento pandémico derrubou com um sopro.

Para que um mal venha por bem, é preciso um fôlego de lúcida reinvenção que ataque os entorses estruturais acima referidos sumariamente. Na minha opinião, sem isso nada feito. Passa sobremaneira pela *aproximação dos leitores a bibliotecas rapidamente tornadas robustas e actualizadas* que sejam elas próprias garantia de tiragens de livros bem sucedidas, pois a crise económica e social que resulta da pandemia de covid-19 vai maltratar por bastante tempo a economia das famílias e de indivíduos para quem a aquisição de livros não é tida como de primeira necessidade e por milagre não passará a ser a partir de amanhã. *Experiências de assinatura prévia* que dão viabilidade a projectos editoriais consistentes e originais, seja para descoberta de clássicos esquecidos seja para curiosidade de nichos específicos, também me parecem uma boa forma de aproximação directa entre quem edita e quem lê, e ainda que em escala reduzida podem abrir escapatória para impasses que a crise determinou. *Cooperação institucional alargada* para enfeixar meios necessários a publicações de mérito pode ser recurso para que domínios científicos ou artísticos em expansão não sejam travados ou eclipsados. (Eventualmente também, nova tentativa para que a leitura em suporte electrónico, de preço reduzido e *eco-friendly* se torne um hábito comum, mas isso nunca terá efeitos imediatos de resposta a uma crise.)

Que o imperativo de sobrevivência aguce em cada editor a originalidade da sua presença literária e gráfica, e o exame rigoroso da «economia do livro». Vendas directas podem criar empatias reforçadas, permitindo também que margens comerciais sejam convertidas em benefício para autores e produtores editoriais, depauperados como poucos. A luta continua!

Amorfos queridos Pedro Pousada



Bruno Nogueira, o pornógrafo

Vasco Macedo

A uma primeira instância, parece existir na pornografia uma procura do despir da realidade de uma narrativa ou de interposto terceiro. A pornografia teria uma relação directa com a empiria ou seria a última tentativa naturalista de nos mostrar a realidade das relações sexuais tal como elas são ou tal como deveriam ser. Por mais que os seus enredos possam dar a impressão contrária – se alguém neste mundo não as passar à frente em sôfrego *fast forwarding* –, eles são acessórios e vêem a sua funcionalidade como um mero degrau de apoio ao momento do coito. É nesse momento em que a sua especificidade enquanto género é concretizada, por ser nesse momento em que haveria uma recusa dos mandamentos estéticos e morais dos géneros que, entre outras coisas, não têm medo de se apresentar como puramente ficcionais.

Não deixa de ser obscena e pornográfica a busca do real pela via dos directos, das *stories*, das *house parties* e de outros animais que tais. Há, nas salvíficas funcionalidades recentemente disseminadas por aplicações de redes 'sociais', a incorporação de um ideal democrático e de uma ideia de hiper-realismo. O ideal democrático concretizar-se-ia pela plena participação dos cidadãos da comunidade em iguais circunstâncias, de onde surgiriam, por exemplo, as diferentes histórias de *self-made man*. Por seu lado, o hiper-realismo é a ilusão de que o real se libertou da mediatização humana e que encontrou um meio para se expressar livre e totalmente, no sentido em que não está nem refém de um interposto de terceiro nem se expressa parcelarmente.

O hiper-realismo tornaria desnecessárias tanto a representação como a criação de um discurso. Ao contrário do discurso mediado dos *media*, que influenciariam a representação da realidade com a sua própria interferência, os directos, as histórias e funcionalidades análogas conseguiriam suplantá-la. Estimulando um fetichismo voyeurista, estas diferentes aplicações dão-nos a ideia de que conseguem representar o 'real total': a realidade sem cortes, sem edição, sem enquadramento ou sequência previamente pensados, sem narrativização ou endoutrinação ideológica.

Ora, como qualquer feminista de algibeira – se não tiverem uma, podem sempre recorrer a qualquer pessoa de bom senso – vos poderá assinalar, não há produto mais ideológico ou ficcional do que a pornografia e não é de todo um acesso directo ao real em estado bruto. Primeiro, porque é um registo efectuado de actores, a palavra actores deve ser sublinhada pela óbvia performatividade a que sujeitam, performatividade essa que é análoga à que as 'celebridades' se obrigam a fazer quando estão 'em directo' para as suas audiências. Segundo, não deixa de ser um palco, é uma expressão de um determinado foco com todas as implicações estéticas, políticas e éticas que isso pode ter.

É neste sentido que este movimento dos 'directos' é essencialmente pornográfico, não pela exposição nua e crua do real, mas pela substituição do real por uma narrativa completamente ficcional e idealizada com a pretensão de ser o seu contrário. Se pensarmos, por exemplo, noutro fenómeno contemporâneo, como as *fake news*, entendemos que a sua deflagração depende da forma como conseguem seduzir os seus leitores com um magnetismo que vem desta busca da realidade não mediada, partindo da ideia de que os meios de comunicação convencionais escondem uma realidade pela via da mediatização que interpõem.

A influência que estas funcionalidades demonstraram na construção da consciência colectiva do que se passou durante a quarentena não deixou de ter os seus problemas. Espelhando uma evidente questão de classe, são aqueles que têm a sua casa e sobrevivência asseguradas que assumem o papel de interlocutores e que criam a ideia de uma determinada comunidade que partilha um sensível comum, ao contrário dos trabalhadores que são obrigados a sair de suas casas para desempenhar os serviços chamados essenciais e daqueles que não têm casa ou cujas casas ofendem os ditames básicos das regras da convivência social.

Desta forma, as redes julgam-se oceano, mas são apenas instrumentos de pesca de peixes gordos. Criam um circuito que se auto-alimenta da sua própria visibilidade e que, em vez de dar visibilidade ao 'real', ajudam a que ele imerja numa representação com bastantes fragilidades. Neste circuito, a visibilidade de uns gera a visibilidade de outros, tanto pelo apadrinhamento, como pela reprodução. A reprodução dá-se quando o jovem efebo aceita ser o clone do seu mestre para adquirir o estatuto (tipo *instacelebrity*) ou quando morde com veemência os tomates do mestre sabendo que isso lhe dá acesso ao palco e que, com os anos, se pode *aburguesar*, acabando por privar do mesmo meio (tipo nogueiriano).

Honra seja feita aos méritos passados (que não foram poucos), os directos do *Instagram* de *corpodormente* feitos por Bruno Nogueira tiveram uma lógica endogâmica estranha. Um *enfant terrible* que entra nos meandros do jogo da visibilidade dando palco aos que no passado tanto fez por criticar e satirizar, o que tragicamente acontece a tantos projectos que se apresentaram como vagamente usurpadores e zelotas, mas que acabaram por ser a concretização e afirmação absoluta do poder que pretenderam subverter.

Quando o Bruno liga à Mena para falar com os 'migos' Nuno Lopes e Tiago Rodrigues, e 'lóle', a brincar faz a gracinha de propor um espectáculo ao amigo que é programador do Dona Maria II, há, como dizer, um pequeno mal-estar proveniente do pudor que sentimos ao observar *in loco* uma cena íntima da qual não participamos. Nesse mesmo momento, usam a paródia (a gracinha, o momento 'wtf tou ma cagar') através do meio que seria responsável para nos dar a conhecer o 'real total' (a globalidade da realidade não mediada). Contudo, não conseguimos deixar de sentir que é a graça (enquanto narrativa dúplice que projecta para um outro horizonte para lá da sua literalidade) e não o conteúdo audiovisual proveniente do directo que representa o 'real total'. Usam um médium hiper-realista que parece providenciar o 'real total' para fazer uma paródia, mas, em boa verdade, na terra dos compadrios, a paródia é que é o 'real total' ou, pior dizendo, obscenamente hiper-real.

P.S.: A hiper-realidade não existe, mas o compadrio sim.

A tradição da traição da tradução

Francisco Miguel Valada

GÉRONTE : Que diable allait-il faire dans cette galère ?
SCAPIN : Il ne songeait pas à ce qui est arrivé.
Molière, *Les Fourberies de Scapin*

Os anglófonos têm uma expressão muito infeliz para definir quem dedica o tempo livre a criticar, de forma por vezes extremamente violenta, o desempenho linguístico dos outros. A expressão é *grammar nazi*. Não gosto desta denominação, pois trata-se do triunfo da *reductio ad Hitlerum*: é o nazismo a emoldurar literalmente o intuito expresso de desfazer na praça pública, com um único ataque pessoal ("és um nazi!") e sem argumentos minimamente válidos, indivíduos que até poderão ser excelentes pessoas. Entre os *grammar nazis*, haverá provavelmente gente simpática, trabalhadora, amiga dos seus amigos, pagadora dos seus impostos e, se calhar, satisfeita por ter o seu cravo cravado na lapela no 25 de Abril. No limite, tratar-se-á inclusive de gente amiga dos amigos dos seus amigos e, para compor o ramalhete, até será gente que terá um gatinho em casa ou mesmo dois. Em suma, o termo *nazi* é injusto e ofensivo.

A maioria das críticas públicas nas redes sociais ao desempenho linguístico de outrem é feita por pessoas para quem uma gramática é tão-somente um conjunto de regras prescritivas interiorizadas. Essas regras interiorizadas e receitadas de forma geral para uma correcta utilização da língua por todos os falantes, por vezes, estão deformadas. A gramática utilizada pelos *grammar nazis* não foi escrita por ninguém. Para avaliarem o desempenho de outrem, utilizam a gramática interna que todos temos, alimentada pelo conhecimento da língua de que cada um de nós dispõe: às vezes os *grammar nazis* acertam, mas também se enganam com demasiada frequência, tal é a urgência da detecção e divulgação do erro. Todos nós teremos passado por esta fase, talvez com uma infecção ligeira, muitas vezes assintomática. Todavia, alguns que se julgam curados da obsessão, por vezes, têm recaídas.

A maioria das críticas públicas nas redes sociais ao desempenho linguístico de outrem é feita por pessoas para quem uma gramática é tão-somente um conjunto de regras prescritivas interiorizadas. Essas regras interiorizadas e receitadas de forma geral para uma correcta utilização da língua por todos os falantes, por vezes, estão deformadas.

Os especialistas – linguistas, filólogos – dividem geralmente as gramáticas em dois tipos: prescritivo e descritivo. As gramáticas prescritivas têm as tais regras para a utilização correcta da língua e vão buscar exemplos aos melhores escritores. Se um falante de português folhear, neste preciso momento, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra, poderá confirmar a autenticidade desta minha definição. As gramáticas descritivas, por seu turno, fazem análises linguísticas daquilo que falantes não-escritores dizem e escreventes não-escritores escrevem. No entanto, mesmo as gramáticas descritivas, menos rígidas do que as prescritivas, têm integrada a noção de agramaticalidade, habitualmente indicada por um asterisco antes da forma incorrecta. Por exemplo, um *portuguesamente* em vez de *portuguesmente* será indicado assim: **portuguesamente*.

Em geral, o *grammar nazi* (doravante, *denunciante*), não sendo um especialista, é extremamente importante. O passatempo do denunciante, embora amiúde irritante para muitos leigos, é meritório para os linguistas em particular, para a Linguística em geral e para a sociedade no seu todo. Com a denúncia, com a crítica acintosa e com o dedo em riste apontado ao erro do outro, o denunciante faz um louvável trabalho de campo e presta um excelente serviço público.

O linguista deve abstrair-se da cólera do denunciante e do seu público. Cabe ao linguista, no fim de contas, separar o trigo do joio e seleccionar as denúncias relevantes para o seu próprio trabalho e, em última análise, para todos nós. Por fim, o linguista poderá eventualmente escandalizar meio mundo, explicando que determinados erros são linguisticamente justificados ou, muito melhor, justificáveis, como **tivermos* em vez de *estivermos* ou **destribuídas* em vez de *distribuídas*. As outras denúncias, se interessantes e importantes, serão aproveitadas por outros linguistas. Contudo, se momentânea ou permanentemente irrelevantes, as denúncias ficarão a amadurecer ou a apodrecer no arquivo público das redes sociais.

Nada disto impede uma avaliação suplementar, isto é, a indicação da inadmissibilidade de erros deste tipo por falantes/escreventes no exercício de profissões que exigem um nível elevado de domínio da língua. Mas esse é terreno para educadores, para quem se preocupa mais com a aplicação das melhores informações linguísticas disponíveis do que com o estudo dos fenómenos linguísticos. No entanto, frequentemente, a explicação e a aplicação encontram-se ao virar da esquina e fundem-se. Mas quando isso acontece, há locais e momentos adequados e pessoas com o perfil indicado para que essa tarefa se desenrole satisfatoriamente.

Não cabe ao linguista intrometer-se na acção do denunciante. Quando o denunciante acerta, o acto de denúncia pode ter efeitos positivos. Quando o denunciante erra, esse erro findará por dispersão e insensivelmente, enfim, como o Império Romano e como o Reno (*gratias tibi ago*, João da Ega). O trabalho do denunciante compensa, dá os seus frutos. Há menos de um ano, numa palestra em Évora, enquanto apresentava dados linguísticos, entretanto tratados, agradeci publicamente ao denunciante anónimo que mos revelara em estado bruto. Hoje em dia, vou encontrando, aqui e ali, em páginas de denúncia de "asneiras" linguísticas, material que vai validando, através de erros ortográficos, a minha tese defendida na dissertação de mestrado. O trabalho do denunciante é um trabalho activo, de procura do erro, de publicidade do erro. É um trabalho útil e que, obviamente, deve ser estimulado.

Um bom tradutor nunca é um traidor. Um bom tradutor consegue sempre transmitir na língua de chegada a ideia que o autor do original escreveria se fosse falante dessa mesma língua de chegada.

Todavia, admito *in situ*, a minha denominação "denunciante" para *grammar nazi*, embora meramente instrumental, não é feliz. Diariamente, recebo muitas denúncias de pessoas que detectam crimes linguísticos provocados por má conduta do Estado em matéria ortográfica. Esses meus correspondentes também são denunciantes. Mas não são *grammar nazis*: não se trata de pessoas que, através da sua própria gramática interna, avaliam o desempenho de outrem. Trata-se, isso sim, de cidadãos atentos às consequências já há muito previstas por especialistas quanto à aplicação do Acordo Ortográfico de 1990.

Os indivíduos em questão denunciam a ocorrência em português europeu de **fatos*, **contatos*, **excessões* e **recessões*, em vez de, por um lado, *factos* e *contactos* e de, por outro, *excepções e recepções* sem pê. Ainda por cima, em simultâneo, há peritos que explicam a causa dessas ocorrências. Porém, os responsáveis pelos **fatos*, **contatos*, **excessões* e **recessões* fazem de conta que a coisa corre bem. Mas há uma causa para a coisa. Efectivamente.

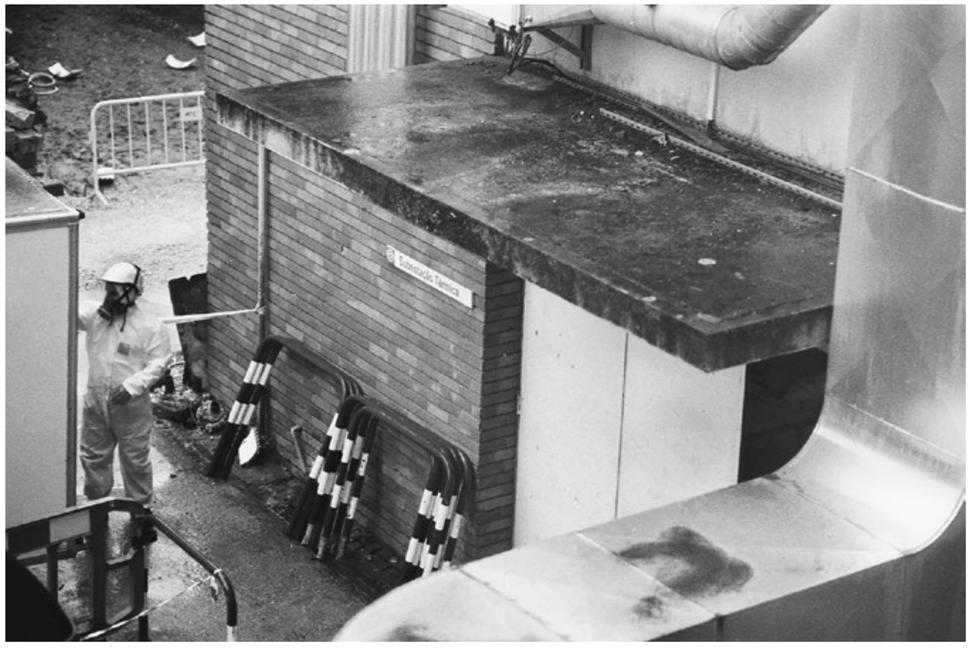
O consagrado conceito português *denunciante* traduz o inglês *whistleblower*. Por esse motivo, convém mesmo que prescindamos da denominação *denunciante* para *grammar nazi*. Um denunciante, no sentido de *whistleblower*, põe frequentemente em risco a sua carreira e os seus meios de subsistência para denunciar casos de corrupção. Por esse motivo, é protegido por lei. Um denunciante, no sentido de *grammar nazi*, denuncia aquilo que todos vêem, as provas são públicas e, salvo melhor opinião, as denúncias que faz são inofensivas do ponto de vista penal. Ou seja, o *grammar nazi* não precisa de protecção especial.

À terceira página deste texto, pergunto-me: como hei-de traduzir *grammar nazi* para português? O maior erro cometido por um tradutor será o de se deixar influenciar pelas balelas de políticos e comentadores *ad hoc* de assuntos linguísticos que, quando lhes dá o cheiro a tradução, adoram o bordão italiano *traduttori traditori* (tradutores traidores). Quando Eça estava aflito, sem ideias, dava uma "tunda desesperada" no bei de Tunes. No mundo em geral, quando se é monolingue e a palavra **tradução** vem à baila, à falta de mais conhecimento sobre a matéria, aparece sempre o *traduttore* que é *traditore* e cuja diferença, aliás, vai além do <u> de um e do <i> do outro.

Um bom tradutor nunca é um traidor. Um bom tradutor consegue sempre transmitir na língua de chegada a ideia que o autor do original escreveria se fosse falante dessa mesma língua de chegada. Sobre a tradução, poder-se-á falar de limites impostos pelas línguas, mas não se deve atacar nem o autor da tradução (o italiano *traduttori traditori*), nem o acto de traduzir (o francês *traduire, c'est trahir*). Alguns tradutores podem ser traidores, sim, mas por distracção ou incompetência. Serão poucos. Contudo, dificilmente um político será corrupto por distracção ou por incompetência e é pouco provável que um ciclista fique dopado por ser distraído ou incompetente. No entanto, há quem ache que os políticos são todos corruptos e que os ciclistas andam todos dopados. E essas generalizações são injustas. Por esse motivo, estando nós quase a meio da primeira metade do século XXI, é incompreensível o "traduire, c'est trahir" de Éric Zemmour, em recente debate com Jack Lang. Termino com uma dúvida: *facho gramatical* traduzirá ou trairá o inglês *grammar nazi*?

Partidas e chegadas Edgar Libório

Santal

Sala 8 Camas 21 - 22

PERIGO CHÃO
MOLHADO
CAUTION
WET FLOOR